

José Fleuri Queiroz

**LICEU ALLAN KARDEC
BURI-SP**

CENTRO ESPÍRITA SINHANINHA

CURSO PREPARATÓRIO

PARA

**ESCOLA DE ESPIRITISMO
J. HERCULANO PIRES**

CURSO PREPARATÓRIO

PARA

ESCOLA DE ESPIRITISMO

AULA INAUGURAL: 05 DE FEVEREIRO DE 2.011

ESBOÇO DAS AULAS

I – INTRODUÇÃO

- 1) Livros diversos de Emmanuel, André Luiz, Chico Xavier, Cornélio Pires, etc...
- 2) Livro: O Que é o Espiritismo (Allan Kardec)
- 3) Livro: Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas (A. Kardec)
- 4) Mensagens recebidas pelos médiuns da Casa.

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

- 1) Livro da Esperança (Emmanuel).
- 2) O Evangelho Segundo o Espiritismo (Allan Kardec).
- 3) Justiça Divina (Emmanuel).
- 4) O Céu e o Inferno (Allan Kardec).
- 5) Os 3 Caminhos de Hécate (J. Herculano Pires).
- 6) Visão Espírita da Bíblia (J. Herculano Pires).
- 7) O Consolador (Emmanuel).

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

- 1) Livro: Religião dos Espíritos (Emmanuel).
- 2) O Livro dos Espíritos (Allan Kardec).
- 3) Os 3 Caminhos de Hécate (J. Herculano Pires).
- 4) O Consolador (Emmanuel).

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA

- 1) Seara dos Médiuns (Emmanuel).
- 2) O Livro dos Médiuns (Allan Kardec).
- 3) A Gênese (Allan Kardec).
- 4) Obras Póstumas (Allan Kardec).
- 5) Revista Espírita (Allan Kardec).
- 6) Livro: Mediunidade (J. Herculano Pires).
- 7) Os 3 Caminhos de Hécate (J. Herculano Pires).
- 8) Ciência Espírita (J. Herculano Pires).
- 9) O Consolador (Emmanuel).
- 10) Livro: Obsessão, O Passe, A Doutrinação (J. Herculano Pires).

V – FILOSOFIA GERAL E ESPÍRITA

- 1). Livro: Introdução à Filosofia Espírita (J. Herculano Pires).
- 2) Livro: Filosofia Geral *Versus* Filosofia Espírita (J. Fleurí Queiroz).

VI – PARAPSICOLOGIA

- 1). Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã (J. Herculano Pires).

VII – PRÁTICA MEDIÚNICA: FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE DESOBSESSÃO.

- 1). O Livro dos Médiuns (Allan Kardec).
- 2) Livro: Mediunidade (J. Herculano Pires).
- 3) Livro: Obsessão, O Passe, A Doutrinação (J. Herculano Pires).

*

CURSO PREPARATÓRIO

1ª. AULA.

I – INTRODUÇÃO

Livro: Calma (Emmanuel)

CALMA.

Agitações na Terra.

Tempos de transição.

Dificuldades de entendimento.

Impactos do progresso.

Conflitos de gerações.

Estes são os motivos apresentados por muitos amigos para que lhes enderecemos algumas páginas sobre serenidade e segurança, já que a vida não nos permite parar, nem no Plano Físico, nem no Mais Além.

Realmente, a evolução não se interrompe.

Sofrendo ou aprendendo, criando ou recriando, melhorando ou renovando, errando ou reajustando, toda criatura prosseguirá sempre, em demanda aos objetivos supremos da Sabedoria Divina.

De qualquer modo, porém, e seja qual for o ponto do Universo em que se lhe ergue a moradia, o espírito necessita de paz em si mesmo, a fim de construir o seu próprio caminho para outros caminhos de elevação.

Desses raciocínios nasceu este livro que entregamos ao leitor amigo, desejando-lhe harmonia e confiança em Deus, na edificação da felicidade que aspiramos a conquistar.

"Calma" é a legenda que nos define o volume despretensioso.

Que semelhante benção possa fortalecer-nos a todos, em meio dos obstáculos e embates, dificuldades e provas com que, porventura, sejamos defrontados em nossa marcha para o Amanhã Sempre Melhor, com o apoio de Jesus, o Mestre e Senhor, são os nossos votos.

Emmanuel

(Uberaba, 17 de novembro de 1978)

*

Livro: Caminho, Verdade e Vida (Emmanuel)

O TEMPO

**“Aquele que faz caso do dia, patrão Senhor o faz.” — Paulo.
(ROMANOS, capítulo 14, versículo 6.)**

A maioria dos homens não percebe ainda os valores infinitos do tempo.

Existem efetivamente os que abusam dessa concessão divina. Julgam que a riqueza dos benefícios lhes é devida por Deus.

Seria justo, entretanto, interrogá-los quanto ao motivo de semelhante presunção.

Constituindo a Criação Universal patrimônio comum, é razoável que todos gozem as possibilidades da vida; contudo, de modo geral, a criatura não medita na harmonia das circunstâncias que se ajustam na Terra, em favor de seu aperfeiçoamento espiritual.

É lógico que todo homem conte com o tempo, mas, se esse tempo estiver sem luz, sem equilíbrio, sem saúde, sem trabalho? Não obstante a oportunidade da

indagação, importa considerar que muito raros são aqueles que valorizam o dia, multiplicando-se em toda parte as fileiras dos que procuram aniquilá-lo de qualquer forma.

A velha expressão popular “matar o tempo” reflete a inconsciência vulgar, nesse sentido.

Nos mais obscuros recantos da Terra, há criaturas exterminando possibilidades sagradas. No entanto, um dia de paz, harmonia e iluminação, é muito importante para o concurso humano, na execução das leis divinas.

Os interesses imediatistas do mundo clamam que o “tempo é dinheiro”, para, em seguida, recomeçarem todas as obras incompletas na esteira das reencarnações... Os homens, por isso mesmo, fazem e desfazem, constroem e destroem, aprendem levianamente e recapitulam com dificuldade, na conquista da experiência.

Em quase todos os setores de evolução terrestre, vemos o abuso da oportunidade complicando os caminhos da vida; entretanto, desde muitos séculos, o apóstolo nos afirma que o tempo deve ser do Senhor.

*

Livro: O Que é o Espiritismo (Allan Kardec)
SEGUNDO DIÁLOGO: O CÉTICO.
DISSIDÊNCIAS

V. — Essa diversidade, na crença do a que chamais uma ciência, é, parece-me, a sua condenação.

Se ela se baseasse em fatos positivos, não deveria ser a mesma na América e na Europa?

A. K. — A isso responderei, primeiramente, que tal divergência só existe na forma, sem afetar o fundo; realmente, ela apenas se limita ao modo de encarar alguns pontos da doutrina, e não constitui um antagonismo radical nos princípios, como afirmam os nossos adversários, sem ter estudado a questão.

Dizei-me, porém, qual a ciência que, em seu começo, não deu nascimento a dissidências, até que seus princípios ficassem claramente assentados?

Não encontramos as mesmas dissidências nas ciências melhormente constituídas?

Estarão os sábios de perfeito acordo sobre todos os pontos?

Não tem cada qual seus sistemas particulares?

As sessões das Academias apresentam sempre o quadro de perfeito e cordial entendimento?

Em Medicina não há a Escola de Paris e a Escola de Montpellier?

Cada descoberta, em qualquer ciência, não tem produzido cismas entre os que querem adiantar-se e os que desejam estacionar?

Referindo-nos ao Espiritismo, não será natural que, ao surgirem os primeiros fenômenos, quando eram ignoradas as leis que os regem, cada pessoa tivesse um sistema e houvesse encarado os fatos de um modo particular?

Onde estão hoje esses sistemas primitivos?

Caíram todos ante uma observação mais completa.

Bastaram apenas alguns anos para que ficasse estabelecida a unidade grandiosa que hoje prevalece na Doutrina, e que prende a imensa maioria dos adeptos, com exceção de algumas individualidades que, nesta como em todas as coisas, se apegam às idéias primitivas e morrem com elas. Qual a ciência, qual a doutrina filosófica ou religiosa que oferece um exemplo igual?

Apresentou o Espiritismo a centésima parte das cisões que, durante tantos

séculos, dilaceraram a Igreja e que ainda hoje a dividem?

É realmente curioso ver as puerilidades a que recorrem os adversários do Espiritismo; não indicará isso uma falta de argumentos sérios?

Se eles os tivessem, não deixariam de fazê-los valer. Qual o recurso de que lançam mão? Zombarias, negações, calúnias, porém, nunca de um só argumento peremptório; e a prova de ainda lhe não terem achado um ponto vulnerável, é que nada pôde deter-lhe a marcha ascendente e que, apenas com dez anos de vida, ele já conta tal número de adeptos como ainda nenhuma seita contou depois de um século de existência. É fato verificado e reconhecido por seus próprios adversários.

Para aniquilá-lo, não era bastante dizer: isto não se dá, isto é um absurdo; seria necessário demonstrar categoricamente que os fenômenos não se produzem, não podem produzir-se; e é o que ninguém ainda fez.

*

MENSAGEM MEDIÚNICA
RECEBIDA POR MÉDIUM DO LICEU ALLAN KARDEC
003) CALMA! PACIÊNCIA! FÉ!

Muita Paz meus Irmãos!

Sim, muita Paz. Hoje sinto que realmente está tudo mais tranqüilo com vocês, meus irmãos, Sei que alguns de vocês têm passado por algumas amarguras e, porque não, até por momentos de muita impaciência e grandes tristezas. Sem saber o que fazer. Mas tenho acompanhado vocês bem de perto e senti que estão sabendo praticar mais a paciência e em conseqüência estão mais calmos. Agora, quero lhes dizer que sejam sempre prudentes. Não deixem de se apegar sempre em Deus e não se esqueçam das palavras de Jesus. Tenham Fé. Fé n'Ele. No nosso Criador. Momentos de incerteza e de tristeza haverão de ser para o nosso aprimoramento, mas nunca se desesperem. Creiam sempre. Não percam a Fé e continuem Fortes e Firmes, como hoje os vejo em paz; muita harmonia, muita paz.

Continuem sempre otimistas. Pois aqueles que os esperam precisam de sua calma, de sua paciência e de sua Fé. Continuem Fortes, para transmitir-lhes pensamentos mais otimistas. Pois vocês são o exemplo que eles, os seus entes queridos, estão observando para poderem melhorar-se intimamente.

Sou eu a amiga de sempre que os acompanho e velo por vocês no dia a dia. Fiquem com Deus e não percam a Fé em Deus. Pois só Ele é o nosso sustentáculo.

Boa Noite!

Dolores. (Espírito). Psicografia da Médium Domitila – Liceu Allan Kardec. Buri Novembro de 1998.

*

O BICHO OCULTO

Dava dó ver Nhô Chico da Cancela.
Era choro e tremura o dia inteiro...
Dizia ser picado de barbeiro
E sofrer bateadeira na espinhela.

Um dia veio o médium Dona Bela...
Nhô Chico, em grupo, indaga a Irmão Carneiro
Onde ficava o bicho traiçoeiro...
Toda noite, era nova espetadela.

Presente, o guia então disse: "Nhô Chico,
Olha nos pés da cama que eu te explico..."

Nisso, a colcha mexida se arregaça.

No quarto, o povo, ali, viu, de repente,
Enrolada num saco de água quente,
Uma garrafa cheia de cachaça.

Do livro Poetas Redivivos.- Psicografia de Francisco Cândido Xavier.

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

Livro da Esperança (Emmanuel)

Leitor amigo: este livro, gravitando em torno de o Evangelho, segundo o Espiritismo, cujas consolações e raciocínios pretende pálidoamente refletir, não tem, outro objetivo senão convidar-nos ao estudo das sempre novas palavras de Cristo. Muitos homens doutos falaram, delas, através do tempo e alguns deles, de certo com a melhor intenção, alteraram-lhes, de algum modo, o sentido, para acomodá-las aos climas sociais e políticos em que vivem. “Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes do Céu”, entretanto, voltaram a interpretá-las, em sua expressão pura e simples, reafirmando-nos que, hoje quanto ontem, é possível a cada um de nós ouvir Jesus, no âmago da alma, a repetir-nos com segurança: “aquele que me segue não anda em trevas”. Das esferas superiores, tornaram, os mensageiros da Providência Divina, asseverando que Ele vive para sempre, junto de nós, sem desesperar de nossas fraquezas... Mestre abnegado, repete, indefinidamente, a mesma lição milhares de vezes; orientador, dá-nos serviço e aponta-nos o rumo certo na estrada a palmilhar; amigo, compreende-nos as faltas e incorreções, sem privar-nos de auxílio; companheiro caminha conosco, alentando-nos os sonhos, multiplicando-nos, as alegrias das horas sem nuvens e enxugando-nos as lágrimas, nos dias de provação e desalento, sem humilhar-nos a pequenez.

Peregrinos da evolução, que todos ainda somos, - os que lutamos por regenerar-nos, melhorar-nos e aprimorar-nos na Terra,, na condição de encarnados e desencarnados, - ouçamos, com Allan Kardec, a explicação clara dos princípios evangélicos, que nos certificam de que ninguém está desamparado , que todos os homens são filhos de Deus e que nenhum é órfão de consolação e ensinamento, desde que, se apresente nas fontes vivas da Boa Nova, de espírito renovado e coração sincero!...

É por isso, leitor amigo, que em nos associando aos teus anseios de sublimação, que se nos irmanam na mesma trilha de, necessidade e confiança, diante do Primeiro Centenário do “O Evangelho segundo o Espiritismo”, nós te rogamos permissão para nomear este livro desprezioso de servidor reconhecido, como sendo Livro da Esperança.

Emmanuel

Uberaba, 18 de Abril de 1964

*

Livro: O Consolador (Emmanuel)

Terceira Parte. RELIGIÃO.

260 –*Em face da Ciência e da Filosofia, como interpretar a Religião nas atividades da vida?*

-Religião é o sentimento Divino, cujas exteriorizações são sempre o Amor, nas expressões mais sublimes. Enquanto a Ciência e a Filosofia operam o trabalho da experimentação e do raciocínio, a Religião edifica e ilumina os sentimentos.

As primeiras se irmanam na Sabedoria, a segunda personifica o Amor, as duas asas divinas com que a alma humana penetrará, um dia, nos pórticos sagrados da espiritualidade.

I

VELHO TESTAMENTO

REVELAÇÃO

261 – *“No princípio era o Verbo...”* – *Como deveremos entender esta afirmativa do texto sagrado?*

-O apóstolo João ainda nos adverte que “o Verbo era Deus e estava com Deus”.

Deus é amor e vida e a mais perfeita expressão do Verbo para o orbe terrestre era e é Jesus, identificado com a sua misericórdia e sabedoria, desde a organização primordial do planeta.

Visível ou oculto, o Verbo é o traço da luz divina em todas as coisas e em todos os seres, nas mais variadas condições do processo de aperfeiçoamento.

262 – *Por que razão a palavra das profecias parece dirigida invariavelmente ao povo de Israel?*

-Em todos os textos das profecias, Israel deve ser considerada como o símbolo de toda a humanidade terrestre, sob a égide sacrossanta do Cristo.

263 – *Deve-se atribuir ao judaísmo missão especial, em comparação com as demais idéias religiosas do tempo antigo?*

-Embora as elevadas concepções religiosas que floresceram na Índia e no Egito e todos os grandes ideais de conhecimento da divindade, que povoaram a antiga Ásia em todos os tempos, deve-se reconhecer no judaísmo a grande missão da revelação do Deus único.

Enquanto os cultos religiosos se perdiam na divisão e na multiplicidade, somente o judaísmo foi bastante forte na energia e na unidade para cultivar o monoteísmo e estabelecer as bases da lei universalista, sob a luz da inspiração divina.

Por esse motivo, não obstante os compromissos e os débitos penosos que parecem perpetuar os seus sofrimentos, através das gerações e das pátrias humanas no doloroso curso dos séculos, o povo de Israel deve merecer o respeito e o amor de todas as comunidades da Terra, porque somente ele foi bastante grande e unido para guardar a idéia verdadeira de Deus, através dos martírios da escravidão e do deserto.

264 – *Como deve ser considerada, no Espiritismo, a chamadas “Santíssima Trindade”, da teologia católica?*

Os textos primitivos da organização cristã não falam da concepção da Igreja Romana, quanto à chamada “Santíssima Trindade”.

Devemos esclarecer, ainda, que o ponto de vista católico provém de sutilezas teológicas sem base séria nos ensinamentos de Jesus.

Por largos anos, antes da Boa Nova, o bramanismo guardava a concepção de Deus, dividido em três princípios essenciais, que os seus sacerdotes denominavam Brama, Vishnu e Çiva. (*). Contudo, a Teologia, que se organizava sobre os antigos princípios do politeísmo romano, necessitava apresentar um complexo de enunciados religiosos, de modo a confundir os espíritos mais simples, mesmo porque sabemos que se a Igreja foi, a princípio, depositária das tradições cristãs, não tardou muito que o sacerdócio eliminasse as mais belas expressões do profetismo, inumando o Evangelho sob um acervo de convenções religiosas e roubando às revelações primitivas a sua feição de simplicidade e de amor.

Para esse desiderato, as forças que vinham disputar o domínio do Estado, em face da invasão dos povos considerados bárbaros, se apressaram, no poder, a transformar os ensinamentos de Jesus em instrumento da política administrativa, adulterando os princípios evangélicos nos seus textos primitivos e assimilando velhas doutrinas como as da Índia legendária, e organizando novidades teológicas, com as quais o Catolicismo se reduziu a uma força respeitável, mas puramente humana, distante do Reino de Jesus, que na afirmação do Mestre, simples e profunda, não tem ainda fundamentos divinos na face da Terra.

(*) – O Padre Alta, em **O Cristianismo do Cristo e o de seus vigários**, nos diz que a fórmula do catecismo – 3-Pessoas em Deus – era verdadeira em latim, onde o vocábulo **persona** significa forma, aspecto, aparência. É falsa, porém, em francês ou em português, com acepção de indivíduo. –**Nota da Editora.**

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro: Religião dos Espíritos (Emmanuel)

Leitor amigo:

Temos aqui um livro diferente.

Nem literatura, nem artifício. Nem propaganda, nem exegese.

Simple comentário em torno da substância religiosa de “O Livro dos Espíritos”, em cujo texto fixou Allan Kardec a definição da Nova Luz.

Desde muito, aspirávamos a realizá-lo, e isso, com a permissão do Senhor, nos foi possível, no curso das 91 sessões públicas para estudo da Doutrina Espírita, a que comparecemos, junto de nossos companheiros uberabenses, no transcurso de 1959, na sede da Comunhão Espírita Cristã, nesta Cidade.

Em cada reunião, o texto para exame foi escolhido pelos nossos irmãos encarnados e, depois de apontamentos verbais entre eles, tecemos as modestas anotações aqui expostas, nem sempre nos restringindo, diante de circunstâncias especiais e imprevistas, ao tema em estudo.

Algumas foram publicadas em “Reformador”, revista da nossa venerável “Federação Espírita Brasileira”, e algumas outras nos jornais “A Flama Espírita” e “Lavoura e Comércio”, folhas da cidade de Uberaba.

Reunindo, porém, a totalidade de nossas humildes apreciações, neste volume, fizemos pessoalmente integral revisão de todas elas, assinalando-as com a ordem cronológica em que foram grafadas e na pauta das perguntas e respostas que “O Livro dos Espíritos” nos apresentava.

Não temos, pois, outro objetivo que não seja demonstrar a nossa necessidade de estudo metódico da obra de Kardec, não só para lhe penetrarmos a essência redentora, como também para que lhe estendamos a grandeza em novas facetas do pensamento, na convicção de que outros companheiros de tarefa comparecerão à liça, suprindo-nos as deficiências naturais, com estudos mais altos dos temas renovadores trazidos ao mundo pelo apóstolo de Lião.

E aguardando por essas contribuições, na sementeira da fé viva, cremos poder afirmar, com o título deste volume, que o primeiro livro da Codificação Kardequiana é manancial tão rico de valores morais para o caminho humano que bem pode ser considerado não apenas como revelação da Esfera Superior, mas igualmente como primeiro marco da Religião dos Espíritos, em bases de sabedoria e amor, a refletir o Evangelho, sob a inspiração de Nosso Senhor Jesus-Cristo.

EMMANUEL - Uberaba, 29 de janeiro de 1960.

*

Livro: O Consolador. (Emmanuel)

SEGUNDA PARTE

FILOSOFIA

115 – *É a Filosofia a interpretação sintética de todas as atividades do espírito em evolução na Terra?*

-A Filosofia constitui, de fato, a súpula das atividades evolutivas do Espírito encarnado, na Terra. Suas equações são as energias que fecundam a Ciência, espiritualizando-lhe os princípios, até que unidas umas à outra, indissolivelmente, penetrem o átrio divino das verdades eternas.

I

VIDA

APRENDIZADO

116 – *O homem físico está sempre ligado ao seu pretérito espiritual?*

-Como a maioria das criaturas humana se encontra em lutas expiatórias, podemos figurar o homem terrestre como alguém a lutar para desfazer-se do seu próprio cadáver, que é o passado culposos, de modo a ascender para a vida e para a luz que residem em Deus.

Essa imagem temo-la na semente do mundo que, para desenvolver o embrião, cheio de vitalidade e beleza, necessita do temporário estacionamento no seio lodoso da Terra, a fim de se desfazer do seu envoltório, crescendo, em seguida, para a luz do Sol e cumprindo sua missão sagrada, enfeitada de flores e frutos.

117 – *A inteligência, julgada pelo padrão humano, será a súpula de várias*

experiências do Espírito sobre a Terra?

-Os valores intelectivos representam a soma de muitas experiências, em várias vidas do Espírito, no plano material. Uma inteligência profunda significa um imenso acervo de lutas planetárias. Atingida essa posição, se o homem guarda consigo uma expressão idêntica de progresso espiritual, pelo sentimento, então estará apto a elevar-se a novas esferas do Infinito, para a conquista de sua perfeição.

118 – *Como se registram as experiências do Espírito em uma encarnação, para servirem de patrimônio evolutivo nas encarnações subseqüentes?*

-É no próprio patrimônio íntimo que a alma registra as suas experiências, no aprendizado das lutas da vida, acerca das quais guardará sempre uma lembrança inata nos trabalhos purificadores do porvir.

119 – *Como devemos proceder para dilatar nossa capacidade espiritual?*

-Ainda não encontramos uma fórmula mais elevada e mais bela que a do esforço próprio, dentro da humildade e do amor, no ambiente de trabalho e de lições da Terra, onde Jesus houve por bem instalar a nossa oficina de perfectibilidade para a futura elevação dos nossos destinos de espíritos imortais.

120 – *Pode existir inteligência sem desenvolvimento espiritual?*

-Diremos, melhor: inteligência humana sem desenvolvimento sentimental, porque nesse desequilíbrio do sentimento e da razão é que repousa atualmente a dolorosa realidade do mundo. O grande erro das criaturas humanas foi entronizar apenas a inteligência, olvidando os valores legítimos do coração nos caminhos da vida.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA

Livro: Seara dos Médiuns (Emmanuel)

Num século de Espiritismo

Reunião pública de 4/1/60

Questão nº 1

Num século inteiro de atividades, temos visto a Ciência procurando apaixonadamente as realidades do Espírito.

Provas indiscutíveis não lhe foram regateadas.

E tantas foram elas que Richet conseguiu articular, com êxito, as bases clássicas da Metapsíquica, usando recursos tão demonstrativos e convincentes quanto aqueles empregados na exposição de qualquer problema de patologia ou botânica.

Sábios distintos, entre os quais Wallace e Zöllner, Crookes e Lombroso, Myers e Lodge, mobilizando médiuns notáveis, efetuaram experiências de valor incontestes.

Entretanto, se nos vinte lustros passados a mediunidade serviu para atender aos misteres brilhantes da observação científica, projetando inquirições do homem para a Esfera Espiritual, é justo satisfaça agora às neessidades morais da Terra, carreando avisos da Esfera Espiritual para o homem.

Se o primeiro século de Doutrina Espírita viu realizações admiráveis, desde os cálculos profundos da física nuclear aos rudimentos da astronáutica, surpreendeu, igualmente, calamidades terríveis, como sejam: as guerras de conquista e rapinagem, nas quais os campos de prisioneiros foram teatro para os mais hediondos espetáculos de barbárie e degradação, em nome do direito; a técnica na destruição de cidades em massa; as inquisições políticas, à feição das antigas inquisições religiosas, amordaçando a liberdade de consciência; a proliferação das indústrias do aborto, às vezes com o amparo de autoridades respeitáveis; a onda crescente dos suicídios; o delírio dos entorpecentes; o abuso da hipnose; o lenocínio transformado em costume elegante da vida moderna; o aumento dos chamados crimes perfeitos, com manifesta perversão da inteligência, e a percentagem assustadora das moléstias mentais com alicerces na obsessão.

Desse modo, não nos basta apenas um “espiritismo científico” que despenda indefinida quota de tempo averiguando a sobrevivência do ser, além do sepulcro.

Embora a elevação de propósitos dos pesquisadores eminentes, que tateiam os domínios da alma, não podemos esquecer a edificação do sentimento.

É assim que, repetindo as lições do Cristo para o mundo atormentado, não nos achamos simplesmente diante de um “espiritismo social”, mas em pleno movimento de recuperação da dignidade humana, porquanto, em verdade, perante o materialismo irresponsável, a sombrear universidades e gabinetes, administrações e conselhos, laboratórios e templos, cenáculos e multidões, o Evangelho de Jesus, para esclarecimento do povo, tem regime de urgência.

*

Livro: O Consolador (Emmanuel)

PRIMEIRA PARTE

CIÊNCIA

1 – *Tem o Espiritismo absoluta necessidade da ciência terrestre?*

-Essa necessidade de modo algum pode ser absoluta. O concurso científico é sempre útil, quando oriundo da consciência esclarecida e da sinceridade do coração. Importa considerar, todavia, que a ciência do mundo se não deseja continuar no papel de comparsa da tirania e da destruição, tem absoluta necessidade do Espiritismo, cuja finalidade divina é a iluminação dos sentimentos, na sagrada melhoria das características morais do homem.

I CIÊNCIAS FUNDAMENTAIS

2 – *Se reconhecermos a Química, a Física, a Biologia, a Psicologia e a Sociologia como as cinco ciências fundamentais, qual será a posição da ciência da vida, em relação às demais?*

-A Química e a Física, estudando a ação íntima dos corpos, suas relações entre si e as suas propriedades, constituem a catalogação dos valores da ciência material. A Psicologia e a Sociologia, examinando a paisagem dos sentimentos e os problemas sociais, representam a tábua de classificação das conquistas da ciência intelectual. No centro de todas está a Biologia, significando a ciência da vida em suas profundezas, revelando a transcendência da origem – o Espírito, o Verbo Divino.

Até agora, a Biologia está igualmente encarcerada nas escolas materialistas da Terra, porém, nas suas expressões mais legítimas, evolverá para Deus com as suas demonstrações sublimes, cumprindo-nos reconhecer que, mesmo na atualidade, seus enigmas profundos, são os mais nobres apelos à realidade espiritual e ao exame das fontes divinas da existência.

*

Livro: Obsessão. O Passe. A Doutrinação **José Herculano Pires** **Informações Preliminares.**

A obsessão se caracteriza pela ação de entidades espirituais inferiores sobre o psiquismo humano. Kardec distinguiu, em suas pesquisas, três graus do processo obsessivo: obsessão simples, subjugação e fascinação. No primeiro grau a infestação espiritual atinge a mente causando perturbações mentais; no segundo grau amplia-se aos centros da afetividade e da vontade, afetando os sentimentos e o sistema psicomotor, levando o obsedado a atitudes e gestos estranhos e tiques nervosos; no terceiro grau afeta a própria consciência da vítima, desencadeando processos alucinatórios.

As causas da obsessão decorrem de vários fatores, dos quais os mais frequentes são: problemas reencarnatórios, tendências viciosas, egoísmo excessivo, ambições desmedidas, aversão a certas pessoas, ódio, sentimentos de vingança, futilidade, vaidade exagerada, apego ao dinheiro e assim por diante. Essas disposições da criatura atraem espíritos afins que a envolvem e são aceitos por ela como companheiros invisíveis. Os espíritos obsessores não são os únicos culpados da obsessão. Geralmente o maior culpado é a vítima.

Na Antigüidade a obsessão era tratada com violência. As práticas do exorcismo, até hoje vigentes no Judaísmo e no Catolicismo, destinam-se a afastar o demônio de maneira agressiva e violenta. No Espiritismo o método empregado é o da persuasão progressiva do obsessor e do obsedado. É o que se chama de doutrinação, ou seja, esclarecimento de ambos à luz da Doutrina Espírita. Não se usa nenhum ingrediente especial. Emprega-se apenas a prece e a conversação persuasiva. Esclarecido o obsedado, atinge-se o obsessor, que ficam, por assim dizer, vacinados contra novas ocorrências obsessivas.

*

V – FILOSOFIA GERAL E ESPÍRITA

Livro: Introdução à Filosofia Espírita

J. Herculano Pires

PERFIL DA FILOSOFIA ESPIRITA

I — Introdução

Uma introdução à Filosofia Espírita exige longa pesquisa de suas raízes nas coordenadas da evolução humana: o tempo e o pensamento. A História da Filosofia é um *continuum*, que nasce da primeira indagação do homem sobre a Natureza e depois sobre a vida e sobre ele mesmo. Da Magia à Religião e desta à Filosofia o pensamento se desenrola numa seqüência ininterrupta de formulações pessoais que se encadeiam em processo dialético. Não existe a seqüência tantas vezes apresentada de Magia-Religião-Ciência-Filosofia. O que realmente existe é um paralelismo de ação mental que parte da primeira tomada de consciência do Mundo pelo homem. Na primeira paralela temos a seqüência Magia-Religião, que se desenvolve no plano da afetividade. Na segunda paralela temos a seqüência Experiência-Ciência-Filosofia, que se desenvolve no plano da razão. Entre as duas, interligando o fluido do sentimento e da razão, temos a faixa de terra da *práxis*, onde o homem opera desenvolvendo a sua capacidade de manusear as coisas e os seres. Desse manuseio nasce o complexo do Conhecimento, delta em que vão desaguam as correntes paralelas para a fusão que dará forma ao dualismo Cultura-Civilização.

Kercheinsteiner caracterizou com clareza os dois elementos desse complexo com sua teoria da Cultura Subjetiva e Cultura Objetiva. A primeira é o acúmulo de conhecimentos abstratos de um aglomerado social isolado por contingências geográficas. A segunda é o acervo de obras materiais produzido por esse aglomerado. O desenvolvimento da Técnica vai superando no tempo as distâncias dos aglomerados humanos e promovendo as aproximações que determinam a fusão das culturas isoladas num sistema cultural único, já em vias de conclusão em nosso tempo.

Ernst Cassirer mostrou como as culturas desaparecidas concentram-se nas obras materiais que produziram, das quais renascem ao toque de novas culturas, como aconteceu no Renascimento. Os resíduos válidos de antigas e superadas culturas são então incorporados a novos sistemas culturais. A seqüência aparentemente interrompida se restabelece e a acumulação cultural se agiganta, gerando a Tragédia da Cultura, pois o enorme acervo transcende a capacidade de assimilação da mente humana e determina a fragmentação das especializações. Arnold Toynbee assinalou a relação entre Religião e Civilização, que se caracteriza no desenvolvimento dos ciclos culturais. A teoria dos ciclos vem de longe e teve grande voga entre os gregos. Cada ciclo é uma fase do desenvolvimento cultural, que se encerra para dar início a outro. Do ciclo das Civilizações Agrárias surgiu ciclo gigantesco das Civilizações Orientais, massivas e teocráticas, que se fechou na Pérsia, projetando as suas conquistas na Grécia, onde surgiram as civilizações antípodas de Esparta e Atenas. Roma herdou e desenvolveu ao máximo espólio espartano, em mistura com o florescimento da democracia ateniense, tipicamente filosófica. Plotino deu seqüência ao platonismo tentou realizar a campanha italiana do sonho da República de Platão. Mas o ciclo da civilização greco-romana chegava ao fim. Duas novas civilizações lutavam para definir-se asfixiadas pelo poder romano: a Judaica, na Ásia, e a Celta, na Europa.

Foi então que surgiu a Síntese Cristã, infiltrando-se na Europa com seus princípios renovadores, minando o Império Romano em suas bases e encontrando ressonância na Cultura Celta, dominante nas Gálias. O Cristianismo iniciava um novo ciclo, que iria desenvolver-se penosa mas rapidamente, graças à dinâmica social dos seus princípios. O esplendor da Filosofia Grega deixaria na sombra os princípios do Celtismo. Mas Aristóteles já havia advertido que os celtas era o único povo filósofo do mundo. Dois milênios passariam na estruturação dos primór-

dios da Civilização Cristã, impregnada de resíduos greco-romanos e judeus. Mas as sementes do Druidismo, religião dos celtas, aguardavam no chão da Europa o momento propício à sua germinação. Coube a Allan Kardec um nome druida — revelar a sintonia celta-cristã e anunciar o nascimento de um novo ciclo. Rejeitado pela cultura dominante, como fora Cristo em seu tempo, Kardec enfrentou os poderes da época e proclamou o advento da Era Espírita. Elaborou os seus fundamentos, apoiado nas bases tríplices da Ciência, da Filosofia e da Religião. A Filosofia Espírita definiu-se como o fulcro de um novo ciclo da evolução humana. Não se trata de um fato ocasional ou isolado, mas do resultado de todo o processo histórico do pensamento, ou da razão, como queria Hegel, em seu desenrolar na temporalidade.

DO INDIVÍDUO COMO REPRESENTAÇÃO COLETIVA (Próxima aula)

*

VI – PARAPSIKOLOGIA Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã J. Herculano Pires

O que é o homem?

A pergunta "O que é o homem?" abre esta edição porque corresponde precisamente A. encruzilhada a que a Parapsicologia chegou neste momento. A investigação dos fenômenos parapsíquicos revelou à Ciência um homem de novas dimensões. As duas linhas clássicas de interpretação antropológica — ou as diversas Antropologias a que se refere Rhine — encontraram a sua superação dialética na síntese do *homem-psi*.

Tínhamos de um lado a tese do homem espiritual e de outro a antítese do homem animal. As concepções religiosas em geral ofereciam-nos a perspectiva de uma Antropologia espiritualista. As concepções científicas reduziam essa perspectiva às limitações de uma Antropologia materialista. Mas o avanço das próprias pesquisas científicas levou o dilema *espiritualismo-materialismo* à solução que hoje se impõe em todos os campos do conhecimento, particularmente na própria Física. É claro que a Psicologia, sujeita aos postulados físicos como todas as demais disciplinas científicas, não poderia escapar às conseqüências desse processo. *O homem-psicológico* não pôde mais ajeitar-se na rede animal do sensório. Teve fatalmente de *se abrir* no extra-sensório, como o Universo físico *se abriu* no energético.

O homem-psi é a réplica do novo microcosmo ao novo macrocosmo. Em vão reagem — e reagirão ainda por algum tempo — certas áreas psicológicas a essa transformação radical do seu campo de estudos. *O homem-psicológico* moderno está irremediavelmente superado pelo *homem-psi* contemporâneo, da mesma forma que o Universo físico foi superado pela nova concepção do Universo energético. Pode-se alegar, como o faz Bertrand Russell, que a energia é também um conceito físico. Mas pode-se responder, com Arthur Compton, que o conceito de energia mudou e mudará ainda mais.

Ao superar o conceito do homem-psicológico, o novo conceito de *homem-psi* não destrói aquele: apenas o amplia. E o mesmo que se dá no tocante ao conceito de Universo, bem como aos seus corolários de *matéria e energia*. O conhecimento avança por degraus, é a subida por uma escada. Só os precipitados pretendem negar inteiramente o passado, esquecidos de que as conquistas recentes se apóiam nas anteriores.

A nova concepção do homem não é materialista nem espiritualista, mas as duas coisas ao mesmo tempo. Segundo a bela expressão de Rhine, o repúdio ao dualismo cartesiano, decorrente do exagero que se pode chamar de *dualismo-absoluto*, desaparece ante a demonstração científica da existência universal de um *dualismo-relativo*. Esse novo dualismo aparece no homem como a relação psicossomática. Os fenômenos parapsíquicos demonstram a dualidade da composição humana.

Assim, o homem-psi é um composto de psique e soma. Seria isto uma volta à concepção religiosa de alma e corpo? Sim, mas enriquecida, como sempre aconteceu na dialética do conhecimento. A alma não é mais uma entidade metafísica ou uma concepção teológica: é o moderno psiquismo da concepção científica, mas liberto da sujeição ao corpo. A alma não é mais um epifenômeno, um simples resultado das atividades do fenômeno orgânico. Passou a ser a *mente*, elemento extrafísico do homem, capaz de sobreviver à morte física mas susceptível de investigação científica em laboratório.

Abrem-se assim novas possibilidades à própria Medicina psico-somática, bem como a todas as Ciências do Homem. Bastaria isto para evidenciar a importância das pesquisas parapsicológicas, como chegou a encarecer o Prof. Leonid Vassiliev, da Universidade de Leningrado, pouco antes de seu falecimento, não obstante sua posição materialista. Acessível à pesquisa científica de laboratório, a alma deixa de ser "do outro mundo" para se integrar neste. A sua relação com o corpo físico mostra que ela não é metafísica, no sentido clássico do termo, mas extrafísica, ou seja, apenas não sujeita às leis físicas, como a considerava o materialismo.

Os pontos principais do "momento parapsicológico", segundo nos parece, são os seguintes:

a) Pesquisa dos fenômenos relacionados com a morte, pelo grupo do Prof. Pratt, da Duke University, dando origem à classificação de um novo tipo de fenômeno paranormal, denominado *teta* (oitava letra do alfabeto grego);

b) Pesquisa dos fenômenos relacionados com a teoria da reencarnação, como o provam o livro já famoso do Prof. Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia, Estados Unidos, e os trabalhos do Prof. Banerjee, da Universidade de Jai-pur, na Índia, embora ainda cercados de cautelas e reservas excessivas;

c) Pesquisa no mesmo sentido através da hipnose por psiquiatras russos, como o caso do Prof. Vladimir Raikov e suas experiências de "reencarnações sugestivas", embora consideradas puramente do ponto-de-vista da sugestão hipnótica;

d) Prosseguimento das pesquisas sobre o problema de padrões de memória na percepção extra-sensorial, nos Estados Unidos e na Europa, esclarecedoras de grande número de casos atribuídos à fraude anímica ou mediúnica;

e) Pesquisas dos cientistas norte-americanos da equipe do Prof. Puhariche sobre médiuns curadores (ressaltando as realizadas com Arigó) e da Fundação Edgard Cacy, no mesmo sentido. Uma equipe desta fundação esteve em São Paulo fazendo observações em 1969;

f) Pesquisas sobre gravações de comunicações espirituais em fitas magnéticas, iniciadas por Friederich Jürgenson, de Moinho, Suécia, e desenvolvidas pelo cientista Konstantin Raudive e outros na Alemanha, entre os quais Hans Geisler. Tivemos contato pessoal com o pesquisador italiano Dr. Giuseppe Crosa, de Gênova, neuro-psiquiatra e parapsicólogo, e ouvimos algumas de suas importantes gravações;

g) Como significativa contribuição dos físicos e biólogos soviéticos podemos registrar a descoberta do corpo bioplasmático do homem, que se retira do corpo no momento da morte (verificação experimental através de câmaras fotográficas especiais) e cujas pesquisas podem ser conhecidas através do livro *Descobertas Psíquicas atrás da Cortina de Ferro*, de Lyn Schroeder e Scheila Ostrander, Estados Unidos, atualmente em fase de tradução no Brasil.

Essas novidades mostram uma tendência geral do "momento parapsicológico" para a aceitação da tese da sobrevivência do homem após a morte física e sua possibilidade de *ação sobre a matéria*, segundo a tese do casal Rhine e de outros investigadores eminentes da América, da Europa e da Ásia. A reação a essa tendência é intensa, tanto no campo parapsicológico como no científico em geral, mas o rigor das investigações e o comportamento cauteloso dos pesquisadores, todos altamente capacitados, têm evitado os tumultos e as polêmicas estéreis que praticamente barraram o avanço da Metapsíquica.

É assim que a Parapsicologia de hoje se abre em possibilidades para o amanhã. Essas possibilidades não decorrem, porém, unicamente da situação atual. O que as torna mais viáveis é todo o acervo de pesquisas anteriores em que se apoiaram: as pesquisas espíritas, as da chamada Ciência Psíquica Inglesa, as da antiga Parapsicologia alemã, as da Metapsíquica francesa, a dos investigadores alemães, italianos e russos — todo um vasto acervo honrado por nomes exponenciais das Ciências em todo o mundo.

O que ainda embaraça o desenvolvimento das investigações é o preconceito. De um lado o preconceito materialista, a que se aferram de maneira anticientífica numerosos expoentes das Ciências na atualidade. De outro lado o preconceito religioso que se recusa a aceitar a possibilidade de investigações científicas do problema espiritual. Os dois lados se encontram na mesma ojeriza: para o primeiro, falar em natureza espiritual do homem é cair na superstição; para o segundo é violar a santidade do espírito. Mas o desenvolvimento das Ciências sempre se fez *apesar* dessas dificuldades.

O conceito de *homem-psi* já está definitivamente firmado. É uma conquista da Parapsicologia. Nenhuma pessoa medianamente informada da evolução das Ciências nos últimos quarenta anos pode hoje aceitar que o homem seja um animal limitado aos sentidos físicos. Mesmo os especialistas que se apegam aos conceitos de suas especialidades reconhecem que há alguma coisa de novo "no ar". Sofrem daquela "alergia ao futuro" descoberta pelo Prof. Rémy Chauvin, da Escola de Altos Estudos de Paris, mas a sua própria reação é um indício seguro de que o futuro se aproxima.

A situação atual das Ciências é demasiado favorável ao radicalismo. Sua evolução se faz com tamanha rapidez que assusta a uns e exalta a outros. Precisamos usar, mais do que nunca, o bom-senso cartesiano. Temos de ouvir o conselho de Francis Bacon: pôr chumbo nas asas do espírito. Mas não podemos carregar demais essas frágeis asas, para não ficarmos asfixiados no chão. Os assustados se afundam na poeira como avestruzes. Os exaltados voam com asas de cera, como Ícaro. Temos de evitar uns e outros e seguir passo a passo o avanço das Ciências.

Este livro se atém à realidade das pesquisas e seus resultados até o momento, mas não deixa de mostrar as suas conseqüências no futuro imediato. Fechar os olhos diante do Sol que nasce é próprio das toupeiras. Não podemos imitá-las. Somos criaturas humanas, dotadas de razão e pensamento criador. Somos capazes não só de conquistar os espaços siderais, mas também de descobrir a nossa

própria natureza. Recusarmo-nos a isso, em atenção a preconceitos, seria renunciarmos à própria inteligência.

*

VII – PRÁTICA – FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

Livro: O Livro dos Médiuns (Allan Kardec)

CAPÍTULO XVII

DA FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

Desenvolvimento da mediunidade. Mudança de caligrafia. - Perda e suspensão da mediunidade.

Desenvolvimento da mediunidade

200. Ocupar-nos-emos aqui, especialmente, com os médiuns escreventes, por ser o gênero de mediunidade mais espalhado e, além disso, porque é, ao mesmo tempo, o mais simples, o mais cômodo, o que dá resultados mais satisfatórios e completos. E também o que toda gente ambiciona possuir. Infelizmente, até hoje, por nenhum diagnóstico se pode inferir, ainda que aproximadamente, que alguém possua essa faculdade. Os sinais físicos, em os quais algumas pessoas julgavam ver indícios, nada têm de infalíveis. Ela se manifesta nas crianças e nos velhos, em homens e mulheres, quaisquer que sejam o temperamento, o estado de saúde, o grau de desenvolvimento intelectual e moral. Só existe um meio de se lhe comprovar a existência. É experimentar.

Pode obter-se a escrita, como já vimos, com o auxílio das cestas e pranchetas, ou, diretamente, com a mão. Sendo o mais fácil e, pode dizer-se, o único empregado hoje, este último modo é o que recomendamos à preferência de todos. O processo é dos mais simples: consiste unicamente em a pessoa tomar de um lápis e de papel e colocar-se na posição de quem escreve, sem qualquer outro preparativo. Entretanto, para que alcance bom êxito, muitas recomendações se fazem indispensáveis.

201. Como disposição material, recomendamos se evite tudo o que possa embarçar o movimento da mão. E mesmo preferível que esta não descanse no papel. A ponta do lápis deve encostar neste o bastante para traçar alguma coisa, mas não tanto que ofereça resistência. Todas essas precauções se tomam inúteis, desde que se tenha chegado a escrever correntemente, porque então nenhum obstáculo detém mais a mão.

São meras preliminares para o aprendiz.

202. É indiferente que se use da pena ou do lápis. Alguns médiuns preferem a pena que, todavia, só pode servir para os que estejam formados e escrevem pausadamente. Outros, porém, escrevem com tal velocidade, que o uso da pena seria quase impossível, ou, pelo menos, muito incômodo. O mesmo sucede, quando a escrita e feita às arrancadas e irregularmente, ou quando se manifestam Espíritos violentos, que batem com a ponta do lápis e a quebram, rasgando o papel.

*

CURSO PREPARATÓRIO SEGUNDA AULA

I – INTRODUÇÃO **Livro: Calma. (Emmanuel)**

NOS ENCARGOS DA VIDA

Recorda: Deus nos criou para a execução de determinados encargos, em que nos façamos felizes.

Não digas que a Terra é um mundo exclusivamente de provações.

Em qualquer degrau da evolução, podes instalar-te no lugar próprio à criação de tuas próprias alegrias.

Necessário reconhecer que te encontras na condição certa e com as criaturas mais adequadas para a tarefa a cumprir.

Conscientiza-te de que ninguém consegue realizar algo sem o apoio de alguns, competindo-nos a todos adquirir paciência e tolerância de uns para com os outros

Aprendamos a viver sem reclamações e sem queixas.

Os obstáculos e problemas, em maioria, com que somos defrontados na desincumbência de nossos deveres partem de nós e não dos outros

Adaptarmo-nos às exigências do trabalho a realizar, sem perder altura no ideal superior que abraçamos, é norma de triunfo em nossas obrigações.

Lembremo-nos de que todos aqueles que sabem desculpar as dificuldades e faltas alheias estão criando fatores de base ao próprio êxito.

Quem se consagra a servir, serve para viver, honrando a vida em qualquer posição.

*

Livro: O Que é o Espiritismo (Allan Kardec)
Segundo Diálogo: O Cético

FENÔMENOS ESPÍRITAS SIMULADOS

V. — Não estará provado que, fora do Espiritismo, esses mesmos fenômenos podem produzir-se? E disso não podemos concluir que eles não têm a origem que os espiritas lhes atribuem?

A. K. — Por ser uma coisa suscetível de imitação, segue-se que ela não exista?

Que direis da lógica daquele que pretendesse, por se fabricar com água de Seltz vinho de Champanha, ser todo vinho desta espécie apenas água de Seltz?

Isto é privilégio de todas as coisas que apresentam a possibilidade de engendrar falsificações.

Acreditaram alguns prestidigitadores que o nome de espiritismo, por causa da sua popularidade e das controvérsias de que era objeto, podia servir a explorações, e para atrair a multidão simularam, mais ou menos grosseiramente, alguns fenômenos de mediunidade, como já tinham simulado a clarividência sonambúlica; e todos os gaiatos os aplaudiram, bradando: Eis aí o que é o Espiritismo!

Quando se mostrou em cena a engenhosa aparição dos espectros, não se proclamou que naquilo recebia o Espiritismo um golpe mortal?

Antes de pronunciar tão positiva sentença, deve-se refletir que as asserções de um escamoteador não são palavras de um evangelho, e certificar se há identidade real entre a imitação e a coisa imitada.

Ninguém compra um brilhante sem primeiro estar convencido de não ser uma pedra d'água.

Um estudo, mesmo pouco acurado, tê-los-ia certificado de serem completamente outras as condições em que se dão os fenômenos espíritas; eles, além disso, ficariam sabendo que os espíritas não se ocupam de fazer aparecer espectros nem de ler a buena-dicha.

Só a malevolência e uma rematada má-fé puderam confundir o Espiritismo com a magia e a feitiçaria, quando aquele repudia o fim, as práticas, as fórmulas e as palavras místicas destas. Alguns chegaram mesmo a comparar as reuniões espíritas às assembléias do sabbat, nas quais se espera o soar da meia-noite, para que os fantasmas apareçam.

Um espírita, meu amigo, assistia um dia a uma representação de Macbeth, ao lado de um jornalista que ele não conhecia. Quando chegou a cena das feiticeiras, ele ouviu o vizinho dizer:

— “Belo! Vamos assistir a uma sessão espírita; é justamente o que precisava para o meu próximo artigo; vou saber agora como as coisas se passam. Se eu encontrasse por aqui algum desses loucos, perguntar-lhe-ia se ele se reconhece no quadro que tem ante os olhos.”

— “Eu sou um deles, disse-lhe o espírita, e posso asseverar-vos que nada vejo que se lhe pareça; tenho assistido a centenas de reuniões espíritas, e nelas nada encontrei que se assemelha a isto. Se é aqui que vindes colher argumentos para o vosso artigo, assevero-vos que ele não primará pela veracidade.”

Muitos críticos não têm bases mais sólidas.

Sobre quem cairá o ridículo, a não ser sobre aqueles que caminham tão estonteadamente?

Quanto ao Espiritismo, seu crédito, longe de sofrer com tais ataques, tem crescido pelos reclamos que lhe fazem, chamando para ele a atenção de muita gente que nem sequer pensava nele; os reclamos provocaram o exame e contribuíram para lhe aumentar o número de adeptos; porque se reconheceu, então, que, em vez de brincadeira, ele era coisa séria.

*

Livro: Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas (A,K.) Conteúdo resumido

Esta é, possivelmente, a obra menos conhecida de Kardec: um manual dedicado aos médiuns.

Lançada em 1858 (“O Livro dos Espíritos” data de 1857), esta é, em ordem cronológica, a segunda obra espírita publicada pelo Codificador; um livro esquecido, depois da publicação de “O Livro dos Médiuns”, que o substituíra, segundo as palavras de Kardec.

Todavia, Jean Meyer, sucessor de Allan Kardec na direção da Revista Espírita, redescobriu e publicou estas *Instruções* em 1923. E no mesmo ano Cairbar Schutel traduziu-as para o leitor brasileiro.

Ambos, Meyer e Cairbar, perceberam não só o grande valor histórico deste pequeno livro, mas também a importância do seu compacto e precioso vocabulário espírita – cerca de 160 verbetes –, que foi, nos parece, a primeira tentativa nesse sentido, realizada pelo próprio Codificador.

Instruções Práticas revela-se, portanto, um dos importantes documentos históricos que marcaram o início do Movimento Espírita, além de ser de grande utilidade o seu vocabulário espírita como fonte de consulta.

*

II

Manifestações espíritas

Ação oculta

Os Espíritos atuam freqüentes vezes, à nossa revelia, sobre o nosso pensamento. Solicitam-nos a fazermos tal ou tal coisa. Cremos agir espontaneamente e não fazemos mais do que ceder a uma sugestão estranha.

Disto não se deve inferir que não somos dotados de iniciativa; longe disto: o Espírito encarnado tem sempre o seu livre arbítrio. Ele não faz, em definitivo, senão o que quer e, as mais das vezes, segue seu impulso pessoal.

Para que se tenha uma idéia da maneira como se passam as coisas, é preciso representarmos nossa alma desprendida dos seus laços pela emancipação, o que sempre se dá durante o sono, haja ou não sonho, e todas as vezes que há entorpecimento dos sentidos, ocasionalmente durante a vigília.

Ela entra então em comunicação com os outros Espíritos, como uma pessoa que sai de sua casa para a de um vizinho (permitam-nos a comparação familiar). Estabelece-se então entre eles uma espécie de conversação, ou, para falar mais exatamente, uma troca de pensamentos.

A influência do Espírito estranho não é um constrangimento, mas uma espécie de conselho que ele dá à nossa alma, conselho que pode ser mais ou menos sensato, segundo a natureza do Espírito, e que a alma tem a liberdade de seguir ou rejeitar, mas que ela pode melhor apreciar quando não está mais sob o império das idéias que a vida de relação suscita.

É por isso que se diz que a noite é boa conselheira.

Não é sempre fácil distinguir o pensamento sugerido do pensamento pessoal, pois que, habitualmente, eles se confundem.

Entretanto presume-se que ele nos vem de uma fonte estranha quando é espontâneo, quando surge em nós como uma inspiração e está em oposição com a nossa maneira de ver. Nosso julgamento e nossa consciência nos fazem conhecer se ele é bom ou mau.

Manifestações ostensivas

As manifestações ostensivas diferem das manifestações ocultas por serem apreciáveis pelos nossos sentidos. Elas constituem, propriamente falando, todos os fenômenos espíritas que se nos apresentam sob as mais variadas formas.

*

MENSAGEM MEDIÚNICA recebida no Liceu.

006) FORÇA DE VONTADE. FÉ. PERFEIÇÃO!

Boa noite irmãos!

Estamos novamente aqui para o nosso burilamento íntimo. Aprendendo cada dia um pouco mais, ou melhor, recordando o que já, há muito, aprendemos.

Hoje, estamos um pouco distanciados do verdadeiro caminho, o qual, como já disse, há muito conhecemos; mas, se estamos reunidos é para aprendermos a ser hoje um pouco melhores que ontem e, amanhã, um pouco melhores que hoje. Pois, o caminho é a perfeição, a pureza de Espírito que necessitamos ter para chegar ao Pai; pois só nos melhorando e aperfeiçoando, um dia chegaremos a transpô-lo. Mas, para isso precisamos de Força de Vontade; porque o que é o certo e o que é o errado não precisamos que ninguém nos diga.

Força de vontade é o que precisamos e, a Fé, só se encontra com a Força de Vontade de conhecermos o que já conhecemos, para o nosso burilamento; não só para sermos melhores para nós, mas, melhorarmos para poder servir de exemplo e ajudar aos que ainda não viram a luz que temos o privilégio de ver.

Força de Vontade Irmãos e muita Paz!

Sou eu, Dolores!

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri 11/12/1998).

*

Poesia

SALVE KARDEC

Cornélio Pires

Sobre a Terra de sombra e de amargura
A treva espessa e triste se fizera.
A Ciência e a Fé nas asas da quimera
Mais se afundavam pela noite escura.

A alma humana de então se desespera,
E eis que das luzes místicas da altura
Desce outra luz confortadora e pura,
De que o mundo infeliz se achava à espera.

E KARDEC recebe-a, sobre o abismo
Espalhando as lições do Espiritismo,
Em claridades de consolação.
Emissário da Luz e da Verdade,
Entrega ao coração da Humanidade
A Doutrina de Amor e Redenção.

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

Livro: O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO (A.KARDEC)

CAPÍTULO I – ITEM 7

7. Assim como o Cristo disse: "Não vim destruir a lei, porém cumpri-la", também o Espiritismo diz: "Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe execução." Nada ensina em contrário ao que ensinou o Cristo; mas, desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica. Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. Ele é, pois, obra do Cristo, que preside, con-

forme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o reino de Deus na Terra.

*

Livro: Livro da Esperança (Emmanuel) Culto Espírita

“Não penseis que eu tenha vindo destruir a lei ou os profetas: não os vim destruir, mas cumpri-los.” JESUS - MATEUS, 5: 11

“Assim como o Cristo disse: “Não vim destruir a lei, porém cumpri-la”, também o espiritismo diz: “Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe execução.” Cap. 1, 7. (1)

O Culto Espírita, expressando veneração aos princípios evangélicos que ele mesmo restaura, apela para o íntimo de cada um, a fim de patentear-se.

Ninguém precisa inquirir o modo de nobilitá-lo com mais grandeza, porque reverenciá-lo é conferir-lhe força e substância na própria vida.

Mãe, aceitarás os encargos e os sacrifícios do lar amando e auxiliando a Humanidade, no esposo e nos filhos que a Sabedoria Divina te confiou.

Dirigente, honrarás os dirigidos.

Legislador, não farás da autoridade instrumento de opressão.

Administrador, respeitarás a posse e o dinheiro, empregando-lhes os recursos no bem de todos, com o devido discernimento.

Mestre, ensinarás construindo.

Pensador, não torcerás as convicções que te enobrecem.

Cientista, descortinarás caminhos novos, sem degradar a inteligência.

Médico, viverás na dignidade da profissão sem negociar com. as dores dos semelhantes.

Magistrado, sustentarás a justiça.

Advogado, preservarás o direito.

Escritor, não molharás a pena no lodo da viciação, nem no veneno da injúria.

Poeta, converterás a inspiração em fonte de luz.

Orador, cultivarás a verdade.

Artista, exaltarás o gênio e a sensibilidade sem corrompê-los.

Chefe, serás humano e generoso, sem fugir à imparcialidade e à razão.

Operário, não furtarás o tempo, envilecendo a tarefa.

Lavrador, protegerás a terra.

Comerciante, não incentivarás a fome ou o desconforto, a pretexto de lucro.

Cobrador de impostos, aplicarás os regulamentos com equidade.

Médium, serás sincero, e leal aos compromissos que abraças, evitando perverter os talentos do plano espiritual no profissionalismo religioso.

O culto espírita possui um templo vivo em cada consciência na esfera de todos aqueles que lhe esposam as instruções, de conformidade com o ensino de Jesus: “O reino de Deus está dentro de vós” e toda a sua teologia se resume na definição do Evangelho: “a cada um por suas obras”.

À vista disso, prescindindo de convenção pragmática, temos nele o caminho libertador da alma, educando-nos raciocínio e sentimento, para que possamos servir na construção do mundo melhor.

(1) A presente citação e todas as demais colocadas neste livro, em seguida aos textos evangélicos, forem extraídas de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec. Nota do Autor espiritual.

*

Livro: O Consolador (Emmanuel)
RELIGIÃO

265 – *Como interpretar a antiga sentença – “Deus fez o mundo do nada?”.*

-O primeiro instante da matéria está, para os Espíritos da minha esfera, tão obscura quanto o primeiro momento da energia espiritual nos círculos da vida universal. Compreendemos, contudo, que sendo Deus o Verbo da Criação, o “nada” nunca existiu para o nosso conceito de observação, porquanto o Verbo, para nós outros, é a luz de toda a Eternidade.

266 – *Os dias da Criação, nas antigas referências do Velho Testamento, correspondem a períodos inteiros da evolução geológica?*

-Os dias da atividade do Criador, tal como nos refere o texto sagrado, correspondem aos largos períodos de evolução geológica, dentro dos milênios indispensáveis ao trabalho da gênese planetária, salientando-se que, com esses, a Bíblia encerra outros grandes símbolos inerentes aos tempos imemoriais, das origens do planeta.

267 – *Qual a posição do Velho Testamento no quadro de valores da educação religiosa do homem?*

-No quadro de valores da educação religiosa, na civilização cristã, o Velho Testamento, apesar de suas expressões altamente simbólicas, poucas vezes acessíveis ao raciocínio comum, deve ser considerado como a pedra angular, ou como a fonte máter da revelação divina.

268 – *Os dez mandamentos recebidos por Moisés no Sinai, base de toda justiça até hoje, no mundo, foram alterados pelas seitas religiosas?*

-As seitas religiosas, de todos os tempos, pela influência de seus sacerdotes, procuram modificar os textos sagrados; todavia, apesar das alterações transitórias, os dez mandamentos, transmitidos à Terra por intermédio de Moisés, voltam sempre a ressurgir na sua pureza primitiva, como base de todo o direito no mundo, sustentáculo de todos os códigos da justiça terrestre.

269 – *Como entender a palavra do Velho Testamento quando nos diz que Deus falou a Moisés no Sinai?*

-Estais atualmente em condições de compreender que Moisés trazia consigo as mais elevadas faculdades mediúnicas, apesar de suas características de legislador humano. É inconcebível que o grande missionário dos judeus e da Humanidade pudesse ouvir o Espírito de Deus. Estais, porém habilitados a compreender, agora, que a Lei ou a base da Lei, nos dez mandamentos, foi-lhe ditada pelos emissários de Jesus, porquanto todos os movimentos de evolução material e espiritual do orbe se processaram, como até hoje se processam, sob o seu augusto e misericordioso patrocínio.

270 – *Apesar de suas expressões tão humanas, Moisés veio ao mundo como missionário divino?*

-Examinando-se os seus atos enérgicos de homem, há a considerar as características da época em que se verificou a grande tarefa do missionário hebreu, legítimo emissário do plano superior, para entregar ao mundo terrestre a grande e sublime mensagem da primeira revelação. Com expressões diversas, o grande enviado não poderia dar conta exata de suas preciosas obrigações, em face da Humanidade ignorante e materialista.

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro: O Livro dos Espíritos (Allan Kardec).

Questões 886 e 887

886. Qual é o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entende Jesus?

– Benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias, perdão das ofensas.

O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, porque amar ao próximo é fazer-lhe todo o bem possível, que desejaríamos que nos fosse feito. Tal é o sentido das palavras de Jesus: “Amai-vos uns aos outros, como irmãos”.

A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, mas abrange todas as relações com os nossos semelhantes, quer se trate de nossos inferiores, iguais ou superiores. Ela nos manda ser indulgentes porque temos necessidade de indulgência, e nos proíbe humilhar o infortúnio, ao contrário do que comumente se pratica. Se um rico nos procura, atendemo-lo com excesso de consideração e atenção, mas se é um pobre, parece que não nos devemos incomodar com ele. Quanto mais, entretanto, sua posição é lastimável, mais devemos temer aumentar-lhe a desgraça pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar o inferior aos seus próprios olhos, diminuindo a distância entre ambos.

887. Jesus ensinou ainda: “Amai aos vossos inimigos”. Ora, o amor pelos nossos inimigos não é contrário às nossas tendências naturais, e a inimizade não provém de uma falta de simpatia entre os Espíritos?

– Sem dúvida não se pode ter, para com os inimigos, um amor terno e apaixonado. E não foi isso que ele quis dizer. Amar aos inimigos é perdoá-los e pagar-lhes o mal com o bem. É assim que nos tornamos superiores; pela vingança nos colocamos abaixo deles.

*

Livro: Religião dos Espíritos (Emmanuel)

Se tiveres amor

Reunião pública de 5/1/59

Questão nº 887

Se tiveres amor, caminharás no mundo como alguém que transformou o próprio coração em chama divina a dissipar as trevas...

Encontrarás nos caluniadores almas invigilantes que a peçonha do mal entenebreceu, e relevarás toda ofensa com que te martirizem as horas...

Surpreenderás nos maldizentes criaturas desprevenidas que o veneno da crueldade enlouqueceu, e desculparás toda injúria com que te deprimam as esperanças...

Observarás no onzenário (que cobra juro exorbitante) a vitima da ambição desregrada, acariciando a ignomínia da usura em que atormenta a si próprio, e no viciado o irmão que caiu voluntariamente na poça de fel em que arruína a si mesmo...

Reconhecerás a ignorância em toda manifestação contrária à justiça e descobrirás a miséria por fruto dessa mesma ignorância em toda parte onde o sofrimento plasma o cárcere da delinqüência, o deserto do desespero, o inferno da revolta ou o pântano da preguiça...

Se tiveres amor saberás, assim, cultivar o bem, a cada instante, para vencer o mal a cada hora...

E perceberás, então, como o Cristo fustigado na cruz, que os teus mais

acirrados perseguidores são apenas crianças de curto entendimento e de sensibilidade enfermeira, que é preciso compreender e ajudar, perdoar e servir sempre, para que a glória do amor puro, ainda mesmo nos suplícios da morte, nos erga o espírito imperecível à bênção da vida eterna.

*

Livro: O Consolador (Emmanuel)

Questões 121 a 125

121 – *O meio ambiente influi no espírito?*

-O meio ambiente em que a alma renasceu, muitas vezes constitui a prova expiatória; com poderosas influências sobre a personalidade, faz-se indispensável que o coração esclarecido coopere na sua transformação para o bem, melhorando e elevando as condições materiais e morais de todos os que vivem na sua zona de influência.

122 – *Que se deve fazer para o desenvolvimento da intuição?*

-O campo do estudo perseverante, com o esforço sincero e a meditação sã, é o grande veículo de amplitude da intuição, em todos os seus aspectos.

123 – *Deve o crente criar imposições absolutas para si mesmo, no sentido de alcançar mais depressa a perfeição espiritual?*

O crente deve esforçar-se o mais possível, mas, de modo algum, deve nutrir a pretensão de atingir a superioridade espiritual completa, de uma só vez, porquanto a vida humana é aprendizado de lutas purificadoras e, no cadinho do resgate, nem sempre a temperatura pode ser amena, alcançando, por vezes, ao mais alto grau para o desiderato do acrisolamento.

Em todas as circunstâncias, guarde o cristão a prece e a vigilância; prece ativa, que é o trabalho do bem, e vigilância, que é a prudência necessária, de modo a não trair novos compromissos. E, nesse esforço, a alma estará preparada a estruturar o futuro de si mesma, no caminho eterno do espaço e do tempo, sem o desalento dos tristes e sem a inquietação dos mais afoitos.

124 - *Qual a importância da palavra humana para as conquistas evolutivas do espírito?*

-A palavra é um dom divino, quando acompanhada dos atos que a testemunhem; e é através de seus caracteres falados ou escritos que o homem recebe o patrimônio de experiências sagradas de quantos o antecederam no mecanismo evolutivo das civilizações. É por intermédio de seus poderes que se transmite, de gerações a gerações, o fogo divino do progresso na escola abençoada da Terra.

125 – *Reconhecendo que os nossos amigos do plano espiritual estão sempre ao nosso lado, em todos os trabalhos e dificuldades, a fim de nos inspirar, quais os maiores obstáculos que a sua bondade encontra em nós, para que recebamos o seu socorro indireto, afetuoso e eficiente?*

-Os maiores obstáculos psíquicos, antepostos pelo homem terrestre aos seus amigos e mentores da espiritualidade, são oriundos da ausência de humildade sincera nos corações; para o exame da própria situação de egoísmo, rebeldia e necessidade de sofrimento.

*

IV - CIÊNCIA ESPÍRITA

O Livro dos Médiuns (Allan Kardec)

Questões 1 e 7

EXISTEM ESPÍRITOS?

1. A causa principal da dúvida sobre a existência dos Espíritos é a ignorância da sua verdadeira natureza. Imaginam-se os Espíritos como seres à parte na

Criação, sem nenhuma prova da sua necessidade. Muitas pessoas só conhecem os Espíritos através das estórias fantasiosas que ouviram em crianças, mais ou menos como as que conhecem História pelos romances. Não procuram saber se essas estórias, desprovidas do pitoresco, podem revelar um fundo verdadeiro, ao lado do absurdo que as choca. Não se dão ao trabalho de quebrar a casca da noz para descobrir a amêndoa. Assim, rejeitam toda a estória, como fazem os religiosos que, chocados por alguns abusos, afastam-se da religião.

Seja qual for a idéia que se faça dos Espíritos, a crença na sua existência decorre necessariamente do fato de haver um princípio inteligente no Universo, além da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta do referido princípio. Partimos, pois, da aceitação da existência, sobrevivência e individualidade da alma, de que o Espiritualismo em geral nos oferece a demonstração teórica dogmática, e o Espiritismo a demonstração experimental. Mas façamos, por um instante, abstração das manifestações propriamente dita, e raciocinemos por indução. Vejamos a que conseqüências chegaremos....

O MARAVILHOSO E O SOBRENATURAL

7. Se a crença nos Espíritos e nas suas manifestações fosse uma concepção isolada, o produto de um sistema, poderia com certa razão ser suspeita de ilusória. Mas quem nos diria então porque ela se encontra tão viva entre todos os povos antigos e modernos, nos livros santos de todas as religiões conhecidas? Isso, dizem alguns críticos, é porque o homem, em todos os tempos, teve amor ao maravilhoso. — Mas que é o maravilhoso, segundo vós? — Aquilo que é sobrenatural. — E que entendeis por sobrenatural? — O que é contrário às leis da Natureza. — Então conheceis tão bem essas leis que podeis marcar limites ao poder de Deus? Muito bem! Provai então que a existência dos Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que elas não são e não podem ser uma dessas leis. Observai a Doutrina Espírita e vereis se no seu encadeamento elas não apresentam todas as características de uma lei admirável, que resolve tudo o que os princípios filosóficos até agora não puderam resolver.

O pensamento é um atributo do Espírito. A possibilidade de agir sobre a matéria, de impressionar os nossos sentidos e, portanto de transmitir-nos o seu pensamento, é uma conseqüência, podemos dizer, da sua própria constituição fisiológica. Não há, pois, nesse fato, nada de sobrenatural, nada de maravilhoso. (A Parapsicologia confirma hoje, cientificamente, através de pesquisas de laboratório, a naturalidade desses fenômenos. (N. do T.)

Mas que um homem morto e bem morto possa ressuscitar corporalmente, que os seus membros dispersos se reúnam para restabelecer-lhe o corpo, eis o que é maravilhoso, sobrenatural, fantástico. Isso, sim, seria uma verdadeira derrogação, que Deus só poderia fazer através de um milagre. Mas não há nada de semelhante na Doutrina Espírita.

*

Livro: Seara dos Médiuns (Emmanuel)

Cartão de Visita

Reunião pública de 8/1/60

Questão nº 7

Em qualquer estudo da mediunidade, não podemos esquecer que o pensamento vige na base de todos os fenômenos de sintonia na esfera da alma.

Analisando-o, palidamente, tomemos a imagem da vela acesa, apesar de imprópria para as nossas anotações.

A vela acesa arroja de si ftons ou força luminosa.

O cérebro exterioriza princípios inteligentes ou energia mental.

Na primeira, temos a chama.

No segundo, Identificamos a idéia.

Uma e outro possuem campos característicos de atuação, que é tanto mais vigorosa quanto mais se mostre perto do fulcro emissor.

No fundo, os agentes a que nos referimos são neutros em si.

Imaginemos, no entanto, o lume conduzido. Tanto pode revelar o caminho de um santuário, quanto a trilha de um pântano.

Tanto ajuda os braços do malfeitor na execução de um crime, quanto auxilia as mãos do benfeitor no levantamento das boas obras.

Verificamos, no símile, que a energia mental, inelutavelmente ligada à consciência que a produz, obedece à vontade.

E, compreendendo-se no pensamento a primeira estação de abordagem magnética, em nossas relações uns com os outros, seja qual for a mediunidade de alguém, é na vida íntima que palpita a condução de todo o recurso psíquico.

Observa, pois, os próprios impulsos.

Desejando, sentes.

Sentindo, pensas.

Pensando, realizas.

Realizando, atraís.

Atraindo, refletes.

E, refletindo, estendes a própria influência, acrescida dos fatores de indução do grupo com que te afinas.

O pensamento é, portanto, nosso cartão de visita.

Com ele, representamos ao pé dos outros, conforme nossos próprios desejos, a harmonia ou a perturbação, a saúde ou a doença, a intolerância ou o entendimento, a luz dos construtores do bem ou a sombra dos carregadores do mal.

*

REVISTA ESPÍRITA
ALLAN KARDEC – JANEIRO DE 1858
DIFERENTES FORMAS DE MANIFESTAÇÕES

Os Espíritos atestam a sua presença de diversas maneiras, segundo sua aptidão, sua vontade e seu maior ou menor grau de elevação. Todos os fenômenos dos quais teremos ocasião de nos ocupar, se relacionam, naturalmente, a um ou a outro desses modos de comunicação. Cremos, pois, para facilitar o entendimento dos fatos, dever abrir a série de nossos artigos pelo quadro das diferentes naturezas de manifestações. Podem ser resumidas assim:

1- *Ação oculta*, quando ela não tem nada ostensivo. Tais são, por exemplo as inspirações ou sugestões de pensamento, as advertências íntimas, as influências sobre os acontecimentos, etc.;

2- *Ação patente* ou *manifestação*, quando ela é apreciável de um modo qualquer;

3- *Manifestações físicas* ou *materiais*, são aquelas que se traduzem por fenômenos sensíveis, tais como os ruídos, o movimento e o deslocamento de objetos. Essas manifestações não comportam, muito freqüentemente, nenhum sentido direto; elas não têm por objetivo senão chamar a nossa atenção sobre alguma coisa, e nos convencer da presença de uma força superior à do homem;

4- *Manifestações visuais* ou *aparições*, quando um Espírito se revela à visão, sob uma forma qualquer, sem ter nenhuma das propriedades conhecidas da matéria;

5- *Manifestações inteligentes*, quando revelam um pensamento. Toda manifestação que comporte um sentido, não fôra senão um simples movimento ou um ruído que acuse uma certa liberdade de ação, responde a um pensamento ou obedece a uma vontade, é uma manifestação inteligente. Ocorrem em todos os graus;

6- *As comunicações*, são as manifestações inteligentes que têm por objeto uma troca seguida de pensamentos entre o homem e os Espíritos.

A natureza das comunicações varia segundo o grau, de elevação ou inferioridade, de saber ou ignorância do Espírito que se manifeste, e segundo a natureza do assunto de que se trata.

Elas podem ser: *frívolas, grosseiras, sérias, ou instrutivas*.

As comunicações frívolas emanam de Espíritos levianos, zombadores e traquinas, mais maliciosos do que maus, que não ligam nenhuma importância ao que dizem.

As comunicações grosseiras se traduzem por expressões que chocam as conveniências. Elas não emanam senão de Espíritos inferiores, ou que não estão ainda despojados de todas as impurezas da matéria.

As comunicações sérias são graves quanto ao assunto e à maneira que são feitas. A linguagem dos Espíritos superiores é sempre digna e isenta de toda a trivialidade. Toda comunicação que exclui a frivolidade e a grosseria, e que tem um fim útil, mesmo de interesse particular, é, por isso mesmo, séria.

As comunicações instrutivas são as comunicações sérias que têm por objetivo principal um ensinamento qualquer, dado pelos Espíritos sobre as ciências, a moral, a filosofia, etc. São mais ou menos profundas e mais ou menos *verdadeiras*, segundo o grau de evolução e de *desmaterialização* do Espírito. Para se retirar dessas comunicações um proveito real, é preciso que sejam regulares e continuem com perseverança. Os Espíritos sérios se ligam àqueles que querem se instruir e os secundam, ao passo que deixam aos Espíritos levianos o cuidado de divertir, com gracejos, aqueles que não vêem, nas manifestações, senão uma distração passageira. Não é senão pela regularidade e pela freqüência das comunicações, que se pode apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos com os quais se conversa, e o grau de confiança que merecem. Se é preciso experiência para julgar os homens, é preciso, talvez, mais ainda para julgar os Espíritos.

*

Livro: O Consolador (Emmanuel)

QUÍMICA. Questões 3 a 7

3 – *No campo da Química, as forças do plano espiritual auxiliam o homem terrestre?*

-Os prepostos de Jesus espalham-se por todos os setores do trabalho humano e, em todos os tempos, cooperam com o homem no seu esforço de aperfeiçoamento; aliás, os estudiosos e os cientistas do planeta não criaram os fenômenos químicos, que sempre existiram desde a aurora dos tempos, afirmando uma inteligência superior.

Os homens, em verdade, aprenderam a química com a Natureza, copiaram as suas associações, desenvolvendo a sua esfera de estudos e inventaram uma nomenclatura, reduzindo os valores químicos, sem lhes aprender a origem divina.

4 – *Nos estudos da Química, avaliam-se em cerca de um quarto de milhão as substâncias da Terra, que podem ser reduzidas, aproximadamente, como originárias de noventa elementos. Quando os estudos dessa ciência forem amplificados, poderão reduzir-se, ainda mais, as fontes de origem?*

-A Química necessita apresentar essa divisão de elementos para a catalogação dos valores educativos, com vistas às investigações de natureza científica, no mundo; contudo, se na sua base estão os átomos, na mais vasta expressão de diversidade, mesmo assim tenderá sempre para a unidade substancial, em remontando com as verdades espirituais às suas fontes de origem.

Aliás, em se tratando das individualizações químicas, já conheceis que o hidrogênio, no quadro dos conhecimentos terrestres, é o elemento mais simples de todos. Seu átomo é a forma primordial da matéria planetária, porque composto de um só elétron, de onde partem as demais individualizações no mecanismo evolutivo da matéria, em suas expressões rudimentares.

5 – Nos chamados movimentos brownianos e nas afinidades moleculares poderemos observar manifestações de espiritualidade?

-Nos chamados movimentos brownianos, bem como nas atrações moleculares, ainda não poderemos ver, propriamente, manifestações de espiritualidade, como princípio de inteligência, mas fenômenos rudimentares da vida em suas demonstrações de energia potencial, na evolução da matéria, a caminho dos princípios anímicos, sob a bênção de luz da natureza divina.

6 – Houve uma unidade material para a formação das várias expressões orgânicas existentes na Terra?

-Assim como o químico humano encontra no hidrogênio a fórmula mais simples para estabelecer a rota de suas comparações substanciais, os espíritos que cooperaram com o Cristo, nos primórdios da organização planetária, encontraram, no protoplasma, o ponto de início para a sua atividade realizadora, tomando-o como base essencial de todas as células vivas do organismo terrestre.

7 - Existe uma lei de progresso para a individualização química?

-Na conceituação dos valores espirituais, a Lei é de evolução para todos os seres e coisas do Universo. As individualizações químicas possuem igualmente a sua rota para obtenção das primeiras expressões anímicas, sendo justo observarmos que, no círculo industrial, a individualização é trabalhada pelos processos mais grosseiros, até que possa ser aproveitada pelo agente invisível na química biológica, onde entra em novo círculo vital, na ascensão para o seu destino.

*

Livro: Obsessão. O Passe. A Doutrinação

(J. Herculano Pires)

O que é a Obsessão?

Orientação para o tratamento dos casos de obsessão.

I - O sentido da vida.

Porquê e para quê vivemos? A resposta a esta pergunta é de importância para compreendermos o problema da obsessão. Segundo o Espiritismo, vivemos para desenvolver as potencialidades psíquicas de que todos somos dotados.

Nossa existência terrena tem por fim a transcendência, ou seja, a superação constante da nossa condição humana. Desde o nascimento até o nosso último dia passamos pelas experiências que desenvolvem as nossas aptidões inatas, em todos os sentidos. A criança recém-nascida cresce dia a dia, desenvolve o seu organismo, aprende a comunicar-se com os outros, a falar e a raciocinar, a querer e a agir para conseguir o que quer. Transcende a condição em que nasceu e passa para as fases superiores da infância, entrando depois na adolescência e depois na mocidade, na maturidade e na velhice.

Ao fazer todo esse trajeto ela desenvolveu suas forças orgânicas e psíquicas, sua afetividade, sua capacidade de compreender o que se passa ao seu redor e

seu poder de dominar as circunstâncias. Isso é transcender, elevar-se acima da condição em que nasceu.

É para isso que vivemos. E isso nos mostra que o sentido da vida é transcendência.

Hoje, a Filosofia Existencial sustenta esse mesmo princípio no campo filosófico.

Os existencialistas consideram o homem como um projeto, ou seja, um ser projetado na existência como uma flecha em direção a um alvo, que é a transcendência. Mas no Espiritismo as existências são muitas e sucessivas, de maneira que em cada existência terrena atingimos um novo grau de transcendência. As pesquisas parapsicológicas atuais sobre a reencarnação confirmam esse princípio. O fato de vivermos muitas vidas na Terra, e não apenas uma, mostra que temos no inconsciente uma armazenagem de lembranças e conhecimentos, aspirações, frustrações e traumas muito maior que a descoberta por Freud.

É bom anotar na memória este dado importante: quando Kardec descobriu as manifestações do inconsciente, através de suas pesquisas sobre os fenômenos anímicos, Freud tinha apenas um ano de idade. Isso não desmerece Freud, que não conhecia as pesquisas de Kardec, mas nos prova a segurança das pesquisas espíritas do psiquismo humano. A concepção espírita da vida humana na Terra não é imaginária, mas real, baseada em pesquisas científicas. Os que consideram o Espiritismo como uma doutrina supersticiosa, gerada pela ignorância, revelam ser mais ignorantes do que poderiam pensar de si mesmos. A Doutrina Espírita está hoje comprovada cientificamente pelos cientistas mais avançados. Dizemos isto para mostrar aos leitores que o sentido da vida, a que nos referimos, não é uma hipótese, mas uma realidade. Se não compreendermos que a vida é transcendência, crescimento, elevação e desenvolvimento constante e comprovado do ser espiritual que somos, não poderemos encarar com naturalidade o problema da obsessão e lutar para resolvê-lo.

*

V – FILOSOFIA GERAL E ESPÍRITA

Livro: Introdução à Filosofia Espírita

(J. Herculano Pires)

Do Indivíduo Como Representação Coletiva

Na tribo ou na horda, nas civilizações agrárias ou nas civilizações teocráticas, o indivíduo é apenas uma peça da engrenagem social. Funciona segundo as exigências do meio, guiado pelas forças operantes da estrutura sócio-cultural. Denis de Rougemont demonstrou como essas forças determinam a sujeição absoluta do indivíduo à estrutura. Quando ele se reconhece dotado de características próprias, realizando-se na transcendência horizontal da relação social, destaca-se da massa. Corre então o risco da excomunhão. Mas se dispuser de estrutura individual suficientemente unificada (personalidade) poderá elevar-se sobre o meio, iniciando a fase da transcendência vertical. Nesse caso ele se projeta como uma forma de representação coletiva. Será então o chefe, o líder, o guia, integrando o grupo dirigente da comunidade, a sua *inteligência*. Mas assim mesmo estará freiado pelos condicionamentos sociais, terá de fazer concessões à moral social, aos sistemas estabelecidos, às crenças vigentes, ao contexto geral da tradição. Se quiser sobrepor-se a esses fatores poderá ser esmagado pela pressão da massa, traduzida nas sanções institucionais. Foi o caso de Sócrates, como foi o caso de Jesus.

Nas civilizações sócio-cêntricas do passado, que se desenvolviam isoladas, esse processo de representação coletiva, que na tribo se dividia entre o cacique e o

pagé — o primeiro representando o poder humano, o segundo o poder espiritual, fundiu-se na síntese do Rei-Deus, sagrado e ungido para dirigir e defender o povo. A reação natural à rigidez dessa institucionalização perigosa se fez sentir no campo das manifestações paranormais, através de profetas, oráculos e pitonizas. João Batista degolado por ordem de Herodes é talvez o símbolo mais vigoroso da profecia social como revolta contra a sagração artificial dos reis-deuses. Mas a representação coletiva atingiu o seu ponto máximo na figura do Messias — o sol fecundador das messes após as agruras do inverno, segundo a tese mitológica. Os messias eram os salvadores e ao mesmo tempo os vingadores, os que vinham salvar os humildes e castigar os poderosos. Investidos da sagração divina pelo próprio Deus, centralizavam, na sua individualidade privilegiada, os poderes da Terra e do Céu. Os seus ensinamentos constituíam uma revelação divina, pela boca desses a-rautos falava o próprio Deus.

Kardec analisou esse processo e definiu as revelações messiânicas como *pessoais e locais*, típica das civilizações isoladas, dirigidas a uma comunidade determinada em sua localização geográfica. Nos fins do ciclo de isolamento, quando a síntese sócio-cultural greco-romana tentava abranger o mundo e criava condições novas de vida, o messias judeu, Jesus de Nazaré - que mais tarde seria designado, significativamente, pelo nome do messias grego: Cristo, apresentou-se ainda como revelador pessoal e local, mas já abrindo perspectivas, em seus ensinamentos, para a universalidade que caracterizaria o desenvolvimento do Cristianismo, rompendo ao mesmo tempo o sócio-centrismo judeu e as pretensões romanas de hegemonia. A reação, tanto judaica quanto romana, foi esmagadora, mas não conseguiu deter o fluxo natural da evolução humana. A Igreja Cristã, formada segundo os modelos judaico e pagão, por força das determinantes históricas, apresenta-se então como curiosa síntese do Templo de Jerusalém e do Capitólio. A Cadeira de São Pedro substituiu, ao mesmo tempo, a Cadeira de Moisés e o Trono de César. O Deus-Pai de Jesus se reveste das características de Júpiter Capitolino e Roma volta a dominar o mundo. O Bispo de Roma transforma-se na representação coletiva das massas bárbaras convertidas ao Cristianismo. Na figura do Papa concentram-se os poderes da Terra e do Céu.

Entretanto, no milênio medieval o processo dialético prossegue, lento e seguro. Um mundo novo está fermentando nas querelas absurdas e uma nova revelação está sendo elaborada nas suas entranhas psíquicas.

A Filosofia Grega inflama o pensamento cristão, despertando-o para a compreensão dos poderes do homem, do valor intrínseco do *ser humano*. O dogma da encarnação humana de Deus, reflexo das teorias egípcias e indianas do avatar búdico, produz efeitos contraditórios. De um lado, reforça temporariamente o conceito do homem-deus do passado; de outro lado, desperta a atenção dos pensadores para os poderes divinos do homem. A subversão vai se confirmar nessa linha com o desenvolvimento do Humanismo. A Ciência renascerá das cinzas de Aristóteles e o homem se fará o revelador racional dos mistérios encobertos pela mística religiosa.

As revelações pessoais e locais estão definitivamente superadas. Os messias do passado tornam-se místicos ignorantes, incapazes de revestir-se dos poderes da representação coletiva. A Revolução Francesa proclamará a supremacia da razão sobre todo o passado fideísta. Kardec poderá então distinguir dois tipos de revelação, ambos divorciados da mística e do mistério: a revelação científica, feita pelos pesquisadores dos mistérios da Natureza, e a revelação espiritual, feita através da mediunidade e da pesquisa dos fenômenos paranormais, das condições do

mundo supra-sensível. A partir desse momento as revelações pessoais, locais ou não, não terão nenhum sentido. A verdade não pertence a ninguém em particular, a nenhum profeta, messias ou vidente. É um patrimônio comum, ao alcance de todos os que se esforçam para descobri-la. A revelação é coletiva.

O indivíduo como representação coletiva existiu e funcionou nas dimensões do passado, como exigência natural de um mundo fechado em si-mesmo, incapaz de superar os condicionamentos sócio-mesológicos de cada civilização isolada, entregue às suas próprias forças. No mundo novo que surgiu da abertura cristã, tendo por paradigma a especulação ateniense e por bússola a mensagem racional do Evangelho, não há mais lugar para a autoridade individual no tocante à problemática da verdade, que brota do real-em-si e não das interpretações individuais, sujeitas a condicionamentos desconhecidos. Nenhum indivíduo transformado em representação coletiva e nenhum colégio de iluminados por sabedoria infusa pode decretar a verdade. A Filosofia dedutiva e sistemática do passado cedia lugar à lógica indutiva, liberta das predeterminações arbitrárias dos sistemas.

*

VI – PARAPSIKOLOGIA

Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã

(J. Herculano Pires)

PSI e as transformações sociais

Procuramos examinar a dualidade sociológica das implicações de psi a que já nos referimos. De um lado temos as implicações na vida normal ou cotidiana. A primeira vista são ocorrências de segunda importância, sem maiores consequências para a vida social. Na verdade elas não somente influem na conduta dos indivíduos e dos grupos, mas determinam essa conduta. Os arquétipos coletivos de Jung, os instintos do eu de Freud; a vontade de poder de Nietzsche; a compensação de Adler e outras hipóteses do gênero bastariam para mostrar a importância da percepção extra-sensorial na conduta. Aliás, toda a Psicologia moderna e o desenvolvimento da Psicologia Social são suficientes para advertir-nos quanto à necessidade de uma investigação a respeito dessas influências.

Não queremos substituir as hipóteses psicológicas acima mencionadas pelas hipóteses parapsicológicas. Pelo contrário, servimo-nos delas para exemplificar as implicações de psi na conduta. Toda a História se apresenta repleta de episódios nesse sentido. Das profecias trágicas de Cassandra, em Tróia, aos augúrios oraculares da Grécia e Roma, até às vozes de Joana D'Arc, as intuições de Napoleão e as previsões de Lenin há toda uma sequência de fatos paranormais balizando o processo histórico. O mesmo se dá no plano individual. O homem que presente a queda de um avião e troca a sua passagem no aeroporto, movido por um impulso do qual a seguir se arrepende, mas graças ao qual salva a sua vida, há de compreender que psi foi de importância fundamental para a sua conduta num momento decisivo.

Tanto no plano da Psicologia Individual, quanto no plano da Psicologia Coletiva ou de grupo e no plano mais vasto da Psicologia Social as implicações de psi não são apenas admissíveis, mas sobretudo evidentes e altamente significativas. O chamado momento psicológico nada mais é que o deflagrar de um processo coletivo de psi. Isto é mais fácil de compreender quando nos lembramos que as investigações parapsicológicas não se restringem ao psiquismo humano, tendo demonstrado como os grupos animais se conduzem através de suas funções psi. A percepção extra-sensorial, como um radar orgânico individual, produz a conjugação necessária no plano coletivo para que um grande conjunto se forme, em ter-

mos gestálticos, orientando a conduta de toda uma coletividade e decidindo os rumos da História. Humberto Mariotti lembra, a propósito, as fases culminantes da Revolução Francesa e da Revolução Russa, mas podemos lembrar também as proposições teóricas de Kurt Lewin sobre a conduta de grupos em momentos de tensão coletiva. Nesses momentos, poderíamos dizer com Carington, entidades psicônicas individuais se agrupam formando entidades sociais.

Voltando aos arquétipos coletivos de Jung devemos lembrar o estudo clássico de Mannheim em *Ideologia e Utopia*. As aspirações ideológicas têm o seu momento de deflagrar, que tanto pode ser favorável como negativo. Nos dois casos acima citados, o da Revolução Francesa e o da Revolução Russa, o momento de deflagrar foi positivo. Os materialistas atribuem o sucesso às condições objetivas, mas dificilmente poderiam mostrar como e porque essas condições se formaram e chegaram a um ponto favorável. Mannheim acentua: "O aparecimento e o desaparecimento de problemas em nosso horizonte intelectual são governados por um princípio ainda obscuro. A própria ascensão e o desaparecimento de sistemas completos de conhecimento podem ser reduzidos, em última análise, a determinados fatores, tornando-se assim explicáveis. (...) Da mesma forma, deveria a Sociologia do Conhecimento procurar investigar as condições em que problemas e disciplinas se formam e desaparecem".

O reconhecimento da existência das funções psi em âmbito individual e coletivo desloca o problema das transformações sociais do plano das simples condições materiais para o das condições psíquicas ou psicossociais. Compreendemos então que há algum motivo não descoberto, não percebido, para que, em dado momento, a revolução social se alastre e chegue a triunfar "no elo mais fraco da cadeia imperialista", enquanto nos elos mais fortes se torna impossível. Compreendemos que as condições econômicas e sociais não são suficientes por si mesmas, pois as transformações só se realizam, de maneira pacífica ou violenta, nos momentos em que as funções psi atingiram uma fase culminante de percepção da nova realidade que se aproxima. Trata-se de um caso de precognição coletiva.

Tudo isso, como vemos, no plano da vida normal, no processo natural do desenvolvimento de fatos sociais. Até aqui não intervêm as hipóteses de Carington sobre a existência de uma parassociologia do intermúndio, ou seja, de um processo de relações extrafísicas entre entidades psicônicas sobreviventes à morte do corpo e as criaturas humanas. Ao admitirmos, porém, esse processo mediúnic de relações passamos a outra série de conseqüências. As funções psi assumem, nesse caso, importância muito maior, nos termos da proposição de Mariotti sobre a dialética palingenésica. A sobrevivência do espírito na forma de entidades psicônicas proposta por Carington ou na forma mentalista de Price e outros, esta simples sobrevivência implica novos e muito mais vastos processos de relação social através do tempo. E a hipótese palingenésica, conseqüência lógica da hipótese de Carington, oferece-nos então a perspectiva de uma continuidade histórica que podemos chamar de conseqüente.

Vejamos as decorrências disso. Se admitimos, como explicava Ernesto Bozzano, a existência no homem de uma percepção extra-sensorial e de uma possibilidade, também, de ação extrafísica, é evidente que admitimos a sua natureza transcendente. Rompemos a concepção organocêntrica a que continuamos apegados após o rompimento da concepção geocêntrica. De certa maneira a tendência centralizadora do pensamento, que foi superada pelo heliocentrismo no plano cósmico, refugiou-se no organocentrismo biológico, ou seja, expulso da Astronomia, escondeu-se na Biologia. A descoberta científica das funções psi vem atacar

essa tendência no seu último reduto, revelando a possibilidade de vida e de atividades vitais fora dos organismos físicos. O homem transcende a si mesmo, projeta-se fora das suas condições imediatas de vida. As estruturas psicônicas vivem e agem independentemente de seus antigos organismos físicos.

É claro que dessa simples projeção resultam conseqüências numerosas e de mais elevada significação. Se a vida humana, como a de todos outros organismos, não se extingue com a perda do instrumento orgânico, e se a concepção palingênica admite a volta das entidades psicônicas à vida orgânica, desaparece a solução de continuidade do processo histórico, tanto para os indivíduos que dele participam quanto para as coletividades. O agora existencial tem importância não apenas agora e não somente para este indivíduo que o vive, mas também no futuro e para aquele indivíduo que lá se apresentará, embora noutra forma e noutras condições. Refletindo sobre isto percebemos o mundo novo de responsabilidades e esperanças que a dialética palingênica nos descortina.

O "princípio ainda obscuro" a que se refere Mannhein torna-se claro diante dos resultados ainda incipientes da investigação parapsicológica. As relações sociais formam um contexto muito mais amplo do que o visível no plano material. A Sociologia do Conhecimento só poderá penetrar além do contexto visível quando levar em consideração a existência das relações psi e o fato da sua importância básica para o desenvolvimento da cultura. As transformações sociais e culturais mostram-se regidas, à luz da Parapsicologia, por leis psíquicas ainda desconhecidas, mas que já se tornaram acessíveis à pesquisa científica. Psi pode encerrar o segredo dos fatores obscuros que precipitam as revoluções culturais e políticas.

Compreendemos melhor esse problema quando nos lembramos da tese gestáltica de que não vivemos na realidade concreta mas numa realidade psíquica. O nosso mundo — o mundo humano das relações sociais — não coincide com o mundo físico. Todos os psiquiatras e psicoterapeutas sabem quanto têm de lutar para integrar seus clientes até mesmo na factícia realidade social, que na verdade é psicológica.

Vivemos no mundo dos nossos anseios, das nossas ilusões, das nossas esperanças e dos nossos desesperos muitas vezes sem razão. Essa imensa rede psíquica estendida sobre a realidade física é regida por suas próprias leis que em geral independem das leis físicas no processo da dinâmica social.

*

VII – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE. DE- SOBSESSÃO

Livro dos Médiuns (Allan Kardec)

Questões 203 a 205

203. O desejo de todo aspirante a médium é naturalmente poder conversar com Espíritos de pessoas queridas, mas essa impaciência deve ser moderada, porque a comunicação com determinado Espírito apresenta quase sempre dificuldades materiais que a tornam impossível para o iniciante. Para que um Espírito possa comunicar-se é necessário haver entre ele e o médium relações fluídicas que nem sempre se estabelecem de maneira instantânea. Somente na proporção em que a mediunidade se desenvolve o médium vai adquirindo a aptidão necessária para entrar em relação com o primeiro Espírito comunicante.

Pode ser, portanto, que o Espírito desejado não esteja em condições propícias, apesar de se encontrar presente. Como pode ser, ainda, que ele não tenha

possibilidade nem permissão de atender ao apelo. Convém, pois, no princípio, abster-se o médium de chamar um determinado Espírito, porque muitas vezes acontece não ser com ele que as relações fluídicas se estabeleçam com maior facilidade, por maior simpatia que lhe devote. Antes, pois, de pensar em obter comunicações deste ou daquele Espírito, é necessário tratar do desenvolvimento da faculdade, fazendo para isso um apelo geral e se dirigindo sobretudo ao seu anjo guardião.

Não há para isso fórmulas sacramentais. Quem pretender oferecer uma fórmula pode ser firmemente taxado de impostor, porque para o Espírito a forma nada vale. Entretanto a evocação deve ser feita sempre em nome de Deus. Pode-se fazê-la nos termos seguintes ou em outros equivalentes: Rogo a Deus todo poderoso permitir a um bom Espírito comunicar-se comigo, fazendo-me escrever; rogo também ao meu Anjo Guardião que me assista e afaste de mim os Espíritos maus.

Espera-se então que um Espírito se manifeste, fazendo escrever alguma coisa. Pode acontecer que seja aquele que se deseja, como pode ser um Espírito desconhecido ou o Anjo da Guarda. Num caso ou noutro, geralmente ele se dá a conhecer escrevendo o nome. Apresenta-se então o problema da identidade, uma das que requerem maior experiência, pois são poucos os iniciantes que não estejam expostos a ser enganados. Tratamos disso logo mais, em capítulo especial.

Quando se quer chamar determinados Espíritos, é essencial dirigir-se inicialmente aos que se sabe serem bons e simpáticos e que podem ter um motivo para atender, como os de parentes e amigos. Nesse caso a evocação pode ser feita assim: Em nome de Deus todo poderoso, rogo ao Espírito de fulano que se comunique comigo. Ou ainda: Rogo a Deus todo poderoso permitir ao Espírito de fulano que se comunique comigo. Ou por outras palavras correspondentes a esse mesmo pensamento.

É também necessário que as primeiras perguntas sejam formuladas de maneira que as respostas sejam dadas simplesmente por um sim ou não. Por exemplo: Estás aí? Queres responder? Podes fazer-me escrever? etc. Mais tarde, essa precaução será desnecessária. No começo, trata-se de estabelecer uma relação. O essencial é que a pergunta não seja fútil, que não se refira a coisas de interesse privado, e sobretudo que seja a expressão de um sentimento benevolente e simpático para o Espírito ao qual se dirige. (Ver o capítulo especial sobre Evocações)

204. Mais importante a se observar, do que a maneira de fazer o apelo, é a calma e o recolhimento que se deve ter, junto a um desejo ardente e uma firme vontade de êxito. E por vontade não entendemos aqui um desejo efêmero e inconseqüente, a cada momento interrompido por outras preocupações, mas uma vontade séria, perseverante, sustentada com firmeza, sem impaciência nem ansiedade. O recolhimento é favorecido pela solidão, pelo silêncio e o afastamento de tudo o que possa provocar distrações.

Nada mais resta então a fazer, senão isto: renovar todos os dias a tentativa, durante dez minutos, um quarto de hora ou mais de cada vez, durante quinze dias, um mês, dois meses e mais se necessário. Conhecemos médiuns que só se formaram depois de seis meses de exercício, enquanto outros escrevem correntemente desde a primeira vez.

205. Para evitar tentativas inúteis, pode-se interrogar, por outro médium, um Espírito sério e elevado. Mas é bom lembrar que, quando se propõe aos Espíritos a questão de saber se temos ou não mediunidade, eles quase sempre respondem afirmativamente, o que não impede que as tentativas sejam muitas vezes infrutíferas. Isso se explica naturalmente. Propõe-se ao Espírito uma questão geral e ele

responde de maneira geral. Como se sabe, nada mais elástico do que a faculdade mediúnica, pois ela pode se apresentar sob as mais variadas formas e nos mais diversos graus. Pode-se, portanto, ser médium sem o perceber e num sentido diferente do que se pensa.

A esta questão vaga: Sou médium? O Espírito responde: Sim. A esta mais precisa: Sou médium escrevente? Ele pode responder: Não. Deve ainda conhecer a natureza do Espírito interrogado. Há Espíritos tão levianos e tão ignorantes que respondem a torto e a direito, como verdadeiros estúrdios. Eis porque aconselhamos dirigir-se a Espíritos esclarecidos, que geralmente respondem de boa vontade a essas perguntas e indicam o melhor caminho a seguir, se houver possibilidades de êxito.

*

CURSO PREPARATÓRIO

3ª. AULA

I - INTRODUÇÃO

Livro: Calma (Emmanuel)

Passando pela Terra

Sempre útil não te esqueceres de que te encontras em estágio educativo na Terra.

Jornadeando nas trilhas da evolução, não é o tempo que passa por ti, mas, inversamente, és a criatura que passa pelo tempo.

Conserva a esperança em teus apetrechos de viagem.

Caminha trabalhando e fazendo o bem que puderes.

Aceita os companheiros do caminho, qual se mostram, sem exigir-lhes a perfeição da qual todos nos vemos ainda muito distantes.

Suporta as falhas do próximo com paciência, reconhecendo que nós, os espíritos ainda vinculados à Terra, não nos achamos isentos de imperfeições.

Levanta os caídos e ampara os que tropeçam.

Não te lamentes.

Habitua-te a facear dificuldades e problemas, de ânimo firme, assimilando-lhes o ensino de que se façam portadores.

Não te detenhas no passado, embora o passado deva ser uma lição inesquecível no arquivo da experiência.

Desculpa, sem condições, quaisquer ofensas, sejam quais sejam, para que consigas avançar, estrada afora, livre do mal.

Auxilia ao outros, quanto estiver ao teu alcance, e repete semelhante benefício, tantas vezes quantas isso te for solicitado.

Não te sirvam de estorvo ao trabalho evolutivo as calamidades e provas em que te vejas, já que te reconheces passando pela Terra, a caminho da Vida Maior.

Louva, agradece, abençoa e serve sempre.

E não nos esqueçamos de que as nossas realizações constituem a nossa própria bagagem, onde estivermos, e nem olvidemos que das parcelas de tudo aquilo que doamos ou fazemos na Terra, teremos a justa equação na Vida Espiritual.

*

Livro: O Que é o Espiritismo

Allan Kardec

Segundo Diálogo – O Cético

Impotência dos detratores

V. — Convenho que, entre os detratores do Espiritismo, há muita gente inconsciente, como esses que acabais de citar; mas, ao lado deles, não se encontram também homens de real valor, cujas opiniões têm certo peso?

A. K. — Não o contesto. A isso respondo que o Espiritismo também conta em suas fileiras muitos homens de não menos real valor; digo-vos, mais, que a imensa maioria dos espíritas se compõe de homens inteligentes e de estudos; só a má-fé pode dizer que seus adeptos são recrutados entre as mulheres simples e as massas ignorantes.

Um fato peremptório responde, além disso, a essa objeção; é que, apesar de todo o saber, de todo o poder oficial, ninguém consegue deter o Espiritismo na sua marcha; e, entretanto, não há um só dos seus contrários, seja ele o mais obscuro folhetinista, que se não tenha lisonjeado com a idéia de dar-lhe um golpe mortal; sem querê-lo, todos, sem exceção, concorreram para a sua vulgarização.

Uma idéia que resiste a tantos assaltos, que avança impávida através da chuva de dardos que lhe atiram, não provará a sua força máscula e a segurança das bases em que se firma? Não será esse fenômeno digno da atenção dos pensadores?

Também, já hoje, muitos deles avançam que deve haver nisso alguma coisa de real, que talvez seja um desses grandes movimentos irresistíveis que, de tempos a tempos, abalam as sociedades para transformá-las.

Isto se tem dado sempre com todas as idéias novas, chamadas a revolucionar o mundo; forçosamente elas encontram obstáculos, porque lutam contra os interesses, os prejuízos, os abusos que elas vêm destruir; porém, como estão nos desígnios de Deus, para que se cumpra a lei do progresso da humanidade, chegada a hora, nada as poderá deter; é a prova de serem a expressão da verdade.

Essa impotência dos adversários do Espiritismo prova primeiramente, como já disse, que lhes faltam boas razões; pois que as que lhe opõem, não são convincentes; ela dimana ainda de outra causa, que inutiliza todas as suas combinações. Admiram-se de ver o desenvolvimento dessa doutrina, apesar de tudo o que fazem para a conter, e não podem achar o motivo por não o buscarem onde ele realmente está. Uns crêem encontrá-lo no grande poder do diabo, que assim se apresenta mais forte que eles, e, mesmo, mais forte que Deus; outros, no aumento da alucinação humana.

O erro de todos está em crerem que a fonte do Espiritismo é uma só, e que se baseia na opinião de um só homem; daí a idéia de que poderão arruiná-lo, refutando essa opinião; eles procuram na Terra uma coisa que só achariam no Espaço; essa fonte do Espiritismo não se acha num ponto, mas em toda parte, porque não há lugar em que os Espíritos se não possam manifestar, em todos os países, nos palácios e nas choupanas.

A verdadeira causa está, pois, na própria natureza do Espiritismo cuja força não provém de uma só fonte, mas permite a cada qual receber diretamente comunicações dos Espíritos e por elas certificar-se da veracidade do fato.

Como persuadir a milhões de indivíduos que tudo isso não é mais que comédia, charlatanismo, escamoteação, prestidigitação, quando, sem o concurso de estranhos, são eles próprios que obtêm tais resultados?

É possível fazê-los crer que eles se mistifiquem a si mesmos, que a si mesmos procurem enganar fazendo o papel de charlatães e escamoteadores?

Essa universalidade das manifestações dos Espíritos, que surgem em todos

os pontos do globo para desmentir os detratores e confirmar os princípios da Doutrina, é uma força que não podem explicar aqueles que desconhecem o mundo invisível, assim como os que desconhecem as leis dos fenômenos elétricos não compreendem a rapidez com que se transmite um despacho telegráfico; é de encontro a essa força que todas as negações se vêm quebrar, porque elas se equiparam às asserções de quem pretendesse afirmar, aos que sentem a ação dos raios solares, que o Sol não existe.

Fazendo abstração das qualidades da Doutrina, que agrada muito mais que as que se lhe opõem, vede nisso a causa dos insucessos dos que tentam deter-lhe a marcha; para que triunfassem, era-lhes mister impedir que os Espíritos se manifestassem.

Eis o motivo por que os espíritas ligam tão pouca importância às manobras dos seus adversários; eles têm por si a experiência e o peso dos fatos.

*

Livro: Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas

Allan Kardec

Manifestações físicas

Assim se denominam as manifestações que se limitam a fenômenos materiais, tais como ruídos, movimento e deslocamento de objetos. Elas não comportam, as mais das vezes, nenhuma intenção direta: seu objetivo é chamar nossa atenção para alguma coisa e convencer-nos da presença de uma força superior ao homem.

Para muitas pessoas estas espécies de manifestações são apenas um objeto de curiosidade. Para o observador cuidadoso são, quando menos, a revelação de um poder desconhecido, digno, em todo caso, de um estudo sério.

Os mais simples efeitos desse gênero são as pancadas vibradas sem causa ostensiva conhecida, e o movimento circular de uma mesa ou de um objeto qualquer, com ou sem imposição das mãos. Entretanto podem adquirir proporções muito mais estranhas: as pancadas se dão, eventualmente, por todos os lados e com uma intensidade que degenera em verdadeiro alvoroço; os móveis são movimentados, virados de pernas para o ar, elevados do solo; os objetos transportados de um lugar para o outro à vista de todos; as cortinas puxadas; as cobertas dos leitos arrancadas; as campainhas postas em funcionamento. Compreende-se que, quando se produzem tais fenômenos, certas pessoas lhes tenham atribuído uma origem diabólica.

Um estudo atento deu cabo dessa crença supersticiosa. Voltaremos a ela mais tarde.

Manifestações inteligentes

Se os fenômenos de que acabamos de falar se tivessem limitado a efeitos materiais, não há dúvida que se poderia tê-los atribuído a uma causa puramente física, à ação de algum fluido cujas propriedades nos são ainda desconhecidas.

O mesmo não se pode dizer quando eles oferecem sinais incontestáveis de inteligência. Ora, se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. É fácil distinguir-se em um objeto que se agita o movimento simplesmente mecânico do movimento intencional. Se este objeto, pelo ruído ou pelo movimento, faz um sinal, é evidente que há intervenção de uma inteligência. Como a razão nos diz que o próprio objeto material não é inteligente, concluímos que ele é *movido* por uma causa inteligente estranha. Tal é o caso dos fenômenos de que nos ocupamos.

Se as manifestações puramente físicas, de que acabamos de falar, são de natureza a nos captar o interesse, com maior razão tal se daria quando elas nos revelam a presença de uma inteligência oculta, pois que, então, não é mais simplesmente um corpo inerte que temos diante de nós, porém um ser capaz de nos compreender e com o qual podemos estabelecer uma troca de pensamentos. Concebe-se então que o método de experimentação deve ser completamente diverso do que seria se se tratasse de um fenômeno essencialmente material, e que nossos processos de laboratório são impotentes para explicar fatos que pertencem à ordem intelectual.

Não se pode cogitar aqui de análises nem de cálculos matemáticos de forças. Ora, é precisamente esse o erro em que caiu a maior parte dos cientistas. Julgaram-se em presença de um desses fenômenos que a ciência reproduz à vontade e sobre o qual pode-se operar como sobre um sal ou um gás. Não que isso lhes diminua o saber e a capacidade.

Mencionamos apenas que se enganaram crendo poder colocar os Espíritos em uma retorta, como o espírito (álcool) do vinho. Os fenômenos espíritas, tanto quanto as questões da teologia e da metafísica, não são da alçada das ciências exatas.

Manifestações aparentes

As manifestações aparentes mais comuns ocorrem durante o sono, através dos sonhos: são as visões. Os sonhos nunca foram explicados pela ciência. Ela supõe ter dito tudo atribuindo-os a um efeito da imaginação. Mas não nos diz o que é a imaginação, nem como ela produz essas imagens tão claras e tão nítidas, que nos aparecem às vezes. Isso, parece-nos, é querer explicar uma coisa que não é conhecida por outra que não o é mais. A questão persiste, pois, inteiramente.

O sonho é, diz-se, uma lembrança das preocupações da véspera. Entretanto, mesmo admitindo esta explicação, que não é uma explicação, restaria ainda saber no que consiste esse espelho mágico que conserva assim a impressão das coisas.

Como explicar, sobretudo, essas visões de elementos reais, que nunca vimos no estado de vigília e nos quais nunca pensamos? Só o Espiritismo podia fornecer-nos a chave desse fenômeno extravagante, que passa desapercibido pela causa mesma de sua vulgaridade, como todas as maravilhas da natureza que calamos aos pés.

Não pode entrar em nosso programa examinar todas as particularidades que os sonhos apresentam. Resumimos dizendo que eles podem ser: uma visão atual, de coisas presentes ou ausentes; uma visão retrospectiva do passado; e, em alguns casos excepcionais, um pressentimento do futuro. São também, outras vezes, quadros alegóricos que os Espíritos fazem passar diante de nossos olhos para nos dar advertências úteis e conselhos salutares, se são bons Espíritos, ou para nos induzir ao erro e nos lisonjarem as paixões, se são Espíritos imperfeitos.

As pessoas que vemos em sonho são, pois, verdadeiras visões. Se sonhamos mais freqüentemente com as que preocupam o nosso pensamento, é que este último é um veículo de evocação, e por ele chamamos a nós Espíritos dessas pessoas, quer estejam elas mortas, quer estejam vivas.

Pensamos que seria uma descortesia ao bom senso de nossos leitores refutar tudo quanto há de absurdo e de ridículo no que se denomina vulgarmente interpretação dos sonhos.

As aparições propriamente ditas se dão no estado de vigília e quando estamos desfrutando da plenitude e da inteira liberdade de nossas faculdades. É sem

contradição o gênero de manifestação mais próprio para excitar a curiosidade, mas é também o menos fácil de ser obtido.

Os Espíritos podem manifestar-se ostensivamente de diversas maneiras. Algumas vezes sob a forma de chamas ligeiras ou de clarões mais ou menos brilhantes, que nenhuma analogia têm, quer pelo aspecto, quer pelas circunstâncias em que se produzem, com os fogos fátuos e outros fenômenos físicos, cuja causa está perfeitamente demonstrada.

Outras vezes tomam os traços de uma pessoa conhecida, ou desconhecida, sobre cuja individualidade podemos nos iludir, conforme as idéias de que estivermos imbuídos. Constituem-se então em imagens vaporosas, etéreas, que não encontram obstáculo algum nos corpos sólidos. Os fatos desse gênero são numerosos.

Antes, porém, de atribuí-los à imaginação ou à superstição, é preciso levar em conta as circunstâncias em que se produziram, a posição e, sobretudo, o caráter do narrador.

Em certos casos a aparição se torna tangível, isto é, adquire momentaneamente, sob o império de certas circunstâncias, as propriedades da matéria sólida. Não é mais então pelos olhos que se verifica a realidade delas, mas pelo tato. Se se podia atribuir à ilusão ou a uma espécie de fascinação a aparição simplesmente visual, a dúvida não é permitida quando se pode tocá-la, pegá-la, apalpá-la, quando ela mesma vos pega e vos aperta.

*

Mensagem Mediúnica

009) ANO VELHO e ANO NOVO!

Irmãos: estamos novamente com vocês para participar de mais um dia de trabalho. Digamos, mais uma etapa, pois a nossa reforma íntima adquirida nestes trabalhos e no cotidiano é feita por etapas; pois sempre há uma etapa para vencer, uma após outra e nunca chegamos ao fim. Façam de conta que nestes últimos dias do ano que passa, fossem os nossos últimos momentos na vida. Já pensaram!? Como é terrível ir de repente e deixar nossos entes queridos e percebermos que nada fizemos, ainda, para nossa melhora íntima, para a nossa aproximação a Deus. E, então, já será tarde demais...

Pensem... Mas não deixemos os minutos transcorrerem vazios. Se, neste último momento, ainda sentirem vontade de chegar-se a uma pessoa ou uma situação que os magoam, ou irritam, não percam tempo; o momento é já, pois não haverá outro e deixem desabrochar de dentro de cada um a criança que existe dentro de nós. Pois as crianças são puras, as crianças não fingem. Deixem que morra com o ano velho, o velho ou a velha que existe dentro de cada um e deixem que a criança ressurgja cheia de alegria ou com vontade de chorar. Riam, chorem, aplaudam. Não se envergonhem de serem apenas sinceros; só assim começarão o ano novo de cada um como fazem as criancinhas! Esquecem tudo, perdoam tudo e começam tudo outra vez.

Assim como o sol nasce brilhando após a tempestade, esqueçamos tudo e recomeçamos! Onde foi que erramos, onde foi que falhamos? Não, não importa, esqueçamos tudo e recomeçamos, pois a vida é um eterno recomeço e é feita por etapas. Se não terminarmos nossa obra hoje, certamente terminaremos algum dia, mas não percam tempo. Ano Velho e Ano Novo. Onde termina e onde começa? Se não aproveitamos os ensinamentos da vida como fazem as criancinhas na sua pureza... Então... Não fizemos nada!

O momento é hoje. O momento é agora. Acabe com o Homem Velho ou a Mulher Velha que existe em você e deixe aflorar a pureza da criança que todos temos dentro de nós.

Deus os abençoe.

Aqui, somos Dolores e Elias.

(*Espíritos: Dolores e Elias. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 29/12/1998*).

*

Poesia
OBSESSOR

Cornélio Pires

Nhô Cacique, na Roça do Boi Manso,
Engolia a branquinha assossegado,
Mas dizia que estava obsedado,
Encolhido na rede de balanço.

Um dia, na sessão de Nhô Picanço
Ele falou ao guia incorporado:
-“Ah! meu irmão, tem dó de meu estado!...
Que defunto perturba meu descanso?”

O guia disse:”Deus te fortaleça...
Pega o arado! Serviço na cabeça
Cura esse sofrimento que te abafa!...”

Morto que te persegue, Nhô cacique,
É a cana doce, morta no alambique,
Enterrada na boca de garrafa.”

Livro: Poetas Redivivos –
Psicografia: Francisco Cândido Xavier – Autores diversos

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Allan Kardec

Capítulo II, 3.

A VIDA FUTURA

3. Os judeus tinham idéias muito imprecisas sobre a vida futura. Acreditavam nos anjos, que consideravam como os seres privilegiados da criação, mas não sabiam que os homens, um dia, pudessem tornar-se anjos e participar da felicidade angélica. Segundo pensavam, a observação das leis de Deus era recompensada pelos bens terrenos, pela supremacia de sua nação no mundo, pelas vitórias que obteriam sobre os inimigos. As calamidades públicas e as derrotas eram os castigos da desobediência. Moisés o confirmou, ao dizer essas coisas, ainda mais fortemente, a um povo ignorante, de pastores, que precisava ser tocado antes de tudo pelos interesses deste mundo. Mais tarde, Jesus veio lhes revelar que existe outro mundo, onde a justiça de Deus se realiza. É esse mundo que ele promete aos que observam os mandamentos de Deus. É nele que os bons são recompensados. Esse mundo é o seu reino, no qual se encontra em toda a sua glória, e para o qual voltará ao deixar a Terra.

Jesus, entretanto, conformando o seu ensino ao estado dos homens da época, evitou de lhes dar o esclarecimento completo, que os deslumbraria em vez de iluminar, porque eles não o teriam compreendido. Ele se limitou a colocar, de certo modo, a vida futura como um princípio, uma lei da natureza, à qual ninguém pode escapar. Todo cristão, portanto, crê forçosamente na vida futura, mas a idéia que muitos fazem dela é vaga, incompleta, e por isso mesmo falsa em muitos pontos. Para grande número, é apenas uma crença, sem nenhuma certeza decisiva, e daí as dúvidas, e até mesmo a incredulidade.

O Espiritismo veio completar, nesse ponto, como em muitos outros, o ensinamento do Cristo, quando os homens se mostraram maduros para compreender a verdade. Com o Espiritismo, a vida; futura não é mais simples artigo de fé, ou simples hipótese. É uma realidade material, provada pelos fatos. Porque são as testemunhas oculares que a vêm descrever em todas as suas fases e peripécias, de tal maneira, que não somente a dúvida já não é mais possível, como a inteligência mais vulgar pode fazer uma idéia dos seus mais variados aspectos, da mesma forma que imaginaria um país do qual se lê uma descrição detalhada. Ora, esta descrição da vida futura é de tal maneira circunstanciada, são tão racionais as condições da existência feliz ou infeliz dos que nela se encontram, que acabamos por concordar que não podia ser de outra maneira, e que ela bem representa a verdadeira justiça de Deus.

*

Livro da Esperança Emmanuel Na Construção do Futuro

“Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo...” -JESUS - JOAO, 18: 36.

“Todo cristão, pois, firmemente crê na vida futura, mas a idéia que muitos fazem dela é ainda vaga, incompleta e por isso mesmo, falsa em diversos pontos. Para grande número, de pessoas, não, há, a tal respeito, mais de que uma crença, balda de certeza absoluta, donde as dúvidas e mesma a incredulidade,

O Espiritismo veio completar, nesse ponto, como em vários outros, o ensino do Cristo, fazendo-o, quando os homens já se mostram maduros bastante para apreenderem a verdade. (ESE - Cap. II, 3).”

Esperavas pelos irmãos do caminho a fim de te entregares à construção da Terra melhor e quedas-te, muita vez, em amargoso desalento porque tardem a vir.

Observa, porém, a estrada longa da evolução, para que o entendimento te pacifique.

Milhares deles são corações de pensamento verde que te rogam apoio e outros muitos seguem trilha adiante, inibidos por névoas interiores que desconhecem.

Repara os que se renderam às lágrimas excessivas.

Choraram tanto que turvaram os olhos não mais divisando os companheiros infinitamente mais desditosos a lhes suplicarem auxilio nas vascas da aflição.

Contempla os que passam. vaidosos sem saberem utilizar, construtivamente, os favores da fortuna. Habitaram-se tanto às enganosas vantagens da moeda abundante que perderam o senso íntimo.

Enumera, os; que se embriagam de poder transitório. Abusaram tanto da autoridade que caíram na exaltação da paranóia sem darem conta disso.

Relaciona os que asseveram amar, transformando a afetividade no egoísmo envolvente. Apaixonaram-se tanto por criaturas e cousas, cultivando exigências, que deliram positivamente sem perceber.

Anota os que avançam, hipnotizados pelas dignidades que receberam do mundo. Fascinaram-se tanto pelas honras exteriores que olvidaram os semelhantes a quem lhes compete o dever de servir.

Nenhum deles atrasou por maldade. Foram vítimas da ilusão que, frequentemente, se agiganta qual imenso nevoeiro na periferia da vida, mas regressarão depois à verdade triunfante para atenderem iguais tarefas que realizas.

Para todos eles que ainda não conseguiram chegar à grande renovação é compreensível o adiamento do trabalho a fazer.

Entretanto, nada nos justificaria desânimo ou deserção na Obra do Cristo, porque embora estejamos consideravelmente distantes da sublimação necessária, transportamos conosco o raciocínio lúcido e libertado no sustento da fé.

*

Livro: O Consolador

Emmanuel

Questões 270 a 273

270 – *Apesar de suas expressões tão humanas, Moisés veio ao mundo como missionário divino?*

-Examinando-se os seus atos enérgicos de homem, há a considerar as características da época em que se verificou a grande tarefa do missionário hebreu, legítimo emissário do plano superior, para entregar ao mundo terrestre a grande sublime mensagem da primeira revelação. Com expressões diversas, o grande enviado não poderia dar conta exata de suas preciosas obrigações, em face da Humanidade ignorante e materialista.

271 – *Moises transmitiu ao mundo a lei definitiva?*

-O profeta de Israel deu à Terra as bases da Lei divina e imutável, mas não toda a Lei, integral e definitiva. Aliás, somos obrigados a reconhecer que os homens receberão sempre as revelações divinas de conformidade com a sua posição evolutiva.

Até agora, a Humanidade da era cristã recebeu a grande Revelação em três aspectos essenciais: Moisés trouxe a missão da Justiça; o Evangelho, a revelação insuperável do Amor, e o Espiritismo em sua feição de Cristianismo redivivo, traz, por sua vez, a sublime tarefa da Verdade. No centro das três revelações encontra-se Jesus-Cristo, como o fundamento de toda a luz e de toda a sabedoria. É que, com Amor, a Lei manifestou-se na Terra no seu esplendor máximo; a Justiça e a Verdade nada mais são que os instrumentos divinos de sua exteriorização, com aquele Cordeiro de Deus, alma da redenção de toda a Humanidade. A justiça, portanto, lhe aplainou os caminhos, e a Verdade, conseqüentemente, esclarece os seus divinos ensinamentos.

Eis por que, com o Espiritismo simbolizando a Terceira Revelação da Lei, o homem terreno se prepara, aguardando as sublimadas realizações do seu futuro espiritual, nos milênios porvindouros.

272 – *Qual a significação da lei de talião “olho por olho, dente por dente”, em face da necessidade da redenção de todos os espíritos pelas reencarnações sucessivas?*

-A lei de talião prevalece para todos os espíritos que não edificaram ainda o santuário do amor nos corações, e que representam a quase totalidade dos seres humanos. Presos, ainda, aos milênios do pretérito, não cogitaram de aceitar e aplicar o Evangelho a si próprios, permanecendo encarcerados em círculos viciosos de dolorosas reencarnações expiatórias e purificadoras.

Moisés proclamou a Lei antiga; muitos séculos antes do Senhor. Como já dito, o profeta hebraico apresentava a Revelação com a face divina da Justiça; mas, com Jesus, o homem do mundo recebeu o código perfeito do Amor. Se Moisés ensinava o “olho por olho, dente por dente”, Jesus-Cristo esclarecia que o “amor cobre a multidão dos pecados”.

Daí a verdade de que as criaturas humanas se redimirão pelo amor e se elevarão a Deus por ele, anulando com o bem; todas as forças que lhes possam encarcerar o coração nos sofrimentos do mundo.

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

O Livro dos Espíritos

Allan Kardec

Questão 358 a 360

358. O aborto provocado é um crime, qualquer que seja a época da concepção?

– Há sempre crime, quando se transgride a lei de Deus. A mãe, ou qualquer pessoa, cometerá sempre um crime ao tirar a vida à criança antes do seu nascimento, porque isso é impedir a alma de passar pelas provas de que o corpo devia ser o instrumento.

359. No caso em que a vida da mãe estivesse em perigo pelo nascimento da criança, haveria crime em sacrificar a criança para salvar a mãe?

– É preferível sacrificar o ser que não existe a sacrificar o que existe.

360. É racional ter pelos fetos o mesmo respeito que se tem pelo corpo de uma criança que tivesse vivido?

– Em tudo isto vede a vontade de Deus e a sua obra, e não trateis levianamente as coisas que deveis respeitar. Por que não respeitar as obras da Criação, que às vezes são incompletas pela vontade do Criador? Isso pertence aos seus desígnios, que ninguém é chamado a julgar.

*

Livro: Religião dos Espíritos

Emmanuel

Aborto delituoso

Reunião pública de 9/1/59

Questão nº 358

Comovemo-nos, habitualmente, diante das grandes tragédias que agitam a opinião.

Homicídios que convulsionam a imprensa e mobilizam largas equipes policiais.

Furtos espetaculares que inspiram vastas medidas de vigilância.

Assassínios, conflitos, ludíbrios e assaltos de todo jaez criam a guerra de nervos, em toda parte; e, para coibir semelhantes fecundações de ignorância e deliquência, erguem-se cárceres e fundem-se algemas, organiza-se o trabalho forçado e em algumas nações a própria lapidação de infelizes é praticada na rua, sem qualquer laivo de compaixão.

Todavia, um crime existe mais doloroso, pela volúpia de crueldade com que é praticado, no silêncio do santuário doméstico ou no regaço da Natureza.

Crime estarrecedor, porque a vítima não tem voz para suplicar piedade e nem braços robustos com que se confie aos movimentos da reação.

Referimo-nos ao aborto delituoso, em que pais inconscientes determinam a morte dos próprios filhos, asfixiando-lhes a existência, antes que possam sorrir

para a bênção da luz.

Homens da Terra, e sobretudo vós, corações maternos chamados à exaltação do amor e da vida, abstenede-vos de semelhante ação que vos desequilibra a alma e entenebrece o caminho!

Fugi do satânico propósito de sufocar os rebentos do próprio seio, porque os anjos tenros que rechaçais são mensageiros da Providência, assomantes no lar em vosso próprio socorro, e, se não há legislação humana que vos assinale a torpitude do infanticídio, nos recintos familiares ou na sombra da noite, os olhos divinos de Nosso Pai vos contemplam do Céu, chamando-vos, em silêncio, às provas do reajuste, a fim de que se vos expurgue da consciência a falta indesculpável que perpetrastes.

*

Livro: O Consolador

Emmanuel

Questões 126 a 130

126 – *As vibrações relativas ao bem e ao mal, emitidas pela alma encarnada no seu aprendizado terrestre, persistem no Espaço para exame e ponderação do futuro?*

-Haveis de convir convosco que existem fenômenos físicos, transcendentais em demasia, para que possamos examiná-los, devidamente, na pauta exígua dos vossos conhecimentos atuais.

Todavia, em se tratando de vibrações emitidas pelo Espírito encarnado, somos compelidos a reconhecer que essas vibrações ficam perenemente gravadas na memória de cada um; e a memória é uma chapa fotográfica, onde as imagens jamais se confundem. Bastará a manifestação da lembrança, para serem levadas a efeito todas as ponderações, mais tarde, no capítulo das expressões do mal e do bem.

127 – *O preceito do “corpo são, mentalidade sadia”, poderá ser observado tão somente pelo hábito dos esportes e labores atléticos?*

-No que se refere ao; “corpo são”, o atletismo tem papel importante e seria de ação das mais edificantes nos problemas da saúde física, se o homem na sua vaidade e egoísmo não houvesse viciado, também, a fonte da ginástica e do esporte, transformando-a em tablado de entronização da violência, do abastardamento moral da mocidade, iludida com a força bruta e enganada pelos imperativos da chamada eugenia ou pelas competições estranhas dos grupos sectários, desviando de suas nobres finalidades um dos grandes movimentos coletivos em favor da confraternização e da saúde.

Bastará essa observação para compreendermos que a “mentalidade sadia” somente constituirá uma realidade quando houver um perfeito equilíbrio entre os movimentos do mundo e as conquistas interiores da alma.

128 – *A vida do irracional está revestida igualmente das características missionárias?*

-A vida do animal não é propriamente missão, apresentando, porém, uma finalidade superior que constitui a do seu aperfeiçoamento próprio, através das experiências benfeitoras do trabalho e da aquisição, em longos e pacientes esforços, dos princípios sagrados da inteligência.

129 – *É um erro alimentar-se o homem com a carne dos irracionais?*

-A ingestão das vísceras dos animais é um erro de enormes conseqüências, do qual derivaram numerosos vícios da nutrição humana. É de lastimar semelhante situação, mesmo porque, se o estado de materialidade da criatura exige a coope-

ração de determinadas vitaminas, esses valores nutritivos podem ser encontrados nos produtos de origem vegetal, sem a necessidade absoluta dos matadouros e frigoríficos.

Temos de considerar, porém, a máquina econômica do interesse e da harmonia coletiva, na qual tantos operários fabricam o seu pão cotidiano. Suas peças não podem ser destruídas de um dia para o outro, sem perigos graves. Consolemos com a visão do porvir, sendo justo trabalharmos, dedicadamente, pelo advento dos tempos novos em que os homens terrestres poderão dispensar da alimentação os despojos sangrentos de seus irmãos inferiores.

130 – *Operários do aprendizado terrestre, como devemos encarar o texto sagrado do “lembra-te do dia de sábado para santificá-lo”, quando as obrigações de serviço proporcionam para isso os domingos?*

O descanso dominical deve ser sagrado pelo homem, não por se tratar de um domingo, mas em virtude da necessidade de se estabelecer uma pausa semanal aos movimentos da vida física, para o recolhimento espiritual da alma em si mesma, no caminho das atividades terrestres.

O repouso dominical substitui perfeitamente o sábado antigo, salientando-se que a rigidez da sua observância foi instituída pelos legisladores hebreus, em virtude da ambição e da prepotência dos senhores de escravos, numerosos na época, e que, somente desse modo, atendiam à medida de humanidade, concedendo uma trégua ao esforço exaustivo que costumava aniquilar a existência de servos fracos e indefesos.

O descanso semanal deve ser sempre consagrado pelo homem às expressões de espiritualidade da sua vida, sem se dar, porém, a qualquer excesso no domínio da letra, nesse particular, porque, após a palavra de Moisés, devemos ouvir a lição do Senhor, esclarecendo que “o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA

O Livro dos Médiuns

Allan Kardec

Questão 3

Existem Espíritos?

3. Tudo isto não passa de uma teoria mais racional do que a outra. Mas já não é bastante ser uma teoria que a razão e a ciência não contradizem? Além disso, ela é corroborada pelos fatos e tem a sanção da lógica e da experiência. Encontramos os fatos nos fenômenos de manifestações espíritas, que nos dão a prova positiva da existência e da sobrevivência da alma. Há muita gente, porém, que nega a possibilidade dessas comunicações com os Espíritos. São pessoas que acreditam na existência da alma, e conseqüentemente na dos Espíritos, mas sustentam a teoria de que os seres imateriais não podem agir sobre a matéria. Trata-se de uma dúvida originada pela ignorância da verdadeira natureza dos Espíritos, da qual geralmente se faz uma idéia falsa, considerando-os seres abstratos, vagos e indefinidos, que não é verdade.

Consideremos o Espírito, antes de tudo, na sua união com o corpo. O Espírito é o elemento principal dessa união, pois é o *ser pensante e que sobrevive à morte*. O corpo não é mais que um acessório do Espírito, um invólucro, uma roupa que ele abandona depois de usar. Além desse envoltório material o Espírito possui outro, semi-material, que o liga ao primeiro. Na morte, o Espírito abandona o corpo, mas não o segundo envoltório, a que chamamos de *perispírito*. Este en-

voltório semi-material que tem a mesma forma humana do corpo, é uma espécie de corpo fluídico, vaporoso, invisível para nós no seu estado normal, mas possuindo ainda algumas propriedades da matéria. (O apóstolo Paulo, como podemos ver na 1ª. Epístola aos Coríntios, chama o perispírito de *corpo espiritual*, que é o corpo da ressurreição. As investigações científicas da Metapsíquica e da Parapsicologia tiveram também de enfrentar, malgrado o materialismo dos pesquisadores, a existência desse corpo semi-material. (N. do T.)

Não podemos, pois, considerar o Espírito como uma simples abstração, mas como um ser limitado e circunscrito, a que só falta ser visível e palpável para assemelhar-se às criaturas humanas. Por que não poderia ele agir sobre a matéria? Pelo fato de ser fluídico o seu corpo? Mas não é entre os fluidos mais rarefeitos, como a eletricidade, por exemplo, e os que se consideram mais imponderáveis, que encontramos as mais poderosas forças motoras? A luz imponderável não exerce ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos ainda a natureza íntima do perispírito, mas o podemos supor constituído de substância elétrica, ou de outra espécie de matéria tão sutil como essa. Por que, separado, não poderia agir da mesma maneira, dirigido pela vontade? (Além das ações químico-físicas dos elementos imponderáveis, a Parapsicologia moderna provou, em experiências de laboratório, a ação da mente sobre a matéria. O prof. Joseph Banks Rhine, da Duke University, Estados Unidos, chegou à conclusão de que a mente não é física, mas age por *via-extrafísica*, sobre o mundo material. Os parapsicólogos soviéticos, materialistas, comprovaram a ação mental sobre a matéria, afirmando que o córtex cerebral deve possuir uma energia material ainda não conhecida pelas ciências. (N. do T.)

*

Livro: Seara dos Médiuns
Emmanuel
Ensino Espírita

Reunião pública de 11/1/60
Questão nº 3

Se abraçaste na Doutrina Espírita o roteiro da própria renovação, em toda parte és naturalmente chamado a fixar-lhe os ensinamentos.

Administrador, não te limitarás ao controle de patrimônios físicos, porque saberás aplicá-los no bem de todos.

Legislador, não te guardarás na galeria dos privilégios, porque humanizarás os estatutos do povo.

Juiz, não te enquistarás na autoridade de convenção, porque serás em ti mesmo a garantia do Direito correto.

Médico, não estarás circunscrito ao órgão enfermo, porque auscultarás, igualmente, a alma que sofre.

Professor, não terás nos discípulos meros associados no estudo dos números e das letras, mas verdadeiros filhos do coração.

Negociante, não farás do comércio a feira dos interesses inferiores, mas a escola da fraternidade e do auxílio.

Operário, não furtarás o tempo, no exercício da rebeldia, mas vigiarás, satisfeito, o desempenho das próprias obrigações.

Lavrador, não serás sanguessuga insaciável da terra, mas recolher-lhe-ás os produtos, ajudando-a, nobremente, a reverdecer e florir.

Seja qual for a profissão em que te situes, vives convidado a enobrecê-la com o selo de tua fé, moldada nos valores humanos, porquanto, na responsabilidade espírita, toda ação no bem precisa ultrapassar o dever para que o ato de servir se converta em amor.

Hoje e agora, onde estivermos, segundo os nossos princípios, somos constantemente induzidos a lecionar disciplinas de entendimento e conduta.

Aqui é a solidariedade, ali é a fidelidade aos compromissos, adiante é a compreensão, mais além, é a renúncia.

Aqui é o devotamento ao trabalho, ali é a paciência, adiante é o perdão incondicional, mais além é o espírito de sacrifício.

Doutrina Espírita, na essência, é universidade de redenção.

E cada um de seus profíctentes ou alunos, por força da obrigação no burilamento interior, é obrigado a educar-se para educar.

É por isso que, se lhe esposaste as tarefas, seja esse ou aquele o setor de tuas atividades, estarás, cada dia, ensinando o caminho da elevação, na cadeira do exemplo.

*

Revista Espírita

Janeiro de 1858

Allan Kardec

Respostas dos Espíritos a algumas perguntas sobre as manifestações

P. Como os Espíritos podem agir sobre a matéria? Isso parece contrário a todas as idéias que fazemos da natureza dos Espíritos.

R. "Segundo vós, o Espírito não é nada, é um erro; já o dissemos, o Espírito é alguma coisa, e é por isso que ele pode agir por si mesmo; mas vosso mundo é muito grosseiro para que possa fazê-lo sem intermediário, quer dizer, sem o laço que une o Espírito à matéria."

Observações. O laço que une o Espírito à matéria, não sendo, ele mesmo, senão imaterial, pelo menos impalpável, essa resposta não resolveria a questão, se não tivéssemos exemplo de forças igualmente inapreciáveis agindo sobre a matéria: é assim que o pensamento é a causa primeira de todos os nossos movimentos voluntários; que a eletricidade tomba, eleva e transporta massas inertes. Do fato de que se conheça o motor, seria ilógico concluir que ele não existe. O Espírito pode, pois, ter alavancas que nos são desconhecidas; a Natureza nos prova, todos os dias, que sua força não se detém no testemunho dos sentidos. Nos fenômenos espíritas, a causa imediata é, sem contradição, um agente físico; mas, a causa primeira é uma inteligência que age sobre esse agente, como nosso pensamento age sobre os nossos membros. Quando queremos bater, é nosso braço que age, não é o pensamento que bate: ele dirige o braço.

P. Entre os Espíritos que produzem efeitos materiais, os que se chamam de *batedores* formam uma categoria especial, ou são os mesmos que produzem os movimentos e os ruídos?

R. "O mesmo Espírito pode, certamente, produzir efeitos muito diferentes, mas há os que se ocupam, mais particularmente, de certas coisas, como, entre vós, tendes os ferreiros e os que fazem trabalhos pesados."

P. O Espírito que age sobre os corpos sólidos, seja para movê-los, seja para bater, está na própria substância do corpo, ou fora dessa substância?

R. "Um e outro; dissemos que a matéria não é um obstáculo para os Espíritos; eles penetram tudo."

P. As manifestações materiais, tais como os ruídos, o movimento dos objetos e todos esses fenômenos que, freqüentemente, se compraz provocar, são produzidos, indistintamente, por Espíritos superiores e por Espíritos inferiores?

R. "Não são senão Espíritos inferiores que se ocupam dessas coisas. Os Espíritos superiores, algumas vezes, deles se servem como tu farias com um carregador, a fim de levar a escutá-los.

Podes crer que os Espíritos, de uma ordem superior, estejam às vossas ordens para vos divertir com pasquinagens? É como se perguntásseis se, em todo mundo, os homens sábios e sérios são os malabaristas e os bufões."

Nota. Os Espíritos que se revelam por efeitos materiais são, em geral, de ordem inferior. Eles divertem ou assustam aqueles para quem o espetáculo dos olhos tem mais atrativos do que o exercício da inteligência; são, de alguma sorte, os saltimbancos do mundo espírita. Agem, algumas vezes, espontaneamente; outras vezes, por ordem de Espíritos superiores.

Se as comunicações dos Espíritos superiores oferecem um interesse mais sério, as manifestações físicas têm, igualmente, sua utilidade para o observador; elas nos revelam forças desconhecidas na Natureza, e nos dão o meio de estudar o caráter, e, se podemos assim nos exprimir, os costumes de todas as classes da população espírita.

P. Como provar que a força oculta, que age nas manifestações espíritas, está fora do homem? Não se poderia pensar que ela reside nele mesmo, quer dizer, que age sob o impulso do seu próprio Espírito?

R. "Quando uma coisa ocorre contra a tua vontade e teu desejo, é certo que não fostes tu quem a produziu; mas, freqüentemente, és a alavanca da qual o Espírito se serve para agir, e tua vontade lhe vem em ajuda: podes ser um instrumento mais ou menos cômodo para ele."

Nota. É, sobretudo, nas comunicações inteligentes que a intervenção de uma força estranha se torna patente. Quando essas comunicações são espontâneas e fora do nosso pensamento e do nosso controle, quando respondem a perguntas cuja solução é desconhecida dos assistentes, é preciso procurar-lhe a causa fora de nós. Isso se torna evidente para quem observe os fatos com atenção e perseverança; as nuances de detalhes escapam ao observador superficial.

P. Todos os Espíritos estão aptos para dar manifestações inteligentes?

R. "Sim, uma vez que todos os Espíritos são inteligências; mas, como os há de todas as categorias, tal como entre vós, uns dizem coisas insignificantes ou estúpidas, os outros coisas sensatas."

P. Todos os Espíritos estão aptos a compreender as questões que se lhes colocarem?

R. "Não; os Espíritos inferiores são incapazes de compreender certas questões, o que não lhes impede de responderem bem ou mal; é ainda como entre vós."

Nota. Vê-se, por aí, o quanto é essencial colocar-se em guarda contra a crença no saber indefinido dos Espíritos. Ocorre, com eles, como com os homens; não basta interrogar ao primeiro que se encontra para ter uma resposta sensata, é preciso saber a quem se dirige.

Quem quer conhecer os costumes de um povo, deve estudá-lo desde o baixo até o ápice da escala; não ver senão uma classe, é fazer dele uma idéia falsa, se se julga o todo pela parte.

O povo dos Espíritos é como os nossos, há de tudo, do bom, do mau, do sublime, do trivial, do saber e da ignorância. Quem não o observou, como filósofo, em todos os graus não pode se gabar de conhecê-lo. As manifestações físicas nos fazem conhecer os Espíritos de baixo estágio; é a rua e a cabana. As comunicações instrutivas e sábias nos colocam em relação com os Espíritos elevados; é a elite da sociedade: o castelo, o instituto.

**Livro: O Consolador
Emmanuel**

Química: Questões 8 a 12

8 – *Qual a diferença observada pelos Espíritos entre a química biológica e a industrial:*

-Na primeira preponderam os ascendentes espirituais, em todas as organizações; ao passo que na segunda todos os fatores podem ser de atuação propriamente material.

Nisso reside a grande diferença. É que, na intimidade da célula orgânica, o fenômeno da vida submete-se a um agente divino, em sua natureza profunda, e, nos compostos industriais, as combinações químicas podem obedecer a um agente humano.

9 – *A radioatividade opera a destruição ou a evolução da matéria?*

-Através da radioatividade, verifica-se a evolução da matéria. É nesse contínuo desgaste que se observam os processos de transformação das individualizações químicas, convertidas em energia, movimento, eletricidade, luz, na ascensão para novas modalidades evolutivas, em obediência às leis que regem o Universo.

10 – *Onde a fonte de energia para a matéria, de vez que a radioatividade opera incessantemente, trabalhando as suas forças?*

-O Sol é essa fonte vital para todos os núcleos da vida planetária. Todos os seres, como todos os centros em que se processam as forças embrionárias da vida, recebem a renovação constante de suas energias através da chuva incessante dos átomos, que a sede do sistema envia à sua família de mundos, equilibrados na sua atração, dentro do Infinito.

11 – *Como deveremos compreender a assertiva dos químicos “nada se cria, nada se perde”?*

-Em verdade, o espírito humano não cria a vida, atributo de Deus, fonte da criação infinita e incessante; contudo, se o homem não pode criar o fluido da vida, nada se perde da obra de Deus em torno dele, porque todas as substâncias se transformam na evolução para mais alto.

12 – *Em face da exatidão com que se efetuam as combinações naturais da química orgânica, como entender as diversas expressões da natureza em seus primórdios?*

-As expressões diversas da Natureza terrestre, em suas primitivas agregações moleculares, obedeceram ao pensamento divino dos prepostos de Jesus, quando nas manifestações iniciais da vida sobre a crosta do orbe.

Remontando a essas origens profundas, podeis observar, então, o esforço dos Espíritos sábios do plano invisível, na manipulação dos valores da química biológica nos primórdios da vida planetária, estabelecendo a caracterização definitiva dos processos da Natureza na fixação das espécies, prevendo todo mecanismo da evolução no futuro, e entregando o seu trabalho às leis da seleção natural que, sob a égide de Jesus, prosseguiram no aperfeiçoamento da obra terrestre através do tempo.

*

Livro: Obsessão. O Passe. A Doutrinação

J. Herculano Pires

II - As dimensões da vida.

O avanço atual da pesquisa científica no mundo, com a descoberta da animatéria, do corpo-bioplásmico dos seres vivos (perispírito, segundo o Espiritismo), dos fenômenos paranormais e da sobrevivência humana após a morte física,

bem como das comunicações mentais entre vivos e mortos (fenômenos thêta da Parapsicologia) confirmou a descoberta espírita das várias dimensões da vida. Essas dimensões correspondem a diversas densidades da matéria, que permitem a existência dos mundos interpenetrados da teoria espírita.

A descoberta de que o pensamento e a mente não são físicos, mas extrafísicos (segundo a definição do Prof. Rhine) e semi-materiais, segundo o Espiritismo, demonstrou a realidade dos diferentes planos de vida, habitados por seres humanos em diferentes graus de evolução. A reencarnação e as comunicações mediúnicas tornaram-se necessárias nesse contexto dinâmico em que não há lugar para o nada. A transcendência humana se realiza nos planos sucessivos, que vão desde o plano da matéria densa da Terra até os planos de matéria rarefeita que escapam aos nossos sentidos materiais. Não há mais lugar para a concepção materialista absoluta na cultura científica e filosófica do nosso tempo.

III - Freud e Kardec.

Muitos psicólogos e psiquiatras acusam o Espiritismo de invadir os seus domínios científicos nos casos de perturbações mentais e psíquicas. Desconhecendo a Doutrina Espírita e sua história, não sabem que se deu exatamente o contrário. Afirmam que a Obsessão é uma perturbação decorrente de desequilíbrios endógenos, ou seja, das próprias estruturas psico-mentais do paciente em relação com os fatores ambientais. Atribuem quase tudo à constituição do paciente, a disfunções orgânicas e particularmente cerebrais ou afetivas. O inconsciente é geralmente a sede de todos os distúrbios psíquicos. Entendem que os espíritas confundem os fantasmas imaginários gerados por manifestações patológicas do paciente com fantasmas reais das mais antigas superstições mágicas e religiosas da Humanidade.

Acham que o Espiritismo representa um processo de volta ao mundo da superstição. Freud tinha apenas um ano de idade quando Kardec levantou o problema do inconsciente em termos científicos, nas suas pesquisas dos fenômenos espíritas, hoje chamados cientificamente de paranormais. Kardec foi mais fundo do que Freud no assunto, atingindo o problema dos arquétipos individuais e coletivos, que somente Adler e Jung iriam pesquisar mais tarde.

Na pesquisa do problema do animismo nas manifestações mediúnicas e das infiltrações anímicas em manifestações reais, Kardec acentuou devidamente a importância das manifestações do inconsciente no comportamento individual e coletivo. Freud encarou a questão dos sonhos nos limites da sua doutrina.

Kardec, durante nada menos de doze anos, já havia realizado intensivas pesquisas de psicologia experimental (pioneirismo absoluto nesse campo) na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Hoje, as pesquisas parapsicológicas, realizadas nos maiores centros universitários de todo o mundo, comprovam inteiramente o acerto de Kardec.

Damos essas informações históricas unicamente para que as vítimas de obsessões e os familiares por elas responsáveis não se deixem levar por enganos factuais em caso difíceis de obsessão. A Ciência Espírita não se opõe às Ciências Materiais em nenhum campo, tentando apenas ajudá-las com a necessária complementação das suas pesquisas e conquistas próprias. É fácil verificar a verdade destas informações na simples consulta às obras de Kardec, incluindo-se os relatos sobre obsessões e desobsessões em seus trabalhos publicados na coleção da Revista Espírita, hoje inteiramente traduzida e publicada em nossa língua.

V – FILOSOFIA GERAL E ESPÍRITA

Livro: Introdução À Filosofia Espírita

J. Herculano Pires

O Que é Filosofia? O Que é Espiritismo?

II — FILOSOFIA E ESPIRITISMO

1. O que é Filosofia?

É comum ouvir-se de pessoas que não aceitam o Espiritismo a afirmação de que a Filosofia Espírita não existe. Conhecido professor brasileiro de Filosofia chegou a declarar numa entrevista à imprensa brasileira que "O Livro dos Espíritos" nada tem de filosófico. A mesma coisa acontece com o Marxismo. Papini esforçou-se, em toda a sua vida, para provar que Marx era um economista, e portanto, não devia ser confundido com um filósofo. Como se um economista não pudesse e até mesmo não precisasse de filosofar. Sartre, pelo contrário, considera o Marxismo como a única Filosofia do nosso tempo. As opiniões são contraditórias, mas isso não nos deve impressionar, pois opiniões não passam de palpites, de pontos de vista individuais, sujeitos às idiosincrasias de cada um. E Pitágoras, o criador do termo Filosofia, já afirmava que a Terra é a morada da opinião. Mais tarde, Descartes advertiu que o preconceito e a precipitação, dois vícios comuns da espécie humana, prejudicam o juízo e impedem a descoberta da verdade.

Um filósofo, um professor de filosofia, um pensador honesto e até mesmo uma simples criatura de bom-senso não podem negar a existência da Filosofia Espírita, a menos que não saibam o que essa palavra significa. Muito menos negar a natureza filosófica de "O Livro dos Espíritos", que é um verdadeiro tratado de Filosofia. Veja-se, por exemplo, como Yvonne Castellan, que não é espírita, encara esse livro em seu estudo sobre o Espiritismo. Consulte-se o "Dicionário Técnico e Científico de Filosofia", de Lalande. E leia-se o admirável ensaio de Gonzales Soriano, desafiadoramente intitulado "El Espiritismo es la Filosofia".

São muitas as definições de Filosofia, mas a que subsiste como essencial é ainda a de Pitágoras: "Amor da Sabedoria". Dai a exatidão daquele axioma: "A Filosofia é o pensamento debruçado sobre si mesmo". Eis a descrição perfeita de um ato de amor: a mãe se debruça sobre o filho porque o ama e deseja conhecê-lo. A sabedoria é filha do pensamento, que a embala em seus braços, alimentando-a e fazendo-a crescer. Assim, o objeto da Filosofia é ela mesma, não está fora, no exterior, mas dentro dela. Podemos defini-lo como a relação entre o pensamento e a realidade. Essa a razão de Gonzales Soriano afirmar que o Espiritismo é a Filosofia. Razão, aliás, que ele demonstra filosoficamente em seu livro. O Espiritismo é, segundo sua definição, "a síntese essencial dos conhecimentos humanos aplicada à investigação da verdade." É o pensamento debruçado sobre si mesmo para reajustar-se à realidade.

2. — O que é Espiritismo?

Respondida a pergunta sobre Filosofia devemos tratar ligeiramente da natureza do Espiritismo. E nada mais necessário do que isso, porque nada mais desconhecido em nosso mundo do que ele. Fala-se muito em Espiritismo, mas quase nada se sabe a seu respeito. Kardec afirma, na introdução de "*O Livro dos Espíritos*," que a força do Espiritismo não está nos fenômenos, como geralmente se pensa, mas na sua "filosofia", o que vale dizer na sua mundividência, na sua concepção da realidade. Mas de onde vem essa concepção? Como foi elaborada?

Os adversários do Espiritismo desconhecem tudo a respeito e fazem tremenda confusão. Os próprios espíritas, por sua vez, na sua esmagadora maioria estão na mesma situação. Por quê? É fácil explicar. Os adversários partem do pre-

conceito e agem por precipitação. Os espíritas em geral fazem o mesmo: formularam uma idéia pessoal da Doutrina, um estereótipo mental a que se apegaram. A maioria, dos dois lados, se esquece desta coisa importante: o Espiritismo é uma doutrina que existe nos livros e precisa ser estudada. Trata-se, pois, não de fazer sessões, provocar fenômenos, procurar médiuns, mas de debruçar o pensamento sobre si mesmo, examinar a concepção espírita do mundo e reajustar a ela a conduta através da moral espírita.

Assim, temos alguns dados: o Espiritismo é uma doutrina sobre o mundo, dá-nos a sua interpretação e nos mostra como nos devemos conduzir nele. Mas como nasceu essa doutrina, em que cabeça apareceu pela primeira vez? Dizem que foi na de Allan Kardec, mas não é verdade. O próprio Kardec nos diz o contrário. Os dados históricos nos revelam o seguinte: o Espiritismo se formou lentamente através da observação e da pesquisa científica dos fenômenos espíritas, hoje parapsicologicamente chamados de fenômenos paranormais. Os estudos científicos começaram seis anos antes de Kardec, nos Estados Unidos, com o famoso caso das irmãs Fox em Hydesville. Quando Kardec iniciou as suas pesquisas na França, em 1854, já havia uma grande bibliografia espírita, com a denominação de neo-espiritualista, nos Estados Unidos e na Europa. Mas foi Kardec quem aprofundou e ordenou essas pesquisas, levando-as às necessárias conseqüências filosóficas, morais e religiosas.

O "*O Livro dos Espíritos*" nos oferece a súpula do trabalho gigantesco de Kardec. Mas se quisermos conhecer esse trabalho em profundidade temos de ler toda a bibliografia kardeciana: os cinco volumes da codificação doutrinária, os volumes subsidiários e mais os doze volumes da *Revista Espírita*, que nos oferecem o registro minucioso das pesquisas realizadas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. E precisamos nos interessar também pelos trabalhos posteriores de Camille Flammarion, de Gabriel Dellane, de Ernesto Bozzano, de Léon Denis (que foi o continuador e o consolidador do trabalho de Kardec).

Veremos, assim, que Kardec partiu da pesquisa científica, originando-se desta a Ciência Espírita; desenvolveu a seguir a interpretação dos resultados da pesquisa, que resultou na Filosofia Espírita; tirou, depois, as conclusões morais da concepção filosófica, que levaram naturalmente à Religião Espírita. É por isso que o Espiritismo se apresenta como doutrina de tríplice aspecto. A Ciência Espírita é o fundamento da Doutrina. Sobre ela se ergue a Filosofia Espírita. E desta resulta naturalmente a Religião Espírita. Muitas pessoas se atrapalham com isso e perguntam: "Como uma doutrina pode ser, ao mesmo tempo, Ciência, Filosofia e Religião?" Mas essa pergunta revela a ignorância do processo gnoseológico. Porque, na verdade, o conhecimento se desenvolveu nessa mesma seqüência e em todas as formas atuais de conhecimento repete-se o processo filogenético.

No Espiritismo, porém, esse processo aparece bem preciso, bem marcado por suas fases sucessivas, entrosadas numa seqüência lógica. Podem alguns críticos alegar que Kardec não partiu da pesquisa, mas da crença. Alguns chegam a afirmar que foi assim, que ele já acreditava nas comunicações espíritas antes de iniciar o seu trabalho de investigação. Mas essa afirmação é falsa, a suposição é gratuita. Basta uma consulta às anotações íntimas de "*Obras Póstumas*" e às biografias do mestre para se ver o contrário. Quando lhe falaram pela primeira vez em mesinhas falantes, Kardec respondeu como o fazem os cétricos de hoje: "Isso é conversa para fazer dormir em pé". Só deixou essa atitude cética depois de constatar a realidade dos fenômenos. Então pesquisou, aprofundou a questão e levou-a às últimas conseqüências, como era, aliás, de seu hábito, do seu feitio de investi-

gador. Charles Richet lhe faz justiça (embora discordando dele) em seu *Tratado de Metapsíquica*.

Encarando a obra de Kardec pelo seu aspecto científico, sem os preconceitos que têm impedido a sua justa avaliação, ela nos parece inatacável. Alega-se que o seu método de pesquisa não era científico, mas foi ele o primeiro a explicar que não se podiam usar na pesquisa psíquica os métodos das ciências físicas. O desenvolvimento da Psicologia provaria mais tarde que Kardec estava com a Razão. Hoje, as pesquisas parapsicológicas o confirmam. No tocante ao aspecto filosófico, o desenvolvimento atual das investigações mostram a posição acertada do Espiritismo como doutrina assistemática, "livre dos prejuízos de espírito de sistema", como declara "*O Livro dos Espíritos*", utilizando a conjugação dos métodos indutivo e dedutivo para o esclarecimento da realidade em seu duplo sentido: o objetivo e o subjetivo. A Filosofia Espírita se apresenta como antecipação das conquistas atuais do campo filosófico e abertura de perspectivas para o futuro.

*

VI – PARAPSIKOLOGIA

Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã.

IX - PSI e a revolução cristã

Rompida com a prova científica da existência das *funções psi* a concepção organocêntrica da vida, a tendência egocentrista do homem sofre a sua última derrota no campo da Filosofia e da Ciência. O orgulho humano, que na sua futilidade fizera do nosso planeta o centro do cosmos e posteriormente da nossa forma animal de vida, o centro do psiquismo, a única possibilidade de manifestações vitais inteligentes, foi abatido no seu último reduto. Psi abre as portas do mundo extrafísico, segundo afirmou Rhine, e completa a revolução da Física Nuclear revelando a outra face do cosmos, até agora apenas vislumbrada pela intuição filosófica, artística e religiosa.

Ao fazer isso psi transfere o problema humano do temporal para o atemporal, para a duração. O conceito estático de eternidade não seria admissível, a menos que aceitássemos a imobilidade aristotélica. Na duração, o dinamismo psíquico se apresenta em sua plenitude, como o revelam as experiências parapsicológicas, superando todas as barreiras conceptuais de espaço e tempo. Temos então, aquele universo pleno de deuses de que falava Tales, não no sentido grecomitológico mas no sentido psi, ou seja, da existência de entidades psíquicas além de todas as nossas possíveis barreiras. É claro que essa consequência lógica de psi não poderá ser cientificamente demonstrada senão no futuro, com o avanço da investigação além das próprias barreiras físicas do método quantitativo. Mas teoricamente ela se impõe desde já, desde o momento em que, como num passe de mágica, dentro das próprias condições rigorosas da investigação de laboratório, as cartas Zener e os dados de Rhine abriram a primeira brecha na concepção física do Universo.

Colocados, assim, diante daquela realidade extrafísica que Carl Du Frei chamava outro lado da vida, verificamos imediatamente algumas consequências para as relações sociais, da mais alta importância filosófica, política e econômica. Na primeira dessas ordens, a filosófica, temos a reafirmação prática do princípio teórico da liberdade. Os experimentos de precognição parecem contrariar esta dedução, revelando uma estrutura determinista do processo existencial. Essa primeira impressão decorre da nossa prisão conceptual, nos limites de tempo e espaço. A precognição, se de um lado revela a existência de um determinismo na seqüência dos eventos, de outro lado demonstra a possibilidade de penetração da mente nes-

se determinismo e conseqüentemente a sua possibilidade de ação sobre ele. A mente não é apenas espectadora passiva dos acontecimentos, mas a modeladora e condutora destes. Esse fato se patenteia particularmente nas experiências de telepatia precognitiva, onde se verifica, como nas observações de Carington, que o pensamento deflagra uma ordem causal ou sincrônica de eventos. É o caso das estruturas psicônicas ou das estruturas mentais, em que o percipiente consegue penetrar descobrindo os elementos não-revelados que constituem todo um plano de experimentação.

O princípio de liberdade, tão limitado no plano existencial, mas que assim mesmo serviu para a definição sartreana da essência do homem como sendo a própria liberdade, reafirma-se e amplia-se nessa outra face do existencial que é a existência extrafísica, em termos de psi. Domínio do espaço e do tempo, ação da mente sobre a matéria e sobre a estrutura determinista dos eventos extrafísicos: são estas as características da liberdade psíquica muito mais ampla e fecunda que a liberdade humana do plano temporal. A mente é livre de penetrar o espaço e o tempo em todos os sentidos — do que podemos ter a nossa experiência comum através do pensamento — e livre para se determinar a si mesma e determinar a cadeia de eventos que lhe convém ou não desencadear. Não temos apenas a reafirmação, mas também a ampliação do princípio de liberdade.

A seguir, na ordem política — que também se abre para as perspectivas místicas da polis celeste — temos a reafirmação e a ampliação do princípio de igualdade. Os homens já não são iguais somente perante a lei, no plano dos direitos convencionais, mas também e sobretudo perante a sua funcionalidade, a sua função na ordem cósmica. A igualdade humana rompe as comportas do convencionalismo, supera os conflitos do organocentrismo — provenientes da extrema variabilidade orgânica no plano étnico — e projeta-se como realidade extrafísica, superando o existencial (que no caso se apresenta simplesmente como o circunstancial) para afirmar-se como essencial. Os homens são essencialmente iguais, como o comprova a observação de suas possibilidades mentais, intelectuais e emocionais (ou estéticas) na própria observação comum. A natureza mesma das funções psi, como manifestações de um psiquismo primitivo comum aos animais e ao homem, revelando apenas graduações evolutivas, demonstra a igualdade psíquica fundamental como potencialidade sujeita às mesmas leis e aos mesmos processos de atualização, de maneira universal. Assim como no plano biológico o recém nascido é potencialmente igual ao adulto, no plano psíquico a igualdade potencial se apresenta válida, e ainda mais, enriquecida pela irredutibilidade e a irreversibilidade do psiquismo. As experiências de psi com retardados mentais demonstrou que a atrofia psíquica é apenas decorrente das deficiências orgânicas do plano físico, podendo os retardados, como os psicopatas em geral, exercer suas funções psi tão bem ou melhor que os indivíduos normais.

No tocante à economia, psi nos arranca da infra-estrutura material como o mineiro que arrancasse minérios das entranhas da terra para convertê-los em utilidades da superestrutura cultural. A economia de psi não é simplesmente econômica, mas ético-econômica. Nesse novo plano da ético-economia nossos conceitos se elevam acima da matéria e da energia, para atingirem, além do que conhecemos comumente por psiquismo, a área de psi propriamente dita. Nessa área temos uma superestrutura de funções psíquicas onde a fraternidade se apresenta como lei. As experiências parapsicológicas revelam a inviabilidade de psi entre pessoas que não se estimam. A simpatia é condição básica para a sintonia mental e psíquica que produz os resultados significativos na experimentação de laboratório. Simpa-

tia, sintonia, harmonia, eis os termos que nos podem abrir as portas da concepção ético-econômica do Universo, reafirmando e ampliando o princípio da fraternidade.

Dessa maneira vemos que psi nos aparece como a seqüência lógica do processo histórico do Cristianismo. A revolução cristã, que minou a estrutura de injustiças do mundo clássico e preparou o advento do mundo contemporâneo através do Renascimento e da Revolução Francesa, renova-se e amplia-se na conquista desta nova concepção do homem e do mundo que a Parapsicologia nos propõe. Não nos esqueçamos de que, segundo Wilhelm Dilthey e Whitehead, o milênio medieval não foi mais do que a preparação do Renascimento, predispondo o homem para a volta à cultura clássica, mas através do enriquecimento conceptual do Cristianismo. Psi prossegue essa revolução ao provar cientificamente a transcendência do homem.

Estamos no fim de outra fase de preparação histórica. O processo dialético se evidencia novamente: à fase teológica do medievalismo (com acentuação metafísica) sucede a fase positiva da era científica. Aquela preparou o advento da razão, esta prepara o advento da intuição. Às formas fragmentárias — porque racionais, analíticas, da percepção e do conhecimento — sucedem-se as formas gestálticas da percepção intuitiva que proporcionam o conhecimento global. Passamos da tese teológico-metafísica à antítese científico-positiva, e desta à síntese psicológica que se inicia com as investigações da Parapsicologia. Aos três estados da lei positivista de Augusto Comte o Prof. Rhine acrescenta o estado psicológico, com a descoberta científica das funções psi, repetindo o gesto de Kardec em abril de 1868, como se pode ver na "Revue Spirite".

*

VII – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

Livro: O Livro dos Médiuns

Allan Kardec

Questões 206 e 207

206. Um meio que dá quase sempre bom resultado é o emprego, como auxiliar momentâneo, de um bom médium escrevente flexível e já formado.

Se ele puser a mão ou os dedos sobre a mão que deve escrever, é raro que ela não se mova imediatamente. Compreende-se o que então se passa: a mão que segura o lápis torna-se uma espécie de apêndice da mão do médium, como o seria a cesta ou a prancheta. Mas isso não impede que esse exercício seja realmente útil quando se pode empregá-lo, pois que, freqüente e regularmente repetido, ajuda a vencer o obstáculo material e provoca o desenvolvimento da faculdade.

Às vezes, também, basta magnetizar com essa intenção o braço e a mão do que deseja escrever. Muitas vezes o magnetizador se limita a pousar sua mão no ombro da pessoa, e temos visto ela escrever prontamente sob essa influência. O mesmo efeito se pode ainda produzir sem nenhum contato e pelo simples efeito da vontade. Compreende-se facilmente que a confiança do magnetizador em seu poder, para produzir esse resultado, deve exercer um grande papel, e que um magnetizador incrédulo exerceria fraca ou nenhuma ação. (Pode-se alegar atualmente que o magnetismo não tem essa força, pois na verdade não passaria de simples efeito da sugestão. Mas o problema da hipnose ainda não está suficientemente esclarecido, como alguns pretendem. É bom lembrar que nas atuais pesquisas de telepatia conseguiu-se hipnotizar pessoas à distância, sem que elas a soubessem. Vejam-se as experiências de Héricourt, Pierre Janet e Gibert. Mais recentemente as "sugestões à distância" de Vassiliev, na Rússia. (N. do T.)

O concurso de um guia experimentado é também muito útil, algumas vezes, para indicar ao iniciante uma série de pequenas precauções que ele costuma

negligenciar, em detrimento da rapidez do seu progresso. É útil, sobretudo, para esclarecê-lo quanto à natureza das primeiras perguntas e a maneira de fazê-las. Seu papel é o de um professor que se dispensa quando a gente se tornou bastante hábil.

207. Outro meio que pode também contribuir poderosamente para o desenvolvimento da faculdade consiste em reunir um certo número de pessoas, todas animadas do mesmo desejo e da mesma intenção. Todas, guardando absoluto silêncio, num recolhimento religioso, simultaneamente experimentam escrever, apelando cada qual ao seu anjo guardião ou a algum Espírito simpático. Uma delas pode também fazer sem designação especial e por todos os membros da reunião, um apelo geral aos Espíritos bons, dizendo, por exemplo: Em nome de Deus todo-poderoso rogamos aos bons Espíritos que se dignem comunicar se pelas pessoas aqui presentes. É raro que entre elas não haja algumas que dêem prontamente sinais de mediunidade ou mesmo escrevam de maneira fluente em pouco tempo.

Fácil compreender o que se passa nessa circunstância. As pessoas unidas por uma mesma intenção formam um todo coletivo, cujo poder e cuja sensibilidade aumentam por uma espécie de influência magnética que auxilia o desenvolvimento da faculdade. Entre os Espíritos atraídos por essa conjugação de vontades há os que encontram em meio aos assistentes o instrumento que lhes convém. Se não for um, será outro e eles o aproveitam. Esse meio deve sobretudo ser empregado pelos grupos espíritas que não dispõem de médiuns, ou que não os têm em número suficiente. (As explicações científicas tendem para o efeito da sugestão. Muitos "experts", como afirma Robert Amadou, "facilmente demonstram que se trata de simples sugestão", e assim por diante. É realmente uma "fácil" descoberta, mas as comunicações posteriormente obtidas demonstram de maneira mais complexa, através de notáveis seqüências de provas, exatamente o contrário dessas hipóteses levianamente levantadas e sustentadas em nome das Ciências. (N. do T.)

*

CURSO PREPARATÓRIO

4ª. AULA

I - INTRODUÇÃO

Livro: Calma (Emmanuel)

FALA EM PAZ

Justo lembrar: a voz humana está carregada de vibrações.

Esforça-te por evitar os gritos intempestivos e inoportunos.

Uma exclamação tonitroante equivale a uma pedrada mental.

Se alguém te dirige a palavra em tom muito alto, faze-lhe o obséquio de responder em tom mais baixo.

Os nervos dos outros são iguais aos teus: desequilibram-se facilmente.

Discussão sem proveito é desperdício de forças.

Não te digas sofrendo esgotamento e fadiga para poder lançar frases tempestuosas e ofensivas; aqueles que se encontram realmente cansados procuram repouso e silêncio.

Se te sentes à beira da irritação, estás doente e o doente exige remédio.

Barulho verbal apenas complica.

Pensa nisso: a tua voz é o teu retrato sonoro.

*

Livro: O Que é o Espiritismo (A. Kardec)

O Maravilhoso e o Sobrenatural

V. — O Espiritismo tende, evidentemente, a fazer reviver as crenças fundadas no maravilhoso e no sobrenatural; ora, no século positivo em que vivemos, isto me parece difícil, porque é exigir que se acredite nas superstições e nos erros populares, já condenados pela razão.

A. K. — Uma idéia só é supersticiosa quando falsa; mas cessa de o ser desde que passe a ser uma verdade reconhecida.

A questão está em saber se os Espíritos se manifestam, ou não; ora, isso não pode ser tachado de superstição, antes de ficar provado que não existem espíritos.

Direis: a minha razão não aceita essas comunicações; porém, os que crêem e que não são nenhuns mentecaptos invocam também as suas razões e, além disso, os fatos; para que lado se deve pender? O grande juiz, nesta questão, é o futuro — como tem sido em todas as questões científicas e industriais classificadas como absurdas e impossíveis em sua origem.

Pretendeis julgar a priori segundo a vossa opinião; nós só o fazemos depois de, por muito tempo, ter visto e observado. Acresce que o Espiritismo esclarecido, como o é hoje, procura, ao contrário, destruir as idéias supersticiosas, mostrando o que há de real ou de falso nas crenças populares, denunciando o que nelas existe de absurdo, fruto da ignorância e dos preconceitos.

Vou mais longe e digo que é precisamente o positivismo do nosso século que faz com que adotemos o Espiritismo, e que este deve, em parte, àquele a rapidez da sua propagação, antes que, como alguns pretendem, a uma recrudescência do amor ao maravilhoso e ao sobrenatural.

O sobrenatural desaparece à luz do facho da Ciência, da Filosofia e da Razão, como os deuses do paganismo ante o brilho do Cristianismo. Sobrenatural é tudo o que está fora das leis da Natureza. O positivismo nada admite que escape à ação dessas leis; mas, porventura, ele as conhece a todas?

Em todos os tempos foram reputados sobrenaturais os fenômenos cuja causa não era conhecida; pois bem: o Espiritismo vem revelar uma nova lei, segundo a qual a conversação com o Espírito de um morto é um fato tão natural, como o que se dá por intermédio da eletricidade, entre dois indivíduos separados por uma distância de cem léguas; o mesmo acontece com os outros fenômenos espíritas.

O Espiritismo repudia, nos limites do que lhe pertence, todo efeito maravilhoso, isto é, fora das leis da Natureza; ele não faz milagres nem prodígios, antes explica, em virtude de uma dessas leis, certos efeitos, demonstrando, assim, a sua possibilidade. Ele amplia, igualmente, o domínio da Ciência, e é nisto que ele próprio se torna uma ciência; como, porém, a descoberta dessa nova lei traz conseqüências morais, o código das conseqüências faz dele, ao mesmo tempo, uma doutrina filosófica.

Deste último ponto de vista, ele corresponde às aspirações do homem, no que se refere ao seu futuro; e como a sua teoria do futuro repousa sobre bases positivas e racionais, ela agrada ao espírito positivo do nosso século.

É o que compreendereis, quando vos derdes ao trabalho de estudá-lo. (O Livro dos Médiuns, cap. 2º, Revue Spirite, dezembro de 1861, pág. 393, e janeiro de 1862, pág. 21.)

*

Livro: Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas

Allan Kardec

Psicografia

A ciência espírita progrediu como todas as outras ou mais rapidamente que as outras, pois alguns anos apenas nos separam das atividades iniciais em que esses meios primitivos e incompletos, denominados trivialmente mesas falantes, eram empregados e já nos podemos comunicar com os Espíritos tão fácil e rapidamente como os homens o fazem entre si, e isto pelos mesmos meios, isto é, a escrita e a palavra.

A escrita tem, sobretudo, a vantagem de acusar mais materialmente a intervenção de um poder invisível e registrar traços que se podem conservar, como fazemos com nossa própria correspondência. O primeiro meio empregado foi o das pranchetas ou das cestas munidas de um lápis. Os próprios Espíritos os sugeriram.

Eis a maneira de proceder.

Dissemos, no começo deste capítulo, que uma pessoa dotada de uma aptidão especial pode imprimir um movimento de rotação a um objeto qualquer. Tomemos, por exemplo, uma cestinha de 15 a 20 centímetros de diâmetro (pouco importa que seja de madeira ou de junco, a substância é indiferente). Se, então, através do fundo dessa cesta se faz passar um lápis fixado solidamente, com a ponta para fora e para baixo, e se se mantém o todo em equilíbrio sobre a ponta do lá-

pis colocado sobre uma folha de papel, colocando-se os dedos sobre a cesta, esta se moverá.

Mas, em vez de girar como um pião, ela passeará o lápis em diversos sentidos sobre o papel, de maneira a formar, quer traços insignificantes, quer caracteres de escrita. Se é evocado um Espírito e quiser comunicar-se, responderá, não mais por sim ou não, mas por palavras e frases completas. Nesta disposição o lápis, chegando à extremidade da linha, não volta sobre si mesmo para começar outra. Continua circularmente, de tal modo que a linha da escrita forma uma espiral e é preciso girar várias vezes o papel para ler o que está grafado. A escrita assim obtida nem sempre é legível, não estando as palavras separadas; mas o médium, por uma espécie de intuição, a decifra facilmente. Por economia pode-se substituir o papel e o lápis por uma ardósia e um lápis apropriado. Designaremos esta cesta sob o nome de *cesta pião (corbeille-toupile)*.

Várias outras disposições foram imaginadas para atingir o mesmo fim. A mais cômoda é a que denominaremos *cesta de bico (corbeille à bec)*, e que consiste em adaptar sobre a cesta uma haste de madeira inclinada, fazendo saliência de 10 a 15 centímetros de lado, na posição do mastro de gurupés (mastro na extremidade da proa do navio) de um navio. Por um orifício praticado na extremidade dessa haste, ou do bico, faz-se passar um lápis bastante comprido para que a ponta repouse sobre o papel. Pondo o médium os dedos sobre a cesta, todo o aparelho se agita e o lápis escreve como no caso descrito anteriormente, com a diferença que a escrita é, em geral, mais legível, as palavras separadas, e as linhas não são mais em espiral, mas se seguem como na escrita comum, pois o lápis se transporta, por si mesmo, de uma linha para outra. Obtêm-se assim dissertações de várias páginas tão rapidamente como se se escrevesse com a mão.

A inteligência que atua se manifesta freqüentemente por outros sinais inequívocos. Chegando ao fim da página o lápis faz espontaneamente um movimento para virá-la. Se deseja reportar-se a uma passagem precedente, na mesma página ou em outra, procura-a, com a ponta do lápis – como uma pessoa faria empregando os olhos –, e depois a sublinha. Se, por fim, o Espírito quer dirigir-se a um dos assistentes, a ponta da haste de madeira aponta em sua direção. Para abreviar ele exprime com facilidade as palavras *sim* e *não*, empregando os sinais de afirmação e de negação que nós fazemos com a cabeça.

De todos os processos empregados é este o que dá à escrita maior gama de variações, de acordo com o Espírito que se manifesta, e, não poucas vezes, em uma caligrafia semelhante à que tinha em vida, sobretudo se deixou a Terra há pouco tempo.

*

Mensagem Mediúnica

010) DISCIPLINA! UNIÃO! FÉ! LUTA! TRABALHO! AMOR!

Meus irmãos:

Onde há disciplina, há ordem!

Onde há união, não existe discórdia!

Onde há fé, há esperança!

Onde há luta, há retorno!

Onde há trabalho, há bem estar físico e sentimental!

Onde existe amor, há sempre compreensão!

E nós precisamos de tudo isso para caminharmos para um futuro de paz, um futuro de união, de amor.

Se não houver disciplina, ordem, luta, esperança, fé, não existirá nada de concreto. E precisamos nos esforçar, como estamos fazendo, para adquirirmos a perfeita harmonia em tudo isso; pois a luz não chega numa lâmpada, por melhor que ela seja, se não houver energia elétrica; a vela não se acende se não houver o fósforo e, para isso, é preciso da cooperação de muitos elementos, de muitos fatos.

Por isso, vos digo que precisamos todos uns dos outros. Numa sincronia perfeita de pensamentos, atitudes e, que, a disciplina esteja sempre entre nós; pois, só assim, também, poderemos espalhar a luz onde ela não existe. Só assim poderemos espalhar amor, a verdade, o carinho, onde não os têm. Por isso, para podermos dar, precisamos adquirir primeiro, com luta, fé, trabalho e disciplina.

Aqui, continuando com vocês: Dolores!

(*Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 29/01/1999*).

*

Poesia

Livro: Poetas Redivivos – Psicografia: Francisco Cândido Xavier – Autores diversos

SUICÍDIO

Cornélio Pires

Suicídio, não pense nisso
Nem mesmo por brincadeira...
Um ato desses resulta
Na dor de uma vida inteira.

Por paixão, Quim afogou-se
Num poço de Guararema.
Renasceu em provação
Atolado no enfisema.

Matou-se com tiro certo
A menina Dilermanda.
Voltou em corpo doente,
Não fala, não vê nem anda.

Pôs fogo nas próprias vestes
Dona Cesária da Estiva...
Está de novo na Terra
Num corpo que é chaga viva.

Suicidou-se à formicida
Maricota da Trindade...
Voltou... Mas morreu de câncer
Aos quatro meses de idade.

Enforcou-se o Columbano
Para mostrar rebeldia...

De volta, trouxe a doença
Chamada paraplegia.

Queimou-se com gasolina
Dona Lília Dagele.
Noutro corpo sofre sarna
Lembrando fogo na pele.

Tolera com paciência
Qualquer problema ou pesar;
Não adianta morrer,
Adianta é se melhorar.

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo. Cap. III, item 2.

DIFERENTES ESTADOS DA ALMA NA ERRATICIDADE

2. A Casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito, oferecendo aos Espíritos desencarnados estações apropriadas ao seu adiantamento.

Independentemente da diversidade dos mundos, essas palavras podem também ser interpretadas pelo estado feliz ou infeliz dos Espíritos na erraticidade. Conforme for ele mais ou menos puro e liberto das atrações materiais, o meio em que estiver, o aspecto das coisas, as sensações que experimentar, as percepções que possuir, tudo isso varia ao infinito. Enquanto uns, por exemplo, não podem afastar-se do meio em que vieram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos. Enquanto certos Espíritos culpados erram nas trevas, os felizes gozam de uma luz resplandecente e do sublime espetáculo do infinito. Enquanto, enfim, o malvado, cheio de remorsos e pesares, freqüentemente só, sem consolações, separado dos objetos da sua afeição, geme sob a opressão dos sofrimentos morais, o justo, junto aos que ama, goza de uma indizível felicidade. Essas também são, portanto, diferentes moradas, embora não localizadas nem circunscritas.

*

Livro: O Livro da Esperança (Emmanuel)

Perante o Mundo

“Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim.” – JESUS - JOAO, 14: “A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas São os Mundos que circulam no espaço infinito e oferecem aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos.”Cap. 111, 2.

Clamas que não encontre a felicidade no mundo, quando o mundo, - bendita universidade do espírito, dilapidada, por inúmeras gerações, te inclui entre aqueles de quem espera cooperação para construir a própria felicidade.

Quando atingiste o diminuto porto do berço, com a fadiga da ave que tomava inerte, depois de haver planado longo tempo, sobre mares enormes, conquanto chorasses, argamassavas com teus vagidos, a alegria e a esperança dos pais que te acolhiam, entusiasmados e jubilosos, para seres em casa o esteio da segurança.

Alcançaste o verde refúgio da meninice embora mostrasses a inconsciência afável da infância, foste para os mestres que te aflagaram na escola a promessa vi-

va de luz e realização que lhes emblemava o porvir. Chegaste ao róseo distrito da juventude e apesar da inexperiência em que se te esfloravam todos os sonhos, os dirigentes de serviço, na profissão que abraçaste, contavam contigo para dignificar o trabalho e clarear os caminhos.

Constituíste o lar próprio e, não obstante tateasses os domínios da responsabilidade, em meio de flores e aspirações, espíritos, afeiçoados e amigos te aguardavam generoso concurso para se corporificarem, na condição de teus filhos, através da reencarnação.

Penetraste os círculos da fé renovadora que te honra os anseios de perfeição espiritual e se bem que externasses imediata necessidade de esclarecimento e socorro, companheiros de ideal saudaram-te a presença, na certeza de teu apoio ao levantamento das iniciativas mais nobres.

Casa que habitas, campo que lavras, plano que arquitetadas e obras que edificas solicitam-te paz e trabalho.

Amigos que te ouvem rogam-te bom ânimo.

Doentes que te buscam suspiram por melhoras.

Criaturas que te rodeiam pedem-te amparo e compreensão para que lhes acrescentes a coragem.

Cousas que te cercam requisitam-te proteção e entendimento para que se lhes aprimore o dom de servir.

Tudo é ansiosa expectativa, ao redor de teus passos.

Não maldigais a Terra que te abençoa.

Afirmas que esperas, em vão, pelo auxílio do mundo... Entretanto é o mundo que espera confiantemente por ti.

*

Livro: O Consolador (Emmanuel)

Questões 274 a 277

274 – *Qual a intenção de Moisés no Deuteronômio, recomendando “que ninguém interrogasse os mortos para saber a verdade?”.*

-Antes de tudo, faz-se preciso considerar que a afirmativa tem sido objeto injusto de largas discussões por parte dos adversários da nova revelação que o Espiritismo trouxe aos homens, na sua feição de Consolador.

As expressões sectárias, todavia, devem considerar que a época de Moisés não comportava as indagações do Invisível, porquanto o comércio com os desencarnados se faria com um material humano excessivamente grosseiro e inferior.

PROFETAS

Emmanuel

275 – *Os cinco livros maiores da Bíblia encerram símbolos especiais para a educação religiosa do homem?*

-Todos os documentos religiosos da Bíblia se identificam entre si, no todo, desde a primeira revelação com Moisés, de modo a despertar no homem as verdadeiras noções do seu dever para com os semelhantes e para com Deus.

276 – *A previsão e a predição, nos livros sagrados, dão a entender que os profetas eram diretamente inspirados pelo Cristo?*

-Nos textos sagrados das fontes divinas do Cristianismo, as previsões e predições se efetuaram sob a ação direta do Senhor, pois só Ele poderia conhecer bastante os corações, as fraquezas e as necessidades dos seus rebeldes tutelados, para sondar com precisão as estradas do futuro, sob a misericórdia e a sabedoria de Deus.

277 – *Os Espíritos elevados, como os profetas antigos, devem ser considerados como anjos ou como Espíritos eleitos?*

-Como missionário do Senhor, junto à esfera de atividade propriamente material, os profetas antigos eram também dos “chamados” à iluminação sementeira.

Para a nossa compreensão, a palavra “anjo”, neste passo, deve designar somente as entidades que já se elevaram ao plano superior; plenamente redimidas, onde são “escolhidos” na tarefa sagrada d’Aquele cujas palavras não passarão. O Eleito, porém, é aquele que se elevou para Deus em linha reta, sem as quedas que nos são comuns, sendo justo afirmar que o orbe terrestre só viu um eleito, que é Jesus-Cristo.

A compreensão do homem, todavia, em se tratando de angelitude, generalizou a definição, estendendo-a a todas as almas virtuosas e boas, nos bastidores da sua literatura, o que justifica, entendendo-se que a palavra “anjo” significa “mensageiro”.

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

O Livro dos Espíritos (A. Kardec)

Questões 711 a 714

III – GOZO DOS BENS DA TERRA

711. O uso dos bens da terra é um direito de todos os homens?

– Esse direito é a consequência da necessidade de viver. Deus não pode impor um dever sem conceder os meios ele ser cumprido.

712. Com que fim Deus fez atrativos os gozos dos bens materiais?

– Para instigar o homem ao cumprimento da sua missão e também para o provar na tentação.

712-a. Qual o objetivo dessa tentação?

– Desenvolver a razão, que deve preservá-lo dos excessos.

Se o homem não fosse instigado ao uso dos bens da terra senão em vista da sua utilidade, sua indiferença poderia ter comprometido a harmonia do Universo. Deus lhe deu o atrativo do prazer que o solicita à realização dos desígnios da Providência.

Mas, por meio desse mesmo atrativo, Deus quis prová-lo também pela tentação que o arrasta ao abuso, do qual a sua razão deve livrá-lo.

713. Os gozos têm limites traçados pela Natureza?

– Sim, para vos mostrar o termo do necessário; mas pelos vossos excessos chegais até o aborrecimento e com isso vos punis a vós mesmos.

714. Que pensar do homem que procura nos excessos de toda espécie um refinamento dos seus gozos?

– Pobre criatura, que devemos lastimar e não invejar, porque está bem próximo da morte!

714-a. É da morte física ou da morte moral que ele se aproxima?

– De uma e de outra.

O homem que procura, nos excessos de toda espécie, um refinamento dos gozos, coloca-se abaixo dos animais, porque estes sabem limitar-se à satisfação de suas necessidades. Ele abdica da razão que Deus lhe deu para guia e quanto maiores forem os seus excessos maior é o império que concede à sua natureza animal sobre a espiritual. As doenças, a decadência, a morte mesmo, que

são a consequência do abuso, são também a punição da transgressão da lei de Deus.

*

Livro: Religião dos Espíritos (Emmanuel)

Tentação e remédio

Reunião pública de 12/1/59

Questão nº 712 de O Livro dos Espíritos

Qual acontece com a árvore, a equilibrar-se sobre as próprias raízes, guardamos o coração na tela do presente, respirando o influxo do passado.

É assim que o problema da tentação, antes que nascido de objetos ou paisagens exteriores, surge fundamentalmente de nós — na trama de sombra em que se nos enovelam os pensamentos.

Acresce, ainda, que essas mesmas ondas de força experimentam a atuação dos amigos desenfaixados da carne que deixamos à distância da esfera física, motivo por que, muitas vezes, os debuxos mentais que nos incomodam levemente, de início, no campo dessa ou daquela idéia infeliz, gradualmente se fazem quadros enormes e inquietantes em que se nos aprisionam os sentimentos, que passam, muita vez, ao domínio da obsessão manifesta.

Todavia, é preciso lembrar que a vida é permanente renovação propelinando-nos a entender que o cultivo da bondade incessante é o recurso eficaz contra o assédio de toda influência perniciosa.

E o trabalho, por essa forma, o antídoto adequado, capaz de anular toda enquistação tóxica do mundo íntimo, impulsionando-nos o espírito a novos tipos de sugestão, nos quais venhamos a assimilar o socorro dos Emissários da Luz, cujos braços de amor nos arrebataam ao nevoeiro dos próprios enganos.

Assim, pois, se aspiras à vitória sobre o visco da treva que nos arrasta para os despenhadeiros da loucura ou do crime, ergue no serviço à felicidade dos semelhantes o altar dos teus interesses de cada dia, porquanto, ainda mesmo o delinqüente confesso, em se decidindo a ser o apoio do bem na Terra, transforma-se, pouco a pouco, em mensageiro do Céu.

*

Livro: O Consolador (Emmanuel)

Questões 131 a 134

EXPERIÊNCIA

131 – *Como adquire experiência o Espírito encarnado?*

A luta e o trabalho são tão imprescindíveis ao aperfeiçoamento do espírito, como o pão material é indispensável à manutenção do corpo físico. É trabalhando e lutando, sofrendo e aprendendo, que a alma adquire as experiências necessárias na sua marcha para a perfeição.

132 – *Há o determinismo e o livre-arbítrio, ao mesmo tempo, na existência humana?*

Determinismo e livre-arbítrio coexistem na vida, entrosando-se na estrada dos destinos, para a elevação e redenção dos homens.

O primeiro é absoluto nas mais baixas camadas evolutivas e o segundo amplia-se com os valores da educação e da experiência. Acresce observar que sobre ambos pairam as determinações divinas, baseadas na lei do amor, sagrada e única, da qual a profecia foi sempre o mais eloqüente testemunho.

Não verificais, atualmente, as realizações previstas pelos emissários do Senhor há dois e quatro milênios, no divino simbolismo das Escrituras?

Estabelecida a verdade de que o homem é livre na pauta de sua educação e de seus méritos, na lei das provas, cumpre-nos reconhecer que o próprio homem, à medida que se torna responsável, organiza o determinismo da sua existência, agravando-o ou amenizando-lhe os rigores, até poder elevar-se definitivamente aos planos superiores do Universo.

133 – *Havendo o determinismo e o livre-arbítrio, ao mesmo tempo, na vida humana, como compreender a palavra dos guias espirituais quando afirmam não lhes ser possível influenciar a nossa liberdade?*

Não devemos esquecer que falamos de expressão corpórea, em se tratando do determinismo natural, que prepondera sobre os destinos humanos.

A subordinação da criatura, em suas expressões do mundo físico, é lógica e natural nas leis das compensações, dentro das provas necessárias, mas, no íntimo, zona de pura influência espiritual, o homem é livre na escolha do seu futuro caminho. Seus amigos do invisível localizam aí o santuário da sua independência sagrada.

Em todas as situações, o homem educado pode reconhecer onde falam as circunstâncias da vontade de Deus, em seu benefício, e onde falam as que se formam pela força da sua vaidade pessoal ou do seu egoísmo. Com ele, portanto, estará sempre o mérito da escolha, nesse particular.

134 – *Como pode o homem agravar ou amenizar o determinismo de sua vida?*

-A determinação divina da sagrada lei universal é sempre a do bem e da felicidade, para todas as criaturas.

No lar humano, não vê um pai amoroso e ativo, com um largo programa de trabalhos pela ventura dos filhos? E cada filho, cessado o esforço da educação na infância, na preparação para a vida, não deveria ser um colaborador fiel da generosa providência paterna pelo bem de toda a comunidade familiar?

Entretanto, a maioria dos pais humanos deixa a Terra sem ser compreendida, apesar de todo o esforço despendido na educação dos filhos.

Nessa imagem muito frágil, em comparação com a paternidade divina, temos um símile da situação.

O Espírito que, de algum modo, já armazenou certos valores educativos, é convocado para esse ou aquele trabalho de responsabilidade junto de outros seres em provação rude, ou em busca de conhecimentos para a aquisição da liberdade. Esse trabalho deve ser levado a efeito na linha reta do bem, de modo que esse filho seja o bom cooperador de seu Pai Supremo, que é Deus. O administrador de uma instituição, o chefe de uma oficina, o escritor de um livro, o mestre de uma escola, têm a sua parcela de independência para colaborar na obra divina e devem retribuir a confiança espiritual que lhes foi deferida.

Os que se educam e conquistam direitos naturais, inerentes à personalidade, deixam de obedecer, de modo absoluto, no determinismo da evolução, porquanto estarão aptos a cooperar no serviço das ordenações, podendo criar as circunstâncias para a marcha ascensional de seus subordinados ou irmãos em humanidade, no mecanismo de responsabilidade da consciência esclarecida.

Nesse trabalho de ordenar com Deus, o filho necessita considerar o zelo e o amor paternos, a fim de não desviar sua tarefa do caminho reto, supondo-se senhor arbitrário das situações, complicando a vida da família humana, e adquirindo determinados compromissos, por vezes bastante penosos, porque, contrariamente

ao propósito dos pais, há filhos que desbaratam os “talentos” colocados em suas mãos, na preguiça, no egoísmo, na vaidade ou no orgulho.

Daí a necessidade de concluirmos com a apologia da Humanidade, salientando que o homem que atingiu certa parcela de liberdade, está retribuindo a confiança do Senhor, sempre que age de acordo com a Sua vontade misericordiosa e sábia, reconhecendo que o seu esforço individual vale muito, não por ele, mas pelo amor de Deus que o protege e ilumina na edificação de sua obra imortal.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA

O Livro dos Médiuns. Questões 29 a 31

29. Os meios de convicção variam extremamente, segundo os indivíduos. O que persuade a uns não impressiona a outros. Se um se convence por meio de certas manifestações materiais, outro por comunicações inteligentes, a maioria é pelo raciocínio. Podemos mesmo dizer que, para a maior parte dos que não estão em condições de apreciá-los pelo raciocínio, os fenômenos materiais são de pouca significação. Quanto mais extraordinários são esses fenômenos, afastando-se bastante das leis conhecidas maior oposição encontram. E isso por um motivo muito simples: é que somos naturalmente levados a duvidar daquilo que não tem uma sanção racional. Cada qual o encara a seu modo e dá sua explicação particular: o materialista descobre uma causa física ou uma trapaça; o ignorante e o supersticioso, uma causa diabólica ou sobrenatural. Entretanto, uma explicação antecipada tem o efeito de destruir as idéias preconcebidas e mostrar, se não a realidade, pelo menos a possibilidade do fato. Compreende-se antes de ver, pois desde que aceitamos a possibilidade, três quartos da convicção foram realizados.

30. Será útil procurar convencer um incrédulo obstinado? Já dissemos que isso depende das causas e da natureza da sua incredulidade. Muitas vezes, nossa insistência em persuadi-lo o leva a crer na sua importância pessoal, que é uma razão para mais se obstinar. Aquele que não se convence pelo raciocínio nem pelos fatos, deve ainda sofrer a prova da incredulidade. Devemos deixar à Providência o cuidado de encaminhá-lo a circunstâncias mais favoráveis. Há muita gente que só deseja receber a luz, para estarmos perdendo tempo com os que a repelem. Dirigi-vos, pois, aos homens de boa vontade, cujo número é maior do que se pensa, e o exemplo destes, multiplicando-se, vencerá mais facilmente as resistências do que as palavras. Ao verdadeiro espírita nunca faltará oportunidade de fazer o bem. Há dores a aliviar, consolações a dispensar, desesperos a acalmar, reformas morais a operar. Essa é a sua missão e nela encontrará a verdadeira satisfação. O Espiritismo impregna a atmosfera: expande-se pela própria força das circunstâncias e porque torna felizes aqueles que o professam. Quando os seus adversários sistemáticos o ouvirem ressoando ao seu redor, entre os seus próprios amigos, compreenderão o isolamento em que se encontram e serão forçados a calar ou a se renderem.

31. Para se proceder, no ensino do Espiritismo, como se faz nas ciências ordinárias, seria necessário passar em revista toda a série de fenômenos que podem produzir-se, a começar dos mais simples até chegar, sucessivamente, aos mais complicados. Ora, isso é impossível, porque não se pode fazer um curso de Espiritismo experimental como se faz um curso de Física ou de Química. Nas Ciências Naturais opera-se sobre a matéria bruta, que se manipula à vontade e quase sempre se consegue determinar os efeitos. No Espiritismo, tem-se de lidar com inteligências dotadas de liberdade e que provam, a cada instante, não estarem su-

jeitas aos nossos caprichos. É necessário, pois, observar, esperar os resultados e colhê-los na ocorrência.

Por isso declaramos energicamente que: *todo aquele que se vangloriar de obtê-los à vontade não passa de ignorante ou impostor*. Eis porque o verdadeiro Espiritismo jamais servirá para exibições nem subirá jamais aos palcos. É mesmo ilógico supor que os Espíritos se entreguem a exibições e se submetam à pesquisa como objetos de curiosidade. Os fenômenos, por isso mesmo, podem não ocorrer quando mais os desejamos ou apresentar-se de maneira muito diversa da que pretendíamos. Acrescentemos ainda que, para obtê-los, necessitamos de pessoas dotadas de faculdades especiais, que variam ao infinito, segundo a aptidão de cada indivíduo. Ora, sendo extremamente raro que uma mesma pessoa tenha todas as aptidões, a dificuldade aumenta, pois, seria necessário dispormos sempre de uma verdadeira coleção de médiuns, o que não é possível.

É muito simples o meio de evitar estes inconvenientes. Basta começar pela teoria. Nela, todos os fenômenos são passados em revista, são explicados e se pode conhecê-los e compreender a sua possibilidade, as condições em que podem ser produzidos e os obstáculos que podem encontrar. Dessa maneira, qualquer que seja a ordem em que as circunstâncias nos fizerem vê-los, nada terão que possa surpreender-nos. E há ainda outra vantagem: a de evitar muitas decepções ao experimentador. Prevenido quanto às dificuldades, pode manter-se vigilante e poupar-se das experiências à própria custa.

Desde que nos ocupamos de Espiritismo foram tantas as pessoas que nos acompanharam, que seria difícil presenciar o seu número.

Entre elas, quantas permaneceram indiferentes ou incrédulas diante dos fatos mais evidentes, só se convencendo mais tarde através de uma explicação racional. Quantas outras foram predispostas a aceitar por meio do raciocínio; e quantas, afinal, acreditaram sem nada terem visto, levadas unicamente pela compreensão. Falamos, portanto, por experiência, e por isso afirmamos que o melhor método de ensino espírita é o que se dirige à razão e não aos olhos. É o que seguimos em nossas lições, do que só temos que nos felicitar. (Ao pé da página, Kardec acrescentou esta nota: "Nosso ensino teórico e prático é sempre gratuito". Com isso, evitava interpretações maldosas e dava o exemplo que foi sempre seguido pelos espíritas responsáveis em todo o mundo. O verdadeiro ensino espírita é sempre gratuito. N. do T.)

*

Livro: Seara dos Médiuns (Emmanuel)

Questão 29 do O Livro dos Médiuns

O Argumento

Reunião pública de 22/1/60

Ante os amados que te não compreendem, estimarias que todos cressem conforme crês.

Alguns jazem desesperados nas trevas do pessimismo.

Outros caem, pouco a pouco, no abismo da negação.

Há muitos que te lançam insulto em rosto, como se a tua convicção fosse passo à loucura.

E surpreendes, em cada canto, aqueles que te falam pelo diapasão da ironia.

Mergulhas-te, muitas vezes, no oceano revolto das palavras veementes que os opositores, de imediato, não podem admitir; em outras ocasiões, desejas acontecimentos inusitados, que lhes alterem o modo de pensar e de ser.

*

Entretanto, recordemos o Cristo.
Ninguém, quanto ele, deixou na retaguarda tantas demonstrações de poder celeste.

Deu nova estrutura à forma dos elementos.

Apaziguou as energias desvairadas da Natureza.

Reaqueceu corpos que a morte imobilizava.

Restituiu a visão aos cegos.

Restaurou paralíticos.

Limpou ferimentos.

Curou alienados mentais.

Operou maravilhas, somente atribuíveis à ciência divina.

Contudo, não foi pelos deslumbramentos produzidos que se converteu em mentor excelso da Humanidade.

Jesus agiganta-se, na esteira dos séculos, pela força do exemplo.

Anjo — caminhou entre os homens.

Senhor do mundo — não reteve uma pedra para repousar a cabeça.

Sábio — foi simples.

Grande — alinhou-se entre os pequenos.

Juiz dos juizes — espalhou a misericórdia.

Caluniado — lançou bênçãos.

Traído — não reclamou.

Acusado — humilhou a si mesmo.

Ferido — esqueceu toda ofensa.

Injuriado — silenciou.

Crucificado — pediu perdão para os próprios verdugos.

Abandonado — voltou para auxiliar.

Ação é voz que fala à razão.

Se aspiras, assim, a convencer os que te rodeiam, quanto à verdade, não olvides que, acima de todos os fenômenos passageiros e discutíveis, o único argumento edificante de que dispões é o de tua própria conduta, no livro da própria vida.

*

Revista Espírita – Allan Kardec

Janeiro de 1858

Evocações particulares - Mãe, estou aqui!

A senhora X havia perdido, há alguns meses, sua filha única, de catorze anos de idade, objeto de toda a sua ternura, e muito digna de seus lamentos pelas qualidades que prometiam fazer, dela, uma mulher perfeita.

Essa jovem pessoa havia sucumbido a uma longa e dolorosa doença. A mãe, inconsolável com essa perda, via, dia a dia, sua saúde alterar-se, e repetia, sem cessar, que iria logo juntar-se com sua filha.

Instruída quanto à possibilidade de se comunicar com os seres de além-túmulo, a senhora X resolveu procurar, em uma conversa com a sua criança, um alívio para sua pena. Uma dama de seu conhecimento era médium, mas, pouco experimentadas, uma e outra, para semelhantes evocações, sobretudo, em uma circunstância tão solene, me convida para assistir. Não éramos senão três: A mãe, a médium e eu. Eis o resultado dessa primeira sessão.

A mãe. Em nome de Deus Todo-Poderoso, Espírito de Julie X, minha filha querida, eu te peço vir se Deus o permite.

Julie. Mãe! Eu estou aqui.

A mãe. É mesmo tu, minha criança, quem me responde? Como posso saber que és tu?

Julie. Lili.

(Era um pequeno nome familiar dado à jovem, em sua infância; não era conhecido nem pelo médium nem por mim, já que, desde vários anos, não a chamava senão pelo seu nome de Julie. A esse sinal, a identidade era evidente; a mãe, não podendo dominar sua emoção, explode em soluços).

Julie. Mãe! Por que se afligir? Sou feliz; bem feliz; não sofro mais e te vejo sempre.

A mãe. Mas eu não te vejo. Onde estás?

Julie. Aí; ao lado de ti, minha mão sobre a senhora Y (a médium) para fazer com que escreva, o que te digo. Veja minha escrita. (A escrita era, com efeito, a da sua filha.)

A mãe. Tu dizes: minha mão; tens, pois, um corpo?

Julie. Não tenho mais esse corpo que me fazia sofrer; mas tenho dele a aparência. Não estás contente, que eu não sofra mais, uma vez que posso conversar contigo?

A mãe. Se eu te visse, pois, te reconheceria?

Julie. Sim, sem dúvida, e tu já me tens visto, freqüentemente, em teus sonhos.

A mãe. Eu te revi, com efeito, em meus sonhos, mas, acreditei que era um efeito da minha imaginação, uma lembrança.

Julie. Não; sou eu que estou sempre contigo, e que procura te consolar; fui eu quem te inspirou a idéia de me evocar. Tenho muitas coisas a dizer-te. Desconfie do senhor F, ele não é franco.

(Esse senhor, só conhecido de minha mãe, e assim nomeado espontaneamente, era uma nova prova da identidade do Espírito que se manifestava.)

A mãe. Que pode, pois, fazer contra mim o senhor F?

Julie. Não posso dizer-te; isso me é proibido. Não posso mais que advertir-te para dele desconfiar.

A mãe. Estás entre os anjos!

Julie. Oh! não ainda; não sou bastante perfeita.

A mãe. Não te reconheço, no entanto, nenhum defeito; tu eras boa, doce, amorosa e benevolente para todo o mundo; será que isso não basta?

Julie. Para ti, mãe querida, eu não tinha nenhum defeito; eu acreditava nisso; tu me dizias, muito freqüentemente! Mas, no presente, vejo o que me falta para ser perfeita.

A mãe. Como adquirir as qualidades que te faltam?

Julie. Em novas existências, que serão mais e mais felizes.

A mãe. Será na Terra que terás essas novas existências?

Julie. Disso não sei nada.

A mãe. Uma vez que não havias feito mal durante tua vida, porque tanto sofreste?

Julie. Prova! Prova! Eu a suportei com paciência, pela minha confiança em Deus; por isso, sou bem feliz hoje. Até breve, mãe querida!

Em presença de semelhantes fatos, quem ousaria falar do nada do túmulo, quando a vida futura se nos revela, por assim dizer, palpável? Essa mãe, minada

pelo desgosto, goza, hoje, de uma felicidade inefável por poder conversar com sua criança; não há mais, entre elas, separação; suas almas se confundem e se expandem, no seio uma da outra, pela permuta dos seus pensamentos.

Malgrado o véu do qual cercamos essa relação, não nos permitiríamos publicá-la, se para isso não estivéssemos formalmente autorizados. Pudessem, disse-nos essa mãe, todos aqueles que perderam suas afeições na Terra, experimentar a minha mesma consolação!

Não acrescentaremos senão uma palavra endereçada àqueles que negam a existência dos bons Espíritos; nós lhes perguntaremos como poderiam provar que o Espírito dessa jovem era um demônio malfazejo.

*

Livro: Obsessão. O Passe. A Doutrinação

J. Herculano Pires

Incosciente e Memória Subliminar. Infecção e Infestação

IV - Incosciente e memória subliminar.

Dos trabalhos de Kardec resultaram as pesquisas psíquicas do século XIX, a Ciência Psíquica Inglesa, a Metapsíquica Francesa de Richet, as pesquisas do automatismo psicológico de Pierre Janet, Psicobiofísica de Schrenk-Notzing, a Física Transcendental de Friedrich Zollner, na Alemanha e a Parapsicologia atual. Resultou também o famoso livro de Frederic Myers A Personalidade Humana e sua Sobrevivência, com a colaboração científica de Henri Sidgwich e Edmund Hurney. Esse livro coloca o problema das duas consciências: a supraliminar, voltada para os problemas existenciais, e a subliminar voltada para a transcendência e a vida de após morte. A percepção paranormal pertence à consciência subliminar, que equivale na Psicanálise ao Incosciente.

Explica-se o Gênio pelo afloramento de conteúdos subliminares na consciência supraliminar, provocado por percepções extra-sensoriais. Esses afloramentos podem ser também de idéias negativas, perturbando o comportamento atual.

No Espiritismo isso se liga à teoria platônica da reminiscência, são resíduos de experiências vividas em outras vidas. As pesquisas de Albert De Rochas sobre a reencarnação, no século passado, e as pesquisas parapsicológicas atuais confirmam a tese espírita. É bastante clara a diferença entre esses afloramentos anímicos (da própria alma do médium) e os casos típicos de manifestação de espíritos.

V - Infecção e infestação.

Não só no plano psicológico verificam-se as obsessões, mas também na patologia geral. Sintomas de doenças infecciosas são transmitidos por entidades espirituais enfermas a pessoas sãs. Para fazer a distinção, adotou-se no Espiritismo o termo infestação para designar essas doenças fantasmas, que tanto podem ser de origem anímica como espírita. Fortes impressões e temores podem ocasionar a sintomatologia-fantasma.

Nos casos de infestação verifica-se o processo indutivo dos vasos comunicantes: o espírito transfere à vítima, geralmente sem o saber, os sintomas da doença que o levou à morte e que persistem no seu perispírito ou corpo espiritual. A prova científica, objetiva, da existência desse corpo espiritual foi feita na França por Raul de Motyndon, na primeira metade do século e atualmente por físicos, biofísicos e biólogos soviéticos, na universidade de Kirov, na URSS, que deram ao referido corpo a designação do corpo-bioplásmico.

Kardec pesquisou o problema, no seu tempo, confirmando a hipótese da infestação por meio do tratamento e cura dos pseudos doentes com o simples afastamento das entidades enfermigas infestadoras. O Dr. Karl Wikland, nos Estados Unidos, comprovou também o fenômeno pelo espaço de três décadas, expondo os resultados, minuciosamente, no livro *Trinta Anos Entre Os Mortos*. Em sua famosa clínica de Chicago, o Dr. Wikland conseguiu êxitos surpreendentes. A pseudo-doença de centenas de pacientes, cansados de percorrer consultórios e clínicas, estagiando inutilmente em hospitais especializados, encontravam a solução para os seus casos. E ele não era, propriamente, um médico espírita. Era apenas um médico estudioso e pesquisador, que tivera a ventura de casar-se com uma jovem dotada de grande sensibilidade mediúnica. Os casos relatados em seu livro revelam a riqueza dos fenômenos com que ele se defrontou no seu trabalho médico. Seu caso não é único, foi apenas um entre milhares que ocorreram e ocorrem no mundo. Mencionamo-lo aqui porque foi um dos mais positivos e importantes.

*

V – FILOSOFIA GERAL E ESPÍRITA

Livro: Introdução à Filosofia Espírita

J. Herculano Pires

3. — *A Tradição Filosófica*

A Filosofia Espírita se apresenta naturalmente integrada na tradição filosófica. Foi por isso que Kardec colocou, sob o título de "*O Livro dos Espíritos*", a indicação: "Filosofia Espiritualista". Em "*O Evangelho Segundo o Espiritismo*" ele indica Sócrates e Platão como precursores do Cristianismo e do Espiritismo, sendo este o desenvolvimento histórico daquele. Mas podemos ir mais longe, demonstrando as múltiplas relações da Filosofia Espírita com as mais significativas escolas filosóficas do passado. Na verdade, a Filosofia Espírita se apresenta, para o investigador imparcial, como o delta natural em que desemboca no presente toda a tradição filosófica.

Essa convergência, porém, não se faz de súbito, não é um "arranjo", como pretendem os adversários gratuitos do Espiritismo. Podemos ver "com os olhos" o processo de convergência delinear-se na própria História da Filosofia. Dos pitagóricos (com sua simbiose espiritual traduzida na doutrina da metempsicose) aos jônicos (com sua busca da origem única, da substância originária), aos eleatas (com a procura do Ser em seu sentido absoluto), até Plotino (o neoplatonismo investigando a "alma-viajora"), passando pela contribuição da doutrina de forma e matéria, de Aristóteles (antecipação da teoria espírita do perispírito), chegamos ao Renascimento. E é nesta fase que a confluência se define: primeiro com a rebelião de Abelardo, preparando o advento de Descartes; depois, com este, o pai do pensamento moderno, que escreveu o "Discurso do Método" sob inspiração do Espírito da Verdade; a seguir com Espinosa, que fez da "Ética" um livro precursor (em estrutura, substância e ligações históricas) de "*O Livro dos Espíritos*".

A tradição filosófica é o terreno vasto e profundo em que podemos descobrir as raízes da Filosofia Espírita. Mas, como vimos, essa tradição se prolonga até o mundo moderno que começou no Renascimento e veio findar na guerra de 1914-18. E depois, no mundo contemporâneo, reencontramos as conotações filosóficas do passado. No mundo moderno podemos lembrar as figuras centrais de Hegel e Kant, o primeiro com sua dialética da idéia (evolução do princípio espiri-

tual através da matéria) e o segundo com sua teoria do númeno e do fenômeno e sua crítica da razão (correspondentes à teoria espírita da alma e matéria e a crítica da fé em Kardec).

Na atualidade as principais escolas filosóficas apresentam relações evidentes com a Filosofia Espírita. Estudaremos essas relações no prosseguimento deste trabalho. Mas convém destacar desde logo o paralelismo da corrente filosófica característica do pensamento atual com o Espiritismo. Paralelismo tanto mais evidente quanto se apresenta no tempo e no espaço (contemporaneidade), no método de abordagem dos problemas filosóficos (o enfoque ontológico existencial), e na procura da compreensão racional (humana e não teológica) da problemática da existência. É a corrente das Filosofias da Existência, que surgiu na mesma época do Espiritismo; na Europa, na mesma posição assistemática (Kierkegaard e sua aversão aos sistemas), com o mesmo processo de abordagem do problema do Ser (através do ser humano na existência) e a mesma busca de transcendência na interpretação da natureza humana ou essência do ser.

Mas acontece com o Existencialismo o que Kardec assinalou no tocante às ciências materiais: o paralelismo com o Espiritismo vai até o limite da conceituação da "existência". Depois desse limite o Espiritismo prossegue sozinho, investigando e aprofundando o problema das relações interexistenciais, que abre as possibilidades de comprovação das antigas intuições sobre as existências múltiplas do ser. No Espiritismo essas intuições, que desde a antiga metempsicose egípcia, adotada pelos pitagóricos, até a ressurreição judaica e a teoria católica de ressurreição da carne se mantiveram no plano sobrenatural, transformam-se em conceitos racionais comprovados pela experiência e a investigação científica.

Chegamos assim a um ponto de contato da Filosofia Espírita com o panteísmo de Espinosa, que é o da negação do sobrenatural. A Filosofia Espírita não é panteísta, o que está explícito em "*O Livro dos Espíritos*". Mas isso não impede que haja entre Espinosa e Kardec a concordância no tocante ao sobrenatural. Para a Filosofia Espírita o sobrenatural, segundo a concepção vigente até nossos dias, é apenas "o natural ainda não conhecido", pois tudo quanto existe pertence à Natureza e tudo quanto estiver além da Natureza não é acessível ao nosso conhecimento (posição paralela à do criticismo kantiano). Esse conceito de Natureza no Espiritismo é um dos pontos mais significativos da Filosofia Espírita e a coloca numa posição de vanguarda perante o pensamento contemporâneo. Quando as ciências atuais se viram obrigadas a adotar a expressão "paranormal", como substitutiva da expressão "sobrenatural", nas investigações sobre a natureza humana, nada mais fizeram do que seguir a orientação firmada pelo pensamento espírita há mais de um século.

Como se vê, desta simples exposição inicial, é inegável a natureza de síntese da Filosofia Espírita. Ela representa um daqueles momentos de confluência de todas as conquistas culturais do homem para um delta comum, a que se refere Arnold Toynbee nos seus estudos sobre o desenvolvimento das civilizações. Ernst Cassirer, filósofo alemão contemporâneo, em seu ensaio "*A Tragédia da Cultura*"; analisa o processo de evolução cultural do homem através das civilizações sucessivas, demonstrando que as conquistas essenciais de cada época são transmitidas à outra por meio de concretizações, de formas sintéticas de expressão. O Espiritismo, como afirmaram Kardec, Léon Denis, Sir Oliver Lodge, Gustave Geley, e Gonzales Soriano, entre outros, é a síntese cultural do nosso tempo. A Filosofia Espírita sintetiza em sua ampla e dinâmica conceituação todas as conquistas reais

da tradição filosófica, ao mesmo tempo que inicia o novo ciclo dialético da nova civilização em perspectiva.

*

VI – PARAPSIKOLOGIA

Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã

J. Herculano Pires

X - PSI e a civilização do espírito

O Cristianismo é uma revolução em marcha. Sua finalidade é instituir na Terra o Reino de Deus. O manifesto do Reino é o Sermão da Montanha. Mas como chegar à realização desse manifesto na ordem social, quando nos afastamos do seu princípio básico que é a natureza espiritual do homem? A partir da pregação de Jesus a revolução cristã se desencadeou. Não demorou muito e punha abaixo o mundo clássico greco-romano para iniciar uma nova ordem. Essa nova ordem começava por um longo processo histórico de fusão conceptual. Daí o caldeirão medieval de que fala Dilthey, em que a concepção greco-romana do mundo se fundiu lentamente com a concepção judeu-cristã. Arnold Toynbee coloca o problema em termos de física ondulatória: fusão da onda grega com a onda siríaca.

Victor Hugo já o dissera, no prefácio de Cromwell: "Uma religião espiritual, suplantando o paganismo material e exterior, se infiltra no coração da sociedade antiga, mata-a e sobre o cadáver de uma civilização decrépita depõe o germe da civilização moderna". Nada mais claro e mais preciso. O Cristianismo se infiltra na velha estrutura minando-lhe os alicerces. Quando sopra a tempestade bárbara o Império não resiste. Mas em meio à ruína total alguma coisa se mantém firme e vai dirigir o caos; é a estrutura político-religiosa da Igreja, que se apresenta como síntese formidável das conquistas do passado. Encarna a estrutura imperial romana, o monoteísmo judaico e o politeísmo mitológico, a dogmática do mosaísmo e o racionalismo grego, o direito romano e a mística evangélica.

Delta histórico em que deságuam e se misturam os rios das diversas civilizações, o Cristianismo é o momento de sístole (contração) da evolução humana. Por isso mesmo se apresenta terrível e contraditório. É o point d'optique da expressão hugoana, em que "tudo o que existe no mundo, na história, na vida, no homem, tudo pode e deve ali se refletir, mas sob a vara mágica da arte". O desespero judaico e o trágico grego se misturam à esperança cristã da salvação, e dolorosamente se funde a concepção romântica do mundo que florescerá na galanteria cavalheiresca e eclodirá em frutos no Renascimento. A Reforma e a Contra-Reforma assinalam o momento da diástole (dilatação) histórica do Cristianismo, o conflito fecundo em que o germe se rompe para que a germinação se realize. Morre o grão de trigo, segundo a expressão evangélica, para multiplicar-se na colheita futura.

A civilização contemporânea é ainda um momento da diástole. Mas os sinais da sístole já são visíveis. Na diástole o Cristianismo alienou-se, fragmentou-se e perdeu-se no mundo. Mas o fez para conquistá-lo. Na verdade ele apenas continuou a infiltrar-se nas estruturas arcaicas, mas agora para apossar-se delas, dominá-las e fundi-las preparando o Reino de Deus. O racionalismo nos deu as Ciências, que superaram as superstições mitológicas e quiseram reduzir o mundo a uma equação matemática. O homem se transformou em número — não o fecundo número pitagórico, mas a fria e estéril cifra do economismo utilitarista — e esse número passou a existir em termos de soma, multiplicação, subtração e divisão. A qualidade desapareceu alienada na quantidade. Mas como a qualidade é substância e a quantidade é apenas atributo, a primeira voltará a se impor.

A sístole cristã é o momento de volta à qualidade, à essência, ao Ser, ao homem como homem e não como número, ao homem como espírito e não como acidente biológico. O racionalismo se salva da alienação quantitativa superando suas próprias limitações através do avanço científico. É por isso que o rompimento da concepção física do mundo se verifica no próprio campo da Física: os números se opõem ao homem e o definem como o anti-número, da mesma maneira por que o mundo, na concepção sartreana, se opõe à consciência e a define como não-mundo. Nas ciências psicológicas esse fato se patenteia de maneira dramática através das experiências quantitativas da Parapsicologia. O método fragmentário conduz à reunificação do objeto, as provas quantitativas reafirmam a qualidade una do psiquismo. Isso é o que permite a Rhine proclamar que a Parapsicologia devolve à Psicologia o seu objeto perdido.

É assim que vemos o retorno do homem a si mesmo através da descoberta parapsicológica de suas funções psi. Torna-se agora possível, não apenas em sentido individual, mas no sentido coletivo, obedecer à ordem do Oráculo de Delfos — "conhece-te a ti mesmo". Psi, essa espécie de mistério moderno, racionalmente definido por uma letra grega, surge como nova esfinge no caminho de Édipo. Por isso muitos a temem, outros zombam dela, outros querem negá-la, outros reduzir a sua significação ao mínimo possível e outros, ainda, simplesmente desviá-la do caminho. Mas eis que ela está aqui, diante de nós, irremediável e irrevogavelmente. Não há como escapar ao seu fascínio. Denis de Rougemont disse que o Cristianismo primitivo aprendeu a falar grego para cumprir sua missão universal. O mundo moderno será espiritualmente alfabetizado por uma letra grega.

A importância de psi, como se vê, é fundamental para o momento de transição que estamos vivendo. A demonstração científica da natureza espiritual do homem, ainda apenas em início, mas já suficientemente realizada pela investigação parapsicológica, abre a possibilidade de interpretação científica dos princípios evangélicos. Surge, não somente no plano da cogitação filosófica, mas na polaridade teórico-prática das ciências modernas — a hipótese parapsíquica como potência atualizada na experimentação — a possibilidade de construção de uma civilização do espírito que superará as limitações da civilização materialista do presente. O homem-cósmico da astronáutica é também o homem psíquico das funções psi. E é graças a essa verdadeira ação de pinça — o ataque sincrônico através da Física e da Psicologia — que o arcabouço materialista cederá mais rápido do que o supõem os seus defensores.

O mundo consciencial ou a República dos Espíritos que René Hubert proclama, na corrente néo-kantiana do relativismo-crítico, já não se assemelha à República de Platão mas a um resultado fatal do processo dialético hegeliano. Este processo, por sua vez, revela a sua mola oculta, que o Marxismo e o Existencialismo sartreano ignoraram: é o elã vital bergsonianiano em trânsito psíquico através das formas orgânicas. A Parapsicologia animal revela a identidade psíquica do reino biológico, quebrando mais uma vez a aparente dicotomia cartesiana. As funções psi dos animais se elevam no plano hominal, onde a conquista e a elaboração da razão as enriquecem, predispondo-as à criação do novo tipo de racionalismo com que precognitivamente sonharam os escolásticos: o racionalismo-fideísta, signo sob o qual se desenvolverá a Civilização do Espírito.

Mas o que podemos entender por esse tipo de civilização? O racionalismo-fideísta é a síntese da razão e da fé, a unificação do espírito. O homem dividido reencontra a sua metade perdida, segundo o mito platônico. O amor então se realiza na plenitude do espírito. Se o homem racional era incerteza e desespero, con-

quista e ganância, em oposição ao homem de fé, que era acomodação e espera, mortificação e medo, o novo homem espiritual será compreensão e esperança, na percepção intuitiva das suas potencialidades, o que vale dizer da sua perfectibilidade. O desabrochar das funções psi o terá sobrelevado às contradições da dialética evolutiva.

Não se trata de um simples sonho, pois são as próprias investigações científicas que abrem essas perspectivas para o nosso século. Estamos no limiar de um mundo renovado pelo poder do espírito, que é o construtor das civilizações.

*

VII – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

Livro: O Livro dos Médiuns. Allan Kardec

Questões 208 a 211

208. Tem-se procurado encontrar processos para a formação de médiuns, bem como meios de diagnosticar a mediunidade. Até o momento não conhecemos outros mais eficazes do que esses que indicamos. Supondo que o obstáculo ao desenvolvimento da faculdade é de ordem inteiramente material, algumas pessoas pretendem vencê-lo por uma espécie de ginástica quase capaz de deslocar o braço e a cabeça. Não descrevemos esse processo, que nos chega através do Atlântico, não só por não termos nenhuma prova de sua eficácia, mas por estarmos convencidos de que pode ser perigoso para as compleições delicadas, pelo abalo do sistema nervoso. Se não existirem os germes da faculdade, nada a poderá dar, nem mesmo a eletrização das pessoas, que sem êxito algum já foi empregada.

209. Até não é condição obrigatória para o iniciante. Ela secunda os esforços, não há dúvida, mas não é indispensável. A pureza de intenção, o desejo e a boa vontade bastam. Vimos pessoas completamente incrédulas ficarem espantadas de escreverem sem querer, enquanto crentes sinceros não o conseguiam, o que prova que essa faculdade se relaciona com predisposições orgânicas. (As experiências de escrita automática na Psicologia, iniciadas por Pierre Janet, comprovam esta observação de Kardec. O fenômeno é natural e ocorre em qualquer circunstância. O problema da fé está ligado ao aspecto religioso do Espiritismo e sua importância não é fundamental no tocante aos resultados que se queiram obter. A ação da fé se manifesta no controle das manifestações, afastando influências negativas e permitindo obter-se comunicações de Espíritos amigos, de entes queridos ou de entidades superiores. (N. do T.)

210. O primeiro indício da disposição para escrever é uma espécie de frêmito no braço e na mão. Pouco a pouco a mão é arrastada por um impulso que não pode dominar. Quase sempre, de início, traça apenas sinais sem significação. Depois, os caracteres se tornam mais precisos, e por fim a escrita se processa com a rapidez da escrita normal. Mas é sempre necessário abandonar a mão ao seu movimento natural, não embarçando-a nem propelindo-a.

Certos médiuns escrevem correntemente e com facilidade desde o início, às vezes mesmo desde a primeira sessão, o que é bastante raro. Outros fazem por muito tempo apenas traços e verdadeiros exercícios caligráficos. Dizem os Espíritos que é para desentramar-lhes a mão. Se esses exercícios se prolongarem demais ou degenerarem em sinais ridículos, não há dúvida que um Espírito se diverte, porque os bons Espíritos nada fazem de inútil. Nesse caso, deve-se redobrar o fervor no apelo aos Espíritos bons. Se, apesar disso, não houver modificação, é necessário parar, desde que nada se obtém de sério. Pode-se fazer a tentativa diariamente, mas convém cessar aos primeiros sinais equívocos, para não se dar oportunidade aos Espíritos zombeteiros.

A essas observações acrescenta um Espírito: "Há médiuns cuja faculdade não pode ir além desses sinais. Quando, após alguns meses, não obtiverem mais

do que insignificâncias, como um sim ou um não, ou letras isoladas, será inútil persistir, gastando papel em pura perda". São médiuns, mas médiuns improdutivos. Aliás, as primeiras comunicações obtidas só devem ser consideradas como exercícios a cargo de Espíritos secundários, pelo que não se deve atribuir-lhes senão um valor medíocre. Trata-se de Espíritos empregados, por assim dizer, como mestres de escrita, para treinarem o médium iniciante. Não acrediteis jamais que Espíritos elevados levem o médium a fazer esses exercícios preparatórios. Mas acontece que, se o médium não tiver um objetivo sério, esses Espíritos prosseguem e se ligam a ele. Quase todos os médiuns passaram por essa prova para se desenvolverem. Cabe a eles fazer o necessário para conquistar a simpatia dos Espíritos verdadeiramente superiores.

211. A dificuldade encontrada pela maioria dos médiuns iniciantes é a de ter que tratar com os Espíritos inferiores, e eles devem considerar-se felizes quando se trata de Espíritos apenas levianos. Toda a sua atenção deve ser empregada para não os deixar tomar pé, porque uma vez firmados nem sempre é fácil afastá-los. Esta é uma questão capital, sobretudo no início, quando, sem as precauções necessárias poder-se-á pôr a perder as mais belas faculdades.

A primeira precaução é armar-se o médium de uma fé sincera, sob a proteção de Deus, pedindo a assistência do seu anjo guardião. Este é sempre bom, enquanto os Espíritos familiares, simpatizando com as boas ou más qualidades do médium, podem ser levianos ou até mesmo maus.

A segunda precaução é dedicar-se com escrupuloso cuidado a reconhecer, por todos os indícios que a experiência oferece, a natureza dos primeiros Espíritos comunicantes, dos quais é sempre prudente desconfiar. Se esses indícios forem suspeitos, deve-se apelar com fervor ao anjo guardião e repelir com todas as forças o mau Espírito, provando-lhe que não conseguiu enganar, para o desencorajar. Eis porque o estudo prévio da teoria é indispensável, se o médium pretende evitar os inconvenientes inseparáveis da falta de experiência. As instruções a respeito, bem desenvolvidas, estão nos capítulos sobre a Obsessão e a Identidade dos Espíritos.

Aqui nos limitaremos a dizer que, além da linguagem, podemos considerar como provas infalíveis da inferioridade dos Espíritos: todos os sinais, figuras, emblemas inúteis ou pueris; toda escrita bizarra, irregular, intencionalmente deformada, de tamanho exagerado ou em formas ridículas e estranhas. Mas a escrita pode ser muito ruim, até mesmo pouco legível o que depende mais do médium que do Espírito, sem ter nada de insólita. Temos visto médiuns enganados de tal maneira que medem a superioridade dos Espíritos pelo tamanho das letras, dando grande importância às letras bem modeladas, como caracteres de imprensa, puerilidade realmente incompatível com a superioridade real.

*

CURSO PREPARATÓRIO

5ª. AULA

I – INTRODUÇÃO

Livro: Calma (Emmanuel)

NAS CRISES

Estarás talvez diante de algum problema que te parece positivamente insolúvel.

Não acredites que a fuga te possa auxiliar.

Pensa nas reservas de força que jazem dentro de ti e aceita as dificuldades como se apresentam.

Não abandones a tua possibilidade de trabalhar e continua fiel aos próprios deveres.

Assume as responsabilidades que te dizem respeito.

Evita comentar os aspectos negativos da provação que atravesses.

Ora - mas ora com sinceridade - pedindo a proteção de Deus em favor de todas as pessoas envolvidas no assunto que te preocupa, sejam elas quem sejam.

Se existem ofensas no campo das inquietações em que, porventura, te vejas, perdoa e esquece qualquer tipo de agressão de que hajas sido objeto.

Esforça-te por estabelecer a tranqüilidade em tuas áreas de ação, sem considerar sacrifícios pessoais que serão sempre pequenos, por maiores te pareçam, na hipótese de serem realmente o preço da paz de que necessitas.

Se nenhuma iniciativa de tua parte é capaz de resolver o problema em foco, nunca recorras à violência, mas sim continua trabalhando e entrega-te a Deus.

*

Livro: O Que é o Espiritismo.

Allan Kardec

Oposição da Ciência

V. — Vós vos apoiáis em fatos, dissestes; mas opõe-se-vos a opinião dos sábios que os contestam, ou os explicam de modo diferente do vosso.

Por que não fixaram eles sua atenção sobre o fenômeno das mesas girantes?

Se nisso tivessem notado alguma coisa de sério, parece-me que não desprezariam fatos tão extraordinários e nem os repeliriam com desdém; no entanto, são todos eles contra vós.

Os sábios não serão o farol das nações, e não têm o dever de esclarecê-las?

A que atribuis que tenham deixado de fazê-lo, quando se lhes apresentava tão bela ocasião de revelar ao mundo a existência de uma nova força?

A. K. — Traçastes o dever dos sábios de modo admirável; é pena, porém, que eles o tenham esquecido em mais de uma circunstância.

Mas, antes de responder à vossa judiciosa observação, cumpre-me corrigir um grave erro que cometestes dizendo que todos os sábios são contra nós.

Como vos disse há pouco, é precisamente na classe ilustrada que o Espiritismo faz maior número de prosélitos, isto em todos os países; já ele conta entre seus adeptos grande número de médicos de todas as nações, e ninguém nega que os médicos sejam homens de ciência; os magistrados, os professores, os artistas, os homens de letras, os oficiais, os altos funcionários, os grandes dignitários, os eclesiásticos, etc., que se agrupam ao redor da sua bandeira, não são pessoas em quem se não deva reconhecer uma certa dose de ilustração. Admite-se erroneamente que os sábios só se encontram na ciência oficial e nos corpos constituídos.

Pelo fato de ainda não ter o Espiritismo adquirido direito de cidade na ciência oficial, merecerá ser condenado?

Se nunca a Ciência se houvesse enganado, sua opinião nesse sentido teria grande peso na balança; infelizmente, a experiência prova o contrário.

Não repeliu ela como quimeras tantas descobertas que, mais tarde, se tornaram título de glória para os seus autores?

Não foi devido a um parecer do nosso primeiro corpo sábio que a França se absteve da iniciativa do vapor?

Quando Fulton veio ao campo de Bolonha apresentar o seu plano a Napoleão I, que confiou o exame imediato ao Instituto, não decidiu este que aquilo era uma utopia, com o que se não devia ocupar?

Devemos daí concluir que os membros do Instituto são ignorantes e que sejam justificados os epítetos triviais que, à força de mau gosto, certas pessoas se comprazem em prodigalizar-lhes?

Certo que não; não há pessoa sensata que não faça justiça ao seu saber eminente, sem, contudo, deixar de reconhecer que eles não são infalíveis e, portanto, que as suas sentenças não estão isentas de apelação, sobretudo no que se refere a idéias novas.

V. — Admito perfeitamente que eles não sejam infalíveis; mas não é menos verdade que, em virtude do seu saber, sua opinião vale alguma coisa, e que, se ela estivesse do vosso lado, daria grande peso ao vosso sistema.

A. K. — Concordai, também, que ninguém pode ser bom juiz naquilo que está fora da sua competência.

Se quiserdes edificar uma casa, confiareis esse trabalho a um músico?

Se estiverdes enfermo, far-vos-eis sangrar por um arquiteto?

Quando estais a braços com um processo, ides consultar um dançarino?

Finalmente, quando se trata de uma questão de teologia, alguém irá pedir a solução a um químico ou a um astrônomo?

Não; cada um tem a sua especialidade.

As ciências vulgares repousam sobre as propriedades da matéria, que se pode, à vontade, manipular; os fenômenos que ela produz têm por agentes forças materiais.

Os do Espiritismo têm, como agentes, inteligências que têm independência, livre-arbítrio e não estão sujeitas aos nossos caprichos; por isso eles escapam aos nossos processos de laboratório e aos nossos cálculos, e, desde então, ficam fora dos domínios da ciência propriamente dita.

A Ciência enganou-se quando quis experimentar os Espíritos, como experimenta uma pilha voltaica; foi mal sucedida como devia sê-lo, porque agiu visando uma analogia que não existe; e depois, sem ir mais longe, concluiu pela

negação, juízo temerário que o tempo se encarregou de ir emendando diariamente, como já tem emendado outros; e, àqueles que o preferiram, restará a vergonha do erro de se haverem levemente pronunciado contra o poder infinito do Criador.

As corporações sábias não podem nem jamais poderão pronunciar-se nesta questão; ela está tão fora dos limites do seu domínio como a de decretar se Deus existe ou não; é, pois, um erro fazê-las juiz dela.

O Espiritismo é uma questão de crença pessoal que não pode depender do voto de uma assembléia, porque esse voto, embora lhe fosse favorável, não tem o poder de forçar convicções.

Quando a opinião pública se tiver formado a respeito, os membros dessas corporações a aceitarão sob o poder dos fatos.

Deixai passar esta geração, levando os prejuízos do seu obstinado amor-próprio, e vereis que se há de dar com o Espiritismo o mesmo que se deu com tantas outras verdades, tão combatidas e de que hoje seria ridículo duvidar. Hoje, chamam loucos aos crentes; amanhã, será a vez dos que não crerem; foi o mesmo que se deu com os que acreditavam no movimento de rotação da Terra. Nem todos os sábios, porém, julgaram do mesmo modo; e notai que agora chamo sábios aos homens de estudo e saber, tenham ou não tenham um título oficial.

Muitos fizeram o seguinte raciocínio:

“Não há efeito sem causa, e os efeitos mais vulgares podem conduzir-nos à solução dos mais difíceis problemas.

“Se Newton não tivesse prestado atenção à queda de uma maçã; se Galvani tivesse repellido sua serva e lhe chamasse visionária e louca, quando esta lhe falou das rãs que dançavam no prato, talvez ainda estivéssemos sem conhecer a admirável lei da gravitação universal e as fecundas propriedades da pilha elétrica.

“O fenômeno, burlescamente designado sob o nome de dança das mesas, não é mais ridículo que a dança das rãs, e, talvez, encerre alguns desses segredos da Natureza, que, quando se tem a chave para explicá-los, revolucionam a Humanidade.”

Eles disseram ainda:

“Já que tanta gente se ocupa com eles, e homens notáveis fizeram deles o objeto do seu estudo, é preciso que alguma coisa de verdade se encontre em tais fenômenos; uma ilusão, uma farsa, se o quiserem, não pode ter esse caráter de generalidade; seria divertimento para certo círculo, para certa sociedade, mas não daria a volta ao mundo.

Guardemo-nos, pois, de negar a possibilidade do que não compreendemos, com receio de receber, mais cedo ou mais tarde, o desmentido que desabonaria nossa perspicácia.

V.— Perfeitamente; eis aí um sábio raciocinando com sabedoria e prudência; e, sem ser sábio, eu penso do mesmo modo. Observe, porém, que também aqui não encontramos uma afirmativa, só dúvidas, apenas dúvidas; ora, qual é a base em que se firma a crença na existência dos Espíritos e, sobretudo, na sua comunicação conosco?

Á. K. — Essa crença apóia-se sobre o raciocínio e sobre os fatos. Eu próprio não a adotei senão depois de metucioso exame. Tendo adquirido, no estudo das ciências exatas, o hábito das coisas positivas, sondei, perscrutei esta nova ciência nos seus mais íntimos refolhos; busquei explicar-me tudo, porque não costumo aceitar idéia alguma sem lhe conhecer o como e o porquê.

Eis o raciocínio que me fazia um sábio médico, outrora incrédulo e hoje fervoroso adepto:

“Dizem que seres invisíveis se comunicam; por que negá-lo?”

“Antes de inventar-se o microscópio, suspeitava alguém que existissem esses milhares de animálculos que causam tantos estragos à economia?”

“Onde a impossibilidade material de haver no espaço seres que escapem aos nossos sentidos?”

“Teremos, acaso, a ridícula pretensão de saber tudo, e de dizer que Deus nada mais nos pode revelar?”

“Se esses seres invisíveis que nos rodeiam, são inteligentes, por que não poderão comunicar-se conosco? Se estão em relação com os homens, devem desempenhar um papel no seu destino, nos acontecimentos da vida destes. Quem sabe se eles não constituem uma das potências da Natureza, uma dessas forças ocultas de que nem suspeitávamos?”

“Que novo horizonte vai abrir-se ao pensamento! Que campo tão vasto de observação!”

“A descoberta do mundo dos invisíveis tem muito mais alcance que a dos infinitamente pequenos; ela é mais que uma descoberta, é uma revolução nas idéias.”

“Quanta luz pode projetar essa descoberta? Quantas coisas misteriosas explicadas?”

“Os crentes são ridiculizados, mas que valor tem isso, quando o mesmo se tem dado a respeito de todas as grandes descobertas?”

“Cristóvão Colombo não foi repellido, sobrecarregado de desgostos, tratado como insensato?”

“São idéias tão estranhas, dizem, que não se lhes deve dar crédito; mas a isso se pode responder que data de meio século a possibilidade de, em alguns minutos, estabelecer-se correspondência entre dois pontos opostos do nosso planeta; em algumas horas, atravessar-se a França; com o vapor produzido por um pouco de água fervente, um navio avançar contra o vento; e tirarmos da água os meios de iluminar-nos e aquecer-nos.”

“Quem, há meio século, se tivesse proposto iluminar toda a cidade de Paris em um instante e com um só reservatório de uma substância invisível, apenas conseguiria fazer rir de si.”

“Será isso, porventura, coisa mais prodigiosa que o espaço ser povoado pelos seres pensantes que, depois de haverem vivido na Terra, nela deixaram seu invólucro material?”

“Não se achará neste fato a explicação de tantas crenças que existem desde os mais remotos tempos?”

“São coisas que bem merecem estudo aprofundado.”

Eis as reflexões de um sábio, mas de um sábio sem pretensão; elas são igualmente feitas por muitos outros homens esclarecidos; estes viram, não superficialmente e de ânimo prevenido; estudaram seriamente, sem partido fixo, e tiveram a modéstia de não dizer: não compreendemos, isto não pode ser a verdade. Sua convicção formou-se pela observação e pelo raciocínio. Se essas idéias fossem uma quimera, acreditais que todos esses homens sisudos as tivessem adotado? Que, por tanto tempo, pudessem ser vítimas de uma ilusão?”

Não há, pois, impossibilidade material de existirem seres invisíveis para nós, povoando o espaço, e esta só consideração devia bastar para exigir mais circunspeção.

Quem, há bem pouco, poderia pensar que uma só gota de água límpida encerrasse milhares de seres, cuja pequenez extrema nos confunde a imaginação?”

Ora, eu digo que há mais dificuldade em conceber a nossa razão seres de tal tenuidade, providos de todos os nossos órgãos e funcionando como nós, do que admitir aqueles a quem damos o nome de Espíritos.

V. — Sem dúvida, mas por ser uma coisa possível, não devemos concluir que exista.

A. K. — É exato; mas não podeis deixar de convir que, desde que uma coisa não é impossível, já ela avançou, porque a razão não a repele. Resta, pois, averiguá-la pela observação dos fatos. Ora, essa observação não é nova: tanto a história sagrada quanto a profana provam a antigüidade e a universalidade dessa crença, que se perpetuou através de todas as vicissitudes por que tem passado o mundo, e se mostra, entre os mais selvagens povos, no estado de idéias inatas e intuitivas, e tão gravadas no pensamento como a do Ente Supremo e a da existência futura.

O Espiritismo, pois, não é uma criação moderna; tudo prova que os antigos o conheciam tão bem, ou talvez melhor que nós; somente ele não era ensinado, senão com precauções misteriosas que o tornavam inacessível ao vulgo, abandonado de propósito no lamaçal da superstição.

Quanto aos fatos, eles são de duas naturezas: uns espontâneos e outros provocados.

Entre os primeiros estão as visões e as aparições, pouco frequentes, os ruídos, barulhos e movimentações de objetos, sem causa material, e grande número de efeitos insólitos que olhávamos como sobrenaturais e hoje nos parecem simples, porque não admitimos o sobrenatural, visto como tudo se submete às leis imutáveis da Natureza.

Os fatos provocados são os obtidos com o auxílio de médiuns.

*

Livro: Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas **Allan Kardec** **Dos médiuns**

Toda pessoa que sofre de alguma maneira a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium. Esta faculdade é inerente ao homem e, por conseguinte, não é um privilégio exclusivo. Por essa razão, raros são os indivíduos nos quais não se encontram, ainda que simples rudimentos de mediunidade. Pode-se, pois, dizer que todas ou quase todas as pessoas são médiuns.

Todavia, no uso corrente, esta qualificação não se aplica senão àquelas nas quais a faculdade mediúnica é nitidamente caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que depende, então, de uma organização mais ou menos sensitiva.

É preciso notar, além disso, que esta faculdade não se revela em todas as pessoas da mesma maneira. Os médiuns têm, geralmente, uma aptidão especial para tal ou tal ordem de fenômenos, o que dá origem a tantas variedades de mediunidade quantas são as espécies de manifestações (v. *Médiuns* no Vocabulário Espírita).

Vamos entrar em algumas minúcias a respeito das que podem prestar-se a considerações essenciais.

Médiuns de influência física

Os médiuns de influência física são aqueles que têm uma aptidão especial para a produção de fenômenos materiais.

Médiuns naturais

Na classe dos médiuns de influência física é que se encontram principalmente os *Médiuns naturels*, aqueles cuja influência se exerce sem que eles o saibam. Eles não têm nenhuma consciência do seu próprio dom e, freqüentemente, o que se passa de anormal em seu redor não lhes parece, de modo algum, extraordinário. A faculdade faz parte deles mesmos, exatamente como as pessoas dotadas da segunda-vista e que não o suspeitam.

Esses casos são muito dignos de observação e é sempre útil registrar-se e estudar os fatos desse gênero que chegam ao nosso conhecimento. A situação se apresenta em pessoa de qualquer idade e, muitas vezes, em crianças ainda muito novas.

Esta faculdade não é, por si mesma, indício de um estado patológico, pois que não é incompatível com uma saúde perfeita. Se aquele que a possui é doente, isto se deve a uma outra causa; por isso os meios terapêuticos são impotentes para fazê-la cessar. Ela pode, em certos casos, ser consecutiva a uma fraqueza orgânica, porém jamais é causa particular e, assim sendo, não deve ocasionar nenhuma inquietação do ponto de vista da saúde física e mental.

A mediunidade só poderá ser inconveniente se o indivíduo, tornando-se médium facultativo, fizer uso abusivo dela, pois que, então, haverá, por parte dele, emissão demasiadamente abundante de fluido vital e, como consequência, enfraquecimento dos órgãos.

É preciso precaver-se sobretudo contra *qualquer experimentação física*, sempre nociva às organizações sensitivas, pois nisto está o perigo. Daí podem resultar graves desordens na economia orgânica.

Por esse motivo a razão se revolta com a idéia das torturas morais e corporais às quais têm sido submetidos, tantas vezes, seres fracos e delicados, nas tentativas de se certificar de que não cometiam fraudes nas experimentações. Fazer tais provas é brincar com a vida. O investigador de bom critério não tem necessidade do emprego desses meios. Aquele que está familiarizado com essas espécies de fenômenos sabe, aliás, que eles pertencem mais à ordem moral do que à ordem física e que em vão se procuraria a solução deles em nossas ciências exatas.

Por isto mesmo, se esses fenômenos dependem da ordem moral, deve-se evitar com cuidado não menos escrupuloso tudo quanto pode superexcitar a imaginação. Conhecem-se os acidentes que o medo pode ocasionar e seríamos menos imprudentes se conhecêssemos todos os casos de loucura e epilepsia que têm origem nos contos do lobisomem e das assombrações.

Que não se dará, pois, se as pessoas se persuadirem de que se trata do diabo! Os que abonam tais idéias não compreendem a responsabilidade que assumem. Elas podem matar! Ora, o perigo não ameaça só o indivíduo, ameaça também aqueles que o cercam e que podem ficar aterrorizados com o pensamento de que sua casa é um covil de demônios.

Foi esta crença funesta que causou tantos atos de atrocidade nos anos de ignorância. Entretanto, com um pouco mais de discernimento ter-se-ia concluído que, queimando o corpo que se julgava possuído pelo diabo, não se queimava o diabo. Visto que o que se queria era livrar-se do diabo, a ele é que se devia matar; a doutrina espírita, esclarecendo-nos sobre a verdadeira causa de todos esses fenômenos, deu à superstição o golpe de misericórdia. Longe, pois, de fazer nascer esse pensamento, deve-se, e é este um dever de moralidade e de humanidade, combatê-lo, se ele existe.

O que se deve fazer quando semelhante faculdade se desenvolve espontaneamente num indivíduo é deixar o fenômeno seguir sua marcha natural: a nature-

za é mais prudente do que os homens. A Providência, de outro lado, tem suas intenções, e o mais humilde dos seres pode se fazer o instrumento dos mais altos desígnios. Mas, é preciso concordar, este fenômeno adquire algumas vezes proporções fatigantes e importunas; ora, eis aqui, em todos os casos o que se deve fazer. (Um dos fatos mais extraordinários dessa natureza, pela variedade e estranheza dos fenômenos, é, sem contradição, o que se deu, em 1852, no Palatinado (Bávia Renana), em Bergzabern, perto de Wissembourg. Ele é tanto mais notável porque reúne pouco mais ou menos, e no mesmo indivíduo, todos os gêneros de manifestações espontâneas: barulho de abalar a casa, derrubamento dos móveis, objetos lançados ao longe por mão invisível, visões e aparições, sonambulismo, êxtase, catalepsia, atração elétrica, gritos e sons aéreos, instrumentos tocando sem contato, comunicações inteligentes, etc.; e, o que não é de importância medíocre, a verificação desses fatos, durante quase dois anos, por inúmeras testemunhas oculares dignas de fé por seu saber e posição social. Foi publicada a narração autêntica naquela época em vários jornais alemães e, notadamente, em uma brochura, hoje esgotada e muito rara. Achar-se-á a tradução completa dessa brochura na *Revista Espírita* de 1858, com os comentários e explicações necessários. Ao que sabemos, foi a única publicação francesa que se fez dela. Além do interesse empolgante que se prende a esses fenômenos, eles são eminentemente instrutivos do ponto de vista do estudo prático do Espiritismo.

Partindo do princípio de que as manifestações físicas espontâneas têm por fim despertar nossa atenção para alguma coisa, é preciso procurar conhecer esse objetivo, e para isso faz-se mister interrogar o Ser invisível que deseja comunicar-se.

Oferecemos a esse respeito uma explicação no capítulo das manifestações. Ele pode estar desejando algo para si mesmo ou para a pessoa através da qual se manifesta. Num e noutro caso é provável que, como já dissemos, se é atendido, cessará suas visitas.

Eis de resto outro meio baseado, como o precedente, na observação dos fatos.

Os seres invisíveis, que revelam sua presença por efeitos sensíveis, são em geral Espíritos de uma ordem inferior e que podemos influenciar por nosso ascendente moral. É este ascendente que é preciso adquirir. Longe, pois, de nos mostrarmos submissos a seus caprichos, é preciso opor-lhes a vontade e constrangê-los a obedecer, o que não impede que se condescenda com todos os pedidos justos e legítimos que fizerem. Tudo depende, aliás, da natureza do Espírito que se comunica. Pode ser inferior, mas benevolente, e vir com boa intenção. Disto é que nos devemos certificar, o que se reconhecerá facilmente pela natureza das comunicações. Mas não se vá perguntar se é um bom Espírito. Qualquer que seja, a resposta é sempre afirmativa. Seria como perguntar a um ladrão se é um homem honesto.

Para obter esse ascendente é preciso fazer o indivíduo passar do estado de *médium natural* para o de *médium facultativo*.

Produz-se então um efeito análogo ao que se dá no sonambulismo.

Sabe-se que o sonambulismo natural cessa, geralmente, quando é substituído pelo sonambulismo magnético. Não se detém a faculdade emancipadora da alma, dá-se-lhe outro rumo.

O mesmo ocorre com a faculdade mediúnica. Para este fim, em lugar de embarçar os fenômenos, o que raramente se consegue e nem sempre sem perigo, é preciso incitar o médium a reproduzi-los à vontade, impondo-se ao Espírito. Por esse meio ele consegue controlá-lo e, de um dominador algumas vezes tirânico, faz um ser subordinado e até mesmo dócil.

Um fato digno de nota, e justificado pela experiência, é que, em semelhante caso, uma criança tem tanta autoridade e por vezes mais autoridade do que um adulto, prova esta concludente em apoio de uma questão capital da doutrina, a de que o Espírito não é criança senão pelo corpo e que ele possui, como aquisição

pessoal, um progresso necessariamente anterior à sua encarnação atual, evolução que lhe pode dar um ascendente sobre Espíritos que lhe são inferiores.

*

Mensagem

011) EMPUNHE A BANDEIRA DE CRISTO E NÃO ESMOREÇA!

Não se lhe daria o peso dessa cruz se você não fosse capaz de suportar. Não se lhe daria tamanho peso, se não fosse necessário. Tudo o que está acontecendo com você, você pediu. E aí está. Dê seu testemunho. Não corra... Sustente sua fé em Deus e levante a Bandeira de Cristo. Ele é seu baluarte. Ele é seu amigo. Sua missão é cumprir aquilo que pediu. Não fuja mais. Lembre-se: Jesus é seu amigo. Sua força será sustentada pela fé, e só então será feliz por estar finalmente cumprindo uma autodeterminação que você mesmo se impôs. Jesus é seu amigo, sua força. A Fé e a Esperança então lhe brotarão naturalmente ajudando a enfrentar aquilo que pediu.

Vamos! Levante, empunhe a Bandeira de Cristo e não esmoreça. Estamos te ajudando.

Dolores.

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 19/3/1999).

*

Poesia

PÁGINA DE GRATIDÃO

Meimei

Agradeço, alma querida e boa,
A presença e o carinho
Com que vens partilhar a festa da amizade,
Espargindo esperança ao longo do caminho.

Sei que deixastes obrigações ao longe
Para colaborar
No alívio aos companheiros que carregam
Solidão, abandono, infortúnio, pesar...

Trocaste as horas de refazimento,
De alegria e lazer,
Para aceitar conosco o amparo aos semelhantes
Por sublime dever.

A ternura fraterna que nos trazes
Lembra clarão de renascente aurora,
Dissipando, de chofre, a sombra que domina,
A dor que se tresmalha e a penúria que chora.

Por mais rebusque o mundo das palavras,
Não consigo compor
A frase que enalteça ou que defina
O teu gesto de amor.

Por isso, digo apenas,
 Ante a luz da oração que nos bendiz:
 - Deus te guarde, alma irmã, Deus te compense,
 Deus te faça feliz!...

Psicografia em Reunião Pública. Data – 29-8-1971.

Local – Chá Beneficente, em favor das obras assistenciais da Comunhão Espírita Cristã,

Em São Paulo – Capital.

(De: “Taça de Luz” (Espíritos Diversos), de Francisco Cândido Xavier)

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo

A Casa do Pai Tem Muitas Moradas

Cap. III – 14 – Mundo de Expição e Provas

Santo Agostinho. 1862.

14. Não obstante, não são todos os Espíritos encarnados na Terra que se encontram em expiação. As raças que chamais selvagens constituem-se de Espíritos apenas saídos da infância, e que estão, por assim dizer, educando-se e desenvolvendo-se ao contato de Espíritos mais avançados. Vêm a seguir as raças semi-civilizadas, formadas por esses mesmos Espíritos em progresso. Essas são, de algum modo, as raças indígenas da Terra, que se desenvolveram pouco a pouco, através de longos períodos seculares, conseguindo algumas atingir a perfeição intelectual dos povos mais esclarecidos.

Os Espíritos em expiação aí estão, se assim nos podemos exprimir, como estrangeiros. Já viveram em outros mundos, dos quais foram excluídos por sua obstinação no mal, que os tornava causa de perturbação para os bons. Foram relegados, por algum tempo, entre os Espíritos mais atrasados, tendo por missão fazê-los avançar, porque trazem uma inteligência desenvolvida e os germes dos conhecimentos adquiridos. É por isso que os Espíritos punidos se encontram entre as raças mais inteligentes, pois são estas também as que sofrem mais amargamente as misérias da vida, por possuírem maior sensibilidade e serem mais atingidas pelos atritos do que as raças primitivas, cujo senso moral é mais obtuso.

*

Livro: O Livro da Esperança (Emmanuel)

No Reino em Construção

“Na casa de meu Pai há muitas moradas; se assim não fosse, já eu vo-lo teria dito, pois me vou para vos preparar o lugar.” - JESUS -JOAO, 14: 2.

“Entretanto, nem todos os Espíritos que encarnam na Terra vão para aí em expiação-
 ESE, CapIII, 14.

Escutaste o pessimismo que se esmera em procurar as deficiências da Humanidade, como quem se demora deliberadamente nas arestas agressivas do mármore de obra-prima inacabada e costuma dizer que a Terra está perdida.

Observa, porém, as multidões que se esforçam silenciosamente pela santificação do porvir.

Compulsaste as folhas da imprensa, lendo a história do autor de homicídio lamentável e sob a extrema revolta, trouxeste ao labirinto das opiniões contraditórias a tua própria versão do acontecimento, asseverando que estamos todos no teatro do crime.

Recorda, contudo, os milhões de pais e mães, tocados de abnegação e heroísmo, que abraçam todos os sacrifícios no lar para que a delinquência desapareça.

Conheceis jovens que se transviaram na leviandade, desvairando-se em golpes de selvageria e loucura e, examinando acremente determinados sucessos que devem estar catalogados na patologia da mente, admites que a juventude moderna se encontra em adiantado processo de desagregação do carácter.

Relaciona, todavia, os milhões de rapazes e meninas, debruçados sobre livros e máquinas, através do labor e do estudo, em muitas circunstâncias imolando o próprio corpo à fadiga precoce, para integrarem dignamente a legião do progresso.

Sabes que há companheiros habituados aos prazeres noturnos e, ao vê-los comprando o próprio desgaste a preço de ouro, acreditas que toda a comunidade humana jaz entregue à demência e ao desperdício.

Reflete, entretanto, nos milhões de cérebros e braços que atravessam a noite, no recinto das fábricas e junto dos linotipos, em hospitais e escritórios, nas atividades da limpeza e da vigilância, de modo a que a produção e a cultura, a saúde e a tranqüilidade do povo sejam asseguradas.

Marcaste o homem afortunado que enrijeceu mãos e bolsos na sovinice, e esposas a convicção de que todas as pessoas abastadas são modelos completos de avareza e crueldade.

Considera, no entanto, os milhões de tarefeiros do serviço e da beneficência, que diariamente colocam o dinheiro em circulação, a fim de que os homens conheçam a honra de trabalhar e a alegria de viver.

Não condenes a Terra pelo desequilíbrio de alguns.

Medita em todos os que se encontram suando e sofrendo, lutando e amando, no levantamento do futuro melhor, e reconhecerás que o Divino Construtor do Reino de Deus no mundo está esperando também por ti.

*

Livro: O Consolador (Emmanuel).

Questões 278 a 281

278 – *Devemos considerar como profetas somente aqueles a que se referem as páginas do Velho Testamento?*

-Além dos ensinamentos legados por Elias ou um Jeremias, temos de convir que numerosos missionários do plano superior precederam a vinda do Cristo, distribuindo no mundo o pão espiritual de suas verdades eternas.

Um Çakyamuni, um Confúcio, um Sócrates, foram igualmente profetas do Senhor, na gloriosa preparação dos seus caminhos. Se desenvolveram ação distante do ambiente e dos costumes israelitas, pautaram a missão no mesmo plano universalista, em que as tribos de Israel foram chamadas a trabalhar, mais particularmente, pelo progresso religioso do mundo.

279 – *Os profetas hebraicos representavam o papel de sacerdotes dos crentes da Lei?*

-Em todos os tempos houve a mais funda diferença entre sacerdócio e o profetismo.

Os antigos profetas de Israel nunca se caracterizaram por qualquer expressão de servilismo às convenções sociais e aos interesses econômicos, tão ao gosto do sacerdócio organizado, em todas as eras e em todos os lugares.

Extremamente dedicados ao esforço próprio, não viviam do altar de sua fé, mas do trabalho edificante, fosse na indumentária dos escravos oprimidos, ou no insulamento do deserto que as suas aspirações religiosas sabiam povoar de um santo dinamismo construtivo.

280 – *Os profetas do Cristo têm voltado à esfera material para trazer aos homens novas expressões de luz para o futuro da Humanidade?*

-Em tempo algum as coletividades humanas deixaram de receber a sublime cooperação dos enviados do Senhor, na solução dos grandes problemas do porvir.

Nem sempre a palavra da profecia poderá ser trazida pelas mesmas individualidades espirituais dos tempos idos; contudo, os profetas de Jesus, isto é, as poderosas organizações espirituais dos planos superiores, têm estado convosco, incessantemente, impulsando-vos à evolução em todos os sentidos, multiplicando as vossas possibilidades de êxito nas experiências difíceis e dolorosas. É verdade que os novos enviados não precisarão dizer o que já se encontra escrito, em matéria de revelações religiosas; todavia, agem nos setores da Ciência e da Filosofia, da Literatura e da Arte, levantando-vos o pensamento abatido para as maravilhosas construções espirituais do porvir. Igualmente, é certo que os missionários novos não encontram o deserto de figueiras bravas, onde os seus predecessores se nutriam apenas de gafanhotos e de mel selvagem, mas ainda são obrigados a viver no deserto das cidades tumultuosas, entre corações indiferentes e incompreensíveis, cercados pela ingratidão e pela zombaria dos contemporâneos, que, muitas vezes, lhes impõem o pelourinho e o sacrifício.

O amor de Jesus, todavia, é a seiva divina que lhes alimenta a fibra de trabalho e realização, e, sob as suas bênçãos generosas, as grandes almas solitárias atravessam o mundo, distribuindo a luz do Senhor pelas estradas sombrias.

281 – *A leitura do Velho Testamento e do Evangelho, nos círculos familiares, como é de hábito entre muitos povos europeus, favorece a renovação dos flúidos salutareis de paz na intimidade do coração e do ambiente doméstico?*

-Essa leitura é sempre útil, e quando não produz a paz imediata, em vista da heterogeneidade de condições espirituais daqueles que a ouvem em conjunto, constitui sempre proveitosa sementeira evangélica, extensiva às entidades do plano invisível, que a assistem, sendo lícito esperar mais tarde o seu florescimento e frutificação.

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

O Livro dos Espíritos. Allan Kardec. Questões 220 a 221a

220. Com a mudança dos corpos, podem perder-se certas faculdades intelectuais, deixando-se de ter, por exemplo, o gosto pelas artes?

– Sim, desde que se tenha desonrado essa faculdade, empregando-a mal. Uma faculdade pode, também, ficar adormecida durante uma existência, porque o Espírito quer exercer outra, que não se relacione com ela. Nesse caso, permanece em estado latente, para reaparecer mais tarde.

221. É a uma lembrança retrospectiva que deve o homem, mesmo no estado de selvagem, o sentimento instintivo da existência de Deus e o pressentimento da vida futura?

– É uma lembrança que ele conserva daquilo que sabia como Espírito, antes de encarnar; mas o orgulho freqüentemente abafa esse sentimento.

221-a. É à mesma lembrança que se devem certas crenças relativas à doutrina espírita encontradas em todos os povos?

– Esta doutrina é tão antiga quanto o mundo. É por isso que a encontramos por toda parte, e é esta uma prova da sua veracidade. O Espírito encarnado, conservando a intuição do seu estado de Espírito, tem a consciência instintiva do mundo invisível. Mas quase sempre ela é faiscada pelos preconceitos, e a ignorância mistura a ela a superstição. (Os Espíritos aludem à eternidade espiritual da doutrina e sua permanente projeção na Terra. Mas devemos distinguir entre as suas manifestações falseadas, no passado, e a manifestação pura que se encontra neste livro. Os traços da doutrina espírita marcam o roteiro da evolução humana na Terra, mas só com este livro ela se apresentou definida e completa. Por isso, o Espiritismo é na Terra uma doutrina moderna, embora não seja “uma invenção moderna”, como acentua Kardec, mesmo porque ninguém a inventou. (N. do T.)

*

Livro: Religião dos Espíritos (Emmanuel) Memória além-túmulo

Reunião pública de 16/1/59 Questão nº 220 de O Livro dos Espíritos

Automaticamente, por força da lógica, elege o homem na contabilidade uma das forças de base ao próprio caminho.

Contas maiores legalizam as relações do comércio, e contas menores regulamentam o equilíbrio do lar.

Débitos pagos melhoram as credenciais de qualquer cidadão, enquanto que os compromissos menosprezados desprestigiam a ficha de qualquer um.

Assim também, para lá do sepulcro, surge o registro contábil da memória como elemento de aferição do nosso próprio valor.

A faculdade de recordar é o agente que nos premia ou nos pune, ante os acertos e os desacertos da rota.

Dessa forma, se os atos louváveis são recursos de abençoada renovação e profunda alegria nos recessos da alma, as ações infelizes se erguem, além do túmulo, por fantasmas de remorso e aflição no mundo da consciência.

Crimes perpetrados, faltas cometidas, erros deliberados, palavras delituosas e omissões lamentáveis esperam-nos a lembrança, impondo-nos, em reflexos dolorosos, o efeito de nossas quedas e o resultado de nossos desregramentos, quando os sentidos da esfera física não mais nos acalentam as ilusões.

Não olvideis, assim, que, além da morte, a vida nos aguarda em perpetuidade de grandeza e de luz, e que, nessas mesmas dimensões de glorificação e beleza, a memória imperecível é sempre o espelho que nos retrata o passado, a fim de que a sombra, reinante em nós, se dissolva, nas lições do presente, impelindo-nos a seguir, desenleados da treva, no encalço da perfeição com que nos acena o futuro.

*

Livro: O Consolador (Emmanuel). Questões 136 a 145 - Experiência

136 – *Existem seres agindo na Terra sob determinação absoluta?*

-Os animais e os homens quase selvagens nos dão uma idéia dos seres que agem no planeta sob determinação absoluta. E essas criaturas servem para estabelecer a realidade triste da mentalidade do mundo, ainda distante da fórmula do amor, com que o homem deve ser o legítimo cooperador de Deus, ordenando com a sua sabedoria paternal.

Sem saberem amar os irracionais e os irmãos mais ignorantes colocados sob a sua imediata proteção, os homens mais educados da Terra exterminam os primeiros, para sua alimentação, e escravizam os segundos para objeto de explorações grosseiras, com exceções, de modo a mobilizá-los a serviço do seu egoísmo e da sua ambição.

137 – *O homem educado deve exercer vigilância sobre o seu grau de liberdade?*

-É sobre a independência própria que a criatura humana precisa exercer a vigilância maior.

Quando o homem educado se permite examinar a conduta de outrem, de modo leviano ou inconveniente, é sinal que a sua vigilância padece desastrosa deficiência, porquanto a liberdade de alguém termina sempre onde começa uma outra liberdade, e cada qual responderá por si, um dia, junto à Verdade Divina.

138 – *Em se tratando das questões do determinismo, qualquer ser racional pode estar sujeito a erros?*

-Todo ser racional está sujeito ao erro, mas a ele não se encontra obrigado.

Em plano de provações e de experiências como a Terra, o erro deve ser sempre levado à conta dessas mesmas experiências, tão logo seja reconhecido pelo seu autor direto, ou indireto, tratando-se de aproveitar os seus resultados, em idênticas circunstâncias da vida, sendo louvável que as criaturas abdiquem a repetição dos experimentos, em favor do seu próprio bem no curso infinito do tempo.

139 – *Se na luta da vida terrestre existem circunstâncias por toda parte, qual será a melhor de todas digna de ser seguida?*

Em todas as situações da existência a mente do homem defronta circunstâncias do determinismo divino e do determinismo humano. A circunstância a ser seguida, portanto, deve ser sempre a do primeiro, a fim de que o segundo seja iluminado, destacando-se essa mesma circunstância pelo seu caráter de benefício geral, muitas vezes com o sacrifício da satisfação egoística da personalidade.

Em virtude dessa característica, o homem está sempre habilitado, em seu íntimo, a escolher o bem definitivo de todos e o contentamento transitório do seu “eu”, fortalecendo a fraternidade e a luz, ou agravando o seu próprio egoísmo.

140 – *Os astros influenciam igualmente na vida do homem?*

As antigas assertivas astrológicas têm a sua razão de ser. O campo magnético e as conjunções dos planetas influenciam no complexo celular do homem físico, em sua formação orgânica e em seu nascimento na Terra; porém, a existência planetária é sinônimo de luta. Se as influências astrais não favorecem a determinadas criaturas, urge que estas lutem contra os elementos perturbadores, porque, acima de todas as verdades astrológicas, temos o Evangelho, e o Evangelho nos ensina que cada qual receberá por suas obras, achando-se cada homem sob as influências que merece.

141 – *Há influências espirituais entre o ser humano e o seu nome, tanto na Terra, como no Espaço?*

-Na Terra ou no plano invisível, temos a simbologia sagrada das palavras; todavia, o estudo dessas influências requer um grande volume de considerações especializadas e, como o nosso trabalho humilde é uma apologia ao esforço de ca-

da um, ainda aqui temos de reconhecer que cada homem recebe as influências a que fez jus, competindo a cada coração renovar seus próprios valores, em marcha para realizações cada vez mais altas, pois que o determinismo de Deus é o do bem, e todos os que se entregarem realmente ao bem, triunfarão de todos os óbices do mundo.

142 – *Poderíamos receber um ensinamento sobre o número sete, tantas vezes utilizado no ensino das tradições sagradas do Cristianismo?*

-Uma opinião isolada nos conduzirá a muitas análises nos domínios da chamada numerologia, fugindo ao escopo de nossas cogitações espirituais.

Os números, como as vibrações, possuem a sua mística natural, mas, em face de nossos imperativos de educação, temos de convir que todos os números, como todas as vibrações, serão sagrados para nós, quando houvermos santificado o coração para Deus, sendo justo, nesse particular, copiarmos a antiga observação do Cristo sobre o sábado, esclarecendo que os números foram feitos para os homens, porém, os homens não foram criados para os números.

143 – *Deve acreditar-se na influência oculta de certos objetos, como jóias, etc., que parecem acompanhados de uma atuação infeliz e fatal?*

-Os objetos, mormente os de uso pessoal, têm a sua história viva e por vezes, podem constituir o ponto de atenção das entidades perturbadas, de seus antigos possuidores no mundo; razão porque parecem tocados, por vezes, de singulares influências ocultas; porém, nosso esforço deve ser o da libertação espiritual, sendo indispensável lutarmos contra os fetiches, para considerar tão somente os valores morais do homem na sua jornada para o Perfeito.

144 – *Os fenômenos premonitórios atestam a possibilidade da presciência com relação ao futuro?*

-Os Espíritos de nossa esfera não podem devassar o futuro, considerando essa atividade uma característica dos atributos do Criador Supremo, que é Deus.

Temos de considerar, todavia, que as existências humanas estão subordinadas a um mapa de provas gerais, onde a personalidade deve movimentar-se com o seu esforço para a iluminação do porvir, e, dentro desse roteiro, os mentores espirituais mais elevados podem organizar os fatos premonitórios, quando convenham as demonstrações de que o homem não se resume a um conglomerado de elementos químicos, de conformidade com a definição do materialismo dissolvente.

145 – *Que dizermos da cartomancia em face do Espiritismo?*

-A cartomancia pode enquadrar-se nos fenômenos psíquicos, mas não no Espiritismo evangélico, onde o cristão deve cultivar os valores do seu mundo íntimo pela fé viva e pelo amor no coração, buscando servir a Jesus no santuário de sua alma, não tendo outra vontade que não aquela de se elevar ao seu amor pelo trabalho e iluminação de si mesmo, sem qualquer preocupação pelos acontecimentos nocivos que se foram, ou pelos fatos que hão de vir, na sugestão nem sempre sincera dos que devassam o mundo oculto.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec

Método

Questão 28, parágrafos 1º., 2º., 3º. e 4º.

28. Entre os que se convenceram estudando diretamente o assunto podemos distinguir:

1°) Os que acreditam pura e simplesmente nas manifestações. Consideram o Espiritismo como uma simples ciência de observação, apresentando uma série de fatos mais ou menos curiosos. Chamamo-los: *espíritas experimentadores*.

2°) Os que não se interessam apenas pelos fatos e compreendem o aspecto filosófico do Espiritismo, admitindo a moral que dele decorre, mas sem a praticarem. A influência da Doutrina sobre o seu caráter é insignificante ou nula. Não modificam em nada os seus hábitos e não se privariam de nenhum de seus prazeres. O avarento continua insensível, o orgulhoso cheio de amor-próprio, o invejoso e o ciumento sempre agressivos. Para eles, a caridade cristã não passa de uma bela máxima. São os *espíritas imperfeitos*.

3°) Os que não se contentam em admirar apenas a moral espírita, mas a praticam e aceitam todas as suas conseqüências. Convictos de que a existência terrena é uma prova passageira, tratam de aproveitar os seus breves instantes para avançar na senda do progresso, única que pode elevá-los de posição no Mundo dos Espíritos, esforçando-se para fazer o bem e reprimir as suas más tendências. Sua amizade é sempre segura, porque a sua firmeza de convicção os afasta de todo mau pensamento. A caridade é sempre a sua regra de conduta. São esses os *verdadeiros espíritas*, ou melhor, os *espíritas cristãos*. (Sendo o Espiritismo uma doutrina eminentemente cristã, essa designação de *espírita cristão* pode parecer redundante. Por outro lado, poderia sugerir a existência de uma forma de Espiritismo não-cristão, que na verdade não existe. Kardec a emprega, porém, como designação do *verdadeiro espírita*, para distinguir estes daqueles que não seguem, como se vê acima, os princípios do Espiritismo. (N. do T.)

4°) Há, por fim, os *espíritas exaltados*. A espécie humana seria perfeita, se preferisse sempre o lado bom das coisas. O exagero é prejudicial em tudo. No Espiritismo ele produz uma confiança cega e freqüentemente pueril nas manifestações do mundo invisível, fazendo aceitar muito facilmente e sem controle aquilo que a reflexão e o exame demonstrariam ser absurdo ou impossível, pois o entusiasmo não esclarece, ofusca. Esta espécie de adeptos é mais nociva do que útil à causa do Espiritismo. São os menos capazes de convencer, porque se desconfia com razão do seu julgamento. São enganados facilmente por Espíritos mistificadores ou por pessoas que procuram explorar a sua credulidade. Se apenas eles tivessem de sofrer as conseqüências o mal seria menor, mas o pior é que oferecem, embora sem querer, motivos aos incrédulos que mais procuram zombar do que se convencer e não deixam de imputar a todos o ridículo de alguns. Isso não é justo nem racional, sem dúvida, mas os adversários do Espiritismo, como se sabe, só reconhecem como boa a sua razão e pouco se importam de conhecer a fundo aquilo de que falam.

*

**Livro: Seara dos Médiuns (Emmanuel)
Companheiros**

**Reunião pública de 25/1/60
Questão nº 28 - Parágrafos 1º, 2º e 3º**

Há muitos companheiros realmente assim...
Declararam-se espíritas.
Proclamam-se convencidos, quanto à sobrevivência.
Relacionam casos maravilhosos.
Exibem apontamentos inatacáveis.

Referem-se, freqüentemente, aos sábios que pesquisaram as forças psíquicas.

Andam de experiência em experiência.

Fitam médiuns como se vissem animais raros.

Não alimentam dúvidas quanto aos fatos inabituais no seio da própria família, mas desconfiam das observações nascidas no lar de outrem.

Conversadores primorosos.

Anedotistas notáveis.

Mas não mostram mudança alguma.

São na convicção o que eram na negação.

Nobres expoentes de cultura intelectual, não estendem migalha de conhecimento superior a quem quer que seja.

Detentores de vantagens humanas, não se dignam ajudar a ninguém.

*

Felizmente, contudo, temos os companheiros da luta incessante.

Afirmam-se também espiritas.

Mas compreendem que o fenômeno, diante da verdade, pode ser considerado à feição de casca no fruto.

Têm os médiuns como pessoas comuns, necessitadas de entendimento e de auxílio.

Sabem que a existência na Terra é como estágio na escola.

E, por isso, não perdem tempo.

Moram no trabalho constante.

Indulgentes para com todos e severos para consigo mesmos.

Aceitam a justiça perfeita, através da reencarnação, e acolhem no sofrimento o curso preciso ao burilamento da própria alma.

Verificam que o erro dos outros podia ser deles próprios e, em razão disso, não perdem a paciência.

Reconhecendo-se imperfeitos, perdoam, sem vacilar, as imperfeições alheias.

E vivem a caridade como simples dever, aprendendo e servindo sempre.

São esses que Allan Kardec, em sua palavra esclarecida, define como sendo “os espiritas verdadeiros ou, melhor, os espíritas-cristãos”.

*

Revista Espírita – Fevereiro de 1858

Allan Kardec

Palestras de além-túmulo - senhorita Clary D

Nota. A senhorita Clary D..., interessante criança, que morreu em 1850, com a idade de treze anos e, desde então, ficou como o gênio da sua família, onde é freqüentemente evocada, e à qual dá um grande número de comunicações do mais alto interesse. A palestra que relataremos a seguir ocorreu entre ela e nós no dia 12 de janeiro de 1857, por intermédio de seu irmão médium.

1. *P.* Tendes uma lembrança precisa da vossa existência corporal? - *R.* O Espírito vê o presente, o passado e um pouco do futuro, segundo a sua perfeição e a sua aproximação de Deus.

2. *P.* Essa condição, a da perfeição, é relativa só ao futuro ou se relaciona, igualmente, com o presente e o passado? -*R.* O Espírito vê o futuro, mais claramente, à medida que se aproxima de Deus. Depois da morte, a alma vê e abarca com um golpe de vista, todas as suas *migrações* passadas, mas não pode ver o que Deus lhe prepara; é preciso, para isso, que ela esteja inteiramente em Deus, *depois de muitas existências*.

3. *P.* Sabeis em qual época sereis reencarnada? - *R.* Em 10 ou 100 anos.
4. *P.* Será nesta Terra ou em um outro mundo? - *R.* Num outro mundo.
5. *P.* O mundo em que estareis, com relação à Terra, tem condições melhores, iguais ou inferiores? - *R.* Muito melhores do que na Terra. Nele se é feliz.
6. *P.* Uma vez que estais aqui entre nós, estais num lugar determinado, em que situação? - *R.* Estou com aparência etérea; poderia dizer que o meu Espírito, propriamente dito, se estende para muito mais longe; vejo muitas coisas, e me transporto para bem longe daqui com a rapidez do pensamento; minha aparência está à direita do meu irmão e guia o seu braço.
7. *P.* O corpo etéreo, do qual estais revestida, vos permite sentir as sensações físicas, como, por exemplo, a do calor ou do frio? - *R.* Quando me lembro muito do meu corpo, sinto uma espécie de impressão, como quando se tira um casaco e se o crê ainda vesti-lo algum tempo depois.
8. *P.* Acabais de dizer que podeis vos transportar com a rapidez do pensamento; o pensamento não é a própria alma que se separa do seu envoltório? - *R.* Sim.
9. *P.* Quando o vosso pensamento se transporta para alguma parte, como se dá a separação da vossa alma? - *R.* A aparência se desvanece; o pensamento caminha sozinho.
10. *P.* É, pois, uma faculdade que se separa; o ser permanece onde está? - *R.* A forma não é o ser.
11. *P.* Mas como esse pensamento age? Não age, sempre, por intermédio da matéria? - *R.* Não.
12. *P.* Quando a vossa faculdade de pensar se separa, não agis mais por intermédio da matéria? - *R.* A sombra se esvanece; ela se reproduz onde o pensamento a guia.
13. *P.* Uma vez que não tínheis senão 13 anos quando vosso corpo morreu, como ocorre que possais nos dar, sobre questões tão abstratas, respostas que estão fora do entendimento de uma criança da vossa idade? - *R.* Minha alma é tão antiga!
14. *P.* Podeis nos citar, entre as vossas existências anteriores, uma das que mais elevaram os vossos conhecimentos? - *R.* Estive no corpo de um homem que tornei virtuoso; depois da sua morte, fui levada ao corpo de uma jovem cuja face era a marca da alma; Deus me recompensa.
15. *P.* Poderia nos ser dado vos ver assim tal como sois atualmente? - *R.* A vós poderia.
16. *P.* Como poderíamos? Isso depende de nós, de vós ou de pessoas mais íntimas? - *R.* De vós.
17. *P.* Quais condições deveriam se cumprir para isso? - *R.* Recolher-vos por algum tempo, com fé e fervor, serem menos numerosos, vos isolar um pouco, e fazerdes vir um médium no gênero de Home.

*

Livro: Obsessão. O Passe. A Doutrinação

J. Herculano Pires

VI - O tratamento mediúnico.

O tratamento mediúnico não segue uma regra única. Varia de acordo com a natureza dos casos e as condições psicológicas específicas dos pacientes.

Deve sempre ser feito sob orientação médica, mas de médico que tenha suficiente conhecimento da doutrina. Sem esse conhecimento, muitos médicos-médiuns extraviaram-se em práticas que a pesquisa espírita já demonstrou serem

inúteis e portanto desnecessárias, servindo apenas para dar ao tratamento racional aspectos supersticiosos.

Todo tratamento mediúnico deve ser gratuito, segundo a prescrição de Kardec, pois depende estritamente do auxílio espiritual. Os espíritos não cobram os seus serviços e não gostam que cobrem por eles. Por isso, deve ser realizado em instituições doutrinárias em que médicos servem, como espíritas que possuem conhecimentos médicos, excluindo-se o profissionalismo.

O serviço espírita é de abnegação, é o pagamento que médiuns e médicos fazem a Deus, através do sofrimento humano por eles aliviado, do muito que diariamente recebem do amparo divino. Os que não compreendem isso, deixando-se levar pela ganância, acabam fatalmente subjugados pelos espíritos inferiores.

A pureza de intenções de médiuns e médicos é a única possível garantia da eficácia do tratamento mediúnico. Como assinalava Kardec, o desprendimento dos interesses terrenos é a primeira condição do interesse dos Espíritos Superiores pelo nosso esforço em favor do próximo.

VII - A cura da obsessão.

Você é um ser humano adulto e consciente, responsável pelo seu comportamento. Controle as suas idéias, rejeite os pensamentos inferiores e perturbadores, estimule as suas tendências boas e repila as más. Tome conta de si mesmo. Deus concedeu a jurisdição de si mesmo, é você quem manda em você nos caminhos da vida. Não se faça de criança mimada. Aprenda a se controlar em todos os instantes e em todas as circunstâncias. Experimente o seu poder e verá que ele é maior do que você pensa.

A cura da obsessão é uma auto-cura. Ninguém pode livrar você da obsessão se você não quiser livrar-se dela. Comece a livrar-se agora, dizendo a você mesmo: sou uma criatura normal, dotada do poder e do dever de dirigir a mim mesmo. Conheço os meus deveres e posso cumpri-los. Deus me ampara.

Repita isso sempre que se sentir perturbado. Repita e faça o que disse. Tome a decisão de se portar como uma criatura normal que realmente é, confiante em Deus e no poder das forças naturais que estão no seu corpo e no seu espírito, à espera do seu comando. Dirija o seu barco. Reformule o seu conceito de si mesmo. Você não é um pobrezinho abandonado no mundo. Os próprios vermes são protegidos pelas leis naturais.

Por que motivo só você não teria proteção? Tire da mente a idéia de pecado e castigo. O que chamam de pecado é o erro, e o erro pode e deve ser corrigido. Corrija-se. Estabeleça pouco a pouco o controle de si mesmo, com paciência e confiança em si mesmo.

Você não depende dos outros, depende da sua mente. Mantenha a mente arejada, abra suas janelas ao mundo, respire com segurança e ande com firmeza. Lembre-se dos cegos, dos mudos e dos surdos, dos aleijados e deficientes que se recuperam confiando em si mesmos. Desenvolva a sua fé.

Fé é confiança. Existe a Fé Divina, que é a confiança em Deus e no Seu Poder que controla o Universo. Você, racionalmente, pode duvidar disso? Existe a Fé Humana, que é a confiança da criatura em si mesma. Você não confia na sua inteligência, no seu bom senso, na sua capacidade de ação? Você se julga um incapaz e se entrega às circunstâncias deixando-se levar por idéias degradantes a seu respeito? Mude esse modo de pensar, que é falso.

Quando vier às reuniões de desobsessão, venha confiante. Os que o esperam estão dispostos a auxiliá-lo. Seja grato a essas criaturas que se interessam por

você e ajude-as com sua boa vontade. Se você fizer isso, a sua obsessão já começou a ser vencida. Não se acovarde, seja corajoso.

*

V – FILOSOFIA GERAL E ESPÍRITA

Livro: Introdução à Filosofia Espírita

J. Herculano Pires

III — TEORIA ESPÍRITA DO CONHECIMENTO

1 — *Como conhecemos?*

Já vimos que o problema do conhecimento é básico em Filosofia. Pois se esta tem por objeto a Sabedoria, o que vale dizer o nosso saber, aquilo que sabemos, é claro que o conhecimento e a maneira pela qual o adquirimos é de importância fundamental em toda a indagação filosófica. Por isso a Teoria do Conhecimento é uma das partes mais complexas e mais debatidas da Filosofia, em todos os tempos. Na Filosofia Espírita ela assume uma importância ainda mais profunda, pois a pergunta “Como conhecemos?” implica a relação espírito-corpo. E essa relação exige a definição dos seus componentes, envolvendo as perguntas “o que é espírito?” e “o que é corpo?”

Mas antes dessas questões há outra, relacionada com os próprios elementos do ato de conhecer. A tradição filosófica nos mostra duas posições clássicas diante desse problema: a platônica ou socrático-platônica, que envolve a questão da reminiscência das idéias inatas, e a sofística ou empírica que se refere apenas aos nossos sentidos. Há entre esses dois campos numerosas escolas e subescolas, mas para o nosso propósito bastam essas duas linhas fundamentais, que permanecem válidas em nossos dias e representam as pontas do dilema de conhecer. Nessas duas linhas a resposta à pergunta “Como conhecemos?” é dada pela seguinte contradição: 1ª.) “Conhecemos pelo espírito”; 2ª.) “Conhecemos pelos sentidos”. O primeiro a dar uma resposta conciliatória, ao que nos parece, foi Aristóteles com a sua teoria dos dois espíritos do homem: o *formativo* e o *receptivo*. Esta dualidade é resolvida pela Filosofia Espírita de maneira dialética, como veremos.

Os elementos do conhecer podem ser definidos como a *razão* e o *sensório*. Nesses dois elementos encontramos os seus respectivos instrumentos, que podemos chamar os *instrumentos do conhecer*. Na razão encontramos os conceitos ou idéias, que Sócrates foi o primeiro a descobrir (escondidos atrás das palavras) e que Kant chamaria mais tarde de categorias. No sensório encontramos as sensações, que na Psicologia atual podemos chamar de percepções. Assim, o conhecer é um ato de relação. O conhecedor, que é o homem, se põe em relação com alguma coisa, percebe essa coisa e procura identificá-la. Mas identificá-la com o que? Com os conceitos ou idéias, com as chamadas categorias da razão, que não estão nos sentidos, mas no espírito. Essa identificação é o próprio ato de conhecer. Captamos pela vista uma forma à distância. Ela nos parece um cavaleiro. Identificamos a forma visual com a idéia ou conceito de um cavaleiro. Mas, ao nos aproximarmos, verificamos que se trata de uma pedra com forma de cavaleiro: refazemos a identificação automaticamente. É assim que um objeto captado pelos nossos sentidos pode enganar-nos, mas a verificação da razão corrige o erro.

Estão aí os dois espíritos da teoria de Aristóteles. O primeiro é o *espírito formativo*, que para Aristóteles era a própria alma humana procedente do mundo espiritual, não sujeita às influências do mundo exterior. O segundo é o *espírito receptivo*, uma espécie de matéria em que se imprimem as sensações do mundo ex-

terior, segundo Aristóteles. Isto implica a teoria aristotélica da forma e matéria. As formas do mundo exterior se imprimem na matéria dos sentidos e dão forma a essa matéria. Mas na Filosofia Espírita não é assim. Os sentidos são apenas instrumentos de captação. E esses instrumentos pertencem à condição existencial do homem encarnado, do homem no mundo. O homem é um composto de espírito e corpo. O corpo é o escafandro de que o espírito se serve para mergulhar nas profundidades da matéria. Quando deixamos o escafandro os seus instrumentos não funcionam. Quando deixamos o corpo os seus instrumentos morrem.

Para a Filosofia Espírita, portanto, a dualidade de espíritos da teoria aristotélica não existe. O homem é essencialmente um espírito. Assim, o espírito é a substância do homem e o corpo o seu acidente. A percepção é uma faculdade do espírito e não do corpo. É o escafandrista que vê através dos vidros do escafandro e não este que vê pelos seus vidros. A contradição das teorias platônica e sofística do conhecimento se resolve numa síntese funcional. Essa contradição ainda existe na Filosofia atual. Podemos representá-la pela teoria racional de Kant e a empírica ou sensorial de Locke: a escola racional e empírica do conhecimento. A síntese funcional é a que nos oferece a reunião do racionalismo e do empirismo num sistema de funções. Esse sistema é o processo vital do homem, ou seja, um espírito encarnado, uma razão prisioneira da rede sensorial, funcionando em relação ao mundo através dessa rede.

A percepção, segundo a Filosofia Espírita, é uma faculdade geral do espírito, que abrange todo o seu ser. Veja-se o ensaio teórico sobre as sensações dos espíritos, em "*O Livro dos Espíritos*". O espírito não percebe através dos órgãos, não vê pelos olhos nem ouve pelos ouvidos. Vê e ouve por todo o seu ser. Somente quando sujeito ao corpo tem a sua percepção reduzida ao organismo sensorial. Mas, apesar disso, a sujeição corpórea não é absoluta. O espírito, mesmo encarnado, extravasa dos limites sensoriais e tem percepções extra-sensoriais. Essa a grande "descoberta" da Parapsicologia, que, segundo o próprio prof. Rhine: "só é nova para a Ciência". Sim, pois os homens sabem, desde todos os tempos, que podem ver sem os olhos e perceber sem os sentidos em todos os campos da percepção.

Mas se os homens podem ver sem os olhos, não de ver também coisas não visíveis para os olhos. Eis a questão, diria Shakespeare. E essa questão nos leva de volta à teoria das reminiscências de Sócrates e Platão. Que teoria é essa? A de que os nossos espíritos, ou seja, nós mesmos, antes de encarnarmos neste mundo já conhecíamos muitas coisas. Esse conhecimento está dentro de nós na forma de reminiscência, de lembrança amortecida pela carne. Por isso Sócrates inventou a maiêutica, o processo de tirar o conhecimento das profundezes do ignorante como se tira água do poço. E Platão ensinou, com o famoso mito da caverna, que na terra somos apenas sombras, as projeções passageiras e irreais de nós mesmos, dos nossos espíritos, que na realidade vivem acima da matéria, transcendem a ela. E hoje os parapsicólogos mais esclarecidos, mais conseqüentes consigo mesmos — como o casal Rhine, os profs. Soal, Carington, Price, Tischner e outros —, afirmam que a mente e o pensamento não são materiais, pertencem a outro plano da natureza, a outro plano da complexa estrutura do Universo. A teoria espírita do conhecimento tem a sanção das últimas conquistas científicas.

Mas voltemos ainda aos *instrumentos do conhecimento* para tratarmos de um deles, que é para a Filosofia Espírita de muita importância. Trata-se da idéia ou conceito de *espírito*. Todas as especulações foram feitas para explicar a existência desse conceito. Conhece-se a teoria da projeção anímica, de Feuerbach, a-

dotada pelo Marxismo: "Não foi Deus quem criou o homem, mas o homem quem criou Deus"; a teoria animista de Taylor; a teoria da imaginação primitiva, de Spencer, que o seu discípulo Ernesto Bozzano ampliou para torná-la espírita. E é em Bozzano (*"Popoli Primitivi e Manifestazione Supernormale"*) que vamos encontrar a resposta espírita a todas essas hipóteses imaginosas. O conceito de espírito é uma categoria lógica, semelhante às de espaço e tempo, que o homem desenvolveu com a experiência sensível. As pesquisas científicas da Metapsíquica, da chamada Ciência Psíquica Inglesa, da antiga Parapsicologia alemã e da atual Parapsicologia, ao lado das investigações clássicas e modernas da Ciência Espírita confirmam essa teoria. Não foi da imaginação primata (incapaz de tal abstração) que surgiu o conceito de espírito, mas dos fenômenos de aparições, de materializações e de todos os tipos de manifestações paranormais.

*

VI – PARAPSIKOLOGIA

Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã.

J. Herculano Pires

XI - PSI e o desenvolvimento moral

A investigação das funções psi tem as conseqüências inevitáveis de um mergulho nas profundezas do psiquismo. Alguns parapsicólogos de tipo fanaticamente científico não querem reconhecer esse fato e protestam contra as ilações de Rhine no campo das conseqüências morais, sociais, políticas e ideológicas da Parapsicologia. Mas o que mais valoriza o trabalho de Rhine e seu grupo é exatamente a amplitude de vistas que o caracteriza. Rhine não é apenas um pesquisador, é também um pensador. E um pensador capaz de tratar os resultados de suas experiências não apenas de maneira matemática e lógica, mas também emocional.

É precisamente nesse ponto que o carro pega, segundo alegam os seus adversários. Porque um cientista deve ser frio, racional e não emotivo. Deve ser sobretudo positivo, não passar além daquilo que os dados da experiência objetivamente oferecem ao seu exame. Essa é a mentalidade típica do mecanicismo. O cientista apresentado como uma espécie de robot, de homem metálico que abdica da parte fundamental de sua natureza humana para funcionar como diafragma de máquina fotográfica. Rhine não é assim nem deseja parecer assim. Como Einstein, tem a coragem de sentir febre diante das conclusões da sua pesquisa.

Em seu livro *The Reach of the Mind*, apresentando os resultados de mais de quinze anos de investigação, começa por colocar o que chama, com muita razão, "o problema central do homem". Sua primeira frase é socrática: "Vós e eu, os seres humanos, o que somos?" E ele mesmo responde: "Ninguém o sabe". A seguir exclama: "É quase incrível essa ignorância do conhecedor a respeito dele mesmo!" Sim, porque o homem é um conhecedor insaciável que estende a sua curiosidade em todas as direções, que tudo conquista e domina, menos a si mesmo. O que leva Rhine a advertir: "Os historiadores do século XXI ficarão assombrados ao constatarem que o homem demorou tanto em concentrar as suas investigações sobre o problema da sua própria essência".

Mais assombrados ficarão ao se lembrarem de que Sócrates já proclamava a necessidade do conhecer-se a si mesmo antes do conhecer o mundo. A pesquisa científica de psi não pode, por isso, limitar-se à zona periférica das percepções. Deve aprofundar-se, como o faz Rhine, em termos de estrutura e essência. Inútil criticá-lo por isso. O processo de investigações psi, uma vez desencadeado, terá forçosamente de prosseguir até às suas últimas conseqüências. E as últimas conseqüências, tanto na prática científica quanto na cogitação filosófica, tanto na ex-

periência quanto no pensamento — na ordem empírica e na racional — são sempre de sentido moral.

Rhine acentua este aspecto contraditório do nosso tempo: enquanto nas Faculdades de Teologia preparam-se jovens pregadores instruídos em velhos princípios de fé, nas Faculdades de Medicina, a poucos metros de distância das primeiras, formam-se jovens médicos instruídos nos princípios da descrença. E ambos, o sacerdote e o médico vão operar no meio social, muitas vezes encontrando-se aos pés do mesmo leito, cada um com sua verdade particular, oposta e irreduzível à verdade do outro. O mesmo enfermo, entretanto, aceita e ajusta as duas verdades diante dos dois perigos que enfrenta: o da morte e o da sobrevivência.

A incapacidade da Ciência para provar que o homem é apenas corpo só encontra equivalente na incapacidade da Religião para provar que o homem é espírito. Nada mais justo que nessa situação de conflito insanável o Existencialismo sartreano nos proponha a moral da ambigüidade. Moral, aliás, que antes de sua formulação por Simone de Beauvoir já superava na prática os antigos padrões morais derruídos ao impacto das transformações sociais e culturais. Acusado de espiritualismo, no sentido de preconceito prejudicial à investigação científica, Rhine responde com a colocação das cartas na mesa. Literal e efetivamente é essa a sua atitude. As cartas e os dados sobre a mesa para que o problema seja solucionado nos termos da evidência cartesiana.

No final de *The Reach of the Mind* declara serenamente: "Se as futuras descobertas excluírem toda possibilidade de aceitação da hipótese da sobrevivência podemos antecipar, com segurança, que o desaparecimento das teorias de toda a espécie sobre a ressurreição não seria mais lamentável que o da existência dos antigos anjos alados, ou o da velha doutrina do enxofre entre os intelectuais das escolas teológicas de hoje". As conseqüências morais que Rhine pretende tirar da investigação de psi não são de ordem espiritualista ou materialista, mas de ordem real ou verídica. O que importa não é a posição mental diante dos fatos, mas a realidade das comprovações. Porque tanto é prejudicial, do ponto-de-vista científico, o preconceito espiritualista quanto o materialista. Ambos, como assinala Ernst Cassirer, acabam por fazer os fatos empíricos deitarem no leito de Procusto das simples teorias.

A verdade, portanto, e não as suposições — a verdade que ressalte dos fatos — eis o que importa. E essa verdade, como o demonstra Rhine, já não admite contradições no estado atual das investigações parapsicológicas. Quando publicou o livro a que aludimos, as investigações ainda não haviam atingido o desenvolvimento de hoje. Mas assim mesmo Rhine podia afirmar que "as experiências de ESP e PK demonstram que a mente está livre das leis físicas". E acrescentava: "Estas investigações oferecem a única comprovação indiscutível que pode contribuir para a solução do problema da liberdade moral".

A conclusão de Rhine é um anúncio dos novos tempos. É um programa do Reino, que renova em bases científicas o manifesto do Sermão da Montanha. A descoberta das funções psi e de seu alcance oferece bases experimentais para a formulação de uma nova moral. Não a moral ambígua destes tempos de incertezas e de contradições, mas a moral positiva dos tempos que já se abrem diante de nós, a moral apoiada no conhecimento da natureza extrafísica do homem. Uma coisa é a crença nessa natureza, outra coisa, e bem diversa, é a certeza científica. Como dizia Denis Bradley: "Afirmar eu creio não é o mesmo que afirmar eu sei". Por isso psi se apresenta no quadro científico do nosso tempo como o resgate moral da Ciência e portanto da razão. A malsinada razão atinge em psi o momento de afir-

mar a sua vitória decisiva, superando a si mesma. Dessa vitória e dessa superação resulta a moral psi que, na precognição de Rhine, estruturará o novo mundo.

Muitos perguntam o que entendemos por uma razão que supera a si mesma. Basta olhar para a graduação do processo racional em nosso mundo para ter a resposta. Vamos da razão da ignorância à razão da astúcia (a chamada razão diabólica), até à razão do sábio. Mas acima desta existe a razão do sábio-santo, que é o verdadeiro sábio, a razão iluminada pela intuição e a fé.

Porque a razão é a experiência vital dinamizada no espírito em forma de categorias mentais. Essa experiência e suas categorias dinâmicas se elevam ao plano da intuição e com ela se fundem na visão global e endopática do todo. A razão que supera a si mesma é a que rompe os limites sensoriais e se eleva além do tempo e do espaço nas asas de psi.

*

VII – PRÁTICA.

FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

O Livro dos Médiuns. Allan Kardec. Questões 212 a 218

212. Se o médium deve evitar de cair, sem querer, na dependência de Espíritos maus, mais ainda deve evitar de entregar-se voluntariamente a eles. Uma vontade incontrolada de escrever não deve levá-lo a crer no primeiro Espírito que se apresente, a menos que pretenda livrar-se dele mais tarde, quando não mais lhe convier. Mas não se pede impunemente a assistência, seja para o que for, de um Espírito mau, que pode exigir pagamento muito caro dos seus serviços.

Algumas pessoas, impacientes com o seu desenvolvimento mediúnico, que acham muito lento, lembram-se de pedir o auxílio de qualquer Espírito, mesmo que seja mau, contando mandá-lo embora depois. Muitas foram logo atendidas e escreveram imediatamente. Mas o Espírito, não se importando de haver sido chamado nessas condições, mostrou-se indócil na hora de sair. Sabemos das que foram punidas em sua presunção, julgando-se fortes para afastá-los à vontade, por anos de obsessão de toda a espécie, pelas mistificações mais ridículas, por uma fascinação tenaz ou mesmo por desastres materiais e pelas mais cruéis decepções. O Espírito mostrou-se de início francamente mau, depois tornou-se hipócrita, tentando fazer crer na sua conversão ou fingindo acreditar no pretenso poder do seu subjugado para expulsá-lo quando quisesse.

213. A escrita é às vezes bem legível, as palavras e as letras perfeitamente destacadas. Mas com certos médiuns é difícil de decifrar por outras pessoas, sendo necessário habituar-se a ela. Muito freqüentemente é formada por grandes traços. Os Espíritos economizam pouco o papel. Quando uma palavra ou uma frase são pouco legíveis, pede-se ao Espírito o favor de recomeçá-las, o que geralmente faz de boa vontade. Quando a escrita é habitualmente ilegível, mesmo para o médium, este quase sempre consegue torná-la mais nítida, por meio de exercícios freqüentes e regulares, feitos com muita força de vontade e rogando com ardor ao Espírito que seja mais correto. Alguns Espíritos adotam muitas vezes sinais convencionais que usam nas reuniões habituais. Para mostrar que uma pergunta os desagrade e que não querem responde-la, farão, por exemplo, um comprido risco ou outra coisa semelhante.

Quando o Espírito chegou ao fim do que tinha a dizer, ou não quer mais responder, a mão se imobiliza e o médium, qualquer que seja o seu poder ou a sua

força de vontade, não consegue obter mais nem uma palavra. Ao contrário, quando ainda não terminou, o lápis prossegue sem que a mão possa detê-lo. Se quiser dizer espontaneamente alguma coisa, a mão pega convulsivamente o lápis e começa a escrever, sem poder opor-se. Aliás, o médium sente quase sempre algo que lhe indica se houve apenas uma parada ou se o Espírito terminou. É raro que não sinta quando o Espírito partiu.

São estas as explicações mais importantes que tínhamos a dar, no tocante ao desenvolvimento da psicografia. A experiência mostrará, na prática, certos detalhes que seria inútil tratar aqui e que os princípios gerais orientarão. Que muitos experimentem, e aparecerão mais médiuns do que se pensa.

214. Tudo o que dissemos se refere à escrita mecânica. É a faculdade que todos os médiuns, com razão, querem desenvolver. Mas a função mecânica pura é muito rara, juntando-se a ela, muito freqüentemente, em maior ou menor grau, a intuição. O médium, tendo consciência do que escreve, é naturalmente levado a duvidar da sua faculdade: não sabe se a escrita é dele mesmo ou de outro Espírito. Mas ele não deve absolutamente inquietar-se com isso e deve prosseguir apesar da dúvida. Observando com cuidado a si mesmo, facilmente reconhecerá nos escritos muitas coisas que não lhe pertencem, que são mesmo contrárias aos seus pensamentos, prova evidente de que não procedem da sua mente. Que continue, pois, e a dúvida se dissipará com a experiência.

215. Se o médium não pode ser exclusivamente mecânico, todas as tentativas de obter esse resultado serão inúteis, mas ele erraria se por isso se julgasse deserdado. Se possui apenas mediunidade intuitiva, deve contentar-se com ela, que não deixará de lhe prestar grandes serviços, se souber aproveitá-la ao invés de repudiá-la.

Se depois de inúteis tentativas, realizadas durante algum tempo não houver nenhum indício de movimento involuntário, ou se esses movimentos forem muito fracos para produzir resultados, não deve hesitar em escrever o primeiro pensamento que lhe for sugerido, nem inquietar-se se é dele ou de outro: a experiência lhe ensinará a fazer distinção. Muito freqüentemente, aliás, o movimento mecânico se desenvolve mais tarde.

Dissemos acima que há casos em que é indiferente saber se o pensamento provém do médium ou de um Espírito. Isso acontece, sobretudo, quando um médium puramente intuitivo ou inspirado realiza por si mesmo um trabalho de imaginação. Pouco importa que então se atribua um pensamento que lhe foi sugerido. Se boas idéias lhe ocorrem, que as agradeça ao seu bom gênio e ele lhe sugerirá outras. Essa é a inspiração dos poetas, dos filósofos e dos cientistas.

216. Suponhamos agora a faculdade mediúnica completamente desenvolvida. Que o médium escreva com facilidade, que seja o que se chama um médium feito. Seria um grande erro de sua parte considerar-se dispensado de novas instruções. Ele só teria vencido uma resistência material, e é então que começam as verdadeiras dificuldades. Mais do que nunca necessitará dos conselhos da prudência e da experiência, se não quiser cair nas mil armadilhas que lhe serão preparadas. Se quiser voar muito cedo com suas próprias asas, não tardará a ser enganado por Espíritos mentirosos que procurarão explorar-lhe a presunção.

217. Uma vez desenvolvida a faculdade, o essencial para o médium é não abusar dela. A satisfação que proporciona a alguns iniciantes provoca um entusiasmo que precisa ser controlado. Devem pensar que ela lhes foi dada para o bem e não para satisfazer a curiosidade vã. É conveniente, portanto, que só a utilizem nos momentos oportunos e não a todo instante. Os Espíritos não estão constante-

mente às suas ordens e eles correm o risco de ser enganados pelos mistificadores. É bom escolherem dias e horas determinados para a prática mediúnica, de maneira a se prepararem com maior recolhimento, e para que os Espíritos que desejam comunicar-se estejam prevenidos e também se coloquem em melhores disposições.

218. Se, apesar de todas as tentativas, a mediunidade não se tiver revelado de maneira alguma, é necessário renunciar a ela, como se renuncia a cantar quando não se tem voz. Quem não sabe uma língua serve-se de um intérprete. Neste caso faz-se o mesmo, recorrendo a outro médium. Mas na falta do médium não se deve julgar sem a assistência dos Espíritos. A mediunidade é para eles um meio de comunicação, mas não o motivo único de atração. Os que nos dedicam afeição estão juntos de nós, quer sejamos médiuns ou não. Um pai não abandona o filho porque este é surdo e cego e não o pode ver nem ouvir. Pelo contrário, envolve-o na sua solicitude, como os Espíritos bons fazem conosco. Se eles não podem transmitir-nos materialmente o seu pensamento, ajudam-nos com a sua inspiração.

*

CURSO PREPARATÓRIO

6ª. AULA

I – INTRODUÇÃO

Livro: Rumo Certo (Emmanuel)

25 - CREDORES SEMPRE

Pais e mães – dois vínculos de amor – na experiência terrestre que não se podem esquecer sem perpetrar ingratidão.

São eles que se esquecem para que os filhos – espíritos reencarnados no mundo – deles façam berço e ninho, apoio e teto; que se arrancam das gratificações dos sentidos para sacrifício e abnegação, a fim de que os próprios rebentos não sofram carência de proteção notadamente no difícil período de adaptação, a que denominamos “infância”; que formam o lar e sustentam-no por base do aperfeiçoamento e do progresso; que garantem aos filhos a certidão de presença na Terra, doando-lhes o nome e a localização social de que necessitam.

* * *

Existem na Terra os que asseguram que a comunhão afetiva entre duas criaturas é incompatível com os serviços de fraternidade e elevação, sem se recordarem de que dispõem de um corpo em favor da própria evolução, à custa de pai e mãe que se puseram a servi-los, através da comunhão afetiva, cujo valor pretendem desconhecer.

Que se corrijam as manifestações poligâmicas, em nome do amor, é providência justa; entretanto, condenar a ligação afetiva, entre os seres que sabem honrar os compromissos que assumem e da qual se derivam todas as civilizações existentes no Planeta, seria renegar a fonte da própria vida, que nos empresta a vida na Terra, em nome de Deus.

* * *

Pais e mães, como forem e onde estiverem, são e serão sempre credores respeitáveis nos domínios da existência, principalmente para quantos se lhes erigem na condição de filhos e descendentes.

Decerto que os filhos nem sempre se harmonizam com os pais nos ideais que abraçam, como também nem sempre os pais se harmonizam com os filhos, nos propósitos a que se afeiçoam, - de vez que no campo da alma cada Espírito é um mundo por si só -; no entanto, é tão significativa a função dos progenitores, nas lides terrenas, que a voz do Mundo Maior, ouvida por Moisés, no lançamento das Leis Divinas incluiu, entre os itens mais importantes para a felicidade do homem na Terra, a legenda inesquecível – “honrarás pai e mãe”.

*

Do livro “Na Era do Espírito”. Psicografia de Francisco C. Xavier e Herculano Pires. Espíritos Diversos

ESTRANHO PONTO DE VISTA

Chico Xavier

Chico Xavier nos escreve contando como recebeu a mensagem “Luz para todos”:

“Alguns amigos vindos de cidade distante, em consultas e comentários, antes dos encargos em pauta na sessão pública, haviam mostrado estranho ponto de vista. Disseram-me que são contra a apresentação da Doutrina Espírita em programas de televisão e julgam que os doutrinadores e médiuns devem permanecer segregados nos templos espíritas para exemplificarem humildade cristã. Acredi-

tam que os espíritas precisam fugir de contatos com a vida comum, se quiserem ser modestos e eficientes.

Ouvi sem concordar com eles, porque os Benfeitores da Vida Maior ensinaram-me que o Espiritismo é uma bênção de Deus para todas as criaturas sem exceção e que não nos cabe desprezar a ninguém. Abstive-me de qualquer discussão. Mas, iniciadas as tarefas, o ponto de estudo em O Evangelizo Segundo o Espiritismo, aberto para às lições da noite, foi a página intitulada “O homem no mundo”, item 10 do capítulo XVII. E o nosso Emmanuel produziu a página que lhe coloco nas mãos com a esperança de que lhe ofereça proveito justo em nossos estudos.”

LUZ PARA TODOS

Emmanuel

Estariam os princípios espíritas endereçados à segregação para uso exclusivo daqueles irmãos que carregam provas visíveis no plano material?

Encontramos, com freqüência, na Terra, quem suponha deva ser a Nova Revelação limitada ao trabalho em favor dos que sofrem a penúria do corpo, sob pena de perder a própria simplicidade.

Entretanto, a fulguração solar será menos luz quando clareia o recôncavo de um vale e o topo de um arranha-céu ao mesmo tempo? E, acaso, a fonte se diminuirá em grandeza por deixar-se canalizar em serviço à cidade grande, após haver saciado a sede aos lares do campo?

Decerto, a mensagem da Vida Maior tem significação mais imediata em auxílio a quantos se vejam no mundo em dificuldades abertas, seja no chão das exigências primárias da natureza ou na sombra das grandes tribulações em que a inconformidade os compele a se tornarem francamente infelizes. Imperioso, porém, pensar naqueles outros companheiros da humanidade que a vida situou em outros setores.

Não é a face externa da criatura que lhe determina o grau da necessidade espiritual.

Dói-nos ver as mãos que se nos estendem nas ruas, à cata de pão; no entanto, será justo, igualmente, compreender os obstáculos daqueles que se esfalfam em serviço para que haja pão, tanto quanto possível, à mesa de todos.

Aflige-nos registrar os empecos do amigo em profissão singela, cujo salário não lhe satisfaz a todos os requisitos da vida simples, mas não nos será lícito esquecer os óbices daqueles que se atormentam na orientação da oficina para que o trabalho não se perturbe ou escasseie.

Magoa-nos surpreender irmãos diversos, acomodados nos palheiros humildes que lhes servem de residência; contudo, não podemos desconhecer os impedimentos daqueles outros que encanecem nas administrações, construindo caminhos ao progresso e traçando horizontes ao reconforto geral.

Sensibiliza-nos o martírio das mães que vagueiam nas vias públicas à busca de socorro para filhinhos padecentes; entretanto, seria injusto desconsiderar o sofrimento daquelas outras que se aniquilam, pouco a pouco, dentro de casa, em posição de incessante sacrifício, para sustentarem os descendentes, de modo a que a dignidade humana possa honrosamente sobreviver.

Reflitamos no conjunto dos problemas humanos e a ninguém deserremos da verdade e do amor, de vez que em qualquer situação pertencemos todos a Deus e, segundo as nossas necessidades, é natural que Deus nos atenda a cada um.

O HOMEM NO MUNDO

Irmão Saulo

O Espiritismo é um processo de integração do homem no mundo e não de fuga. Todas as formas de isolamento social e de segregação religiosa são condenadas pela Doutrina. Os resíduos do sectarismo religioso, alimentados em várias encarnações, permanecem ainda bastante ativos em alguns adeptos, fazendo-os sonhar com um isolacionismo sectário que atenta contra a própria essência dos ensinamentos espíritas. É o fermento velho a que se referiu Jesus, como vemos no Evangelho.

O Cristianismo teve de enfrentar esse mesmo problema em seu desenvolvimento. E, apesar da vitória das correntes cristãs mais ativas, não foi possível evitar-se a criação de ordens e congregações dedicadas à vida contemplativa, empenhadas na fuga ao mundo para o encontro com Deus. Essa tendência à fuga é característica das religiões orientais. Basta compararmos a vida contemplativa e os ensinamentos disciplinares de Buda com a vida ativa e os ensinamentos morais do Cristo, para vermos a diferença entre o espírito oriental e o espírito ocidental nas religiões.

Na mensagem intitulada "O homem no mundo", constante do capítulo XVII de O Evangelho Segundo o Espiritismo, encontramos o seguinte trecho: "Não pensem que, ao vos exortar à prece e à evocação mental, queiramos levar-vos a viver uma vida mística que vos mantenha fora das leis da sociedade. Não. Vivei com os homens do vosso tempo, como devem viver os homens. Sacrificai-vos às necessidades e até mesmo às frivolidades de cada dia, mas fazei-o com o sentimento de pureza que as possa purificar". E no capítulo "A Lei de Sociedade", de O Livro dos Espíritos, a afirmação é taxativa: "Os homens são feitos para viver em sociedade".

Os médiuns e doutrinadores espíritas têm uma missão eminentemente social. Para bem cumprir essa missão devem servir-se de todos os meios, os mais eficientes possíveis, de divulgação da doutrina. E foi o próprio Jesus quem ensinou que não devemos esconder a lâmpada embaixo da cama, mas colocá-la no alto, para que ilumine a todos.

*

Mensagem mediúnica

013) ORAÇÃO DE MANHÃ, À TARDE E À NOITE!

Nesta vida atormentada que vivemos, principalmente nos dias de hoje, precisamos estar sempre atentos para nossas ações e nossos pensamentos, para que eles sejam os mais saudáveis possíveis, para não cairmos no desespero; e, só na Oração é que vamos nos fortalecer para suportarmos os percalços da vida. Só na Oração obteremos Fé para agüentarmos e suportarmos, pois a fase em que nos arrastamos é muito pesada para podermos suportar sem queda.

Força irmãos, Fé e Muita Oração e que Deus nos ajude!

Oração de manhã, à tarde e à noite!

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 23/04/1999).

A nossa cruz só não nos será pesada se a carregarmos com Fé e Paciência. (Adélia). Precisamos nos unir para obtermos um trabalho edificante.

*

Poesia
HISTÓRIA DE AMOR

Maria Dolores

Certa mulher sofrida no trabalho
E que agia tão-só na prática do bem,
Teve, um dia, saudade de Jesus
E passou a viver concentrada no Além.
Muito tempo, lutara dia-a-dia,
Vencendo sombra, empeco, tentação,
Servira a muita gente, mas supunha
Que todo o longo esforço houvera sido vão.
Trazia os pés feridos, indagando
Se a Terra não seria estranho espinheiral,
Conquanto a fé acalentasse o peito,
Declarava temer a vitória do mal.

Suportara, sem mágoa, ingratidões e golpes,
Entretanto, cansara-se, por fim,
Queria agora a paz do Lar Celeste,
Sonhava entrar em fúlgido jardim ...
Desejava esquecer a tristeza e a fadiga,
A poeira do mundo e a cinza do pesar,
Suplicava a Jesus lhe concedesse,
O caminho do Além e o dom de descansar.
Jesus, porém, um dia, veio e disse: –
Enquanto houver na Terra algum sinal de dor,
Estarei, entre os homens, trabalhando
Para a Bênção de Deus, em tarefas de amor.

Mas se queres partir, segue adiante,
Busca os sóis da Divina Primavera,
Construíste, lutaste, padeceste,
Conquistaste o repouso, a Paz te espera.”
Mas aquela que ouvira o Cristo Amado,
Não mais pensou no Céu, nem no Porvir,
E, seguindo a Jesus, achou na própria Terra
A alegria de amar e o prazer de servir.

Livro Recanto de Paz. Psicografia de Francisco Cândido Xavier.

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo

Capítulo XVII – item 7

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

O DEVER

• **Lázaro** •

Paris, 1863

7. O dever é a obrigação moral, primeiro para consigo mesmo, e depois para com os outros. O dever é a lei da vida: encontramos-lo nos mínimos detalhes, como nos atos mais elevados. Quero falar aqui somente do dever moral, e não do que se refere às profissões.

Na ordem dos sentimentos, o dever é muito difícil de ser cumprido, porque se encontra em antagonismo com as seduções do interesse e do coração. Suas vitórias não têm testemunhas, e suas derrotas não sofrem repressão. O dever íntimo do homem está entregue ao seu livre-arbítrio: o aguilhão da consciência, esse guardião da probidade interior, o adverte e sustenta, mas ele se mostra frequentemente impotente diante dos sofismas da paixão. O dever do coração, fielmente observado, eleva o homem. Mas como precisar esse dever? Onde ele começa? Onde acaba? O dever começa precisamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou a tranqüilidade do vosso próximo, e termina no limite que não desejaríeis ver transposto em relação a vós mesmos.

Deus criou todos os homens iguais para a dor; pequenos ou grandes, ignorantes ou instruídos, sofrem todos pelos mesmos motivos, a fim de que cada um pese judiciosamente o mal que pode fazer. Não existe o mesmo critério para o bem, que é infinitamente mais variado nas suas expressões. A igualdade em relação à dor é uma sublime previsão de Deus, que quer que os seus filhos, instruídos pela experiência comum, não cometam o mal desculpando-se com a ignorância dos seus efeitos.

O dever é o resumo prático de todas as especulações morais. É uma intrepidez da alma, que enfrenta as angústias da luta. É austero e dócil, pronto a dobrar-se às mais diversas complicações, mas permanecendo inflexível diante de suas tentações. O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais que as criaturas, e as criaturas mais que a si mesmo; é a um só tempo, juiz e escravo na sua própria causa.

O dever é o mais belo galardão da razão; ele nasce dela, como o filho nasce da mãe. O homem deve amar o dever, não porque ele o preserve dos males da vida, aos quais a humanidade não pode subtrair-se, mas porque ele transmite à alma o vigor necessário ao seu desenvolvimento.

O dever se engrandece e expende, sob uma forma sempre mais elevada, em cada uma das etapas superiores da humanidade. A obrigação moral da criatura para com Deus jamais cessa, porque ela deve refletir as virtudes do Eterno, que não aceita um esboço imperfeito, mas deseja que a grandeza de sua obra resplandeça aos seus olhos.

*

Livro: Opinião Espírita. Emmanuel e André Luiz

Traço Espírita – do ESE. XVII, item 7

3 - TRAÇO ESPÍRITA

E - Cap.XVII - Item 7

O companheiro, contado na estatística da Nova Revelação, não pode viver de modo diferente dos outros; no entanto, é convidado pela consciência a imprimir o traço de sua convicção espírita em cada atitude.

Trabalha - não ao jeito de pião consciente enrolado ao cordel da ambição desregrada, aniquilando-se sem qualquer proveito. Age construindo.

Ganha - não para reter o dinheiro ou os recursos da vida na geladeira da usura. Possui auxiliando.

Estuda - não para converter a personalidade num cabide de condecorações acadêmicas sem valor para a humanidade. Aprende servindo.

Prega - não para premiar-se em torneios de oratória e eloquência, transfigurando a tribuna em altar de suposto endeusamento. Fala edificando.

Administra - não para ostentar-se nas galerias do poder, sem aderir à responsabilidade que lhe pesa nos ombros. Dirige obedecendo.

Instrui - não para transformar os aprendizes em carneiros destinados à toquia constante, na garantia de propinas sociais e econômicas. Ensina exemplificando.

Redige - não para exibir a pompa do dicionário ou render homenagens às extravagâncias de escritores que fazem da literatura complicado pedestal para o incenso a si mesmos. Escreve enobrecendo.

Cultiva a fé - não com o intento pretensioso de escalar o céu teológico pelo êxtase inoperante, na falsa idéia de caprichos e privilégios. Crê realizando.

O espírita vive como vivem os outros, mas em todas as manifestações da existência é chamado a servir aos outros, através da atitude.

*

Livro: O Consolador – Emmanuel

Questões 282 a 286

EVANGELHO

JESUS

282 – *Se devemos considerar o Velho Testamento como a pedra angular da Revelação Divina, qual a posição do Evangelho de Jesus na educação religiosa dos homens?*

-O Velho Testamento é o alicerce da Revelação Divina. O Evangelho é o edifício da redenção das almas. Como tal, devia ser procurada a lição de Jesus, não mais para qualquer exposição teórica, mas visando cada discípulo o aperfeiçoamento de si mesmo, desdobrando as edificações do Divino Mestre no terreno definitivo do Espírito.

283 – *Com Referência a Jesus, como interpretar o sentido das palavras de João: - “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e verdade?”.*

-Antes de tudo, precisamos compreender que Jesus não foi um filósofo e nem poderá ser classificado entre os valores propriamente humanos, tendo-se em conta os valores divinos de sua hierarquia espiritual, na direção das coletividades terrícolas.

Enviado de Deus, Ele foi a representação do Pai junto do rebanho de filhos transviados do seu amor e da sua sabedoria, cuja tutela lhe foi confiada nas ordenações sagradas da vida no Infinito. Diretor angélico do orbe, seu coração não desdenhou a permanência direta entre os tutelados míseros e ignorantes, dando ensejo às palavras do apóstolo, acima referidas.

284 – *O apóstolo João recebeu missão diferente, na organização do Evangelho, considerando-se a diversidade de suas exposições em confronto com as narrações de seus companheiros?*

-Ainda aí, temos de considerar a especialização das tarefas, no capítulo das obrigações conferidas a cada um. As peças nas narrações evangélicas identificam-se naturalmente, entre si, como partes indispensáveis de um todo, mas somos compelidos a observar que, se Mateus, Marcos e Lucas receberam a tarefa de apresentar, nos textos sagrados, o Pastor de Israel na sua feição sublime, a João coube a tarefa de revelar o Cristo Divino, na sua sagrada missão universalista.

285 – “*Jesus-Cristo é sem pai, sem mãe, sem genealogia*” – *Como interpretar essa afirmativa, em face da palavra de Mateus?*

-Faz-se necessário entendermos a missão universalista do Evangelho de Jesus, através da palavra de João, para compreender tal afirmativa no tocante à genealogia do Mestre Divino, cujas sagradas raízes repousam no infinito do amor e de sabedoria em Deus.

286 – *O sacrifício de Jesus deve ser apreciado tão-somente pela dolorosa expressão do Calvário?*

-O Calvário representou o coroamento da obra do Senhor, mas o sacrifício na sua exemplificação se verificou em todos os dias da sua passagem pelo planeta. E o cristão deve buscar, antes de tudo, o modelo nos exemplos do Mestre, porque o Cristo ensinou com amor e humildade o segredo da felicidade espiritual, sendo imprescindível que todos os discípulos edifiquem no íntimo essas virtudes, com as quais saberão remontar ao calvário de suas dores, no momento oportuno.

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro: O Livro dos Espíritos – Questão 843 a 850

LIVRE ARBÍTRIO

843. O homem tem livre arbítrio nos seus atos?

– Pois se tem a liberdade de pensar, tem a de agir. Sem o livre arbítrio o homem seria uma máquina.

844. O homem goza do livre arbítrio desde o nascimento?

– Ele tem a liberdade de agir, desde que tenha a vontade de o fazer. Nas primeiras fases da vida a liberdade é quase nula; ela se desenvolve e muda de objeto com as faculdades. Estando os pensamentos da criança em relação com as necessidades da sua idade, ela aplica o seu livre arbítrio às coisas que lhe são necessárias.

845. As predisposições instintivas que o homem traz ao nascer não são um obstáculo ao exercício do seu livre arbítrio?

– As predisposições instintivas são as do Espírito antes da encarnação; conforme for ele mais ou menos adiantado, elas podem impeli-lo a atos repreensíveis, no que ele será secundado por Espíritos que simpatizem com essas disposições; mas não há arrastamento irresistível, quando se tem a vontade de resistir. Lembrai-vos de que querer é poder. (Ver item 361).

846. O organismo não influi nos atos da vida? E se influi, não o faz com prejuízo do livre arbítrio?

– O Espírito é certamente influenciado pela matéria, que pode entravar as suas manifestações. Eis porque, nos mundos em que os corpos são menos materiais do que na Terra, as faculdades se desenvolvem com mais liberdade. Mas o instrumento não dá faculdades ao Espírito. De resto, é necessário distinguir neste caso as faculdades morais das faculdades intelectuais.

Se um homem tem o instinto do assassinio, é seguramente o seu próprio Espírito que o possui e que lho transmite, mas nunca os seus órgãos. Aquele que aniquila o seu pensamento para se ocupar apenas da matéria faz-se semelhante ao bruto, e ainda pior, porque não pensa mais em se premunir contra o mal. É nisso que ele se torna faltoso, pois assim age pela própria vontade. (Ver item 367 e seguintes, **Influência do organismo**).

847. A alteração das faculdades tira ao homem o livre arbítrio?

– Aquele cuja inteligência está perturbada por uma causa qualquer perde o domínio do seu pensamento, e desde então não tem mais liberdade. Essa alteração é freqüentemente uma punição para o Espírito que, numa existência, pode ter sido vão e orgulhoso, fazendo mau uso de suas faculdades.

Ele pode renascer no corpo de um idiota, como o déspota no corpo de um escravo e o mau rico no de um mendigo. Mas o Espírito sofre esse constrangimento, do qual tem perfeita consciência: é nisso que está a ação da matéria. (Ver item 371 e seguintes).

848. A alteração das faculdades intelectuais pela embriaguez desculpa os atos repreensíveis?

– Não, pois o ébrio voluntariamente se priva da razão para satisfazer paixões brutais: em lugar de uma falta, comete duas.

849. Qual é, no homem em estado selvagem, a faculdade dominante: o instinto ou o livre arbítrio?

– O instinto, o que não o impede de agir com inteira liberdade em certas coisas. Mas, como a criança, ele aplica essa liberdade às suas necessidades e ela se desenvolve com a inteligência. Por conseguinte, tu, que és mais esclarecido que um selvagem, és também mais responsável que ele pelo que fazes.

850. A posição social não é às vezes um obstáculo à inteira liberdade de ação?

– O mundo tem, sem dúvida, as suas exigências, Deus é justo e tudo leva em conta, mas vos deixa a responsabilidade dos poucos esforços que fazeis para superar os obstáculos.

*

Livro: Opinião Espírita. Emmanuel e André Luiz
(Questão 843 de O Livro dos Espíritos)
O ESPÍRITA DEVE SER

O espírita deve ser verdadeiro, mas não agressivo, manejando a verdade a ponto de convertê-la em tacape na pele dos semelhantes.

Bom, mas não displicente que chegue a favorecer a força do mal, sob o pretexto de cultivar a ternura.

Generoso, mas não perdulário que abrace a prodigalidade excessiva, sufocando as possibilidades de trabalho que despontam nos outros.

Doce, mas não tão doce que atinja a dúbia melifluidade, incapaz de assumir determinados compromissos na hora da decisão.

Justo, mas não implacável, em nome da justiça, impedindo a recuperação dos que caem e sofrem.

Claro, mas não desabrido, dando a idéia de eleger-se em fiscal de consciências alheias.

Franco, mas não insolente, ferindo os outros.

Paciente, mas não irresponsável, adotando negligência em nome da gentileza.

Tolerante, mas não indiferente, aplaudindo o erro deliberado em benefício da sombra.

Calmo, mas não tão sossegado que se afogue em preguiça.

Confiante, mas não fanático que se abstenha do raciocínio.

Persistente, mas não teimoso, viciando-se em rebelar-se.

Diligente, mas não precipitado, destruindo a si próprio.

"Conhece-te a ti mesmo" - diz a filosofia, e para conhecer a nós mesmos, é necessário escolher atitude e posição de equilíbrio, seja na emotividade ou no pen-

samento, na palavra ou na ação, porque, efetivamente, o equilíbrio nunca é demais.

*

Livro: O Consolador. Emmanuel. Questões 146 a 149

TRANSIÇÃO

146 – *É fatal o instante da morte?*

-Com exceção do suicídio, todos os casos de desencarnação são determinados previamente pelas forças espirituais que orientam a atividade do homem sobre a Terra.

Esclarecendo-vos quanto a essa exceção, devemos considerar que, se o homem é escravo das condições externas da sua vida no orbe, é livre no mundo íntimo, razão por que, trazendo no seu mapa de provas a tentação de desertar da vida expiatória e retificadora, contrai um débito penoso aquele que se arruína, desmantelando as próprias energias.

A educação e a iluminação do íntimo constituem o amor ao santuário de Deus em nossa alma. Quem as realiza em si, na profundidade da liberdade interior, pode modificar o determinismo das condições materiais de sua existência, alcançando-a para a luz e para o bem. Os que eliminam, contudo, as suas energias próprias, atentam contra a luz divina que palpita em si mesmos. Daí o complexo de suas dívidas dolorosas.

E existem ainda os suicídios lentos e gradativos, provocados pela ambição ou pela inércia, pelo abuso ou pela inconsideração, tão perigosos para a vida da alma, quanto os que se observam, de modo espetacular, entre as lutas do mundo.

Essa a razão pela qual tantas vezes se batem os instrutores dos encarnados, pela necessidade permanente de oração e de vigilância, a fim de que os seus amigos não fracassem nas tentações.

147 – *Proporciona a morte mudanças inesperadas e certas modificações rápidas, como será de desejar?*

-A morte não prodigaliza estados miraculosos para a nossa consciência.

Desencarnar é mudar de plano, como alguém que se transferisse de uma cidade para outra, aí no mundo, sem que o fato lhe altere as enfermidades ou as virtudes com a simples modificação dos aspectos exteriores. Importa observar apenas a ampliação desses aspectos, comparando-se o plano terrestre com a esfera de ação dos desencarnados.

Imaginar um homem que passa de sua aldeia para uma metrópole moderna. Como se haverá, na hipótese de não se encontrar devidamente preparado em face dos imperativos da sua nova vida? A comparação é pobre, mas serve para esclarecer que a morte não é um salto dentro da Natureza. A alma prosseguirá na sua carreira evolutiva, sem milagres prodigiosos.

Os dois planos, visível e invisível, se interpenetram no mundo, e, se a criatura humana é incapaz de perceber o plano da vida imaterial, é que o seu sensorio está habilitado somente a certas percepções, sem que lhe seja possível, por enquanto, ultrapassar a janela estreita dos cinco sentidos.

148 – *Que espera o homem desencarnado, diretamente, nos seus primeiros tempos da vida de além-túmulo?*

-A alma desencarnada procura naturalmente as atividades que lhe eram prediletas nos círculos da vida material, obedecendo aos laços afins, tal qual se verifica nas sociedades do vosso mundo.

As vossas cidades não se encontram repletas de associações, de grêmios, de classes inteiras que se reúnem e se sindicalizam para determinados fins, conju-

gando idênticos interesses de vários indivíduos? Aí, não se abraçam os agiotas, os políticos, os comerciantes, os sacerdotes, objetivando cada grupo a defesa dos seus interesses próprios?

O homem desencarnado procura ansiosamente, no Espaço, as aglomerações afins com o seu pensamento, de modo a continuar o mesmo gênero de vida abandonado na Terra, mas, tratando-se de criaturas apaixonadas e viciosas, a sua mente reencontrará as obsessões de materialidade, quais as do dinheiro, do álcool, etc., obsessões que se tornam o seu martírio moral de cada hora, nas esferas mais próximas da Terra.

Daí a necessidade de encararmos todas as nossas atividades no mundo como a tarefa de preparação para a vida espiritual, sendo indispensável à nossa felicidade, além do sepulcro, que tenhamos um coração sempre puro.

149 – *Logo após a morte, o homem que se desprende do invólucro material pode sentir a companhia dos entes amados que o precederam no além-túmulo?*

-Se a sua existência terrestre foi o apostolado do trabalho e do amor a Deus, a transição do plano terrestre para a esfera espiritual será sempre suave.

Nessas condições, poderá encontrar imediatamente aqueles que foram objeto de sua afeição no mundo, na hipótese de se encontrarem no mesmo nível de evolução. Uma felicidade doce e uma alegria perene estabelecem-se nesses corações amigos e afetuosos, depois das amarguras da separação e da prolongada ausência.

Entretanto, aqueles que se desprendem da Terra, saturados de obsessões pelas posses efêmeras do mundo e tocados pela sombra das revoltas incompreensíveis, não encontram tão depressa os entes queridos que os antecederam na sepultura. Suas percepções restritas à atmosfera escura dos seus pensamentos e seus valores negativos impossibilitam-lhes as doces venturas do reencontro.

É por isso que observais, tantas vezes, Espíritos sofredores e perturbados fornecendo a impressão de criaturas desamparadas e esquecidas pela esfera da bondade superior, mas, que, de fato, são desamparados por si mesmos, pela sua perseverança no mal, na intenção criminosa e na desobediência aos sagrados desígnios de Deus.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA

Livro: O Livro dos Médiuns – Questões 30 e 31.

Ensino Espírita

30. Será útil procurar convencer um incrédulo obstinado? Já dissemos que isso depende das causas e da natureza da sua incredulidade. Muitas vezes, nossa insistência em persuadi-lo o leva a crer na sua importância pessoal, que é uma razão para mais se obstinar. Aquele que não se convence pelo raciocínio nem pelos fatos, deve ainda sofrer a prova da incredulidade. Devemos deixar à Providência o cuidado de encaminhá-lo a circunstâncias mais favoráveis. Há muita gente que só deseja receber a luz, para estarmos perdendo tempo com os que a repelem. Dirigivos, pois, aos homens de boa vontade, cujo número é maior do que se pensa, e o exemplo destes, multiplicando-se, vencerá mais facilmente as resistências do que as palavras.

Ao verdadeiro espírita nunca faltará oportunidade de fazer o bem. Há corações aflitos a aliviar, consolações a dispensar, desesperos a acalmar, reformas morais a operar. Essa é a sua missão e nela encontrará a verdadeira satisfação. O

Espiritismo impregna a atmosfera: expande-se pela própria força das circunstâncias e porque torna felizes aqueles que o professam. Quando os seus adversários sistemáticos o ouvirem ressoando ao seu redor, entre os seus próprios amigos, compreenderão o isolamento em que se encontram e serão forçados a calar ou a se renderem.

31. Para se proceder, no ensino do Espiritismo, como se faz nas ciências ordinárias, seria necessário passar em revista toda a série de fenômenos que podem produzir-se, a começar dos mais simples até chegar, sucessivamente, aos mais complicados. Ora, isso é impossível, porque não se pode fazer um curso de Espiritismo experimental como se faz um curso de Física ou de Química. Nas Ciências Naturais opera-se sobre a matéria bruta, que se manipula à vontade e quase sempre se consegue determinar os efeitos. No Espiritismo, tem-se de lidar com inteligências dotadas de liberdade e que provam, a cada instante, não estarem sujeitas aos nossos caprichos. É necessário, pois, observar, esperar os resultados e colher-los na ocorrência.

Por isso declaramos energicamente que: *todo aquele que se vangloriar de obtê-los à vontade não passa de ignorante ou impostor*. Eis porque o verdadeiro Espiritismo jamais servirá para exposições nem subirá jamais aos palcos. É mesmo ilógico supor que os Espíritos se entreguem a exposições e se submetam à pesquisa como objetos de curiosidade. Os fenômenos, por isso mesmo, podem não ocorrer quando mais os desejamos ou apresentar-se de maneira muito diversa da que pretendíamos. Acrescentemos ainda que, para obtê-los, necessitamos de pessoas dotadas de faculdades especiais, que variam ao infinito, segundo a aptidão de cada indivíduo. Ora, sendo extremamente raro que uma mesma pessoa tenha todas as aptidões, a dificuldade aumenta, pois, seria necessário dispormos sempre de uma verdadeira coleção de médiuns, o que não é possível.

É muito simples o meio de evitar estes inconvenientes. Basta começar pela teoria. Nela, todos os fenômenos são passados em revista, são explicados e se pode conhecê-los e compreender a sua possibilidade, as condições em que podem ser produzidos e os obstáculos que podem encontrar. Dessa maneira, qualquer que seja a ordem em que as circunstâncias nos fizerem vê-los, nada terão que possa surpreender-nos. E há ainda outra vantagem: a de evitar muitas decepções ao experimentador. Prevenido quanto às dificuldades, pode manter-se vigilante e poupar-se das experiências à própria custa.

Desde que nos ocupamos de Espiritismo foram tantas as pessoas que nos acompanharam que seria difícil precisar o seu número.

Entre elas, quantas permaneceram indiferentes ou incrédulas diante dos fatos mais evidentes, só se convencendo mais tarde através de uma explicação racional. Quantas outras foram predispostas a aceitar só por meio do raciocínio; e quantas, afinal, acreditaram sem nada terem visto, levadas unicamente pela compreensão. Falamos, portanto, por experiência, e por isso afirmamos que o melhor método de ensino espírita é o que se dirige à razão e não aos olhos. É o que seguimos em nossas lições, do que só temos que nos felicitar. (Ao pé da página, Kardec acrescentou esta nota: "Nosso ensino teórico e prático é sempre gratuito". Com isso, evitava interpretações maldosas e dava o exemplo que foi sempre seguido pelos espíritas responsáveis em todo o mundo. O verdadeiro ensino espírita é sempre gratuito. (N. do T.)

*

Livro: Seara dos Médiuns. Emmanuel

Em tarefa espírita

Questão nº 30 de O Livro dos Médiuns

Abraçando na Doutrina Espírita o clima da própria fé, lembra-te de Jesus, à frente do povo a que se propunha servir.

Não se localiza o Divino Mestre em tribuna garantida por assessores plenamente identificados com os seus princípios.

Ele é alguém que caminha diante da multidão.

Chama açoitada pela ventania das circunstâncias adversas...

Árvore sublime batida pelas varas da exigência incessante...

Ninguém o vê rodeado de colaboradores completos, mas de problemas a resolver.

E, renteando com os doentes e aflitos que lhe solicitam apoio, todas as personalidades que lhe cruzam a senda representam atitudes diversas, reclamando-lhe paciência.

João Batista duvida.

Natanael questiona.

Nicodemos indaga.

Zaqueu observa.

Caifás conspira.

Judas deserta.

Pedro nega.

Pilatos finge.

Antipas escarnece.

Tomé desconfia.

Apesar de tudo, Ele passa, sozinho e imperturbável, como sendo o amor não-amado, ensinando e ajudando sempre.

*

Assim também, na instituição em que transitas, encontrarás em quase todos os companheiros oportunidades de aprender ou de auxiliar.

A cada passo, encontrarás os que te pedem amparo...

Os que te rogam alívio...

Os que te suplicam consolo...

Os que esperam entendimento...

Não te faltarão, contudo, igualmente, os que te desafiam a calma...

Os que te zombem dos ideais...

Os que te complicam as horas...

Os que te criam dificuldades...

Os que te ferem o coração...

Entretanto, se conheces o caminho exato, é preciso ajudes aos que se transviam; se te equilibras, é preciso socorras os que se perturbam; se te manténs firme, é preciso sustentar os que caem, e, se já entesouraste leve migalha de luz, é preciso auxilies os que se debatem nas trevas.

Desse modo, não te faças distraído quanto à orientação que nos é comum, porquanto o espírita verdadeiro, diante do mal, é invariavelmente chamado a fazer o bem.

*

Revista Espírita – Março de 1858

Allan Kardec

Júpiter e alguns outros mundos

Antes de entrarmos nos detalhes das revelações que os Espíritos nos fizeram, sobre o estado dos diferentes mundos, vejamos a quais conseqüências lógicas poderemos chegar, por nós mesmos e unicamente pelo raciocínio.

Reportando-se à escala espírita que demos no precedente número, pedimos às pessoas desejosas de aprofundarem seriamente essa ciência nova, estudarem com cuidado esse quadro e dele se compenetrarem; nele encontrarão a chave de mais de um mistério.

O mundo dos Espíritos se compõe de almas de todos os humanos desta Terra e de outras esferas, desligadas dos laços corporais; do mesmo modo, todos os humanos são animados por Espíritos neles encarnados. Há, pois, solidariedade entre os dois mundos: os homens terão as qualidades e as imperfeições dos Espíritos com os quais estão unidos; os Espíritos serão mais ou menos bons ou maus, segundo os progressos que tiverem feito durante a sua existência corporal. Essas poucas palavras resumem toda a doutrina.

Como os atos dos homens são o produto do seu livre arbítrio, levam a marca da perfeição ou da imperfeição do Espírito que os provocam. Ser-nos-á, pois, muito fácil fazermos uma idéia do estado moral de um mundo qualquer, segundo a natureza dos Espíritos que o habitem; poderemos, de algum modo, descrever a sua legislação, traçar o quadro dos seus costumes, dos seus usos, das suas relações sociais.

Suponhamos, pois, um globo habitado, exclusivamente, por Espíritos da nona classe, por Espíritos impuros, e a ele nos transportemos pelo pensamento. Nele veremos todas as paixões desencadeadas e sem freio; o estado moral no último grau de embrutecimento; a vida animal em toda a sua brutalidade; nada de laços sociais, porque cada um não vive e não age senão para si e para satisfazer os seus apetites grosseiros; o egoísmo nele reina com soberania absoluta, e arrasta consigo o ódio, a inveja, o ciúme, a cupidez, a morte.

Passemos, agora, para uma outra esfera, onde se encontrem Espíritos de todas as classes da terceira ordem: Espíritos impuros, Espíritos levianos, Espíritos pseudo-sábios, Espíritos neutros. Sabemos que, em todas as classes dessa ordem, o mal domina; mas, sem terem o pensamento do bem, o do mal decresce à medida que se afastam da última classe. O egoísmo é sempre o móvel principal das ações, mas os costumes são mais brandos, a inteligência mais desenvolvida; o mal, aí, estará um pouco disfarçado, enfeitado e dissimulado. Essas próprias qualidades, engendram um outro defeito, que é o orgulho; porque as classes mais elevadas são bastante esclarecidas para terem consciência da sua superioridade, mas não o bastante para compreenderem o que lhes falta; daí a sua tendência à escravização das classes inferiores, e de raças mais fracas, que tenham sob o seu jugo. Não tendo o sentimento do bem, não têm senão o instinto do *eu* e acionam a sua inteligência para satisfazerem as suas paixões. Numa tal sociedade, se o elemento impuro domina, esmagará o outro; no caso contrário, os menos maus procurarão destruir os seus adversários; em todos os casos, haverá luta, luta sangrenta, luta de extermínio, porque são dois elementos que têm interesses opostos. Para proteger os bens e as pessoas, serão necessárias leis; mas essas leis serão ditadas pelo interesse pessoal e não pela justiça; o forte as fará, em detrimento do fraco.

Suponhamos, agora, um mundo onde, entre os elementos maus que acabamos de ver, se encontrem alguns dos de segunda ordem; então, em meio da perversidade, veremos aparecer algumas virtudes. Se os bons estiverem em minoria, serão vítimas dos maus; mas, à medida que aumente a sua preponderância, a legis-

lação será mais humana, mais eqüitativa, e a caridade cristã não será, para todos, uma letra morta. Desse próprio bem, vai nascer um outro vício. Malgrado a guerra que os maus declarem, sem cessar, aos bons, não poderão impedi-los de os estimar em seu foro íntimo; vendo a ascendência da virtude sobre o vício, e não tendo nem a força e nem a vontade de praticá-la, procurarão parodiá-la; tomam-lhe a máscara; daí os hipócritas, tão numerosos em toda sociedade onde a civilização é imperfeita.

Continuemos nossa rota através dos mundos, e detenhamo-nos neste, que nos vai repousar um pouco do triste espetáculo que acabamos de ver. Não é habitado senão por Espíritos da segunda ordem. Que diferença! O grau de depuração que alcançaram exclui, entre eles, todo pensamento do mal, e só essa palavra nos dá a idéia do estado moral dessa feliz região. A legislação, aí, é bem simples, porque os homens não têm do que se defenderem, uns contra os outros; ninguém quer o mal para o seu próximo, ninguém se apropria do que não lhe pertence, ninguém procura viver em detrimento do seu vizinho. Tudo respira a benevolência e o amor; os homens não procuram se prejudicar; não há ódio; o egoísmo é desconhecido e a hipocrisia não teria finalidade. Aí, todavia, não reina a igualdade absoluta, porque a igualdade absoluta supõe uma identidade perfeita no desenvolvimento intelectual e moral; ora, veremos, pela escala espiritual, que a segunda ordem compreende vários graus de desenvolvimento; haverá, pois, nesse mundo, desigualdades, porque uns serão mais avançados do que outros; mas, como entre eles não há senão o pensamento do bem, os mais elevados não conceberão nada de orgulho, e os outros nada de ciúme. O inferior compreende a ascendência do superior e se submete, porque essa ascendência é puramente moral e ninguém dela se serve para oprimir.

As conseqüências que tiramos desses quadros, embora apresentadas de um modo hipotético, não deixam de ser perfeitamente racionais, e, cada um pode deduzir o estado social de um mundo qualquer, segundo a proporção dos elementos morais dos quais se o supõe composto. Vimos que, abstração feita da revelação dos Espíritos, todas as probabilidades são para a pluralidade dos mundos; ora, não é menos racional pensar que todos não estão num mesmo grau de perfeição, e que, por isso mesmo, nossas suposições podem muito bem ser realidades. Não os conhecemos, senão o nosso, de um modo positivo.

Que categoria ele ocupa nessa hierarquia? Ah! Basta considerar o que aqui se passa para ver que está longe de merecer a primeira categoria, e estamos convencidos de que, lendo estas linhas, já se lhe terá marcado seu lugar. Quando os Espíritos nos dizem que estão, senão na última, pelo menos nas últimas, o simples bom senso nos diz, infelizmente, que não se enganam; temos muito a fazer para elevá-lo à categoria daquele que escrevemos em último lugar, e temos muita necessidade que o Cristo venha nos mostrar o caminho.

Quanto à aplicação, que podemos fazer, do nosso raciocínio, aos diferentes globos do nosso turbilhão planetário, não temos senão os ensinamentos dos Espíritos; ora, para quem não admite senão provas palpáveis, é positivo que sua asserção, a esse respeito, não tenha a certeza da experimentação direta. No entanto, não aceitamos, todos os dias com confiança as descrições, que os viajantes nos fazem, de países que jamais vimos? Se nós não devêssemos crer senão por nossos olhos, não creríamos em grande coisa. O que dá aqui, um certo peso ao dizer dos Espíritos, é a correlação que existe entre eles, pelo menos nos pontos principais.

Para nós, que fomos cem vezes testemunhas dessas comunicações, que podemos apreciá-las em seus menores detalhes, que nelas scrutamos o forte e o fra-

co, observamos as semelhanças e as contradições, encontramos todos os caracteres da probabilidade; todavia, não lhes damos senão sob benefício de inventário, a título de notícias, aos quais cada um está livre para ligar a importância que julga adequada.

Segundo os Espíritos, o planeta Marte seria ainda menos avançado do que a *Terra*; os Espíritos que nele estão encarnados pareceriam pertencer, quase exclusivamente, à nona classe, a dos Espíritos impuros, de sorte que o primeiro quadro, que demos acima, seria a imagem desse mundo. Vários outros pequenos globos estão, com algumas nuances, na mesma categoria.

A *Terra* viria em seguida; a maioria de seus habitantes pertence, incontestavelmente, a todas as classes da terceira ordem, e a parte menor às últimas classes da segunda ordem. Os Espíritos superiores, os da segunda e da terceira classe, nela cumprem, algumas vezes, uma missão de civilização e progresso, e são exceções.

Mercúrio e *Saturno* vêm depois da *Terra*. A superioridade numérica de bons Espíritos lhes dá a preponderância sobre os Espíritos inferiores, do que resulta uma ordem social mais perfeita, relações menos egoístas, e, por consequência, uma condição de existência mais feliz.

A *Lua* e *Vênus* estão quase no mesmo grau e, sob todos os aspectos, mais avançados do que *Mercúrio* e *Saturno*.

Juno (*Juno* é o nome de uma divindade itálica. Deve ter ocorrido um lapso do autor, uma vez que não há, no nosso sistema solar, nenhum planeta com este nome. N. do T.) e *Urano* seriam ainda superiores a esses últimos. Pode-se supor que os elementos morais, desses dois planetas, são formados das primeiras classes da terceira ordem e, na grande maioria, de Espíritos da segunda ordem. Os homens, neles, são infinitamente mais felizes do que sobre a *Terra*, pela razão de que não têm nem as mesmas lutas a sustentar, nem as mesmas tribulações a suportar, e não estão expostos às mesmas vicissitudes físicas e morais.

Júpiter

De todos os planetas, o mais avançado, sob todos os aspectos, é *Júpiter*. Ali, é o reino exclusivo do bem e da justiça, porque não há senão bons *Espíritos*. Pode-se fazer um idéia do feliz estado dos seus habitantes pelo quadro que demos do mundo habitado sem a participação dos Espíritos da segunda ordem.

A superioridade de *Júpiter* não está somente no estado moral dos seus habitantes; está, também, na sua constituição física. Eis a descrição que nos foi dada, desse mundo privilegiado, onde encontramos a maioria dos homens de bem que honraram nossa *Terra* pelas suas virtudes e seus talentos.

A conformação dos corpos é quase a mesma desse mundo, mas é menos material, menos denso e de uma maior leveza específica. Ao passo que rastejamos penosamente na *Terra*, o habitante de *Júpiter* se transporta, de um lugar para outro, roçando a superfície do solo, quase sem fadiga, como o pássaro no ar ou o peixe na água. Sendo a matéria, da qual o corpo está formado, mais depurada, ela se dissipa, depois da morte, sem ser submetida à decomposição pútrida. Ali não existe a maioria das enfermidades que nos afligem, sobretudo aquelas que têm sua fonte nos excessos de todos os gêneros e na desordem causada pelas paixões. A alimentação está em relação com essa organização etérea; não seria bastante substancial para os nossos estômagos grosseiros, e a nossa seria muito pesada para eles; ela se compõe de frutas e plantas, e, aliás, haurem, de algum modo, a maior parte do meio ambiente do qual aspiram as emanções nutritivas. A duração da vida é, proporcionalmente, muito maior que sobre a *Terra*; a média equivale a cin-

co dos nossos séculos. O desenvolvimento também é muito mais rápido, e a infância dura apenas alguns de nossos meses.

Sob esse envoltório leve, os Espíritos se desligam facilmente e entram em comunicação recíproca unicamente pelo pensamento, sem excluir, todavia, a linguagem articulada; também a segunda vista é, para a maioria uma faculdade permanente; seu estado normal pode ser comparado ao dos nossos sonâmbulos lúcidos; é também porque se manifestam, a nós, mais facilmente do que aqueles que estão encarnados em mundos mais grosseiros e mais materiais. A intuição que têm do futuro, a segurança que lhes dá uma consciência isenta de remorsos, fazem com que a morte não lhes cause nenhuma apreensão; vêm-na chegar sem medo e como uma simples transformação.

Os animais não estão excluídos desse estado progressivo, sem se aproximarem, entretanto, do homem, mesmo sob o aspecto físico; seus corpos, mais materiais ligam-se ao solo, como nós à Terra. Sua inteligência é mais desenvolvida do que nos nossos; a estrutura dos seus membros se dobra a todas exigências do trabalho; são encarregados da execução de obras manuais; são os servidores e os operários: as ocupações dos homens são puramente intelectuais. O homem é, para eles, uma divindade, mas uma divindade tutelar que jamais abusa do seu poder para oprimi-los.

Os Espíritos que habitam Júpiter, geralmente, se comprazem, quando querem se comunicar conosco na descrição do seu planeta, e quando se lhes pergunta a razão, respondem que é a fim de nos inspirar o amor ao bem pela esperança de, para lá, ir um dia. Foi com esse objetivo que um deles, que viveu na Terra com o nome de Bernard Palissy, o célebre oleiro do décimo sexto século, empreendeu, espontaneamente e sem ser solicitado para isso, uma série de desenhos tão notáveis, tanto pela sua singularidade quanto pelo talento da execução, e destinado a nos dar a conhecer, até nos menores detalhes, esse mundo tão estranho e tão novo para nós. Alguns retratam personagens, animais, cenas da vida privada; mas, os mais notáveis, são aqueles que representam habitações, verdadeiras obras-primas das quais nada sobre a Terra poderia nos dar uma idéia, porque essa não parece com nada do que conhecemos; é um gênero de arquitetura indescritível, tão original e, no entanto, tão harmoniosa, de uma ornamentação tão rica e tão graciosa, que desafia a mais fecunda imaginação. O senhor Victorien Sardou, jovem literato e dos nossos amigos, cheio de talento e de futuro mas em nada desenhista, lhes serviu de intermediário. Palissy nos promete uma série que nos dará, de algum modo, a monografia ilustrada desse mundo maravilhoso.

Esperamos que essa curiosa e interessante coletânea sobre a qual voltaremos num artigo especial consagrado aos médiuns desenhistas, poderá ser, um dia, entregue ao público.

O planeta Júpiter, apesar do quadro sedutor que dele nos foi dado, não é o mais perfeito entre os mundos. Há outros, desconhecidos para nós, que lhes são bem superiores, no físico e no moral, e cujos habitantes gozam de uma felicidade ainda mais perfeita; lá é a morada dos Espíritos mais elevados, cujo envoltório etéreo nada mais tem das propriedades conhecidas da matéria.

Várias vezes, perguntaram-nos se pensamos que a condição do homem nesse mundo é um obstáculo absoluto a que pudesse passar, sem intermediário, da Terra para Júpiter. A todas as questões que tocam à Doutrina Espírita, jamais respondemos segundo as nossas próprias idéias, contra as quais estamos sempre desconfiando. Limitamo-nos a transmitir o ensinamento que nos foi dado, ensinamento que não aceitamos com leviandade e com um entusiasmo irrefletido. À questão

acima, respondemos simplesmente, porque tal é o sentido formal das nossas instruções e o resultado das nossas próprias observações: SIM, o homem, deixando a Terra, pode ir imediatamente para Júpiter, ou para um mundo análogo, porque esse não é único dessa categoria. Pode-se disso ter a certeza? NÃO. Pode-se para lá ir porque há, sobre a Terra, embora em pequeno número, Espíritos bastante bons e bastante desmaterializados para não serem deslocados para um mundo onde o mal não tem acesso.

Não há a certeza disso, porque pode-se se iludir sobre o mérito pessoal, e pode-se, aliás, ter uma outra missão a cumprir. Aqueles que podem esperar esse favor, não são, seguramente, nem os egoístas, nem os ambiciosos, nem os avaros, nem os ingratos, nem os ciumentos, nem os orgulhosos, nem os vaidosos, nem os hipócritas, nem os sensuais, nem nenhum daqueles que estão dominados pelo amor aos bens terrestres; a estes, talvez, seja preciso, ainda, longas e rudes provas. Isso depende de sua vontade.

*

Livro: Obsessão, O Passe a Doutrinação

J. Herculano Pires

Roteiro da desobsessão.

1 - Ao acordar, diga a si mesmo: Deus me concede mais um dia de experiências e aprendizado. É fazendo que se aprende. Vou aproveitá-lo. Deus me ajuda. (Repita isso várias vezes, procurando manter essas palavras na memória. Repita-as durante o dia).

2 - Compreenda que a obsessão é um estado de sintonia da sua mente com mentes desequilibradas. Corte essa sintonia ligando-se a pensamentos bons e alegres.

Repila as idéias más. Compreenda que você nasceu para ser bom e normal. As más idéias e os maus pendores existem para você vencê-los, nunca para se entregar.

3 - Mude sua maneira de encarar os semelhantes. Na essência, somos todos iguais. Se ele está irritado, não entre na irritação dele. Ajude-o a se reequilibrar, tratando-o com bondade. A irritação é sintonia de obsessão. Não se deixe envolver pela obsessão do outro. Não o considere agressivo. Certamente ele está sendo agredido e reage erradamente contra os outros. Ajude-o que será também ajudado.

4 - Vigie os seus sentimentos, pensamentos e palavras nas relações com os outros. O que damos, recebemos de volta.

5 - Não se considere vítima. Você pode estar sendo algoz sem perceber. Pense nisso constantemente, para melhorar as relações com os outros. Viver é permutar. Examine o que você troca com os outros.

6 - Ao sentir-se abatido, não entre na fossa. É difícil sair dela. Lembre-se de que você está vivo, forte, com saúde e dê graças a Deus por isso. Seus males são passageiros, mas se você os alimentar eles durarão. É você que sustenta os seus males. Cuidado com isso.

7 - Freqüente a instituição espírita com que se sintonize. Não fique pulando de uma para outra. Quem não tem constância nada consegue.

8 - Se você ouve vozes, não lhes dê atenção. Responda simplesmente: Não tenho tempo a perder. Tratem de se melhorar enquanto é tempo. Vocês estão a caminho do abismo. Cuidem-se. E peça aos Espíritos Bons, em pensamento, por esses obsessores.

9 - Se você sente toques de dedos ou descargas elétricas, repila esses espíritos brincalhões da mesma maneira e ore mentalmente por eles. Não lhes dê atenção nem se assuste com esses efeitos físicos. Leia diariamente, de manhã ou à noite, ao deitar-se, um trecho de O Evangelho Segundo o Espiritismo e medite sobre o que leu. Abra o livro ao acaso e não pense que a lição é só para você. Geralmente é só para os obsessores, mas você também deve aproveitá-la. No caso de visões a técnica é a mesma. Nunca se amedronte. É isso que eles querem, pois com isso se divertem. Esses pobres espíritos nada podem fazer, além disso, a menos que você queira brincar com eles, o que lhe custará seu aumento da obsessão. Corte as ligações que eles querem estabelecer com você, usando o poder da sua vontade. Se fingirem ser um seu parente ou amigo falecido, não se deixe levar por isso. Os amigos e parentes se comunicam em sessões regulares, não querem perturbar.

10 - Leia o livro de Allan Kardec INICIAÇÃO ESPÍRITA, mas de Kardec não outros de autores diversos, que fazem confusões. Trate de estudar a Doutrina nas demais obras de Kardec.

11 - Não se deixe atrair por macumbas e as diversas formas de mistura de religiões africanas com as nossas credences nacionais. Não pense que alguém lhe pode tirar a obsessão com as mãos. Os passes têm por finalidade a transmissão de fluidos, de energias vitais e espirituais para fortalecer a sua resistência. Não confie em passes de gesticulação excessiva e outras fantasias. O passe é simplesmente a imposição das mãos, ensinada por Jesus e praticada por Ele. É uma doação humilde e não uma encenação, dança ou ginástica.

Não carregue amuletos nem patuás ou colares milagrosos. Tudo isso não passa de superstições provindas de religiões das selvas. Você não é selvagem, é uma criatura civilizada capaz de raciocinar e só admitir a fé racional. Estude o Espiritismo e não se deixe levar por tolices.

Dedique-se ao estudo, mas não queira saltar de aprendiz a mestre, pois o mestrado em espiritismo só se realiza no plano espiritual. Na Terra somos todos aprendizes, com maior ou menor grau de conhecimento e experiência.

*

V – FILOSOFIA GERAL E ESPÍRITA

Livro: Introdução à Filosofia Espírita

J. Herculano Pires

O que conhecemos?

O espírito é, pois, o conhecedor, é o princípio inteligente da Natureza, cuja faculdade perceptiva se desenvolve através de fases sucessivas. Primeiro, temos a sensibilidade vegetal; depois, a perceptibilidade animal; por fim, a inteligência humana. Uma frase célebre de León Denis resume todo esse processo milenar: "A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem." O conceito de alma foi estudado por Kardec na introdução de "O Livro dos Espíritos". A Filosofia Espírita define a alma como o espírito encarnado. O princípio inteligente, quando manifestado na matéria, produz a vida, segundo o nosso restrito conceito de vida. Assim, ele anima a matéria, é a *ânimo* dos latinos, a alma das coisas e dos seres. No homem, a alma é o espírito que anima o corpo. Quando o homem morre sua alma volta ao estado de espírito, liberta-se da função de alma. Não existem *almas do outro mundo*, pois estas, na verdade, são espíritos. Mas o que é que o conhecedor conhece, o que é que conhecemos através da nossa facul-

dade perceptiva e da nossa capacidade intelectual? Há o conhecimento das coisas exteriores e o das coisas interiores. Há a percepção objetiva, que estabelece a relação sujeito-objeto, e a percepção subjetiva, que faz do sujeito o seu próprio objeto. Isso quer dizer, em termos epistemológicos (na teoria das ciências) que há Ciência e há Filosofia. Como já vimos, a Ciência investiga os objetos exteriores, a Filosofia investiga a si mesma, é o pensamento debruçado sobre si-mesmo. Podemos retornar às explicações de Platão: há o mundo sensível e o mundo inteligível. Temos acesso ao sensível por meio da percepção, captamos, sentimos, percebemos as coisas exteriores. Temos acesso ao inteligível por meio da razão e da intuição. São essas as duas faces da realidade. O verso e o reverso da moeda com que pagamos o direito de saber. Desde o tempo dos gregos a nossa Civilização Ocidental vem se debatendo entre esses dois campos do conhecimento. Hoje, temos o mundo dividido em duas partes: numa se desenvolve o pensamento materialista como ideologia oficial dos Estados; noutra, o pensamento espiritualista na mesma posição. Nem uma nem outra dessas formas de pensamento, dessas sistematizações do conhecimento conseguiu trazer nem poderá trazer ao homem a solução dos seus problemas. A Filosofia Espírita se coloca entre ambas e nos oferece a solução dialética, nos termos da velha e boa dialética de Hegel, mostrando o equívoco desse divisionismo artificial e anunciando o advento da compreensão global da realidade.

Espírito e matéria, ensina a Filosofia Espírita, são os dois elementos constitutivos do universo. Sobre ambos paira o poder unificador que é Deus. Essa, diz "*O Livro dos Espíritos*", é a trindade universal. Mas a realidade não se fecha apenas nesse tríptico, nesse esquema geral. Ela é uma em essência, mas é múltipla nas suas manifestações. A lei cósmica é a da diversidade da unidade. Querer reduzir o real a um dos seus aspectos, o materialista ou o espiritualista, é simples utopia. A própria História da Filosofia nos mostra a impossibilidade de uma interpretação esquemática da realidade. Os esquemas das diversas escolas filosóficas serviram apenas de muletas do pensamento, em sua busca da verdade. Hoje, os filósofos compreendem que as escolas servem como pontos de observação, como posições estratégicas e não como trincheiras definitivas no campo de batalha do conhecimento. Não mais se formulam grandes sistemas. A época dos sistemas passou. A sistemática foi substituída pela problemática: importam os problemas, não as explicações conclusivas.

A Filosofia Espírita foi uma antecipação dessa nova atitude filosófica. Na mesma época em que surgiam os dois últimos grandes sistemas filosóficos: o Positivismo de Augusto Comte e o Marxismo, os Espíritos diziam a Kardec que era necessário apresentar ao mundo uma Filosofia racional, "livre dos prejuízos do espírito de sistema". E lhe davam as linhas mestras do novo pensamento através do processo dinâmico do diálogo, que hoje está consagrado em todo o mundo. A forma de perguntas e respostas de "*O Livro dos Espíritos*", às vezes considerada como antiquada por alguns espíritas sequiosos de novidades, é hoje a forma preferida para a busca de soluções em todos os setores das atividades humanas. O diálogo é a maiêutica de Sócrates e a dialética de Platão e de Hegel ressuscitadas em nosso tempo. E o instrumento mais prático de conhecimento no plano social. E foi através dele que surgiu a Filosofia Espírita, no diálogo mediúnico de Kardec com os Espíritos.

A mediunidade se apresenta como a oportunidade do diálogo paranormal. A palavra paranormal é simplesmente uma substituta da palavra sobrenatural. Classifica o fenômeno natural inabitual a que se referia Richet. Na proporção em

que os homens avançam na evolução espiritual o diálogo mediúnico se integra na normalidade. Quando Sócrates dialogava com o seu daimon (demônio ou espírito protetor) ou quando Joana D'Arc dialogava com as suas vozes, ou quando Abraão Lincoln (à maneira do patriarca bíblico) dialogava com os Espíritos na Casa Branca, em Washington, não estavam fora da Natureza nem de normalidades. Só a ignorância das leis naturais que regem a comunicação interexistencial (a comunicação mediúnica entre os diferentes planos de existência) levou os homens a tratar o assunto com prevenção e excesso de superstição. O diálogo mediúnico que fez a Donzela de Orléans a empunhar a espada e salvar a França, que levou Sócrates a impulsionar o conhecimento, que fez Lincoln assinar a lei de libertação dos escravos nos Estados Unidos, que orientou Mackenzie King no governo do Canadá, e assim por diante, levou Kardec a formular a Doutrina Espírita e oferecer ao mundo a maior síntese filosófica de todos os tempos, que é a Filosofia Espírita.

*

VI – PARAPSIKOLOGIA

Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã

J. Herculano Pires

PSI e o problema da crença

Ao estudar as relações de psi com o problema da crença tocamos inevitavelmente na velha questão da origem das religiões. O que são as religiões primitivas, senão simples crenças? Mas de onde provêm essas formas de crença, tão difundidas que tanto as encontramos nas regiões polares quanto nas zonas tropicais, nas épocas remotas, reveladas pela paleontologia, quanto na atualidade? Como sabemos, a tese da chamada antropologia inglesa, a partir de Tylor e Spencer, é a da excitação da imaginação primitiva pelo mistério do mundo. Mas há uma tese contrária, além da teológica. É a dos antropólogos espiritualistas como André Lang, Max Freedom Long, Cesare de Vesme, Ernesto Bozzano que situam no plano da fenomenologia supranormal o problema da crença na sobrevivência.

Particularmente importante, para o estudo do caso, é o livro de Bozzano, *Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernormali*, que ainda em 1946 foi reeditado por Edizioni Europa, de Verona, com introdução de Gastone de Boni. Importante porque Bozzano apresenta uma sinopse do problema, acrescentando informações valiosas sobre as investigações de Freedom Long entre as tribos da Polinésia e enriquecendo o volume com numerosos casos que equivalem a demonstrações positivas de suas próprias conclusões. Discípulo de Spencer, a quem presta homenagem no texto, Bozzano chega mesmo a propor uma extensão da teoria spenceriana, de maneira curiosa mas rigorosamente lógica, ampliando as proposições sensoriais do mestre no plano da percepção extra-sensorial.

A unanimidade esmagadora da crença na sobrevivência por todos os povos do mundo, em todas as fases da História, bastaria para nos indicar a origem natural dessa crença. A tese teológica, endossada pela proposição cartesiana da idéia inata de Deus, não tem condições para enfrentar as exigências científicas modernas. Mas a tese paranormal ou supranormal de Bozzano enquadra-se nessas exigências, encontrando possibilidades de comprovação experimental no campo das atuais investigações parapsicológicas. Consideradas as funções psi como naturais, como faculdades comuns da espécie humana, compreende-se que as suas manifestações nos povos primitivos dessem motivo à crença na sobrevivência. Essa cren-

ça, como o afirma Bozzano, não teve a sua possível origem na simples imaginação — tanto mais que a imaginação primitiva não parece susceptível de ilações abstratas dessa natureza — mas na realidade objetiva dos fatos, dos fenômenos paranormais.

Richet propôs no *Traité de Metapsychique* a teoria do condicionamento da percepção extra-sensorial, à crença. Soal comprovou em experiências de voz-direta, realizadas em Cambridge, a importância desse possível condicionamento. Mas o fato de haver a sujeição de determinados fenômenos psi à crença dos sensitivos não nega a validade dos mesmos. Pelo contrário, esse fato coloca imediatamente o problema da origem da crença, mostrando a relação direta desta com as funções psi. O sensitivo católico, por exemplo, que ao perceber uma visão extrafísica luminosa empresta-lhe as características do santo de sua devoção, ou o sensitivo espírita que lhe dá a forma de um espírito de pessoa sua conhecida estão condicionados pela crença. Mas essa crença, por sua vez, tem um condicionamento de origem, pois surgiu no passado em virtude da existência dos fenômenos psi e posteriormente se desenvolveu no processo natural de racionalização das experiências.

Não estamos, é evidente, diante de uma nova questão de prioridade, semelhante à do ovo e da galinha, porque neste caso a crença requer um motivo para formar-se. Ao mesmo tempo o motivo está suficientemente demonstrado na própria investigação histórica, uma vez que a manifestação do paranormal é um fato histórico inegável. Assim as funções psi, agora cientificamente demonstradas como manifestações de faculdades naturais do homem (e até mesmo dos animais), modificam a nossa posição diante do problema da origem das religiões. Essa modificação é de tal importância que vale, como o demonstrou Bozzano, por uma revisão da escola antropológica inglesa à luz das novas conquistas da Ciência.

Seria temerário afirmarmos, segundo o argumento ontológico, que a idéia de Deus nos prova a sua existência porque corresponde a uma percepção extra-sensorial do Ser Supremo. Não se pode dizer que *psi* confirma a Teologia, o que seria absurdo. Mas é evidente que *psi* confirma a origem empírica da crença e conseqüentemente a origem natural da religião. As conseqüências deste fato são de tal alcance que bastariam para justificar a investigação dos fenômenos psi. Diante da realidade extrafísica demonstrada pela Parapsicologia, a posição do homem no Universo modifica-se fundamentalmente. Já não podemos pensar na vida humana como uma ocorrência efêmera e sem sentido na ordem natural, uma vez que ela revela possuir um substrato de natureza transcendente, ou em última instância ser esse próprio substrato. Assim as aspirações universais de transcendência do homem impõem-se ao nosso raciocínio com a força das constatações objetivas.

Este problema nos leva a considerar em maior amplitude a tese de Rhine referente à polaridade dos fenômenos psi. Se a percepção extra-sensorial é o pólo subjetivo desses fenômenos e a psicocinesia é o seu pólo objetivo, então o problema da crença deixa de ser apenas subjetivo. A posição individual do homem diante da possibilidade de existência de formas de vida superiores, não materiais, passa imediatamente para o plano das experiências coletivas.

Explica-se dessa maneira a passagem histórica da crença, como fenômeno individual, de ordem psicológica, para o plano social e portanto para a ordem lógica. Noutras palavras: a crença deixa de ser uma posição pessoal da mente diante da experiência individual para se transformar no processo de racionalização religiosa, consubstanciando-se nos dogmas de fé. Temos assim a polaridade de Rhine no plano histórico: a crença como o pólo subjetivo da percepção do Universo ex-

trafísico e a religião como o seu pólo objetivo, aquele em que a realidade abstrata se concretiza no plano social.

Lembremos um exemplo. Tales de Mileto afirmava: "O mundo é pleno de deuses", ou seja, é cheio de deuses. A afirmação decorria de uma crença ou de uma visão paranormal? Tales via os deuses ou apenas aceitava a tradição mitológica? (Deuses eram todas as entidades espirituais, pois sua condição era divina, superava a condição humana.) Pelo que sabemos dele, não era um homem de crenças. Sócrates ouvia o seu daimon ou gênio e contradizia as crenças do seu tempo. Ambos estavam diante de fatos positivos, de realidades transcendentais mas objetivas (como são objetivos os elementos abstratos da Matemática e da Lógica) e revelavam o que percebiam pelos seus próprios sentidos físicos, os olhos de um e os ouvidos do outro.

Dessa experiência sensorial (pois o extra-sensório se traduzia em percepções sensoriais) ambos, Tales e Sócrates, elaboraram novas crenças. A percepção do Universo extrafísico se traduziu, para ambos, nas formas subjetivas da crença. Mas quando Tales e Sócrates quiseram concretizar suas crenças no plano social, em forma de novas religiões, tiveram de enfrentar a reação da religião dominante.

O problema da polaridade de psi se torna bem claro nesse exemplo: a crença é o pólo subjetivo do fenômeno religioso e a religião (como estrutura social) o seu pólo objetivo.

*

VII – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

Livro: O Livro dos Médiuns: Allan Kardec

Questões 213 a 218

Psicografia

213. A escrita é às vezes bem legível, as palavras e as letras perfeitamente destacadas. Mas com certos médiums é difícil de decifrar por outras pessoas, sendo necessário habituar-se a ela. Muito freqüentemente é formada por grandes traços. Os Espíritos economizam pouco o papel. Quando uma palavra ou uma frase são pouco legíveis, pede-se ao Espírito o favor de recomeçá-las, o que geralmente faz de boa vontade. Quando a escrita é habitualmente ilegível, mesmo para o médium, este quase sempre consegue torná-la mais nítida, por meio de exercícios freqüentes e regulares, feitos com muita força de vontade e rogando com ardor ao Espírito que seja mais correto. Alguns Espíritos adotam muitas vezes sinais convencionais que usam nas reuniões habituais. Para mostrar que uma pergunta os desagrada e que não querem respondê-la, farão, por exemplo, um comprido risco ou outra coisa semelhante.

Quando o Espírito chegou ao fim do que tinha a dizer, ou não quer mais responder, a mão se imobiliza e o médium, qualquer que seja o seu poder ou a sua força de vontade, não consegue obter mais nem uma palavra. Ao contrário, quando ainda não terminou, o lápis prossegue sem que a mão possa detê-lo. Se quiser dizer espontaneamente alguma coisa, a mão pega convulsivamente o lápis e começa a escrever, sem poder opor-se. Aliás, o médium sente quase sempre algo que lhe indica se houve apenas uma parada ou se o Espírito terminou. É raro que não sinta quando o Espírito partiu.

São estas as explicações mais importantes que tínhamos a dar, no tocante ao desenvolvimento da psicografia. A experiência mostrará, na prática, certos de-

talhes que seria inútil tratar aqui e que os princípios gerais orientarão. Que muitos experimentem, e aparecerão mais médiuns do que se pensa.

214. Tudo o que dissemos se refere à escrita mecânica. É a faculdade que todos os médiuns, com razão, querem desenvolver. Mas a função mecânica pura é muito rara, juntando-se a ela, muito freqüentemente, em maior ou menor grau, a intuição. O médium, tendo consciência do que escreve, é naturalmente levado a duvidar da sua faculdade: não sabe se a escrita é dele mesmo ou de outro Espírito. Mas ele não deve absolutamente inquietar-se com isso e deve prosseguir apesar da dúvida. Observando com cuidado a si mesmo, facilmente reconhecerá nos escritos muitas coisas que não lhe pertencem, que são mesmo contrárias aos seus pensamentos, prova evidente de que não procedem da sua mente. Que continue, pois, e a dúvida se dissipará com a experiência.

215. Se o médium não pode ser exclusivamente mecânico, todas as tentativas de obter esse resultado serão inúteis, mas ele erraria se por isso se julgasse deserdado. Se possui apenas mediunidade intuitiva, deve contentar-se com ela, que não deixará de lhe prestar grandes serviços, se souber aproveitá-la ao invés de repudiá-la.

Se depois de inúteis tentativas, realizadas durante algum tempo não houver nenhum indício de movimento involuntário, ou se esse a movimentos forem muito fracos para produzir resultados, não deve hesitar em escrever o primeiro pensamento que lhe for sugerido, nem inquietar-se se é dele ou de outro: a experiência lhe ensinará a fazer distinção. Muito freqüentemente, aliás, o movimento mecânico se desenvolve mais tarde.

Dissemos acima que há casos em que é indiferente saber se o pensamento provém do médium ou de um Espírito. Isso acontece, sobretudo, quando um médium puramente intuitivo ou inspirado realiza por si mesmo um trabalho de imaginação. Pouco importa que então se atribua um pensamento que lhe foi sugerido. Se boas idéias lhe ocorrem, que as agradeça ao seu bom gênio e ele lhe sugerirá outras. Essa é a inspiração dos poetas, dos filósofos e dos cientistas.

216. Suponhamos agora a faculdade mediúnica completamente desenvolvida. Que o médium escreva com facilidade, que seja o que se chama um médium feito. Seria um grande erro de sua parte considerar-se dispensado de novas instruções. Ele só teria vencido uma resistência material, e é então que começam as verdadeiras dificuldades. Mais do que nunca necessitará dos conselhos da prudência e da experiência, se não quiser cair nas mil armadilhas que lhe serão preparadas. Se quiser voar muito cedo com suas próprias asas, não tardará a ser enganado por Espíritos mentirosos que procurarão explorar-lhe a presunção.

217. Uma vez desenvolvida a faculdade, o essencial para o médium é não abusar dela. A satisfação que proporciona a alguns iniciantes provoca um entusiasmo que precisa ser controlado. Devem pensar que ela lhes foi dada para o bem e não para satisfazer a curiosidade vã. É conveniente, portanto, que só a utilizem nos momentos oportunos e não a todo instante. Os Espíritos não estão constantemente às suas ordens e eles correm o risco de ser enganados pelos misticadores. É bom escolherem dias e horas determinados para a prática mediúnica, de maneira a se prepararem com maior recolhimento, e para que os Espíritos que desejam comunicar-se estejam prevenidos e também se coloquem em melhores disposições.

218. Se, apesar de todas as tentativas, a mediunidade não se tiver revelado de maneira alguma, é necessário renunciar a ela, como se renuncia a cantar quando não se tem voz. Quem não sabe uma língua serve-se de um intérprete. Neste

caso faz-se o mesmo, recorrendo a outro médium. Mas na falta do médium não se deve julgar sem a assistência dos Espíritos. A mediunidade é para eles um meio de comunicação, mas não o motivo único de atração. Os que nos dedicam afeição estão juntos de nós, quer sejamos médiuns ou não. Um pai não abandona o filho porque este é surdo e cego e não o pode ver nem ouvir. Pelo contrário, envolve-o na sua solicitude, como os Espíritos bons fazem conosco. Se eles não podem transmitir-nos materialmente o seu pensamento, ajudam-nos com a sua inspiração.

*

CURSO PREPARATÓRIO

7ª. AULA

I – INTRODUÇÃO

Livro: Na Era do Espírito

Chico Xavier, Emmanuel, J. Herculano Pires

Relacionamento em família (Chico Xavier)

Chico Xavier nos conta os antecedentes da recepção desta mensagem de Emmanuel. Como se vê, cada mensagem tem uma história, é provocada pelos anseios e necessidades dos que vão visitá-lo. Passemos ao seu relato:

“As tarefas da noite foram precedidas de várias indagações que pareciam concentradas num só assunto: as dificuldades do relacionamento em família. Os grupos de irmãos procedentes de vários lugares davam a idéia de haverem previamente combinado um encontro conosco para o debate do problema. Esposos em desarmonia, filhos e pais em desacordo, parentes que se queixavam de familiares diversos, pessoas que se haviam amado no círculo doméstico e acabaram por separarem-se umas das outras sem abandonar a casa.

“Nesse clima começamos a reunião e *O Evangelho Segundo o Espiritismo* ofereceu-nos o item 8 do capítulo XIV para estudo. Depois dos comentários feitos por alguns dos nossos irmãos presentes, nosso Emmanuel escreveu a página que lhe envio (Chico Xavier enviando para J. Herculano Pires) e que amigos nossos, domiciliados em cidades distantes, solicitaram que fosse encaminhada às suas mãos. Cumpro com prazer o que prometi.”

Familiares problemas (Emmanuel)

Desposaste alguém que não mais te parece a criatura ideal que conheces-te. A convivência te arrancou aos olhos as cores diferentes com que o noivado te resguardava o futuro que hoje se fez presente.

Em torno, provações, encargos renascentes, familiares que te pedem apoio, obstáculos por vencer. E sofres.

Entretanto, recorda que antes da união falavas de amor e te mostravas na firme disposição em que assumiste os deveres que te assinalam agora os dias, e não recues da frente de trabalho a que o mundo te conduziu.

Se a criatura que te compartilha transitoriamente o destino não é aquela que imaginaste e sim alguém que te impõe difícil tarefa a realizar, observa que a união de ambos não se efetuará sem fins justos e dá de ti quanto possível para que essa mesma criatura venha a ser como desejas.

* * *

Diante de filhos ou parentes outros que se valem de títulos domésticos para menosprezar-te ou ferir-te, nem por isso deixes de amá-los. São eles, presentemente na Terra, quais os fizemos em outras épocas, e os defeitos que mostrem não passam de resultados das lesões espirituais causadas por nós mesmos, em tempos outros, quando lhes orientávamos a existência nas trilhas da evolução.

É provável tenhamos dado um passo à frente. Talvez o contato deles agora nos desagrade pela tísica de sombra que já deixamos de ter ou de ser. Isso, porém, é motivação para auxílio, não para fuga.

Atentos ao princípio de livre arbítrio que nos rege a vida espiritual, é claro que ninguém te impede de cortar laços, sustar realizações, agravar dívidas ou delongar compromissos.

O divórcio é medida perfeitamente compreensível e humana, toda vez que os cônjuges se confessam à beira da delinqüência, conquanto se erija em moratória de débito para resgate em novo nível. E o afastamento de certas ligações é recurso necessário em determinadas circunstâncias, a fim de que possamos voltar a elas, algum dia, com o proveito preciso.

Reflete, porém, que a existência na Terra é um estágio educativo ou reeducativo e tão só pelo amor com que amamos, mas não pelo amor com que esperamos ser amados, ser-nos-á possível trabalhar para redimir e, por vezes, saber perder para realmente vencer.

Assim os fizemos (J. Herculano Pires)

Os familiares desagradáveis são hoje o que deles fizemos ontem. Nada acontece por acaso, sem razão, em nossas vidas. Por isso diz Emmanuel: “Talvez o contato deles agora nos desagrade pela tísica de sombra que já deixamos de ter ou de ser”. Nesta própria existência terrena isso acontece com freqüência. Ao nos tornarmos adultos não suportamos as peraltices das crianças, sem nos lembrarmos das que também já fizemos quando crianças. Ao nos enriquecermos não toleramos os peditórios ou a incapacidade dos parentes pobres, esquecidos do que fazíamos quando necessitados. Ao nos ilustrarmos não suportamos nos outros a ignorância em que ontem vivíamos.

Educamos mal os nossos filhos e muitas vezes os deseducamos a gritos e pancadas. Mas quando eles crescem não suportamos o seu comportamento desrespeitoso, pelo qual somos responsáveis. Não os corrigimos em criança nem os ajudamos na adolescência, mas os fizemos desorientados e depois não os toleramos. Nas vidas sucessivas, através das reencarnações, procedemos também dessa maneira. E quando eles voltam ao nosso convívio não queremos aceitar e muito menos corrigir os seus defeitos.

Na verdade, se não os aceitarmos hoje como são, teremos de aceitá-los amanhã, pois as leis da vida exigem, segundo ensinou Jesus, que nos entendamos com os companheiros “enquanto estivermos a caminho com eles”. A fuga aos deveres atuais será paga mais tarde com os juros devidos. Usando o livre arbítrio podemos rejeitá-los hoje, mas a contabilidade divina anotarà o nosso débito para depois, com os acréscimos legais. O item 8 do capítulo XIV de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* trata do problema das famílias corporais e espirituais e o item 9 desse mesmo capítulo nos explica a mecânica dos pagamentos de dívidas morais através da reencarnação. Os que desejarem aprofundar este problema devem ler com atenção os dois tópicos citados.

*

Mensagem Mediúnica

019) OS ELLOS PERDIDOS SE REENCONTRAM NOVAMENTE!

Gostaria de poder enviar mensagens de luz e esperança para todos vocês que se reúnem em nome de Jesus.

O que poderei eu dizer-lhes que faça com que seus corações vibrem com todas as forças de suas almas!

O que poderia dizer-lhes que já não sabem! É pouco, mas eu é que me sinto bem, extasiada, porque não deslumbrada; porque os elos perdidos se reencontram aos poucos, como sinal de pensamento e fé fortificados, com fé restabelecida

pelo grande esforço de todos nós. Se, por nosso grande egoísmo, nos perdemos, deixamos romper os elos da corrente que nos unia, já podemos dizer que estamos bem melhores, mais evangelizados, depois de muito sofrer!

Sim, estou extasiada com a aproximação dos elos; estou feliz pela reunião. Mas não esqueçam que podemos nos perder novamente, se não houver coragem, persistência... pois o caminho é difícil e espinhoso. Unamo-nos, fortemente, com toda a garra e não esperem pelos outros elos; sejamos fortes suficientes por todos os elos que ainda estão perdidos. Oremos irmãos. Fé, Luta, Coragem, pois o Trabalho apenas começa.

Dolores.

(*Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 04/12/1999*).

*

Poesia

AVAREZA E OBSESSÃO

Cornélio Pires

O sovina Chichico da Planura
Foi à sessão no Ingá, pedindo ao Guia:
– “Não me deixes, irmão, nesta agonia,
Carrego obsessão, treva, loucura...”

O Guia esclareceu, em voz segura:
– “Meu amigo, a melhora principia
Em gastar para o bem. Serve e auxilia.
Caridade é socorro, amparo e cura...”

Mas Chichico, escutando esse conselho,
Levantou-se, tossiu, ficou vermelho
E gritou para a médium Nhá Lilica :

– “Custei muito a ganhar o meu dinheiro.
Não quero falação de zombeteiro.
Este espírito mau nunca foi guia.”

Do livro Amanhece. Psicografia de Francisco Cândido Xavier.

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Capítulo VI – 15

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS ADVENTO DO ESPÍRITO DA VERDADE

Espírito da Verdade •

Paris, 1860

5. Venho, como outrora, entre os filhos desgarrados de Israel, trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como outrora a minha palavra, deve lembrar os incrédulos que acima deles reina a verdade imutável: o Deus

bom, o Deus grande, que faz germinar as plantas e que levanta as ondas. Eu revelei a doutrina divina; e, como um segador, liguei em feixes o bem esparso pela humanidade, e disse: "Vinde a mim, todos vós que sofreis!"

Mas os homens ingratos se desviaram da estrada larga e reta que conduz ao Reino de meu Pai, perdendo-se nas ásperas veredas da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana. Ele quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, ou seja, mortos segundo a carne, porque a morte não existe, sejais socorridos, e que, não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a voz dos que se foram, faça-se ouvir para vos gritar: Crede e orai! Porque a morte é a ressurreição, e a vida é a prova escolhida, durante a qual vossas virtudes cultivadas devem crescer e desenvolver-se como o cedro. Homens fracos, que vos limitais às trevas de vossa inteligência, não afasteis a tocha que a clemência divina vos coloca nas mãos, para iluminar vossa rota e vos reconduzir, crianças perdidas, ao regaço de vosso Pai. Estou demasiado tocado de compaixão pelas vossas misérias, por vossa imensa fraqueza, para não estender a mão em socorro aos infelizes extraviados que, vendo o céu, caem nos abismos do erro. Ide, amai, meditai todas as coisas que vos são reveladas; não mistureis o joio ao bom grão, as utopias com as verdades.

Espíritas: amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, eis segundo. Todas as verdades se encontram no Cristianismo; os erros que nele se enraizaram são de origem humana; e eis que, de além-túmulo, que acreditáveis vazio, vozes vos clamam: Irmãos! Nada perece. Jesus Cristo é o vencedor do mal; sede os vencedores impiedade!

*

Livro: O Espírito da Verdade (Emmanuel)

Problemas do mundo

Evangelho Seg. Esp. Cap. VI – Item 5

O mundo está repleto de ouro.

Ouro no solo. Ouro no mar. Ouro nos cofres.

Mas o ouro não resolve o problema da miséria.

O mundo está repleto de espaço.

Espaço nos continentes. Espaço nas cidades. Espaço nos campos.

Mas o espaço não resolve o problema da cobiça.

O mundo está repleto de cultura.

Cultura no ensino. Cultura na técnica. Cultura na opinião.

Mas a cultura da inteligência não resolve o problema do egoísmo.

O mundo está repleto de teorias.

Teorias na ciência. Teorias nas escolas filosóficas. Teorias nas religiões.

Mas as teorias não resolvem o problema do desespero.

O mundo está repleto de organizações.

Organizações administrativas. Organizações econômicas. Organizações sociais.

Mas as organizações não resolvem o problema do crime.

Para extinguir a chaga da ignorância, que acalenta a miséria; para dissipar a sombra da cobiça, que gera a ilusão; para exterminar o monstro do egoísmo, que promove a guerra; para anular o verme do desespero, que promove a loucura, e para remover o charco do crime, que carrega o infortúnio, o único remédio eficiente é o Evangelho de Jesus no coração humano.

Sejamos, assim, valorosos, estendendo a Doutrina Espírita que o desentranha da letra, na construção da Humanidade Nova, irradiando a influência e a

inspiração do Divino Mestre, pela emoção e pela idéia, pela diretriz e pela conduta, pela palavra e pelo exemplo e, parafraseando o conceito inolvidável de Allan Kardec, em torno da caridade, proclamemos aos problemas do mundo: “Fora do Cristo não há solução.”

Bezerra de Menezes

*

Livro O Consolador (Emmanuel)

Questões 150 a 153 - Transição

150 – *É possível que os espíritistas venham a sofrer perturbações depois da morte?*

-A morte não apresenta perturbações à consciência reta e ao coração amante da verdade e do amor dos que viveram na Terra tão-somente para o cultivo da prática do bem, nas suas variadas formas e dentro das mais diversas crenças.

Que o espírita cristão não considere o seu título de aprendiz de Jesus como um simples rótulo, ponderando a exortação evangélica – “muito se pedirá de quem muito recebeu”, preparando-se nos conhecimentos e nas obras do bem, dentro das experiências do mundo para a sua vida futura, quando a noite do túmulo houver descerrado aos seus olhos espirituais a visão da verdade, em marcha para as realizações da vida imortal.

151 – *O espírito desencarnado pode sofrer com a cremação dos elementos cadavéricos?*

-Na cremação, faz-se mister exercer a piedade com os cadáveres, procrastinando por mais horas o ato de destruição das vísceras materiais, pois, de certo modo, existem sempre muitos ecos de sensibilidade entre o Espírito desencarnado e o corpo onde se extinguiu o “tônus vital”, nas primeiras horas seqüentes ao desenlace, em vista dos fluídos orgânicos que ainda solicitam a alma para as sensações da existência material.

152 – *A morte violenta proporciona aos desencarnados sensações diversas da chamada “morte natural?”*

-A desencarnação por acidentes, os casos fulminantes de desprendimento proporcionam sensações muito dolorosas à alma desencarnada, em vista da situação de surpresa ante os acontecimentos supremos e irremediáveis. Quase sempre, em tais circunstâncias, a criatura não se encontra devidamente preparada e o imprevisto da situação lhe trazem emoções amargas e terríveis.

Entretanto, essas surpresas tristes não se verificam para as almas, no caso das enfermidades dolorosas e prolongadas, em que o coração e o raciocínio se tocam das luzes das meditações sadias, observando as ilusões e os prejuízos do excessivo apego à Terra, sendo justo considerarmos a utilidade e a necessidade das dores físicas, nesse particular, porquanto somente com o seu concurso precioso pode o homem alijar o fardo de suas impressões nocivas do mundo, para penetrar tranqüilamente os umbrais da vida do Infinito.

153 – *Se a hora da morte não houver chegado, poderá o homem perecer sob os perigos que o ameaçam?*

-Nos aspectos externos da vida, e desde que o Espírito encarnado proceda de conformidade com os ditames da consciência retilínea e do coração bem intencionado, sem a imponderação dos precipitados e sem o egoísmo dos ambiciosos, toda e qualquer defesa do homem reside em Deus.

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro: Astronautas do Além

(Chico Xavier, Espíritos Diversos, J. Herculano Pires)

A filha excepcional (Chico Xavier)

Há algum tempo, numa de nossas reuniões, apareceu um amigo trazendo nos braços a filha excepcional. Declarou estar a caminho de São Paulo para tentar-lhe o tratamento. Veio com ela à nossa instituição a fim de orar, em nossa companhia, solicitando para a pequenina o auxílio dos benfeitores espirituais.

Comoveu-nos a todos o carinho e o cuidado do genitor com a filha que lhe choramingava nos braços, agitada e inconsciente. Esse amigo informou proceder de uma cidade pernambucana e guardar a esperança de alcançar melhores para a filha junto de médicos amigos da Capital bandeirante.

Diante do quadro enternecedor, penso que todo o pessoal refletia sobre os princípios da reencarnação, sem comentários. Iniciadas as tarefas da noite, *O Livro dos Espíritos* nos ofereceu para estudo a questões 371 a 378 de O Livro dos Espíritos:

“V – IDIOTISMO E LOUCURA

371. A opinião de que os cretinos e os idiotas teriam uma alma de natureza inferior tem fundamento?

– Não. Eles têm uma alma humana, freqüentemente mais inteligente do que pensais, e que sofre com a insuficiência dos meios de que dispõe para se comunicar, como o mudo sofre por não poder falar.

372. Qual é o objetivo da Providência, ao criar seres desgraçados como os cretinos e os idiotas?

– São os Espíritos em punição que vivem em corpos de idiotas. Esses Espíritos sofrem com o constrangimento a que estão sujeitos e pela impossibilidade de manifestar-se através de órgãos não desenvolvidos ou defeituosos.

372-a. Então não é exato dizer que os órgãos não exercem influência sobre as faculdades?

– Jamais dissemos que os órgãos não exercem influência. Eles a exercem, e muito grande, sobre a manifestação das faculdades, mas não produzem as faculdades. Esta a diferença. Um bom músico, com um mau instrumento, não fará boa música, o que não o impede de ser um bom músico.

É necessário distinguir o estado normal do estado patológico. No estado normal, o moral supera o obstáculo material. Mas há casos em que a matéria oferece uma tal resistência que as manifestações são entravadas ou desnaturadas, como na idiotia e na loucura. Esses são casos patológicos, e em tal estado a alma não goza de toda a sua liberdade. A própria lei humana a isenta da responsabilidade dos seus atos.

373. Qual o mérito da existência para seres que, como os idiotas e os cretinos, não podendo fazer o bem nem o mal, não podem progredir?

– É uma expiação, imposta ao abuso que tenham feito de certas faculdades; é um tempo de suspensão.

373-a. Um corpo de idiota pode então encerrar um Espírito que tivesse animado um homem de gênio numa existência procedente?

– Sim, o gênio torna-se às vezes uma desgraça, quando dele se abusa.

A superioridade moral não está sempre na razão da superioridade intelectual, e os maiores gênios podem ter muito a expiar; daí resulta freqüentemente para eles uma existência inferior às que já tenham vivido, que é uma causa de so-

frimento. Os entraves que o Espírito prova em suas manifestações são para ele como as cadeias que constroem os movimentos de um homem vigoroso. Pode-se dizer que os cretinos e os idiotas são estropeados do cérebro, como o coxo o é das pernas e o cego dos olhos.

374. O idiota, no estado de Espírito, tem consciência do seu estado mental?

– Sim, muito freqüentemente. Compreende-se que as cadeias que embarçam o seu desenvolvimento são uma prova e uma expiação.

375. Qual é a situação do Espírito na loucura?

– O Espírito, quando em liberdade, recebe diretamente suas impressões e exerce diretamente a sua ação sobre a matéria; mas encarnado, encontra-se em condições totalmente diferentes e na contingência de não o fazer senão com a ajuda de órgãos especiais.

Que uma parte ou conjunto desses órgãos sejam alterados, e a sua ação ou suas impressões, no que respeita a esses órgãos, ficam interrompidas. Se ele perde os olhos, fica cego; sem os ouvidos, fica surdo, etc. Imagina agora se o órgão que preside aos efeitos da inteligência e da vontade for parcial ou inteiramente atacado ou modificado, e fácil te será compreender que o Espírito, só tendo então a seu serviço órgãos incompletos ou alterados, deve entrar numa perturbação de que, por si mesmo e no seu foro íntimo, tem perfeita consciência, mas cujo curso já não pode deter.

375-a. É então sempre o corpo e não o Espírito o desorganizado?

– Sim; mas é necessário não perder de vista que, da mesma maneira que o Espírito age sobre a matéria, esta reage sobre ele numa certa medida, e que o Espírito pode encontrar-se momentaneamente impressionado pela alteração dos órgãos através dos quais se manifesta e recebe as suas impressões. Pode acontecer que, com o tempo, quando a loucura durou bastante, a repetição dos mesmos atos acabe por exercer sobre o Espírito uma influência da qual ele não se livrará senão depois da sua completa separação de toda impressão material.

376. Qual a razão por que a loucura leva algumas vezes ao suicídio?

– O Espírito sofre pelo constrangimento a que está submetido e pela impotência de manifestar-se livremente. Por isso, busca libertar-se por intermédio da morte.

377. Após a morte, o Espírito se ressentido da perturbação de suas faculdades?

– Ele pode ressentir-se durante algum tempo, até que esteja completamente desligado da matéria, como o homem que, ao acordar, se ressentido por algum tempo da perturbação em que o sono o mergulhara.

378. Como a alteração do cérebro pode reagir sobre o Espírito após a morte?

– É uma lembrança. Um peso oprime o Espírito, e como ele não teve consciência de tudo o que se passou durante a sua loucura, é necessário um certo tempo para que se ponha ao corrente. É por isso que, quanto mais tenha durado a loucura, durante a vida, mais longamente durará a tortura, o constrangimento após a morte. O Espírito desligado do corpo se ressentido por algum tempo da impressão dos seus ligamentos.”

Depois das explicações de nossos amigos presentes, a respeito, o nosso caro Emmanuel escreveu alguns comentários sobre a reencarnação. Depois dele veio até nós o poeta Silva Ramos, que escreveu por nosso intermédio o soneto “Vinculação Redentora”.

Vinculação redentora (Silva Ramos)

O fidalgo, ao partir, diz à jovem senhora:
 “Eu sou teu, tu és minha!... Espera-me, querida!...”
 Longe, ergue outro lar... Vence, altera-se, olvida...
 Ela afoga em suicídio a mágoa que a devora.

Falece o castelão... Vê a noiva esquecida...
 Desencarnada e aflita, é uma sombra que chora...
 Ele pede outro berço e quer trazê-la agora
 Em braços paternos ao campo de outra vida!...

O século avançou... Ei-los de novo em ce-
 na...

Ele o progenitor; ela, a filha pequena
 A crescer retardada, abatida, insegura...

Hoje, ele, em tudo, é sempre o doce pajem
 dela

E a noiva de outro tempo é a filha triste e bela
 Agarrando-se ao pai nos traumas da loucura.

A solução do enigma (J. Herculano Pires)

O estilo e o tema identificam o autor espiritual. Alcântara Machado no-
 tou: “a ausência quase completa em sua obra de paisagem e do homem brasilei-
 ro”. O seu arraigado lusitanismo transparece em outros poemas transmitidos pela
 psicografia de Chico Xavier, como se pode ver em *Antologia dos Imortais*.¹

Não foi por acaso que Silva Ramos escreveu esse alexandrino através da
 mediunidade, nem por simples inspiração provocada pelo caso relatado pelo
 médium. É evidente a intenção de explicar o episódio atual recorrendo às causas
 remotas que ficaram no além-mar.

Quantos fidalgos europeus, e particularmente portugueses, estão hoje en-
 carnados no Brasil em situação difícil, procurando reparar os abusos e as irres-
 ponsabilidades em que incorreram no passado! A figura desse pai pernambucano
 (da mesma terra do poeta) carregando nos braços a filhinha excepcional e desve-
 lando-se por ela, adquire mais denso colorido emocional ante a revelação do
 passado. A vida nos revela o seu mistério nessas ligações profundas que os Espí-
 ritos desvendam de maneira discreta e emotiva.

O soneto, por sua estrutura silogística, é a forma poética mais apropriada
 a nos revelar uma história como essa que passa de um século a outro. Note-se
 ainda a flexibilidade da síntese poética que permite ao autor exprimir em apenas
 um verso, como num corte cinematográfico, a transição temporal do caso e a
 metamorfose dos personagens: “O século avançou... Ei-los de novo em cena”.

A emoção poética se acelera nos dois tercetos finais do alexandrino per-
 feito de Silva Ramos, dando-nos em breves instantes a visão total da lógica e da
 mecânica da reencarnação. O compromisso rompido levou a antiga dama à lou-
 cura do suicídio, mas agora o responsável de ontem a carrega nos braços, pagan-
 do-lhe a dívida de amor e ternura e procurando restabelecer-lhe o equilíbrio per-
 dido. A justiça e a misericórdia de Deus ressaltam dessa situação em que algoz e
 vítima se reencontram para a mútua redenção.

A opacidade do mundo e a frustração da vida, que justificam o ceticismo
 existencial deste século, carregado de angústia e desespero, resolvem-se em
 transparência lógica e renovação da fé. O interexistencialismo espírita soluciona
 em dois tercetos a amarga equação do existencialismo ateu.

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA

O Livro dos Médiuns – Questões 182 e 183

MÉDIUNS INSPIRADOS

182. Todos os que recebem, no seu estado normal ou de êxtase, comunicações mentais estranhas às suas idéias, sem serem, como estas, preconcebidas, podem ser considerados médiuns inspirados. Trata-se de uma variedade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma potência oculta é bem menos sensível, sendo mais de distinguir no inspirado o pensamento próprio do que foi sugerido. O que caracteriza este último é sobretudo a espontaneidade. (Nunca prestamos a devida atenção aos nossos processos mentais. Kardec nos oferece neste livro, como repete no período acima, uma regra de ouro nesse sentido. A psicologia materialista vai hoje se aproximando desse princípio, graças às pesquisas no campo da telepatia. Embora ainda não considere o pensamento dos Espíritos, já admite que recebemos constantemente pensamentos alheios. A observação permite-nos dividir perfeitamente o pensamento que produzimos aos poucos em nossa mente dos que nos são sugeridos. (N. do T.)

Recebemos a inspiração dos Espíritos que nos influenciam para o bem ou para o mal. Mas ela é principalmente a ajuda dos que desejam o nosso bem, e cujos conselhos rejeitamos com muita freqüência. Aplica-se a todas as circunstâncias da vida, nas resoluções que devemos tomar. Nesse sentido pode-se dizer que todos são médiuns, pois não há quem não tenha os seus Espíritos protetores e familiares, que tudo fazem para transmitir bons pensamentos aos seus protegidos. Se todos estivessem compenetrados dessa verdade, com mais freqüência se recorreria à inspiração do anjo guardião, nos momentos em que não se sabe o que dizer ou fazer.

Que se invoque o Espírito protetor com *fervor e confiança*, nos casos de necessidade, e mais assiduamente se admirará das idéias que surgirão como por encanto, seja para auxiliar numa decisão ou em alguma coisa a fazer. Se nenhuma idéia surgir imediatamente, é que se deve esperar. A prova de que se trata de idéia sugerida está precisamente em que ela, se fosse da pessoa, estaria sempre ao seu dispor, não havendo razão para que não se manifestasse à vontade. Quem não é cego, basta abrir os olhos para ver quando quiser. Da mesma maneira, o que possui idéias próprias, sempre as tem ao seu dispor. Se elas não surgem à vontade é que ele precisa buscá-las fora de si mesmo. (A reflexão mental, como a própria etimologia da palavra o indica, é uma busca de sintonia. Nossas mentes não vivem isoladas, mas num processo de comunhão espiritual que o Espiritismo revelou e pesquisou. Quando pensamos seriamente num problema atraímos a colaboração de outras mentes encarnadas ou desencarnadas. Mas o orgulho humano dificilmente permite que certas pessoas aceitem essa verdade que tudo fazem para negar e rejeitar. (N. do T.)

Nesta categoria podem ainda ser incluídas as pessoas que, não sendo dotadas de inteligência excepcional, e sem sair do seu estado normal, têm relâmpagos de lucidez intelectual que lhes dão surpreendente facilidade de concepção e de elocução e, em certos casos, o pressentimento do futuro. Nesses momentos, justamente considerados de inspiração, as idéias abundam, seguem-se, encadeiam-se como que por si mesmas, num impulso involuntário e quase febril. Parece que uma inteligência superior vem ajudar-nos e que o nosso Espírito se livra de um fardo.

183. Todos os homens de gênio, artistas, sábios, literatos, são sem dúvida Espíritos adiantados, capazes de conceber grandes coisas e trazê-las em si mesmos. Ora, é precisamente por julgá-los capazes que os Espíritos, quando querem realizar certos trabalhos, lhes sugerem as idéias necessárias. E é assim que eles são, na maioria das vezes, médiuns sem o saberem. Eles têm, não obstante, uma

vaga intuição de serem assistidos, pois aquele que apela à inspiração faz uma evocação. Se não esperasse ser ouvido, porque haveria de clamar com tanta frequência: *Meu bom gênio, venha ajudar-me!* As respostas seguintes confirmam esta asserção:

—Qual a causa primeira da inspiração?

—A comunicação mental do Espírito.

—A inspiração não se destina apenas a grandes revelações?

—Não. Ela se relaciona quase sempre com as mais comuns circunstâncias da vida. Por exemplo: queres ir a algum lugar e uma voz secreta te diz que não, porque corres perigo; ou ainda essa voz te sugere fazer uma coisa em que não pensavas. Isso é inspiração, são bem poucas as pessoas que não tenham sido inspiradas em diversas ocasiões.

—Um escritor, um pintor, um músico, por exemplo, no momento de inspiração poderiam ser considerados médiuns?

—Sim, pois nesses momentos têm a alma mais livre e como separada da matéria, que então recobra em parte as suas faculdades de Espírito e recebe mais facilmente as comunicações dos Espíritos que a inspiram. (O mistério da inspiração é assim explicado como um processo de semi-desprendimento da alma. Nesse estado, o artista amplia a sua visão das coisas, adquire percepções extra-sensoriais e entra em comunicação com os amigos espirituais que o ajudam (N. do T.)

*

Livro: Opinião Espírita (Emmanuel – André Luiz)

Ao Médiun Doutrinador

(A. Luiz – referente à questão 182 de O Livro dos Médiuns)

Meu Amigo.

Considera na mediunidade uma poderosa alavanca de expansão do Espiritismo, reconhecendo, porém que a Doutrina Espírita e o serviço mediúnicos são essencialmente distintos entre si.

Todos os encarnados são médiuns e antigos devedores uns dos outros.

*

Nunca destaques um gênero de mediunidade como sendo mais valioso que outro, sabendo, no entanto, que o exercício mediúnico exige especialização para produzir mais e melhores frutos e benefício de todos.

A mediunidade existe sempre como fonte de bênçãos, desde que exercida com devotamento e humildade.

*

No burilamento de faculdades mediúnicas, situa a feição fenomênica no justo lugar para não te distraíres com superfluidades incosequentes.

O aspecto menos importante da mediunidade reside no próprio fenômeno.

*

Relaciona-te pois, com o fenômeno, quando ele venha a surgir espontaneamente, em tarefas ou reuniões que objetivem finalidades mais elevadas, que não o fenômeno em si, usando equilíbrio e critério na aceitação dos fatos.

A provocação de surpresas em matéria de mediunidade não raro gera a perturbação.

*

Jamais perca a esperança ou a paciência no trato natural com os nossos irmãos enfermos, especialmente quando médiuns sob influência inferior, para que se positive a assistência espiritual desejável.

Quem aguarda em serviço o socorro da Divina Providência, vive na diretriz de quem procura acertar.

*

Mobiliza compreensão, tato e paciência para equacionar os problemas que estejam subjugando os enfermos desencarnados, elucidando-os com manifesta indulgência quanto à Realidade Maior no que tange ao fenômeno da morte, ao intercâmbio mediúnico, ao corpo espiritual e a outras questões afins.

A palavra indisciplinada traumatiza quem ouve.

Analisa com prudência as comunicações dos espíritos sofredores, segundo a inspiração do amor e a segurança da lógica, aquilatando-lhes o valor pelas lições que propiciem inequivocamente a nós mesmos.

O bom senso é companheiro seguro da caridade.

*

Compenetra-te dos teus deveres sagrados, sabendo que o medianeiro honesto para consigo mesmo, chega à desencarnação com a mediunidade gloriosa, enquanto que o medianeiro negligente atinge o rio da morte com a tortura de quem desertou da própria responsabilidade.

A mediunidade não se afasta de ninguém, é a criatura que se distancia do mandato mediúnico que o Plano Superior lhe confere.

*

Revista Espírita – Março de 1858

Conversas familiares de além túmulo

O assassino Lemaire

Condenado pelo Supremo Tribunal de Justiça Criminal, de Aisne, à pena de morte e executado em 31 de dezembro de 1857, evocado em 29 de janeiro de 1858.

1. Peço a Deus Todo-Poderoso permitir ao assassino Lemaire, executado em 31 de dezembro de 1857, vir entre nós. - *Resp.* Aqui estou.

2. Como ocorre que tenhas vindo tão prontamente ao nosso apelo? - *Resp.* Rachel o disse.

(A senhorita Rachel, tendo sido evocada alguns dias antes, por intermédio da mesma médium, se apresenta instantaneamente. Foram-lhe feitas, a esse respeito, as perguntas seguintes;

- Como ocorreu que haveis vindo tão prontamente, no mesmo instante em que a evocamos; dir-se-ia que estáveis preparada? - *Resp.* Quando Ermance (a médium) nos chama, vimos depressa.

- Tendes, pois, muita simpatia pela senhorita Ermance? - *Resp.* Há um laço entre ela e nós.

Ela vem a nós; nós vamos a ela. Não há, todavia, nenhuma semelhança entre o seu caráter e o vosso; como ocorre, então, que haja simpatia? - *Resp.* Ela jamais deixou inteiramente o mundo dos Espíritos).

3. Que sentimento experimentas diante de nós? - *Resp.* A vergonha.

4. Como uma jovem, doce como um cordeiro, pode servir de intermediário a um ser sanguinário como tu? - *Resp.* Deus o permitiu.

5. Conservaste todo o conhecimento até o último momento? - *Resp.* Sim.

6. E, imediatamente após a tua execução, tiveste consciência de tua nova existência? - *Resp.* Mergulhei numa perturbação imensa, da qual ainda não saí. Senti uma imensa dor; pareceu-me que meu coração a sofria. Vi não sei o que rolar ao pé do patíbulo; vi o sangue correr, e a minha dor, com isso, não se tornou senão mais pungente.

7. Era uma dor puramente física, análoga à que seria causada por um grave ferimento: pela amputação de um membro, por exemplo? - *Resp.* Não; imagina um remorso, uma grande dor moral.

8. Quando começaste a sentir essa dor? - *Resp.* Desde que estive livre.

9. A dor física, causada pelo suplício, era sentida pelo corpo ou pelo Espírito? - *Resp.* A dor moral estava no meu Espírito; o corpo sentiu a dor física; mas o Espírito, separado dele, sentia ainda.

10. Viste teu corpo mutilado? - *Resp.* Vi não sei o que de informe que me parecia não ter deixado; no entanto, sentia-me, ainda, inteiro: era eu mesmo.

11. Que impressão essa visão teve em ti? - *Resp.* Sentia muito a minha dor; estava perdido nela.

12. É verdade que o corpo vive ainda alguns instantes depois da decapitação, e que o supliciado tem a consciência das suas idéias? - *Resp.* O Espírito se retira pouco a pouco; quanto mais os laços da matéria o enlaçam, menos a separação é pronta.

13. Quanto tempo isso dura? - *Resp.* Mais ou menos. (Ver a resposta precedente.)

14. Disse-se haver notado, na fisionomia de certos supliciados, a expressão da cólera, e movimentos como se quisessem falar; era o efeito de uma contração nervosa ou a vontade nisso tinha parte? - *Resp.* A vontade; porque o Espírito não havia ainda se retirado do corpo.

15. Qual foi o primeiro sentimento que experimentaste entrando em tua nova existência? - *Resp.* Um sofrimento intolerável; uma espécie de remorso pungente, cuja causa ignorava.

16. Tu te encontraste reunido aos teus cúmplices executados ao mesmo tempo que tu? - *Resp.* Para a nossa infelicidade; nossa visão é um suplício contínuo; cada um de nós reprova, no outro, seu crime.

17. Reencontraste tuas vítimas? - *Resp.* Eu as vejo... são felizes... seu olhar me persegue... sinto que mergulha até o fundo do meu ser... em vão quero fugir-lhe.

18. Que sentimentos experimentas diante delas? - *Resp.* A vergonha e o remorso. Eu as elevei com as minhas próprias mãos, e as odeio, ainda.

19. Que sentimento elas experimentam diante de ti? - *Resp.* A piedade.

20. Elas têm ódio e o desejo de vingança? - *Resp.* Não; suas preces pedem pela minha expiação. Não saberias sentir que horrível suplício é tudo dever a quem se odeia.

21. Lamentas tua vida terrestre? - *Resp.* Não lamento senão os meus crimes; se os acontecimentos estivessem ainda em minhas mãos, não sucumbiria mais.

22. Como foste conduzido à vida criminosa que levaste? - *Resp.* Escuta! Acreditei-me forte; escolhi uma rude prova; cedi às tentações do mal.

23. A tendência ao crime estava na tua natureza, ou foste arrastado pelo meio no qual viveste? - *Resp.* A tendência ao crime estava na minha natureza, porque era um Espírito inferior. Quis elevar-me de repente, mas pedi além das minhas forças.

24. Se houvesse recebido bons princípios de educação, terias podido desviar-te da vida criminosa? - *Resp.* Sim; mas escolhi a posição na qual nasci.

25. Terias podido transformar-se num homem de bem? - *Resp.* Um homem fraco, incapaz do bem como do mal. Poderia paralisar o mal de minha natureza, durante a minha existência, mas não poderia elevar-me até fazer o bem.

26. Durante a vida, acreditavas em Deus? - *Resp.* Não.
27. Diz-se que, no momento de morrer, te arrependeste; isso é verdade? - *Resp.* Acreditava num Deus vingador.» tive medo da sua justiça.
28. Nesse momento teu arrependimento é mais sincero? - *Resp.* Ai de mim! Vejo o que fiz.
29. Que pensa de Deus agora? - *Resp.* Eu o sinto e não o compreendo.
30. Achas justo o castigo que te foi infligido na Terra? - *Resp.* Sim.
31. Espera obter o perdão dos teus crimes? - *Resp.* Não sei.
32. Como espera resgatar os teus crimes? - *Resp.* Por novas provas; mas parece que a Eternidade está entre elas e mim.
33. Essas provas se cumprirão sobre a Terra ou num outro mundo? - *Resp.* Não sei.
34. Como poderás expiar as tuas faltas passadas em uma nova existência, se não tens a lembrança delas? - *Resp.* Delas terei a presciência.
35. Onde está agora? - *Resp.* Estou no meu sofrimento.
36. Pergunto em qual lugar está? - *Resp.* Perto de Ermance.
37. Estais reencarnado ou errante? - *Resp.* Errante; se estivesse reencarnado, teria a esperança. Eu disse: a Eternidade me parece entre a expiação e mim.
38. Uma vez que está aqui, se pudéssemos ver-te, sob qual forma nos aparecerias? - *Resp.* Sob minha forma corporal, minha cabeça separada do tronco.
39. Poderias nos aparecer? - *Resp.* Não; deixai-me.
40. Gostarias de nos dizer como te evadiste da prisão de Montdidier? - *Resp.* Não sei mais... Meu sofrimento é tão grande que não tenho mais do que a lembrança do crime... Deixai-me.
41. Poderíamos trazer algum alívio aos teus sofrimentos? - *Resp.* Fazei votos para que a expiação chegue.

*

Livro: Obsessão, O Passe, A Doutrinação.

J. Herculano Pires

Psiquiatria e Espiritismo.

O conflito entre Psiquiatria e Espiritismo tomou vulto entre nós, em virtude do crescimento do movimento espírita. O preconceito religioso influi muito na questão, estimulando o preconceito científico. Mas as últimas conquistas das Ciências abriram uma perspectiva de trégua. Na proporção em que o conceito de matéria se pulverizou nas mãos dos físicos e atingiu o plano da antimatéria, verificou-se uma nova revolução copérnica no tocante à concepção do homem. Coube a um famoso psiquiatra norte americano, Ian Stevenson, dar novo impulso às pesquisas sobre a reencarnação. Na URSS o psiquiatra Wladimir Raikov, da Universidade de Moscou, reconheceu o fenômeno de lembranças de vidas anteriores e iniciou pesquisas a respeito, partindo do pressuposto de sugestões telepáticas.

Hoje há grande número de psiquiatras espíritas, o que estabelece o diálogo entre os campos opostos.

As pesquisas parapsicológicas com débeis mentais deram razão à tese espírita da distinção entre cérebro e mente. Os débeis mentais agem no plano de psi (fenômenos paranormais) em igualdade de condições com as pessoas normais. Isso parecia mostrar que a debilidade era apenas cerebral e não mental. Quando Rhine sustentou a natureza extrafísica da mente, que Vassiliev tentou refutar sem consegui-lo, o problema se tornou mais claro. Muitos enigmas da Psiquiatria se tornaram mais facilmente equacionáveis para uma solução. Entre eles, talvez o

mais complexo, que é o da Esquizofrenia. Certos casos de amnésia, em que os pacientes substituem a memória atual por outra referente a uma possível vida anterior, lançaram nova luz sobre o intrincado problema.

A divisão da mente, a diluição da memória, o afastamento da realidade parecem denunciar uma espécie de nostalgia psíquica que determina a inadaptação do espírito à realidade atual. Teríamos dessa forma um caso típico de auto-obsessão nas modalidades variáveis da Esquizofrenia. Os casos se agravam com a participação de entidades obsessoras geralmente atraídas pelo estado dos pacientes. Eles se encontravam em estado de ambivalência e são forçados a optar pelo passado ante a pressão obsessiva. Este é mais um fato favorável à prática da desobsessão.

Psiquiatria e Espiritismo podem ajudar-se mutuamente, ao que parece em futuro bem próximo. Não há razão para condenações psiquiátricas atuais dos processos espíritas de cura dos casos de obsessão.

Tratamento médico.

Deve também haver uma orientação médica, tendo ou não o profissional conhecimento da Doutrina. (De qualquer modo ele não poderá utilizar profissionalmente as armas que o Espiritismo pode lhe colocar nas mãos, pois o Código de Ética Médica o impede, com justa razão, no atual estado dos conhecimentos e dos determinantes culturais atuantes na maioria dos países. Os médicos que sejam espíritas não podem instituir um "tratamento espírita", mas obviamente podem, quando solicitados, calcados em suas convicções filosóficas, opinarem sobre a situação vivencial de amigos e pacientes).

Os que se propõem a orientar os obsedados no processo de sua libertação devem ter conhecimento da Doutrina solidamente estabelecido, em vivência e em conhecimento teórico, a fim de que os processos doutrinários não se percam em práticas que a pesquisa espírita demonstrou serem inúteis e, portanto desnecessárias, servindo apenas para dar ao tratamento racional, aspectos supersticiosos. Todo tratamento mediúnico deve ser gratuito, segundo a recomendação de Kardec, pois depende estritamente do auxílio espiritual. Os espíritos não cobram seus serviços e não gostam que cobrem por eles. Por isso deve ser realizado em instituições doutrinárias, a nosso ver com duas características: orientação externa: os que necessitam vêm periodicamente à instituição, recebem a orientação preconizada e participam das práticas que a Doutrina estabelece, até o seu reequilíbrio (e obviamente a instruções complementares); orientação interna: em instituições psiquiátricas mantidas por ou com participação de espíritas. Nestas, o tratamento médico cabível seria instituído como em qualquer hospital, e a orientação e as práticas que a Doutrina estabelece seriam iniciadas com o consentimento das famílias ou dos pacientes como uma praxe filosófico-religiosa independente da orientação médica (Note-se nem associada, nem paralela, INDEPENDENTE, para não ferir o Código de Ética Médica, como foi exposto acima), o que não pode ser criticado, desde que assim seja feito, pois é questão de foro íntimo, onde ninguém deve interferir.

A pureza das intenções dos médiuns e coordenadores das reuniões desobsessivas é a única possível garantia da eficácia da orientação mediúnica. Como assinalava Kardec, o desprendimento dos interesses terrenos é a primeira condição do interesse dos Espíritos Superiores, pelo nosso esforço em favor do próximo.

V – FILOSOFIA GERAL E ESPÍRITA

Livro: Introdução à Filosofia Espírita

J. Herculano Pires

O processo gnoseológico

Aplicada ao Espiritismo, na avaliação da totalidade da Doutrina, a Teoria Espírita do Conhecimento nos mostra essa doutrina como a última fase de um processo gnoseológico que abrange toda a evolução humana. Kardec explica, no cap. I de "A Gênese", os motivos do aparecimento do Espiritismo em meados do século passado. Era necessário o desenvolvimento das Ciências, a superação racional dos estágios anteriores da evolução para que o homem se tornasse capaz de compreender o problema espírita. O processo gnoseológico iniciado na era tribal se desenvolve através das fases anímica, mágica, mítica, mística ou religiosa, atingindo a científica ou racional e passando então à psicológica ou espírita.

Lembre-mo-nos rapidamente da lei dos três estados da evolução gnoseológica segundo Augusto Comte. Temos primeiro *o estado teológico* em que tudo se explica pela intervenção dos deuses; a seguir, *o estado metafísico* das explicações abstratas (o ópio faz dormir porque tem a virtude dormitiva) e depois *o estado positivo* em que predominam as Ciências. Kardec acrescentou a essa teoria, por sugestão de um leitor da "Revista Espírita" (Veja-se o n.º de abril de 1858) o *estado psicológico* iniciado pelo Espiritismo. Vemos hoje o acerto desse acréscimo. As ciências psicológicas dominam o mundo atual e já se abriram para o futuro através da investigação parapsicológica. A Humanidade avança, segundo a observação de Simone de Beauvoir, que não é espírita, "num constante devir". O homem se liberta da matéria, emancipando-se como espírito.

Mas o Espiritismo não é apenas a fase derradeira do processo gnoseológico em que nos encontramos como componentes da Humanidade terrena. Ele apresenta também, em si-mesmo, as características de um processo gnoseológico especial. A Teoria do Conhecimento nos mostra que as fases sucessivas do conhecer se repetem no desenvolvimento do Espiritismo. Através do seu aspecto científico ele nos oferece a captação sensorial do mundo fenomênico, dessa faixa da Natureza em que o espírito se manifesta no sensível, e a captação extra-sensorial do inteligível, da realidade espiritual. Através da Filosofia Espírita nos dá a interpretação racional do Universo e do Homem numa visão integral. Através da Religião Espírita, — moral, normativa e jamais ritual, sacramental, destituída de resíduos mágicos — determina a orientação adequada, no plano existencial, à nossa conduta em face da realidade ampla que conseguimos descortinar.

Assim, a Teoria Espírita do Conhecimento explica, ao mesmo tempo, o problema do conhecer em sua expressão mais simples e em sua expressão mais complexa. Aprendemos, graças a ela, que o processo gnoseológico é uma conquista e uma integração. Conquistando pelo conhecimento progressivo o *saber espírita* integramo-nos na realidade multidimensional da era cósmica. Não pensamos mais em termos geocêntricos, organocêntricos ou antropocêntricos e por isso mesmo não vivemos mais apegados a temores e superstições. O Espiritismo nos confere a emancipação espiritual de cidadãos do Cosmos. Pertencemos à Humanidade Cósmica.

VI – PARAPSIKOLOGIA

Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã

J. Herculano Pires

PSI e o realismo

O estudo que procuramos fazer, no capítulo anterior, das relações de psi com a crença, levou-nos naturalmente a outro tipo de relações: as de psi com o realismo. Não obstante a ambigüidade do termo, sua origem literária o tem definido ultimamente como uma posição existencial. O real aparece em nossa atitude diante do mundo como o aqui e o agora, o presente, e conseqüentemente o dado imediato ou o amanual de Heidegger. Assim, realismo é a nossa integração no real, a nossa vivência das coisas como elas são dadas ao nosso aqui e ao nosso agora, no espaço e no tempo. Humberto Mariotti, que já citamos várias vezes, ao colocar o problema das relações entre a Parapsicologia e o Materialismo Histórico, indica a necessidade de um "realismo espiritual", que supere o "realismo marxista". Este é o problema fundamental do momento e não pode ser resolvido apenas no campo religioso ou filosófico: terá de sê-lo no campo científico.

O materialismo marxista não é outra coisa senão uma atitude realista. Mas qual a realidade encarada pelo Marxismo? A realidade do dado imediato, mas um dado submetido à elaboração ideológica, um dado convertido em esquema. A realidade marxista é a da coisa no seu sentido existencial. A realidade linear de Zola ou o realismo do objeto, levado à tela pelo cinema italiano. A força desse realismo está precisamente no seu imediatismo. Contra ele ergue-se o idealismo religioso e filosófico — essa dupla forma de fuga para Passárgada — que só pode interessar aos que amam a ilusão e buscam a utopia, segundo afirmam os chamados espíritos positivos.

Mariotti encara de frente o problema e adverte: "Se o realismo marxista não for superado por um realismo espiritual que o supere em tudo, a consciência materialista continuará a se impor, e vão ser os protestos dos idealistas e religiosos. As realidades espirituais, se de fato existem, deverão ser expostas ao homem moderno com a mesma objetividade dos fenômenos físicos e sociais". A esta posição de Mariotti só temos a opor uma objeção: a de que não podemos dividir a realidade e criar outra forma de realismo esquemático, a título de espiritualismo. Elaborar um "realismo espiritual" seria opor um esquema a outro, pura e simplesmente.

Ao provar, como afirma Rhine, a existência de um universo extrafísico, a Parapsicologia não nos oferece uma nova realidade mutilada, mas, pelo contrário, propõe-nos o restabelecimento da realidade total. No campo da Física e da Biologia abrem-se novas perspectivas para esse restabelecimento, com os progressos da Física Nuclear, o desenvolvimento da Biônica e da Cibernética. Mas, enquanto essas novas direções mergulham no imediato, perfurando sem querer o poço do futuro, emaranhadas na velha concepção materialista, a Parapsicologia, pelo contrário, rasga deliberada e corajosamente o véu conceptual do organocentrismo para mostrar o reverso da medalha. Com isso nos coloca num imediato de duas faces, oferecendo-nos um novo tipo de realismo com a inevitável polaridade físico-psíquica. É uma felicidade que na própria União Soviética o Prof. Vassíliev, por exemplo, tenha preferido o estudo das funções psi ao exame das simples estruturas orgânicas da vida.

As relações de psi com o realismo foram evidenciadas quando tratamos do problema da origem das religiões. Do meio-realismo de Spencer vimos Bozzano

partir para o realismo total de Lang e Freedom Long, distendendo as perspectivas teóricas do organicismo spenceriano na direção do extra-sensorial. Temos aí um exemplo claro do que psi pode oferecer-nos, no tocante à superação do realismo marxista. Embora essa superação esteja sendo feita, como já vimos, de maneira histórica e portanto irreversível, em todas as zonas ontológicas do objeto, pelas várias Ciências que alargam as suas possibilidades de investigação, somente a Parapsicologia realiza o avanço conceptual necessário.

Podemos dizer que de certa maneira a natureza analítica das Ciências continua fiel a si mesma nesta hora de transição cultural. As Ciências procedem por unidades, partindo da análise do átomo para a análise das moléculas e das células, nesse esmiuçamento típico da experimentação materialista, da investigação sensorial. A Física descobre o reverso do átomo; a Biologia, a contraparte da célula; a Química, a face oculta da molécula. Mas a Psicologia, ampliando-se nas áreas marginais da investigação parapsíquica, retorna inevitavelmente à sua natureza filosófica ao defrontar-se com a realidade de psi e constatar a impossibilidade de seccionar novamente o imediato. Essa exigência lógica de enfrentar o todo de maneira gestáltica faz da Parapsicologia uma espécie de Renascença Psicológica. Como acentua Rhine, a Psicologia volta ao seu objeto perdido — a alma — e o faz da mesma maneira por que o Quatrocento italiano voltou à cultura clássica, ou seja, procurando compreendê-la de novo em maior profundidade.

O realismo de psi não é nem pode ser apenas psi. Felizmente isso parece bem compreendido pelos principais parapsicólogos que não pretendem fazer das suas investigações o abre-te sésamo do conhecimento total, mas pretendem apenas conquistar o terreno esquecido, a terra de ninguém que se estende aos lados do nosso saber científico. O simples fato de considerar-se a Parapsicologia como disciplina complementar, de natureza efêmera, destinada a sondar as áreas paralelas ao campo da Psicologia revela a sua humildade. A importância das pesquisas parapsíquicas não está na teoria ou no ato em si das pesquisas, mas nas consequências que delas advêm.

Opor, não ao realismo marxista, mas a este, ao positivismo, ao materialismo e ao existencialismo sartreano uma forma nova de realismo é a missão da Parapsicologia. Para tão grande feito não necessita ela de se transformar numa ciência autônoma, nem de gerar uma nova filosofia. Basta-lhe a glória humilde de provar, como o está fazendo, através dos próprios métodos de investigação do materialismo, a existência de outro componente da realidade, negligenciado pelo imediatismo. Quando essa tarefa estiver cumprida as pretensões atuais da Biónica e da Cibernética, que se desenvolvem nos rumos de uma concepção mecanicista da vida, tendente a fazer do homem uma espécie de robot cósmico, estarão frustradas naturalmente. Mas a contribuição de ambas para o esclarecimento dos problemas científicos será tão importante, na medida dos respectivos limites, quanto a da Parapsicologia.

Porque é em vão que o homem se esquivia à realidade ontológica do seu próprio existir. A sua realidade não está na existência, mas no ser que gera e determina o existir. Heidegger, que considera o problema do ser como o único problema realmente filosófico, só tratou da existência como um meio de atingir a realidade ontológica e mergulhar na verdade ôntica. A pesquisa parapsicológica tem um procedimento heideggeriano: a finalidade do seu método quantitativo é a qualidade. Os signos das cartas Zener e os números dos dados de Rhine são instrumentos de manifestação do poder do espírito no plano material da pesquisa científica. A captação quantitativa desse poder, fragmentariamente manifestado nos

processos de investigação, conduz ao realismo ontológico em que o conhecimento se integra na plenitude da realidade vivencial, constituída pela polaridade espírito-matéria.

*

VII – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

O Livro dos Médiuns – Questões 219 e 220

MUDANÇA DE CALIGRAFIA

219. Fenômeno muito comum entre os médiuns escreventes é o da mudança de caligrafia, segundo os Espíritos que se comunicam. E o mais notável é que a mesma caligrafia se repete sempre com o mesmo Espírito e às vezes é idêntica à que ele tinha em vida. Veremos mais tarde as conseqüências que se podem tirar disso, no tocante à identificação. Essa mudança só ocorre com os médiuns mecânicos e semi-mecânicos, porque neles o movimento da mão é involuntário e dirigido pelo Espírito. Não se dá o mesmo com os médiuns puramente intuitivos, pois nestes o Espírito age apenas sobre o pensamento e a mão é dirigida pela vontade do médium, como nas circunstâncias comuns.

Mas a uniformidade da escrita, mesmo num médium mecânico, nada prova absolutamente contra a sua faculdade, pois a mudança de caligrafia não é condição absoluta na manifestação dos Espíritos, mas decorre de uma aptidão especial, de que os médiuns mais decisivamente mecânicos nem sempre são dotados. Designamos os que a possuem por médiuns polígrafos. (Os casos de reprodução mediúnicamente de caligrafia de mortos são numerosos e, como sempre, suscitaram hipóteses e explicações fantásticas dos negadores. Quanto mais dotado de conhecimentos científicos o negador, mais se empenha em "explicá-los" a seu modo. No campo religioso dá-se o mesmo. O prof. e rev. Otoniel Mota relata em seu livro "Temas Espirituais" um caso de comunicação escrita recebida pelo Dr. Felício dos Santos ("que por algum tempo se entregou à prática do Espiritismo, mas morreu católico praticante") nesta capital. O Espírito comunicante havia sido professor e amigo do autor, que identificou a caligrafia do mestre, embora explicando que se tratasse do Demônio. ("Temas Espirituais", Imprensa Metodista, São Paulo, 1945.) (N.do T.)

PERDA E SUSPENSÃO DA MEDIUNIDADE

220. A faculdade mediúnica está sujeita a intermitências e a suspensões momentâneas, tanto para as manifestações físicas, quanto para a escrita. Eis a resposta dos Espíritos a algumas perguntas feitas a propósito:

1. Os médiuns podem perder sua faculdade?

— Isso acontece com freqüência, qualquer que seja o gênero da faculdade. Mas quase sempre, também, não passa de uma interrupção momentânea, que cessa com a causa que a produziu.

2. A causa da perda da mediunidade seria o esgotamento do fluido? — Qualquer que seja a faculdade do médium, ele não tem poder sem o concurso simpático dos Espíritos. Quando nada obtém, nem sempre é porque a faculdade lhe falta, mas freqüentemente são Espíritos que não querem ou não podem servir-se dele.

3. Qual a causa do abandono do médium pelos Espíritos?

— O uso que ele faz da mediunidade é o que mais influi sobre os Espíritos bons. Podemos abandoná-lo quando ele a emprega em futilidades ou com finalidades ambiciosas, e quando se recusa a transmitir as nossas palavras ou a colaborar na produção dos fenômenos para os encarnados que apelam a ele ou que precisam ver para se convencerem. Esse dom de Deus não é concedido ao médium para o seu prazer, e menos ainda para servir às suas ambições, mas para servir ao seu progresso e para dar a conhecer a verdade aos homens. Se o Espírito vê que o mé-

dium não corresponde mais aos seus propósitos, nem aproveita as instruções e os conselhos que lhe dá, afasta-se e vai procurar um protegido mais digno.

4. O Espírito que se afasta não pode ser substituído, e nesse caso se poderia compreender a suspensão da faculdade?

— Não faltam Espíritos que desejam acima de tudo comunicar-se e estão sempre prontos a substituir os que se retiram. Mas quando este é um Espírito bom, pode ter se afastado momentaneamente, privando o por algum tempo de toda comunicação para que isso lhe sirva de lição e lhe prove que a sua faculdade não depende dele e por isso mesmo não lhe deve servir para envaidecimento. Essa privação momentânea tem ainda o fim de provar ao médium que ele escreve sob influência de outro, pois de outro modo não haveria intermitências. De resto, a interrupção da faculdade não é sempre uma punição, demonstrando às vezes a solicitude do Espírito pelo médium a quem se afeiçoou, e ao qual deseja proporcionar um repouso que julga necessário. Nesse caso ele não permite que outros Espíritos o substituam.

5. Mas existem médiuns de muito merecimento, moralmente falando, que não sentem nenhuma necessidade de repouso e ficam muito contrariados com a interrupção, cujo objetivo não compreendem.

— Serve para experimentar-lhes a paciência e avaliar a sua perseverança. É por isso que os Espíritos geralmente não marcam o fim da suspensão, pois querem ver se o médium desanima. Muitas vezes também é para lhe deixar tempo de meditar sobre as instruções que lhe deram. É por essa meditação que reconhecemos os espíritas verdadeiramente sérios. Não podemos considerar assim os que, na verdade, são simples amadores de comunicações.

6. É então necessário que o médium prossiga nas tentativas de escrever?

— Se o Espírito o aconselhar, sim; mas se lhe disse que se abstenha, deve obedecê-lo.

7. Ele teria um meio de abreviar a prova?

— A resignação e a prece. No mais, basta fazer diariamente uma tentativa de alguns minutos, pois seria inútil desperdiçar tempo em ensaios infrutíferos. A tentativa tem apenas o fim de verificar se já recobrou a faculdade.

8. A suspensão implica o afastamento dos Espíritos que habitualmente se comunicam?

— De maneira alguma. O médium se acha na situação da pessoa que tivesse perdido a vista momentaneamente, mas não foi abandonada pelos amigos, embora não os veja. O médium pode e deve continuar a conversar pelo pensamento com os Espíritos familiares e persuadir-se de que é ouvido. Se a falta da mediunidade pode privá-lo das comunicações por meio material com certos Espíritos, não o priva das comunicações mentais. (No original: communications morales, como tem sido traduzido. Mas a palavra moral em francês, tem nesse sentido uma acepção que não lhe damos em português. Daí preferirmos a palavra mental. (N. do T.)

9. Assim, a interrupção da faculdade mediúnica nem sempre é uma censura dos Espíritos?

— Não, sem dúvida, pois pode ser uma demonstração de benevolência.

10. Por que meio se pode reconhecer uma censura na interrupção?

— Que interrogue a sua consciência e pergunte a si mesmo que uso tem feito da sua faculdade, que bem disto tem resultado para os outros, que proveito tem tirado dos conselhos que lhe deram, e terá a resposta.

11. O médium impedido de escrever não pode recorrer a outro?

— Isso depende da causa da interrupção. Essa é quase sempre a necessidade de vos deixar tempo para meditação, após os conselhos que vos foram dados, a

fim de não vos deixar acostumado a nada fazer sem nós. Nesse caso ele não encontrará o que procura com outro médium, e isso tem ainda um fim, que é o de provar a independência dos Espíritos, que não podeis fazer agir à vossa vontade.

É também por essa razão que os que não são médiuns nem sempre obtêm todas as comunicações que desejam.

OBSERVAÇÃO Deve-se observar, com efeito, que os que recorrem a um terceiro para obter comunicações, muitas vezes nada obtêm de satisfatório, enquanto, noutras ocasiões, as respostas obtidas são bastante explícitas. Isso de tal maneira depende da vontade dos Espíritos, que nada se consegue mudando de médium. Parece que os próprios Espíritos obedecem, nesse caso, a uma palavra de ordem, pois o que não se consegue de um, de outro não se obterá melhor. Deves então evitar de insistir e de se impacientar, para não ser vítima de Espíritos enganadores, que responderão se o desejarmos ardentemente, pois os bons deixarão que o façam, para punirem a nossa teimosia.

12. Com que fim a Providência dotou certas pessoas de mediunidade, de uma maneira especial?

— É uma missão de que as encarregou e de que elas se sentem felizes: são intérpretes entre os Espíritos e os homens.

13. Mas há médiuns que só empregam a sua faculdade com má vontade.

— São médiuns imperfeitos. Não sabem o valor da graça que lhes foi concedida.

14. Se é uma missão, por que não se apresenta como privilégio dos homens de bem, sendo dada a pessoas que não merecem nenhuma consideração e que podem abusar dela?

— Precisamente porque essas pessoas necessitam dela para se aperfeiçoarem, e para que tenham a possibilidade de receber bons ensinamentos. Se não a aproveitarem, sofrerão as conseqüências Jesus não falava de preferência aos pecadores, dizendo que é preciso dar aos que não têm?

15. As pessoas que têm grande desejo de escrever como médiuns e não o conseguem, podem chegar a conclusões negativas contra si mesmas, no tocante à boa vontade dos Espíritos para com elas?

— Não, porque Deus pode haver-lhes recusado essa faculdade, como pode haver-lhes recusado o dom da poesia ou da música, mas se não gozam desses favores, podem gozar de outros.

16. Como um homem pode aperfeiçoar-se pelo ensinamento dos Espíritos, quando não tem, seja por seu intermédio ou de outros médiuns, a possibilidade de receber esse ensino direto?

— Não tem ele os livros, como os cristãos têm o Evangelho? Para praticar a moral de Jesus os cristãos não precisam ter ouvido as palavras da própria boca do mestre. (A mediunidade é uma faculdade humana como qualquer outra. Ninguém pode alegar que não a possui, pois todos têm pressentimentos, intuições, percepções extra sensoriais, sonhos premonitórios e assim por diante. Como as demais faculdades, Deus a distribui segundo as necessidades evolutivas de cada criatura. O ensino direto dos Espíritos não é dado apenas através dos médiuns propriamente ditos, ou seja, das pessoas investidas de mediunato (missão mediúnica), mas também e principalmente pelas intuições boas que todos recebem, e que podem receber em maior quantidade, quanto mais as aproveitarem. Nossas relações com os Espíritos são permanentes, constituindo um aspecto da Natureza que só agora as Ciências começam a pesquisar. E o ensino espiritual, como se vê na resposta acima, encontra-se também nos livros religiosos e nas obras fundamentais da Doutrina Espírita, ao alcance de todos. (N. do T.)

CURSO PREPARATÓRIO

8ª. AULA

I – INTRODUÇÃO

Livro: Apostilas da Vida (André Luiz)

Comecemos de Nós Mesmos

Ensina a caridade, dando aos outros algo de ti mesmo, em forma de trabalho e carinho e aqueles que te seguem os passos virão ao teu encontro oferecendo ao bem quanto possuem.

*

Difunde a humildade, buscando a Vontade Divina com esquecimento de teus caprichos humanos e os companheiros de ideal, fortalecidos por teu exemplo, olvidarão a si mesmos, calando as manifestações de vaidade e de orgulho.

*

Propaga a fé, suportando os revezes de teu próprio caminho, com valor moral e fortaleza infatigável e quem te observar crescerá em otimismo e confiança.

*

Semeia a paciência, tolerando construtivamente os que se fazem instrumentos de tua dor no mundo, auxiliando sem desânimo e amparando sem reclamar, e os irmãos que te buscam mobilizarão os impulsos de revolta que os fustigam, na luta de cada dia, transformando-a em serena compreensão.

*

Planta a bondade, cultivando com todos a tolerância e a gentileza e os teus associados de ideal encontrarão contigo a necessária inspiração para o esforço de extinção da maldade.

*

Estende as noções do serviço e da responsabilidade, agindo incessantemente na religião do dever cumprido e os amigos do teu círculo pessoal envergonhar-se-ão da ociosidade.

*

As boas obras começam de nós mesmos.

*

Educaremos, educando-nos.

*

Não faremos a renovação da paisagem de nossa vida, sem renovar-nos.

*

Somos arquitetos de nossa própria estrada e seremos conhecidos pela influência que projetamos naqueles que nos cercam.

*

Que o Espírito de Cristo nos infunda a decisão de realizar o auto-aprimoramento, para que nos façamos intérpretes do Espírito do Cristo.

*

A caridade que salvará o mundo há de regenerar-nos primeiramente.

*

Sigamos ao encontro do Mestre, amando, aprendendo e servindo e o Mestre, hoje ou amanhã, virá ao nosso encontro, premiando-nos a perseverança com a luz da ressurreição.

*

Livro: Dinheiro (Emmanuel)
Estudando a Felicidade

Observa o que desejas e o que fazes, a fim de que ajuízes, com segurança, sobre a felicidade que procuras.

* * *

Certifiquemo-nos de que a alegria possui igualmente diversos níveis e de que nos compete, acima de tudo, cultivar a devoção aos valores amplos e substanciais que possam sobreviver conosco na Vida Maior.

* * *

No mundo, a felicidade varia com a posição das criaturas e se buscamos o Cristo por nosso mestre é indispensável saibamos conquistar o nosso estímulo de viver no clima do Sumo Bem.

* * *

Há pessoas que se contentam com o exclusivo reconforto de comer, dormir e procriar, guardando assim tão somente a felicidade que os seres mais simples cultuam nas linhas inferiores da natureza.

* * *

Vemos espíritos atilados no cálculo que apenas se comprazem, amontoando ouro ou utilidades, com desvantagem para os semelhantes, estabelecendo, desse modo, para si mesmos a felicidade dos loucos.

* * *

Anotamos companheiros da Humanidade que somente se rejubilam com a exibição de títulos suntuários, na ordem social ou econômica, cristalizando-se na vaidade ou no orgulho que lhes facilitam a espetacular descida para a morte, forçando, dessa maneira, em prejuízo deles próprios, a felicidade dos tolos.

* * *

Identificamos irmãos que apenas se honram na crueldade, sorrindo com o alheio infortúnio e alardeando compaixão que não sentem, construindo para si mesmos a felicidade dos que se instalam no purgatório da própria consciência.

* * *

A felicidade cristã, no entanto, é diferente. Nasce da alegria que venhamos a semear para os outros, desenvolve-se no bem infatigável, frondeja no espírito de serviço, floresce na esperança e frutifica no sacrifício daquele que se oferece para a materialização da felicidade geral.

* * *

Não te demores no prazer que hoje te suscita gargalhadas para cerrar-se amanhã em amargosa penitência.

* * *

Procuremos a felicidade de Jesus, que ainda não está completamente neste mundo, para que este mundo se levante para a felicidade perfeita.

* * *

Para isso, não desdenhes a tua cruz, porque somente através do desempenho de nossas obrigações na prática do bem é que encontraremos a nossa verdadeira vitória.

*

Mensagem Mediúnica

028) COMPREENSÃO GRADATIVA DA DOUTRINA ESPÍRITA!

Boa noite irmãos!

Que Deus esteja hoje e sempre conosco. Como é maravilhosa essa Doutrina. Ela nos traz alívio, esperança no futuro em que tudo haverá de ser melhor para nós.

Se ainda estamos sofrendo, se ainda vacilamos, se ainda tropeçamos é porque ainda é cedo para nós; porque ainda não entendemos na íntegra seus ensinamentos. Ela é Luz e a Divindade se expressando. Só não conseguimos transpô-la em sua plenitude porque ainda somos crianças, engatinhando para o ensinamento; mas, este, está brotando em nós, porque se hoje viemos aqui pelo sofrimento, se fomos trazidos aqui arrastados pela dor, pelo desespero, procurando uma saída, mais tarde viremos pela razão, pela compreensão e, aí então, estaremos realmente aplicando seus ensinamentos, que não é outra coisa senão: sermos todos úteis uns aos outros, todos mais compreensivos, mais humanos, pois, afinal, somos todos irmãos e necessitamos todos uns dos outros.

Estamos engatinhando para o caminho da Luz, para o caminho do Progresso; pode ser, talvez, bem lento, mas será muito reforçado de entendimento, pois somos racionais e precisamos raciocinar que Ela só trouxe mensagens boas, mensagens de paz, de caridade e nós temos que caminhar para isso, pois não temos outra saída.

Começamos a amadurecer aos poucos e vamos chegar lá! Pois chega, irmãos, de tanto sofrimento, de tanta agonia, de tanto desamor; já começamos galgar o caminho. Ela nos dará força, oremos, sempre. Busquemos na oração a alavanca que usaremos para abrir as arestas que faltam ainda para chegarmos a ser mais compreensivos.

Oremos, irmãos, tenhamos Fé. O Pai é pai de todos nós e está nos esperando com os braços abertos, pois Ele ama a todos os seus filhos.

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 28/03/2000).

*

Poesia

Livro: Amanhece. Cornélio Pires

AVAREZA E OBSESSÃO

Cornélio Pires

O sovina Chichico da Planura

Foi à sessão no Ingá, pedindo ao Guia:

– “Não me deixes, irmão, nesta agonia,
Carrego obsessão, treva, loucura...”

O Guia esclareceu, em voz segura:

– “Meu amigo, a melhora principia
Em gastar para o bem. Serve e auxilia.
Caridade é socorro, amparo e cura...”

Mas Chichico, escutando esse conselho,

Levantou-se, tossiu, ficou vermelho

E gritou para a médiun Nhá Lília :

– “Custei muito a ganhar o meu dinheiro.

Não quero falação de zombeteiro.

Este espírito mau, nunca foi guia.”

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo. IX – Item 9

O Livro dos Espíritos. Questão 826

A CÓLERA

• Um Espírito Protetor •

Bordeaux, 1863

9. O orgulho vos leva a vos julgardes mais do que sois, a não aceitar uma comparação que vos possa rebaixar, e a vos considerardes, ao contrário, de tal maneira acima de vossos irmãos, seja na finura de espírito, seja no tocante à posição social, seja ainda em relação às vantagens pessoais, que o menor paralelo vos irrita e vos fere. E o que acontece, então? Entregai-vos à cólera.

Procurai a origem desses acessos de demência passageira, que vos assemelham aos brutos, fazendo-vos perder o sangue-frio e a razão; procurai-a, e encontrareis quase sempre por base o orgulho ferido. Não é acaso o orgulho ferido por uma contradita, que vos faz repelir as observações justas e rejeitar, encolerizados, os mais sábios conselhos? Até mesmo a impaciência, causada pelas contrariedades, em geral pueris, decorre da importância atribuída à personalidade, perante a qual julgais que todos devem curvar-se.

No seu frenesi, o homem colérico se volta contra tudo, à própria natureza bruta, aos objetos inanimados, que despedaça, por não o obedecerem. Ah! Se nesses momentos ele pudesse ver-se a sangue-frio, teria horror de si mesmo ou se reconheceria ridículo! Que julgue por isso a impressão que deve causar aos outros. Ao menos pelo respeito a si mesmo, deveria esforçar-se, pois, para vencer essa tendência que o torna digno de piedade.

Se pudesse pensar que a cólera nada resolve, que lhe altera a saúde, compromete a sua própria vida, veria que é ele mesmo a sua primeira vítima. Mas ainda há outra consideração que o deveria deter: o pensamento de que torna infelizes todos os que o cercam. Se tem coração, não sentirá remorsos por fazer sofrer as criaturas que mais ama? E que mágoa mortal não sentirá se, num acesso de arrebatamento, cometesse um ato de que teria de recriminar-se por toda a vida!

Em suma: a cólera não exclui certas qualidades do coração, mas impede que se faça muito bem, e pode levar a fazer-se muito mal. Isso deve ser suficiente para incitar os esforços para dominá-la. O espírita, aliás, é incitado por outro motivo: o de que ela é contrária à caridade e à humildade cristãs.

*

O Livro dos Espíritos

825. Há posições no mundo em que o homem possa gabar-se de gozar de uma liberdade absoluta?

– Não, porque vós todos necessitais uns dos outros, os pequenos como os grandes.

826. Qual seria a condição em que o homem pudesse gozar de liberdade absoluta?

– A do eremita no deserto. Desde que haja dois homens juntos, há direitos a respeitar e não terão eles, portanto, liberdade absoluta.

*

Livro: Estude e Viva (Emmanuel)

ESE – Cap. IX – Item 9

LE – Questão 826

Temas Estudados:

Autotratamento
 Azedume nos caracteres elevados
 Cativoiro íntimo
 Disciplina e direitos individuais
 Irritação
 Manifestações

EM TORNO DA IRRITAÇÃO

Observação estranha, mas fato real. As ocorrências da irritação aparecem muito mais freqüentemente nos caracteres enobrecidos. Espécie de enfermidade da retidão, se a retidão pudesse adoecer.

A pessoa percebe a grandeza da vida, acorda para a responsabilidade, consagra-se à obrigação e passa a prestigiar disciplina e tempo; adquirindo mais ampla noção do dever, que reconhece precisa exprimir-se irrepreensivelmente executado, supõe-se com mais vasta provisão de direitos. E, por vezes, leva mais longe que o necessário a faculdade de preservá-los e defendê-los, iniciando as primeiras formações de irascibilidade, através da superestimação do próprio valor.

Instalado o sentimento de auto-importâncias, a criatura abraça facilmente melindres e mágoas, diante de lutas naturais que considera por incompreensões e ofensas alheias.

Chegando a esse ponto, as vítimas desse perigoso síndrome, vinculado à patologia da mente, surgem perante os mais íntimos na condição de enfermos prestimosos, amados e evitados, de vez que não se lhes pode ignorar a altura moral e nem adivinhar o momento da explosão. E porque o mau-humor dos espíritos respeitáveis, pelo trabalho que exercem e pela conduta que esposam, dói muito mais que a leviandade de criaturas menos afeitas à dignidade e ao serviço, semelhantes companheiros estimáveis e preciosos são procurados tão-somente em regime de exceção ou postos à margem pela gentileza dos outros, interpretados à conta de amigos temperamentais ou nervosos distintos.

Examinemos a nós mesmos.

Dirijamos para dentro da própria alma o estilete da introspecção.

Se a agressividade nos assinala o modo de ser, tratemos do caráter enfermício, com a mesma atenção com que se medica um órgão doente. E se nossa consciência jaz tranqüila, na certeza de que temos procurado realizar o melhor ao nosso alcance, no aproveitamento das oportunidades que o Senhor nos concedeu, estejamos serenos na dificuldade e operosos na prática do bem, à frente de quaisquer circunstâncias, lembrando-nos de que a erva-de-passarinho asfixia de preferência as árvores nobres e a tiririca se alastra, como verdadeira calamidade, justamente na terra boa.

*

Livro: O Consolador. (Emmanuel)

Questões 154 a 160. Transição (final do tema)

154 – *Quais as primeiras impressões dos que desencarnam por suicídio?*

-A primeira decepção que os aguarda é a realidade da vida que se não extingue com as transições da morte do corpo físico, vida essa agravada por tormentos pavorosos, em virtude de sua decisão tocada de suprema rebeldia.

Suicidas há que continuam experimentando os padecimentos físicos da última hora terrestre, em seu corpo somático, indefinidamente. Anos a fio, sentem as impressões terríveis do tóxico que lhes aniquilou as energias, a perfuração do cérebro pelo corpo estranho partido da arma usada no gesto supremo, o peso das rodas pesadas sob as quais se atiraram na ânsia de desertar da vida, a passagem

das águas silenciosas e tristes sobre os seus despojos, onde procuraram o olvido criminoso de suas tarefas no mundo e, comumente, a pior emoção do suicida é a de acompanhar, minuto a minuto, o processo da decomposição do corpo abandonado no seio da terra, verminado e apodrecido.

De todos os desvios da vida humana, o suicida é, talvez o maior deles pela sua característica de falso heroísmo, de negação absoluta da lei do amor e de suprema rebeldia à vontade de Deus, cuja justiça nunca se fez sentir, junto dos homens, sem a luz da misericórdia.

155 – *O receio da morte revela falta de evolução espiritual?*

-Nesse sentido, não podemos generalizar semelhante definição.

No que se refere a esses receios, somos obrigados a reconhecer, muitas vezes, as razões aduzidas pelo amor, sempre sublime na sua manifestação espiritual.

Todavia, não é justo que o crente sincero se encha de pavores ante a idéia de sua passagem para o plano invisível aos olhos humanos, sendo oportuno o conselho de uma preparação permanente do homem para a vida nova que a morte lhe apresentará.

156 – *Os Espíritos logo após a sua desencarnação ficam satisfeitos pela possibilidade de se comunicarem conosco?*

-De um modo geral, muito reduzido é o número das criaturas humanas que se preparam para as emoções da morte, no desenvolvimento dos seus trabalhos comuns na Terra e, freqüentemente, as meditações da enfermidade não bastam para uma situação de perfeita tranqüilidade, nos primeiros tempos do além-túmulo.

Eis o motivo por que tão salutares se fazem a vossas reuniões de estudo e de evangelização, às quais concorre grande número de irmãos nossos, ansiosos por uma palavra da Terra, porquanto as impressões que trazem do mundo não lhes permitem a percepção dos mentores elevados, das mais altas esferas espirituais.

157 – *Os Espíritos desencarnados podem ouvir-nos e ver-nos quando quem? Como procedem para realizar semelhante desejo?*

-Isso é possível, não quando querem, mas quando o mereçam, mesmo porque, existem espíritos culpados que, somente muitos anos após o desprendimento do mundo, conseguem a permissão de ouvir a palavra amiga e confortadora dos seus irmãos ou entes amados, da Terra, a fim de se orientarem no labirinto dos sofrimentos expiatórios. O comparecimento de uma entidade recém-desencarnada, às reuniões do Evangelho, já significa uma bênção de Deus para o seu coração desiludido, porquanto essa circunstância se faz acompanhar dos mais elevados benefícios para a sua vida interior.

Quanto ao processo do seu contacto convosco, precisamos considerar que os seres do Além-Túmulo; em sua generalidade, para se comunicarem nos ambientes do mundo, adaptam-se ao vosso modo de ser, condicionando suas faculdades à vossa situação fluídica na Terra; razão pela qual nesses instantes, na forma comum, possuem a vossa capacidade sensorial, restringindo as suas vibrações de modo a se acomodarem, de novo, ao ambiente terrestre.

158 – *Se uma criatura desencarna deixando inimigos na Terra, é possível que continue perseguindo o seu desafeto, dentro da situação de invisibilidade?*

-Isso é possível e quase geral, no capítulo das relações terrestres, porque, se o amor é o laço que reúne as almas nas alegrias da liberdade, o ódio é a algema dos forçados, que os prende reciprocamente no cárcere da desventura.

Se alguém partiu odiando, e se no mundo o desafeto faz questão de cultivar os germens da antipatia e das lembranças cruéis, é mais que natural que, no plano invisível, perseverem os elementos da aversão e da vindita implacáveis, em

obediência às leis de reciprocidade, depreendendo-se daí a necessidade do perdão com o inteiro esquecimento do mal, a fim de que a fraternidade pura se manifeste através da oração e da vigilância, convertendo o ódio em amor e piedade, com os exemplos mais santos, no Evangelho de Jesus.

159 – *No caso das perseguições dos inimigos espirituais, a ação deles se realiza sem o conhecimento dos nossos guias amorosos e esclarecidos?*

-As chamadas atuações do plano invisível, de qualquer natureza, não se verificam à revelia de Jesus e de seus prepostos, mentores do homem na sua jornada de experiências para o conhecimento e para a luz.

As perseguições de um inimigo invisível têm um limite e não afetam o seu objeto senão na pauta de sua necessidade própria, porquanto, sob os olhos amoráveis dos vossos guias do plano superior, todos esses movimentos têm uma finalidade sagrada, como a de ensinar-vos a fortaleza moral, a tolerância, a paciência, a conformação, nos mais sagrados imperativos da fraternidade e do bem.

160 – *Os Espíritos desencarnados se dividem, igualmente, nas esferas mais próximas da Terra, em seres femininos e masculinos?*

-Nas esferas mais próximas do planeta, as almas desencarnadas conservam as características que lhes eram mais agradáveis nas atividades da existência material, considerando-se que algumas, que perambulam no mundo com uma veste orgânica imposta pelas circunstâncias da tarefa a realizar junto às criaturas terrenas, retomam as suas condições anteriores à reencarnação, então enriquecidas, se bem souberam cumprir os seus deveres do plano das dores e das dificuldades materiais.

Dilatando, porém, a questão; devemos ponderar que os espíritos, com esses ou aqueles traços característicos; estão em marcha para Deus, purificando todos os sentimentos e embelezando as próprias faculdades, a fim de refletirem a luz divina, transformando-se, então, nessas ou naquelas condições, em perfeitos executores dos desígnios do Eterno.

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro: O Livro dos Espíritos. Questões 592 e 593 OS ANIMAIS E O HOMEM

592. Se comparamos o homem e os animais, em relação à inteligência, parece difícil estabelecer a linha de demarcação, porque certos animais têm, nesse terreno, notória superioridade sobre certos homens. Essa linha de demarcação pode ser estabelecida de maneira precisa?

– Sobre esse assunto os vossos filósofos não estão muito de acordo. Uns querem que o homem seja um animal, e outros que o animal seja um homem. Estão todos errados. O homem é um ser à parte, que desce às vezes muito abaixo ou que pode elevar-se muito alto. No físico, o homem é como os animais e menos bem provido que muitos dentre eles; a Natureza lhes deu tudo aquilo que o homem é obrigado a **inventar com a sua inteligência**, para prover às suas necessidades e à sua conservação. Seu corpo se destrói como o dos animais, isto é certo, mas o seu Espírito tem um destino que só ele pode compreender, porque só ele é completamente livre. Pobres homens, que vos rebaixais mais do que os brutos! Não sabeis distinguir-vos deles? Reconhecei o homem pelo pensamento de Deus.

593 Podemos dizer que os animais só agem por instinto?

– Ainda nisso há um sistema. É bem verdade que o instinto domina na maioria dos animais: mas não vêis que há os que agem por uma vontade determinada? É que têm inteligência, porém ela é limitada.

Além do instinto, não se poderia negar a certos animais a prática de atos combinados, que denotam a vontade de agir num sentido determinado e de acordo com as circunstâncias. Há neles, portanto, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício é mais precisamente concentrado sobre os meios de satisfazer às suas necessidades físicas e prover à conservação. Não há entre eles nenhuma criação, nenhum melhoramento; qualquer que seja a arte que admiremos em seus trabalhos, aquilo que faziam antigamente é o mesmo que fazem hoje, nem melhor nem pior, segundo formas e proporções constantes e invariáveis. Os filhotes separados de sua espécie não deixam de construir o seu ninho de acordo com o mesmo modelo sem terem sido ensinados. Se alguns são suscetíveis de uma certa educação, esse desenvolvimento intelectual, sempre fechado em estreitos limites, é devido à ação do homem sobre uma natureza flexível, pois não fazem nenhum progresso por si mesmos, e esse progresso é efêmero, puramente individual, porque o animal, abandonado a si próprio, não tarda a voltar aos limites traçados pela Natureza.

*

**Livro: Religião dos Espíritos. (Emmanuel)
O Homem Inteligente**

Reunião pública de 22/5/59 - Questão nº 592

Em verdade, o homem inteligente não é aquele que apenas calcula, mas sim o que transfunde o próprio raciocínio em emoção para compreender a vida e sublimá-la. Podendo senhorear as riquezas do mundo, abstém-se do excesso para viver com simplicidade, sem desprezar as necessidades alheias. Guardando o conhecimento superior, não se encastela no orgulho, mas aproxima-se do ignorante para auxiliá-lo a instruir-se. Dispondo de meios para fazer com que o próximo se lhe escravize ao interesse, trabalha espontaneamente pelo prazer de servir. E, entesourando virtudes inatacáveis, não se furta à convivência com as vítimas do mal, agindo, sem escárnio ou condenação, para libertá-las do vício. O homem inteligente, segundo o padrão de Jesus, é aquele que, sendo grande, sabe apegar-se para ajudar aos que caminham em subnível, consagrando-se ao bem dos outros, para que os outros lhe partilhem a ascensão para Deus.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA

O Livro dos Médiuns – Questão 226, pars. 1º. a 3º. SOBRE A INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM

226. 1. O desenvolvimento da mediunidade se processa na razão do desenvolvimento moral do médium?

— Não. A faculdade propriamente dita é orgânica, e portanto independente da moral. Mas já não acontece o mesmo com o seu uso, que pode ser bom ou mau, segundo as qualidades do médium.

2. Sempre se disse que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor divino. Porque, então, não é um privilégio dos homens de bem? E por que há criaturas indignas que a possuem no mais alto grau e a empregam no mau sentido?

—Todas as nossas faculdades são favores que devemos agradecer a Deus, pois há criaturas que não as possuem. Podias perguntar porque Deus concede boa visão a malfeitores, destreza aos larápios, eloquência aos que só a utilizam para o mal. Acontece o mesmo com a mediunidade. Criaturas indignas a possuem porque dela necessitam mais do que as outras, para se melhorarem. Pensas que Deus recusa os meios de salvação dos culpados? Ele os multiplica nos seus passos, colo-

ca-os nas suas próprias mãos. Cabe a eles aproveitá-los. Judas, o traidor, não fez milagres e não curou doentes, como apóstolo? Deus lhe permitiu esse dom para que mais odiosa lhe parecesse a traição.

3. Os médiuns que empregam mal as suas faculdades, que não as utilizam para o bem ou que não as aproveitam para a sua própria instrução, sofrerão as conseqüências disso?

—Se as usarem mal, serão duplamente punidos, pois perdem a oportunidade de aproveitar um meio a mais de se esclarecerem. Aquele que vê claramente e tropeça é mais censurável que o cego que cai na valeta.

*

Livro: Seara dos Médiuns. (Emmanuel)

Força mediúnica

Questão nº 226 - Parágrafo 2º

Considerando-se a força mediúnica como recurso inerente à personalidade humana, de vez que, dentro de grau menor ou maior, transparece de todas as criaturas, comparemo-la à visão comum.

Efetuada o confronto, reconheceremos que, em essência, os olhos de um analfabeto, de um preguiçoso, de um malfeitor e de um missionário do bem não exibem qualquer diferença na histologia da retina.

Em todos eles, a mesma estrutura e a mesma destinação.

Imaginemos fosse concedida, aos quatro, determinada máquina com vistas à produção de certos benefícios, acompanhada da respectiva carta de Instruções para o necessário aproveitamento.

O analfabeto teria, de balde, o aparelho, por desconhecer como deletrear o processo de utilização.

O preguiçoso conheceria o engenho, mas deixá-lo-ia na poeira da inércia.

O malfeitor aproveitá-lo-ia para explorar os semelhantes ou perpetrar algum crime.

O missionário do bem, contudo, guardá-lo-ia sob a sua responsabilidade, orientando-lhe o funcionamento na utilidade geral.

*

Força medianímica, desse modo, quanto acontece à capacidade visual, é dom que a vida outorga a todos.

O que difere, em cada pessoa, é o problema de rumo. Nisso reside a razão pela qual os Mensageiros Divinos insistirão, ainda por muito tempo, pela sublimação das energias psíquicas, a fim de que os frutos do bem se multipliquem por toda a Terra.

Não valem médiuns que apenas produzam fenômenos.

Não valem fenômenos que apenas estabeleçam convicções.

Não valem convicções que criem apenas palavras.

Não valem palavras que apenas articulem pensamentos vazios.

A vida e o tempo exigem trabalho e melhoria, progresso e aprimoramento.

Mediunidade, assim, tanto quanto a visão física, representa, do ponto de vista moral, força neutra em si própria.

A importância e a significação que possa adquirir dependem da orientação que se lhe dê.

Por isso mesmo, os amigos desencarnados, sempre que responsáveis e conscientes dos próprios deveres diante das Leis Divinas, estarão entre os homens exortando-os à bondade e ao serviço, ao estudo e ao discernimento, porquanto a

força mediúnica, em verdade, não ajuda e nem edifica quando esteja distante da caridade e ausente da educação.

*

Livro: Revista Espírita. Junho de 1858

Allan Kardec

Conversas familiares de além-túmulo

Senhor Morisson, monomaniaco

Um jornal inglês deu, no mês de março último, a notícia seguinte sobre o senhor Morisson, que acaba de morrer na Inglaterra, deixando uma fortuna de cem milhões de francos. Ele era, disse esse jornal, durante os dois últimos anos de sua vida, vítima de uma singular monomania. Imaginava que estava reduzido a uma pobreza extrema e deveria ganhar seu pão de cada dia por um trabalho manual. Sua família e seus amigos haviam reconhecido que era inútil procurar dissuadi-lo; era pobre, não tinha um xelim, lhe era preciso trabalhar para viver isso era a sua convicção.

Metiam-lhe uma enxada na mão cada manhã, e o mandavam trabalhar em seus jardins. Logo voltava-se a procurá-lo, sua tarefa tida como finda; pagava-se-lhe, então, um modesto salário pelo seu trabalho, e ele ficava contente; seu espírito estava tranqüilo, sua mania satisfeita. Teria sido o mais infeliz dos homens se tivessem procurado contrariá-lo.

1. Peço a Deus todo-poderoso permitir ao Espírito de Morisson, que vem de morrer na Inglaterra, deixando uma fortuna considerável, se comunicar conosco. - R. Ele está aqui.

2. Lembrai-vos do estado no qual estáveis durante os dois últimos anos de vossa existência corporal? - R. Foi sempre o mesmo.

3. Depois de vossa morte, vosso Espírito se ressentiu da aberração de vossas faculdades durante vossa vida? - R. Sim. - São Luís completa a resposta dizendo espontaneamente: O Espírito liberto do corpo se ressentiu, algum tempo, da compressão dos seus laços.

4. Assim, uma vez morto, vosso Espírito, pois, não recobrou imediatamente a plenitude de suas faculdades? - R. Não.

5. Onde estais agora? - R. Atrás de Ermance.

6. Sois feliz ou infeliz? - R. Falta-me alguma coisa... Não sei o quê... Procuro... Sim, eu sofro.

7. Por que sofreis? - R. Sofre pelo bem que não fez. (São Luís.)

8. De onde vinha essa mania de vos crerdes pobre com uma tão grande fortuna? - R. Eu o era; o verdadeiro rico é aquele que não tem necessidades.

9. De onde provinha, sobretudo, essa idéia que vos seria preciso trabalhar para viver? - R. Estava louco; e estou ainda.

10. De onde vos chegou essa loucura? - R. Que importa! Havia escolhido essa expiação.

11. Qual foi a fonte de vossa fortuna? - R. Que te importa?

12. Entretanto, a invenção que fizestes não tinha por objetivo aliviar a Humanidade? - R. E de me enriquecer.

13. Que uso fizestes de vossa fortuna, quando gozáveis de toda a vossa razão? - R. Nada, creio; a desfrutava.

14. Por que Deus vos concedeu a fortuna, visto que não deveríeis fazer dela um uso útil para os outros? - R. Havia escolhido a prova.

15. Aquele que goza de uma fortuna adquirida com o seu trabalho não é mais desculpável por retê-la do que aquele que nasce no seio da opulência e ja-

mais conheceu a necessidade? - R. Menos. - São Luís acrescenta: Aquele conhecia a dor que não alivia.

16. Lembrai-vos da existência que precedeu aquela que vindes de deixar? - R. Sim.

17. Que éreis então? - R. Trabalhador.

18. Disseste-nos que sois infeliz; vedes um fim para o vosso sofrimento? - R. Não. - São Luís acrescenta: É muito cedo.

19. De que isso depende? - R. De mim. Aquele que está aqui me disse.

20. Conheceis aquele que está aqui? - R. Vós o chamais Luís.

21. Sabeis o que ele foi em França, no século XIII? - R. Não... Eu o conheço por vós... Obrigado, por aquilo que me ensinam.

22. Credes em uma nova existência corporal? - R. Sim.

23. Se deveis renascer na vida corporal, de que dependerá a posição social que tereis? - R. De mim, creio. Escolhi tantas vezes, que isso não pode depender senão de mim.

Nota. - Essas palavras: *Escolhi tantas vezes*, são características. Seu estado atual prova que, apesar de suas numerosas existências, pouco progrediu, e que é sempre recomeçar para ele.

24. Qual posição social escolheríeis se pudésseis recomeçar? -R. Baixa; caminha-se com mais segurança; não se está encarregado senão de si mesmo.

25. (A São Luís.) Não há um sentimento de egoísmo na escolha de uma posição inferior onde não se está encarregado senão de si mesmo? - R. Em nenhuma parte se está encarregado apenas de si; o homem responde por aqueles que o cercam, não somente as almas cuja educação lhe está confiada, mas ainda mesmo as outras: o exemplo faz todo o mal.

26. (A Morisson.) Nós vos agradecemos por consentir em responder às nossas perguntas, e rogamos a Deus vos dar a força para suportar novas provas. - R. Vós me aliviastes; eu aprendi.

Nota. - Reconhece-se facilmente, nas respostas acima, o estado moral desse Espírito; são breves, e quando não são monossilábicas, têm alguma coisa de sombrio e de vago. Um louco melancólico não falaria de outro modo. Essa persistência da aberração das idéias depois da morte é um fato notável, apesar de não ser constante, ou por vezes apresenta um caráter completamente diverso. Teremos ocasião de citar a respeito vários exemplos, onde se estudam os diferentes gêneros de loucura.

*

Livro: Obsessão, o Passe, a Doutrinação

J. Herculano Pires

O Passe.

Suas origens, aplicações e efeitos.

O passe espírita é simplesmente a imposição das mãos, usada e ensinada por Jesus como se vê nos Evangelhos. Origina-se das práticas de cura do Cristianismo. Sua fonte humana e divina são as mãos de Jesus. Mas há um passado histórico que não podemos esquecer. Desde as origens da vida humana na Terra encontramos os ritos de aplicação dos passes, não raro acompanhados de rituais, como sopro, a fricção das mãos, a aplicação de saliva e até mesmo (resíduo do rito do barro), a mistura de saliva e terra para aplicação no doente. No próprio Evangelho vemos a descrição da cura de um cego por Jesus usando essa mistura. Mas Jesus agiu sempre racionalmente em seus atos e em suas práticas, de maneira que essas descrições, feitas entre quarenta e oitenta anos após a sua morte, podem ser

apenas influência de costumes religiosos da época. Todo o seu ensino visava afastar os homens das superstições vigentes no tempo. Essas incoerências históricas, como advertiu Kardec, não podem provir dele, mas dos evangelistas. Caso, contrário, Jesus teria procedido de maneira incoerente no tocante aos seus ensinamentos e seus exemplos, o que seria absurdo.

O passe espírita não comporta as encenações e gesticulações em que hoje se envolveram alguns teóricos improvisados, geralmente ligados a antigas correntes espiritualistas de origem mágica ou feiticista. Todo o poder e toda a eficácia do passe espírita dependem do espírito e não da matéria, da assistência espiritual do médium passista e não dele mesmo. Os passes padronizados e classificados derivam de teorias e práticas mesméricas, magnéticas e hipnóticas de um passado já há muito superado. Os espíritos realmente elevados não aprovam nem ensinam essas coisas, mas à prece e a imposição das mãos.

Toda a beleza espiritual do passe espírita, que provém da fé racional no poder espiritual, desaparece ante as ginásticas pretensiosas e ridículas gesticulações.

As encenações preparatórias: mãos erguidas ao alto e abertas, para suposta captação de fluidos pelo passista, mãos abertas sobre os joelhos, pelo paciente, para melhor assimilação fluídica, braços e pernas descruzados para não impedir a livre passagem dos fluidos, e assim por diante, só serve para ridicularizar o passe, o passista e o paciente. A formação das chamadas pilhas mediúnicas, com o ajuntamento de médiuns em torno do paciente, as correntes de mãos dadas ou de dedos se tocando sobre a mesa condenadas por Kardec nada mais são do que resíduos do mesmerismo do século passado, inúteis, supersticiosos e ridicularizantes.

Todas essas tolices decorrem essencialmente do apego humano às formas de atividades materiais. Julgamo-nos capazes de fazer o que não nos cabe fazer. Queremos dirigir, orientar os fluidos espirituais como se fossem correntes elétricas e manipulá-los como se a sua aplicação dependesse de nós. O passista espírita consciente, conhecedor da doutrina é suficientemente humilde para compreender que ele pouco sabe a respeito dos fluidos espirituais - e o que pensa saber é simples pretensão orgulhosa. Limita-se à função mediúnica de intermediário. Se pede a assistência dos Espíritos, com que direito se coloca depois no lugar deles? Muitas vezes os Espíritos recomendam que não se façam movimentos com as mãos e os braços para não atrapalhar os passes. Ou confiamos na ação dos Espíritos ou não confiamos e neste caso é melhor não os incomodarmos com os nossos pedidos.

O passe espírita é prece, concentração e doação. Quem reconhece que não pode dar de si mesmo, suplica a doação dos Espíritos. São eles que socorrem aqueles por quem pedimos, não nós, que em tudo dependemos da assistência espiritual.

*

V – FILOSOFIA GERAL E ESPÍRITA

Livro: Introdução à Filosofia Espírita

J. Herculano Pires

PARASSOCIOLOGIA/COSMOSSOCIOLOGIA

PARASSOCIOLOGIA é a parte da Sociologia Espírita que trata das relações sociais na existência corporal. Divide-se em:

1) *Psicossociologia Anímica* — Estudo do processo de interação social pelas relações psíquicas de natureza anímica: funções sociais da chamada percepção extra-sensorial hoje estudada pela Parapsicologia.

2) *Psicossociologia Mediúnica* — Estudo do processo de interação social pelas relações psíquicas de natureza mediúnica: funções sociais da mediunidade, ação dos Espíritos sobre os Homens e vice versa, determinando mudanças nas relações sociais.

COSMOSSOCIOLOGIA é a parte da Sociologia Espírita que trata das relações sociais na existência espiritual. Divide-se em:

1) *Metassociologia* — Estudo das relações sociais de ordem espiritual, que tanto se processam na vida de vigília como durante o sono, com o desprendimento do Espírito e sua participação na vida espiritual ou sua atividade oculta ou ostensiva na própria vida corporal.

2) *Astrossociologia* — Estudo das relações sociais de ordem espiritual entre os diversos Mundos: migrações de Espíritos, manifestações de Espíritos de outros planetas na Terra e vice-versa, possibilidade da percepção anímica ou extra-sensorial nas relações interplanetárias e interestaciais em geral.

A Parassociologia está bem exposta em "*O Livro dos Espíritos*" nos Caps. VIII e IX do Livro II.

A Cosmossociologia se encontra nos caps. IV, V e VI do Livro II. Os caps. X e XI do mesmo Livro II completam a Cosmossociologia Espírita estudando as ocupações e missões cósmicas dos Espíritos e as suas atividades telúricas na vida planetária.

O "*O Livro dos Médiuns*" é o compêndio básico para o estudo dos vários tipos de relações da Parassociologia e da Cosmossociologia.

O "*O Evangelho Segundo o Espiritismo*" é o código moral da vida espírita e portanto o livro em que os princípios normativos da Sociologia Espírita se encontram definidos e explicados.

O problema das relações interplanetárias, hoje colocado pelas pesquisas astronômicas, figura no cap. III da primeira parte de "*O Livro dos Espíritos*", itens 55 a 58, sob o título de "Pluralidade dos Mundos". O astrônomo Camille Flammarion, que era médium psicógrafo e trabalhava com Kardec na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos publicou uma obra sobre o mesmo assunto. As relações astronômicas, entretanto, só poderão efetivar-se entre Mundos semelhantes quanto à densidade física de sua constituição. Na pergunta 56 "*O Livro dos Espíritos*" coloca o problema da diferença da constituição física dos diversos planetas, e conseqüentemente da diferença dos organismos corporais de seus habitantes. Nada impede, entretanto, que os Mundos mais diversos se comuniquem entre si pelas vias mediúnicas, pois o Espírito é sempre o mesmo em toda parte.

Os Mundos nascem e morrem. Lemos no item 41 do L. E. : Deus renova os Mundos, como renova os seres vivos." A Escala dos Mundos nos mostra que eles evoluem. E o item 185 do L. E. esclarece: "Os Mundos também estão submetidos à lei do progresso. Todos começaram como o vosso, por um estado inferior, e a própria Terra sofrerá uma transformação semelhante, tornando-se um paraíso terrestre quando os homens se fizerem bons." Assim, os Mundos formam uma coletividade cósmica. Estão ligados entre si pela rede das leis universais, pelas incessantes comunicações dos Espíritos através do Cosmos, pelas migrações individuais e coletivas dos seres no processo evolutivo. O item 176 do L. E. afirma: "Todos os mundos são solidários".

A solidariedade dos Mundos é uma decorrência natural da unidade e organicidade do Cosmos. A concepção espírita do Universo é monista. Há na Terra muitos homens, em diversos graus de evolução (item 176.a) que nela se encontram pela primeira vez, e nem por isso se diferenciam dos outros. O Espírito humano é um só e tem a flexibilidade necessária para conformar-se, em cada Mundo, às suas exigências e ao seu tipo específico de cultura. Dessa maneira não há razão para os temores que certas pessoas revelam no tocante à possibilidade de criaturas de outros planetas invadirem a Terra. Na verdade, elas estão constantemente invadindo, como nós, os terrícolas, também invadimos outros Mundos. A Humanidade é cósmica e as leis universais equilibram a sua distribuição nos diferentes Mundos.

As distâncias espaciais, como antigamente as distâncias entre os continentes na Terra, só podem ser vencidas por criaturas que tenham alcançado elevado grau de evolução. As naves interplanetárias que chegarem à Terra só podem ser tripuladas por criaturas de uma civilização superior à nossa. É o nosso primarismo que nos leva a imaginar invasões interplanetárias destruidoras. À proporção que superarmos os nossos conflitos na Terra nos tornaremos mais aptos a compreender a harmonia do Universo, a unidade espiritual das criaturas e a solidariedade dos Mundos. Então estaremos em condições de receber os nossos irmãos de outros planetas, que poderão trazer-nos, como fazemos hoje entre os países civilizados, as contribuições de suas diferentes culturas para enriquecerem a nossa.

*

VI – PARAPSIKOLOGIA

Livro: Parapsicologia Hoje e Amanhã

J. Herculano Pires

PSI na medicina

Interessam os fenômenos psi, e mais particularmente as funções psi, ao estudo da Medicina e ao preparo dos médicos? Jan Ehrenwald, em artigos publicados na revista "American Journal for Psychotherapy", em outras publicações especializadas e por último no seu livro *New Dimensions of Deep Analysis*, acentua o seguinte: "As implicações de psi, como revelação de um novo aspecto da mente humana, têm tamanho alcance que reclamam a revisão e a re colocação de numerosos pressupostos teóricos relativos à estrutura da personalidade, às relações psico-soma, à localização cerebral e à natureza do nosso mundo perceptivo em geral".

Nesse curioso livro *Novas Dimensões da Análise Profunda*, Ehrenwald coloca os problemas de psi no quadro de suas observações e experiências da clínica psiquiátrica, relatando casos e revelando as relações de psi com as estâncias psicanalíticas da personalidade. Esses estudos são revalidados pelas experiências e pesquisas de Eisenbud, Paderson-Krag, Ullman, Fodor, Joost Merlok, Gillespie e outros. O Prof. Rhine, em *O Novo Mundo da Mente*, dedica um capítulo ao estudo das relações entre a Biologia e a Parapsicologia, advertindo: "Seria difícil medir a importância das conseqüências de psi num campo tão vasto como o da Biologia". Noutro trecho, Rhine acentua: "As investigações parapsicológicas, através de seus métodos experimentais, penetrou no nível inconsciente da personalidade, muito além da profundidade atingida pelas explorações clínicas da Psiquiatria".

As investigações de psi no mundo animal e as relações de psi com o estado e as funções fisiológicas de organismos animais e humanos são outros campos de investigação que, devidamente aprofundados, desembocam no delta das Ciências Médicas. Robert Amadou, em seu livro *La Parapsychologie*, ensaio histórico e crí-

tico sobre as investigações de psi, declara: "A tendência contemporânea da Medicina de considerar o homem em sua totalidade e não descuidar no diagnóstico nem na terapêutica nenhum de seus elementos constitutivos, não lhe permite descartar-se dos fenômenos psi. A Medicina psicossomática ou corticovisceral terá de utilizar o conhecimento dos fenômenos parapsicológicos tanto na etiologia das enfermidades como nas relações entre o médico e o enfermo".

Os dados mais recentes da investigação de psi nos Estados Unidos, na Europa, na Rússia e mesmo na Argentina mostram cada vez mais a importância da Parapsicologia como vigorosa contribuição científica ao esclarecimento dos problemas médicos. As experiências de Vassiliev em Leningrado, em posição contrária à de Rhine na Duke University quanto à interpretação ideológica, não obstante confirmam e ampliam as perspectivas de psi no campo das relações psicossomáticas. A afirmação corajosa de Rhine de que psi demonstra a existência de um elemento não-físico no ser vivo serviu em parte para afastar da Parapsicologia os materialistas, mas as conseqüências de seus trabalhos práticos fizeram o contrário. As investigações da telepatia à distância, que obtiveram êxito, levaram os cientistas americanos e russos, empenhados na conquista do Espaço, a se interessarem seriamente pelas possibilidades cósmicas de psi, por suas possíveis aplicações na aludida conquista.

A própria Medicina espacial está hoje vivamente interessada nas investigações parapsicológicas. Diante dessa situação geral assume a importância de uma atualização do ensino médico no Brasil o projeto de lei encaminhado pelo deputado Campos Vergal, na Câmara Federal, instituindo cátedras de Parapsicologia em nossas Faculdades de Medicina. Consideramos que o projeto necessita de várias adaptações e correções, mas não há dúvida que representa um passo concreto no sentido de fazer-se alguma coisa de prático nessa direção. Ao que parece a proposição foi encarada como de segunda importância e até mesmo como simples tentativa de interferência de um mundo estranho — o mundo das crenças espiritualistas — no campo fechado das Ciências positivas. Nada mais justifica essa posição retrógrada diante de um problema científico que se encontra na maior evidência em todo o mundo civilizado. Os grandes centros universitários mundiais estão hoje empenhados no estudo e na investigação dos fenômenos psi, e isso nas duas áreas em que se divide o nosso mundo em conflito, a capitalista e a socialista.

Tivemos ocasião de abordar o problema das implicações de psi na Medicina em palestras pronunciadas em centros acadêmicos de nossas Faculdades de Medicina. Os debates que seguiram às palestras revelaram, ao mesmo tempo, o inteiro desconhecimento do problema pela maioria dos estudantes e a hostilidade da maioria dos médicos presentes à interpretação parapsicológica de fenômenos paranormais indiscutivelmente entranhados no campo da Medicina, como os do caso Arigó. A posição geral de médicos e estudantes não revelava uma atitude científica, mas uma atitude determinada por velhos preconceitos e conseqüentemente defensiva, como se a Parapsicologia constituísse uma espécie de ameaça à integridade das Ciências Médicas da atualidade. Não obstante, o simples fato de ter havido convites para as palestras, a manifestação interessada de numerosos estudantes e de alguns médicos presentes revelam que nem mesmo a citação enfática do caso Arigó consegue criar uma barreira intransponível. Isso demonstra que há uma área favorável ao exame do problema. Aliás, após a publicação da primeira edição deste livro três cursos de Introdução à Parapsicologia foram dados pelo Instituto Paulista de Parapsicologia nas três Faculdades de Medicina existentes em São Paulo (capital), por iniciativa dos respectivos Centros Acadêmicos.

Nunca será bastante insistir neste assunto. Porque é evidente que estamos num momento decisivo da História em que a mente humana, através das concepções científicas inclusive no campo até há pouco irreduzível da própria Física, depara com novas perspectivas para a compreensão do mundo e do homem. Não devemos permitir que num terreno da mais alta importância como o da Medicina essas perspectivas sejam afastadas, com inegáveis prejuízos para o nosso avanço cultural e a nossa atualização científica. Psi, como afirmou Amadou, não pode mais ser ignorada ou subestimada pelas Faculdades de Medicina.

O campo da Psicoterapia, em todas as suas variantes, é amplamente iluminado pelas pesquisas parapsicológicas. Não se pode mais admitir, como afirmam Rhine e Pratt (*Parapsychology*, 1962) qualquer confusão entre estados psicopatológicos e manifestações paranormais. O médico de hoje deve saber distinguir com precisão entre uma coisa e outra ou estará irrevogavelmente atrasado no campo de sua profissão.

Além da importância já proclamada dos fenômenos psicogama na Psicoterapia em geral, Rhine e Pratt acentuam, face às últimas observações de médicos-parapsicólogos, a significação de psíquica (fenômenos físicos) na Biologia e na Medicina. Os casos de Medicina popular paranormal, como o de Arigó, encarados sumária e preconceituosamente pela maioria dos médicos, revelam, em nosso país e nos demais (Veja-se o caso Edgard Cayce nos Estados Unidos) a necessidade urgente do ensino da Parapsicologia em Medicina.

*

VII – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

O Livro dos Médiuns. Questão 221: 1 a 8

INCONVENIENTES E PERIGOS DA MEDIUNIDADE.

INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO DA MEDIUNIDADE SOBRE A SAÚDE SOBRE O CÉREBRO E SOBRE AS CRIANÇAS

221. 1. A faculdade mediúnica é indício de algum estado patológico ou simplesmente anormal?

— Às vezes anormal, mas não patológico. Há médiuns de saúde vigorosa. Os doentes o são por outros motivos.

2. O exercício da faculdade mediúnica pode causar fadiga?

— O exercício muito prolongado de qualquer faculdade produz fadiga. Com a mediunidade acontece o mesmo, principalmente com a de efeitos físicos. Esta ocasiona um dispêndio de fluidos que leva o médium à fadiga, mas que é reparado pelo repouso. (Esses problemas, da natureza patológica da mediunidade e da fadiga no seu exercício, vai sendo objeto de pesquisas e estudos na Parapsicologia. As conclusões atingidas até agora são inteiramente favoráveis à tese espírita. Robert Amadou, antiespírita, declara peremptoriamente: "Os fenômenos paranormais não são patológicos". (*La Parapsychologie*, IV Patí cap. IV .n" 5). Rhine faz a mesma afirmação. Considerados como o resultado de uma faculdade humana natural e comum, esses fenômenos não podem ser encarados como patológico. Assim, a Parapsicologia resolveu cientificamente o problema criado pelos acusadores do Espiritismo. E reafirmou a afirmação espírita de que a Medicina precisa conhecer esses fenômenos. Quanto à fadiga, foi também constatado o seu efeito nas experimentações parapsicológicas. A fadiga se refere aos órgãos corporais do médium e não ao seu Espírito. (N. do T.)

3. O exercício da mediunidade pode ter inconvenientes em si mesmo no tocante às condições de higidez (estado de saúde), excluindo-se os casos de abuso.

— Há casos em que é prudente e mesmo necessário abster-se ou pelo menos moderar o uso da mediunidade. Isso depende do estado físico e moral do mé-

dium, que geralmente o percebe. Quando ele começa a sentir-se fatigado, deve abster-se.

4. Esse exercício teria mais inconvenientes para uma pessoa de que para outras?

— Como já disse, isso depende do estado físico e moral do médium. Há pessoas que devem evitar qualquer causa de superexcitação, e a prática mediúnica seria uma delas. (Ver ns.188 e 194.)

5. A mediunidade poderia produzir a loucura?

— Não produziria mais do que qualquer outra coisa, quando a fraqueza do cérebro não oferecer predisposição para isso. A mediunidade não produzirá a loucura, se esta já não existir em germe. Mas se o seu princípio já existe, o que facilmente se conhece pelas condições psíquicas e mentais da pessoa, o bom senso nos diz que devemos ter todos os cuidados necessários, pois nesse caso qualquer abalo será prejudicial (Os adversários se servem destes conselhos sensatos para combaterem a prática geral da mediunidade. Seria o mesmo que condenar a prática geral dos esportes pelo fato de os enfermos não poderem praticá-lo. (N. do T.)

6. Será inconveniente desenvolver a mediunidade das crianças?

— Certamente. É sustento que é muito perigoso. Porque esses organismos frágeis e delicados seriam muito abalados e sua imaginação infantil muito superexcitada. Assim, os pais prudentes as afastarão dessas idéias, ou pelo menos só lhes falarão a respeito no tocante às conseqüências morais. (Este é um problema de psicologia infantil, que serve para mais uma vez comprovar a natureza e a atitude científica do Espiritismo no trato dos problemas psíquicos. Há crianças que revelam precocemente suas faculdades mediúnicas, mas seria errôneo querer desenvolvê-las de maneira sistemática. O que se deve dar às crianças em geral é o ensino oral do Espiritismo, preparando-as para uma vida bem orientada pelo conhecimento doutrinário, sem qualquer excitação prematura das faculdades psíquicas, que se desenvolverão no tempo devido. Nos casos tratados no item 7 temos o desenvolvimento espontâneo, que é diferente. (N. do T.)

7. Mas há crianças que são médiuns naturais, seja de efeitos físicos, de escrita ou de visões. Haveria nesses casos o mesmo inconveniente?

— Não. Quando a faculdade se manifesta espontânea numa criança, é que pertence à sua própria natureza e que a sua constituição é adequada.

Não se dá o mesmo quando a mediunidade é provocada e excitada. Observe-se que a criança que tem visões geralmente pouco se impressiona com isso. As visões lhe parecem muito naturais, de maneira que ela lhes dá pouca atenção e quase sempre as esquece. Mais tarde a lembrança lhe volta à memória e é facilmente explicada, se ela conhecer o Espiritismo.

8. Qual a idade em que se pode, sem inconveniente, praticar a mediunidade?

— Não há limite preciso na idade. Depende inteiramente do desenvolvimento físico e mais particularmente do desenvolvimento psíquico. (Nas traduções em geral repetem a expressão francesa *développement moral*, mas a palavra moral não tem entre nós a mesma amplitude de sentido do francês. Não se trata de desenvolvimento moral, segundo geralmente entendemos a expressão, mas do desenvolvimento psíquico da criança, como o próprio texto o indica. (N. do T.). Há crianças de doze anos que seriam menos impressionadas que algumas pessoas já formadas. Refiro-me à mediunidade em geral, pois a de efeitos físicos é mais fatigante para o corpo. Quanto à escrita há outro inconveniente, que é a falta de experiência da criança, no caso de querer praticá-la sozinha ou fazer dela um brinquedo.

222. A prática do Espiritismo, como adiante veremos, requer muito tato para se desfazer o embuste dos Espíritos mistificadores. Se homens feitos são por eles enganados, a infância e a juventude estão ainda mais expostas a isso, por sua

inexperiência. Sabe-se também que o recolhimento é condição essencial para se tratar com Espíritos sérios. As evocações feitas levianamente ou por divertimento constituem verdadeira profanação, que abre a porta aos Espíritos zombeteiros ou malfazejos. Como não se pode esperar de uma criança a gravidade necessária a um ato semelhante, seria de temer que, entregue a si mesma, ela o transformasse em brinquedo. Mesmo nas condições mais favoráveis, é de se desejar que uma criança dotada de mediunidade só a exerça sob a vigilância de pessoas experimentadas, que lhe ensinarão, por exemplo, o respeito devido às almas dos que se foram deste mundo. Vê-se, pois, que o problema da idade está subordinado tanto às condições do desenvolvimento físico, quanto às do caráter ou amadurecimento moral. Entretanto, o que ressalta claramente das respostas acima é que não se deve forçar o desenvolvimento da faculdade mediúnica nas crianças, quando ela não se desenvolver de maneira espontânea, e que em todos os casos é necessário empregá-la somente com grande circunspeção, não se devendo jamais provocá-la ou encorajar o seu exercício pelas pessoas fracas. Deve-se afastar da prática mediúnica, por todos os meios possíveis, as que apresentem os menores sinais de excentricidade nas idéias ou de enfraquecimento das faculdades mentais, porque são evidentemente predispostas à loucura, que qualquer motivo de superexcitação pode desenvolver.

As idéias espíritas não têm, a esse respeito, maior influência que as outras, mas se a loucura se declarar tomará o caráter de preocupação dominante, como tomaria o caráter religioso, se a pessoa se entregasse com excesso às práticas devocionais, e a responsabilidade seria atribuída ao Espiritismo. O que se pode fazer de melhor com qualquer pessoa que revele tendência à idéia fixa é dirigir as suas preocupações em outra direção, a fim de proporcionar descanso aos órgãos enfraquecidos. (Há livros inteiros, de médicos eminentes, atribuindo ao Espiritismo a causa da maioria dos casos de loucura. Kardec, entretanto, já havia advertido, desde a publicação de O Livro dos Espíritos, em 1857, que a causa real não está nas idéias ou nas crenças da pessoa, mas na sua condição mental ou cerebral. O seu conselho de precauções na prática da mediunidade serviu, embora a contrasenso, para fundamentar as acusações contra o Espiritismo. Hoje, felizmente, nos meios científicos atualizados, chegou-se à compreensão da verdade ensinada por Kardec. As pesquisas parapsicológicas, por sua vez, vêm confirmando a tese kardeciana. Só o fanatismo ou a ignorância podem justificar hoje a repetição dessas acusações absurdas. (N. do T.)

Chamamos a atenção dos leitores, a esse respeito, para o item XII da introdução de O Livro dos Espíritos.

*

CURSO PREPARATÓRIO
9ª. AULA
I – INTRODUÇÃO
Livro: Educandário de Luz
Espíritos Diversos
AGRUPAMENTOS ESPÍRITAS
Emmanuel

Os agrupamentos espiritistas necessitam entender que o seu aparelhamento não pode ser análogo ao das associações propriamente humanas.

Um grêmio espírita cristão deve ter, mais que tudo, a característica familiar, onde o amor e a simplicidade figurem na manifestação de todos os sentimentos.

Em uma entidade doutrinária, quando surgem as dissensões e lutas internas, revelando partidarismos e hostilidades, é sinal de ausência do Evangelho nos corações, demonstrando-se pelo excesso de material humano e pressagiando o naufrágio das intenções mais generosas.

Nesses núcleos de estudo nenhuma realização se fará sem fraternidade e humildade legítimas, sendo imprescindível que todos os companheiros, entre si, vigiem na boa vontade e na sinceridade, a fim de não transformarem a excelência de seu patrimônio espiritual numa reprodução dos conventículos católicos, inutilizados pela intriga e pelo fingimento

*

Livro: Calma (Emmanuel)
SOFRENDO REPROVAÇÕES

Estarás, possivelmente, sofrendo reprovações que te pareceram injusto espancamento espiritual.

Inicialmente, adota o silêncio sem fazer comentários.

Ora, pedindo inspiração à Divina Providência.

Se não tens culpa alguma em relação aos erros que te foram atribuídos, não dêes resposta alguma e continua nas tarefas que a vida te confiou, desculpando quaisquer ofensas.

Se as críticas sofridas guardam algum fundamento, procura analisar o próprio comportamento em referência ao assunto.

Agradece em pensamento aos teus censores, procurando retificar os pontos nos quais te observes em desacerto.

Nada reclames contra quem te aponte a verdade, porquanto se agem com exagero contra os enganos de que, porventura, te inculpes, a vida se incumbirá de esclarecê-los em momento oportuno.

Não te defendas nem acuses a ninguém perante censuras recebidas.

Continua trabalhando com sinceridade, cortando as atitudes que desaprovares em ti mesmo.

Se te notares no centro de culpas, pelas quais te sintas inegavelmente responsável, prossegue agindo e servindo, quanto possível, mesmo assim, na certeza de que todos somos filhos de Deus e que Deus te concederá recursos e abrirá caminhos novos pra que a paz de consciência te retome a vida e ilumine o coração.

Mensagem Mediúnica

033) O IMPORTANTE É COMEÇAR!

Eu sempre ficava horas e horas pensando... pensando... Esperando que alguma coisa de muito especial me acontecesse... e nada! Então, sentia um grande vazio dentro de mim. E tornava a esperar, a esperar e sempre pensando... pensando! Sempre cismando com alguma coisa grandiosa que me fizesse ser diferente, alguma coisa que mostrasse para mim o meu valor.

Sempre me achava muito mesquinha, muito inútil, muito sem sentido. É isso! Eu achava que não tinha sentido a minha vida. Eu me perguntava por que nasci, se sou tão insignificante? Então me perdia em cismas, cismas e mais cismas. E ficava horas sem fazer nada. Até que um dia, uma grande tempestade aconteceu. Parecia que o mundo ia acabar. Parecia um dilúvio. E vi as árvores caindo, a água descendo encosta a fora, transbordando os rios, levando casas, animais e gente. Todos gritavam por socorro e, eu, ali, de repente precisei ajudar alguém que era levado pelas águas. A pobre criatura já nem gritava, estava exausta e sem forças e, só, ficava a esperar que alguém a socorresse, pois nem sequer podia mais pedir, implorar por socorro.

Então: pulei, saltei galhos, pedras e uma porção de galhos e consegui! Lá adiante, graças a Deus, ela se enroscou em uns galhos secos. Então, consegui, já muito cansada, pegar-lhe pelos cabelos e lutando contra as águas fui puxando-a para fora daquele lodaçal que tomava conta de tudo. Enfim, consegui transportá-la para fora e, ainda muito cansadas, caímos exaustas na grama toda suja de barro. E ela, então, dormiu com um sorriso de agradecimento nos lábios.

Senti-me grande, senti-me gente. Fui útil, tive um grande valor. Foi dependente de mim, essa vida. Então me senti crescer, e cresci dali em diante. Agora sei que sou útil, fui útil e, o mais importante: sempre há algo, ou alguém, no caminho que precisa de nós. Sempre seremos úteis para alguém.

O importante é não cismar, não ficar parado e vendo o tempo passar e, sim, olhar em volta, pois há sempre alguém menor que nós. Sempre seremos importantes para alguém.

O importante é começar.

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 30/05/2000).

*

Poesia

Francisco Cândido Xavier - Parnaso de Além-Túmulo

Cigarra morta

Chamam-me agora aí
Cigarra morta,
E não podia haver melhor definição,
Porque caí estonteada à porta

Do castelo em ruínas,
 Do desencanto e da desilusão!...
 Minhas futilidades pequeninas...
 Meus grandes desenganos...
 Eu mesma inda não sei
 Se é ventura morrer na flor dos anos...
 Sei apenas que choro
 O tempo que perdi,
 Cantando em demasia à tarde, inutilmente;
 E vivo aqui, somente,
 De quanto idealizei
 De belo, de perfeito, grande e santo,
 Que inda hei de realizar
 Com a rima do meu verso e a gota do meu pranto.
 Dá-me força, Senhor,
 Para concretizar meu anseio de amor:
 Evita-me a saudade
 Da minha improdutiva mocidade!
 Eu não quero sentir,
 Como cigarra que era,
 A falta das canículas doiradas
 Sob a luz de ridente primavera.
 Já que tombei cansada de cantar,
 Calando amargamente,
 Perdoa, Deus de Amor, o meu pecado:
 Que eu olvide a cigarra do passado,
 Para ser uma abelha previdente.

*

Livro: O Que é o Espiritismo
Allan Kardec
Médiuns e feiticeiros

(...)

V. — Desde que a mediunidade não é mais que um meio de entrar em relação com as potências ocultas, médiuns e feiticeiros são mais ou menos a mesma coisa.

A. K. — Em todos os tempos houve médiuns naturais e inconscientes que, pelo simples fato de produzirem fenômenos insólitos e incompreendidos, foram qualificados de feiticeiros e acusados de pactuarem com o diabo; foi o mesmo que se deu com a maioria dos sábios que dispunham de conhecimentos acima do vulgar. A ignorância exagerou seu poder e, muitas vezes, eles mesmos abusaram da credulidade pública, explorando-a; daí a justa reprovação que os feriu.

Basta-nos comparar o poder atribuído aos feiticeiros com a faculdade dos verdadeiros médiuns, para conhecermos a diferença, mas a maioria dos críticos não se quer dar a esse trabalho.

Longe de fazer reviver a feitiçaria, o Espiritismo a aniquila, despojando-a do seu pretenso poder sobrenatural, de suas fórmulas, engrimações (discurso obscuro, afetado e ridículo), amuletos e talismãs, e reduzindo a seu justo valor os fenômenos possíveis, sem sair das leis naturais.

A semelhança que certas pessoas pretendem estabelecer, provém do erro em que estão, julgando que os Espíritos estão às ordens dos médiuns; repugna à

sua razão crer que um indivíduo qualquer possa, à vontade, fazer comparecer o Espírito de tal ou tal personagem, mais ou menos ilustre; nisto eles estão perfeitamente com a verdade, e, se antes de apedrejarem o Espiritismo, se tivessem dado ao trabalho de estudá-lo, veriam que ele diz positivamente que os Espíritos não estão sujeitos aos caprichos de ninguém, que ninguém pode, à vontade, constrangê-los a responder ao seu chamado; do que se conclui que os médiuns não são feiticeiros.

V.— Neste caso, todos os efeitos que certos médiuns acreditados obtêm, à vontade e em público, não são, ao vosso ver, senão charlatanice?

A. K. — Não o digo em absoluto. Tais fenômenos não são impossíveis, porque há Espíritos de baixa categoria que se podem prestar à sua produção e que se divertem, talvez por já terem sido prestidigitadores na vida terrena; também há médiuns especialmente próprios para esse gênero de manifestações; porém, o vulgar bom-senso repele a idéia de virem os Espíritos, por menos elevados que sejam, representar palhaçadas e fazer escamoteações para divertimento dos curiosos. A obtenção desses fenômenos à vontade, e sobretudo em público, é sempre suspeita; neste caso a mediunidade e a prestidigitação se tocam tão de perto que é difícil muitas vezes distingui-las; antes de vermos nisso a ação dos Espíritos, devemos observar minuciosamente e ter em conta, quer o caráter e os antecedentes do médium, quer um grande número de circunstâncias que só o estudo da teoria dos fenômenos espíritas nos pode fazer apreciar.

Deve-se notar que esse gênero de mediunidade, quando mediunidade nisso exista, limita-se a produzir sempre o mesmo fenômeno, salvo pequenas variantes, o que não é muito próprio para dissipar dúvidas. O desinteresse absoluto é a melhor garantia de sinceridade.

Qualquer que seja o grau de veracidade desses fenômenos, como efeitos mediúnicos, eles produzirão bom resultado, por darem voga à idéia espírita. A controvérsia que se estabelece a respeito provoca em muitas pessoas um estudo mais aprofundado.

Não é certamente aí que se deve ir beber instruções sérias sobre o Espiritismo, nem sobre a filosofia da doutrina; porém, é um meio de chamar a atenção dos indiferentes e obrigar os recalcitrantes a falarem dele.

*

Livro: Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas
Allan Kardec
Médiuns facultativos

Os médiuns facultativos são aqueles que têm consciência de seu poder e produzem fenômenos espíritas por ação da vontade.

Esta faculdade, se bem que inerente à espécie humana, como já dissemos, está longe de existir em todos no mesmo grau. Mas, se poucas são as pessoas em que ela é praticamente nula, as que são capazes de produzir os grandes efeitos, tais como a levitação de corpos no espaço, os transportes e sobretudo as aparições, são ainda mais raras.

Os efeitos mais simples são os da movimentação dos objetos, pancadas vibradas pelo levantamento desses objetos ou em sua própria substância. Sem ligar importância capital a esses fenômenos, concitamos a não desprezá-los: eles podem dar lugar a observações interessantes e auxiliar a comprovação.

20 Mas é preciso notar que a faculdade de produzir efeitos materiais raramente existe naqueles que têm meios mais perfeitos de comunicação, tais como,

por exemplo, a escrita ou a palavra. Geralmente ela diminui em um sentido, à medida que se desenvolve no outro.

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo – XI, item 7
Allan Kardec

7. Esta máxima: "Dai a César o que é de César" não deve ser entendida de maneira restritiva e absoluta. Como todos os ensinamentos de Jesus, é um princípio geral, resumido numa forma prática e usual, e deduzido de uma circunstância particular. Esse princípio é uma consequência daquele que manda agir com os outros como quereríamos que os outros agissem conosco. Condena todo prejuízo moral e material causado aos outros, toda violação dos seus interesses, e prescreve o respeito aos direitos de cada um, como cada um deseja ver os seus respeitados. Estende-se ao cumprimento dos deveres contraídos para com a família, a sociedade, a autoridade, bem como para os indivíduos.

*

Livro: O Espírito da Verdade. (Emmanuel)
No retoque da palavra

Cap. XI – Item 7 de O Evangelho Segundo o Espiritismo

Seja onde for, não afirme: – “Detesto esse lugar!”
 Cada criatura vive na terra dos seus credores.
 Ouvindo a frase infeliz, não grite: – “É um desaforo!”
 Invigilância alheia pede a nossa vigilância maior.
 Atravessando a maturidade, não se lamente: – “Já estou cansado”.
 Sintoma de exaustão, vontade enferma.
 Sentindo a mocidade, não assevere: – “Preciso gozar a vida!”
 Romagem terrestre não é excursão turística.
 À frente do amigo endividado, não ameace: – “Hoje ou nunca!”
 Agora alguém se compromete, amanhã seremos nós.
 Ao companheiro menos categorizado, não ordene: – “Faça isso!”
 Indelicadeza no trabalho, ditadura ridícula.
 Perante o doente, não exclame: – “Pobre coitado!”
 Compaixão desatenta, crueldade indireta.
 Ao vizinho faltoso, nunca diga: - “Dispensolhe a amizade.”
 Todos somos interdependentes.
 Sob o clima da provação, não se queixe: – “Não suporto mais!”
 O fardo do espírito gravita na órbita das suas forças.
 No cumprimento do dever, não clame: – “Estou sozinho.”
 Ninguém vive desamparado.
 Colhido pelo desapontamento, não reclame: – “Que azar!”
 A Lei Divina não chancela imprevistos.
 À face do ideal, não se lastime: – “Ninguém me ajuda.”
 No Espiritismo temos responsabilidade pessoal com o Cristo.

*

Livro: O Céu e o Inferno (Allan Kardec)
1ª. Parte, cap. V, item 6

6. - Devido às suas imperfeições, o Espírito culpado sofre primeiro na vida espiritual, sendo-lhe depois facultada a vida corporal como meio de reparação. É

por isso que ele se acha nessa nova existência, quer com as pessoas a quem ofendeu, quer em meios análogos àqueles em que praticou o mal, quer ainda em situações opostas à sua vida precedente, como, por exemplo, na miséria, se foi mau rico, ou humilhado, se orgulhoso.

A expiação no mundo dos Espíritos e na Terra não constitui duplo castigo para eles, porém um complemento, um desdobramento do trabalho efetivo a facilitar o progresso. Do Espírito depende aproveitá-lo. E não lhe será preferível voltar à Terra, com probabilidades de alcançar o céu, a ser condenado sem remissão, deixando-a definitivamente? A concessão dessa liberdade é uma prova da sabedoria, da bondade e da justiça de Deus, que quer que o homem tudo deva aos seus esforços e seja o obreiro do seu futuro; que, infeliz por mais ou menos tempo, não se queixe senão de si mesmo, pois que a rota do progresso lhe está sempre franca.

*

Livro: Justiça Divina (Emmanuel)
BOM COMBATE
Reunião Pública de 20-1-61
1ª parte, cap. V, item 6 de O Céu e o Inferno

Voltando à Pátria Espiritual, depois da morte, estamos freqüentemente na condição daquele filho pródigo da parábola, de retorno à casa paterna para a bênção do amor.

Emoção do reencontro.

Alegria redescoberta.

Entretanto, em plena festa de luz, quase sempre desempenhamos o papel do conviva do cérebro deslumbrado, trazendo espinhos no coração.

Por fora, é o carinho que nos reúne.

Por dentro, é o remorso que nos fustiga.

Vanguarda que fulgura.

Retaguarda que obscurece.

Êxtase e dor.

Esperança e arrependimento.

Reconhecidos às mãos luminosas que nos afagam, muitos de nós sentimos vergonha das mãos sombrias que oferecemos.

E porque a Lei nos infunde respeito à justiça, aspiramos a debitar a nós próprios o necessário burilamento e a suspirada felicidade.

Rogamos, dessa forma, a reencarnação, à guisa de recomeço, buscando a tarefa que interrompemos e a afeição que traímos, o dever esquecido e o compromisso menosprezado, famintos de reajuste.

Agradece, assim, o lugar de prova em que te sintas.

Corpo doente, companheiro difícil, parente complexo, chefe amargo e dificuldade constante são oportunidades que se renovam.

Todo título exterior é instrumentação de serviço.

A existência terrestre é o bom combate.

Defeito e imperfeição, débito e culpa são inimigos que nos defrontam.

Aperfeiçoamento individual é a única vitória que não se altera.

E, em toda parte, o verdadeiro campo de luta somos nós mesmos.

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro: O Livro dos Espíritos (A. Kardec). Questão 897, a e b.

897. Aquele que faz o bem sem visar a uma recompensa na Terra, mas na esperança de que lhe seja levado em conta na outra vida, e que nessa a sua posição seja melhor, é repreensível, e esse pensamento prejudica o seu adiantamento?

– É necessário fazer o bem por caridade, ou seja, com desinteresse.

897-a. Mas cada um tem o desejo muito natural de progredir para sair da situação penosa desta vida. Os Espíritos nos ensinam a praticar o bem com esse fim. Será, pois, um mal, pensar que pela prática do bem se pode esperar uma situação melhor?

– Não, por certo. Mas aquele que faz o bem sem segunda intenção, pelo prazer único de ser agradável a Deus e ao seu próximo sofredor, já se encontra num grau de adiantamento que lhe permitirá chegar mais rapidamente à felicidade do que o seu irmão que, mais positivo, faz o bem por cálculo e não pelo impulso do ardor natural do coração. (Ver item 894).

897-b. Não há aqui uma distinção entre fazer o bem ao próximo e cuidar de se corrigir dos próprios defeitos? Concebemos que fazer o bem com o pensamento de que nos seja levado em conta na outra vida é pouco meritório; mas emendar-se, vencer as paixões, corrigir o caráter, visando a se aproximar dos bons Espíritos e progredir, será igualmente um sinal de inferioridade?

– Não, não; por fazer o bem queremos dizer ser caridoso. Aquele que calcula o que lhe pode render cada uma de suas boas ações, na outra vida ou mesmo na vida terrena, procede de maneira egoísta. Mas não há nenhum egoísmo em se melhorar com a intenção de se aproximar de Deus, pois esse é o objetivo que todos devem ter em vista.

*

Livro: Religião dos Espíritos (Emmanuel)

O obreiro do Senhor

Reunião pública de 8/5/59

Questão nº 897 de O Livro dos Espíritos

Cada criatura mora espiritualmente na seara a que se afeiçoa.

É assim que, se o justo arrecada prêmios da retidão, o delinqüente, em qualquer parte, recolhe os frutos do crime.

O obreiro do Senhor, por isso mesmo, onde surja, é conhecido por traços essenciais.

Não cogita do próprio interesse.

Não exige cooperação para fazer o bem.

Não cria problemas.

Não suspeita mal.

Não cobra tributos de gratidão.

Não arma ciladas.

Não converte o serviço em fardo insuportável nos ombros do companheiro.

Não transforma a verdade em lâmina de fogo no peito dos semelhantes.

Não reclama santidade nos outros, para ser útil.

Não fiscaliza o vintém que dá.

Não espia os erros do próximo.

Não promove o exame das consciências alheias.

Não se cansa de auxiliar.
 Não faz greve por notar-se desatendido.
 Não desconhece as suas fraquezas.
 Não cultiva espinheiros de intolerância.
 Não faz coleção de queixas.
 Não perde tempo em lutas desnecessárias.
 Não tem a boca untada com veneno.
 Não sente cóleras sagradas.
 Não ergue monumentos ao derrotismo.
 Não se impacienta.
 Não se exhibe.
 Não acusa.
 Não critica.
 Não se ensoberbece.

Entretanto, freqüentemente aparece na Seara Divina quem condene os outros e iluda a si mesmo, supondo-se na posse de imaginária dominação.

O obreiro do Senhor, todavia, encarnado ou desencarnado, em qualquer senda de educação e em qualquer campo religioso, segue à frente, ajudando e compreendendo, perdoando e servindo, para cumprir-lhe, em tudo, a sacrossanta Vontade.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA

Livro: O Livro dos Médiuns (Allan Kardec). Questões 237 e 238 OBSESSÃO

237. No número das dificuldades que a prática do Espiritismo apresenta é necessário colocar a da obsessão em primeira linha. Trata-se do domínio que alguns Espíritos podem adquirir sobre certas pessoas.

São sempre os Espíritos inferiores que procuram dominar, pois os bons não exercem nenhum constrangimento.

Os bons aconselham, combatem a influência dos maus, e se não os escutam preferem retirar-se. Os maus, pelo contrário, agarram-se aos que conseguem prender. Se chegam a dominar alguém, identificam-se com o Espírito da vítima e a conduzem: como se faz com uma criança.

A obsessão apresenta características diversas que precisamos distinguir com precisão, resultantes do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que este produz. A palavra obsessão é, portanto, um termo genérico pelo qual se designa o conjunto desses fenômenos, cujas principais variedades são: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação.

238. A obsessão simples verifica-se quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, intromete-se contra a sua vontade nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e substitui os que são evocados.

Não se está obsedado pelo simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso, pois o melhor médium está sujeito a isso, sobretudo no início, quando ainda lhe falta a experiência necessária, como entre nós as pessoas mais honestas podem ser enganadas por trapaceiros. Pode-se, pois, ser enganado sem estar obsedado. A obsessão: consiste na tenacidade de um Espírito do qual não se consegue desembaraçar.

Na obsessão simples o médium sabe perfeitamente que está lidando com um Espírito mistificador, que não se disfarça e nem mesmo dissimula de maneira alguma as suas más intenções e o seu desejo de contrariar. O médium reconhece facilmente a mistificação, e como se mantém vigilante raramente é enganado. Assim, esta forma de obsessão é apenas desagradável e só tem o inconveniente de dificultar as comunicações com os Espíritos sérios ou com os de nossa afeição.

Podemos incluir nesta categoria os casos de obsessão física, que consistem nas manifestações barulhentas e obstinadas de certos Espíritos que espontaneamente produzem pancadas e outros ruídos. Quanto a este fenômeno, remetemos o leitor ao capítulo Manifestações Físicas Espontâneas, nº 82.

*

Livro: Seara dos Médiuns (Emmanuel)
Obsessão e Jesus
Reunião pública de 4/3/60
Questão nº 237 de O Livro dos Médiuns

Cristãos eminentes, em variadas escolas do Evangelho, asseveram na atualidade que o problema da obsessão teria nascido no culto da mediunidade, à luz da Doutrina Espírita, quando a Doutrina Espírita é o recurso para a supressão do flagelo.

Malham médiuns, fazem sarcasmo, condenam a psicoterapia em favor dos desencarnados sofredores e, por vezes, atingem o disparate de afirmar que a prática medianímica estabelece a loucura.

Esquecem-se, no entanto, de que a vida de Jesus, na Terra, foi uma batalha constante e silenciosa contra obsessões, obsidiados e obsessores.

O combate começa no alvorecer do apostolado divino.

Depois da resplendente consagração na manjedoura, o Mestre encontra o primeiro grande obsidiado na pessoa de Herodes, que decreta a matança de pequeninos, com o objetivo de aniquilá-lo.

Mais tarde, João BatIsta, o companheiro de eleição que vem ao mundo secundar-lhe a obra sublime, sucumbe degolado, em plena conspiração de agentes da sombra.

Obsessores cruéis não vacilam em procurá-lo, nas orações do deserto, verificando-lhe os valores do sentimento.

A cada passo, surpreende Espíritos infelizes senhoreando médiuns desnorreados.

O testemunho dos apóstolos é sobejamente inequívoco.

Relata Mateus que os obsidiados gerasenos chegavam a ser ferozes; refere-se Marcos ao obsidiado de Cafarnaum, de quem desventurado obsessão se retira clamando contra o Senhor em grandes vozes; narra Lucas o episódio em que Jesus realiza a cura de um jovem lunático, do qual se afasta o perseguidor invisível, logo após arrojá-lo ao chão, em convulsões epileptóides; e reporta-se João a israelitas positivamente obsidiados, que apedrejam o Cristo, sem motivo, na chamada Festa da Dedicção.

Entre os que lhe comungam a estrada, surgem obsessões e psicoses diversas.

Maria de Magdala, que se faria a mensageira da ressurreição, fora vítima de entidades perversas.

Pedro sofria de obsessão periódica.

Judas era enceguedido em obsessão fulminante.

Caifás mostrava-se paranóico.

Pilatos tinha crises de medo.

No dia da crucificação, vemos o Senhor rodeado por obsessões de todos os tipos, a ponto de ser considerado, pela multidão, inferior a Barrabás, malfeitor e obsesso vulgar.

E, por último, como se quisesse deliberadamente legar-nos preciosa lição de caridade para com os alienados mentais, declarados ou não, que enxameiam no mundo, o Divino Amigo prefere partir da Terra na intimidade de dois ladrões, que a Ciência de hoje classificaria por cleptomaníacos pertinazes.

À vista disso, ante os escarneadores de todos os tempos, eduquemos a mediunidade na Doutrina Espírita, porque só a Doutrina Espírita é luz bastante forte, em nome do Senhor, para clarear a razão, quando a mente se transvia, desgovernada, sob o fascínio das trevas.

*

Livro: A Gênese. (Allan Kardec). Cap. XIV, item 46.
Obsessão

46 - Assim como as enfermidades resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau. A uma causa física, opõe-se uma força física; a uma causa moral preciso é se contraponha uma força moral.

Para preservá-lo das enfermidades, fortifica-se o corpo; para garanti-la contra a obsessão, tem-se que fortalecer a alma; donde, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar por se melhorar a si próprio, o que as mais das vezes basta para livrá-lo do obsessão, sem o socorro de terceiros.

Necessário se torna este socorro, quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque nesse caso o paciente não raro perde a vontade e o livre-arbítrio.

Quase sempre a obsessão exprime vingança tomada por um Espírito e cuja origem freqüentemente se encontra nas relações que o obsidiado manteve com o obsessão, em precedente existência.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutaros e os repele. É daquele fluido que importa desembaraçá-lo, Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, preciso se faz expelir um fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.

Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, atuar sobre o ser inteligente, ao qual é preciso se possua o direito de falar com autoridade, que, entretanto, falece a quem não tenha superioridade moral.

Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela.

Mas, ainda não é tudo: para assegurar a libertação da vítima, indispensável se torna que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios; que se faça que o arrependimento desponte nele, assim como o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com o objetivo de dar-lhe educação moral.

Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

O trabalho se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, para ele concorre com a vontade e a prece. Outro tanto não sucede quando, seduzido pelo Espírito que o domina, se ilude com relação às qualidades deste último e se compraz no erro a que é conduzido, porque, então, longe de a secundar, o obsidiado repele toda assistência. É o caso da fascinação, infinitamente mais rebelde sempre, do que a mais violenta subjugação. (**O Livro dos Médiuns**, 2ª Parte, cap. XXIII.)

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso meio de que se dispõe para demover de seus propósitos maléficos o obsessor.

*

Livro: Opinião Espírita (Emmanuel e André Luiz).

Prece e Obsessão (Emmanuel)

18 - PRECE E OBSESSÃO

Gênese - Cap. XIV - Item 46

A Providência Divina, pelas providências humanas, sustenta o amparo indiscriminado a todas as criaturas, mas estatui a reciprocidade em todos os processos de ação pelos quais a bondade da vida se manifesta.

○○○

Comparemos a prece e a obsessão ao anseio de saber e ao tormento da ignorância.

O professor esclarece o discípulo mas não lhe dispensa a aplicação direta ao ensino. E se o aluno é surdo-mudo, mesmo assim, para instruir-se, é obrigado a concentrar muitas das possibilidades da visão e da audição nas sutilezas do tato, se quer assimilar o que aprende.

Recorramos, ainda, à lição viva que surge, entre a doença e o remédio.

Administrar-se-á medicamento ao enfermo, mas não se pode eximi-lo do concurso necessário. E se o paciente não consegue ou não deve acolher os recursos precisos, através da boca, é constrangido a recebê-los por intermédio dos poros, das veias ou de outros canais do corpo.

○○○

Todo socorro essencial ao veículo físico reclama a participação do veículo físico.

Ninguém extingue a própria fome pelo esôfago alheio.

Assim, também, nas necessidades do espírito.

Na desobsessão, a prece indica a atividade libertadora, no entanto, não exonera o interessado da obrigação de renovar-se pelo serviço e pelo estudo, a fim de que se areje a casa íntima, de vez que todos aqueles que se acumpliciaram conosco, na prática do mal, em existências passadas, somente se transformam para o bem, quando nos identificam o esforço, por vezes difícil e doloroso, da nossa reeducação, na prática do bem.

○○○

Resumindo, imaginemos o irmão obsidiado, ainda lúcido, como sendo prisioneiro da própria mente, convertida então em cela escura e comparemos o socorro espiritual à lâmpada generosa.

Obsessão é o bolo pestífero transformado em caprichoso ferrolho na sombra. Oração é luz que acende.

A claridade traça a orientação do que se tem a fazer, mas o detento é chamado a tomar a iniciativa do trabalho para libertar a si mesmo, removendo corajosamente o tenebroso foco de atração.

REVISTA ESPÍRITA
OUTUBRO DE 1858
ALLAN KARDEC

**Morte de cinco crianças por um
menino de 12 anos**

PROBLEMA MORAL

Leu-se na Gaze fie *de Si lese*:

"Escreveu-se de Bolkenham, em 20 de outubro de 1857, que um crime apavorante foi cometido por jovem menino de doze anos. Domingo último, 25 do mês, três filhos do senhor Hubner, fabricante de pregos, e dois filhos do senhor Fritche, sapateiro, jogavam juntos no jardim do senhor Fritche. O jovem H..., conhecido por seu mau caráter, se associou aos seus jogos e convenceu-os a entrarem em um baú depositado em uma casinha do jardim e que servia ao sapateiro para transportar suas mercadorias para a feira. As cinco crianças puderam nele entrar com dificuldade, mas se comprimiram e se colocaram umas sobre as outras, rindo. Logo que nele entraram, o monstro fechou o baú, sentou-se em cima, e ficou três quartos de hora escutando primeiro seus gritos, depois seus gemidos.

"Quando, enfim, seus estertores cessaram, que os acreditou mortos, abriu o baú; as crianças ainda respiravam. Ele fechou o baú, aferrolhou-o e se foi brincar com papagaio de papel. Mas foi visto, saindo do jardim, por uma jovem.

Concebe-se a ansiedade dos pais, quando perceberam o desaparecimento de seus filhos, e seu desespero quando, depois de longa procura, encontram-nos no baú. Uma das crianças vivia ainda, mas não tardou em entregar sua alma.

Denunciado pela jovem que o havia visto sair do jardim, o jovem H... confessou seu crime com o maior sangue-frio e sem manifestar nenhum arrependimento. As cinco vítimas, um menino e quatro meninas de quatro a nove anos, foram enterrados juntos, hoje.

Nota. - O Espírito interrogado foi o da irmã do médium, morto há doze anos; mas que sempre mostrou superioridade como Espírito.

1. Ouvistes o relato que acabamos de ler da morte cometida na Silésia, por um menino de doze anos sobre cinco outras crianças? - R. Sim; minha pena exige que eu escute ainda as abominações da Terra.

2. Qual motivo pôde levar uma criança dessa idade a cometer uma ação tão atroz e com tanto sangue-frio? - R. A maldade não tem idade; ela é ingênua numa criança; é raciocinada no homem feito.

3. Quando ela existe numa criança, sem raciocínio, isso não denota a encarnação de um Espírito muito inferior? - R. Ela vem, então, diretamente da perversidade do coração; é o seu Espírito que o domina e o leva à perversidade.

4. Qual poderia ter sido a existência anterior de um Espírito semelhante? - R. Horrível.

5. Em sua existência anterior, ele pertencia à Terra ou a um mundo ainda mais inferior? - R. Não o vejo bem; mas devia pertencer a um mundo bem mais inferior que a Terra: ele *ousou* vir à Terra; por isso será duplamente punido.

6. Nessa idade a criança tinha bem consciência do crime que cometia, e dele tem a responsabilidade como Espírito? - R. Ele tinha a idade da consciência, é bastante.

7. Uma vez que esse Espírito havia *ousado* vir à Terra, que é muito elevada para ele, pode ser constringido a retornar para o mundo em relação com a sua

natureza? - R. A punição é justamente de retroceder; ele mesmo é o inferno. É a punição de Lúcifer, do homem espiritual rebaixado até a matéria; quer dizer, o véu que lhe esconde, de hoje em diante, os dons de Deus e sua divina proteção. Esforçai-vos, pois, para reconquistar esses bens perdidos; tereis ganho o paraíso que o Cristo veio vos abrir. É a presunção, o orgulho do homem que gostaria de conquistar o que só Deus pode ter.

Nota. - Uma observação é feita a propósito da palavra *ousou*, da qual se serviu o Espírito, e dos exemplos que foram citados concernentes à situação de Espíritos que se encontraram em mundos muito elevados para eles, e que foram obrigados a retornar para um mundo mais em harmonia com a sua natureza. Uma pessoa fez notar, a esse respeito, que foi dito que os Espíritos não podem retrogradar. A isso respondeu que, com efeito, foi dito que os Espíritos não podem retrogradar no sentido de que não podem perder o que adquiriram em ciência e em moralidade; mas eles podem decair como posição. Um homem que usurpe uma posição superior àquela que lhe conferem suas capacidades ou sua fortuna pode ser constringido a abandoná-la e retornar ao seu lugar natural; ora, não está aí o que se pode chamar decair, uma vez que não fez senão reentrar em sua esfera, de onde saiu por ambição ou por orgulho.

Ocorre o mesmo com respeito aos Espíritos que querem se elevar muito depressa nos mundos onde se encontram deslocados.

Espíritos superiores podem igualmente se encarnar em mundos inferiores, para irem cumprir uma missão de progresso; isso não pode chamar-se de retrogradar, porque é devotamento.

8. Em que a Terra é superior ao mundo ao qual pertence o Espírito do qual acabamos de falar? - R. Nele há uma fraca idéia da justiça; é um começo de progresso.

9. Disso resulta que, em mundos inferiores à Terra, não há nenhuma idéia de justiça? - R. Não; os homens aí não vivem senão para eles, e não têm por motivação senão a satisfação de suas paixões e de seus instintos.

10. Qual será a posição desse Espírito em uma nova existência? - R. Se o arrependimento vier apagar, senão inteiramente pelo menos em parte, a enormidade de suas faltas, então ele permanecerá na Terra; se, ao contrário, ele persistir nisso que chamais a impenitência final, ele irá para uma morada onde o homem está no nível do animal.

11. Assim, pode ele encontrar, sobre esta Terra, os meios de expiar suas faltas sem ser obrigado a retornar para um mundo inferior? - R. O arrependimento é sagrado aos olhos de Deus; porque é o homem que julga a si mesmo, o que é raro em vosso planeta.

*

Livro: Obsessão, O Passe, A Doutrinação. (J. Herculano Pires III - A técnica do passe.

Os elaboradores e divulgadores de técnicas do passe não sabem o que fazem. A técnica do passe não pertence a nós, mas exclusivamente aos Espíritos Superiores. Só eles conhecem a situação real do paciente, as possibilidades de ajudá-lo em face de seus compromissos nas provas, a natureza dos fluidos de que o paciente necessita e assim por diante.

Os médiuns vivem a vida terrena e estão condicionados na encarnação que merecem e de que necessitam. Nada sabem da natureza dos fluidos, da maneira apropriada e eficaz de aplicá-los, dos efeitos diversos que eles podem causar. Na

verdade o médium só tem uma percepção vaga, geralmente epidérmica dos fluidos. É simples atrevimento - e, portanto charlatanismo - querer manipulá-los e distribuí-los a seu modo e a seu critério. As pessoas que acham que os passes ginásticos ou dados em grupos mediúnicos formados ao redor do paciente são passes fortes, assemelham-se às que acreditam mais na força da macumba, com seus apetrechos selvagens, do que no poder espiritual.

As experiências espíritas sensatas e lógicas, em todo o mundo, desde os dias de Kardec até hoje, mostraram que mais vale uma prece silenciosa, às vezes na ausência e sem o conhecimento do paciente, do que todas as encenações e alar-des de força dos ingênuos ou farofeiros que ignoram os princípios doutrinários.

IV - Passe à distância.

Não há distância para a ação dos passes. Os Espíritos Superiores não conhecem as dificuldades das distâncias terrenas. Podem agir e curar através das maiores lonjuras.

Esse fato, constatado e demonstrado pelo espiritismo e ridicularizado pelos cientistas materialistas, está hoje cientificamente comprovado pelas pesquisas em todo o mundo, através de pesquisas e experiências dos principais centros universitários da atualidade.

A telepatia, transmissão do pensamento, intenções e desejos, e psicapa, ação da mente sobre a matéria, só podem ser negadas hoje por pessoas (cientistas ou não) que estiverem cientificamente desatualizadas e, portanto, sem autoridade para opinar a respeito.

Não obstante, não se deve desprezar a importância do efeito psicológico da presença do paciente no ambiente mediúnico ou da presença do passista junto a ele. Temos, nesse caso, dois elementos importantes de eficácia no tratamento por passes. O efeito psicológico resulta dos estímulos provocados no paciente por sua presença num ambiente de pessoas interessadas a ajudá-lo, o que lhe desperta sensação de segurança e confiança em si mesmo. Trata-se de uma reação anímica (da própria alma do paciente) por isso mesmo psicológica, conhecida na Psicologia como estímulo de conjunto, em que se quebra o desânimo da solidão. Por outro lado, a visita do passista ao paciente isolado em casa dá-lhe a sensação de valor social, reanimando-lhe a esperança de volta a vida normal.

Além disso, a presença do paciente numa reunião lhe permite receber a ajuda do calor humano dos outros e da doação fluídica direta, seja do médium ou também de pessoas que o acompanham.

Assim, o passe à distância só deve ser empregado quando for de todo impossível o passe de contato pessoal.

São esses também os motivos que justificam a prática dos passes individuais nos Centros, onde todos sabem que ninguém deixa de ser assistido e receber a fluidificação necessária.

*

V – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

Livro: O Livro dos Médiuns. (A. Kardec). Questão 222.

Inconvenientes e Perigos da Mediunidade

As crianças, as pessoas fracas, excêntricas, etc.

222. A prática do Espiritismo, como adiante veremos, requer muito tato para se desfazer o embuste dos Espíritos mistificadores. Se homens feitos são por eles enganados, a infância e a juventude estão ainda mais expostas a isso, por sua inexperiência. Sabe-se também que o recolhimento é condição essencial para se tratar com Espíritos sérios. As evocações feitas levianamente ou por divertimento

constituem verdadeira profanação, que abre a porta aos Espíritos zombeteiros ou malfazejos. Como não se pode esperar de uma criança a gravidade necessária a um ato semelhante, seria de temer que, entregue a si mesma, ela o transformasse em brinquedo. Mesmo nas condições mais favoráveis, é de se desejar que uma criança dotada de mediunidade só a exerça sob a vigilância de pessoas experimentadas, que lhe ensinarão, por exemplo, o respeito devido às almas dos que se foram deste mundo. Vê-se, pois, que o problema da idade está subordinado tanto às condições do desenvolvimento físico, quanto às do caráter ou amadurecimento moral.

Entretanto, o que ressalta claramente das respostas acima é que não se deve forçar o desenvolvimento da faculdade mediúnica nas crianças, quando ela não se desenvolver de maneira espontânea, e que em todos os casos é necessário empregá-la somente com grande circunspecção, não se devendo jamais provocá-la ou encorajar o seu exercício pelas pessoas fracas.

Deve-se afastar da prática mediúnica, por todos os meios possíveis, as que apresentem os menores sinais de excentricidade nas idéias ou de enfraquecimento das faculdades mentais, porque são evidentemente predispostas à loucura, que qualquer motivo de superexcitação pode desenvolver.

As idéias espíritas não têm, a esse respeito, maior influência que as outras, mas se a loucura se declarar tomará o caráter de preocupação dominante, como tomaria o caráter religioso, se a pessoa se entregasse com excesso às práticas devocionais, e a responsabilidade seria atribuída ao Espiritismo. O que se pode fazer de melhor com qualquer pessoa que revele tendência à idéia fixa é dirigir as suas preocupações em outra direção, a fim de proporcionar descanso aos órgãos enfraquecidos. (Há livros inteiros, de médicos eminentes, atribuindo ao Espiritismo a causa da maioria dos casos de loucura. Kardec, entretanto, já havia advertido, desde a publicação de O Livro dos Espíritos, em 1857, que a causa real não está nas idéias ou nas crenças da pessoa, mas na sua condição mental ou cerebral. O seu conselho de precauções na prática da mediunidade serviu, embora a contrasenso, para fundamentar as acusações contra o Espiritismo. Hoje, felizmente, nos meios científicos atualizados, chegou-se à compreensão da verdade ensinada por Kardec. As pesquisas parapsicológicas, por sua vez, vêm confirmando a tese kardeciana. Só o fanatismo ou a ignorância podem justificar hoje a repetição dessas acusações absurdas. (N. do T.)

Chamamos a atenção dos leitores, a esse respeito, para o item XII da introdução de O Livro dos Espíritos.

*

CURSO PREPARATÓRIO

10ª. AULA

CONVERSAS FAMILIARES DE ALÉM-TÚMULO

- 1) **Revista Espírita. Maio de 1858. Conversas familiares de além-túmulo. MOZART.**
- 2) **Revista Espírita. Maio de 1859. MOZART/CHOPIN.**
- 3) **Revista Espírita. Maio de 1861. A pintura e a música. LAM-MENAIIS.**
- 4) **Livro: Obras Póstumas. Influência perniciosa das idéias materialistas. SOBRE AS ARTES EM GERAL: SUA REGENERAÇÃO PELO ESPIRITISMO.**
- 5) **Livro: Obras Póstumas. A TEORIA DO BELO. LAVÁTER.**
- 6) **Livro: Obras Póstumas. A MÚSICA CELESTE.**
- 7) **Livro: Obras Póstumas. A MÚSICA ESPÍRITA. ROSSINI**

*

1) Conversas familiares de além-túmulo

– Mozart

Revista Espírita, maio de 1858

Um dos nossos assinantes nos comunica as duas conversas seguintes que ocorreram com o Espírito de Mozart. Não sabemos nem onde e nem quando essas conversas tiveram lugar; não conhecemos nem os interrogadores, nem o médium; nelas somos, pois, completamente estranhos. Apesar disso, notar-se-á a concórdia perfeita que existe entre as respostas obtidas e as que foram dadas por outros Espíritos, sobre diversos pontos capitais da Doutrina, em circunstâncias diferentes, seja a nós, seja a outras pessoas, e que narramos em nossos fascículos precedentes, e em *O Livro dos Espíritos*. Chamamos, sobre essa semelhança, toda a atenção dos nossos leitores, que dela tirarão a conclusão que julgarem a propósito.

Aqueles, pois, que poderiam ainda pensar que as respostas às nossas perguntas podem ter o reflexo de nossa opinião pessoal, verão por aí se, nessa ocasião, pudemos exercer uma influência qualquer. Felicitamos as pessoas que fizeram essas entrevistas pela maneira com que as perguntas estão postas. Apesar de certas faltas que decorrem da inexperiência dos interlocutores, em geral, estão formuladas com ordem, clareza e precisão, e não se afastam da linha séria: é uma condição essencial para se obter boas comunicações. Os Espíritos elevados

vão às pessoas sérias que querem se esclarecer de boa-fé; os Espíritos leviãos se divertem com as pessoas frívolas.

PRIMEIRA CONVERSA

1. Em nome de Deus, Espírito de Mozart, estás aqui? - R. Sim.
2. Por que antes Mozart do que um outro Espírito? - R. Foi a mim que haveis evocado: eu vim.
3. O que é um médium? - R. O agente que une o meu Espírito ao teu.
4. Quais são as modificações, tanto fisiológicas quanto anímicas, que, sem o saber, o médium sofre quando entra em ação intermediária? - R. Seu corpo não sente nada, mas seu Espírito, em parte desligado da matéria, está em comunicação com o meu e me une a vós.

5. O que se passa nele, nesse momento? - R. Nada para o corpo; mas uma parte do seu Espírito é atraída para mim; faço sua mão agir pelo poder que meu Espírito exerce sobre ele.

6. Assim, o indivíduo médium entra, então, em comunicação com uma individualidade espiritual diferente da sua? - R. Certamente; também tu, sem seres médium, estás em relação comigo.

7. Quais são os elementos que concorrem para a produção desse fenômeno? - R. Atração dos Espíritos para instruírem os homens; leis de eletricidade física.

8. Quais são as condições indispensáveis? - R. É uma faculdade concedida por Deus.

9. Qual é o princípio determinante? - R. Não posso dizê-lo.

10. Poderias dele nos revelar as leis? - R. Não, não, não no presente; mais tarde sabereis tudo.

11. Em quais termos positivos poder-se-ia enunciar a fórmula sintética desse maravilhoso fenômeno? - R. Leis desconhecidas, que não poderiam ser compreendidas por vós.

12. O médium poderia se pôr em relação com a alma de um vivo, e em que condições? - R. Facilmente, se o vivente dorme. (Se uma pessoa viva for evocada no estado de vigília, pode adormecer no momento da evocação, ou pelo menos experimentar um entorpecimento e uma suspensão das faculdades sensitivas; mas, muito freqüentemente, a evocação não dá resultado, sobretudo se não for feita com uma intenção séria e benevolente.).

13. Que entendes pela palavra *alma*? - R. A centelha divina.

14. E por Espírito? - R. O Espírito e a alma são uma mesma coisa.

15. A alma, enquanto Espírito imortal, tem consciência do ato da morte, e consciência dela mesma, ou do *eu*, imediatamente depois da morte? - R. A alma nada sabe do passado e não conhece o futuro senão depois da morte do corpo; então vê sua vida passada e suas últimas provas; escolhe a sua nova expiação, por uma vida nova, e a prova que vai suportar; também não deve se lamentar do que se sofre na Terra, e deve suportá-la com coragem.

16. A alma se encontra, depois da morte, desligada de todo elemento, de todo laço terrestre? - R. De todo elemento, não; ela tem ainda um fluido que lhe é próprio, que haure na atmosfera do seu planeta, e que representa a aparência da sua última encarnação; os laços terrestres não lhe são mais nada.

17. Ela sabe de onde vem e para onde vai? - R. A questão décima-quinta responde a isso.

18. Não leva nada com ela deste mundo? - R. Nada senão a lembrança de suas boas ações, o arrependimento de suas faltas, e o desejo de ir para um mundo melhor.

19. Ela abarca, de um golpe de vista retrospectivo, o conjunto da sua vida passada? - R. Sim, para servir à sua vida futura.

20. Ela entrevê o objetivo da vida terrestre e a significação, o sentido dessa vida, assim como as perspectivas que lhe fornecemos com respeito à vida futura? - R. Sim; ela compreende a necessidade de depuração para chegar ao infinito; quer se purificar para alcançar mundos bem-aventurados. Sou feliz; mas não estou ainda nos mundos onde se goza da visão de Deus!

21. Existe na vida futura uma hierarquia de Espíritos, e qual é sua lei? - R. Sim: é o grau de depuração que a define; a bondade, as virtudes são os títulos de glória.

22. É a inteligência, enquanto força progressiva, que lhe determina a marcha ascendente? - R. Sobretudo as virtudes: o amor ao próximo acima de tudo.

23. Uma hierarquia de Espíritos fará supor uma outra de inteligência; esta última existe e de que forma? - R. A inteligência, dom de Deus, é sempre a recompensa das virtudes: caridade, amor ao próximo. Os Espíritos habitam diferentes planetas, segundo o seu grau de perfeição: neles gozam de mais ou menos felicidade.

24. O que é preciso entender por Espíritos superiores? - R. Os Espíritos purificados.

25. Nosso globo terrestre é o primeiro de seus degraus, o ponto de partida, ou viemos de mais baixo? - R. Há dois globos antes do vosso, que é um dos menos perfeitos.

26. Qual é o mundo que habitas? És feliz? - R. Júpiter. Nele gozo de uma grande calma; amo todos aqueles que me cercam; não temos mais ódio.

27. Se tens lembrança da vida terrestre, deves lembrar dos esposos A..., de Viena; haveis revisto todos os dois depois da morte, em qual mundo e em quais condições? - R. Não sei onde estão; não posso dizer-te. Um é mais feliz do que o outro. Por que me falas deles?

28. Podes, por uma única palavra indicativa de um fato capital da vida, que não podes haver esquecido, fornecer-me uma prova certa dessa lembrança. Eu te suplico dizer essa palavra - R. Amor; reconhecimento.

SEGUNDA CONVERSA

O interlocutor não é o mesmo. Julga-se, pela natureza da conversação, tratar-se de um artista músico, feliz por conversar com um mestre. Após diversas questões que cremos inútil relatar, Mozart diz:

1. Acabemos com as perguntas de G...: falarei contigo; dir-te-ei o que entendemos por melodia em nosso mundo. Por que não me evocaste mais cedo? Eu teria respondido.

2. O que é a melodia? - R. Frequentemente, é para ti uma lembrança da vida passada; teu Espírito se lembra do que entreviu num mundo melhor. No planeta onde estou, Júpiter, a melodia está por toda parte, no murmúrio da água, o ruído das folhas, o *canto* do vento; as flores murmuram e cantam; tudo emite sons melódiosos. Se é bom; ganha esse planeta pelas tuas virtudes; escolheste bem cantando Deus: a música religiosa ajuda a elevação da alma.

Quanto gostaria poder vos inspirar o desejo de ver esse mundo onde se é tão feliz! está pleno de caridade; tudo ali é belo! A Natureza tão admirável! Tudo vos inspira o desejo de estar com Deus. Coragem! Coragem! Crede bem em minha comunicação espírita: sou bem eu que lá estou; alegro-me em poder dizer-vos o que experimentamos; que eu possa vos inspirar bastante o amor ao bem para vos tornar dignos dessa recompensa, que nada são perto das outras às quais aspiro!

3. Nossa música é a mesma nos outros planetas? - R. Não; nenhuma música pode vos dar a idéia da música que temos ali; é divina! Ó felicidade! merecer gozar de semelhantes harmonias: luta; coragem! Não temos instrumentos; são as plantas, os pássaros que são os coristas; o pensamento compõe e os ouvintes desfrutam sem audição material, sem o recurso da palavra, e isso a uma distância incomensurável. Nos mundos superiores isso é ainda mais sublime.

4. Qual é a duração da vida de um Espírito encarnado em outro planeta, que não seja o nosso?

- R. Curta nos planetas inferiores; mais longa nos mundos como aquele onde tenho a felicidade de estar; em média, em Júpiter, ela é de trezentos a quinhentos anos.

5. Há uma grande vantagem em voltar a habitar na Terra? - R. Não, a menos que seja em missão; então, se avança.

6. Não se seria mais feliz permanecendo como Espírito? - R. Não, não! es-tacionar-se-ia; pede-se, ao ser reencarnado, para avançar para Deus.

7. É a primeira vez que estou na Terra? - R. Não; mas não posso falar-te do passado de teu Espírito.

8. Poderia ver-te em sonho? - R. Se Deus o permitir, far-te-ei ver minha casa em sonho, e dela te recordarás.

9. Onde estás aqui? - R. Entre ti e tua filha, eu vos vejo; estou sob a forma que tinha quando vivo.

10. Eu poderia ver-te? - R. Sim; crê e verás. Se tivesses maior fé, ser-nos-ia permitido dizer o porquê; tua própria profissão é um laço entre nós.

11. Como entraste aqui? - R. O Espírito atravessa tudo.

12. Estás ainda bem longe de Deus? - R. Ó! sim!

13. Compreendes melhor do que nós o que é a eternidade? -R. Sim, sim, não podeis compreendê-la tendo um corpo.

14. Que entendes pelo Universo? Teve começo e terá um fim? - R. O Uni-verso, segundo vós, é vossa Terra! Insensatos! O Universo não teve começo e não terá fim; pensai que é a obra inteira de Deus; o Universo é o Infinito.

15. O que se deve fazer para ficar calmo? - R. Não te inquietes tanto pelo teu corpo; terás o Espírito perturbado; resiste a essa tendência

16. O que é essa perturbação? - R. Temes a morte.

17. Que fazer para não temê-la? - R. Crê em Deus; crê sobretudo, que Deus não arrebata nunca um pai *útil* à sua família.

18. Como chegar a essa calma? - R. O querer.

19. Onde haurir essa vontade? - R. Distrai teu pensamento disso pelo tra-balho.

20. Que devo fazer para aperfeiçoar meu talento? - R. Podes me evocar; obtive a permissão de te inspirar.

21. Isso quando eu trabalhar? - R. Certamente! Quando quiseres trabalhar, algumas vezes estarei perto de ti.

22. Ouvirás minha obra? (uma obra musical do interrogador) -R. És o pri-meiro músico que me evoca; venho a ti com prazer e escuto as tuas obras.

23. Como ocorre que nunca foste evocado? - R. Fui evocado, mas não por músicos.

24. Por quem? - R. Por várias damas e amadores, em Marseille.

25. Por que a *Ave...* me toca até às lágrimas? - R. Teu Espírito se desliga e se junta ao meu e ao de *Pergolèse*, que me inspirou essa obra, mas esqueci esse pedaço.

26. Como podes esquecer a música composta por ti? - R. A que existe aqui é tão bela! Como lembrar-se daquilo que era todo matéria?

27. Vês minha mãe? - R. Ela está encarnada na Terra.

28. Em que corpo? - R. Disso nada posso dizer.

29. E meu pai? - R. Está errante para ajudar ao bem; fará tua mãe progredir; estarão reencarnados juntos, e serão felizes.

30. Vem me ver? - R. Frequentemente; tu lhe deves os movimentos caridosos.

31. Foi minha mãe quem pediu para estar reencarnada? - R. Sim; disso tinha um grande desejo, para subir por uma nova prova e entrar num mundo superior à Terra; ela já deu um passo imenso.

32. Que queres dizer com isso? - R. Ela resistiu a todas as tentações; sua vida na Terra foi sublime em comparação com o seu passado, que era o de um Espírito inferior; também subiu vários degraus.

33. Tinha, pois, escolhido uma prova acima das suas forças? -R. Sim, é isso.

34. Quando sonho que a vejo, é ela mesma que vejo? - R. Sim, sim.

35. Se tivesse evocado Bichat no dia da inauguração de sua estátua, teria respondido? Estava lá? - R. Estava, e eu também.

36. Porque ali estavas? - R. Com vários outros Espíritos que se alegram com o bem, e que ficam felizes em ver que glorificais aqueles que se ocupam com a Humanidade sofredora.

37. Obrigado, Mozart; adeus. - R. Crede, crede que ali estou... Sou feliz... Crede que há mundos acima do vosso... Crede em Deus... Evocai-me mais frequentemente, e em companhia de músicos; estarei feliz por vos instruir e contribuir para o vosso adiantamento, e de vos ajudar a subir até Deus. Evocai-me; adeus.

*

2) **Música de além-túmulo. MOZART/CHOPIN**
Revista Espírita, maio de 1859

O Espírito de Mozart veio ditar ao excelente médium, Senhor Bryon-Dorgeval, um fragmento de sonata. Como meio de controle, esse último fê-la ouvir por vários artistas, sem indicar-lhes a fonte, pedindo simplesmente que comentassem sobre o que encontravam nesse trecho; cada um nele reconheceu, sem hesitação, a marca de Mozart. Foi executado na sessão da Sociedade, do dia 8 de abril último, em presença de numerosos conhecedores, pela música senhorita de Davans, aluna de Chopin e pianista distinta, que consentiu em prestar seu concurso.

Como ponto de comparação, a senhorita de Davans, preliminarmente, fez ouvir uma sonata composta por Mozart quando vivo. Não houve senão uma voz, não só sobre a perfeita identidade do gênero, mas ainda sobre a superioridade da composição espírita. Um trecho de Chopin foi em seguida executado pela senhorita de Davans, com seu talento habitual. Não se poderia perder essa ocasião de invocar esses dois compositores com os quais se teve a conversa seguinte:

Mozart

1. Sem dúvida sabeis qual o motivo que nos fez chamar-vos? - R. Vosso chamado me dá *prazer*.

2. Reconheceis o trecho, que se acabou de tocar, como sendo ditado por vós - R. Sim, muito bem; eu o reconheço inteiramente. O médium, que me serviu de intérprete, é um amigo que não me traiu.

3. Qual dos dois trechos preferis? - R. O segundo, sem paralelo.

4. Por quê? - R. A doçura, o encanto nele estão mais vivos e com mais ternura, ao mesmo tempo.

Nota. - Com efeito, essas são as qualidades reconhecidas nesse trecho.

5. A música do mundo que habitais, pode ser comparada à nossa? - R. Servos-ia difícil compreendê-la; temos sentidos que não possuíis.

6. Disseram-nos que, em vosso mundo, há uma harmonia natural, universal que não conhecemos neste mundo. - R. É verdade; na vossa Terra, fazeis a música; aqui, toda a Natureza faz ouvir sons melodiosos.

7. Poderíeis tocar, vós mesmo, no piano? - R. Poderia, sem dúvida, mas não o quero; é inútil.

8. Isso seria, no entanto, poderoso motivo de convicção. - R. Não estais convencidos?

Nota - Sabe-se que os Espíritos jamais se prestam às provas; frequentemente, fazem espontaneamente o que não se lhes pedem; esta, aliás, entra na categoria das manifestações físicas das quais os Espíritos elevados não se ocupam.

9. Que pensais da recente publicação de vossas cartas? - R. Ela evocou muito minhas recordações.

10. Vossa recordação está na memória de todo o mundo; poderíeis precisar o efeito que essas cartas produziram na opinião? -R. Sim, amaram-na, e se apegou muito mais a mim como homem, como não acontecia antes.

Nota, - A pessoa, estranha à Sociedade, que colocou essas últimas perguntas, confirmou que tal foi, com efeito, a impressão produzida por essa publicação.

11. Desejamos interrogar Chopin; podemos? - R. Sim; ele está mais triste e mais sombrio do que eu.

Chopin

12. (Depois da evocação) Poderíeis dizer-nos em que situação estais como Espírito? - R. Ainda errante.

13. Lamentais a vida terrestre? - R. Não sou infeliz.

14. Sois mais feliz do que não éreis? - R. Sim, um pouco.

15. Dissestes *um pouco*, o que quer dizer que não há uma grande diferença; o que vos falta para sê-lo mais? - R. Eu disse um pouco, com relação aquilo que poderia ter sido; porque com minha inteligência, poderia adiantar-me mais do que eu fiz.

16. A felicidade que não tendes agora esperais tê-la um dia? -R. Seguramente, isso virá, mas serão necessárias novas provas.

17. Mozart disse que estais sombrio e triste; por que isso? - R. Mozart disse a verdade. Eu me entristeço, porque empreendi uma prova que não conduzi bem, e não tenho mais a coragem para recomeçá-la.

18. Como apreciáis as vossas obras musicais? - R. Eu as estimo muito, mas entre nós faz-se melhor; sobretudo, executa-se melhor; têm-se mais meios.

19. Quais são, pois, vossos executantes? - R. Temos, sob nossas ordens, legiões de executantes que seguem nossas composições com mil vezes mais de arte do que nenhum dos vossos; são músicos completos; o instrumento do qual se servem é sua garganta, por assim dizer, e são ajudados por instrumentos, espécies de órgãos de uma precisão e de uma melodia que pareceis não dever compreender.

20. Estais ainda errante? - R. Sim; quer dizer que não pertença a nenhum planeta exclusivamente.

21. E vossos executantes, estão também errantes? - R. Errantes como eu.

22. (A Mozart.) Teríeis a bondade de nos explicar o que Chopin acaba de dizer? Não compreendemos essa execução por Espíritos errantes. - R. Concebo vosso espanto; todavia, dissemos-vos que há mundos particularmente atribuídos aos seres errantes, mundos nos quais podem habitar temporariamente; espécies de acampamentos, de campos para repousar seus espíritos fatigados por uma muito longa erraticidade, estado sempre um pouco penoso.

23. (A Chopin.) Reconheceis aqui um de vossos alunos? - R. Sim, ele me parece.

24. Estaríeis à vontade assistindo à execução de um trecho de vossa composição? - R. Isso me dará muito prazer, sobretudo executada por uma pessoa que guardou de mim uma boa lembrança; que ela aceite os meus agradecimentos.

25. Poderíeis dar-nos o vosso julgamento sobre a música de Mozart? - R. Gosto muito dela; vejo Mozart como meu mestre.

26. Partilhais sua opinião relativamente à música de hoje? - R. Mozart disse que a música era melhor compreendida em seu tempo do que hoje: é a verdade; objetaria, todavia, de que há ainda verdadeiros artistas.

Nota. - O fragmento de sonata ditado pelo Espírito de Mozart acaba de ser publicado. Pode-se procurá-lo, seja no Escritório da *Revista Espírita*, seja na livraria espírita do senhor Ledoyen, Palais Royal, galeria de Orléans, 31 - preço: 2 francos. -Será remetida *franqueada*, contra remessa de uma ordem dessa quantia.

**3) REVISTA ESPÍRITA
MAIO DE 1861**

A pintura e a música. LAMMENAIS.

(Sociedade Espírita de Paris, Médiun Sr. Alfred Didier.)

A arte foi definida cem mil vezes: é o belo, o verdadeiro, o bem. A música, que é um dos ramos da arte, está inteiramente no domínio da sensação. Entendamo-nos e tratemos de não ser obscuros.

A sensação é produzida no homem quando ele compreende a de dois modos distintos, mas que se ligam estreitamente; a sensação do pensamento que tem por conclusão a melancolia ou a filosofia, e depois a sensação que pertence inteiramente ao coração.

A música, segundo eu, é a arte que vai mais direta ao coração. A sensação, vós me compreendeis, está toda no coração; a pintura, a arquitetura, a escultura, a pintura antes de tudo, atingem bem mais a sensação cerebral; em uma palavra, a música vai do coração ao espírito, a pintura do pensamento ao coração.

A exaltação religiosa criou o órgão: quando a poesia, sobre a Terra, toca o órgão, os anjos do céu lhe respondem; assim a música séria, religiosa eleva a alma e os pensamentos: a música leviana faz vibrar os nervos, nada mais.

Eu gostaria de interpretar algumas personalidades, mas não tenho direito disso: eu não estou mais sobre a Terra. Amai o *Requiem* de Mozart que o matou. Eu não desejo mais do que os Espíritos, vossa morte pela música, mas a morte vivente; entretanto, aí está o esquecimento de tudo o que é terrestre, pela elevação moral.

LAMENNAIS.

*

4) LIVRO: OBRAS PÓSTUMAS
Influência perniciosa das idéias materialistas
SOBRE AS ARTES EM GERAL
SUA REGENERAÇÃO PELO ESPIRITISMO

Lê-se no **Courrier de Paris** du **Monde Illustré** de 19 de dezembro de 1868:

“Carmouche escreveu mais de duzentas comédias e xácaras, e poucos nos dias de hoje lhe conhecem o nome. É que nada é tão fugaz como a glória dramática, que excita tantas ambições.

“Quem não produz obras-primas está condenado a ver o nome cair no esquecimento, tão depressa deixe o campo de batalha. Mesmo durante a luta, a maior parte não o conhece. O público, quando lê o anúncio, só o preocupa o título da peça, pouco lhe importando saber quem a escreveu. Bem poucas vezes vos lembrareis do nome do autor de uma obra interessante de que guardas memória. E quanto mais entrardes pela vida, mais vos acontecerá isto: **são as preocupações materiais sobrepondo-se cada vez mais aos interesses artísticos.**

“Precisamente a esse propósito, Carmouche contava uma anedota típica. Conversando, dizia, com o meu alfarrabista, acerca do seu comerciazinho, ele se manifestava assim: ‘Isto não vai mal, meu senhor, mas modifica-se; os artigos que se vendem já não são os mesmos de antes. Outrora, quando me surgia um rapaz de 18 anos, nove vezes em dez era à procura de um dicionário de rimas; hoje, é para me pedir um manual das operações da Bolsa’.”

As preocupações de ordem material se sobrepõem aos cuidados artísticos; mas, como não ser assim, quando os maiores esforços se fazem para concentrar todos os pensamentos do homem na vida carnal e para destruir nele toda esperança, toda aspiração que ultrapasse essa existência?

É lógica, inevitável semelhante conseqüência para aquele que nada vê fora do círculo estreito da efêmera vida presente.

Quando a criatura nada percebe atrás de si, nada adiante de si, nada acima de si, em que pode ela concentrar seus pensamentos senão no ponto onde se encontra?

O que há de sublime na arte é a poesia do ideal, que nos transporta para fora da esfera acanhada de nossas atividades. Mas, o ideal paira exatamente nessa região extramaterial onde só se penetra pelo pensamento; que a vista corporal não pode varar, mas que a imaginação concebe. Ora, que inspiração pode o Espírito haurir da idéia do nada?

O pintor que unicamente houvesse visto o céu brumoso, as estepes áridas e monótonas da Sibéria e que julgasse estar ali todo o Universo, poderia conceber e descrever o brilho e a riqueza de tons da natureza tropical? Como querereis que os vossos artistas e os vossos poetas vos transportem a regiões que eles não vêem com os olhos da alma, que não compreendem e nas quais nem mesmo crêem?

O Espírito somente pode identificar-se com o que sabe ou crê ser a verdade e essa verdade, embora de ordem moral, se lhe torna uma realidade que tanto melhor ele exprime, quanto melhor a sente. Se à inteligência da coisa junta a flexibilidade do talento, faz que suas próprias impressões se transmitam às almas dos outros. Mas, que impressões pode provocar nos outros aquele que não as tem?

Para o materialista, a realidade é a Terra; seu corpo é tudo, pois que, além dele, nada mais há, visto que a sua própria mente se extingue com a desorganiza-

ção da matéria, como o fogo com o combustível. Não pode, portanto, com a linguagem da arte, exprimir senão o que vê e sente.

Ora, se ele só vê e sente a matéria tangível, unicamente isso lhe é possível exprimir. Nada pode haurir de onde apenas vê o vazio. Se se aventura por um mundo que desconhece, entra aí como cego e, malgrado aos esforços que empregue para elevar-se ao diapasão do idealismo, fica no terra-a-terra, como um pássaro sem asas.

A decadência das artes, neste século, resultou inevitavelmente da concentração dos pensamentos sobre as coisas materiais, concentração essa que, a seu turno, é o resultado da ausência de toda crença, de toda fé na espiritualidade do ser. O século apenas colhe o que semeou. **Quem semeia pedras não pode colher frutas.** As artes não sairão do torpor em que jazem, senão por meio de uma reação no sentido das idéias espiritualistas.

Como poderiam o pintor, o poeta, o literato, o músico ligar seus nomes a obras duráveis, quando, em sua maioria, eles próprios não crêem no futuro de seus trabalhos; quando não se apercebem de que a lei do progresso, força invencível que arrasta os Universos pela estrada do infinito, lhes pede mais do que descordadas cópias das criações magistrais dos artistas dos tempos idos! Toda gente se lembra dos Fídias, dos Apeles, dos Rafaéis, dos Miguéis Ângelos, luminosos faróis que se destacam da obscuridade dos séculos transcorridos, como fúlgidas estrelas em meio de profundas trevas; mas, quem se lembrará de notar o claror de uma lâmpada a lutar contra o brilho do Sol de um dia de verão?

O mundo caminhou a passos gigantesco desde os tempos históricos; os filósofos dos povos primitivos gradualmente se transformaram. As artes que se apóiam nas filosofias que lhes são a consagração idealizada, também tiveram que se modificar e transformar. É matematicamente certo dizer-se que, sem crença, as artes carecem de vitalidade e que toda transformação filosófica acarreta necessariamente uma transformação artística paralela.

Em todas as épocas de transformação, as artes periclitam, porque a crença em que se estribam não basta às aspirações engrandecidas da Humanidade e porque, não estando ainda adotadas pela grande maioria dos homens os novos princípios, os artistas não ousam explorar, senão de modo hesitante, a mina desconhecida que se lhes abre sob os passos.

Durante as épocas primitivas, em que os homens unicamente conheciam a vida material, em que a Filosofia divinizava a natureza, a Arte buscou, antes de tudo, a perfeição da forma. A beleza corporal era, então, a qualidade capital; a arte se aplicou em a reproduzir e idealizar.

Mais tarde, a Filosofia enveredou por nova senda; os homens, progredindo, reconheceram que acima da matéria havia uma potência criadora e organizadora, que recompensava os bons, punia os maus e fazia da caridade uma lei.

Um mundo novo, o mundo moral se edificou sobre as ruínas do mundo antigo. Dessa transformação nasceu uma arte nova que fez palpitasse a alma sob a forma e junto à percepção plástica a expressão de sentimentos que os antigos desconheciam.

A idéia viveu sob a matéria; mas revestiu as formas severas da Filosofia em que a arte se inspirava. Às tragédias de Ésquilo, aos mármores de Milo, sucederam as descrições e as pinturas das torturas físicas e morais dos réprobos. A arte se elevou; revestiu caráter grandioso e sublime, porém ainda sombrio. Ela está toda, com efeito, na pintura do inferno e do céu da Idade Média, na de sofrimentos eternos, ou de uma beatitude muito distante, colocada tão alto, que nos parece

quase inacessível; é talvez por isso que ela nos toca tão pouco, quando a vemos reproduzida na tela ou no mármore.

Também hoje, ninguém ousaria contestá-lo, o mundo está num período de transição, solicitado violentamente por hábitos obsoletos, crenças precárias do passado e verdades novas, que lhe são progressivamente desvendadas.

Assim como a arte cristã sucedeu à arte pagã, transformando-a, a arte espírita será o complemento e a transformação da arte cristã. O Espiritismo, efetivamente, nos mostra o porvir sob uma luz nova e mais ao nosso alcance. Por ele, a felicidade está mais perto de nós, está ao nosso lado, nos Espíritos que nos cercam e que jamais deixaram de estar em relação conosco.

A morada dos eleitos, a dos condenados já não se acham insuladas; há incessante solidariedade entre o céu e a Terra, entre todos os mundos de todos os Universos; a ventura consiste no amor mútuo de todas as criaturas que chegam à perfeição e numa constante atividade, com o objetivo de instruir e conduzir àquela mesma perfeição os que se tornaram retardatários.

O inferno está no próprio coração do culpado, que tem nos remorsos o seu castigo, não mais, todavia, eterno, e ao mau, que toma o caminho do arrependimento, se depara de novo a esperança, sublime consolação dos desgraçados.

Que inesgotáveis fontes de inspiração para a arte! Que obras-primas de todos os gêneros as novas idéias suscitarão, pela reprodução das cenas tão multiplicadas e várias da vida espírita! Em vez de representar despojos frios e inanimados, ver-se-á uma mãe tendo ao lado a filha querida em sua forma radiosa e etérea; a vítima a perdoar ao seu algoz; o criminoso a fugir em vão ao quadro, sem cessar presente aos olhos, de suas ações culposas! o insulamento do egoísta e do orgulhoso, em meio da multidão; a perturbação do Espírito que volve à vida espiritual, etc., etc.

E, se o artista quiser elevar-se acima da esfera terrestre, aos mundos superiores, verdadeiros Edens onde os Espíritos adiantados gozam da felicidade que conquistaram, ou, se desejar reproduzir alguns aspectos dos mundos inferiores, verdadeiros infernos onde reinam soberanamente as paixões, que cenas emocionantes, que quadros palpitantes de interesse se lhe depararão!

Sem dúvida, o Espiritismo abre à arte um campo inteiramente novo, imenso e ainda inexplorado. Quando o artista houver de reproduzir com convicção o mundo espírita, haurirá nessa fonte as mais sublimes inspirações e seu nome viverá nos séculos vindouros, **porque, às preocupações de ordem material e efêmeras da vida presente, sobreporá o estado da vida futura e eterna da alma.**

*

5) LIVRO OBRAS PÓSTUMAS A TEORIA DO BELO. LAVÁTER

Será a beleza coisa convencional e relativa a cada tipo? O que, para certos povos, constitui a beleza, não será, para outros, horrenda fealdade? Os negros se consideram mais belos que os brancos e vice-versa. Nesse conflito de gostos, haverá uma beleza absoluta? Em que consiste ela? Somos, realmente, mais belos do que os hotentotes e os cafres? Por quê?

Esta questão que, à primeira vista, parece estranha ao objeto dos nossos estudos, a eles, no entanto, se prende de modo direto e entende com o futuro mesmo da Humanidade. Ela nos foi sugerida, assim como a sua solução, pela seguinte passagem de um livro muito interessante e muito instrutivo, intitulado: *As Revoluções Inevitáveis no Globo e na Humanidade*, de Carlos Richard.

O autor combate a opinião dos que sustentam a degenerescência física do homem, desde os tempos primitivos; refuta vitoriosamente a crença na existência de uma primitiva raça de gigantes e empreende provar que, do ponto de vista físico e do talhe, os homens de hoje valem tanto quanto os antigos, se é que não os ultrapassam.

Tratando da beleza das formas, exprime-se ele assim, nas páginas 41 e seguintes:

“Pelo que toca à beleza do rosto, à graça da fisionomia, ao conjunto que constitui a estética do corpo, ainda é mais fácil de comprovar-se a melhoria operada.

“Basta, para isso, que se lance um olhar sobre os tipos que as medalhas e as estátuas antigas nos transmitiram intactas através dos séculos.

“A iconografia de Visconti e o museu do Conde de Clarol são, entre muitas outras, duas fontes donde com facilidade se podem tirar variados elementos para este interessante estudo.

“O que mais solicita a atenção nesse conjunto de figuras é a rudeza dos traços, **a animalidade da expressão, a crueza do olhar**. O observador sente, com involuntário frêmito, que tem diante de si gente que o cortaria em pedaços, para dá-los de comer às suas moréias, como o fazia Polion, rico apreciador de boas iguarias, cidadão de Roma e familiar de Augusto.

“O primeiro Brutus (Lucius Junius), o que mandou cortar a cabeça a seus filhos e assistiu a sangue-frio ao suplício de ambos, assemelha-se a uma fera. Seu perfil sinistro tem da águia e do mocho o que esses dois carniceiros do ar apresentam de mais feroz. Vendo-o, ninguém pode duvidar de que haja merecido a ignominiosa honra que a História lhe conferiu. Assim como matou os dois filhos, também teria estrangulado a própria mãe, pelo mesmo motivo.

“O segundo Brutus (Marcus), que apunhalou César, seu pai adotivo, precisamente na hora em que este mais contava com o seu reconhecimento e o seu amor, lembra, pelos traços, um asno fanático; não mostra, sequer, a beleza sinistra que o artista descobre na energia indomável que impele ao crime.

“Cícero, o orador brilhante, escritor espiritual e profundo, que deixou tão grande recordação da sua passagem por este mundo, tem um rosto acachapado e vulgar, que certamente tornava muito menos agradável vê-lo, do que ouvi-lo.

“Júlio César, o grande, o incomparável vencedor, o herói dos massacres, que deu entrada no reino das sombras com um cortejo de dois milhões de almas por ele previamente despachadas para lá, era tão feio como o seu predecessor, mas de outro gênero. Seu rosto magro e ossudo, posto sobre um pescoço comprido e

enfado por um ‘gogó’ saliente, parecia-se mais com um palhaço do que com um grande guerreiro.

“Galba, Vespasiano, Nerva, Caracala, Alexandre Severo, Balbino, não eram apenas feios, mas horrendos. É com dificuldade que, nesse museu dos antigos tipos da nossa espécie, o observador logra descobrir, aqui ou ali, algumas figuras que possam merecer um olhar de simpatia.

“As de Cipião o Africano, de Pompeu, de Cômodo, de Heliogábalos, de Antinous o pequeno de Adriano, são desse reduzido número. Sem serem belos, no sentido moderno da palavra, essas figuras são, entretanto, regulares e de agradável aspecto.

“As mulheres não são melhor tratadas do que os homens e dão ensejo às mesmas notas. Lívia, filha de Augusto, tem o perfil pontudo de uma fuinha; Agripina faz medo e Messalina, como que para desconcertar a Cabanis e Lavater, parece uma gordanchuda serviçal, mais amante de sopas suculentas, do que de outra coisa.

“Os gregos, é preciso dizê-lo, são, em geral, menos mal talhados que os romanos. As figuras de Temístocles e de Milcíades, entre outros, podem comparar-se aos mais belos tipos modernos. Mas Alcibíades, o avô longínquo dos nossos Richelieu e dos nossos Lauzun, cujas façanhas galantes, por si sós, enchem a crônica de Atenas, tinha, como Messalina, muito pouco do físico que corresponderia às suas atividades. Ao ver-lhe os traços solenes e a fronte grave, quem quer que seja o tomaria antes por um jurisconsulto agarrado a um texto de lei, do que pelo audacioso conquistador, que foi, de mulheres, que se fazia exilar em Esparta, unicamente para enganar o pobre rei Ágis e, depois, vangloriar-se de ter sido amante de uma rainha.

“Sem embargo da pequena vantagem que, quanto a esse ponto, se possa conceder aos gregos sobre os romanos, quem se der ao trabalho de comparar esses velhos tipos com os do nosso tempo, reconhecerá sem esforço que nesse sentido, como em todos os outros, houve progresso.

Apenas, convém não esquecer, nessa comparação, que aqui se trata de classes privilegiadas, sempre mais belas do que as outras e que, por conseguinte, os tipos modernos que se hajam de contrapor aos antigos deverão ser escolhidos nos salões e não nas pocilgas. É que a pobreza, ah! em todos os tempos e sob todos os aspectos, jamais foi bela e não o é, precisamente, para nos envergonhar e forçar-nos a um dia nos libertarmos dela.

“Não quero, pois, dizer, longe disso, que a fealdade haja desaparecido inteiramente das nossas fronteiras e que a marca divina se acha afinal posta em todas as máscaras que velam uma alma. Longe de mim avançar uma afirmação que muito facilmente poderia ser contestada por toda gente.

A minha pretensão se limita a verificar que, num período de dois mil anos, **coisa tão pouca para uma humanidade que tanto tem de viver**, a fisionomia da espécie melhorou de maneira já sensível.

“Creio, além disso, que as mais belas figuras da antigüidade são inferiores às que podemos diariamente admirar em nossas reuniões públicas, em nossas festas e até no trânsito das ruas. Se não fosse o receio de ofender certas modéstias e também o de excitar certos ciúmes, confirmaria a evidência do fato com algumas centenas de exemplos conhecidos de todos, no mundo contemporâneo.

“Os oradores do passado enchem constantemente a boca com a famosa Vênus de Médicis, que lhes parece o ideal da beleza feminina, sem se aperceberem de que essa mesma Vênus passeia todos os domingos pelas avenidas d’Arles,

em mais de cinquenta exemplares, e poucas serão as nossas cidades, sobretudo do Sul, que não possuam algumas...

“...Em tudo o que vimos de dizer, limitamo-nos a comparar o nosso tipo atual com o dos povos que nos precederam de apenas alguns milhares de anos. Se, porém, remontarmos mais longe através das idades, penetrando nas camadas terrestres onde dormem os despojos das primeiras raças que habitaram o nosso globo, a vantagem a nosso favor se tornará de tal modo sensível que qualquer negação a esse propósito se desvanecerá por si mesma.

“Sob aquela influência teológica que deteve Copérnico e Tycho Brahe, que perseguiu Galileu e que, nestes tempos mais próximos, obscureceu por um instante o gênio do próprio Cuvier, a Ciência hesitava em sondar os mistérios das épocas antediluvianas. A narrativa bíblica, admitida ao pé da letra, no mais estreito sentido, parecia haver dito a última palavra acerca da nossa origem e dos séculos que nos separam dela. Mas, a verdade, impiedosa nos seus acrescentamentos, acabou rompendo a veste de ferro em que a queriam aprisionar para sempre e pondo a nu formas até então ocultas.

“O homem que vivia, antes do dilúvio, em companhia dos mastodontes, do urso das cavernas e de outros grandes mamíferos hoje desaparecidos, o homem fóssil, numa palavra, por tão longo tempo negado, foi encontrado afinal, ficando fora de dúvida a sua existência.

Os recentes trabalhos dos geólogos, particularmente os de Boucher de Perthes, de Filippi e de Lyell, permitem se apreciem os caracteres físicos desse venerável avô do gênero humano.

Ora, a despeito dos contos imaginados pelos poetas, sobre a beleza originária; malgrado ao respeito que lhe é devido, como chefe antigo da nossa raça, a Ciência é obrigada a atestar que ele era de prodigiosa fealdade.

“Seu ângulo facial não passava de 70°; suas mandíbulas, de considerável volume, eram armadas de dentes longos e salientes; tinha fugidia a fronte e as têmporas achatadas, o nariz esborrachado, largas as narinas. Em resumo, esse venerável pai devia assemelhar-se bem mais a um orangotango, do que aos seus afastados filhos de hoje; a tal ponto que, se não lhe houvessem achado ao lado as achas de sílex que fabricara e, em alguns casos, animais que ainda apresentavam traços das feridas causadas por essas armas informes, fora de duvidar-se do papel que ele desempenhava na nossa filiação terrestre. Não somente sabia fabricar achas de sílex, como também clavas e pontas de dardos, da mesma matéria.

“A galantaria antediluviana chegava mesmo a confeccionar braceletes e colares de pedrinhas arredondadas para adorno, naqueles tempos longínquos, dos braços e pescoços do sexo encantador, que depois se tornou muito mais exigente, como todos podem testemunhar.

“Não sei o que a respeito pensarão as elegantes dos nossos dias, cujas espáduas cintilam de diamantes; quanto a mim, confesso-o, não me posso ferrar a uma emoção profunda, ao pensar nesse primeiro esforço que o homem, **mal diferenciado do bruto**, fez para agradar à sua companheira, pobre e nua como ele, no seio de uma natureza inóspita, sobre a qual a sua raça há de reinar um dia. Oh! distanciados avós! se já sabíeis amar, com as vossas faces rudimentares, como poderíamos nós duvidar da vossa paternidade, ante esse sinal divino da nossa espécie?

“É, pois, manifesto que aqueles humanos informes são nossos pais, uma vez que nos deixaram traços da sua inteligência e do seu amor, atributos essenciais que nos separam da besta. Podemos, então, examinando-os atentamente, des-

pojados das aluviões que os cobrem, medir, como o compasso, o progresso físico que a nossa espécie realizou, desde o seu aparecimento na Terra. Ora, esse progresso, que, faz pouco, podia ser contestado pelo espírito de sistema e pelos prejuízos de educação, assume tal evidência que não há mais como deixar de o reconhecer e proclamar.

“Alguns milhares de anos podiam permitir dúvidas, algumas centenas de séculos as dissipam irrevogavelmente...”

“...Quão jovens e recentes somos em todas as coisas! Ainda ignoramos o nosso lugar e o nosso caminho na imensidade do Universo e ousamos negar progressos que, por falta de tempo, ainda não puderam ser reconhecidos. Crianças que somos, tenhamos um pouco de paciência e os séculos, aproximando-nos da meta, nos revelarão esplendores que, no seu afastamento, escapam aos nossos olhos apenas entreabertos.

“Mas, desde já, proclamemos em altas vozes, pois que a Ciência no-lo permite, o fato capital e consolador do progresso lento, mas seguro, do nosso tipo físico, rumo a esse ideal que os grandes artistas entreviram, graças às inspirações que o céu lhes envia, revelando-lhes seus segredos. O ideal não é produto ilusório da imaginação, um sonho fugitivo destinado a dar, de tempos a tempos, compensação às nossas misérias. É um fim assinado por Deus aos nossos aperfeiçoamentos, fim infinito, porque só o infinito, em todos os casos, pode satisfazer ao nosso espírito e oferecer-lhe uma carreira digna dele.”

Destas judiciosas observações, resulta que a forma dos corpos se modificou **em sentido determinado** e segundo uma lei, à medida que o ser moral se desenvolveu; que a forma exterior está em relação constante com o instinto e os apetites do ser moral; que, quanto mais seus instintos se aproximam da animalidade, tanto mais a forma igualmente dela se aproxima; enfim, que, à medida que os instintos materiais se depuram e dão lugar a sentimentos morais, o envoltório material, que já não se destina à satisfação de necessidades grosseiras, toma formas cada vez menos pesadas, mais delicadas, de harmonia com a elevação e a delicadeza das idéias.

A perfeição da forma é, assim, conseqüência da perfeição do Espírito: donde se pode concluir que o ideal da forma há de ser a que revestem os Espíritos em estado de pureza, a com que sonham os poetas e os verdadeiros artistas, porque penetram, pelo pensamento, nos mundos superiores.

Diz-se, de há muito, que o semblante é o espelho da alma. Esta verdade, que se tornou axioma, explica o fato vulgar de desaparecerem certas fealdades sob o reflexo das qualidades morais do Espírito e o de, muito amiúde, se preferir uma pessoa feia, dotada de eminentes qualidades, a outra que apenas possui a beleza plástica. É que semelhante fealdade consiste unicamente em irregularidades de forma, mas sem excluir a finura dos traços, necessária à expressão dos sentimentos delicados.

Do que precede se pode concluir que a beleza real consiste na forma que mais afastada se apresenta da animalidade e que melhor reflete a superioridade intelectual e moral do Espírito, que é o ser principal. Influindo o moral, como influi, sobre o físico, que ele apropria às suas necessidades físicas e morais, segue-se:

1º que o tipo da beleza consiste na forma mais própria à expressão das mais altas qualidades morais e intelectuais;

2º que, à medida que o homem se elevar moralmente, seu envoltório se irá avizinando do ideal da beleza, que é a beleza angélica.

O negro pode ser belo para o negro, como um gato é belo para um gato; mas, não é belo em sentido absoluto, porque seus traços grosseiros, seus lábios espessos acusam a materialidade dos instintos; podem exprimir as paixões violentas, mas não podem prestar-se a evidenciar os delicados matizes do sentimento, nem as modulações de um espírito fino.

Daí o podermos, sem fatuidade, creio, dizer-nos mais belos do que os negros e os hotentotes. Mas, também pode ser que, para as gerações futuras, melhoradas, sejamos o que são os hotentotes com relação a nós. E quem sabe se, quando encontrarem os nossos fósseis, elas não os tomarão pelos de alguma espécie de animais.

Lido que foi na Sociedade de Paris, este artigo se tornou objeto de grande número de comunicações, apresentando todas as mesmas conclusões. Transcreveremos apenas as duas seguintes, por serem as mais desenvolvidas:

Paris, 4 de fevereiro de 1869. (Médium: Sra. Malet)

Ponderastes com acerto que a fonte primária de toda bondade e de toda inteligência é também a fonte de toda beleza. — O amor gera a beleza de todas as coisas, sendo, ele próprio, a perfeição. — O Espírito tem por dever adquirir essa perfeição, que é a sua essência e o seu destino. Ele tem que se aproximar, por seu trabalho, da inteligência soberana e da bondade infinita; tem, pois, também que revestir a forma cada vez mais perfeita, que caracteriza os seres perfeitos.

Se, nas vossas sociedades infelizes, no vosso globo ainda mal equilibrado, a espécie humana está tão longe dessa beleza física, é porque a beleza moral ainda está em começo de desenvolvimento.

A conexão entre essas duas belezas é fato certo, lógico e do qual já neste mundo a alma tem a intuição. Com efeito, sabeis todos quão penoso é o aspecto de uma encantadora fisionomia, cujo encanto, porém, o caráter desmente. Se ouvís falar de uma pessoa de mérito comprovado, logo lhe atribuídes os mais simpáticos traços e ficais dolorosamente impressionados, quando verificais que a realidade desmente as vossas previsões.

Que concluir daí, senão que, como todas as coisas que o futuro guarda de reserva, a alma tem a presciência da beleza, à medida que a Humanidade progride e se aproxima do seu tipo divino.

Não busqueis tirar, da aparente decadência em que se acha a raça mais adiantada deste globo, argumentos contrários a essa afirmação. Sim, é verdade que a espécie parece degenerar, abastardar-se; sobre vós se abatem as enfermidades antes da velhice; mesmo a infância sofre as moléstias que habitualmente só se manifestam noutra idade da vida. É isso, no entanto, simples transição. A vossa época é má; ela fecha e abre: fecha um período doloroso e gera uma época de regeneração física, de adiantamento moral, de progresso intelectual.

A nova raça, de que já falei, terá mais faculdades, mais recursos para os serviços do espírito; será maior, mais forte, mais bela. Desde o princípio, pôr-se-á de harmonia com as riquezas da Criação que a vossa raça, descuidosa e fatigada, desdenha ou ignora. Ter-lhe-eis feito grandes coisas, das quais ela aproveitará, avançando pela estrada das descobertas e dos aperfeiçoamentos, com um ardor febril cujo poder desconheceis.

Mais adiantados também em bondade, os vossos descendentes farão desta infeliz terra o que não haveis sabido fazer: um mundo ditoso, onde o pobre não será repellido, nem desprezado, mas socorrido por vastas e liberais instituições. Já desponta a aurora dessas idéias; chega-nos, por momentos, a claridade delas.

Amigos, eis afinal o dia em que a luz brilhará na Terra obscura e miserável, em que a raça será boa e bela, de acordo com o grau de adiantamento que haja alcançado, em que o sinal posto na frente do homem já não será o da reprovação, mas um sinal de alegria e de esperança. Então, os Espíritos adiantados virão, em multidões, tomar lugar entre os colonos deste globo; estarão em maioria e tudo lhes cederá ao passo. Far-se-á a renovação e a face do globo será mudada, porquanto essa raça será grande e poderosa e o momento em que ela vier assinalará o começo dos tempos venturosos.

Pamphile

Paris, 4 de fevereiro de 1869.

A beleza, do ponto de vista puramente humano, é uma questão muito discutível e muito discutida. Para a apreciarmos bem, precisamos estudá-la como amador desinteressado. Aquele que estiver sob o encantamento não pode ter voz no capítulo. Também entra em linha de conta o gosto de cada um, nas apreciações que se fazem. Belo, realmente belo só é o que o é sempre e para todos; e essa beleza eterna, infinita, é a manifestação divina em seus aspectos incessantemente variados; é Deus em suas obras e nas suas leis! Eis aí a única beleza absoluta. É a harmonia das harmonias e tem direito ao título de absoluta, porque nada de mais belo se pode conceber.

Quanto ao que se convencionou chamar belo e que é verdadeiramente digno desse título, não deve ser considerado senão como coisa essencialmente relativa, porquanto sempre se pode conceber alguma coisa mais bela, mais perfeita.

Somente uma beleza existe e uma única perfeição: Deus. Fora dele, tudo o que adornarmos com esses atributos não passa de pálido reflexo do belo único, de um aspecto harmonioso das mil e uma harmonias da Criação.

Há tantas harmonias, quantos objetos criados, quantas belezas típicas, por conseguinte, determinando o ponto culminante da perfeição que qualquer das subdivisões do elemento animado pode alcançar. — A pedra é bela e bela de modos diversos. —

Cada espécie mineral tem suas harmonias e o elemento que reúne todas as harmonias da espécie possui a maior soma de beleza que a espécie possa alcançar.

A flor tem suas harmonias; também ela pode possuí-las todas ou insuladamente e ser diferentemente bela, mas somente será bela quando as harmonias que concorrem para a sua criação se acharem harmonicamente fusionadas. — Dois tipos de beleza podem produzir, por fusão, um ser híbrido, informe, de aspecto repulsivo. — Há então cacofonia! Todas as vibrações, insuladamente, eram harmônicas, mas a diferença de tonalidade entre elas produziu um desacordo, ao encontrarem-se as ondas vibrantes; *daí o monstro!*

Descendo a escala criada, cada tipo animal dá lugar às mesmas observações e a ferocidade, a manha, até a inveja poderão dar origem a belezas especiais, se estiver sem mistura o princípio que determina a forma.

A harmonia, mesmo no mal, produz o belo. Há o belo satânico e o belo angélico; a beleza enérgica e a beleza resignada.

Cada sentimento, cada feixe de sentimentos, contanto que seja harmônico, produz um particular tipo de beleza, cujos aspectos humanos são todos, não degenerescências, mas esboços.

É, pois, certo dizermos, não que somos mais belos, porém que nos aproximamos cada vez mais da beleza real, à medida que nos elevamos para a perfeição.

Todos os tipos se unem harmonicamente no perfeito. Daí o ser este o belo absoluto. — Nós que progredimos, possuímos apenas uma beleza relativa, debilitada e combatida pelos elementos desarmônicos da nossa natureza.

Pamphile/Lavater

*

6) LIVRO OBRAS PÓSTUMAS A MÚSICA CELESTE

Certo dia, numa reunião familiar, o chefe da família lera uma passagem de *O Livro dos Espíritos* concernente à música celeste.

Uma de suas filhas, boa musicista, pôs-se a dizer consigo mesma: Mas não há música no mundo invisível! Parecia-lhe isso impossível; entretanto, não externou seu pensamento. Na noite do mesmo dia, escreveu ela espontaneamente a comunicação seguinte:

“Esta manhã, minha filha, teu pai te leu uma passagem de *O Livro dos Espíritos*. Tratava-se de música e tu aprendeste que a do céu é muito mais bela do que a da terra. Os Espíritos acham-na muito superior à vossa.

Tudo isto é verdade; no entanto, dizias intimamente: Como poderia Bellini vir dar-me conselhos e ouvir a minha música? Foi provavelmente algum Espírito leviano e farsista. (Alusão aos conselhos que o Espírito Bellini às vezes lhe dava sobre música.)

Enganas-te, minha filha. Quando os Espíritos tomam sob a sua proteção um encarnado, o objetivo que colimam é fazê-lo adiantar-se.

“Assim, Bellini já não acha bela a sua música, porque não a pode comparar à do Espaço; mas, vendo a tua aplicação e o teu amor a essa arte, se te dá conselhos, é por sincera satisfação. Ele deseja que o teu professor seja recompensado de todo o seu esforço. Achando suas composições muito infantis, em face das sublimes harmonias do mundo invisível, ele aprecia o teu talento, que se pode qualificar de grande aí nesse mundo. Acredita, minha filha, os sons dos vossos instrumentos, as vossas mais belas vozes não poderiam dar-vos a menor idéia da música celeste e da sua suave harmonia.”

Passados alguns instantes, disse a moça: “Papai, papai, vou adormecer, vou cair.” Logo se lançou numa poltrona, exclamando: “Oh! papai, papai, que música deliciosa!... Desperta-me, senão eu me vou.”

Não sabendo os assistentes, aterrorizados, como fazer para despertá-la, disse ela: “Água, água.” Com efeito, algumas gotas que lhe salpicaram no rosto deram pronto resultado. Atordoada a princípio, voltou lentamente a si, sem a mínima consciência do que se passara.

Ainda na mesma noite, achando-se só, o pai da donzela recebeu do Espírito S. Luiz a explicação seguinte:

“Quando lias à tua filha a passagem de *O Livro dos Espíritos* referente à música celeste, ela se conservava em dúvida; não compreendia que no mundo espiritual pudesse haver música. Eis por que depois eu lhe disse que era verdade. Não tendo a minha afirmativa podido persuadi-la, Deus permitiu que, para convencer-se, ela caísse em sono sonambúlico. Então, desprendendo-se do corpo adormecido, seu Espírito se lançou pelo Espaço e foi admitido nas regiões etéreas, onde ficou em êxtase produzido pela impressão da harmonia celeste. Por isso foi que exclamou: “Que música! que música!” Sentindo-se, porém, transportada a regiões cada vez mais elevadas do mundo espiritual, pediu que a despertassem, indicando o meio de o conseguirem: com água.

“Tudo se faz pela vontade de Deus. O Espírito de tua filha não mais duvidará. Embora, despertado, não guarde lembrança nítida do que se passou, seu Espírito sabe agora onde está a verdade. “Agradecei a Deus os favores de que cumula esta criança. Agradecei-lhe o dignar-se fazer-vos conhecer cada vez mais a sua

onipotência e a sua bondade. Que suas bênçãos se derramem sobre vós e sobre este médium, ditoso entre mil!”

NOTA — Perguntar-se-á talvez que convicção pode ter resultado para aquela moça do que lhe foi dado ouvir, uma vez que de nada se lembra. Se, no estado de vigília, os pormenores se lhe apagaram da memória, seu Espírito se recorda. Ficou-lhe uma intuição, bastante para lhe modificar as idéias. Ao invés de fazer-lhes oposição, ela aceitará sem dificuldade as explicações que lhe foram dadas, porque as compreenderá e intuitivamente as reconhecerá de acordo com o seu sentimento íntimo.

O que se passou neste fato isolado, pelo espaço de alguns minutos, durante a breve excursão que o Espírito da moça realizou pelo mundo espiritual, é análogo ao que se dá no intervalo de uma existência a outra, quando o Espírito que encarna possui luzes sobre um assunto qualquer. Ele se apropria sem dificuldade de todas as idéias referentes a esse assunto, se bem que, como homem, não se recorde da maneira por que as adquiriu. Ao contrário, as idéias, para cuja assimilação ainda não se acha maduro, dificilmente lhe entram no cérebro.

Assim se explica a facilidade com que certas pessoas assimilam as idéias espíritas. Em tais pessoas, essas idéias nada mais fazem que despertar as que já elas possuíam. As criaturas a que nos referimos são espíritas de nascença, como outros são poetas, músicos ou matemáticos. Logo às primeiras palavras, compreendem e não necessitam de fatos materiais para se convencerem.

É, não há duvidar, um sinal de adiantamento moral e de desenvolvimento espiritual.

Na comunicação acima se lê: “Agradecei a Deus os favores de que cumula esta criança; que suas bênçãos desçam sobre este médium, ditoso entre mil!” Poder-se-ia supor que estas palavras indicam a concessão de um favor, uma preferência, um privilégio, quando o Espiritismo ensina que, sendo Deus soberanamente justo, nenhuma de suas criaturas é privilegiada e que ele não facilita o caminho mais a uns do que a outros. Sem nenhuma dúvida a mesma senda está aberta a todos, mas nem todos a percorrem com a mesma rapidez e com o mesmo resultado; nem todos aproveitam igualmente das instruções que recebem. O Espírito da moça em questão, embora jovem como encarnado, já com certeza muito vivera e progredira bastante.

Os bons Espíritos, achando-a dócil aos seus ensinamentos, se comprazem em instruí-la, como faz o professor ao aluno em quem descobre boas disposições. É nesse sentido que o médium é ditoso entre muitos outros que, para seu adiantamento moral, nenhum fruto colhem da mediunidade de que são dotados. Não há, pois, neste caso, nem favor, nem privilégio; unicamente uma recompensa. Se o seu Espírito deixasse de ser digno dela, dentro em pouco teria afastado de si seus bons Guias e se veria cercado de uma multidão de Espíritos maus.

*

7) LIVRO OBRAS PÓSTUMAS A MÚSICA ESPÍRITA. *ROSSINI*

Recentemente, na sede da Sociedade Espírita de Paris, o presidente me deu a honra de pedir a minha opinião sobre o estado atual da música e sobre as modificações que lhe poderiam advir por influência das crenças espíritas. Se de pronto não cedi a esse apelo benévolo e simpático, foi, crede-o, meus senhores, por uma causa de ordem superior.

Os músicos são homens como os outros, mais homens, talvez, e, nessas condições, falíveis e sujeitos a pecar. Nunca estive isento de fraquezas e, se Deus me fez longa a vida, a fim de que eu tivesse tempo de me arrepender, a embriaguez do êxito, a complacência dos amigos e as lisonjas dos cortejadores muitas vezes me tiraram o meio de efetivar esse arrependimento. Um maestro é uma potência neste mundo, onde o prazer desempenha tão importante papel.

Àquele cuja arte consiste em deleitar os ouvidos e enternecer os corações muitas ciladas se lhe armam diante dos passos, nas quais cai o infeliz. Ele se inebria da ebbriedade dos outros; os aplausos lhe tapam as ouças e ei-lo a caminhar direto para o abismo, sem procurar um ponto de apoio para resistir ao arrastamento.

Entretanto, sem embargo dos meus erros, eu depositava fé em Deus; eu cria na alma que vibrava em mim e, libertando-se da gaiola sonora, ela presto se reconheceu em meio das harmonias da criação e confundiu sua prece com as que se elevam da natureza ao infinito, da criação ao Ser incriado!...

Sou feliz pelo sentimento que a minha vinda ao seio dos espíritas provocou, porque foi a simpatia que o determinou, e, se a princípio só a curiosidade me atraiu, é ao meu reconhecimento que deveis a explanação do tema que me propuseram.

Eu ali estava, pronto a falar, supondo tudo saber, quando, abatido o meu orgulho, a minha ignorância se me patenteou.

Fiquei mudo e a escutar. Voltei, instruí-me e, quando às palavras de verdade, ditas pelos vossos mentores, se juntaram a reflexão e a meditação, disse eu de mim para comigo:

O grande maestro Rossini, o criador de tantas obras-primas segundo os homens, nada mais fez, ah! do que debulhar algumas das pérolas menos perfeitas do escrínio musical criado pelo Mestre dos mestres. Rossini reuniu notas, compôs melodias, bebeu da taça que contém todas as harmonias, roubou algumas centelhas ao fogo sagrado, mas, esse fogo sagrado nem ele, nem outros o criaram! — Nada inventamos: copiamos do grande livro da Natureza e a multidão aplaude, quando não apresentamos por demais deformada a partitura.

Uma dissertação sobre a música celeste! Quem poderia de tal coisa encarregar-se? Que Espírito sobre-humano poderia fazer vibrar a matéria em uníssono com essa arte encantadora? Que cérebro humano, que Espírito encarnado poderia apanhar-lhe os matizes infinitamente variados?

Quem possui a esse ponto o sentimento da harmonia?... Não, o homem não está feito em tais condições!... Mais tarde!... muito mais tarde!...

Por agora, virei, talvez dentro em pouco, satisfazer ao vosso desejo e dar-vos a minha apreciação sobre o estado atual da música e dizer-vos das transformações, dos progressos que o Espiritismo poderá fazer que ela experimente.

— Hoje, é ainda muitíssimo cedo. O assunto é vasto, já o estudei, mas ele ainda me excede. Quando dele me houver assenhoreado, se isso for possível, ou, melhor, quando eu haja entrevisto tanto quanto o estado de meu espírito me per-

mitir, eu vos satisfarei. Um pouco mais de tempo. Se somente um músico pode falar da música do futuro, deve fazê-lo como mestre e Rossini não quer falar dela como um escolar.

Rossini

(Médium: *Desliens*)

Foi explicado o silêncio que guardei sobre a questão que o Mestre da Doutrina Espírita me propôs. Era conveniente que, antes de entrar em tão difícil assunto, eu me concentrasse, reunisse as minhas lembranças e condensasse os elementos que me estavam ao alcance. Não me cabia estudar a música, tinha apenas de classificar com método os argumentos, a fim de apresentar um resumo capaz de dar idéia da minha concepção da harmonia.

Esse trabalho, que não fiz sem dificuldade, se acha concluído e estou pronto a submetê-lo à apreciação dos espíritos.

A harmonia é difícil de definir-se; muitas vezes, confundem-na com a música, com os sons, como resultante de um arranjo de notas e das vibrações dos instrumentos que reproduzem esse arranjo. Mas, não é isso a harmonia, do mesmo modo que a chama não é a luz. A chama resulta da combinação de dois gases: é tangível; a luz que ela projeta é um efeito dessa combinação e não a própria chama: não é tangível. Aqui, o efeito é superior à causa. O mesmo se dá com a harmonia; ela resulta de um arranjo musical, é um efeito igualmente superior à causa. Esta é brutal e tangível; o efeito é sutil e intangível.

Pode-se conceber a luz sem chama e compreender a harmonia sem música. A alma é apta a perceber a harmonia, excluído todo o concurso de instrumentação, como é apta a ver a luz sem o concurso de combinações materiais. A luz é um sentido íntimo que a alma possui: quanto mais desenvolvido ele, tanto melhor percebe ela a luz. A harmonia é igualmente um sentido íntimo da alma, que a percebe em relação com o desenvolvimento desse sentido. Fora do mundo material, isto é, fora das causas tangíveis, a luz e a harmonia são de essência divina. A posse de uma e outra está na razão dos esforços empregados para adquiri-las.

Se comparo a luz e a harmonia, é para me fazer mais bem compreendido e também porque esses dois sublimes gozos da alma são filhos de Deus e, portanto, irmãos.

É tão complexa a harmonia do Espaço, tem tantos graus que eu conheço e muitos outros mais que se me conservam ocultos no éter infinito, que aquele que se acha colocado a uma certa altura de percepções é como que tomado de espanto ao contemplar essas diversas harmonias, que constituiriam, se reunidas, a mais insuportável cacofonia; enquanto que, ao contrário, percebidas separadamente, constituem a harmonia particular a cada grau.

Nos graus inferiores, essas harmonias são elementares e grosseiras; levam ao êxtase, nos graus superiores. Tal harmonia, que choca um Espírito de percepções sutis, encanta um outro de percepções grosseiras e, quando é dado ao Espírito inferior deleitar-se com os encantos das harmonias superiores, o êxtase o arrebatava e a prece lhe penetra o íntimo.

O encantamento o transporta às elevadas esferas do mundo moral; ele entra a viver uma vida superior à sua e assim desejara continuar a viver para sempre. Mas, desde que a harmonia deixe de penetrá-lo, ele desperta, ou, se o preferirem, adormece. Em todo caso, volta à realidade da sua situação e, dos lamentos que lhe escapam por haver descido, se exala uma prece ao Eterno, a pedir-lhe forças para de novo subir. Aí tem ele um grande motivo de emulação.

Não tentarei explicar os efeitos musicais que o Espírito produz atuando sobre o éter; o que é certo é que o Espírito produz os sons que queira e que não pode querer o que não sabe. Assim, pois, aquele que compreende muito, que tem em si a harmonia, que se acha dela saturado, que goza do seu sentido íntimo, desse nada impalpável, dessa abstração que é a concepção da harmonia, atua quando quer sobre o fluido universal que, instrumento fiel, reproduz o que ele concebe e deseja. O éter vibra sob a ação da vontade do Espírito; a harmonia, que este último traz em si, concretiza-se, por assim dizer; evola-se, doce e suave, como o perfume da violeta, ou ruga como a tempestade, ou estala como o raio, ou solta queixumes como a brisa. É rápida qual relâmpago, ou lenta como a neblina; tem os despedaçamentos de um soluço, ou é contínua como a relva; é precipitada qual catarata, ou calma como um lago; murmura como um regato, ou ronca como uma torrente. Ora apresenta a rudeza agreste das montanhas, ora a frescura de um oásis; é alternativamente triste e melancólica como a noite, lida e jovial como o dia; caprichosa como a criança, consoladora como uma mãe e protetora como um pai; desordenada como a paixão, límpida como o amor e grandiosa como a Natureza.

Quando chega a este último terreno, confunde-se com a prece, glorifica a Deus e leva ao arroubamento aquele mesmo que a produz, ou a concebe. Oh! comparação! comparação! Por que havemos de ser obrigados a servir-nos de ti! Por que havemos de dobrar-nos à necessidade degradante de buscar, de tomar de empréstimo à natureza tangível imagens grosseiras, para fazermos compreensível a sublime harmonia em que o Espírito se deleita! E, a despeito das comparações, não se consegue dar idéia dessa abstração, sentimento quando causa, sensação quando se torna efeito.

O Espírito que tem o sentimento da harmonia é como o Espírito que tem a riqueza intelectual: um e outro gozam constantemente da propriedade inalienável que granjearam. O Espírito inteligente, que ensina a sua ciência aos que ignoram, experimenta a ventura de ensinar, porque sabe que torna felizes aqueles a quem instrui; o Espírito que faz ressoar no éter os acordes da harmonia que traz em si experimenta a felicidade de ver satisfeitos os que o escutam.

A harmonia, a ciência e a virtude são as três grandes concepções do Espírito: a primeira o arrebatada, a segunda o esclarece, a terceira o eleva. Possuídas em toda a plenitude, elas se confundem e constituem a pureza.

Oh! Espíritos puros que as possuís! descei às nossas trevas e iluminai a nossa caminhada. Mostrai-nos a estrada que tomastes, a fim de que sigamos as vossas pegadas!

Quando penso que esses Espíritos, cuja existência mal posso compreender, são seres finitos, átomos, em face do eterno Senhor do Universo, a minha razão se confunde ao cogitar da grandeza de Deus e da bem-aventurança infinita, de que ele goza em si mesmo, pelo só fato de ser infinita a sua pureza, pois que tudo o que a criatura adquire não é mais que uma parcela do que emana do Criador. Ora, se a parcela chega a fascinar pela vontade, a cativar e a deslumbrar pela suavidade, a resplandecer pela virtude, que não produzirá a fonte eterna e infinita donde provém a criatura?

Se o Espírito, ser criado, chega a extrair da sua pureza tanta felicidade, que idéia se há de ter da que o Criador tira da sua pureza absoluta? Problema eterno!

O compositor que concebe a harmonia a traduz na grosseira linguagem chamada música; concreta a sua idéia e a escreve. O artista aprende a forma e escolhe o instrumento que lhe permita exprimir a idéia. Acionado pelo instrumento, o ar a transporta ao ouvido do ouvinte e o ouvido a transmite à alma. Mas, o com-

positor foi impotente para expressar inteiramente a harmonia que concebera, por falta de uma língua apropriada. O executante, a seu turno, não compreendeu toda a idéia escrita e o instrumento indócil de que ele se serve não lhe permite traduzir tudo o que haja compreendido. O ouvido é afetado pelo ar grosseiro que o cerca e a alma, enfim, recebe, por um órgão rebelde, a horrível tradução da idéia desabrochada na alma do maestro. Essa idéia era o seu sentimento íntimo. Embora desvirtuada pelos agentes da instrumentação e da percepção, ela sempre causa sensações nos que a ouvem traduzida; essas sensações são a harmonia.

A música as produziu; elas são efeito da música. Esta é posta a serviço do sentimento para ocasionar a sensação. O sentimento, na composição, é a harmonia; a sensação, no ouvinte, é também a harmonia, com a diferença de que é concebida por um e recebida pelo outro. A música é o **médium** da harmonia; ela a recebe e a dá, como o refletor é o **médium** da luz, como tu és o **médium** dos Espíritos.

Transmite-a mais ou menos deformada, conforme seja bem ou mal executada, do mesmo modo que o refletor envia mais ou menos bem a luz, conforme seja mais ou menos brilhante e polido, do mesmo modo que o médium exprime mais ou menos bem os pensamentos dos Espíritos, conforme seja mais ou menos maleável.

Agora, que a harmonia está bem compreendida na sua significação, que se sabe ser ela concebida pela alma e transmitida à alma, compreender-se-á a diferença que existe entre a harmonia da Terra e a do Espaço.

Na Terra, tudo é grosseiro: o instrumento de tradução e o instrumento de percepção. Entre nós, tudo é sutil: vós tendes o ar, nós temos o éter; tendes um órgão que obstrui e vela; nós temos a percepção direta. Entre vós, o autor é traduzido; entre nós, ele opera sem intermediário e numa língua que exprime todas as concepções. Entretanto, essas harmonias têm a mesma fonte de origem, como a luz da Lua tem a mesma fonte de origem que a do Sol; a harmonia da Terra não é mais do que reflexo da harmonia do Espaço.

É tão indefinível a harmonia, quanto a felicidade, o temor, a cólera. É um sentimento. Só a pode compreender quem a possui e só a possui quem a tenha adquirido. O homem jovial não pode explicar a sua jovialidade; o que é timorato não pode explicar a sua timidez; podem expor os fatos que esses sentimentos provocam, defini-los, descrevê-los; mas, os sentimentos, esses se conservam inexplicados.

O fato que a um causa alegria, nada a outro produzirá; o objeto que ocasiona o temor em um determinará a coragem noutro. As mesmas causas geram efeitos contrários; em física isto não existe, em metafísica existe. Existe, porque o sentimento é propriedade da alma e as almas diferem de sensibilidade entre si, de impressionabilidade, de liberdade.

A música, que é a causa segunda da harmonia percebida, penetra e transporta a um, deixando frio e indiferente a outro. É que o primeiro se acha em estado de receber a impressão que a harmonia produz, ao passo que o segundo se acha em estado oposto; ele ouve o ar que vibra, mas não compreende a idéia que ele traz. Este chega a entediar-se e a adormecer, enquanto que aquele outro se entusiasma e chora. Evidentemente, o homem que goza as delícias da harmonia é muito mais elevado, mais depurado, do que aquele em quem ela não logra penetrar; sua alma, mais apta a sentir, desprende-se mais facilmente e a harmonia lhe auxilia o desprendimento; transporta-a e lhe permite ver melhor o mundo moral.

Deve-se concluir daí que a música é essencialmente moralizadora, uma vez que traz a harmonia às almas e que a harmonia as eleva e engrandece.

Toda gente reconhece a influência da música sobre a alma e sobre o seu progresso. Mas, a razão dessa influência é em geral ignorada. Sua explicação está toda neste fato: que a harmonia coloca a alma sob o poder de um sentimento que a desmaterializa. Este sentimento existe em certo grau, mas desenvolve-se sob a ação de um sentimento similar mais elevado. Aquele que esteja desprovido de tal sentimento é conduzido gradativamente a adquiri-lo: acaba deixando-se penetrar por ele e arrastar ao mundo ideal, onde esquece, por instantes, os prazeres inferiores que prefere à divina harmonia.

Agora, se considerarmos que a harmonia sai do concerto do Espírito, deduziremos que a música exerce salutar influência sobre a alma e a alma que a concebe também exerce influência sobre a música. A alma virtuosa, que nutre a paixão do bem, do belo, do grandioso e que adquiriu harmonia, produzirá obras-primas capazes de penetrar as mais endurecidas almas de comovê-las. Se o compositor é terra-a-terra, como poderá exprimir a virtude de que desdenha, o belo que ignora e o grandioso que não compreende?

Suas composições refletirão seus gostos sensuais, sua leviandade, sua negligência. Serão ora licenciosas, ora obscenas, ora cômicas, ora burlescas; comunicarão aos ouvintes os sentimentos que exprimirem e os perverterão, em vez de melhorá-los.

O Espiritismo, com o moralizar os homens, exercerá, pois, grande influência sobre a música. Produzirá mais compositores virtuosos, que transfundirão suas virtudes ao fazerem ouvidas suas composições.

Rir-se-á menos; chorar-se-á mais; a hilaridade cederá lugar à emoção, a fealdade à beleza e o cômico à grandiosidade.

Por outro lado, os ouvintes que o Espiritismo dispuser a receber facilmente a harmonia gozarão, ouvindo a música séria, de verdadeiro encanto; desprezarão a música frívola e licenciosa, que seduz as massas. Quando o grotesco e o obsceno forem varridos pelo belo e pelo bem, desaparecerão os compositores daquela ordem, porquanto, sem ouvintes, nada ganharão, e é para ganhar que eles se emporcalham.

Oh! sim, o Espiritismo terá influência sobre a música! Como poderia não ser assim? Seu advento transformará a arte, depurando-a. Sua origem é divina, sua força o levará a toda parte onde haja homens para amar, para elevar-se e para compreender. Ele se tornará o ideal e o objetivo dos artistas. Pintores, escultores, compositores, poetas irão buscar nele suas inspirações e ele lhas fornecerá, porque é rico, é inesgotável.

O Espírito do maestro Rossini voltará, numa nova existência, a continuar a arte que ele considera a primeira de todas. O Espiritismo será seu símbolo e o inspirador de suas composições.

Rossini
(Médium: *Nivart*)

*

CURSO PREPARATÓRIO

11ª. AULA

I – INTRODUÇÃO

Livro: Dinheiro. (Emmanuel)

9 - ESTUDANDO A FELICIDADE

Observa o que desejas e o que fazes, a fim de que ajuízes, com segurança, sobre a felicidade que procuras.

* * *

Certifiquemo-nos de que a alegria possui igualmente diversos níveis e de que nos compete, acima de tudo, cultivar a devoção aos valores amplos e substanciais que possam sobreviver conosco na Vida Maior.

* * *

No mundo, a felicidade varia com a posição das criaturas e se buscamos o Cristo por nosso mestre é indispensável saibamos conquistar o nosso estímulo de viver no clima do Sumo Bem.

* * *

Há pessoas que se contentam com o exclusivo reconforto de comer, dormir e procriar, guardando assim tão somente a felicidade que os seres mais simples cultuam nas linhas inferiores da natureza.

* * *

Vemos espíritos atilados no cálculo que apenas se comprazem, amontoando ouro ou utilidades, com desvantagem para os semelhantes, estabelecendo, desse modo, para si mesmos a felicidade dos loucos.

* * *

Anotamos companheiros da Humanidade que somente se rejubilam com a exibição de títulos suntuários, na ordem social ou econômica, cristalizando-se na vaidade ou no orgulho que lhes facilitam a espetacular descida para a morte, forjando, dessa maneira, em prejuízo deles próprios, a felicidade dos tolos.

* * *

Identificamos irmãos que apenas se honram na crueldade, sorrindo com o alheio infortúnio e alardeando compaixão que não sentem, construindo para si mesmos a felicidade dos que se instalam no purgatório da própria consciência.

* * *

A felicidade cristã, no entanto, é diferente. Nasce da alegria que venhamos a semear para os outros, desenvolve-se no bem infatigável, frondeja no espírito de serviço, floresce na esperança e frutifica no sacrifício daquele que se oferece para a materialização da felicidade geral.

* * *

Não te demores no prazer que hoje te suscita gargalhadas para cerrar-se amanhã em amargosa penitência.

* * *

Procuremos a felicidade de Jesus, que ainda não está completamente neste mundo, para que este mundo se levante para a felicidade perfeita.

* * *

Para isso, não desdenhes a tua cruz, porque somente através do desempenho de nossas obrigações na prática do bem é que encontraremos a nossa verdadeira vitória.

*

Mensagem Mediúnica

034) A RESPOSTA ESTÁ NO EVANGELHO!

Queridos irmãos, boa noite!

Quando vai chegando esta hora, cada um de vocês espera que eu dê a resposta à pergunta que cada um faz mentalmente e não fala. Cada um espera uma resposta para a pergunta que traz dentro de si e espera ouvir a resposta com ansiedade; mas, eu lhes digo que não vou responder, ou melhor, eu lhes digo apenas que tenham fé, resignação e muita perseverança, pois estudando a doutrina ela mesma vai lhes dar as respostas que desejam. Seria muito fácil responder o que cada um quer saber, mas, e daí? Poderia até, que não me levassem a sério e até duvidassem de mim, pois como já lhes disse, não sou a sumidade de perfeição que vocês estão pensando; também estou aprendendo e posso lhes dizer que ainda falta muito para aprender. Estou lutando, estou me esforçando, e muito! Por isso lhes digo: não sou a pessoa mais indicada para lhes responder e lhes dar a paz que estão esperando. Assim, lhes digo: perseverem na doutrina, pratiquem a caridade, tenham fé, esperança, que a resposta será dada a cada um, na ocasião propícia, conforme a necessidade.

Essa verdade que cada um espera de mim está no Evangelho. Leia-o! Medite-o! Estude-o!

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 06/06/2000).

*

Poesia

Livro: Trovas do Outro Mundo (Espíritos Diversos)

TROVAS DO “MAIS” (Antônio Sales)

Caridade, a lei do bem,

Aqui, além, acolá,

Tanto dá, quanto mais tem,

Tanto mais tem, quanto dá.

◇

Discussão quanto mais dura

Mais da lama se aproxima;

Quanto mais se agita o poço,

Mais o lodo vem acima.

◇

O sábio quanto mais sábio,

Sem que se saiba porquê,

Menos sabe quando sabe,

Menos vê quanto mais vê.

◇

Alegria sem trabalho,

Farsa que a vida desmente...

Quanto mais pedras na fonte,

Mais pura flui a corrente.

◇

Espírito sublimado,

Quando na Terra, faz dó,

Quanto mais serve, mais luta,

Quanto mais alto, mais só.

*

Livro: O Que é o Espiritismo
Allan Kardec
Diversidade dos Espíritos

V. — Falais de Espíritos bons ou maus, sérios ou frívolos; confesso-vos que não compreendo essa diferença; parece-me que, deixando o envoltório corporal, os Espíritos se despojam das imperfeições inerentes à matéria; que a luz se deve fazer para eles, sobre todas as verdades que nos são ocultas, e que eles ficam libertos dos prejuízos terrenos.

A.K. — Sem dúvida eles ficam livres das imperfeições físicas, isto é, das dores e enfermidades corporais; porém, as imperfeições morais são do Espírito e não do corpo. Entre eles há alguns que são mais ou menos adiantados, moral e intelectualmente.

Seria erro acreditar que os Espíritos, deixando o corpo material, recebem logo a luz da verdade.

É possível admitirdes que, quando morreres, não haja distinção alguma entre o vosso Espírito e o de um selvagem? Assim sendo, de que vos serviria ter trabalhado para a vossa instrução e melhoramento, quando um vadio, depois da morte, será tanto quanto vós?

O progresso dos Espíritos faz-se gradualmente e, algumas vezes, com muita lentidão. Entre eles alguns há que, por seu grau de aperfeiçoamento, vêm as coisas sob um ponto de vista mais justo do que quando estavam encarnados; outros, pelo contrário, conservam ainda as mesmas paixões, os mesmos preconceitos e erros, até que o tempo e novas provas os venham esclarecer. Notai bem que o que digo é fruto da experiência, colhido no que eles nos dizem em suas comunicações. É, pois, um princípio elementar do Espiritismo que existem Espíritos de todos os graus de inteligência e moralidade.

V. — Por que não são perfeitos todos os Espíritos? Tê-los-á Deus assim criado em tão diversas categorias?

A. K. — É o mesmo que perguntar por que todos os alunos de um colégio não estão cursando a aula de Filosofia?

Todos os Espíritos têm a mesma origem e o mesmo destino; as diferenças que os separam, não constituem espécies distintas, mas exprimem diversos graus de adiantamento. Os Espíritos não são perfeitos, porque não são mais do que as almas dos homens, que não atingiram também a perfeição; e, pela mesma razão, os homens não são perfeitos por serem encarnações de Espíritos mais ou menos adiantados. O mundo corporal e o mundo espiritual estão em contínuo revezamento; pela morte do corpo, o mundo corporal fornece seu contingente ao espiritual; pelos nascimentos, este alimenta a humanidade.

Em cada nova existência, o Espírito dá maior ou menor passo no caminho do progresso, e, quando adquiriu na Terra a soma de conhecimentos e a elevação moral que o nosso globo comporta, ele o deixa, para ir viver em mundo mais elevado onde vai aprender novas coisas.

Os Espíritos que formam a população invisível da Terra são, de alguma sorte, o reflexo do mundo corporal; neles se encontram os mesmos vícios e as mesmas virtudes; há entre eles sábios, ignorantes e charlatães, prudentes e levianos, filósofos raciocinadores, sistemáticos; como se não se despissem de seus prejuízos, todas as opiniões políticas e religiosas têm entre eles representantes; cada um fala segundo suas idéias, e o que eles dizem é, muitas vezes, apenas a sua opinião pessoal; eis o motivo por que se não deve crer cegamente em tudo o que

dizem os Espíritos.

V.— Sendo assim, apresenta-se imensa dificuldade: nesses conflitos de opiniões diversas, como distinguir-se o erro da verdade? Não descubro a utilidade dos Espíritos, nem o que ganhamos em conversar com eles.

A.K. — Quando eles apenas servissem para dar-nos a prova de sua existência e de serem as almas dos homens, só isto seria de grande importância para quantos ainda duvidam que tenham uma alma e ignoram o que será deles depois da morte.

Como todas as ciências filosóficas, esta exige longos estudos e minuciosas observações; é só assim que se aprende a distinguir a verdade da impostura, e que se adquire os meios de afastar os Espíritos enganadores. Acima dessa turba de baixa esfera, existem os Espíritos superiores, que só têm em vista o bem, e cuja missão é guiar os homens pelo bom caminho; cumpre-nos sabê-los apreciar e compreender. Estes nos vêm ensinar grandes coisas; mas não julgueis que o estudo dos outros seja inútil; para bem conhecer um povo é necessário estudá-lo sob todas as faces. Vós mesmos tendes a prova disso; pensáveis que bastava aos Espíritos deixarem seu envoltório corpóreo para que ficassem isentos de todas as suas imperfeições; ora, são as comunicações com eles que nos ensinaram que isto não se dá, e fizeram-nos conhecer o verdadeiro estado do mundo espiritual, que a todos nós interessa no mais alto ponto, pois que todos temos que ir para lá.

Quanto aos erros que se podem originar da divergência de opiniões entre os Espíritos, eles desaparecem por si mesmos, à medida que se aprende a distinguir os bons dos maus, os sábios dos ignorantes, os sinceros dos hipócritas, absolutamente como se dá entre nós; então o bom-senso repelirá as falsas doutrinas.

V. — A minha observação subsiste sempre no ponto de vista das questões científicas e outras que podemos submeter aos Espíritos. A divergência de suas opiniões, sobre as teorias que dividem os sábios, deixa-nos na incerteza.

Compreendo que, não possuindo todos o mesmo grau de instrução, não podem saber tudo; mas, então, que peso pode ter para nós a opinião daqueles que sabem, quando não podemos distinguir quem erra ou quem tem razão? Vale tanto dirigirmo-nos aos homens como aos Espíritos.

A. K. — Essa reflexão é ainda uma consequência da ignorância do verdadeiro caráter do Espiritismo.

Aquele que supõe nele achar meio fácil de saber tudo, de tudo descobrir, labora em grande erro.

Os Espíritos não estão encarregados de trazer-nos a ciência já feita; seria, realmente, muito cômodo se nos bastasse pedir para sermos logo servidos, ficando assim dispensados do trabalho de estudar.

Deus quer que trabalhem, que o nosso pensamento se exercite; e só por esse preço adquiriremos a ciência; os Espíritos não vêm libertar-nos dessa necessidade: eles são o que são; o Espiritismo tem por objeto estudá-los, a fim de que, por analogia, fiquemos sabendo o que seremos um dia; e não para nos fazer conhecer o que nos deve ser oculto, ou revelar-nos as coisas antes do tempo próprio.

Tampouco os Espíritos são leitores da buena-dicha, e aquele que se vangloria de obter deles certos segredos, prepara para si estranhas decepções da parte dos Espíritos galhofeiros; em uma palavra, o Espiritismo é uma ciência de observação, e não uma arte de adivinhar e especular. Nós o estudamos com o fim de conhecer o estado das individualidades do mundo invisível, as relações que nos

prendem a elas, sua ação oculta sobre o mundo visível, e não para dele tirar qualquer vantagem material.

Deste ponto de vista, não há Espírito algum cujo estudo não nos traga alguma utilidade; alguma coisa aprendemos sempre com todos eles; as suas imperfeições, os defeitos, a incapacidade, a ignorância mesmo, são outros tantos objetos de observação, que nos iniciam na natureza íntima desse mundo; e quando eles não nos instruem, nós, estudando-os, nos instruímos, como fazemos quando observamos os costumes de um povo desconhecido para nós. Quanto aos Espíritos esclarecidos, esses nos ensinam muito, porém sempre nos limites do possível; nunca lhes perguntemos o que eles não podem ou não devem revelar; contentemo-nos com o que nos dizem; querer ir além é sujeitarmo-nos às manifestações dos Espíritos frívolos, sempre dispostos a falar de tudo. A experiência nos ensina a julgar do grau de confiança que lhes devemos conceder.

*

Livro: Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas
Allan Kardec
Das relações com os Espíritos

A maneira como nos colocamos em comunicação com os Espíritos é, neste estudo, uma das questões que se mostra de maior proeminência. Se considerarmos a distância que separa as duas extremidades da escala espírita, compreenderemos, sem esforço, a necessidade de certas cautelas, levando em conta o caráter dos Espíritos e seus hábitos. Não basta, pois, que estejamos, nós mesmos preparados; é preciso ainda conhecer o caminho mais favorável para alcançar, com segurança, o fim a que nos propusemos. Teremos, pois, que examinar o processo que convém seguir para as reuniões, para as evocações, a linguagem que se deve usar com os Espíritos, a natureza das perguntas que lhes podemos dirigir.

Das reuniões

Está entendido que admitimos o caráter de seriedade dessas reuniões e de seus objetivos. Quanto àquelas que são objeto de diversão e curiosidade, nós as deixamos entregues a si mesmas; plena liberdade aos assistentes de solicitarem que se lhes adivinhem o futuro, de nelas discutirem seus pequenos problemas. Eles terão, antecipadamente, a certeza de que serão satisfeitos.

Faremos notar, todavia, que essas reuniões frívolas têm um grave inconveniente, a saber: certas pessoas podem tomar a sério o que, o mais das vezes, não passa de um gracejo da parte dos Espíritos levianos e que se divertem à custa dos que lhes dão ouvidos.

Quanto às pessoas que nunca tiveram qualquer experiência, não é aí que devem receber as primeiras lições e nem tão pouco haurir convicções. Correriam o risco de conceber uma imagem distorcida dos seres que compõem o mundo espírita, pouco mais ou menos como quem julgasse toda a população de uma grande cidade pelos habitantes de seus subúrbios.

Por tudo quanto temos dito, concebe-se que o silêncio e o recolhimento são condições de primacial importância nas reuniões espíritas. Entretanto, o que também releva-se importante é a regularidade com que devem ser realizadas. A todas elas acorrem Espíritos que podemos chamar de “freqüentadores assíduos” e, como tais, não queremos nos referir aos Espíritos que se encontram por toda parte e que em tudo se intrometem.

Referimo-nos aos Espíritos familiares ou àqueles com os quais costumamos tratar mais habitualmente. Não devemos supor que esses Espíritos não te-

nham mais o que fazer senão nos escutar. Eles têm suas ocupações e podem, por outro lado, se encontrar em condições desfavoráveis para serem invocados. Quando as reuniões se realizam em dias e horas fixos, eles dispõem convenientemente de seus horários e é raro que faltem. Alguns levam mesmo a pontualidade ao excesso: reprovam os atrasos e se marcam, eles próprios, um determinado horário, será inútil invocá-los com alguns minutos de antecedência.

Fora das horas consagradas eles podem, sem dúvida, vir e vêm mesmo de boa vontade se a finalidade é justificável. Entretanto, nada é mais nocivo às boas comunicações do que chamá-los a torto e a direito, ao sabor de nossas fantasias e, sobretudo, sem motivo sério. Como não são obrigados a se submeter aos nossos caprichos, poderiam bem não se dar ao incômodo e é então, principalmente, que outros podem tomar-lhes o lugar e usar-lhes o nome. Não há hora cabalística para as invocações. A escolha é, pois, completamente indiferente. Os horários distanciados das ocupações cotidianas e por isso favorecidos pela tranqüilidade e a despreocupação são os preferíveis. Os Espíritos que prescrevessem, para uma reunião qualquer, as horas prediletas e consagradas, nos contos fantásticos, aos seres infernais, seriam, sem dúvida, Espíritos mistificadores. O mesmo se pode dizer com respeito aos dias que a superstição julga dotados de uma influência particular. Nada se oporia, tampouco, a que as reuniões fossem diárias; mas haveria um inconveniente na freqüência demasiado intensa.

Se os Espíritos censuram um apego exagerado às coisas deste mundo, recomendam que não descuremos os deveres que nos impõe nossa vida em sociedade. Isto faz parte das nossas provações. Nosso próprio Espírito, por outro lado, tem necessidade, para a saúde do corpo, de não estar constantemente aplicado a um mesmo objetivo e, sobretudo, às indagações abstratas. Ele é capaz de aplicar uma atenção mais intensa quando não está fatigado.

As reuniões semanais ou realizadas duas vezes por semana são suficientes. Elas se realizam com mais solenidade e recolhimento quando não são demasiado próximas. Falamos das sessões em que nos ocupamos de um trabalho regular e não das que um médium principiante consagra aos exercícios necessários para desenvolver-se. Estas não são, para bem dizer, sessões, são antes exercícios que revelarão resultados tanto mais rápidos quanto mais intensa for a aplicação. Uma vez, porém, desenvolvida a faculdade, é essencial não abusar dela, pelos motivos mesmos que acabamos de expor.

A satisfação que a posse da faculdade traz a certos principiantes excita em alguns deles um entusiasmo que é muito importante moderar. Eles devem lembrar-se de que ela lhes é dada para o *bem* e não para satisfazer a curiosidade ociosa. E quando nos referimos ao *bem*, entendemos o de nossos semelhantes e não apenas o *nosso próprio*. Por esse motivo o médium que deseja entreter relações sérias com os Espíritos deve evitar prestar-se à curiosidade de amigos e conhecidos que vierem importuná-lo com perguntas ociosas; ao contrário, deve prestar um concurso solícito e desinteressado quando se trata de motivos justos. Proceder de outra forma seria agir pelo egoísmo, e o egoísmo é uma enfermidade.

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo – Cap. XIII/13

Cáritas

Martirizada em Roma, Lyon, 1861

13. Chamo-me Caridade, sou o caminho principal que conduz a Deus; segui-me, porque eu sou a meta a que vós todos deveis visar.

Fiz nesta manhã o meu passeio habitual, e com o coração magoado venho a dizer-vos: Oh, meus amigos, quantas misérias, quantas lágrimas, e quanto tendes de fazer para secá-las todas! Inutilmente tentei consolar as pobres mães, dizendo-lhes ao ouvido: Coragem! Há corações bondosos que velam por vós, que não vos abandonarão; paciência! Deus existe, e vós sois as suas amadas, as suas eleitas. Elas pareciam ouvir-me e voltavam para mim os seus grandes olhos assustados. Eu lia em seus pobres semblantes que o corpo, esse tirano do Espírito, tinha fome, e que, se as minhas palavras lhes tranquilizavam um pouco o coração, não lhes saciavam o estômago. Então eu repetia: Coragem! Coragem! E uma pobre mãe, muito jovem, que amamentava uma criancinha, tomou-a nos braços e ergueu-a ao espaço vazio, como para me rogar que protegesse aquele pobre pequeno ser, que só encontrava num seio estéril alimento insuficiente.

Mais adiante, meus amigos, vi pobres velhos sem trabalho e logo sem abrigo, atormentados por todos os sofrimentos da necessidade, e envergonhados de sua miséria, não se atrevendo, eles que jamais mendigaram, a implorar a piedade dos passantes. Coração empolgado de compaixão, eu, que nada tenho, me fiz mendiga para eles, e vou para toda parte estimular a beneficência, inspirar bons pensamentos aos corações generosos e compassivos. Eis porque venho até vós, meus amigos, e vos digo: lá em baixo há infelizes cuja cesta está sem pão, a lareira sem fogue e o leito sem cobertas. Não vos digo o que deveis fazer; deixo a iniciativa aos vossos bons corações; pois se eu vos ditasse a linha de conduta, não teríeis o mérito de vossas boas ações. Eu vos digo somente: sou a caridade e vos estendo as mãos pelos vossos irmãos sofredores.

Mas, se peço, também dou, e muito; eu vos convido para um grande festim, e ofereço a árvore em que vós todos podereis saciar-vos. Vede como é bela, como está carregada de flores e de frutos! Ide, ide, colhei, tomai todos os frutos dessa bela árvore que se chama beneficência. Em lugar dos ramos que lhe arrancardestes, porei todas as boas ações que fizerdes e levarei a árvore a Deus, para que Ele a carregue de novo, porque a beneficência é inesgotável. Segui-me, pois, meus amigos, afim de que eu vos possa contar entre os que se alistam sob a minha bandeira. Sede intrépidos: eu vos conduzirei pela via da salvação, porque eu sou a Caridade!

*

Livro: O Espírito da Verdade (Emmanuel)
Os outros

Cap. XIII – Item 13 do ESE

Dizes trazer o deserto no coração; entretanto, pensa nos outros.

Muitos pisam teus rastros, procurando-te as mãos no grande vazio...

Pára um pouco e perceberá a presença nas sombras da retaguarda.

Enquanto gritas a própria solidão, compreenderás que a voz deles está morrendo na garganta, através de longos gemidos.

Volta-te e vê.

Compara os teus braços robustos com os ossos descarnados que ainda lhes servem de suporte às mãos tristes em que os dedos mirrados são espinhos de dor.

Enxuga o teu pranto e observa os olhos fatigados que te contemplam... Falam-te a história de esperanças e sonhos que o tempo soterrou na areia da frustração. Referem-se ao frio cortante do lar perdido e à agonia da ramagem nas trevas...

Pára e compadece-te.

Deixa que respirem, ainda mesmo por um momento só, no calor de teu hálito.

Quem poderá medir a extensão da grandeza de uma simples semente, caída na terra que o arado martirizou?

A beleza de um minuto nos ensina, muita vez, a povoar de alegria e de luz a existência inteira.

Diz antiga lenda que uma gota de chuva caiu sobre o oceano que a tormenta encapelara e, aflita, perguntou:

—“Deus de Bondade, que farei, sozinha, neste abismo estarrecedor?”

O Pai não lhe respondeu, mas, tempos depois, a gota singela era retirada do mar, convertida numa pérola para adornar a coroa de um rei.

Dá também algo de ti aos que bracejam no torvelinho do sofrimento, e, mesmo que possas ofertar apenas um pingo de amor aos que padecem, tua dádiva será filtrada pelas correntes da angústia humana e subirá, cristalina e luminescente, na direção dos céus, para enfeitar a glória de Deus.

*

Livro: O Céu e o Inferno
1ª. Parte. Cap. VII, par. 8º. Penas Futuras

Sendo infinita a justiça de Deus, o bem e o mal são rigorosamente considerados, não havendo uma só ação, um só pensamento mau que não tenha consequências fatais, como não há uma única ação meritória, um só bom movimento da alma que se perca, mesmo para os mais perversos, por isso que constituem tais ações um começo de progresso.

*

Livro: Justiça Divina (Emmanuel)
HOJE AINDA
Reunião pública de 23.1.61
(1ª Parte, cap. VII, § 8º. de O Céu e o Inferno)

Não esperarás pela fortuna, a fim de servir à beneficência.

Muitas vezes, na pesquisa laboriosa do ouro, gastarás o próprio corpo e muito cansaço infrutífero.

Cede, hoje ainda, a pequena moeda de que dispões em favor dos necessitados.

O vintém que se transforma no pão do faminto vale mais que o milhão indefinidamente sepultado no cofre.

Não requestarás a glória acadêmica para colaborar na instrução.

Muitas vezes, na porfia da conquista de lauréis para a inteligência, desajustarás, de balde, a própria cabeça.

Ampara, hoje ainda, o irmão que anseia pelo alfabeto.

Leve explicação que induza alguém a libertar-se da ignorância vale mais que o diploma nobre, guardado inútil.

Não exigirás ascensão ao poder humano a fim de proteger as vidas alheias.

Muitas vezes, na longa procura de autoridade, consumirás, em vão, o ensejo de auxiliar.

Acende, hoje ainda, para essa ou aquela criança extraviada, a luz do caminho certo.

Pequeno gesto edificante, que incentiva um menino a buscar o melhor, vale mais que a posição brilhante sem proveito para ninguém.

Não solicitarás feriado para socorrer os aflitos.

Muitas vezes, reclamando tempo excessivo para cultivar a fraternidade, perderás, improficuamente, o tesouro dos dias.

Estende, hoje ainda, alguma palavra confortadora aos companheiros que a provação envolve em lágrimas.

Uma hora de esclarecimento e esperança no consolo aos que choram vale mais que um século de existência, amarrado à preguiça.

Não percas ocasião para o teu heroísmo, nem aguardes santidade compulsória para demonstrações de virtudes.

Comecemos a cultura das boas obras, hoje ainda, onde estivermos, porque toda migalha do bem com quem for e onde for, é crédito acumulado ou começo de progresso na justiça Divina.

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

O Livro dos Espíritos – Questões 629 a 633. O Bem e o Mal

III – O BEM E O MAL

629. Que definição se pode dar à moral?

– A moral é a regra da boa conduta e, portanto, da distinção entre o bem e o mal. Funda-se na observação da lei de Deus. O homem se conduz bem quando faz tudo tendo em vista o bem e para o bem de todos, porque então observa a lei de Deus.

630. Como se pode distinguir o bem do mal?

– O bem é tudo o que está de acordo com a lei de Deus e o mal é tudo o que dela se afasta. Assim, fazer o bem é se conformar à lei de Deus; fazer o mal é infringir essa lei.

631. O homem tem meios para distinguir por si mesmo o bem e o mal?

– Sim, quando ele crê em Deus e quando o quer saber. Deus lhe deu a inteligência para discernir um e outro.

632. O homem, que é sujeito a errar, não pode enganar-se na apreciação do bem e do mal e crer que faz o bem quando em realidade está fazendo o mal?

– Jesus vos disse: vede o que quereríeis que vos fizessem ou não: tudo se resume nisso. Assim não vos enganareis.

633. A regra do bem e do mal, que se poderia chamar de **reciprocidade** ou de **solidariedade**, não pode ser aplicada à conduta pessoal do homem para consigo mesmo. Encontra ele, na lei natural, a regra desta conduta e um guia seguro?

– Quando comeis demais, isso vos faz mal. Pois bem: é Deus que vos dá a medida do que vos falta. Quando a ultrapassais, saís punidos. O mesmo se dá com tudo o mais. A lei natural traça para o homem o limite das suas necessidades; quando ele o ultrapassa, é punido pelo sofrimento. Se o homem escutasse, em to-

das as coisas, essa voz que diz: **Chega!** Evitaria a maior parte dos males de que acusa a Natureza.

*

Livro: Religião dos Espíritos (Emmanuel)

Pureza

Reunião pública de 16/2/59

Questão nº 632 de O Livro dos Espíritos

«Bem-aventurados os puros, porque verão a Deus.»

Estudando a palavra do Mestre Divino, recordemos que no mundo, até hoje, não existiu ninguém quanto Ele, com tanta pureza na própria alma.

Cabe-nos, pois, lembrar como Jesus via no caminho da vida, para reconhecermos com segurança que, embora na Terra, sabia encontrar a Presença Divina em todas as situações e em todas as criaturas.

Para muita gente, a manjedoura era lugar desprezível; entretanto, Ele via Deus na humildade com que a Natureza lhe oferecia materno colo e transformou a estrebaria num poema de excelsa beleza.

Para muita gente, Maria de Magdala era mulher sem qualquer valor, pela condição de obsidiada em que se mostrava na vida pública; no entanto, Ele via Deus naquele coração feminino ralado de sofrimento e converteu-a em mensageira da celeste ressurreição.

Para muita gente, Simão Pedro era homem rude e inconstante, indigno de maior consideração; contudo, Ele via Deus no espírito atribulado do pescador semi-analfabeto que o povo menosprezava e transmutou-o em paradigma da fé cristã, para todos os séculos.

Para muita gente, Judas era negociante de expressão suspeita, capaz de astuciosos ardis em louvor de si mesmo; no entanto, Ele via Deus na alma inquieta do companheiro que os outros menoscabavam e estendeu-lhe braços amigos até ao fim da penosa deserção a que o discípulo distraído se entregou, invigilante.

Para muita gente, Saulo de Tarso era guardião intransigente da Lei Antiga, vaidoso e perverso, na defesa dos próprios caprichos; contudo, Ele via Deus naquele espírito atormentado, e procurou-o pessoalmente, para confiar-lhe embaixada importante.

Se purificares, assim, o coração, identificarás a presença de Deus em toda parte, compreendendo que a esperança do Criador não esmorece em criatura alguma, e perceberás que a maldade e o crime são apenas espinheiro e lama que envolvem o campo da alma — o brilhante divino que virá fatalmente à luz...

E aprendendo e servindo, ajudando e amando passarás, na Terra, por mensagem incessante de amor, ensinando os homens que te rodeiam a converter o charco em berço de pão e a entender que, mesmo nas profundezas do pântano, podem surgir lírios perfumados e puros para exaltar a glória de Deus.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA

O Livro dos Médiuns – Questão 28. Par. 4º. Espíritas Exaltados

4º) Há, por fim, os *espíritas exaltados*. A espécie humana seria perfeita, se preferisse sempre o lado bom das coisas. O exagero é prejudicial em tudo. No Espiritismo ele produz uma confiança cega e freqüentemente pueril nas manifestações do mundo invisível, fazendo aceitar muito facilmente e sem controle aquilo

que a reflexão e o exame demonstrariam ser absurdo ou impossível, pois o entusiasmo não esclarece, ofusca. Esta espécie de adeptos é mais nociva do que útil à causa do Espiritismo. São os menos capazes de convencer, porque se desconfia com razão do seu julgamento. São enganados facilmente por Espíritos mistificadores ou por pessoas que procuram explorar a sua credulidade. Se apenas eles tivessem de sofrer as conseqüências o mal seria menor, mas o pior é que oferecem, embora sem querer, motivos aos incrédulos que mais procuram zombar do que se convencer e não deixam de imputar a todos o ridículo de alguns. Isso não é justo nem racional, sem dúvida, mas os adversários do Espiritismo, como se sabe, só reconhecem como boa a sua razão e pouco se importam de conhecer a fundo aquilo de que falam.

*

Livro: Seara dos Médiuns (Emmanuel)
Conhecimento superior
Reunião pública de 29/1/60
Questão nº 28 - Parágrafo 4º de O Livro dos Médiuns

Na aquisição do conhecimento superior, não acredite que o deslumbramento substitua o trabalho.

Nem julgues que o benfeitor espiritual, por mais azulgo, possa efetuar a obra que te compete.

O professor esclarece.

O aluno, porém, deve equacionar os problemas da escola.

O médico auxilia.

O doente, contudo, deve atender-lhe as indicações.

Toda realização pede esforço.

Toda construção pede tempo.

*

Repara a árvore educada que se fez preciosa.

É um monumento de beleza e vitalidade.

Grandes raízes garantem-lhe a existência.

Tronco robusto resiste à força do vento.

.....Galhos crescem, enormes, ajudando a quem passa.

.....Flores surgem, desafiando geômetras e pintores.

.....Frutos aparecem, ricos de suco nutritivo.

.....Fibras e folhas, seiva e perfume completam-lhe a respeitabilidade e a grandeza.

Lembre-mos, no entanto, de que o prodígio, atingindo, às vezes, centenas ou milhares de quilos, estava contido, em essência, na semente pequenina de apenas alguns gramas.

Entretanto, se alguém não houvesse cultivado a semente minúscula, consagrando-lhe atenção e trabalho no curso dos dias, a árvore magnificente não se teria consolidado, afirmando-se em madureza e cooperação.

*

Agradece, pois, o carinho dos Espíritos generosos, encarnados ou desencarnados, que te amparam a experiência, aplicando-te às lições de que são mensageiros.

Não admitas, contudo, que a presença deles te baste ao aprimoramento individual.

Recorda que nem os companheiros da glória do Cristo escaparam ao

impositivo do serviço constante.

Os apóstolos que lhe respiraram a convivência não repousam ante as flamas do Pentecostes, mas seguem, luta diante, de renúncia em renúncia, adquirindo, pouco a pouco, a grande libertação, e Saulo de Tarso, visitado pelo próprio Mestre, em pessoa, não para sob o jorro solar da senda de Damasco, mas avança, de suplício em suplício, assimilando, a preço de sofrimento, o dom da Divina Luz.

*

Livro: A Gênese – Capítulo XI, item 28
Encarnação dos Espíritos

28. - Quando, em um mundo, os Espíritos hão realizado a soma de progresso que o estado desse mundo comporta, deixam-no para encarnar em outro mais adiantado, onde adquiram novos conhecimentos e assim por diante, até que, não lhes sendo mais de proveito algum a encarnação em corpos materiais, passam a viver exclusivamente da vida espiritual, em a qual continuam a progredir, mas noutra sentida e por outros meios. Chegados ao ponto culminante do progresso, gozam da suprema felicidade. Admitidos nos Conselhos do Onipotente, conhecem-lhe o pensamento e se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos no governo dos mundos, tendo sob suas ordens os Espíritos de todos os graus de adiantamento.

Assim, qualquer que seja o grau em que se achem na hierarquia espiritual, do mais ínfimo ao mais elevado, têm eles suas atribuições no grande mecanismo do Universo; todos são úteis ao conjunto, ao mesmo tempo que a si próprios. Aos menos adiantados, como a simples serviçais, incumbe o desempenho, a princípio inconsciente, depois, cada vez mais inteligente, de tarefas materiais. Por toda parte, no mundo espiritual, atividade, em nenhum ponto a ociosidade inútil.

A coletividade dos Espíritos constitui, de certo modo, a alma do Universo. Por toda parte, o elemento espiritual é que atua em tudo, sob o influxo do pensamento divino. Sem esse elemento, só há matéria inerte, carente de finalidade, de inteligência, tendo por único motor as forças materiais, cuja exclusividade deixa insolúveis uma imensidade de problemas. Com a ação do elemento espiritual individualizado, tudo tem uma finalidade, uma razão de ser, tudo se explica. Prescindindo da espiritualidade, o homem esbarra em dificuldades insuperáveis.

*

Livro: Opinião Espírita. (Emmanuel)
Na Luz do Trabalho. (Gênese – cap. XI – item 28)

Beneficência é também agradecer o trabalho alheio e caminhar construindo.

ooo

Quando transites na estrada, lança um pensamento de gratidão aos que se feriram nas lajes para que a tivesses; fartando-te à mesa, lembra as dilacerações do lavrador que tratou a semente para que o pão te regalasse; no lar, recorda os que te levantaram o agasalho doméstico, muitas vezes, à custa da própria vida; no simples copo de água que te aplaque a sede, podes meditar nos braços que se conjugaram, em múltiplas tarefas, a fim de que a recolhesses, pura, do filtro...

Em toda parte, inclina-se a vida, à frente de nós, amparando-nos, atenta, de modo a que aprendamos dela o dom de servir.

Não há fruto que apareça maduro.

Humilde molho de maravalhas (lascas de madeira) que te garanta o lume exigiu laboriosa atividade da Criação.

Tudo o que existe de útil reclamou humildade, disciplina, constância, paciência.

A Sabedoria Divina tudo dispôs para que os grandes e os pequenos se entrelacem, na sustentação do bem eterno, conservando cada qual em seu nível de distinção.

O sol alimenta o verme. O verme abunda a terra.

A planta nutre o sábio. O sábio ergue a escola.

Por mais brilhe no firmamento, a estrela não faz o papel da flor que perfuma e o oceano imponente não substitui o regato, que canta ignorado nas entranhas da gleba, para que o vale se coroe de verdura.

ooo

Tudo se esforça, junto de nós, para que a alegria nos sobeje, além do necessário.

Se já atingiste o discernimento iluminado pela convicção da imortalidade, possuis bastante acústica no raciocínio para assinalar o apelo constante da vida: trabalha, trabalha!...

Se já sabes que outros mundos se seguem a este mundo por degraus da evolução, não desconheces que o teu merecimento, aqui ou além, será medido por tuas obras.

Não te dês, assim, ao logro do desânimo e nem te confies ao perigoso luxo de tédio.

Reflitamos nas forças do Universo, que nos servem infatigavelmente sem perguntar, e para que a beneficência se nos alteie, genuína, do coração, trabalhe-mos e trabalhe-mos.

*

Livro: Revista Espírita – Dezembro de 1858
Senhor Adrien, médium vidente

Toda pessoa que pode ver os Espíritos sem auxílio de terceiro é, por isso mesmo, médium vidente; mas, em geral, as aparições são fortuitas, acidentais. Não conhecemos, ainda, ninguém apto a vê-los de modo permanente, e à vontade. É dessa notável faculdade que está dotado o senhor Adrien, um dos membros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos.

Ele é, ao mesmo tempo, médium vidente, escrevente, audiente e sensitivo. Como médium escrevente, ele escreve sob o ditado dos Espíritos, mas raramente de modo mecânico, como os médiuns puramente passivos; quer dizer que, embora escreva coisas estranhas ao seu pensamento, tem consciência do que escreve. Como médium audiente, ouve as vozes ocultas que lhe falam.

Temos, na Sociedade, dois outros médiuns que gozam dessa última faculdade em muito alto grau. São, ao mesmo tempo, muito bons médiuns escreventes. Enfim, como médium sensitivo, sente os toques dos Espíritos e a pressão que exercem sobre ele; sente-lhes mesmo comoções elétricas muito violentas, que se comunicam às pessoas presentes.

Quando magnetiza alguém, pode, à vontade, quando isso é necessário à saúde, produzir sobre ele os abalos da pilha voltaica.

Uma nova faculdade acaba de se revelar nele, a da dupla vista; sem ser sonâmbulo, e embora esteja perfeitamente desperto, vê à vontade, a uma distância ilimitada, mesmo além dos mares, o que se passa em uma localidade; vê as pessoas

e o que elas fazem; descreve os lugares e os fatos com uma precisão cuja exatidão foi verificada.

Apressamo-nos em dizer que o senhor Adrien não é um desses homens fracos e crédulos que se deixam ir pela imaginação; ao contrário, é um homem de caráter muito frio, muito calmo, e que vê tudo isso com o mais absoluto sangue frio, não dizemos com indiferença, longe disso, porque ele toma suas faculdades a sério, e as considera como um dom da Providência, que lhe foi concedido para o bem, também não se serve deles senão para as coisas úteis, e *jamais* para satisfazer uma vã curiosidade. É um homem jovem, de uma família distinta, muito honrada, de um caráter ameno e benevolente, e cuja educação cuida de se revelar em sua linguagem e em todas as suas maneiras. Como marinheiro e como militar, percorreu uma parte da África, da Índia, e de nossas colônias.

De todas suas faculdades como médium, a mais notável, e em nossa opinião a mais preciosa, é a de médium vidente. Os Espíritos lhe aparecem sob a forma que descrevemos em nosso artigo precedente sobre as aparições; ele os vê com uma precisão da qual pode-se julgar pelos retratos, que damos adiante, da viúva de Malabar e da Belle Cordière de Lyon. Mas, dir-se-á, o que prova que ele vê bem e que não é o juguete de uma ilusão? O que o prova, é que quando uma pessoa, que ele não conhece, evoca por seu intermédio um parente, um amigo que ele jamais viu, e dele faz um retrato surpreendente de semelhança e que pudemos mesmo constatar; não há, pois, para nós nenhuma dúvida sobre essa faculdade que ele goza no estado de vigília, e não como sonâmbulo.

O que há de mais notável ainda, talvez, é que não vê só os Espíritos evocados; ao mesmo tempo, vê todos aqueles que estão presentes, evocados ou não; ele os vê entrarem, saírem, irem, virem escutarem o que se diz, rirem ou levarem a sério, segundo seu caráter; em uns há gravidade; em outros, um ar zombeteiro e sardônico; algumas vezes um deles avança até um dos assistentes, lhe coloca a mão sobre a espádua ou se coloca ao seu lado, alguns se mantêm afastado; em uma palavra, em toda reunião, há sempre uma assembléia oculta composta de Espíritos atraídos por sua simpatia pelas pessoas, e pelas coisas pelas quais se ocupem.

Nas ruas vê uma multidão, porque além dos Espíritos familiares que acompanham seus protegidos, há ali, como entre nós, a massa dos indiferentes e dos vadios. Em sua casa, disse-nos, não está jamais só, e não se entedia nunca; tem sempre uma sociedade com a qual ele conversa.

Sua faculdade se estende não somente aos Espíritos dos mortos, mas aos dos vivos; quando vê uma pessoa, pode fazer abstração do corpo; então o Espírito lhe aparece como se estivesse separado dele, e pode conversar com ele: Em uma criança, por exemplo, pode ver o Espírito que está encarnado nela, apreciar a sua natureza, e saber o que era antes de sua encarnação.

Essa faculdade, estendida a esse grau, nos inicia melhor, que todas as comunicações escritas, na natureza do mundo dos Espíritos; no-lo mostra tal qual é, e se não o vemos pelos nossos olhos, a descrição que dele nos dá fá-lo ver pelo pensamento; os Espíritos não são mais seres abstratos, são seres reais, que estão ali ao nosso lado, que nos acotovelam sem cessar, e como sabemos agora que seu contato pode ser material, compreendemos a causa de uma multidão de impressões que sentimos sem delas nos rendermos conta.

Também colocamos o senhor Adrien no número dos mais notáveis médiuns, e na primeira classe daqueles que forneceram os elementos mais preciosos para o conhecimento do mundo espírita. Sobretudo, o colocamos na primeira clas-

se por suas qualidades pessoais, que são as de um homem de bem por excelência, e que o tornam eminentemente simpático aos Espíritos da mais elevada ordem, o que não ocorre sempre entre os médiuns de influências puramente físicas.

Sem dúvida, entre estes últimos, aos que farão mais sensação, cativarão melhor a curiosidade; mas para o observador, para aquele que quer sondar os mistérios desse mundo maravilhoso, o senhor Adrien é o mais poderoso auxiliar que já vimos. Também colocamos sua faculdade, e sua complacência, em proveito de nossa instrução pessoal, seja na intimidade, seja nas sessões da Sociedade, seja, enfim, na visita de diversos lugares de reunião. Estivemos juntos no teatro, nos bailes, nos passeios, nos hospitais, nos cemitérios, nas igrejas; assistimos a enterros, a casamentos, a batismos, a sermões: por toda parte observamos a natureza dos Espíritos que ali vinham se agrupar, entabulamos conversação com alguns, os interrogamos e aprendemos muitas coisas das quais aproveitaremos aos nossos leitores, porque nosso objetivo é fazê-los penetrarem, como nós, nesse mundo tão novo para nós.

O microscópio nos revelou um mundo dos infinitamente pequenos que não supúnhamos, embora estivesse sob nossos dedos; o telescópio nos revelou a infinidade de mundos celestes, que não supúnhamos mais; o Espiritismo nos descobre o mundo dos Espíritos que está por toda parte, ao nosso lado como nos espaços; mundo real que reage incessantemente sobre nós.

*

Livro: Obsessão, O Passe, A Doutrinação

J. Herculano Pires

V - Passe de auxílio mediúnico.

Nas sessões de manifestações de Espíritos para doutrinação, o passe é empregado como auxiliar dos médiuns ainda em desenvolvimento, incapazes de controlar as manifestações de entidades rebeldes. A técnica espírita não é de violência, como nas práticas superadas do exorcismo, mas de esclarecimento e persuasão. A ajuda fluídica ao médium envolvido se faz apenas através da imposição das mãos, sem tocar o médium.

Certas pessoas aflitas ou mal iniciadas no assunto procuram segurar o médium, agarrá-lo com força e sujeitá-lo. Isso serve apenas para provocar a reação da entidade, provocando tumulto na reunião. O médium se descontrola ainda mais e a entidade se aproveita disso para tumultuar a sessão. Chama-se o médium pelo nome, pede-se a ele que reaja e adverte-se a entidade para acalmar-se, sem o que se prejudicará, a si mesma.

Não se deve esquecer que a força do passe é espiritual e não a força física. Os Espíritos auxiliares estão ao redor e retiram a entidade rebelde. O médium novato e o que dá o passe de auxílio, precisam estar instruídos sobre a possibilidade dessas ocorrências e sobre o comportamento certo a adotar.

Essas observações devem ser sempre repetidas nas sessões dessa natureza para que o passe de auxílio não se converta em motivo de tumulto. Esse é um aspecto do problema do passe que muitos têm dificuldade de compreender, por falta de uma compreensão exata da natureza puramente espiritual do passe.

*

V – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

O Livro dos Médiuns: Questão 224. Papel do Médium nas Comunicações

224. O Espírito comunicante compreende todas as línguas, sem dúvida, pois as línguas são formas de expressão do pensamento e o Espírito compreende pelo pensamento. Mas, para transmitir esse pensamento, necessita do instrumento: esse instrumento é o médium. A alma do médium que recebe a comunicação do Espírito, só pode transmiti-la através dos órgãos corporais. Ora, esses órgãos não podem ter, para a transmissão de uma língua desconhecida, a flexibilidade que possuem para a língua familiar.

Um médium que só saiba falar o francês poderá, acidentalmente dar uma resposta em inglês, se o Espírito o quiser. Mas os Espíritos, que acham a linguagem humana já por si muito lenta, em relação à rapidez do pensamento, — pois procuram abreviá-la o quanto podem, — impacientam-se com a resistência mecânica da transmissão e por isso nem sempre o fazem. Essa também a razão porque um médium novato, que escreve penosa e lentamente na sua própria língua, em geral só obtém respostas breves, sem o necessário desenvolvimento.

Por isso também os Espíritos recomendam que só perguntas simples sejam feitas por seu intermédio. Para as perguntas de maior alcance é necessário um médium desenvolvido, que não oferece nenhuma dificuldade mecânica ao Espírito.

Não escolheríamos para ler um texto um aluno que apenas soletra. Um bom operário não gosta de servir-se de maus instrumentos. Acrescentemos outra consideração de grande importância no tocante às línguas estrangeiras. Os ensaios nesse sentido são sempre feitos por curiosidade com o objetivo de experimentação. Ora, nada mais antipático aos Espíritos do que as provas a que tentam submetê-los. Os Espíritos superiores nunca se prestam a isso. Afastam-se quando se pretende entrar nesse caminho. Tanto gostam dos assuntos sérios e úteis, quanto lhes repugna ocupar-se de futilidades e simples curiosidade. Os incrédulos dirão que sendo para convencê-los trata-se de coisa séria, pois poderá resultar na conquista de adeptos para a causa dos Espíritos. A isso respondem os Espíritos: "Nossa causa não precisa dos que são bastante orgulhosos para se julgarem indispensáveis. Chamamos para nós aqueles que queremos, e que são sempre os mais humildes e pequenos. Jesus fez acaso os milagres que os escribas lhe pediam? E de que homens se serviu para revolucionar o mundo? Se quereis convencer-vos, tendes outros meios que não as exigências. Começai por sujeitar-vos aos fatos: não é normal que o aluno imponha sua vontade ao mestre".(Os incrédulos pensam sempre em termos de proselitismo, de acordo com os hábitos da vida terrena. Os Espíritos, entretanto, não se interessam pelo número de adeptos e sim pela qualidade moral destes. Se o incrédulo não tem condições de maturidade moral, só aceitando a realidade dos fatos segundo os seus caprichos pessoais, por mais inteligente, culto ou importante que seja, de nada valerá a sua adesão para os Espíritos, pois em nada poderá auxiliá-los no alevantamento moral da Humanidade. Esta é uma das questões mais difíceis de se compreender, no tocante às relações com o mundo invisível. O que vale muito para o homem apegado ao mundo terreno, para os Espíritos nada vale, e vice-versa. Essa diversidade de valores impede a compreensão do problema. (N. do T.)

Disso resulta que, salvo algumas poucas exceções, o médium transmite o pensamento dos Espíritos pelos meios mecânicos de que dispõe, e a expressão desse pensamento pode e deve, o mais freqüentemente, ressentir-se da imperfeição desses meios. Assim, o homem inculto, o camponês, poderá dizer as mais belas coisas, exprimir os mais elevados pensamentos, os mais filosóficos, falando

como camponês, pois, como se sabe, para os Espíritos o pensamento está acima de tudo.

Isto responde às objeções de certos críticos quanto às incorreções de linguagem e de ortografia que se podem atribuir aos Espíritos, e que tanto podem ser deles quanto dos médiuns. É uma futilidade apegar-se a essas coisas. E não é menos pueril querer reproduzir essas incorreções com minuciosa exatidão, como vimos fazerem algumas vezes. Podemos corrigi-las sem nenhum escrúpulo, a menos que sejam características do Espírito, caso em que será útil conservá-las como prova de identidade. Assim, por exemplo, vimos um Espírito escrever constantemente Jule (sem o s) referindo-se ao neto, porque, quando vivo, escrevia assim, embora o neto, que servia de médium, soubesse perfeitamente escrever o seu nome. (Este problema de correção da escrita mediúnica provocou explicações de Kardec na Revista Espírita, onde se pode encontrar o assunto mais desenvolvido. A correção permitida se refere apenas à forma: ortografia, questões de concordância ou sintaxe, pontuação e assim por diante. No tocante ao pensamento nada pode ser alterado sem que o próprio Espírito comunicante ou um Espírito provavelmente superior o autorize, o que só acontece excepcionalmente. (N. do T.)

*

CURSO PREPARATÓRIO

12^a. AULA

I – INTRODUÇÃO

Livro: Rumo Certo (Emmanuel)

DECISÃO E VONTADE

Incerteza parece coisa de pouca monta, mas é assunto de importância fundamental no caminho de cada um.

* * *

As criaturas entram na instabilidade moral, habitam-se a ela, e passam ao domínio das forças negativas sem perceber.

Dizem-se confiantes pela manhã e acabam indecisas à noite.

Freqüentemente rogam em prece: - Senhor! Eis-me diante de tua vontade!... Mostra-me o que devo fazer!...

E quando o Senhor lhes revela, através das circunstâncias, o quadro de serviço a expressar-se, conforme as necessidades a que se ajustam, exclamam em desconsolo: - Quem sou eu para realizar semelhante tarefa? Não tenho forças. Ai de mim que sou inútil!...

Sabem que é preciso servir para se renovarem, mas paradoxalmente esperam renovar-se sem servir.

Dispõem de verbo fácil e muitas vezes se proclamam inabilitadas para falar auxiliando a alguém nas construções do Espírito.

Possuem dedos ágeis, quais filtros inteligentes engastados nas mãos; entretanto, costumam asseverar-se inseguras na execução das boas obras.

Ouvem preleções edificantes ou mergulham-se na assimilação de livros nobres, prometendo heroísmo para o dia seguinte, mas, passada a emoção, voltam à estaca zero, à maneira de viajante que desiste de avançar nos primeiros passos de qualquer jornada.

Louvam na rua o equilíbrio e a serenidade e, às vezes, dentro de casa, disputam campeonatos de irritação.

O dever jaz à frente, a oportunidade de elevação surge brilhando, os recursos enfileiram-se para o êxito e realizações chamam urgentes, mas preferem a fuga da obrigação sob o pretexto de que é preciso cautela para evitar o mal, quando o bem francamente lhes bate à porta.

Trabalho, ação, aprendizado, melhoria!...

Não te ponhas à espera deles sob a imaginária incapacidade de procurá-los, à vista de imperfeições e defeitos que te marcaram ontem.

Realização pede apoio da fé.

Mãos à obra.

Tudo o que serve para corrigir, elevar, educar e construir, nasce primeiramente no esforço da vontade unida à decisão.

*

Mensagem mediúnica.

036) - ESTAMOS EM PAZ! UM MUNDO NOVO ESTÁ NASCENDO PARA NÓS!

Irmãos, vejam que paz! Quanta Paz há hoje aqui! Sinto até cheiro de rosas brancas enfeitando e perfumando ao redor. Agora sim, me sinto bem! Isto é Paz! É pena que os outros não possam estar aqui reunidos para usufruir esse perfume, essa beleza. Essa quietude, essa Paz!

Sim, estamos em Paz. Um mundo novo está nascendo para nós. Vejo caminhos floridos, cheios de passarinhos: beija-flores, bem-te-vis e papagaios. Todos parecem cantar. Cantar essa paz que irradia do amor que o Pai derrama por sobre nós. Paz de dever cumprido. Paz porque procuramos nos elevar sempre a Ele com pensamento puro, de bondade, de vontade de ajudar e, principalmente, de vencermos o furacão que temos dentro de nós.

Paz, porque finalmente deixamos de ser tão rudes, tão mesquinhos; deixamos de ter pressa de viver essa vida vazia que há lá fora, para poder unirmo-nos nesta paz que vem dos ensinamentos de Jesus. Dessa paz que finalmente estamos entendendo.

A verdadeira vida lá fora exige luta, sacrifício, perdão, doação. E, para podermos sair lá fora com força moral e espiritual precisamos, antes de tudo, combater o furor que há em nós reunindo-nos e pedindo paz, perdão por nossos erros; agradecer esse clima de paz que finalmente se irradia em torno de nós; pois, agora, estamos em paz conosco mesmos.

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 20/6/2000).

*

Poesia

Livro: Conversa Firme. (Cornélio Pires)

14- DINHEIRO E VIDA

Você deseja saber
 Meu caro Juca Monteiro
 O que pensamos no Além
 Sobre assuntos de dinheiro.
 Encontrei muito interesse
 Em sua clara consulta
 Pois dinheiro, caro amigo,
 Tem muita lição oculta.
 Sabe você: muita gente
 Com despeito e palavrão,
 Quando se fala em fortuna,
 Estende condenação.
 Mas essa gente da inveja
 É sempre estranha e infeliz,
 Se vê dinheiro no bolso
 Esquece logo o que diz.
 Quando está na pindaíba
 Clama de verbo seguro,
 Se melhora de finança
 É mão fechada e pão duro.
 Sabemos que inveja é isto:
 A costumeira manobra
 De quem grita contra os outros
 E quer moeda de sobra.
 Dinheiro, porém, no fundo,
 Expressando compromisso,
 Pode ser considerado
 Alavanca de serviço.
 Todo perigo no assunto

Vem da trava que domina
O coração da pessoa
Ambiciosa e sovina.
Dinheiro no esconderijo
Sem proveito e sem ação,
É o que provoca delírio,
Dureza e perturbação.
Recorde o Tino Pulquério,
Era agarrado na cruz,
Ganhando herança da esposa,
Não quer saber de Jesus.
Quinquim era um médium simples
Num centro em natividade,
Acertou na loteria,
Negou a mediunidade.
Era um bom pai, bom esposo,
Liliu de Cacimba Rasa,
Ganhando dinheiro em penca
O moço deixou a casa.
Noé comentava a bíblia,
- Que crença viva em Noé!...-
Casando com moça rica,
O rapaz perdeu a fé.
Só falava em Jesus Cristo
Dona Lia Conceição,
Rica, por morte de um tio,
Largou a religião.
Era bom médium de passes,
Antônio de Dona Alice,
Ao tornar-se fazendeiro,
Fala que passe é tolice.
Recorde Joaquim da Mata,
O filho de Nhá Coleta,
Por uma questão de herança,
Arrasou a própria neta.
Nunca reprove o dinheiro,
Dinheiro por si encerra,
Sempre que bem conduzido,
A força do Céu na Terra.
Desequilíbrio e maldade,
Sombras tristes tais que são,
Só aparecem no ouro
Escravidado à ambição.
A finança que se mostra
No serviço e na bondade,
Faz-se apoio do progresso
E apoio da caridade.
A moeda que circula,
Seja entre crente e ateus,
Naquilo que representa

É sempre benção de Deus.

*

Livro: O Que é o Espiritismo (Allan Kardec)
SEGUNDA PARTE
Noções Elementares de Espiritismo
OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

1. É um erro crer-se que basta a certos incrédulos o testemunho de fenômenos extraordinários, para que se tornem convictos. Quem não admite no homem a existência da alma ou Espírito, também não a aceita fora dele; e portanto, negando a causa, nega implicitamente os efeitos. Os contraditores se apresentam, quase sempre, com uma idéia preconcebida que os desvia de uma observação séria e imparcial, e levantam questões e objeções a que é impossível responder-se logo, de modo completo, porque seria preciso fazer-se, para cada um, uma espécie de curso, retomando as coisas desde o princípio.

2 O estudo prévio tem como resultado evitar-se essas objeções que, na maioria, se originam da ignorância das causas dos fenômenos e das condições em que estes se produzem.

3. Quem não conhece o Espiritismo, supõe que se podem produzir fenômenos espíritas, como se faz uma experiência de física ou de química. Daí a pretensão de sujeitá-los à sua vontade e a recusa de se colocar nas condições necessárias para os poder observar.

4 Não admitindo, como princípio, a existência e a intervenção dos Espíritos, ou, pelo menos, não conhecendo nem a sua natureza, nem o seu modo de ação, esses indivíduos se comportam como se operassem sobre a matéria bruta; e, desde que não obtêm o que pedem, concluem que não há Espíritos.

Colocando-se em um ponto de vista diferente, compreender-se-á que, não sendo os Espíritos mais que almas dos homens, todos nós, depois da morte, seremos Espíritos, e que, nestas condições, também estaríamos pouco dispostos a servir de juguete, para satisfação das fantasias dos curiosos.

5. Ainda que certos fenômenos possam ser provocados, eles, pelo fato de provirem de inteligências livres, não se acham absolutamente à disposição de quem quer que seja; e quem se disser capaz de obtê-los, sempre que queira, só provará ignorância ou má-fé. É preciso esperá-los, apanhá-los em sua passagem, e, muitas vezes, é quando são menos esperados que se apresentam os fatos mais interessantes e concludentes.

Aquele que seriamente deseja instruir-se, deve, nisto como em tudo, ter paciência e perseverança, e colocar-se nas condições indispensáveis; doutra forma, é melhor não se preocupar com isso.

Nem sempre as reuniões que têm por objeto tratar de manifestações espíritas se acham em boas condições, seja para obter resultados satisfatórios, seja para produzir a convicção; de algumas mesmo, não podemos deixar de convir, os incrédulos saem menos convencidos do que o eram quando entraram, lançando em rosto, aos que lhes falam do caráter sério do Espiritismo, as coisas, muitas vezes ridículas, de que foram testemunhas. Nisso não são eles mais lógicos que aqueles que pretendessem julgar de uma arte pelas primeiras provas de um aprendiz, de uma pessoa pela sua caricatura, ou de uma tragédia pela paródia. O Espiritismo também tem aprendizes; e quem quer esclarecer-se não deve colher ensinamentos de uma só fonte, porque só pelo exame e pela comparação se pode firmar um juízo.

As reuniões frívolas têm o grave inconveniente de dar aos noviços, que a elas assistem, uma idéia falsa do caráter do Espiritismo. Os que só têm freqüentado reuniões dessa espécie, não podem tomar a sério uma coisa que eles vêem tratada irrefletidamente pelos próprios que se dizem adeptos. Um estudo antecipado lhes ensinará a julgar do alcance do que vêem, a separar o bom do mau.

O mesmo raciocínio se aplica aos que julgarem o Espiritismo pelo que dizem certas obras excêntricas, que dele apenas dão uma idéia incompleta e ridícula.

O Espiritismo sério não pode responder por aqueles que o compreendem mal, ou que o praticam de modo contrário aos seus preceitos; assim como não o faz a poesia por aqueles que produzem maus versos.

É deplorável, dizem, que existam tais obras prejudicando a verdadeira ciência. Sem dúvida, seria preferível que só as houvesse boas; o maior mal, porém, consiste em não se darem ao trabalho de estudá-las todas. Todas as artes, todas as ciências, além disso, estão no mesmo caso. Não vemos, sobre as mais sérias coisas aparecerem tratados absurdos e cheios de erros?

Por que seria privilegiado, nesse sentido, o Espiritismo, sobretudo em seu começo?

Se os que o criticam não tomassem as aparências por base do seu juízo, saberiam o que ele admite e o que rejeita, e não lhe lançariam em conta o que ele repele em nome da razão e da experiência.

*

Livro: Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas **Allan Kardec** **Das evocações**

Algumas pessoas julgam que devemos nos abster – sobretudo quando se trata de orientações de caráter geral – de evocar tal ou tal Espírito e que é preferível esperar o que quiser comunicar-se.

Elas se baseiam na opinião de que chamando um determinado Espírito não podemos ter a certeza de que é ele quem se apresenta, ao passo que o que vem espontaneamente, por sua própria iniciativa, prova melhor sua identidade, pois que evidencia o desejo que o anima de se entreter conosco.

A nosso ver este ponto de vista é errôneo. Em primeiro lugar porque há sempre Espíritos em redor de nós e, o mais das vezes, de baixa condição, que não desejam outra coisa senão comunicar-se. Em segundo lugar, e por esta última razão mesma, não chamando nenhum em particular abre-se a porta a todos os que desejam entrar. Em uma assembléia, não dar a palavra a ninguém é entregá-la a todo o mundo e sabemos o que resulta disso. O apelo direto feito a um determinado Espírito é um laço entre ele e nós. Nós o chamamos pela nossa vontade e opomos assim uma espécie de barreira aos intrusos que podem, igualmente, induzir-nos a erros sobre sua identidade. Sem um apelo direto um Espírito não teria, muitas vezes, nenhum motivo de vir a nós, se não é nosso Espírito familiar. De outro lado a experiência prova que, de qualquer modo, a evocação é preferível. Quanto à questão de identidade, dela falaremos dentro em pouco.

Esta regra, todavia, não é absoluta. Nas reuniões regulares, naquelas sobretudo em que nos ocupamos de um trabalho contínuo, há sempre, como dissemos, Espíritos assíduos freqüentadores, que se acham presentes sem serem chamados, prevenidos que estão em razão da regularidade das sessões.

Eles muitas vezes tomam espontaneamente a palavra para escrever o que se deve fazer ou para desenvolver um assunto de conversa, e então é fácil reconhecê-los, seja pela forma de sua linguagem, que é sempre idêntica, quer por sua escrita, quer por certos hábitos que lhes são familiares, quer, enfim, pelos próprios nomes, que enunciam, ora no começo, ora no fim dos trabalhos.

Quanto aos Espíritos estranhos, a maneira de invocá-los é das mais simples: não há fórmula sacramental ou mística! Basta fazê-lo em nome de Deus, nos termos seguintes ou em outros equivalentes: *Eu rogo a Deus todo-poderoso que permita ao Espírito de... (designá-lo com precisão) comunicar-se conosco*; ou então: *Em nome de Deus todo-poderoso peço ao Espírito de... que venha se comunicar conosco*. Se ele pode vir obtém-se, geralmente, em resposta: *Sim*; ou: *Aqui estou!*; ou ainda: *Que desejas de mim?*

Fica-se às vezes surpreendido com a prontidão com que um Espírito evocado se apresenta, mesmo pela primeira vez: dir-se-ia que foi avisado. É, com efeito, o que se dá quando nos preocupamos, com antecedência, com a sua evocação. Esta preocupação é uma espécie de evocação antecipada, e como contamos sempre com nossos Espíritos familiares ou outros que se identificam com nosso pensamento, eles preparam os caminhos de tal maneira que, se não há nada que se oponha, o Espírito que desejamos chamar já está presente. Em caso contrário é o Espírito familiar do médium, ou de quem preside aos trabalhos, ou um dos frequentadores habituais que vai procurá-lo, e para isso não lhe é preciso muito tempo.

Se o Espírito evocado não pode se apresentar instantaneamente, o mensageiro (o Mercúrio, se o quiserem) dá um prazo, algumas vezes de cinco minutos, um quarto de hora ou mesmo vários dias. Quando chega diz: *ele está aqui!* E então podemos dirigir-lhe as perguntas que desejarmos fazer.

Quando aconselhamos que se faça a evocação em nome de Deus, queremos significar que essa recomendação deve ser tomada a sério e não com levianidade. Os que virem nessa prática apenas uma fórmula inútil e inconseqüente procederão melhor abstendo-se dela.

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo. Cap.XXVI, item 10 Mediunidade Gratuita

10. A mediunidade é uma coisa sagrada, que deve ser praticada santamente, religiosamente. E se há uma espécie de mediunidade que requer esta condição de maneira ainda mais absoluta, é a mediunidade curadora. O médico oferece o resultado dos seus estudos feitos ao peso de sacrifícios geralmente penosos; o magnetizador, e seu próprio fluido, e freqüentemente a sua própria saúde: eles podem estipular um preço para isso. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos, e não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os Apóstolos, embora pobres, não cobravam as curas que operavam.

Que aquele, pois, que não tem do que viver, procure outros recursos que não os da mediunidade; e que não lhe consagre, se necessário, senão o tempo de que materialmente possa dispor. Os Espíritos levarão em conta o seu devotamento e os seus sacrifícios, enquanto se afastarão dos que pretendem fazer da mediunidade um meio de subir na vida.

*

Livro: O Espírito da Verdade (Emmanuel)
Médiuns e mediunidades (Cap. XXVI – Item 10 de ESE)

No falso pressuposto de que haja médiuns e mediunidades mais importantes entre si, recordemos o velho apólogo que Menênio Agripa contou ao povo amotinado de Roma, a fim de sossegar-lhe o espírito em discórdia.

“Se o cérebro, por reter a ideação fulgurante, desprezasse o estômago ocupado na tarefa obscura da digestão, a cabeça não conseguiria pensar; se os olhos, por refletirem a luz, declarassem guerra aos intestinos por serem eles vasos seletores de resíduos, decerto que, a breve tempo, a retina seria espelho morto nas trevas, e se o tronco, por sentir-se guindado a pequena altura, condenasse os pés por viverem ao contato do solo, rolaria o corpo sem equilíbrio.”

E, de nossa parte, ousaríamos acrescentar à antiga fábula que tudo, no campo da seqüência da natureza, é solidariedade e cooperação.

Se os braços desaparecerem, os pés se fazem mais ágeis; em sobrevindo a surdez, acusa o olhar penetração mais intensa; se a visão surge apagada, o tacto mais amplamente se desenvolve; se o baço é extirpado, a medula óssea trabalha com mais afinco, de modo a satisfazer as necessidades do sangue.

Qual acontece no mundo orgânico, a Doutrina Espírita é um grande corpo de revelações e de bênçãos, no qual cada médium possui tarefa específica.

Esse esclarece...

Aquele consola...

Outro pensa feridas...

Aquele outro anula perturbações...

Esse incorpora sofredores angustiados...

Aquele transmite elucidações de instrutores devotados à grande beneficência...

Outro recebe a palavra construtiva...

Aquele outro se incumbe da mensagem santificante...

Como é fácil observar, o passe curativo é irmão da prece confortadora, a desobsessão é o reverso da iluminação espiritual e o verbo fulgente da praça pública é outra face do livro que o silêncio abençoa.

Em nossa esfera de serviço, portanto, já que prescindimos do profissionalismo religioso, não existem médiuns-pastores, médiuns-gerentes, médiuns-líderes ou médiuns-diretores, porquanto a cada qual de nós cabe uma parte do grande apostolado de redenção que nos foi atribuído pela Espiritualidade Maior.

E se todos nós, em conjunto, temos um mentor a procurar e a ouvir de maneira especialíssima, no plano da consciência e no santuário do coração, esse Mentor é Nosso Senhor Jesus-Cristo – o Sol do Amor Eterno – a cuja luz, no grande dia de nossos mais altos ajustamentos, deveremos revelar em nós mesmos a divina essência da Sua lição divina:

– “A cada qual por suas obras.”

Cairbar Schutel

*

Livro: O Céu e o Inferno (Allan Kardec)
1ª. Parte, VI, item 14
Doutrina das Penas Eternas

14. Sendo em tudo infinito, Deus deve abranger o passado e o futuro; deve saber, ao criar uma alma, se ela virá a falir, assaz gravemente, para ser eternamen-

te condenada. Se o não souber, a sua sabedoria deixará de ser infinita, e Ele deixará de ser Deus. Sabendo-o, cria voluntariamente uma alma desde logo votada ao eterno suplício, e, nesse caso, deixa de ser bom.

Uma vez que Deus pode conferir a graça ao pecador arrependido, tirando-o do inferno, deixam de existir penas eternas, e o juízo dos homens está revogado.

*

**Livro: Justiça Divina (Emmanuel).
Ref. O Céu e o Inferno, 1ª. Parte, VI, item 14**

NÃO FURTAR

Reunião pública de 27-1-61 - 1ª Parte, cap. VI, item 14 de O Céu e o Inferno)

Diz a Lei: “não furtaras”.

Sim, não furtarás o dinheiro, nem a fazenda, nem a posse dos semelhantes.

Contudo, existem outros bens que desaparecem, subtraídos pelo assalto da agressividade invisível que passa, impune, diante dos tribunais articulados na Terra.

Há muitos amigos que restituem honestamente a moeda encontrada na rua, mas que não se pejam de roubar a esperança e o entusiasmo dos companheiros dedicados ao bem, traçando telas de amargura e desânimo, com as quais favorecem a vitória do mal.

Muitos respeitam a terra dos outros; entretanto não hesitam em dilapidar-lhes o patrimônio moral, assestando contra eles a maledicência e a calúnia.

Há criaturas que nunca arrebataram objetos devidos ao conforto do próximo; contudo, não vacilam em surripiar-lhes a confiança.

E há pessoas inúmeras que jamais invadiram a posse material de quem quer que seja; no entanto, destroem sem piedade, a concórdia e a segurança do ambiente em que vivem, roubando o tempo e a alegria dos que trabalham.

“Não furtarás” – estatui o preceito divino.

É preciso, porém, não furtar nem os recursos do corpo, nem os bens da alma, pois que a consequência de todo furto é prevista na Lei.

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro: O Livro dos Espíritos.

Questão 715

IV – NECESSÁRIO E SUPÉRFLUO

715. Como pode o homem conhecer o limite do necessário?

– O sensato o conhece por intuição e muitos o conhecem à custa de suas próprias experiências.

716. A Natureza não traçou o limite do necessário em nossa própria organização?

– Sim, mas o homem é insaciável. A Natureza traçou o limite de suas necessidades na sua organização, mas os vícios alteraram a sua constituição e criaram para ele necessidades artificiais.

717. Que pensar dos que açambarcam os bens da terra para se proporcionarem o supérfluo, em prejuízo dos que não têm sequer o necessário?

– Desconhecem a lei de Deus e terão de responder pelas privações que ocasionaram.

O limite entre o necessário e o supérfluo nada tem de absoluto. A civilização criou necessidades que não existem no estado de selvageria, e os Espíritos que ditaram esses preceitos não querem que o homem civilizado viva coma selvagem. Tudo é relativo e cabe à razão colocar cada coisa em seu lugar. A civilização desenvolve o senso moral e ao mesmo tempo o sentimento de caridade que leva os homens a se apoiarem mutuamente.

Os que vivem à custa das privações alheias exploram os benefícios da civilização em proveito próprio; não têm de civilizados mais do que o verniz, como há pessoas que não possuem da religião mais do que a aparência.

*

Livro: Religião dos Espíritos (Emmanuel)

Sobras

Reunião pública de 20/2/59

Questão nº 715 de O Livro dos Espíritos

A sobra em todas as situações é o agente aferidor do nosso ajustamento à Lei Eterna que estatui sejam os recursos do Criador divididos justificadamente por todas as criaturas, a começar pela bênção vivificante do Sol.

É assim que o leite a desperdiçar-se, na mesa, é a migalha de alimento que sonegas à criancinha órfã de pão, tanto quanto a roupa a emalar-se, desnecessária, no recanto doméstico, é o agasalho que deves à nudez que a noite fria vergasta.

Por isso mesmo, é pelo supérfluo acumulado em vão que começam todos os nossos desacertos perante a Bênção Divina.

Formações miasmáticas invadem-te o lar pelos frutos apodrecidos que recusas à fome dos semelhantes; prolifera a traça na moradia, pelo vestuário que segregas a distância de quem sofre a intempérie; multiplicam-se víboras e espinheiros na gleba que guardas, inútil; arma-te a inveja ciladas soezes, ao pé de patrimônios materiais que reténs, sem qualquer benefício para a necessidade dos outros, e, sobretudo, os expoentes da criminalidade e do vício senhoreiam-te a vida, nas horas vagas em que te refestelas nos braços da ilusão, exaltando a leviandade e a preguiça.

Não olvides, assim, que toda sobra desaproveitada nos bens que desfrutas, por efeito de empréstimo da Providência Maior, se converte em cadeia de retaguarda, situando-te pensamentos e aspirações na cidadela da sombra. E, repartindo com o próximo as vantagens que te enriquecem os dias, seguirás, desde a Terra, pelos investimentos do amor puro e incessante, em direitura à Plenitude Celestial.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA

Livro: O Livro dos Médiuns.

Método. Espíritas incrédulos por decepção.

25. Não podemos esquecer uma categoria que chamaremos de *incrédulos por decepção*. Abrange os que passaram de uma confiança exagerada à incredulidade, por terem sofrido desilusões. Assim, desencorajados, abandonaram tudo e tudo rejeitaram. São como aquele que negasse a boa fé por ter sido enganado. São ainda a conseqüência de um estudo incompleto do Espiritismo e da falta de experiência.

Aquele que é mistificado por Espíritos, geralmente é porque lhes fez perguntas indevidas ou que eles não podiam responder, ou porque não estavam bas-

tante esclarecidos para distinguir a verdade da impostura. Muitos, aliás, só vêem o Espiritismo como uma nova forma de adivinhação e pensam que os Espíritos existem para ler a *buena-dicha*. Ora, os Espíritos levianos e brincalhões não perdem a oportunidade de se divertirem à sua custa: é assim que anunciarão casamentos para as moças; honrarias, heranças e tesouros ocultos para os ambiciosos, e assim por diante. Disso resultam, freqüentemente, desagradáveis decepções, de que o homem sério e prudente sabe sempre se preservar.

*

Livro: Seara dos Médiuns (Emmanuel)

No campo doutrinário

Reunião pública de 1/2/60

Questão nº 25 de O Livro dos Médiuns

Encontrarás no caminho os companheiros que não conseguiram guardar o talento mediúnicamente na altura que a responsabilidade lhes conferiu.

À maneira dos que não sabem viver retamente, quando chamados à mordomia do ouro ou ao cetro do poder, desequilibram-se mentalmente, criando para si próprios o labirinto em que se desvairam.

Começam abandonando a disciplina profissional, que julgam vexatória.

Debandam de pequeninos deveres familiares que, naturalmente cumpridos, formam o alicerce das tarefas maiores.

E transformam-se em brinquedo da fascinação que os inutiliza.

Julgam-se, então, mensageiros especiais.

Ausentam-se deliberadamente do estudo.

Abraçam exotismos contundentes.

Acreditam-se na condição de intérpretes das mais altas personalidades da História.

Não admitem advertências.

Supõem dominar o passado e o futuro.

Profetizam.

Pontificam.

Mas, detendo exagerada conceituação de si mesmos, não percebem que se fazem marginais, cristalizados em longos processos obsessivos, aos quais atraem amigos invigilantes para deslumbrá-los, a princípio, e arrojá-los, depois, à desilusão.

*

Em verdade, não podemos evitar que irmãos nossos se prendam a semelhantes situações perigosas e lastimáveis.

Se outras formações religiosas vivem juguladas pela autoridade terrestre que lhes frena os impulsos, encontramos na Doutrina Espírita o pensamento claro e espontâneo da fé viva, favorecendo sementeiras e searas preciosas do livre-arbítrio.

Diante, pois, dos amigos que não souberam situar os compromissos medianímicos em lugar justo, observemos quão duro será, para nós, desertar do serviço constante no burilamento interior, aprendendo, ao mesmo tempo, nos desajustes que mostram, tudo aquilo que nos cabe evitar.

Em seguida, se possível, ajudemo-los com a palavra evangélica; entretanto, se essa medida não pode ser posta em prática, à face das circunstâncias que nos obrigam a emudecer, lembremo-nos de que é nossa obrigação trabalhar sempre mais, na expansão de nossos princípios, para que se faça luz nos corações

e nas consciências.

E caminhemos adiante, no esforço de tudo melhorar cada dia, com a certeza de que, segundo o Cristo, cada criatura, hoje e sempre, onde estiver, receberá, invariavelmente, de acordo com as suas obras.

*

Livro: A Gênese. Cap. III. O Bem e o Mal. Itens 5 e 6

5. - Tendo o homem que progredir, os males a que se acha exposto são um estimulante para o exercício da sua inteligência, de todas as suas faculdades físicas e morais, incitando-o a procurar os meios de evitá-los. Se ele nada houvesse de temer, nenhuma necessidade o induziria a procurar o melhor; o espírito se lhe entorpeceria na inatividade; nada inventaria, nem descobriria. A dor é o agulhão que o impede para a frente, na senda do progresso.

6. - Porém, os males mais numerosos são os que o homem cria pelos seus vícios, os que provêm do seu orgulho, do seu egoísmo, da sua ambição, da sua cupidez, de seus excessos em tudo. Aí a causa das guerras e das calamidades que estas acarretam, das dissensões, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte, da maior parte, afinal, das enfermidades.

Deus promulgou leis plenas de sabedoria, tendo por único objetivo o bem. Em si mesmo encontra o homem tudo o que lhe é necessário para cumpri-las. A consciência lhe traça a rota, a lei divina lhe está gravada no coração e, ao demais, Deus lha lembra constantemente por intermédio de seus messias e profetas, de todos os Espíritos encarnados que trazem a missão de o esclarecer, moralizar e melhorar e, nestes últimos tempos, pela multidão dos Espíritos desencarnados que se manifestam em toda parte. Se o homem se conformasse rigorosamente com as leis divinas, não há duvidar de que se pouparia aos mais agudos males e viveria ditoso na Terra. Se assim procede, é por virtude do seu livre-arbítrio: sofre então as conseqüências do seu proceder.

(O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. V, nos 4, 5, 6 e seguintes.)

*

Livro: Opinião Espírita (Emmanuel) Quando Sofreres (G - Cap. III - Item 5)

Quando sofreres, pensa no indefinível poder de renovação que flui dos vencidos!...

Os gritos dos déspotas da antiguidade que pompeavam irrisório triunfo desapareceram, encaminhados pela morte à piedade da cinza para que se lhes apagasse a memória, mas a justiça tomou as lágrimas de quantos lhes caíram sob os carros sanguinolentos para gravar as leis que enobrecem a Humanidade.

Os sarcasmos dos que traficavam com a vida dos semelhantes foram abafados na estreiteza do túmulo, mas o pranto dos escravos, que cambaleavam aos rebenques do cativo, lavou os olhos das nações conscientes, para que contemplassem o clarão inextinguível da liberdade.

Quando sofreres por alguém ou por alguma causa nobre, medita naquele que a Sabedoria Divina enviou à Terra, para o engrandecimento de todos.

A Eterna Bondade fê-lo nascer, sob cânticos angélicos ao fulgor de uma estrela, e consentiu que se lhe negasse um berço entre os homens.

Situou-lhe a divina embaixada, entre aqueles que detinham no mundo as mais elevadas noções religiosas e não impediu lhe ignorassem a presença.

Dotou-o de carismas sublimes com que reerguesse os paralíticos e iluminasse os cegos e deu-lhe a estrada por moradia.

Colocou-lhe a ciência do Universo na palavra simples, mas não lhe deu qualquer cenáculo de pedra aos ensinamentos, conquanto providenciasse para que os deserdados e os enfermos, os cansados e os infelizes lhe integrassem a assembléia de ouvintes na largueza do campo.

Revestiu-lhe a influência pessoal com todos os atributos do bem e deixou que o mal lhe alcançasse o círculo dos amigos mais íntimos.

E quando lhe tapizaram (ornaram de tapetes) o caminho com palmas de vitória, no intuito de lhe entregarem o cetro da autoridade, permitiu que a sombra envolvesse aqueles que mais o admiravam e, quase defronte a eminência do Moriah, em cujo tope se erguia o templo de Salomão, como sendo o mais suntuoso dos monumentos levantados na Terra, em louvor do Deus-único, não obsteu se lhe desse um monte desolado para a morte num lenho entre malfeitores, a fim de que ele formasse entre os milhões de aflitos e incompreendidos de todos os tempos!...

ooo

Quando sofreres para que haja bondade e verdade, felicidade e concórdia, pensa em Cristo e compreenderás que ninguém consegue realmente auxiliar a ninguém sem amor e sem dor.

*

Livro: Revista Espírita – Allan Kardec
Dezembro de 1858
Um Espírito no enterro de seu corpo

Estado da alma no momento da morte.

Os Espíritos sempre nos disseram que a separação da alma e do corpo não se faz instantaneamente; ela começa, algumas vezes, antes da morte real, durante a agonia; quando a última pulsação se faz sentir, o desligamento não está ainda completo; ele se opera mais ou menos lentamente segundo as circunstâncias, e até à sua inteira liberdade a alma experimenta uma perturbação, uma confusão que não lhe permite conscientizar-se de sua situação; está no estado de uma pessoa que desperta e cujas idéias são confusas.

Esse estado nada tem de penoso para o homem cuja consciência é pura; sem muito se explicar do que vê, é calmo e espera sem medo o despertar completo; ao contrário, é cheio de angústias e de terror para aquele que teme o futuro. A duração dessa perturbação, dizemos nós, é variável; é muito menos longa naquele que, durante a vida, já elevou seus pensamentos e purificou sua alma; dois ou três dias lhe bastam, ao passo que, em outros, é preciso, algumas vezes, oito ou mais.

Muitas vezes assistimos a esse momento solene, e sempre vimos a mesma coisa; isso não é, pois, uma teoria, mas um resultado da observação, uma vez que é o Espírito quem fala e quem pinta sua própria situação.

Eis aqui um exemplo mais característico e tanto mais interessante para o observador, que não se trata mais de um Espírito invisível escrevendo por um médium, mas bem de um Espírito visto e ouvido na presença de seu corpo, seja na câmara mortuária, seja na igreja durante o serviço fúnebre.

O senhor X... vinha de ser atingido por um ataque de apoplexia; algumas horas depois de sua morte, o senhor Adrien, um de seus amigos, se encontrava em seu quarto com a mulher do defunto; ele viu distintamente o Espírito deste passear em todos os sentidos, olhar alternativamente seu corpo e as pessoas presentes, depois sentar-se numa poltrona; tinha exatamente a mesma aparência de quando vi-

vo; estava vestido do mesmo modo, sobrecasaca preta, calça preta; tinha as mãos nos bolsos e o ar preocupado.

Durante esse tempo, a mulher procurava um papel na escrivaninha, seu marido a olha e diz: procuras inutilmente, não encontrarás nada. Ela não desconfiava nada do que se passava, porque o senhor X... não era visível senão para o senhor Adrien.

No dia seguinte, durante o serviço fúnebre, o senhor Adrien viu de novo o Espírito de seu amigo perambular ao lado do caixão, mas não tinha mais o vestuário da véspera; estava envolvido com uma espécie de roupagem. A conversação seguinte se iniciou entre eles.

Notemos, de passagem, que o senhor Adrien não é sonâmbulo; que nesse momento, como no dia precedente, estava perfeitamente desperto, e que o Espírito lhe aparecia como se fosse um dos assistentes do enterro.

- P. Diga-me uma coisa, meu caro Espírito, que sentes agora? - R. Bem e sofrimento.

- P. Não compreendo isso. - R. Sinto que estou vivendo a minha verdadeira vida; entretanto, vejo o meu corpo aqui neste caixão; apalpo-me e não me sinto. Ah! Deixai-me sair desta noite, deste pesadelo.

- P. Permanecerás por muito tempo assim? - R. Oh não! Graças a Deus, meu amigo; sinto que despertarei logo: seria horrível de outro modo; tenho as idéias confusas; tudo é neblina: sonho *na grande divisão* que acaba de ser feita... não compreendo ainda nada.

- P. Que efeito vos fez a morte? - R. A morte! Eu não estou morto, meu filho, tu te enganas.

Eu me levantei e fui atingido de repente, por um nevoeiro que me desceu sobre os olhos, depois despertei, e julgue meu espanto ao me ver, me sentir vivo, e de ver ao lado, sobre a lage, meu outro *eu* deitado. Minhas idéias eram confusas; enganei-me para me tranquilizar, mas não pude; vi minha mulher chegar, velar-me, lamentar-se, e me perguntava por quê?

Consolei-a, falei-lhe, e ela não me respondia e nem me compreendia; aí está o que me torturava e tornava meu Espírito mais perturbado. Só tu me fizeste bem, porque me ouviste e compreendes o que quero; ajudas-me a desembaraçar minhas idéias e me fazes grande bem; mas, por que os outros não fazem o mesmo? Eis o que me tortura... O cérebro está esmagado diante dessa dor... Vou vê-la, talvez me ouça agora... Até logo, caro amigo; chama-me e irei ver-te... Far-te-ei mesmo visita de amigo... Eu te surpreenderei... até logo.

O senhor Adrien viu-o, em seguida, ir junto de seu filho que chorava... Inclinou-se para ele, ficou um momento nessa situação e partiu rapidamente. Não fora ouvido, e, sem dúvida, se figurou produzir um som; eu, eu estou persuadido, acrescenta o senhor Adrien, que o que dizia chegava ao coração da criança; eu vos provarei isso. Revi-o depois, ele está mais calmo.

Observação. - Esta narração está de acordo com tudo o que já havíamos observado sobre o fenômeno da separação da alma; ela confirma, com circunstâncias todas especiais, essa verdade, que depois da morte o Espírito ainda está ali presente. Não acredita que tenha à sua frente um corpo inerte, enquanto ele vê e entende tudo o que se passa ao redor dele, penetra o pensamento dos assistentes, e entre si e estes a única diferença é a visibilidade e a invisibilidade. As lágrimas de crocodilo dos ávidos herdeiros não o abalam.

Quantas decepções os Espíritos devem experimentar neste momento?

*

Livro: Obsessão. O Passe. A Doutrinação
J. Herculano Pires
Preparação para o passe. Transfusão fluídica.

É muito comum chegarem pessoas ao Centro, ou mesmo dirigindo-se à casa de um médium, pedindo passe com urgência. O passe não pode ser dado a qualquer momento e de qualquer maneira. Deve ser sempre precedido de preparação do passista e do ambiente bem como do paciente.

O médium precisa de preparação para bem se dispor ao ato mediúnic do passe. Atender a esses casos imediatamente é dar prova de ignorância das leis do passe. Tudo depende de sintonias que precisam ser estabelecidas. Sintonia do médium com o seu estado íntimo; sintonia do passista com o Espírito que vai atendê-lo; sintonia das pessoas presentes com o ambiente que se deve formar no recinto.

Tudo isso se consegue através da prece e do interesse de todos pela ajuda ao necessitado. Dar um passe sem essas medidas preparatórias é uma imprudência e um desrespeito aos Espíritos que podem estar empenhados em outros afazeres naquele momento.

A falsa idéia de que basta estendermos as mãos sobre uma pessoa para socorrê-la é uma pretensão que tem suas raízes nas práticas mágicas. O passe não é um ato de magia, mas uma ação consciente de súplica às entidades espirituais superiores que nos amparam.

A existência e a ação dessas entidades não são uma suposição, mas uma realidade provada cientificamente e hoje necessariamente integrada nas leis naturais, pois não decorre de visões místicas, mas de fatos, de fenômenos objetivos cujas leis já foram descobertas.

Os fenômenos paranormais não são de natureza mágica nem pertencem ao mito, mas ao real verificável por métodos adequados de pesquisa e até mesmo por meios tecnológicos.

VII - Transfusão fluídica.

O passe é uma transfusão de plasma extrafísico (para usarmos essa expressão de Rhine) certamente composto de partículas livres de antimatéria. Nas famosas pesquisas da Universidade de Kirov, na URSS, em que os cientistas soviéticos (materialistas) descobriram o corpo-bioplásmico do homem, verificou-se por meios tecnológicos recentes que a força-psíquica de Willian Crookes é uma realidade vital na nossa própria estrutura psicofísica.

O ectoplasma de Charles Richet, agindo nessas experiências como um plasma radiante, confirmou a teoria espírita (de Kardec) da ação de fluidos semi-materiais nos fenômenos de telecinesia (movimento e levitação de objetos à distância).

A suposta incompatibilidade de matéria e antimatéria já havia sido afastada pela produção em laboratório de um antiátomo de Hélio, comprovando-se a realidade dos espaços interpenetrados. De todas essas conquistas resultou necessariamente a comprovação da existência dos fluidos vitais invisíveis do organismo humano e de todos os organismos vivos, fotografados pelas Câmeras Kirlian. O oficialismo ideológico soviético fez calar os cientistas, em defesa do materialismo de Estado, mas a descoberta foi registrada e divulgada por pesquisadoras da Universidade de Prentice Hall, nos Estados Unidos.

Essa epopéia científica e tecnológica da Universidade de Kirov, combatida também pelo espiritualismo igrejeiro, deu-nos a chave do mistério das mãos humanas e do passe. Raul de Montandon já havia obtido na França, por meios mais

modestos, fotos de corpos bio-plásmicos de animais inferiores, e Gustavo Geley comprovara, em Paris, o fluxo de ectoplasma em torno das sessões mediúnicas.

As mãos humanas funcionam, no passe espírita como antenas que captam e transmitem as energias do plasma vital de antimatéria.

Hoje conhecemos, portanto, toda a dinâmica do passe espírita como transmissão de fluidos no processo aparentemente simplíssimo e eficaz do passe. Não há milagre nem sobrenatural na eficácia do passe, modestamente aplicado e divulgado por Jesus há dois mil anos. Essas as razões que nos levam a exigir, na atualidade, o respeito que o passe merece.

*

V – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

Livro: O Livro dos Médiuns

CAPÍTULO XX

INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM

QUESTÕES DIVERSAS. DISSERTAÇÃO DE UM ESPÍRITO SOBRE A INFLUÊNCIA MORAL

226. 1. O desenvolvimento da mediunidade se processa na razão do desenvolvimento moral do médium?

— Não. A faculdade propriamente dita é orgânica, e portanto independente da moral. Mas já não acontece o mesmo com o seu uso, que pode ser bom ou mau, segundo as qualidades do médium.

2. Sempre se disse que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor divino. Porque, então, não é um privilégio dos homens de bem? E por que há criaturas indignas que a possuem no mais alto grau e a empregam no mau sentido?

—Todas as nossas faculdades são favores que devemos agradecer a Deus, pois há criaturas que não as possuem. Podias perguntar por que Deus concede boa visão a malfeitores, destreza aos larápios, eloqüência aos que só a utilizam para o mal. Acontece o mesmo com a mediunidade. Criaturas indignas a possuem porque dela necessitam mais do que as outras, para se melhorarem. Pensas que Deus recusa os meios de salvação dos culpados? Ele os multiplica nos seus passos, coloca-os nas suas próprias mãos. Cabe a eles aproveitá-los. Judas, o traidor, não fez milagres e não curou doentes, como apóstolo? Deus lhe permitiu esse dom para que mais odiosa lhe parecesse a traição.

3. Os médiuns que empregam mal as suas faculdades, que não as utilizam para o bem ou que não as aproveitam para a sua própria instrução, sofrerão as conseqüências disso?

—Se as usarem mal, serão duplamente punidos, pois perdem a oportunidade de aproveitar um meio a mais de se esclarecerem. Aquele que vê claramente e tropeça é mais censurável que o cego que cai na valeta.

4. Há médiuns que recebem comunicações espontâneas, quase freqüentemente, sobre um mesmo assunto, tratando de certas questões morais, por exemplo, relativas a determinados defeitos. Terá isso algum fim?

— Sim, e a finalidade é esclarecê-los a respeito do assunto constantemente repetido, ou corrigi-los de certos defeitos. É por isso que a uns os Espíritos falam sempre do orgulho, a outros da caridade, pois somente a insistência poderá por fim abrir-lhes os olhos. Não há médium empregando mal a sua faculdade, seja por ambição ou interesse, ou prejudicando-a por um defeito essencial, como o egoísmo, o orgulho, a leviandade que não receba de tempos em tempos alguma adver-

tência dos Espíritos. O mal é que na maioria das vezes ele não a toma para si mesmo.

OBSERVAÇÃO. Os Espíritos dão as suas lições quase sempre com reserva, de maneira indireta, para deixarem maior mérito aos que as aproveitam. Mas são tais a cegueira e o orgulho de certas pessoas, que elas não se reconhecem nas lições recebidas. E ainda mais: se o Espírito lhes faz entender que se referem a elas, zangam-se e chamam o Espírito de mentiroso ou de atrevido. Basta isso para mostrar que o Espírito tem razão.

5. Ao receber lições de sentido geral, sem aplicação pessoal, o médium não age como instrumento passivo ao serviço da instrução dos outros?

— Quase sempre esses avisos e conselhos não são dirigidos a ele, mas a outras pessoas que só podemos atingir através da sua mediunidade. Mas ele também, se não estiver cego pelo amor próprio, deve tomar a sua parte. Não penses que a faculdade mediúnica seja apenas para a correção de uma ou duas pessoas. Não. O objetivo é maior: trata-se da Humanidade. Um médium é um instrumento que, como indivíduo, importa muito pouco. Por isso, quando damos instruções de interesse geral, utilizamos os que nos oferecem as facilidades necessárias. Mas podes estar certo de que chegará o tempo em que bons médiuns serão muito comuns, para que os Espíritos bons não precisem mais servir-se de maus instrumentos.

*

CURSO PREPARATÓRIO

13ª. AULA

I – INTRODUÇÃO

Livro: Pérolas do Além

CIÚME

Por excesso de preocupações, muitos cônjuges descem às cavernas do desespero, defrontados pelos insaciáveis monstros do ciúme que lhes aniquilam a felicidade.

Livro Pão Nosso

*

O ciúme, propriamente considerado nas suas expressões de escândalo e de violência, é um índice de atraso moral ou de estacionamento no egoísmo, dolorosa situação que o homem somente vencerá a golpes de muito esforço, na oração e na vigilância, de modo a enriquecer o seu íntimo com luz do amor universal, começando pela piedade para com todos os que sofrem e erram, guardando também a disposição sadia para cooperar na elevação de cada um.

Só a compreensão da vida, colocando-nos na situação de quem errou ou de quem sofre, a fim de iluminarmos o raciocínio para a análise serena dos acontecimentos, poderá aniquilar o ciúme no coração de modo a cerrar-se a porta ao perigo, pela qual toda alma pode atirar-se a terríveis tentações, com largos reflexos nos dias do futuro.

Livro O Consolador

O ciúme é o amor que se dilacera.

João de Brito - Livro Falando à Terra

O ciúme parece um lobo famulento, estendendo aflição e desconfiança.

Aulus - Livro Instruções Psicofônicas

CÓLERA

Um simples raio de cólera costuma perturbar ou destruir longas e pacientes sementeiras de amor.

Mariano José Pereira da Fonseca - Livro Falando à Terra

*

A cólera não aproveita a ninguém, não passa de perigoso curto-circuito de nossas forças mentais, por defeito na instalação de nosso mundo emotivo, arremessando raios destruidores, ao redor de nossos passos...

Livro Entre a Terra e o Céu

*

A criatura enfurecida é um dínamo em descontrole, cujo contacto pode gerar as mais estranhas perturbações.

Livro Entre a Terra e o Céu

*

A cólera e o desespero, a crueldade e a intemperança criam zonas mórbidas de natureza particular no cosmo orgânico, impondo às células a distonia pela qual se anulam quase todos os recursos de defesa, abrindo-se leira fértil à cultura de micróbios patogênicos nos órgãos menos habilitados à resistência.

- É assim que, muitas vezes, a tuberculose e o câncer, a lepra e a ulceração aparecem como fenômenos secundários, residindo a causa primária no desequilíbrio dos reflexos da vida interior.

Livro Pensamento e Vida

O Punhal da nossa ira alcança-nos a própria saúde, impondo-nos o vírus da enfermidade.

O Livro Vozes do Grande Além

*

Mensagem

037) A FORÇA DA PALAVRA E DO PENSAMENTO!

Há muito foi me dado o privilégio da palavra fácil. Era-me dado o lugar de destaque para qualquer explanação. Onde quer que houvessem algumas pessoas, um certo número, lá estava eu a falar, a falar!

As palavras como que fluíam dos meus lábios num vernáculo de fácil entendimento deixando extasiados quem ouvia. E eu falava, falava, falava. Falava com o coração, com a alma; minha voz se levantava com tanta eloquência que, às vezes, até me fazia tremer. E sempre falava.

E, agora, vejo-me calado! Sempre só! Onde está a multidão que me aplaudia? A multidão que vibrava e fazia vibrar? A multidão está por aí. São todos aqueles que se encontram ao meu redor. E não me ouvem. Não querem me ouvir. Acham que vou ficar mais exposto, mais visível, mais famoso e, então, fingem não me ver, me ignoram!

Sim, porque eles sabem muito bem que as palavras que eu proferia eram a mais pura realidade. A pureza de pensamento que me afluía, aos poucos ia conturbando suas mentes e queria que eles se modificassem. Então, têm medo de me ouvir, porque sabem que minhas palavras serão um imperativo de renúncia, de reforma, um imperativo de andar cada vez mais e mais no lugar onde eles não gostariam de ir, porque, se eles não me ouvirem, podem fingir que não sabem, e a Verdade eles estão cansados de saber. E então fogem!

Para quem vou falar, então? Para quem vou explicar o que já está centenas de vezes mais que explicado?

Vejo-me, então, só, com meus pensamentos! Falando comigo mesmo. Mas, o pensamento também é uma força que pode se exteriorizar! Então, estou pensando, pensando muito, como se estivesse dirigindo-me a todos eles; e o meu pensamento é apenas de: fé, coragem, luta, reforma, caridade, oração.

E, eu peço ao Pai, neste momento em que me é dado o dom do pensamento, que ilumine, também, o pensamento deles, para que vislumbrem à sua frente um mundo real de irmandade, de carinho, de amor, de respeito; não preciso falar para que eles me ouçam; meu pensamento será forte, suficientemente, para quebrar as amarras do egoísmo, da ingratidão, da covardia, da inimizade.

Meu pensamento é de Paz e, em Paz, peço ao Pai que nos coloque a todos nós: os ouvintes de hoje e de outrora.

Muita Paz, irmãos! Sou aquele que vem pela primeira vez e queria falar com vocês!

(Espírito: Afonso. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 04/07/2000).

*

Poesia

Livro: Estrelas no Chão

MORTE E REPOUSO

(Página aos irmãos que, às vezes, desejam a desencarnação para repousar)

CORNÉLIO PIRES

- “Quero morrer, meu Deus, e ver se alcanço
Estar no Espaço, ao lado de meu guia!...”
Tanto rogou Cocota de Lília
Que morreu numa queda atrás de um ganso.

Mas não achou a paz que ela queria,
Nem o Céu, nem a rede de balanço...
Acompanhava o guia sem descanso,
Trabalhando e servindo, noite e dia.

Afadigada em tanto movimento,
Reclamava chorando: “Não agüento!...”
E renasceu na roça em Vila Bela...

Hoje é feliz, no Sítio da Moenda,
Destoca terra e serve na fazenda,
Carregando comida na gamela.

Chico Xavier - Livro – Estrelas no Chão

*

Livro: O Que é o Espiritismo

27

FIM PROVIDENCIAL DAS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

50. O fim providencial das manifestações é convencer os incrédulos de que tudo para o homem não se acaba com a vida terrestre, e dar aos crentes idéias mais justas sobre o futuro.

Os bons Espíritos nos vêm instruir para nosso melhoramento e avanço e não para revelar-nos o que não devemos saber ainda, ou o que só deve ser conseguido pelo nosso trabalho.

Se bastasse interrogar os Espíritos para obter a solução de todas as dificuldades científicas, ou para fazer descobertas e invenções lucrativas, todo ignorante podia tornar-se sábio sem estudar, todo preguiçoso ficar rico sem trabalhar; é o que Deus não quer.

Os Espíritos ajudam o homem de gênio pela inspiração oculta, mas não o exirnem do trabalho nem das investigações, a fim de lhe deixar o mérito.

51. Faria idéia bem falsa dos Espíritos, quem neles quisesse ver auxiliares dos leitores da buena-dicha.

Os Espíritos sérios se recusam a ocupar-se de coisas fúteis; os frívolos e zombeteiros tratam de tudo, respondem a tudo, predizem tudo o que se quer, sem se importarem com a verdade, e encontram maligno prazer em mistificar as pessoas demasiado crédulas. Neste caso, é essencial conhecer-se perfeitamente a natureza das perguntas que se podem dirigir aos Espíritos. (*O Livro dos Médiuns, nº 286: Perguntas que se podem fazer aos Espíritos.*)

52. Fora do terreno do que pode ajudar o nosso progresso moral, só há incerteza nas revelações que se podem obter dos Espíritos.

A primeira conseqüência má para aquele que desvia sua faculdade do fim providencial, é ser mistificado pelos Espíritos enganadores que pululam ao redor dos homens; a segunda é cair sob o domínio desses mesmos Espíritos, que podem, por pérfidos conselhos, conduzi-lo a adversidades reais e materiais na Terra; a terceira é perder, depois da vida terrestre, o fruto do conhecimento do Espiritismo.

53. As manifestações não são, pois, destinadas a servir aos interesses materiais; sua utilidade está nas conseqüências morais que delas dimanam; não tivessem, elas, porém, como resultado senão fazer conhecer uma nova lei da Natureza, demonstrar materialmente a existência da alma e sua imortalidade, e já isso seria muito, porque era largo caminho novo aberto à Filosofia.

*

Livro: Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas X – Conselho aos Noviços

O conhecimento da ciência espírita se baseia em uma convicção moral e em uma convicção material.

A primeira se adquire pelo raciocínio, a segunda pela observação dos fatos. Para o noviço seria lógico ver em primeiro lugar e raciocinar em segundo.

Infelizmente nem sempre pode ser assim. Seria impossível fazer-se um curso de Espiritismo como se faz um curso de Química ou Física. Os fenômenos que são da alçada dessas ciências podem ser reproduzidos à vontade, pode-se, pois, fazê-los passar, gradualmente, diante dos olhos do aluno, partindo do mais simples para o mais complexo. O mesmo não se dá com os fenômenos espíritos: não os maneamos como uma máquina elétrica. É preciso tomá-los como se apresentam, pois não depende de nós determinar-lhes uma ordem metódica. Daí resulta que muitas vezes eles são ou ininteligíveis ou pouco concludentes para os principiantes. Podem causar admiração sem convencer.

Pode-se evitar esse inconveniente seguindo uma marcha contrária, isto é, começando pela teoria, e esse é o processo que aconselhamos a toda pessoa que deseje honestamente se esclarecer.

Pelo estudo dos princípios da ciência, princípios perfeitamente compreensíveis mesmo sem a experimentação prática, adquire-se uma convicção moral inicial que não necessita mais do que ser corroborada pelos fatos. Ora, como nesse estudo preliminar todos os fatos foram passados em revista e comentados, resulta disto que quando os vemos os compreendemos, qualquer que seja a ordem na qual as circunstâncias permitem observá-los.

Procuramos reunir nas nossas publicações todos os elementos necessários a esse fim, encarando a ciência sob todas as suas faces e dando, sobre as diversas questões, as explicações que o estado atual dos conhecimentos comporta. Uma leitura atenta de nossas obras será, pois, uma primeira iniciação que permitirá esperar os fatos ou fornecerá os meios de provocá-los com conhecimento de causa, se nada se opuser, e isso sem nos perdermos nos ensaios que podem resultar infrutuosos por não serem dirigidos nos limites do possível.

Nestas *Instruções Práticas* se encontrarão todos os princípios fundamentais necessários aos principiantes. Na *Revista Espírita*, além de explicações extensas, uma variedade considerável de fatos e de observações.

Enfim, em *O Livro dos Espíritos* temos o próprio ensino dos Espíritos sobre todas as questões de metafísica e de moral que se relacionam com a doutrina espírita.

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo. Cap. XVIII, item 9.

Os que dizem: Senhor! Senhor!

9. Todos os que confessam a missão de Jesus, dizem: Senhor, Senhor! Mas de que vale chamá-lo Mestre ou Senhor, quando não se seguem os seus preceitos? São cristãos esses que o honram através de atos exteriores de devoção, e ao mesmo tempo O sacrificam no altar do egoísmo, do orgulho, da cupidez e de todas as paixões? São seus discípulos esses que passam os dias a rezar, e não se tornam melhores, nem mais caridosos, nem mais indulgentes para com os seus semelhantes? Não, porque, à semelhança dos Fariseus, têm a prece nos lábios e não no coração. Servindo-se apenas das formas, podem impor-se aos homens, mas não a Deus. É em vão que dirão a Jesus: "Senhor, nós profetizamos, ou seja, ensinamos em vosso nome; expulsamos os demônios em vosso nome; comemos e bebemos convosco!" Ele lhes responderá: "Não sei quem sois. Retirai-vos de mim, vós que cometeis iniquidade, que desmentis as vossas palavras pelas ações, que caluniais o próximo, que espoliais as viúvas e cometeis adultério! Retirai-vos de mim, vós, cujo coração destila ódio e fel, vós que derramais o sangue de vossos irmãos em meu nome, que fazeis correrem as lágrimas em vez secá-las! Para vós, haverá choro e ranger de dentes, pois o Reino de Deus é para os que são mansos, humildes e caridosos. Não espereis dobrar a justiça do Senhor pela multiplicidade de vossas palavras e de vossas genuflexões. A única via que está aberta, para alcançardes a graça em sua presença, é a da prática sincera da do amor e da caridade."

As palavras de Jesus são eternas, porque são a verdade. Não são somente a salvaguarda da vida celeste, mas também o penhor da paz, da tranqüilidade e da estabilidade do homem entre as coisas da vida terrena. Eis porque todas as instituições humanas, políticas sociais e religiosas, que se apoiarem nas suas palavras, serão estáveis como a casa construída sobre a pedra. Os homens as conservarão, porque nelas encontrarão a sua felicidade. Mas aquelas que se apoiarem na sua violação, serão como a casa construída sobre areia: o vento das revoluções e o rio do progresso as levarão de roldão.

*

Livro: O Espírito da Verdade. (Emmanuel)

12 - Em plena era nova

(Ref. Cap. XVIII – Item 9 do ESE)

Há criaturas que deixaram, na Terra, como único rastro da vida robusta que usufruíam na carne, o mausoléu esquecido num canto ermo de cemitério.

Nenhuma lembrança útil.

Nenhuma reminiscência em bases de fraternidade.

Nenhum ato que lhes recorde atitudes com padrões de fé.

Nenhum exemplo edificante nos currículos da existência.

Nenhuma idéia que vencesse a barreira da mediocridade.

Nenhum gesto de amor que lhes granjeasse sobre o nome o orvalho da gratidão.

A terra conservou-lhes, à força, apenas o cadáver – retalho de matéria gasta que lhes vestira o espírito e que passa a ajudar, sem querer, no adubo às ervas bravas.

Usaram os empréstimos do Pai Magnânimo exclusivamente para si mesmos, olvidando estendê-los aos companheiros de evolução e ignorando que a verdadeira alegria não vive isolada numa só alma, pois que somente viceja com reciprocidade de vibrações entre vários grupos de seres amigos.

Espíritas, muitos de nós já vivemos assim!

Entretanto, agora, os tempos são outros e as responsabilidades surgem maiores.

O Espiritismo, a rasgar-nos nas mentes acanhadas e entorpecidas largos horizontes de ideal superior, nos impele para frente, rumo aos Cimos da Perfeetibilidade.

A Humanidade ativa e necessitada, a construir seu porvir de triunfos, nos conclama ao trabalho.

O espírito é um monumento vivo de Deus – o Criador Amorável. Honremos a nossa origem divina, criando o bem como chuva de bênçãos ao longo de nossas próprias pegadas.

Irmãos, sede vencedores da rotina escravizante.

Em cada dia renasce a luz de uma nova vida e com a morte somente morrem as ilusões.

O espírito deve ser conhecido por suas obras.

É necessário viver e servir.

É necessário viver, meus irmãos, e ser mais do que pó!

Eurípedes Barsanulfo

*

Livro: O Céu e o Inferno
1ª. Parte. Capítulo III, item 8. O Céu.

8 — A encarnação é necessária ao Espírito para conseguir esse duplo progresso, intelectual e moral. O progresso intelectual é realizado pela atividade que é obrigado a desenvolver nos seus trabalhos. O progresso moral, pela necessidade das relações mútuas entre os homens. A vida social é a pedra de toque das boas e das más qualidades. A bondade, a maldade, a mansidão, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má fé, a hipocrisia, em uma palavra tudo o que constitui o homem de bem ou o homem perverso tem por motivo, por alvo e por estimulante as relações do homem com seus semelhantes. Para o homem que vive só não há vícios nem virtudes; se, pelo isolamento, ele se preserva do mal, também anula as possibilidades do bem. (Eis a razão por que o Espiritismo é inteiramente contrário ao misoneísmo, ao isolamento da criatura, mesmo a pretexto de consagrar-se a Deus. A dinâmica do desenvolvimento moral está sujeita à dinâmica do processo social. É na vida social que nos desenvolvemos moralmente. Se trabalhando a Natureza e as coisas, trabalhamos a nós mesmos, despertando nossa inteligência, por outro lado é no meio social que conseguimos o desenvolvimento moral, despertando a nossa afetividade. Fugir da vida social é portanto fugir de nós mesmos, fugir da própria finalidade da nossa encarnação. As igrejas começam agora a compreender isso, tomando as primeiras providências para acabar com os processos retrógrados de isolamento religioso a pretexto de viver para Deus. Só vivemos para Deus servindo ao próximo.(N. do T.)

*

Livro: Justiça Divina. (Emmanuel)
Virtude Solitária
(Ref. Ao Cap. III, item 8, de O Céu e o Inferno)

Há quem deseje tranqüilidade ideal na Terra, com a pretensão de fugir ao erro.

Casa branca no aclive da serra, com o vale rente.

Clima doce e perfume da natureza.

Nenhum aborrecimento.

Nenhum cuidado.

Falta alguma.

Problema algum.

Solidão saborosa em que o morador consiga estirar-se, inerte, em poltronas e redes.

No entanto, é no trato da luta que as forças se enrijam e as qualidades se aperfeiçoam.

Considerando-se que o mal é a experiência inferior nos quadros da experiência mais nobre, é no serviço do amparo mútuo e da tolerância recíproca que havemos de transformá-lo em bem duradouro, como se tomássemos as nossas próprias sombras de ontem para convertê-las na luz de hoje.

Livres, estamos interligados perante a Lei, para fazer o melhor, e, escravizados aos compromissos expiatórios, estaremos acorrentados uns aos outros no instituto da reencarnação, segundo a Lei, para anular o pior que já foi feito por nós mesmos nas existências passadas.

Ninguém progride sem alguém.

Abençoemos, assim, as provações que nos abençoam.

Trabalho é ascensão.

Dor é burilamento.

Toda adversidade avisa, todo sofrimento instrui, todo pranto lava, toda dificuldade e toda crise seleciona.

Virtude solitária é pão na vitrine.

Competência no palanque é usura da alma.

Todos somos alunos na escola da vida.

E ninguém consegue aprender sem dar a lição.

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

Livro: O Livro dos Espíritos.

Questões 888 e 888^a. – A Esmola.

888. Que pensar da esmola?

– O homem reduzido a pedir esmolas se degrada moral e fisicamente: se embrutece. Numa sociedade baseada na lei de Deus e na justiça deve-se prover à vida do fraco sem humilhação para ele. Deve-se assegurar a existência dos que não podem trabalhar, sem deixá-los à mercê do acaso e da boa vontade.

888-a. Então condenais a esmola?

– Não, pois não é a esmola que é censurável, mas quase sempre a maneira por que ela é dada. O homem de bem, que compreende a caridade segundo Jesus, vai ao encontro do desgraçado sem esperar que ele lhe estenda a mão.

A verdadeira caridade é sempre boa e benevolente; tanto está no ato quanto na maneira de fazê-la. Um serviço prestado com delicadeza tem duplo valor; se

o for com altivez, a necessidade pode fazê-lo aceito mas o coração mal será tocado.

Lembra-vos ainda de que a ostentação apaga aos olhos de Deus o mérito do benefício. Jesus disse: “Que a vossa mão esquerda ignore o que faz a direita”, Com isso ele vos ensina a não manchar a caridade pelo orgulho.

É necessário distinguir a esmola propriamente dita da beneficência. O mais necessitado nem sempre é o que pede; o temor da humilhação retém o verdadeiro pobre, que quase sempre sofre sem se queixar. É a esse que o homem verdadeiramente humano sabe assistir sem ostentação.

Amai-vos uns aos outros, eis toda a lei, divina lei pela qual Deus governa os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados, e a atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.

Não olvideis jamais que o Espírito, qualquer que seja o seu grau de adiantamento, sua situação como reencarnado ou na erraticidade, está **sempre** colocado entre um superior que o guia e aperfeiçoa e um inferior perante o qual tem deveres iguais a cumprir.

Sede portanto caridosos, não somente dessa caridade que vos leva a tirar do bolso o óbolo que friamente atirais ao que ousa pedir-vos, mas ide ao encontro das misérias ocultas. Sede indulgentes para com os erros dos vossos semelhantes. Em lugar de desprezar a ignorância e o vício, instruí-os e moralizai-os. Sede afáveis e benevolentes para com todos os que vos são inferiores; sede-o mesmo para com os mais ínfimos seres da Criação, e tereis obedecido à lei de Deus.

São Vicente de Paulo.

*

Livro: Religião dos Espíritos. (Emmanuel)

13 - Dizes-te

(Referente à questão 888 de O Livro dos Espíritos)

Reunião pública de 23/2/59

Dizes-te pobre; entretanto, milionários de todas as procedências dar-te-iam larga fortuna por ínfima parte do tesouro de tua fé.

Dizes-te desorientado; contudo, legiões de companheiros, cujo passo a cegueira física entenebrece, comprar-te-iam por alta recompensa leve migalha da visão que te favorece, para contemplarem pequena faixa da Natureza.

Dizes-te impedido de praticar o bem; todavia, multidões de pessoas algemadas aos catres da enfermidade oferecer-te-iam bolsas repletas por insignificante recurso da locomoção com que te deslocas, de maneira a se exercitarem no auxílio aos outros.

Dizes-te desanimado, sem te recordares, porém, de que vastas fileiras de mutilados estariam dispostos a adquirir, com a mais elevada quota de ouro, a riqueza de teus pés e a bênção de teus braços.

Dizes-te em provação, mas olvidas que, na triste enxovia dos manicômios, inúmeros sofredores cederiam quanto possuem para que lhes desses um pouco de equilíbrio e de lucidez.

Dizes-te impossibilitado de ajudar com a luz da palavra; no entanto, mudos incontáveis fariam sacrifícios ingentes para deter algum recurso do verbo claro que te vibra na boca.

Dizes-te desamparado; entretanto, milhões de criaturas dariam tudo o que lhes define a posse na vida para usar um corpo harmônico qual o teu, a fim de socorrerem os filhos da expiação e do sofrimento.

Por quem és, não lavres certidão de incapacidade contra ti mesmo.

Lembra-te de que um sorriso de confiança, uma prece de ternura, uma frase de bom ânimo, um gesto de solidariedade e um minuto de paz não têm preço na Terra.

Antes de censurar o irmão que traz consigo a prova esfogante das grandes propriedades, sai de ti mesmo e auxilia o próximo que, muita vez, espera simplesmente uma palavra de entendimento e de reconforto, para transferir-se da treva à luz.

E, então, perceberás que a beneficência é o cofre que devolve patrimônios temporariamente guardados à distância das necessidades alheias, e que a caridade, lídima e pura, é amor sempre vivo, a fluir, incessante, do amor de Deus.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA

O Livro dos Médiuns

Questão 227 – Influência moral dos médiuns.

227. Se o médium, quanto à execução, é apenas um instrumento, no tocante à moral exerce grande influência. Porque o Espírito comunicante identifica-se com o Espírito do médium, e para essa identificação é necessário haver simpatia entre eles, e se assim pode-se dizer, afinidade. (Kardec estabelece aqui uma diferença entre a simples simpatia e a afinidade, porque a simpatia é às vezes um grau inferior da afinidade, sendo entretanto suficiente para atrair os Espíritos como entre nós atrai as pessoas. (N. do T.)

A alma exerce sobre o Espírito comunicante uma espécie de atração ou de repulsão, segundo o grau de semelhança ou dessemelhança entre eles. Ora, os bons têm afinidade com os bons e maus com os maus, de onde se segue que as qualidades morais do médium têm influência capital sobre a natureza dos Espíritos que se comunicam por seu intermédio.

Se o médium é de baixa moral, os Espíritos inferiores se agrupam em torno dele e estão sempre prontos a tomar o lugar dos bons Espíritos a que ele apelou. As qualidades que atraem de preferência os Espíritos bons são: a bondade, a benevolência, a simplicidade de coração, amor ao próximo, o despreendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, cupidez, a sensualidade e todas as paixões pelas quais o homem se apega à matéria.

*

Livro: Seara dos Médiuns – (Emmanuel)

21 - Pequeninos, mas úteis.

Reunião pública de 14/3/60

Questão nº 227 de O Livro dos Médiuns.

Educa-te, e assimilarás a Influência das forças espirituais que iluminam.

Serve, e atrairás as forças espirituais que abençoam.

Diante da grandeza do Universo e perante a extensão de nossos próprios erros no passado culposo, todos somos pequeninos, mas podemos ser úteis.

Com vistas, assim, ao trabalho do bem, recorramos a imagens simples da vida para compreendermos, sem qualquer dúvida, a obrigação de servir.

*

A restauração do enfermo está dependendo de exame decisivo.

O diagnóstico está feito.

Os sintomas são evidentes.

Mas é necessário que esse ou aquele aparelho de análise, muitas vezes aparentemente de pouca monta, estabeleça a prova conclusiva para a assistência segura.

Para isso, no entanto, é indispensável que o recurso Instrumental esteja em perfeitas condições.

*

O salão, à noite, está lotado por assembléia numerosa, reunida com o objetivo de estudar importantes problemas de enorme comunidade.

O temário está pronto.

Os planos são precisos.

Mas antes foi necessário se valesse alguém de humilde tomada elétrica, a fim de que a luz se fizesse.

Para isso, no entanto, foi indispensável que a instalação satisfizesse às exigências de sintonia.

*

O comboio está repleto de personalidades respeitáveis para importante excursão.

O programa é correto.

O horário está previsto.

Mas é necessário que a pequena alavanca de controle seja acionada para que a locomotiva se ponha em movimento.

Para isso, no entanto, é indispensável que a engrenagem permaneça na harmonia ideal.

*

Ninguém perderá tempo perguntando se a pipeta do laboratório pertenceu a algum malfeitor, se os fios da eletricidade, alguma vez, passaram inadvertidamente pelo cano de esgoto, ou se o ferro da máquina terá servido, algum dia, em conflitos de sangue e ódio.

Vale saber que, devidamente transformados, se mostram em disciplina para ajudar.

*

Desse modo, sabendo que todos somos instrumentos chamados à execução do melhor, e cientes de que a mediunidade, nesse ou naquele grau, é patrimonio comum a todos, ponhamo-nos a cooperar na obra do Cristo, Nosso Divino Mestre e Senhor.

Ninguém despreze a bênção das horas, cultivando tristezas inconseqüentes ou sombras imaginárias, porque, muito acima dessa ou daquela deficiência que tenha perdurado conosco até ontem, importa hoje a nossa renovação para atender ao bem no lugar exato e no instante certo, porquanto, somente nas atividades do bem para o bem dos outros é que nós garantiremos a vida e a continuidade de nosso próprio bem.

*

Livro: A Gênese **EXISTÊNCIA DE DEUS - Capítulo II – itens 6 e 7.**

6. - A isto opõem alguns o seguinte raciocínio:

As obras ditas da Natureza são produzidas por forças materiais que atuam mecanicamente, em virtude das leis de atração e repulsão; as molécula dos corpos inertes se agregam e desagregam sob o império dessas leis. As plantas nascem, brotam, crescem e se multiplicam sempre da mesma maneira, cada uma na sua es-

pécie, por efeito daquelas mesmas leis; cada indivíduo se assemelha ao de quem ele proveio; o crescimento, a floração, a frutificação, a coloração se acham subordinados a causas materiais, tais como o calor, a eletricidade, a luz, a umidade, etc.

O mesmo se dá com os animais. Os astros se formam pela atração molecular e se movem perpetuamente em suas órbitas por efeito da gravitação. Essa regularidade mecânica no emprego das forças naturais não acusa a ação de qualquer inteligência livre. O homem movimenta o braço quando quer e como quer; aquele, porém, que o movimentasse no mesmo sentido, desde o nascimento até a morte, seria um autômato. Ora, as forças orgânicas da Natureza são puramente automáticas.

Tudo isso é verdade; mas, essas forças são efeitos que hão de ter uma causa e ninguém pretende que elas constituam a Divindade. Elas são materiais e mecânicas; não são de si mesmas inteligentes, também isto é verdade; mas, são postas em ação, distribuídas, apropriadas às necessidades de cada coisa por uma inteligência que não é a dos homens. A aplicação útil dessas forças é um efeito inteligente, que denota uma causa inteligente. Um pêndulo se move com automática regularidade e é nessa regularidade que lhe está o mérito. É toda material a força que o faz mover-se e nada tem de inteligente. Mas, que seria esse pêndulo, se uma inteligência não houvesse combinado, calculado, distribuído o emprego daquela força, para fazê-lo andar com precisão? Do fato de não estar a inteligência no mecanismo do pêndulo e do de que ninguém a vê, seria racional deduzir-se que ela não existe? Apreciamo-la pelos seus efeitos.

A existência do relógio atesta a existência do relojoeiro; a engenhosidade do mecanismo lhe atesta a inteligência e o saber. Quando um relógio vos dá, no momento preciso, a indicação de que necessitais, já vos terá vindo à mente dizer: aí está um relógio bem inteligente?

Outro tanto ocorre com o mecanismo do Universo: Deus não se mostra, mas se revela pelas suas obras.

7. - A existência de Deus é, pois, uma realidade comprovada não só pela revelação, como pela evidência material dos fatos. Os povos selvagens nenhuma revelação tiveram; entretanto, crêem instintivamente na existência de um poder sobre-humano. Eles vêem coisas que estão acima das possibilidades do homem e deduzem que essas coisas provêm de um ente superior à Humanidade. Não demonstram raciocinar com mais lógica do que os que pretendem que tais coisas se fizeram a si mesmas?

*

**Livro: Opinião Espírita – (Emmanuel)
58 - Fé em Deus (Gênesis – Cap. II, item 7)**

Antes de Jesus, profetas e guerreiros asseveravam agir em nome da fé em Deus.

Moisés, conquanto venerável pela fidelidade e pela justiça, não hesitava na aplicação da ira, admitindo representá-lo.

Josué presumia proclamar-lhe a grandeza com bandeiras sanguinolentas, ao submeter populações inermes, além do Jordão.

David supunha dignificá-lo, quando conquistou a montanha de Sião, à custa do pranto das viúvas e dos órfãos.

Salomão acreditava reverenciá-lo, ao consumir a existência de numerosos servidores, amontoando madeiras e metais preciosos na construção do templo famoso que lhe guardou a memória.

E todos nós, em várias reencarnações, temos pretendido honorificar a fé em Deus, fomentando guerras e espoliando os semelhantes, através das crises de fanatismo e das orgias de ouro.

ooo

O Espiritismo, porém, nos revela Jesus, abraçando o serviço espontâneo à Humanidade como sendo a tradução da própria fé.

Embora livre, transfigurou-se em servidor da comunidade estendendo mais imediata assistência aos que se colocavam na última plana da escala social.

Sem nenhum juramento que o obrigasse a tratar dos enfermos, amparou os doentes com extremada solícitude.

Não envergava toga de juiz e patrocinou a causa dos deserdados.

Distante de qualquer compromisso na paternidade física, chamou a si as criancinhas.

Fora de todos os vínculos da política, ensinou o acatamento às autoridades constituídas.

Profundamente franco, era humilde em excesso com os ignorantes e com os fracos, e, profundamente humilde, era franco, tanto quanto se pode ser, com todos aqueles que conheciam as próprias responsabilidades, à frente dos preceitos divinos, fugindo de respeitá-los.

Passou no mundo, abençoando e consolando, esclarecendo e servindo, mas preferiu morrer a tisonar o mandato de amor e verdade que o jungia aos desígnios do Eterno Pai.

ooo

Para nós, os cristãos encarnados e desencarnados, seja na luz da Doutrina Espírita ou ainda ausentes dela, é importante o exame periódico dos nossos testemunhos pessoais de religião, na experiência cotidiana, para sabermos o que vem a ser fé em Deus em nós, e fé em Deus no Mestre, que declaramos honrar.

*

Livro: Revista Espírita. Dezembro de 1858.

Dissertações de além-túmulo

O sono

Pobres homens que poucos conheceis os fenômenos mais comuns que fazem vossa vida!

Credeis ser bem sábios, credeis possuir uma vasta erudição, e a esta pergunta de todas as crianças: Que fazemos quando dormimos? O que são os sonhos? Permaneceis interditados.

Não tenho a pretensão de vos fazer compreender o que vou vos explicar, porque há coisas às quais vosso Espírito não pode ainda se submeter, não admitindo senão o que compreende.

O sono liberta inteiramente a alma do corpo. Quando se dorme, se está, momentaneamente, no estado em que se acha de um modo fixo depois da morte. Os Espíritos que são logo desligados da matéria em sua morte, tiveram sonhos inteligentes; aqueles, quando dormem, juntam-se à sociedade de outros seres superiores a eles: viajam, conversam e se instruem com eles; trabalham mesmo em obras que encontram prontas quando morrem. Isso deve nos ensinar, uma vez mais, a não temermos a morte, porque morreis todos os dias, segundo a palavra de um santo.

É assim para os Espíritos elevados; mas para a massa dos homens que na morte devem permanecer longas horas nessa perturbação, nessa incerteza da qual

vos falaram, aqueles vão, seja em mundos inferiores à Terra, onde antigas afeições o chamam, seja procurar prazeres talvez ainda mais baixos que aqueles que têm aqui; vão haurir doutrinas mais vis, mais ignóbeis, mais nocivas do que aquelas que professam em vosso meio. E o que faz a simpatia na Terra não é outra coisa senão esse fato, que se sente ao despertar, de se aproximar pelo coração daqueles com quem viemos de passar oito ou nove horas de felicidade ou de prazer. O que explica essas antipatias invencíveis, é que se sabe, no fundo de seu coração, que aquelas pessoas têm uma outra consciência que a nossa porque são conhecidas sem tê-las jamais visto com os olhos. É ainda o que explica a indiferença, uma vez que não se deseja fazer novos amigos, quando se sabe que existem outros que vos amam e que vos querem. Em uma palavra, o sono influi mais que pensais em vossa vida.

Pelo efeito do sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos, e é o que faz que os Espíritos superiores consentam, sem muita repulsa, se encarnarem entre vós. Deus quis que, durante seu contato com o vício, eles possam ir se retemperarem nas fontes do bem, para eles mesmos não falirem, eles que vêm instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abre até os amigos do céu; é a recreação depois do trabalho, na espera da grande libertação, a libertação final que deverá devolvê-los ao seu verdadeiro meio.

O sonho é a lembrança daquilo que vosso Espírito viu durante o sono, mas notai que não sonhais sempre, porque não vos lembrais sempre do que vistes, ou de tudo o que vistes.

Vossa alma não está em todo desenvolvimento; não é, freqüentemente, senão a lembrança de uma perturbação que acompanha vossa partida ou vossa reentrada, à qual se junta a do que fizestes ou do que vos preocupou no estado de vigília; sem isso, como explicaríeis esses sonhos absurdos que têm os mais sábios como os mais simples? Os maus Espíritos se servem também dos sonhos para atormentar as almas fracas e pusilânimes.

De resto, vereis em pouco se desenvolver uma nova espécie de sonho; ela é tão antiga quanto a que conheceis, mas a ignorais. O sonho de Joana, o sonho de Jacó o sonho dos profetas judeus e de alguns adivinhos indianos; aquele sonho é a lembrança da alma inteiramente desligada do corpo, a lembrança dessa segunda vida, da qual vos falei ainda há pouco.

Procurai distinguir bem essas duas espécies de sonho dos quais vos lembrareis, sem isso cairíeis nas contradições e nos erros, que seriam funestos à vossa fé.

Nota. - O Espírito que ditou esta comunicação, instado a dar seu nome, respondeu: "Para quê? Credes, pois, que não haja senão os Espíritos de vossos grandes homens que vêm dizer-vos coisas boas? Contai, pois, por nada todos aqueles que não conheceis ou que não têm nome sobre a vossa Terra? Sabei que muitos não tomam um nome senão para vos contentar."

*

Livro: Obsessão, O Passe, A Doutrinação

J. Herculano Pires

VIII – A Ciência do Passe

Embora com boas intenções, as pessoas que se apressaram a oferecer ao público os lineamentos de uma Ciência do Passe, baseando-se em experiências comuns do passe utilizado nos Centros Espíritas, cometeram uma leviandade. Kardec colocou o problema do passe em termos científicos, no campo da Fluídica, ou seja, da Ciência dos Fluidos. Com seu rigor metodológico, ligou o passe à estrutura dinâmica do perispírito (corpo espiritual), hoje reconhecido como a fonte

de todas as percepções a atividades paranormais. A Fluídica é hoje uma Ciência Tecnológica, voltada apenas para o estudo dos fluidos materiais de propulsão. As descobertas atuais da Parapsicologia, e particularmente as da Universidade de Kirov, confirmaram a validade da posição secularmente precursora de Kardec. A Fluídica se abre, ante o avanço da Física Nuclear, para a pesquisa da dinâmica dos fluidos em todo o Cosmos. Só agora começamos a dispor de elementos para um conhecimento exato, o que vale dizer científico, da problemática bimilenar do passe.

Nas experiências de Kirov as manifestações dos fluidos foram vistas e fotografadas pelos cientistas soviéticos, que arriscaram a cabeça para proclamar a importância dos fluidos mediúnicos na terapêutica do futuro.

Essa foi mais uma vitória da Ciência Espírita através das pesquisas de cientistas materialistas. Isso prova que a Ciência, no fundo, não é mais do que o método geral da pesquisa e comprovação objetiva da realidade, que ao contrário das restrições kantianas e das múltiplas classificações metodológicas em vigor, é essencialmente uma só, como sustentava entre nós Carlos Imbassahy. Por qualquer lado que invadirmos o campo do real, através de pesquisas científicas, chegamos sempre a conclusões coincidentes.

No tocante ao passe, as teorias psicológicas da sugestão, dos estímulos provocados no organismo humano estão hoje superadas pelas descobertas objetivas da Fluídica aplicada ao Psiquismo. A Medicina Psicossomática é uma prova disso.

Quando, porém, passamos os limites da sugestão natural para os excessos da gesticulação e da fabulação - como se faz nos pedidos ao paciente para que imagine entrar numa sala doirada etc., - perturbamos através de desvios imaginários a ação, naturalmente controlada pelos dispositivos do inconsciente (consciência subliminar de Myers) o processo natural de reajuste e cura.

Quando Kardec propôs a tese da natureza semimaterial do perispírito (corpo bioplásmico) a expressão pareceu estranha e rebarbativa nos meios científicos. As pesquisas de Crookes, Notzzing, Crawford, Geley, Imoda e Richet, além de outros, provaram posteriormente o acerto de Kardec.

Atualmente as Ciências reconheceram que a explicação dos campos de forças não dispensa o reconhecimento de uma conjugação constante de energia e matéria em todas as estruturas dinâmicas da Terra, do Homem e do Espaço sideral. Tudo isso nos mostra que o estudo científico do passe não pode ser feito por pessoas desprovidas de conhecimentos científicos atualizados. O Kardec superado, dos espíritas pretensiosos dos nossos dias está sempre na dianteira das conquistas atuais. O Espiritismo é a Ciência e acima de tudo a Ciência que antecipou e deu nascimento a todas as Ciências do Paranormal, desde as mais esquecidas tentativas científicas do passado até a Metapsíquica de Richet e a Parapsicologia atual de Rhine e McDougal. Qualquer descoberta nova e válida dessas Ciências tem as suas raízes no Livro dos Espíritos.

Todos os acessórios ligados à prática tradicional do passe devem ser banidos dos Centros Espíritas sérios. O que nos cabe fazer nessa hora de transição da Civilização Terrena não é inventar novidades doutrinárias, mas penetrar no conhecimento real da doutrina, com o devido respeito ao homem de ciências e cientista eminente que a elaborou, na mais perfeita sintonia com o pensamento dos Espíritos Superiores.

V – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

Livro: O Livro dos Médiuns CAPÍTULO XIII - PSICOGRAFIA

PSICOGRAFIA INDIRETA: CESTAS E PRANCHETAS - PSICO- GRAFIA DIRETA OU MANUAL

152. A Ciência Espírita progrediu como todas as outras e mais rapidamente que as outras. Porque apenas alguns anos nos separam dos meios primitivos e incompletos que chamávamos, trivialmente, de mesas falantes e já podemos comunicar-nos com os Espíritos tão fácil e rapidamente como os homens entre si. E isso pelos mesmos meios: a escrita e a palavra. (O progresso acentuado por Kardec foi realmente rápido. Mas depois verificou-se um retardamento. Na *Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita*, que abre *O Livro dos Espíritos*, Kardec aponta "a leviandade do Espírito humano" como causa do desinteresse e até mesmo da reação contra os estudos espíritas. "A dança das mesas" foi considerada indigna da atenção dos homens que se julgam sábios, o mesmo acontecendo com a escrevente. A tola vaidade humana e também os interesses feridos, as tradições ameaçadas, a fascinação do imediatismo impediram que a Ciência Espírita prosseguisse em seu desenvolvimento rápido. Mas o próprio desenvolvimento das Ciências materiais está hoje forçando os homens a reencontrarem a verdade espírita. (N. Do T.)

A escrita tem, sobretudo, a vantagem de demonstrar de maneira mais material a intervenção de uma potência oculta, deixando traços que podemos conservar, como fazemos com a nossa própria correspondência. O primeiro meio empregado foi o das pranchetas e das cestas munidas de lápis. Eis como eram preparadas.

153. Segundo dissemos, uma pessoa dotada de aptidão especial pode imprimir movimento de rotação a uma mesa ou a qualquer objeto. Tomemos, em vez da mesa, uma cestinha de quinze a vinte centímetros de diâmetro (de madeira ou de vime, pouco importa a substância). Se agora enfiarmos um lápis através do fundo da cestinha e o firmarmos bem, com a ponta de fora e voltada para baixo, e a mantivermos em equilíbrio Sobre a ponta, numa folha de papel, e pusermos os dedos na borda da cesta, ela se movimentará. Mas, em vez de girar, ela conduzirá o lápis em diversos sentidos, riscando o papel com simples traços ou escrevendo. Se um Espírito for evocado e quiser atender, poderá responder, não por pancadas, mas pela escrita.

O movimento da cesta não é automático como o das mesas girantes, pois se torna inteligente. Com o dispositivo acima, o lápis não volta para começar outra linha, quando chega ao fim do papel, mas continua a escrever em círculo. A linha escrita forma assim uma espiral, que obriga a girar o papel nas mãos para a leitura. A escrita obtida dessa maneira nem sempre é muito legível, pois as palavras não ficam separadas, mas o médium, por uma espécie de intuição facilmente a decifra. Por economia, podemos substituir papel e lápis pela lousa e o lápis de pedra. Designaremos essa cestinha pelo nome de *cesta-pião*. A própria cesta é, às vezes, substituída por uma caixa de papelão, semelhante às caixinhas de pastilhas, sendo o lápis colocado em forma de eixo, como no brinquedo chamado "rapa".

154. Muitos outros dispositivos foram imaginados para atingir o mesmo fim. O mais cômodo é o que chamaremos de *cesta de bico* e que consiste na adaptação à cesta de uma haste de madeira em posição inclinada, saindo dez a quinze centímetros fora da cesta, como o mastro de gurupés de um navio. Fazendo-se um furo na ponta dessa haste (ou bico) introduz-se nele um lápis bastante comprido para poder descansar a ponta no papel. O médium pondo os dedos na borda da

cesta, todo o aparelho se agita e o lápis escreve como no caso anterior, com a diferença de produzir uma escrita mais legível, separando as palavras e em linhas paralelas como geralmente se escreve, porque o médium pode facilmente voltar o lápis no fim de cada linha. Dessa maneira obtemos dissertações de muitas páginas, tão rapidamente como se escrevêssemos à mão.

*

CURSO PREPARATÓRIO

14^a. AULA

I – INTRODUÇÃO

Poesia

Livro: Antologia da Espiritualidade
Francisco Cândido Xavier - Ditada por Maria Dolores

AGRADEÇO, SENHOR

Agradeço, Senhor,
 Quando me dizes “não”
 Às súplicas indébitas que faço,
 Através da oração.
 Muitas daquelas dádivas que peço,
 Estima, concessão, posse, prazer,
 Em meu caso talvez fossem espinhos,
 Na senda que me deste a percorrer.
 De outras vezes, imploro-te favores,
 Entre lamentação, choro, barulho,
 Mero capricho, simples algazarra,
 Que me escapam do orgulho...
 Existem privilégios que desejo,
 Reclamando-te o “sim”
 Que, se me florescem na existência,
 Seriam desvantagens contra mim.
 Em muitas circunstâncias, rogo afeto,
 Sem achar companhia em qualquer parte,
 Quando me dás a solidão por guia
 Que me inspire a buscar-te.
 Ensina-me que estou no lugar certo,
 Que a ninguém me ligaste de improviso,
 E que desfruto agora o melhor tempo
 De melhorar-me em tudo o que preciso.
 Não me escutes as exigências loucas,
 Faze-me perceber
 Que alcançarei além do necessário,
 Se cumprir o meu dever.
 Agradeço, meu Deus,
 Quando me dizes “não” com teu amor,
 E sempre que te rogo o que não deva,
 Não me atendas, Senhor!...

*

Livro: Palavras de Emmanuel. Final.
A ciência do tempo

À medida que o Espírito avulta em conhecimento, mais compreende o valor do tempo e das oportunidades que a Vida Maior lhe proporciona, reconhecendo, por fim, a imprudência de gastar recursos preciosos em discussões estéreis e caprichosas.

(Caminho. Verdade e Vida.)

•
É lógico que todo homem conte com o tempo, mas, se esse tempo estiver sem luz, sem equilíbrio, sem saúde, sem trabalho?

Não obstante a oportunidade da indagação, importa considerar que muito raros são aqueles que valorizam o dia, multiplicando-se em toda a parte as fileiras dos que procuram aniquilá-lo de qualquer forma. (C. V. V.)

•
O tempo, implacável dominador de civilizações e homens, marcha apenas com sessenta minutos por hora, mas nunca se detém.

Guardemos a lição e caminhemos para diante, com a melhoria de nós mesmos.

*

Mensagem mediúnica **039) RECORDAÇÃO DOS TEMPOS FELIZES!**

Era hora da Ave Maria!

Eu, lá fora, sentado em baixo de uma árvore, num banco tosco de madeira, meditava... Meus pensamentos divagavam... E me vi criança, descalço, chutando pedrinhas na estrada; outra vez me recordava dos colegas de rua, de meu pai, de minha mãe, e senti saudade do meu tempo de criança. Vi-me empurrando um caminhãozinho outra vez, jogando bolinha, empinando pipa... E uma grande saudade me invadiu, senti grande tristeza, não sei por que chorei, chorei bastante, um choro gostoso que extasia! Um choro que foi me envolvendo, sacudindo e levando-me a tempos distantes que não mais hão de voltar. Senti saudade de mim mesmo. Senti saudade de tudo que me rodeava. Então as lágrimas foram parando, parando e uma grande calma me invadiu a alma. Pois recordei todos os tempos felizes que passei na infância e me vi feliz então!

Nessa hora, uma brisa suave me envolveu, a noite caiu completamente e entrei na casa, acendi minha lamparina que estava sobre a mesa e ali, naquela semi-obscuridade, orei, orei porque sei que fui feliz; que os momentos de solidão que agora sinto já não são tantos, pois a nostalgia daquela hora me fez reviver momentos que nunca mais sairão da mente. Não estou sozinho: trago todo um passado comigo. Agora já posso dormir enquanto a lamparina se extingue.

Ai que saudade...!

(*Espírito desconhecido. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 17/10/2000*).

*

Livro: O que é o Espiritismo **31 - CHARLATANISMO**

89. Certas manifestações espíritas facilmente se prestam à imitação; porém, apesar de as terem explorado os prestidigitadores e charlatães, do mesmo modo que o fazem com tantos outros fenômenos, é absurdo crer-se que elas não existam e sejam sempre produto do charlatanismo.

Quem estudou e conhece as condições normais em que elas se dão, distingue facilmente a imitação da realidade; além disso, aquela nunca pode ser completa e só ilude o ignorante, incapaz de distinguir as diferenciações características do fenômeno verdadeiro.

90. As manifestações que se imitam, com mais facilidade, são as de efeitos físicos e as de efeitos inteligentes vulgares, como movimentos, pancadas,

transportes, escrita direta, respostas banais, etc.; não se dá o mesmo, porém, com as comunicações inteligentes de subido alcance; para imitar aquelas, bastam destreza e habilidade; ao passo que, para simular as últimas, se torna necessária, quase sempre, uma instrução pouco comum, uma superioridade intelectual excepcional, uma faculdade de improvisação universal, se assim nos permitem classificá-la.

91. Os que não conhecem o Espiritismo, são geralmente induzidos a suspeitar da boa-fé dos médiuns; só o estudo e a experiência lhes poderão fornecer os meios de se certificarem da realidade dos fatos; fora disso, a melhor garantia que podem ter está no desinteresse absoluto e na probidade do médium; há pessoas que, por sua posição e caráter, estão acima de qualquer suspeita.

Se a tentação do lucro pode excitar à fraude, o bom-senso diz que o charlatanismo não se mostra onde nada tem a ganhar. (O Livro dos Médiuns, cap. XXVIII; Charlatanismo e embuste, médiuns interesseiros, fraudes espíritas, nº 300. — Revue Spirite, 1862, pág. 52.)

92. Entre os adeptos do Espiritismo, encontram-se entusiastas e exaltados, como em todas as coisas; são, em geral, os piores propagadores, porque a facilidade com que, sem exame, aceitam tudo, desperta desconfiança.

O espírita esclarecido repele esse entusiasmo cego, observa com frieza e calma, e, assim, evita ser vítima de ilusões e mistificações. À parte toda a questão de boa-fé, o observador novato deve, antes de tudo, atender à gravidade do caráter daqueles a quem se dirige.

*

Livro: Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas **XI - Influência do Espiritismo**

Os adversários do Espiritismo empregaram contra ele, a princípio, a arma do ridículo e taxaram, sem cerimônia, de loucos todos os seus partidários. Essa arma não apenas se revelou inócua, mas começou a tornar-se ridícula; tanto aumenta o número desses pretensos loucos em todos os países e de tal modo que seria necessário enviar aos hospícios os homens mais eminentes tanto por seu saber quanto por sua posição social.

Mudaram então suas armas e, assumindo um tom mais sério, apiedaram-se pela sorte reservada à Humanidade por essa doutrina, cujos perigos exaltaram, sem cogitar que proclamar o perigo de uma coisa é constatar-lhe a realidade. Se o Espiritismo é uma ilusão, para que tanto trabalho em combatê-lo? É ir contra moínhos de vento. Deixai-o tranqüilo e ele morrerá de morte natural. Mas, eis que, em vez de morrer ele se propaga com incrível rapidez e seus adeptos se multiplicam em todos os pontos do globo, a tal ponto que, se isto continua, haverá, em breve, mais loucos do que pessoas sensatas.

Ora, quem contribuiu para esse resultado? Foram os próprios adversários que fizeram propaganda sem o quererem. Suas diatribes produziram o efeito do fruto proibido. Cada indivíduo cogitou de si para si: visto que se encarniçam tanto contra esse monstro, é porque há, então, um monstro. Raciocínio muito lógico! E, excitadas pela curiosidade, quiseram ver, ainda que fosse através dos dedos, tapando os olhos. Foi assim que muitas pessoas foram levadas a se interessar pelo Espiritismo, pessoas essas que, não fosse essa circunstância, não teriam, talvez, ouvido falar em tal coisa ou, quando menos, não se teriam ocupado com ela.

O maior inimigo da religião é o materialismo. E esse não tem mais rude adversário do que a doutrina espírita. O Espiritismo já reconduziu ao Espiritua-

lismo numerosos materialistas que, até então, haviam resistido a todos os argumentos teológicos. É que o Espiritismo faz mais do que argumentar: torna as coisas patentes!

É o mais poderoso auxiliar das idéias religiosas, pois que dá ao homem a convicção de seu destino futuro, e a este título deve ser acolhido como um benefício para a Humanidade.

Ele reanimou em mais de um coração a fé na Providência, fez renascer a esperança no lugar da dúvida. Fez melhor: arrancou mais de uma vítima ao suicídio, restabeleceu a paz e a concórdia nas famílias, acalmou ódios, amorteceu paixões brutas, desarmou a vingança e levou a resignação à alma do sofredor.

É subversivo da ordem social e da ordem pública? Uma doutrina que condena o ódio e o egoísmo, que prega o desinteresse, o amor ao próximo, sem exceção de seitas ou castas, não pode excitar paixões hostis e seria de desejar, para o sossego do mundo e a felicidade do gênero humano, que todos os homens compreendessem e praticassem tais princípios: não teriam nada mais que temer uns dos outros.

Eis para onde conduz a loucura do Espiritismo naqueles que, aprofundando esses mistérios, vêem nas manifestações outra coisa mais do que mesas que giram e demônios que batem.

*

II – RELIGIÃO ESPÍRITA

Livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo

Capítulo IX – itens 1 a 5

Injúrias e Violências

1. Bem-aventurados os mansos, porque eles possuirão a Terra. (MATEUS, V: 4).

2. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus. (MATEUS, V: 9).

3. Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás, e quem matar será réu no juízo. Pois eu vos digo que todo o que se ira contra o seu irmão será réu no juízo; e o que disser a seu irmão: *raca*, será réu no conselho; e o que disser: *és louco*, merecerá a condenação do fogo do inferno. (MATEUS, V: 21-22).

4. Por essas máximas, Jesus estabeleceu como lei a doçura, a moderação, a mansuetude, a afabilidade e a paciência. E, por conseqüência, condenou a violência, a cólera, e até mesmo toda expressão descortês para com os semelhantes; *raca* era entre os hebreus uma expressão de desprezo, que significava homem reles, e era pronunciada cuspiendo-se de lado. E Jesus vai ainda mais longe, pois ameaça com o fogo do inferno aquele que disser a seu irmão: *És louco*.

É evidente que nesta, como em qualquer circunstância, a intenção agrava ou atenua a falta. Mas por que uma simples palavra pode ter tamanha gravidade, para merecer tão severa reprovação? É que toda palavra ofensiva exprime um sentimento contrário à lei de amor e caridade, que deve regular as relações entre os homens, manter a união e a concórdia. É um atentado à benevolência recíproca e à fraternidade, entretendo o ódio e a animosidade. Enfim, porque depois da humildade perante Deus, a caridade para com o próximo é a primeira lei de todo cristão.

5. Mas o que dizia Jesus por estas palavras: "Bem-aventurados os mansos, porque eles possuirão a Terra?" Não ensinou ele a renúncia aos bens terrenos, prometendo os do céu?

Ao esperar os bens do céu, o homem necessita dos bens da terra para viver. O que ele recomenda, portanto, é que não se dê a estes últimos mais importância que aos primeiros.

Por essas palavras, ele quer dizer que até agora os bens da terra foram açambarcados pelos violentos, em prejuízo dos mansos e pacíficos. Que a estes falta freqüentemente o necessário, enquanto os outros dispõem do supérfluo. E promete que justiça lhes será feita assim na terra como no céu, porque eles serão chamados filhos de Deus. Quando a lei de amor e caridade for a lei da humanidade, não haverá mais egoísmo; o fraco e o pacífico não serão mais explorados nem espezinhados pelo forte e o violento. Será esse o estado da Terra, quando, segundo a lei do progresso e a promessa de Jesus, ela estiver transformada num mundo feliz, pela expulsão dos maus.

*

Livro: O Espírito da Verdade. (Autores diversos)
15 - Colher e garganta
(Cap. IX – Item 2 de ESE)

Imaginemos a língua como sendo a colher do sentimento.
 Mentalizemos o ouvido por garganta da alma.
 Tudo o que falamos é ingrediente para a digestão espiritual.
 Bondade é pão invisível.
 Gentileza é água pura.
 Otimismo é reconstituente.
 Consolação é analgésico.
 Esclarecimento construtivo é vitamina mental.
 Paciência é antitóxico.
 Perdão é cirurgia reajustante.
 Queixa é vinagre.
 Censura é pimenta.
 Crueldade é veneno.
 Calúnia é corrosivo.
 Conversa inútil é excedente enfermigo.
 Maledicência é comida deteriorada.
 Falando, edificamos.
 Falando, destruímos.
 Falando, ferimos.
 Falando, medicamos.
 Falando, curamos.
 Disse o Divino Mestre: “Bem-aventurados os pacificadores...”

Usemos para com os outros o alimento da paz, porque, estendendo paz aos outros, asseguramos paz a nós mesmos. E, com a paz, conseguiremos possuir espaço e tempo terrestres, em dimensões maiores, para que aprendamos e possamos, realmente, servir.

Hilário Silva

*

Livro: O Céu e o Inferno
(1ª. Parte, Cap. I, item 14, O Futuro e o Nada)

14 — O homem tem a convicção instintiva do futuro, mas não tendo até então nenhuma base certa para a sua definição, criou pela imaginação os sistemas que o levaram à diversidade das crenças. A doutrina espírita sobre o futuro, não sendo obra de imaginação concebida de maneira engenhosa, mas sim o resultado da observação dos fatos materiais que hoje ocorrem aos nossos olhos, ligará, co-

mo já está fazendo atualmente, as opiniões divergentes ou incertas, e conduzirá pouco a pouco, pela própria força das circunstâncias, a crença a uma unidade baseada na certeza e não mais na hipótese. Realizada a unificação no tocante ao destino das almas, será este o primeiro ponto de aproximação dos diferentes cultos, um passo considerável para a tolerância religiosa, a princípio, e mais tarde para a fusão. (Foi necessário mais de um século para que esta previsão de Kardec, não profética mas formulada em termos da moderna Futurologia, começasse a realizar-se. O atual Ecumenismo, que significativamente deixa de lado o Espiritismo, é um passo, apesar das dificuldades que o entram, para a futura fusão do pensamento religioso na Terra. Nos mundos superiores, segundo informam os Espíritos mais elevados, os cultos religiosos se fundem numa forma única, simplificada e racional. As tentativas de criação de teorias ecléticas e de construção de templos comuns para diversas religiões, em nosso tempo, são outros sinais da evolução religiosa do planeta. Em nosso país chegou-se a propor, no Congresso Nacional, a transformação da Catedral de Brasília num templo destinado a todas as religiões. A proposta foi apresentada pelo deputado Campos Vergal, de São Paulo (espírita) mas não teve o devido andamento. (N. do T.)

*

Livro: Justiça Divina. (Emmanuel)
Espiritismo explicando.
(1ª. Parte, cap. I, item 14 de O Céu e o Inferno)

Indagavas quanto ao Grande Porvir.

A Doutrina Espírita sossegou-te as ânsias, explicando que te encontras provisoriamente no mundo, a serviço do próprio burilamento, para a imortalidade vitoriosa.

Perguntavas sobre os amargos desajustes entre corpo e alma, quando a enfermidade ou a mutilação aparece.

A Doutrina Espírita asserenou-te a aflitiva contenda íntima, explicando que a individualidade eterna se utiliza, temporariamente, de um corpo imperfeito, como alguém que se vale de instrumento determinado para determinada tarefa de corrigenda a si mesmo.

Inquirias com respeito à finalidade dos problemas domésticos.

A Doutrina Espírita harmonizou-te o pensamento, explicando que o lar é instituto de regeneração e de amor, onde retomas a convivência dos amigos e desafetos das existências passadas, para a construção do futuro melhor.

Interrogavas em torno dos entes amados, além do túmulo.

A Doutrina Espírita dissipou-te as dúvidas, explicando que o sepulcro não é o fim, tanto quanto o berço não é o princípio, e que toda criatura, ao desenfaixar-se dos laços físicos, prossegue na marcha de aprimoramento e ascensão, do ponto em que se achava na Terra.

Interpelavas o campo religioso, acerca da Justiça Divina.

A Doutrina Espírita suprimiu-te a inquietação, explicando que Deus não concede privilégios, e que, em qualquer estância do Universo, a alma recebe, inelutavelmente, da vida o bem ou o mal que dá de si própria.

Torturavas a mente, qual se devesse respirar em cárcere de mistério, toda vez que cogitavas das questões transcendentais da fé.

A Doutrina Espírita acalmou-te, explicando que ninguém pode violentar os outros, em matéria de crença, acentuando, porém, que toda fé, para nutrir-se de

luz, deve ser raciocinada, em bases de lógica, porquanto, diante das Leis divinas, cada consciência é responsável pelos próprios destinos.

É necessário valorizar a Doutrina que, generosamente, nos valoriza. Sustentar-lhe a integridade e a pureza, perante Jesus que a chancela, é procurar o nosso aperfeiçoamento e trabalhar por nossa união.

*

III – FILOSOFIA ESPÍRITA

O Livro dos Espíritos – Questão 903.

Perfeição Moral: As Virtudes e os Vícios

903. Há culpa em estudar os defeitos alheios?

– Se é com o fito de criticar e divulgar, há muita culpa, porque isso é faltar com a caridade. Se é com intenção de proveito pessoal, evitando-se aqueles defeitos, pode ser útil. Mas não se deve esquecer que a indulgência para com os defeitos alheios é uma das virtudes compreendidas na caridade. Antes de censurar as imperfeições dos outros, vede se não podem fazer o mesmo a vosso respeito. Tratai, pois, de possuir as qualidades contrárias aos defeitos que criticais nos outros. Esse é um meio de vos tornardes superior.

Se os censurais por serem avarentos, sede generosos; por serem orgulhosos, sede humildes e modestos; por serem duros, sede dóceis; por agirem com mesquinhez, sede grandes em todas as vossas ações.

Em uma palavra, fazei de maneira que não vos possam aplicar aquelas palavras de Jesus: “Vedes um argueiro no olho do vizinho e não vedes uma trave no vosso”.

*

Livro: Religião dos Espíritos. (Emmanuel)
14 - Censura.

(Ref. Questão 903 de O Livro dos Espíritos)

Reunião pública de 27/2/59

Imagina-te aplicando vasta porção de borralho (cinzas quentes) sobre a plantação nascente da qual esperas colheita farta; servindo líquido antisséptico na água destinada àqueles cuja sede te propões extinguir; misturando certa quantidade de cal bruta à refeição do companheiro de quem desejas matar a fome; deitando fel na iguaria endereçada ao vizinho a quem almejas agradar ou vestindo alguém com determinada peça forrada com alfinetes espetantes, e compreenderás, certamente, o que seja a prática da censura incorporada ao teu propósito de servir.

*

Livro: O Consolador. (Emmanuel)

VIDA

APRENDIZADO

Questões 116 a 120

116 – O homem físico está sempre ligado ao seu pretérito espiritual?

- Como a maioria das criaturas humana se encontra em lutas expiatórias, podemos figurar o homem terrestre como alguém a lutar para desfazer-se do seu próprio cadáver, que é o passado culposo, de modo a ascender para a vida e para a luz que residem em Deus.

Essa imagem temo-la na semente do mundo que, para desenvolver o embrião, cheio de vitalidade e beleza, necessita do temporário estacionamento no seio lodoso da Terra, a fim de se desfazer do seu envoltório, crescendo, em seguida, para a luz do Sol e cumprindo sua missão sagrada, enfeitada de flores e frutos.

117 – *A inteligência, julgada pelo padrão humano, será a súpula de várias experiências do Espírito sobre a Terra?*

- Os valores intelectivos representam a soma de muitas experiências, em várias vidas do Espírito, no plano material. Uma inteligência profunda significa um imenso acervo de lutas planetárias. Atingida essa posição, se o homem guarda consigo uma expressão idêntica de progresso espiritual, pelo sentimento, então estará apto a elevar-se a novas esferas do Infinito, para a conquista de sua perfeição.

118 – *Como se registram as experiências do Espírito em uma encarnação, para servirem de patrimônio evolutivo nas encarnações subseqüentes?*

- É no próprio patrimônio íntimo que a alma registra as suas experiências, no aprendizado das lutas da vida, acerca das quais guardará sempre uma lembrança inata nos trabalhos purificadores do porvir.

119 – *Como devemos proceder para dilatar nossa capacidade espiritual?*

- Ainda não encontramos uma fórmula mais elevada e mais bela que a do esforço próprio, dentro da humildade e do amor, no ambiente de trabalho e de lições da Terra, onde Jesus houve por bem instalar a nossa oficina de perfectibilidade para a futura elevação dos nossos destinos de espíritos imortais.

120 – *Pode existir inteligência sem desenvolvimento espiritual?*

- Diremos, melhor: inteligência humana sem desenvolvimento sentimental, porque nesse desequilíbrio do sentimento e da razão é que repousa atualmente a dolorosa realidade do mundo. O grande erro das criaturas humanas foi entronizar apenas a inteligência, olvidando os valores legítimos do coração nos caminhos da vida.

*

IV – CIÊNCIA ESPÍRITA

O Livro dos Médiuns

Questão 220 – itens 15 e 16

Perda e Suspensão da Mediunidade

15. As pessoas que têm grande desejo de escrever como médiuns e não o conseguem, podem chegar a conclusões negativas contra si mesmas, no tocante à boa vontade dos Espíritos para com elas?

— Não, porque Deus pode haver-lhes recusado essa faculdade, como pode haver-lhes recusado o dom da poesia ou da música, mas se não gozam desses favores, podem gozar de outros.

16. Como um homem pode aperfeiçoar-se pelo ensinamento dos Espíritos, quando não tem, seja por seu intermédio ou de outros médiuns, a possibilidade de receber esse ensino direto?

— Não tem ele os livros, como os cristãos têm o Evangelho? Para praticar a moral de Jesus os cristãos não precisam ter ouvido as palavras da própria boca do mestre. (A mediunidade é uma faculdade humana como qualquer outra. Ninguém pode alegar que não a possui, pois todos têm pressentimentos, intuições, percepções extra-sensoriais, sonhos premonitórios e assim por diante. Como as demais faculdades, Deus a distribui segundo as necessidades evolutivas de cada criatura. O ensino direto dos Espíritos não é dado apenas através dos médiuns propriamente ditos, ou seja, das pessoas investidas de mediunato (missão mediúnica), mas também e principalmente pelas intuições boas que todos recebem, e que podem receber em maior quantidade, quanto mais as aproveitarem. Nossas relações com os Espíritos são permanen-

tes, constituindo um aspecto da Natureza que só agora as Ciências começam a pesquisar. E o ensino espiritual, como se vê na resposta acima, encontra-se também nos livros religiosos e nas obras fundamentais da Doutrina Espírita, ao alcance de todos. (N. do T.)

*

Livro: Seara dos Médiuns. (Emmanuel)
Muito Desejo.
(Questão 220, item 15 de O Livro dos Médiuns)

Reunião pública de 18/3/60

Médium quer dizer “Intermediário”.

Intermediário define a posição daquele que se põe de permeio.

E muitos amigos encarnados, aspirando ao contacto com as Esferas Superiores, costumam dizer que sentem muito desejo de ser médiuns.

Há inúmeros que se propõem instruir e escrever, falar e materializar, aliviar e consolar, em nome dos Mensageiros da Luz; entretanto, não passam da região do “muito desejo”.

Mentalizemos, contudo, alguns quadros comuns em que a pessoa descansa nesse impulso de início.

*

Existe o lavrador que tem muito desejo de semear; entretanto, passa a existência discutindo teorias da agricultura, ou comentando algo em torno das pragas diversas que flagelam a lavoura, e espera indefinidamente o instante de plantar, como se a terra devesse deslocar-se para colher-lhe as sementes das mãos.

*

Encontramos o oleiro que mostra muito desejo de fabricar um vaso de eleição, mas consome o tempo falando nas dificuldades da cerâmica ou nos perigos do forno quente, e aguarda em constante expectativa a hora de modelar, como se a argila estivesse na obrigação de buscar-lhe os dedos.

*

Imaginemos o trabalhador que enunciasse muito desejo de cooperar em determinada oficina, e que, aí admitido, simplesmente vivesse a policiar a atitude e o movimento dos chefes e companheiros, qual se pudesse cumprir o próprio dever à custa da observação inoperante que ninguém lhe pediu.

*

Pensemos no aluno que chegasse à escola com muito desejo de aprender e que não manuseasse, sequer, um livro, qual se o professor pudesse pregar-lhe a lição na cabeça, como quem dependura um cartaz no poste.

*

Se aspiras a colaborar na obra dos Espíritos Benevolentes e Sábios, colocando-te entre eles e os irmãos encarnados, é possível não possas, de imediato, partilhar a sinfonia dos grandes feitos humanos, mas podes brilhar na tarefa mais alta de todas, a expressar-se no concerto do bem puro, consolando e construindo, amparando e esclarecendo, educando e amando...

Para isso, porém, não basta o muito desejo...

É preciso reverenciar o serviço, buscar o serviço, disputar o serviço e abraçar o serviço com espírito de renúncia em favor do próximo.

Muitos dizem que farão isso amanhã.

Realmente, amanhã é o tempo glorioso de nome porvir, destinado a marcar o coroamento e a vitória, a colheita e a alegria...

Entretanto, segundo velho rifão, em muitos casos “amanhã é o caminho que vai dar no deserto chamado nunca”.

*

Livro: A Gênese.

Cap.I. Caracteres da Revelação, item 41.

41. - O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza que revela, tudo quanto o Cristo disse e fez; elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte que aqueles para quem eram ininteligíveis certas partes do Evangelho, ou pareciam inadmissíveis, as compreendem e admitem, sem dificuldade, com o auxílio desta doutrina; vêem melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

*

Livro: Opinião Espírita. (Emmanuel e André Luiz)

60 – Evangelho e Espiritismo

(Ref. A Gênese, I, item 41)

Todos aqueles que negam a feição religiosa do Espiritismo, recusando-lhe a posição de Cristianismo Restaurado, decerto, ainda não abarcaram, em considerações mais amplas, a essência evangélica em que se lhe estruturam os princípios, nos mais íntimos fundamentos.

Examinemos, pela rama, alguns dos pontos mais importantes de formação do Testamento Kardequiano:

"O Livro dos Espíritos", que se popularizou com mil e dezoito questões, sabiamente explanadas, não obstante os primores filosóficos de que se compõe, é um código de responsabilidade moral, iniciado com duas proposições, acerca de Deus e do Infinito, e rematado com outras duas, que se reportam ao reino de Cristo nos corações e ao reinado do bem, no caminho dos homens.

ooo

"O Livro dos Médiuns", volume de metodologia para o intercâmbio entre encarnados e desencarnados, apresenta, de entrada, valiosa argumentação, alusiva à existência do Mundo Espiritual, e reúne, no encerramento, diversas comunicações de individualidades desencarnadas, ao mesmo tempo que nos convida a exame sério e imparcial de todas as mensagens recolhidas do Além, por via mediúnica, salientando-se que a primeira página da seleção exposta começa com significativa advertência de Agostinho: "Confiai na bondade de Deus e sede bastante clarividentes para perceberdes os preparativos da vida nova que ele vos destina".

"O Evangelho Segundo o Espiritismo" abre as próprias elucidações com judicioso apontamento, em torno de Moisés e da Lei Antiga, compendiando, em seguida, os ensinamentos de Jesus, em todo texto, para concluir, alinhando comovedores poemas de exaltação à prece.

ooo

"O Céu e o Inferno", tomo de cogitações francamente religiosas, segundo a definição do título, começa analisando o porvir humano, do ponto de vista espiritual, e termina com o ditado de José, o cego, espírito de evolução mediana que encarece a necessidade do sofrimento no serviço expiatório da consciência culpada e destaca a excelência da reencarnação, na Justiça Divina.

"A Gênese", o livro final da Codificação e que enfileira arrojadas teses de ciência e filosofia, enfileira dezoito capítulos, com mais de cem artigos, dos quais mais da terça parte se referem exclusivamente a passagens e lições do Divino Mestre, acrescentando notar que a obra principia, aceitando o Espiritismo em sua missão de Consolador Prometido, com a função de explicar e desenvolver as ins-

truções do Cristo, e despede-se com admiráveis reflexões sobre a geração nova e a regeneração da Humanidade.

Creemos de boa fé que todos os companheiros, propositadamente distanciados da tarefa religiosa do Espiritismo, assim procedem, diligenciando imunizar-nos contra a superstição e o fanatismo, que a plataforma libertadora da própria Doutrina Espírita nos obriga a remover, mas, sinceramente, não entendemos a Nova Revelação sem o Cristianismo, a espinha dorsal em que se apóia. Isso acontece, porque, se após dezenove séculos de teologia arbitrária, não chegaríamos a compreender agora, no mundo, o Evangelho e Jesus Cristo, sem Allan Kardec, manda a lógica se proclame que o Espiritismo e Allan Kardec se baseiam em Jesus Cristo, de ponta a ponta.

*

Livro: Revista Espírita. Janeiro de 1859
Conversas Familiares de Além-túmulo
Diógenes.

1. *Evocação.* - R. Ah! Venho de longe!

2. *Podeis aparecer ao senhor Adrien, nosso médium vidente, tal qual éreis na existência que vos conhecemos?* - R. Sim, e mesmo vir com minha lanterna, se o desejais.

Retrato.

Testa larga e as bossas laterais muito ossudas, nariz delgado e curvado; boca grande e séria; olhos negros e cravados na órbita; olhar penetrante e zombeteiro. Talhe um pouco alongado, magro e enrugado, tez amarela; bigode e barba incultos; cabelos grisalhos e dispersos.

Roupagens brancas e muito sujas; os braços nus, assim como as pernas; o corpo magro, ossudo. Más sandálias amarradas às pernas por cordas.

3. *Dissestes que vínheis de longe: de qual mundo vindes?* - R. Vós não o conheceis.

4. *Teríeis a bondade de responder a algumas perguntas?* - R. Com prazer.

5. *A existência que vos conhecemos sob o nome de Diógenes o Cínico, vos foi proveitosa para a vossa felicidade futura?* - R. Muito; errastes em torná-la em zombaria, como fizeram meus contemporâneos; espanto-me mesmo que a história haja pouco esclarecido minha existência, e que a posteridade, pode-se dizê-lo, foi injusta a meu respeito.

6. *Que bem fizestes, porque vossa existência era bastante pessoal?* - R. Trabalhei por mim, mas pôde-se aprender muito em me vendo.

7. *Quais são as qualidades que queríeis encontrar nos homens e que procuráveis com a vossa lanterna?* - R. Da energia.

8. *Se tivésseis encontrado, em vosso caminho, o homem que acabamos de evocar, Chaudruc Duelos, encontraríeis nele o homem que procuráveis, porque ele também se abstinha voluntariamente de todo o supérfluo?* - R. Não.

9. *Que pensais dele?* - R. Sua alma extraviou-se na Terra; quantos são como ele e não o sabem; ele ao menos o sabia.

10. *As qualidades que procuráveis no homem, segundo vós, credes havê-las possuído?* - R. Sem dúvida: eu era meu critério.

11. *Qual é dos filósofos de vosso tempo o que preferis?* - R. Sócrates.

12. *Qual é o que preferis agora?* - R. Sócrates.

13. *E Platão, que dizeis dele?* - R. Muito duro; sua filosofia é muito severa: eu admitia os poetas, e ele não.

14. *O que se conta de vossa entrevista com Alexandre é real?* - R. Muito real; a história mesma a mutilou.

15. *Em que a história a mutilou?* - R. Entendo falar de outras conversas que tivemos juntos: credes que veio ver-me para não dizer-me senão uma palavra?

16. *A palavra que se lhe imputa, a saber, de que se não fosse Alexandre gostaria de ser Diógenes, é real?* - R. Ele disse, talvez, mas não diante de mim. Alexandre era um jovem louco, vão e confiado; eu era, aos seus olhos, um mendigo: como o tirano ousaria se mostrar instruído pelo miserável?

17. *Depois de vossa existência em Atenas, reencarnastes sobre a Terra?* - R. Não, mas em outros mundos. Atualmente, pertenço a um mundo onde não somos escravos: isso quer dizer que se vos evocassem acordado, não faríeis o que fiz essa noite.

18. *Poderíeis nos traçar o quadro das qualidades que procurareis no homem, tais como as concebíeis então, e tais como as concebeis agora?*

- R. *Então.*

Coragem, audácia, segurança de si mesmo e poder sobre os homens pelo Espírito.

Agora.

Abnegação, doçura, poder sobre os homens pelo coração.

*

Livro: Obsessão, O Passe, A Doutrinação

J. Herculano Pires

I - A Doutrinação

A Doutrinação é a moderna técnica espírita de afastar os espíritos obsessores através do esclarecimento doutrinário. Essa técnica é moderna e foi criada e desenvolvida por Allan Kardec para substituir as práticas bárbaras do Exorcismo, largamente usada na Antigüidade, tanto na medicina como nas religiões. O conceito do doente mental como possessão demoníaca, gerou a idéia de espancar o doente para retirar o Demônio do seu corpo.

Nos hospitais a cura se processava através de espancamentos diários. Nas Religiões recorria-se a métodos de expulsão por meio de preces, objetos sagrados como crucifixos, relíquias, rosários e terços, medalhas, aspersão de água benta, ameaças e xingos, queima de incensos e outros ingredientes, pancadas e torturas.

As formas de exorcismo mais conhecidas entre nós são a judaica e a católica, sendo a judaica mais racional, pois nela se empregavam também o apelo à razão do Dibuk, considerado como espírito demoníaco ou alma penada. A tradução da palavra hebraica Dibuk, que nos parece mais acertada é a de alma penada, pois os judeus reconheciam e identificavam o espírito obsessivo como espírito humano de pessoa morta que se vingava do obsedado ou cobrava débitos dele e da família. No exorcismo católico prevaleceu até hoje a idéia de possessão demoníaca.

As pesquisas espíritas, do século passado, levaram Kardec a instituir e praticar intensivamente a doutrinação como forma persuasiva de esclarecimento do obsessor e do obsedado, através de sessões de desobsessão. Ambos necessitam de esclarecimento evangélico para superarem os conflitos do passado. Afastada a idéia terrorista do Diabo, o obsessor e obsedado são tratados com amor e compreensão, como criaturas humanas e não como algoz satânico e vítima inocente. A doutrinação espírita humanizou e cristianizou o tratamento das doenças mentais e psíquicas, influenciando nos novos rumos que a Medicina tomava nesse sentido. Al-

guns espíritas atuais pretendem suprimir a doutrinação, alegando que esta é realizada com mais eficiência pelos Espíritos bons no plano espiritual.

Essa é uma prova de ignorância generalizada da Doutrina no próprio meio espírita, pois nela tudo se define em termos de relação e evolução. Os espíritos sofredores, que são os obsessores, permanecem mais ligados à Terra e portanto à matéria. Dessa maneira, os Espíritos Benevolentes muitas vezes se manifestam nas sessões de desobsessão e servem-se dos médiuns para poderem comunicar-se com os obsessores. Apegados à matéria e à vida terrena, os obsessores necessitam de sentir-se seguros no meio mediúnico, envolvidos nos fluidos e emanções ectoplásmicas da sessão, para poderem conversar de maneira proveitosa com os Espíritos esclarecedores. Basta esse fato, comum nas sessões bem orientadas, para mostrar que a doutrinação humana dos espíritos desencarnados é uma necessidade.

Pensemos um pouco no que ficou dito sobre relação e evolução. Os planos espirituais são superpostos. A partir da Terra, constituem as chamadas esferas da tradição espiritualista européia, segundo o esquema da Escala Espírita (Livro dos Espíritos) como regiões destinadas aos vários graus ou ordens dos espíritos. Essas esferas ou planos espirituais são mundos que se elevam ao infinito. Quanto mais elevado o mundo, mais distanciado está do nosso mundo carnal. A doutrinação existe em todos os planos, mas o trabalho mais rude e pesado é o que se processa em nosso mundo, onde os espíritos dos mundos imediatamente superiores vêm colaborar conosco, ajudar-nos e orientar-nos no trabalho doutrinário. Orgulhoso e inútil, e até mesmo prejudicial, será o doutrinador que se julgar capaz de doutrinar por si mesmo. Sua eficiência depende sempre de sua humildade, que lhe permite compreender a necessidade de ser auxiliado pelos espíritos bons.

O doutrinador que não compreende esse princípio precisa de doutrinação e esclarecimento, para alijar de seu espírito a vaidade e a pretensão. Só pode realmente doutrinar espíritos quem tiver amor e humildade. Mas é importante não confundirmos humildade com atitudes piegas, com melosidade. Muitas vezes a doutrinação exige atitudes enérgicas, não ofensivas ou agressivas, mas firmes e imperiosas. É o momento em que o doutrinador, firmado em sua humildade natural - decorrente de consciência que tem das suas limitações humanas - trata o obsessivo com autoridade moral, a única autoridade que podemos ter sobre os espíritos inferiores.

Esses espíritos sentem a nossa autoridade e se submetem a ela, em virtude da força moral de que dispusemos. Essa autoridade só a conseguimos através de uma vivência digna no mundo, sendo sempre corretos em nossas intenções e em nossos atos, em todos os sentidos. As nossas falhas morais não combatidas, não controladas, diminuem a nossa autoridade sobre os obsessores. Isso nos mostra o que é a moral: poder espiritual que nasce da retidão do espírito. Não se trata da moral convencional, das regras da moral social, mas da moral individual, íntima e profunda, que realiza a integração espiritual do ser voltado para o bem e a verdade.

Mas essa integração não se consegue com sistemas ou processos artificiais, com reformas íntimas impostas de fora para dentro como geralmente se pensa. Existe a moral exógena, que nos é imposta de fora pelas conveniências da convivência humana. Essa moral exógena, pelo simples fato de se fundar em interesses imediatos do homem e não do ser é a casa construída na areia segundo a parábola evangélica. A moral de que necessitamos é endógena, vem de dentro para fora, brota da compreensão real e profunda no sentimento da vida. É a moral espontânea.

nea, determinada por uma consciência esclarecida que não se rende aos interesses imediatistas da vida social. Este é um problema em que precisamos pensar, meditar a sério e a fundo para podermos adquirir a condição de doutrinador com eficiência, dando amor, compreensão e estímulo moral aos espíritos inferiores. O Espiritismo, como acentuou Kardec, é uma questão de fundo e não de forma.

A doutrinação praticada com plena consciência desses princípios atinge o obsessivo, o obsedado, os assistentes encarnados e desencarnados e particularmente ao próprio doutrinador, que se doutrina a si mesmo, doutrinando os outros. Note-se a importância e o alcance de uma doutrinação assim praticada. É ela a alavanca com que podemos deslocar a mente do charco de pensamentos e sentimentos inferiores, egoístas e maldosos em que se afundou. É, por isso mesmo, a alavanca com a qual podemos mover o mundo, como queria Arquimedes, para colocá-lo na órbita do Espírito. Para podermos usar essa alavanca a todos os instantes: no silêncio da nossa mente, na atividade incessante do nosso pensamento, na conversação séria ou até mesmo fútil, nas relações com o próximo, nas discussões dos mais variados problemas, na exposição dos princípios doutrinários aos que desejam ouvir-nos, numa carta, num bilhete, numa saudação social - mas sempre com discrição, sem insistências perturbadoras, sem carranca e seriedade formal. O primeiro sintoma da contenção desse problema é a alegria que nos ilumina por dentro e se irradia ao nosso redor, contagiando os outros. Porque a vida é uma bênção e, portanto é alegria e não tristeza, jovialidade e não carrancismo.

Não estamos na vida para sofrer, mas para aprender. Cada dificuldade que nos desafia é uma experiência de aprendizado. O sofrimento é consequência da nossa incompreensão da finalidade da vida. Desenvolvendo a razão no plano humano, o ser se envaidece com a sua capacidade de julgar e comete os erros da arrogância, da prepotência, da vaidade, da insolência.

Julga-se mais dotado que os outros e com mais direitos que eles. Essa é a fonte de todos os males humanos. A doutrinação espírita, equilibrada, amorosa, modifica a nós mesmos e aos outros, abre as mentes para a percepção da realidade-real que nos escapa, quando nos apegamos à ilusão das nossas pretensões individuais, geralmente mesquinhas.

Foi isso o que Jesus ensinou ao dizer: "Os que se apegam à sua vida perdê-la-ão, mas os que a perderam por amor a mim, esses a encontrarão".

A meditação sincera e desinteressada sobre estas coisas é o caminho da nossa libertação e da libertação dos outros. Só aquele que está livre pode libertar.

*

V – PRÁTICA. FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

O Livro dos Médiuns

Capítulo XIII – A Psicografia. Questões 155 a 157

155. A inteligência manifestante se revela muitas vezes por outros sinais inequívocos. Por exemplo: chegando o lápis ao fim da página, volta espontaneamente; se quer se reportar a uma passagem precedente, na mesma página ou em outra, procura-a com a ponta do lápis, como faríamos com o dedo, e a sublinha. Se o Espírito quiser dirigir-se a um dos assistentes a ponta do lápis se volta para ele. Para abreviar, freqüentemente faz os sinais de *sim* ou *não*, para afirmar ou negar, como fazemos com a cabeça. Se quer demonstrar cólera ou impaciência, dá repetidas pancadas com o lápis, quase sempre quebrando-lhe a ponta.

156. Algumas pessoas substituem a cesta por uma espécie de mesa em miniatura, feita especialmente, de doze a quinze centímetros de comprimento por

cinco a seis de altura, e três pés a um dos quais adapta um lápis. Os outros dois são arredondados ou munidos de uma bolinha de marfim, para deslizarem facilmente sobre o papel. Outras se servem simplesmente de uma tabuinha de quinze a vinte centímetros quadrados, em forma triangular, oval ou retangular, tendo nas bordas um furo oblíquo para se enfiar o lápis. Posta no papel para escrever, ela fica apoiada num dos lados. O lado que pousa no papel é às vezes guarnecido de duas bolinhas rolantes para facilitar o movimento. Compreende-se, de resto, que todos esses dispositivos nada têm de absoluto. O mais cômodo é o melhor.

Com qualquer desses aparelhos os operadores devem ser dois, não sendo necessário que ambos sejam médiuns. Um deles serve apenas para ajudar o equilíbrio do aparelho e diminuir a fadiga do médium.

157. À escrita assim obtida chamamos *psicografia indireta*, em contraste com a *psicografia direta* ou manual feita pelo próprio médium. Para compreender este sistema é necessário saber como se verifica a operação. O Espírito comunicante age sobre o médium; este, assim influenciado, *move maquinalmente* o braço e a mão para escrever, não tendo (pelo menos no comum dos casos) a menor consciência do que escreve; a mão age sobre a cesta e esta movimentada o lápis. Assim, *não é a cesta que se torna inteligente*, mas apenas serve de instrumento a uma inteligência. A cesta nada mais é, praticamente, do que um porta-lápis, um apêndice da mão, um intermediário entre a mão e o lápis. Suprimindo o intermediário e pondo o lápis na mão, temos o mesmo resultado com um mecanismo muito mais simples, desde que o médium passa a escrever como se o fizesse em condições normais. (A insistência de Kardec nesta explicação tem uma razão especial. É que havia surgido em Paris, e era amplamente divulgada na imprensa, uma estranha teoria dos *médiuns inertes*, segundo a qual os objetos eram médiuns. Ver este curioso episódio na *Revista Espírita*. A psicografia direta foi estudada na Psicologia como escrita automática, e as interpretações anímicas que Pierre Janet e outros lhe deram não invalidam a realidade do fenômeno. Na Parapsicologia, como na Metapsíquica, tem sido utilizada para experiências telepáticas eficazes. (N. do T.)

Dessa maneira, toda pessoa que escreve com a cesta, a prancheta ou outro instrumento, pode também escrever diretamente. De todos os meios de comunicação, a escrita à mão, que alguns chamam de *escrita involuntária* é sem dúvida a mais simples, mais fácil e mais cômoda, porque não exige nenhuma preparação e se presta, como a escrita comum, às dissertações mais extensas. Voltaremos ao assunto, quando tratarmos dos médiuns.

*

LICEU ALLAN KARDEC
CENTRO ESPÍRITA
SINHANINHA/JOAQUIM QUEIROZ

*

SESSÃO REALIZADA EM 13/ABRIL/2013

*

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO
CAPITULO VII

BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO

1. Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus (SÃO MATEUS, V:3).

MISSÃO DO HOMEM INTELIGENTE NA TERRA

• **Ferdinando** •

Espírito protetor, Bordeaux, 1862

13. Não vos orgulheis por aquilo que sabeis, porque esse saber tem limites bem estreitos, no mundo que habitais. Mesmo supondo que sejais uma das sumidades desse globo, não tendes nenhuma razão para vos envaidecer. Se Deus, nos seus desígnios, vos fez nascer num meio onde pudestes desenvolver a vossa inteligência, foi por querer que a usásseis em benefício de todos. Porque é uma missão que Ele vos dá, pondo em vossas mãos o instrumento com o qual podeis desenvolver, ao vosso redor, as inteligências retardatárias e conduzi-las a Deus. A natureza do instrumento não indica o uso que dele se deve fazer? A enxada que o jardineiro põe nas mãos do seu ajudante não indica que ele deve cavar? E o que diríeis se o trabalhador, em vez de trabalhar, erguesse a enxada para ferir o seu senhor? Diríeis que isso é horroroso, e que ele deve ser expulso. Pois bem, não se passa o mesmo com aquele que se serve da sua inteligência para destruir, entre os seus irmãos, a ideia da Providência? Não ergue contra o seu Senhor a enxada que lhe foi dada para preparar o terreno? Terá ele o direito ao salário prometido, ou merece, pelo contrário, ser expulso do jardim? Pois o será, não o duvideis, e arrastará existências miseráveis e cheias de humilhação, até que se curve diante d'Aquele a quem tudo deve.

A inteligência é rica em méritos para o futuro, mas com a condição de ser bem empregada. Se todos os homens bem dotados se servissem dela segundo os desígnios de Deus, a tarefa dos Espíritos seria fácil, ao fazerem progredir a humanidade. Muitos, infelizmente, a transformaram em instrumento de orgulho e de perdição para si mesmos. O homem abusa de sua inteligência, como de todas as suas faculdades, mas não lhe faltam lições, advertindo-o de que uma poderosa mão pode retirar-lhe o que ela mesma lhe deu.

*

O LIVRO DOS ESPÍRITOS
CAPÍTULO I
A LEI DIVINA OU NATURAL
I – CARACTERES DA LEI NATURAL

614. O que se deve entender por lei natural?

– A lei natural é a lei de Deus; é a única necessária à felicidade do homem; ela lhe indica o que ele deve fazer ou não fazer, e ele só se torna infeliz porque dela se afasta.

615. A lei de Deus é eterna?

– É eterna e imutável como o próprio Deus.

616. Deus teria prescrito aos homens, numa época, aquilo que lhes proibiria em outra?

– Deus não se engana; os homens é que são obrigados a modificar as suas leis, que são imperfeitas, mas as leis de Deus são perfeitas. A harmonia que regula o universo material e o universo moral se funda nas leis que Deus estabeleceu por toda a eternidade.

617. O que as leis divinas abrangem? Referem-se a mais do que à conduta moral?

– Todas as leis da Natureza são leis divinas, pois Deus é o autor de todas as coisas. O sábio estuda as leis da matéria, o homem de bem, as da alma, e as segue.

617-a. É dado ao homem aprofundar umas e outras?

– Sim, mas uma só existência não lhe é suficiente para isso.

Que são, de fato, alguns anos para se adquirir tudo o que constitui o ser perfeito, embora não consideremos mais do que a distância que separa o selvagem do homem civilizado? A mais longa existência possível é insuficiente e com mais forte razão quando ela é abreviada, como acontece com um grande número.

Entre as leis divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: são as leis físicas; seu estudo pertence ao domínio da Ciência. As outras concernem especialmente ao homem e às suas relações com Deus e com os seus semelhantes. Compreendem as regras da vida do corpo e as da vida da alma: são as leis morais.

*

O LIVRO DOS MÉDIUNS
CAPÍTULO XXI
INFLUÊNCIA DO MEIO

231.1.0 meio em que o médium se encontra exerce alguma influência sobre as manifestações?

—Todos os Espíritos que cercam o médium o ajudam para o bem ou para o mal.

2. Os Espíritos superiores não podem vencer a má vontade do Espírito encarnado que lhes serve de intérprete e dos que o cercam?

— Sim, quando o julgam útil, e segundo a intenção da pessoa que os consulta. Já o dissemos: os Espíritos mais elevados podem às vezes comunicar-se, para um auxílio especial, malgrado a imperfeição do médium e do meio, mas então estes lhe permanecem completamente alheios.

3. Os Espíritos Superiores tentam levar às reuniões fúteis intenções mais sérias?

— Os Espíritos Superiores não comparecem às reuniões em que a sua presença é inútil. Aos meios de pouca instrução, mas onde há sinceridade, vamos de boa vontade, mesmo que só encontremos instrumentos deficientes. Mas aos meios instruídos, em que a ironia impera, não vamos. Neles é necessário tocar os olhos e os ouvidos, e esse é o papel dos Espíritos batedores e zombeteiros. É bom que os que se vangloriam de sua sabedoria sejam humilhados pelos Espíritos menos sábios e menos adiantados.

4. É proibido aos Espíritos inferiores comparecerem às reuniões sérias?

— Não. Às vezes permanecem nelas, a fim de aproveitarem os ensinamentos que vos são dados. Mas se calam, como os estouvados (brincalhões, imprudentes) numa reunião de sábios.

*

O CÉU E O INFERNO

CAPÍTULO IV

O INFERNO

Os Limbos

8 — É verdade que a Igreja admite para certos casos particulares uma situação especial. As crianças mortas em tenra idade, não tendo praticado o mal, não podem ser condenadas ao fogo eterno. De outro lado, não tendo praticado o bem, não possuem nenhum direito à felicidade suprema. São então, diz ela, enviadas aos limbos, situação mista e jamais definida, na qual, embora não sofrendo não gozam também da felicidade perfeita. Mas desde que a sua sorte já está irrevogavelmente fixada, elas estão privadas da felicidade por toda a eternidade.

Essa privação, desde que não dependeu delas, equivale a um suplício eterno imerecido. Acontece o mesmo com o selvagem, que não tendo recebido a graça do batismo e as luzes da religião, pecam por ignorância, abandonando-se aos instintos naturais e não podem ter culpa nem mérito como os que agem em conhecimento de causa.

A simples lógica repele semelhante doutrina em nome da justiça de Deus. Porque esta justiça encontra-se toda nestas palavras do Cristo: "A cada qual segundo suas obras". Mas é necessário entender por isso as boas ou más obras que se praticam livremente, voluntariamente, pois são as únicas que acarretam responsabilidade. Não é esse o caso da criança, nem do selvagem ou qualquer outro cujo esclarecimento não tenha dependido da sua própria vontade.

*

A GÊNESE

CAPÍTULO XI

EMIGRAÇÕES E IMIGRAÇÕES

Emigrações e imigrações dos Espíritos

35. - No intervalo de suas existências corporais, os Espíritos se encontram no estado de erraticidade e formam a população espiritual ambiente da Terra. Pelas mortes e pelos nascimentos, as duas populações, terrestre e espiritual, deságuam incessantemente uma na outra. Há, pois, diariamente, emigrações do mundo corpóreo para o mundo espiritual e imigrações deste para aquele: é o estado normal.

36. - Em certas épocas, determinadas pela sabedoria divina, essas emigrações e imigrações se operam por massas mais ou menos consideráveis, em virtude das grandes revoluções que lhes ocasionam a partida simultânea em quantidades enormes, logo substituídas por equivalentes quantidades de encarnações. Os flagelos destruidores e os cataclismos devem, portanto, considerar-se como ocasiões de chegadas e partidas coletivas, meios providenciais de renovamento da população corporal do globo, de ela se retemperar pela introdução de novos elementos espirituais mais depurados. Na destruição, que por essas catástrofes se verifica, de grande número de corpos, nada mais há do que rompimento de vestiduras; nenhum Espírito perece; eles apenas mudam de planos; em vez de partirem isoladamente, partem em bandos, essa a única diferença, visto que, ou por uma causa ou por outra, fatalmente têm que partir, cedo ou tarde.

As renovações rápidas, quase instantâneas, que se produzem no elemento espiritual da população, por efeito dos flagelos destruidores, apressam o progresso social; sem as emigrações e imigrações que de tempos a tempos lhe vêm dar violento impulso, só com extrema lentidão esse progresso se realizaria.

É de notar-se que todas as grandes calamidades que dizimam as populações são sempre seguidas de uma era de progresso de ordem física, intelectual, ou moral e, por conseguinte, no estado social das nações que as experimentam. É que elas têm por fim operar uma remodelação na população espiritual, que é a população normal e ativa do globo.

37. - Essa transfusão, que se efetua entre a população encarnada e desencarnada de um planeta, igualmente se efetua entre os mundos, quer individualmente, nas condições normais, quer por massas, em circunstâncias especiais. Há, pois, emigrações e imigrações coletivas de um mundo para outro, donde resulta a introdução, na população de um deles, de elementos inteiramente novos. Novas raças de Espíritos, vindo misturar-se às existentes, constituem novas raças de homens. Ora, como os Espíritos nunca mais perdem o que adquiriram, consigo trazem eles sempre a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem, o que faz que imprimam o caráter que lhes é peculiar à raça corpórea que venham animar. Para isso, só necessitam de que novos corpos sejam criados para serem por eles usados. Uma vez que a espécie corporal existe, eles encontram sempre corpos prontos para os receber.

Não são mais, portanto, do que novos habitantes. Em chegando à Terra, integram-lhe, a princípio, a população espiritual; depois, encarnam, como os outros.

OBRAS PÓSTUMAS

Introdução ao estudo da fotografia e da telegrafia do pensamento

É fato incontestável a ação fisiológica de indivíduo a indivíduo, com ou sem contacto. Semelhante ação evidentemente só pode ser exercida por um agente intermediário, do qual são reservatório o nosso corpo, os nossos olhos e os nossos dedos, principais órgãos de emissão e de direção.

Esse agente invisível é necessariamente um fluido. Quais a sua natureza e a sua essência? Quais as suas propriedades íntimas? Será um fluido especial, ou uma modificação da eletricidade, ou de algum outro fluido conhecido? Não será antes o a que hoje damos o nome de fluido cósmico, quando se acha esparso na atmosfera, e fluido perispirítico, quando individualizado?

Esta questão, aliás, é secundária.

O fluido perispirítico é imponderável, como a luz, a eletricidade e o calórico. É-nos invisível, no nosso estado normal, e somente por seus efeitos se revela.

Torna-se, porém, visível a quem se ache no estado de sonambulismo lúcido e, mesmo, no estado de vigília, às pessoas dotadas de dupla vista. No estado de emissão, ele se apresenta sob a forma de feixes luminosos, muito semelhante à luz elétrica difundida no vácuo. A isso, em suma, se limita a sua analogia com este último fluido, porquanto não produz, pelo menos ostensivamente, nenhum dos fenômenos físicos que conhecemos. No estado ordinário, denota matizes diversos, conforme os indivíduos que o emitem: ora vermelho fraco, ora azulado, ou acinzentado, qual ligeira bruma. As mais das vezes, espalha sobre os corpos circunjacentes uma coloração amarelada, mais ou menos forte.

Sobre essa questão, são idênticos os relatos dos sonâmbulos e dos videntes. Teremos ainda ocasião de tratar disso, quando falarmos das qualidades que ao fluido imprimem o móvel que o põe em movimento e o adiantamento do indivíduo que o emite.

*

REVISTA ESPÍRITA

JANEIRO DE 1858

Diferentes naturezas de manifestações

Os Espíritos atestam a sua presença de diversas maneiras, segundo sua aptidão, sua vontade e seu maior ou menor grau de elevação. Todos os fenômenos dos quais teremos ocasião de nos ocupar, se relacionam, naturalmente, a um ou a outro desses modos de comunicação.

Creemos, pois, para facilitar o entendimento dos fatos, dever abrir a série de nossos artigos pelo quadro das diferentes naturezas de manifestações. Podem ser resumidas assim:

1- *Ação oculta*, quando ela não tem nada ostensivo. Tais são, por exemplo as inspirações ou sugestões de pensamento, as advertências íntimas, as influências sobre os acontecimentos, etc.;

2- *Ação patente* ou *manifestação*, quando ela é apreciável de um modo qualquer;

3- *Manifestações físicas* ou *materiais*, são aquelas que se traduzem por fenômenos sensíveis, tais como os ruídos, o movimento e o deslocamento de objetos. Essas manifestações não comportam, muito freqüentemente, nenhum sentido direto; elas não têm por objetivo senão chamar a nossa atenção sobre alguma coisa, e nos convencer da presença de uma força superior à do homem;

4- *Manifestações visuais* ou *aparições*, quando um Espírito se revela à visão, sob uma forma qualquer, sem ter nenhuma das propriedades conhecidas da matéria;

5- *Manifestações inteligentes*, quando revelam um pensamento. Toda manifestação que comporte um sentido, não fora senão um simples movimento ou um ruído que acuse uma certa liberdade de ação, responde a um pensamento ou obedece a uma vontade, é uma manifestação inteligente. Ocorrem em todos os graus;

6- *As comunicações*, são as manifestações inteligentes que têm por objeto uma troca seguida de pensamentos entre o homem e os Espíritos.

A natureza das comunicações varia segundo o grau de elevação ou inferioridade, de saber ou ignorância do Espírito que se manifeste, e segundo a natureza do assunto de que se trata.

Elas podem ser: *frívolas*, *grosseiras*, *sérias*, ou *instrutivas*.

As comunicações frívolas emanam de Espíritos levianos, zombadores e traquinas, mais maliciosos do que maus, que não ligam nenhuma importância ao que dizem.

As comunicações grosseiras se traduzem por expressões que chocam as conveniências. Elas não emanam senão de Espíritos inferiores, ou que não estão ainda despojados de todas as impurezas da matéria.

As comunicações sérias são graves quanto ao assunto e à maneira que são feitas. A linguagem dos Espíritos superiores é sempre digna e isenta de toda a trivialidade. Toda comunicação que exclui a frivolidade e a grosseria, e que tem um fim útil, seja de interesse privado, é, por isso mesmo, séria.

As comunicações instrutivas são as comunicações sérias que têm por objetivo principal um ensinamento qualquer, dado pelos Espíritos sobre as ciências, a moral, a filosofia, etc. São mais ou menos profundas e mais ou menos *verdadeiras*, segundo o grau de evolução e de *desmaterialização* do Espírito. Para se retirar dessas comunicações um proveito real, é preciso que sejam regulares e contínuem com perseverança. Os Espíritos sérios se ligam àqueles que querem se instruir e os secundam, ao passo que deixam aos Espíritos levianos o cuidado de divertir, com gracejos, aqueles que não vêem, nas manifestações, senão uma distração passageira. Não é senão pela regularidade e pela freqüência das comunicações, que se pode apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos com os quais se conversa, e o grau de confiança que merecem. Se é preciso experiência para julgar os homens, é preciso, talvez, mais ainda para julgar os Espíritos.

*

PSICOGRAFIAS

046) A GRANDE DÁDIVA: A VIDA!

Irmãos, hoje uma gota de orvalho, uma lágrima, um sorriso, um choro, um canto. Tudo e qualquer coisa é motivo de muita alegria para mim. Alegro-me com bem pouco, pois vejo a Natureza em toda a sua exuberância exalando apenas e unicamente o Dom, o Poder de Deus. Sim, isso me alegra muito, pois eu era muito infeliz, muito vaidoso e muito arrogante. E, por isso, eu perdi todos os privilégios. Perdi amizade, perdi parentes e até a autoestima. O lugar para onde eu fui: ai, ai, nem quero lhes dizer, mas eu bem o mereci: foi horrível aquele lugar. E demorei muito a sair de lá.

Agora, finalmente, encontro em qualquer lugar, em qualquer manifestação, os olhos de Deus, Suas mãos em minha cabeça abençoando-me, orientando-me e mostrando-me que basta pouco, bem pouco, para sermos felizes.

E agora eu sou feliz, depois que tudo perdi, depois que senti que para mim não existia mais saída. Depois que me vi bem no fundo do poço e consegui me livrar, com a graça de Deus e dos amigos espirituais, que sempre me ampararam.

Agora sim, me alegro com bem pouco. Sou feliz com o que tenho. Sou feliz porque posso enxergar, posso falar, posso andar e, principalmente, porque tenho um coração que ama e sofre por ver que muita gente está passando e pode passar pelo que passei, por vaidade, por rancor, por orgulho.

Não, meus queridos irmãos, estou ao lado de vocês dando-lhes uma força para não deixar que nossos irmãos sofredores caiam por falta de apoio. Estou com vocês. Oro junto com vocês. E sou feliz porque estou sendo útil.

Não, não menosprezem o pouco que acham que têm, pois têm a grande e maravilhosa dádiva que Deus nos deu, que é a Vida. Vivam e ajudem os outros viverem!

(Espírito: Ernesto. Médiun: Domitila. Linceu Allan Kardec. – Buri. 5/12/2000).

*

PASSES E ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL

*

LIVRO: CHICO, BEZERRA E VOCÊ

PACIÊNCIA E AÇÃO

... abracemos o caminho que o Mestre nos aponta, embora, muitas vezes, sentindo os ombros agoniados, sob a cruz das responsabilidades crescentes.

Não vacilemos, porém.

Associando paciência e ação, brandura e energia – e às vezes mais energia na brandura – sigamos à frente, convencidos de que o Senhor não nos desampara.

Recordemo-lo; sozinho e desfalecente; mas sereno e valoroso e prossigamos, de consciência erguida na paz do dever cumprido.

De mensagem recebida em 13.11.1964.

PEDRAS DA VIDA

... há situações que constituem a nossa prova aflitiva e áspera, mas redentora e sacrificante.

Perdoemos as pedras da vida pelo ouro da experiência e de luz que nos oferecem.

E, sobretudo, armemo-nos de coragem para o trabalho, porque é na dor do presente que corrigimos as lutas de ontem, acendendo abençoada luz para o nosso grande porvir.

De mensagem recebida em 26.04.1958.

DEGRAUS ACIMA

... as dificuldades são os degraus de ascensão.

Cultivemos serenidade e confiança.

De mensagem recebida em 13.10.1964.

*

O TESOURO DOS ESPÍRITAS

MIGUEL VIVES

Em resumo:

- A Humanidade geme, chora, desespera-se, pelo muito que sofre; o egoísmo tudo devora; as vítimas da maldade se sucedem sem parar; as religiões se desviaram do caminho; os homens de bem, intermediários entre a Humanidade e a Providência, são escassos;

- os espíritas estão encarregados de trazer a luz, já que sabem porque a Humanidade sofre, porque chora, porque se desespera;

- sacrifiquemo-nos, pois, para poder explicar-lhe a causa de seus sofrimentos, de suas lágrimas, de seu desespero;

- procedamos de maneira a mostrar que a dor depura, eleva, santifica, exalta, e assim cumpriremos a nossa missão.

O espírita que muito deseja fazer por seus semelhantes não deve perder de vista o Senhor – quando o açoitavam atado ao pilar, quando o coroavam de espinhos, quando carregava a cruz, quando consumava o seu sacrifício –, para saber imitá-lo em seus atos de amor pela Humanidade, de abnegação e de sacrifício.

“Vós sois o sal da terra; se o sal perder o seu sabor, com o que se há de salgar?”

*

LIVRO: OBSESSÃO, O PASSE, A DOUTRINAÇÃO

J. HERCULANO PIRES

IV - Santos, diabos e clérigos. – Doutrinação

Nas manifestações mediúnicas da Era Apostólica, no chamado culto pneumático dos apóstolos e seus discípulos, era frequente a manifestação de espíritos diabólicos, com pesadas injúrias a Jesus e a Deus, como contam os historiadores do Cristianismo Primitivo.

O Apóstolo Paulo trata desse culto na I Epístola aos Coríntios, no tópico referente aos Dons Espirituais. O nome de culto pneumático deriva da palavra grega pneu, que significa sopra, espírito. Nas sessões espíritas atuais surgem as manifestações de Santos, Diabos e Padres geralmente condenando as práticas espíritas. Os Doutrinadores precisam de habilidade para distinguir os brincalhões e os mistificadores, das entidades ainda realmente apegadas às funções religiosas

que exerceram em sua vida terrena. Os supostos santos usam uma linguagem melíflua, carregada de falsa bondade, com que pretendem iludir os participantes ingênuos das sessões. O doutrinador precisa lembrar-se que, se eles fossem realmente santos, não viriam combater as sessões mediúnicas e os ensinamentos mediúnicos de Jesus. Não devem perder muito tempo com eles. Basta mostrar-lhes que estão em mau caminho e que nada conseguirão com suas manhas. Os Diabos aparecem sempre de maneira grotesca, procurando fazer estardalhaço, ameaçando e roncando como bichos.

Com paciência e calma, mas sem lhes dar trelas, o doutrinador os afastará logo.

Os espíritos de padres e freiras, frades e outros clérigos são mais insistentes, querendo discutir sobre interpretações evangélicas. O melhor que se pode fazer é convidá-los a orar a Jesus. Embora manhosos, são espíritos necessitados de ajuda e esclarecimento. Com sinceridade e amor são facilmente doutrináveis. Mais raras são as manifestações de pastores protestantes e de rabinos judeus, mas também ocorrem. Manifestam-se sempre demasiadamente apegados a letras dos textos bíblicos e evangélicos. Inútil entrar em discussão com eles. Tratados com amor e sinceridade acabam retirando-se e já entregues a antigos companheiros de profissão, já esclarecidos, que geralmente os trouxeram a sessão mediúnica para aproveitar as facilidades do ambiente. A doutrinação tem o duplo poder da verdade e do amor, a que eles não podem resistir por muito tempo. Alguns costumam voltar com insistência em várias sessões. Devem ser sempre recebidos com espírito fraterno e com a intenção pura de auxiliá-los.

*

LIVRO: LEIS DE AMOR

EMMANUEL

VI - Consequências do passado

1 - Como podemos compreender os resultados de nossas existências anteriores?

- Para compreender os resultados das existências anteriores, baste que o homem observe as próprias tendências, oportunidades, lutas e provas.

2 - Como entender, na essência, as dívidas ou vantagens que trazemos de existências passadas?

- Estudos que efetuamos corretamente, ainda que terminados há longo tempo, asseguram-nos títulos profissionais respeitáveis. Faltas praticadas deixam azeda sucata de dores na consciência, pedindo reparação. Se plantarmos preciosa árvore, desde muito, é natural venhamos a surpreendê-la, carregada de utilidades e frutos para os outros e para nós. Se nos empenhamos num débito, é justo suportemos a preocupação de pagar.

3 - Qual a lição que as horas nos ensinam?

- Meditemos a simples lição das horas. Comumente, durante a noite, o homem repousa e dorme; em sobrevindo a manhã, desperta e levanta-se com os bens ou com os males que haja procurado para si mesmo, no transcurso da véspera.

- Assim, a vida e a morte, na lei da reencarnação que rege o destino.

4 - Qual a situação moral da alma no túmulo e no berço?

- No túmulo, a alma, ainda vinculada ao crescimento evolutivo, entra na posse das alegrias e das dores que amontoou sobre a própria cabeça; no berço, a-corda e retoma o arado da experiência, nos créditos que lhe cabe desenvolver e nos débitos que está compelida a resgatar.

5 - Em síntese, onde permanece, espiritualmente, a criatura reencarnada?

- Cada criatura reencarnada permanece nas derivantes de tudo o que fez consigo e com o próximo.

6 - Qual a explicação lógica das enfermidades congênicas?

- Os grandes delitos operam na alma; estados indefiníveis de angústia e choque, daí nascendo a explicação lógica das enfermidades congênicas, às vezes inabordáveis a qualquer tratamento.

*

POESIA
AVAREZA E OBSESSÃO
Cornélio Pires

O sovina Chichico da Planura
Foi à sessão no Ingá, pedindo ao Guia:
– “Não me deixes, irmão, nesta agonia,
Carrego obsessão, treva, loucura...”

O Guia esclareceu, em voz segura:
– “Meu amigo, a melhora principia
Em gastar para o bem. Serve e auxilia.
Caridade é socorro, amparo e cura...”

Mas Chichico, escutando esse conselho,
Levantou-se, tossiu, ficou vermelho
E gritou para a médium Nhã Lilica :

– “Custei muito a ganhar o meu dinheiro.
Não quero falação de zombeteiro.
Este espírito mau nunca foi guia.”

Do livro Amanhece. Psicografia de Francisco Cândido Xavier.

*

LICEU ALLAN KARDEC
CENTRO ESPÍRITA
SINHANINHA/JOAQUIM QUEIROZ

*

SESSÃO REALIZADA EM 20/ABRIL/2013

*

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO V - BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS

1. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos. Bem-aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. (MATEUS, V: 5, 6 e 10).

EUTANÁSIA

• São Luís •

Paris, 1860

- Mas quem vos daria o direito de prejudicar os desígnios de Deus? Não pode ele conduzir um homem até a beira da sepultura, para em seguida retirá-lo, com o fim de fazê-lo examinar-se a si mesmo e modificar-lhe os pensamentos? A que extremos tenha chegado um moribundo, ninguém pode dizer com certeza que sou ou a sua hora final. A Ciência, por acaso, nunca se enganou nas suas previsões?

Bem sei que há casos que se podem considerar, com razão, como desesperadores. Mas se não há nenhuma esperança possível de um retorno definitivo à vida e à saúde, não há também inúmeros exemplos de que, no momento do último suspiro, o doente se reanime recobra suas faculdades por alguns instantes? Pois bem: essa hora de graça que lhe é concedida, pode ser para ele da maior importância, pois ignorais as reflexões que o seu Espírito poderia ter feito nas convulsões da agonia, e quantos tormentos podem ser poupados por um súbito clarão de arrependimento.

O materialista, que só vê o corpo, não levando em conta existência da alma, não pode compreender essas coisas. Mas o espírita, que sabe o que se passa além-túmulo, conhece o valor do último pensamento. Aliviai os últimos sofrimentos o mais que puderdes, mas guardai-vos de abreviar a vida, mesmo que seja em apenas um minuto, porque esse minuto pode poupar muitas lágrimas no futuro.

*

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO XII - PERFEIÇÃO MORAL

I – AS VIRTUDES E OS VÍCIOS

909. O homem poderia sempre vencer as suas más tendências pelos seus próprios esforços?

– Sim, e às vezes com pouco esforço; o que lhe falta é a vontade. Ah, como são poucos os que se esforçam!

910. O homem pode encontrar nos Espíritos uma ajuda eficaz para superar as paixões?

– Se orar a Deus e ao seu bom gênio com sinceridade os bons Espíritos virão certamente em seu auxílio, porque essa é a sua missão. (Ver item 459).

II – INFLUENCIA OCULTA DOS ESPÍRITOS SOBRE OS NOSSOS PENSAMENTOS E AS NOSSAS AÇÕES

459. Os Espíritos influem sobre os nossos pensamentos e as nossas ações?

– Nesse sentido a sua influência é maior do que supondes, porque muito frequentemente são eles que vos dirigem.

911. Não existem paixões de tal maneira vivas e irresistíveis que a vontade seja impotente para as superar?

– Há muitas pessoas que dizem: “Eu quero!” Mas a vontade está somente em seus lábios. Elas querem, mas estão muito satisfeitas de que assim não seja. Quando o homem julga que não pode superar suas paixões é que o seu Espírito nelas se compraz, como consequência de sua própria inferioridade. Aquele que procura reprimi-las compreende a sua natureza espiritual; vencê-las é para ele um triunfo do Espírito sobre a matéria.

912. Qual o meio mais eficaz de se combater a predominância da natureza corpórea?

– Abnegar-se.

*

IV – CARACTERES DO HOMEM DE BEM

918. Por que sinais se pode reconhecer no homem o progresso real que deve elevar o seu Espírito na hierarquia espírita?

– O Espírito prova a sua elevação quando todos os atos da sua vida corpórea constituem a prática da lei de Deus e quando compreende por antecipação a vida espiritual.

O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade na sua mais completa pureza. Se interroga sua consciência sobre os atos praticados, perguntará se não violou essa lei, se não cometeu nenhum mal, se fez todo o bem que podia, se ninguém teve de se queixar dele, enfim, se fez para os outros tudo o que gostaria que os outros lhe fizessem.

O homem possuído pelo sentimento de caridade e de amor ao próximo faz o bem pelo bem, sem esperança de recompensa, e sacrifica o seu interesse pela justiça.

Ele é bom, humano e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem exceção de raças ou de crenças.

Se Deus lhe deu a poder e a riqueza, olha essas coisas como um depósito do qual deve usar para o bem, e disso não se envaidece porque sabe que Deus, que lho deu, também poderá retirá-los. Se a ordem social colocou homens sob a sua dependência, trata-os com bondade e benevolência porque são seus iguais perante Deus; usa de sua autoridade para lhes erguer a moral e não para os esmagar com o seu orgulho.

É indulgente para com as fraquezas dos outros porque sabe que ele mesmo tem necessidade de indulgência e se recorda destas palavras do Cristo; “Que aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra”.

Não é vingativo: a exemplo de Jesus, perdoa as ofensas para não se lembrar senão dos benefícios, porque sabe que lhe será perdoado assim como tiver perdoado.

Respeita, enfim, nos seus semelhantes, todos os direitos decorrentes da lei natural, como desejaria que respeitassem os seus.

V – CONHECIMENTO DE SI MESMO

919. Qual o meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal?

– Um sábio da Antiguidade vos disse: **“Conhece-te a ti mesmo”**.

919-a. Compreendemos toda a sabedoria dessa máxima, mas a dificuldade está precisamente em se conhecer a si próprio. Qual o meio de chegar a isso?

– Fazei o que eu fazia quando vivi na Terra: no fim de cada dia interrogava a minha consciência, passava em revista o que havia feito e me perguntava a mim mesmo se não tinha faltado ao cumprimento de algum dever, se ninguém teria tido motivo para se queixar de mim. Foi assim que cheguei a me conhecer e ver o que em mim necessitava de reforma. Aquele que todas as noites lembrasse todas as suas ações do dia e se perguntasse o que fez de bem ou de mal, **pedindo a Deus e ao seu anjo guardião que o esclarecessem, adquiriria uma grande força para se aperfeiçoar, porque, acreditai-me, Deus o assistirá.** Formulai, portanto, as vossas perguntas, indagai o que fizestes e com que fito agistes em determinada circunstância, se fizestes alguma coisa que censuraríeis nos outros, se praticastes uma ação que não ousaríeis confessar. Perguntai ainda isto: Se aprovesse a Deus chamar-me neste momento, ao entrar no mundo dos Espíritos, onde nada é oculto, teria eu de temer o olhar de alguém? **Examinai o que pudésseis ter feito contra Deus, depois contra o próximo e por fim contra vós mesmos. As respostas serão motivo de repouso para vossa consciência ou indicarão um mal que deve ser curado.**

O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do melhoramento individual. **Mas, direis, como julgar a si mesmo?** Não se terá a ilusão do amor-próprio, que atenua as faltas e as torna desculpáveis? O avaro se julga simplesmente econômico e providente, o orgulhoso se considera tão somente cheio de dignidade. Tudo isso é muito certo, mas tendes um meio de controle que não vos pode enganar. Quando estais indecisos quanto ao valor de uma de vossas ações, perguntai como a qualificaríeis se tivesse sido praticada por outra pessoa. Se a censurardes em outros, ela não poderia ser mais legítima para vós, porque Deus não usa de duas medidas para a justiça. Procurai também saber o que pensam os outros e não negligencieis a opinião dos vossos inimigos, porque eles não têm nenhum interesse em disfarçar a verdade e, geralmente, Deus os colocou ao vosso lado como um espelho, para vos advertirem com mais franqueza do que o faria um amigo. Que aquele que tem a verdadeira vontade de se melhorar explore, portanto, a sua consciência, a fim de arrancar dali as más tendências como arranca as ervas daninhas do seu jardim; que faça o balanço da sua jornada moral como o negociante o faz dos seus lucros e perdas, e eu vos asseguro que o primeiro será mais

proveitoso que o outro. Se ele puder dizer que a sua jornada foi boa, pode dormir em paz e esperar sem temor o despertar na outra vida.

Formulai, portanto, perguntas claras e precisas e não temais multiplicá-las: pode-se muito bem consagrar alguns minutos à conquista da felicidade eterna. Não trabalhais todos os dias para ajuntar o que vos dê repouso na velhice? Esse repouso não é o objeto de todos os vossos desejos, o alvo que vos permite sofrer as fadigas e as privações passageiras? Pois bem: o que é esse repouso de alguns dias, perturbado pelas enfermidades do corpo, ao lado daquilo que aguarda o homem de bem? Isto não vale a pena de alguns esforços? Sei que muitos dizem que o presente é positivo e o futuro incerto. Ora, aí está, precisamente, o pensamento que fomos encarregados de destruir em vossas mentes, pois desejamos fazer-vos compreender esse futuro de maneira a que nenhuma dúvida possa restar em vossa alma. Foi por isso que chamamos primeiro a vossa atenção para os fenômenos da Natureza que vos tocam os sentidos e depois vos demos instruções que cada um de vós tem o dever de difundir. Foi com esse propósito que ditamos 'O livro dos Espíritos'.

Santo Agostinho

Muitas faltas que cometemos nos passam despercebidas. Se, com efeito, seguindo o conselho de Santo Agostinho, interrogássemos mais frequentemente a nossa consciência, veríamos quantas vezes falimos sem disso nos apercebermos, por não perscrutarmos a natureza e o móvel dos nossos atos. A forma interrogativa tem alguma coisa de mais preciso do que uma máxima que em geral não aplicamos a nós mesmos. Ela exige respostas categóricas, por um sim ou um não, que não deixam lugar a alternativas: respostas que são outros tantos argumentos pessoais, pela soma das quais podemos computar a soma do bem e do mal que existe em nós.

*

Alcoólicos Anônimos - Site Oficial

As últimas mensagens de Bill e Bob

"Saúdo-te e dou graças por tua vida."

Meus pensamentos hoje em dia estão cheios de gratidão para com a nossa Associação pelo sem-número de bondades que nos tem dado a Graça de Deus.

Se me perguntassem qual dessas bondades era o responsável por nosso crescimento como Associação e mais vital para nossa continuidade, eu diria: o "Conceito do Anonimato".

O anonimato tem dois atributos essenciais para nossa sobrevivência individual e coletiva: o espiritual e o prático.

Ao nível espiritual, o anonimato requer toda a disciplina que somos capazes de dar. Ao nível prático, o anonimato tem dado proteção ao novo membro, nos tem dado o respeito e o apoio do mundo exterior, dando-nos proteção e segurança daqueles que poderiam usar o A.A. para fins doentios e egoístas.

Com o passar dos anos o A.A. deve e continuará a mudar. Não podemos e nem devemos retroceder no tempo. Sem dúvida, acredito firmemente que o princípio do anonimato deve permanecer como primordial e permanente medida

de segurança. Enquanto aceitarmos nossa sobriedade em nosso tradicional espírito do anonimato, continuaremos recebendo as Graças de Deus.

E assim, uma vez mais os saúdo nesse espírito e outra vez mais dou graças por vossas vidas.

Que Deus bendiga a todos nós agora e sempre.

Sempre seu

Bill. "

*

"Meus queridos amigos em A.A. e do A.A.

... Fico bastante emocionado ao ver diante de mim um vasto mar de faces, com o sentimento de que, possivelmente alguma pequena coisa eu fiz há alguns anos atrás, para tornar este encontro possível.

Fico muito emocionado também, quando penso que todos nós tivemos os mesmos problemas. Que todos nós fizemos as mesmas coisas. Que todos nós conseguimos os mesmos resultados proporcionalmente ao nosso zelo, entusiasmo e persistência na detenção da marcha de nossa doença. Se vocês me permitirem a inclusão de uma pequena nota pessoal neste momento, quero dizer que estive acamado cinco dos sete últimos meses e minhas forças não retornaram como eu gostaria; assim meus comentários sobre o necessário serão muito breves.

Duas ou três coisas vieram à minha mente, às quais eu gostaria de dar um pouco de ênfase. Uma é a simplicidade do nosso programa. Não vamos perder isso tudo com complexos de Freud e coisas que são interessantes para o pensamento científico, mas temos muito o que fazer com o nosso atual trabalho no A.A. Os nossos Doze Passos quando experimentados até o último, resumem-se todos eles às palavras "AMOR" e "SERVIÇO".

Nós entendemos o que o AMOR é. Nós entendemos o que o SERVIÇO é. Assim, vamos manter essas duas coisas em nosso pensamento.

Lembramos também de guardar a nossa língua para não errar e que se tivermos que usá-la, usêmo-la com bondade, consideração e tolerância.

E mais uma coisa: nenhum de nós estaria hoje aqui, se alguém não tivesse tido tempo para explicar-nos alguma coisa, para nos dar uns tapinhas nas costas, para levar-nos a uma ou duas reuniões, para fazer numerosos atos de bondade e consciência em nosso favor. Assim, não deixemos nunca chegar a um grau tal de complacência presunçosa, que não nos permita dar ajuda ou tentar dá-la, a nossos irmãos menos felizes, já que ela tem sido tão benéfica para todos nós.

Muitas felicidades,

Dr. Bob

*

Os Doze Passos (para os Alcoólicos Anônimos) são:

1. Admitimos que éramos impotentes perante o álcool – que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.
2. Viemos a acreditar que um Poder superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.
3. Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.
4. Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.
5. Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.
6. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
7. Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.
8. Fizemos uma relação de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.
9. Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-lo significasse prejudicá-las ou a outrem.
10. Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.
11. Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade.
12. Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a esses Passos, procuramos transmitir essa mensagem aos alcoólicos e praticar esses princípios em todas as nossas atividades.

*?

**OS DOZE PASSOS E OS NARCÓTICOS ANÔNIMOS,
JOGADORES ANÔNIMOS, VICIADOS EM SEXO ANÔNIMOS,
VICIADOS EM TRABALHO ANÔNIMOS, ETC...**

Um dos primeiros membros da equipe [da igreja *The Willow Creek Community Church of South Barrington* [tida nos Estados Unidos como a “igreja padrão” para o século XXI] com quem falei, ele, orgulhosamente, dirigiu-se a mim e me disse que mais de 500 pessoas reuniam-se na igreja toda semana em vários grupos de autoajuda, tais como Emocionais Anônimos, Jogadores Anônimos, Narcóticos Anônimos, Glutões Anônimos, Viciados em Sexo Anônimos, Viciados em Trabalho Anônimos, etc. Nas minhas investigações, descobri que tais programas não eram realmente da própria igreja. Embora muitos membros dela estivessem envolvidos e participando ativamente dos programas, os encontros estavam sendo dirigidos sob a égide e o absoluto controle dos princípios éticos, passos e política de organizações de fora da igreja. Um dos requerimentos indispensáveis de todas essas organizações é que as pessoas não poderiam evangelizar ou ensinar aos frequentadores sobre o Deus pregado naquela igreja.

*

PSICOGRAFIAS

048) CATACLISMOS, CATÁSTROFES, SOFRIMENTOS... E A LUZ À NOSSA FRENTE!

Boa noite meus irmãos! Estamos novamente reunidos e damos graças a Deus por essa oportunidade. É bem raro acontecer tais reuniões para se falar em Deus, em Jesus, em renovação, em avanço moral e espiritual.

Reuniões existem em que se empregam longo tempo em ganhar dinheiro e, de certa forma, encontrar caminho para progredir materialmente, a qualquer custo. Mas, ainda bem que existem pessoas que acreditam que, moral e espiritualmente, podemos crescer, se quisermos e se lutarmos por isso.

Prevejo muita água, muito fogo, muita morte idiota e muita blasfêmia; mas vejo também, e graças a Deus, uma luz na frente que está nos impulsionando; é uma luz magnífica, resplandecente e cheia de paz. Agora sim! Só lá é que encontraremos um bem, uma paz há muito esperada. Mas, para lá chegar é necessário passar por toda essa água, essa lama e esse fogo. Sim, irmãos, a vida é feita de luta, de renúncia, de desapego. Nós não somos nada sem Jesus, não somos nada sem Deus e, assim que conseguirmos ultrapassar esse caminho terrível iremos de encontro com essa esplendida luz que nos espera além.

Continuemos buscando e orando sempre. Oremos por todos aqueles que não têm condições de fazê-lo, por não terem mais força, não têm mais alento, pois perderam a crença. Problemas, todos nós temos; preocupações, nós todos temos, quase sempre relacionadas com as questões materiais. Entretanto, quando a catástrofe chega ou chegar, nós nem sequer lembraremos desses problemas, pois serão tão insignificantes para nós, diante do que teremos de enfrentar diante da catástrofe, que só pensaremos em nos salvar. E, nessa hora, não existirão probleminhas diante desse problema maior para ser solucionado.

Só Deus para nos salvar, nos amparar. Esqueçamos nossas mesquinhas e vivamos para o mundo de mais Amor, mais Compreensão, mais Humanidade, mais Coração, que tudo o mais será passado. Oremos, oremos, oremos, para obtermos os recursos necessários e chegarmos a essa luz que nos aguardará depois da tempestade.

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 09/01/2001).

*

559) - QUE VENHAM AS OUTRAS BATALHAS!

A luta é contínua. Hoje foi começada uma de suas inúmeras batalhas. Deve-se trabalhar para vencê-la. Fazer tudo que for necessário, sem contudo se desgastar indo além do limite a que se pode chegar. Seguir com calma e tranquilidade, firmeza e fé, perseverança e paciência, para, ao final, dizer com o coração cheio de alegria: **“esta eu venci! Que venham as outras batalhas. Estarei em pé para encará-las. E, com a bênção do Pai, vencê-las uma a uma.”** Seguir, ir em frente, não parar no meio do caminho, eis uma das condições de galgar os degraus da evolução a que todos estamos sujeitos. Prosseguir, sempre!

Irmão Lupércio (?? Não estou certa)

Médiun: Nena. Evangelho no Lar - em 02/04/2013 - 21h50min.

560) - HAVERÁ TEMPOS EM QUE SÓ O AMOR GOVERNARÁ OS CORAÇÕES!

Sejam puros em seus sentimentos amorosos que a luz resplandecerá em seus corações e irradiará em todas as direções, tocando e sensibilizando os mais ferrenhos corações. Suas orações encontrarão eco nos ouvidos dos empedernidos, mais dia, menos dia. E vocês que se dedicarem ao próximo receberão a grande recompensa do amor intenso e gratificante que o Pai tem por todos.

Saberão enxugar lágrimas ardentes, choros convulsivos vocês acalmarão com a serenidade e a paciência que usarem para interceder pelos aflitos. E, em vocês, as lágrimas serão de gratidão, de satisfação por terem cumprido da melhor forma um dos preceitos cristãos mais valiosos, que é a caridade. Caridade para com todos, indistintamente: amigos ou inimigos, conhecidos, parentes, ou não. Porque fluirá de seus corações energias que transformarão a humanidade. Portanto, é preciso continuar... persistir, insistir. Não parar jamais, porque haverá tempos em que só o Amor governará os corações!

.....

Médium: Nena. Evangelho no Lar - 16/04/2013 - 21h40min

*

557) – MINHA FILHA: VOCÊ ESTÁ NO CAMINHO CERTO!

Minha filha, você está no caminho certo; estou feliz por você estar aqui. Obrigada por ter me ouvido, precisa continuar vindo, não se afaste, você tem muito que fazer, e hoje você novamente veio; já pode estar ajudando e ajudando a nós, é só ter fé, muita fé! E não desvie do caminho agora minha filha, você encontrou sua missão, não desvie mais. Continue com fé, você conseguirá aqui. Você vai encontrar toda a ajuda que necessita aqui, você está envolta com os amigos de luz. Eles só irão te ajudar a seguir seu caminho; está mais fácil. A luta é grande e não vai ser fácil, vai encontrar muitas dificuldades, muitos querem te atrapalhar, mas você tem fé e saberá que o seu caminho é este para chegar à Verdade minha filha. Só o encontrará aqui. Ore muito, em todos os momentos ore e não esqueça que estou sempre ao seu lado, e agora mais ainda com você.

Seja forte e tenha coragem, a luta é grande, mas com a ajuda de Jesus e desses irmãos de luz, vai vencer essa batalha.

Fiquem todos com Deus! Fique com Deus minha filha, estou indo hoje muito mais feliz.

Sua mãe que está sempre a seu lado!

Espírito: mãe de uma médium presente. Médium: Fabiana. Liceu Allan Kardec. Buri, 06/Abril/2013.

*

091) NÃO PERCAM UM SÓ MOMENTO COM PENSAMENTOS FÚTEIS!

Graças a Deus irmãos, estamos novamente juntos em nome de Deus, nosso Pai, e Jesus, nosso irmão maior.

Queridos irmãos, os ensinamentos são maravilhosos. Não percam um só minuto de vossos dias com coisas ou pensamentos fúteis, que não levam a nada!

Relembrai durante todo o tempo dos ensinamentos de Jesus, aqui ministrados, e dai provas de que assimilaram a lição. Junto ao povo é que servirão de ferramentas de Deus para a alavanca do progresso moral na Terra.

Não recuem, jamais, da tarefa; não se furtem aos compromissos assumidos no plano espiritual e, já que estão no caminho certo, aproveitem a oportunidade. Sempre com fé em Deus, haveremos de vencer as dificuldades.

Que Deus e Jesus abençoem a todos e todos os familiares!

(Esp.: Joaquim. Médiun: João Francisco. L. Allan Kardec. – Buri. 25/02/2004).

*

LICEU ALLAN KARDEC
CENTRO ESPÍRITA
SINHANINHA/JOAQUIM QUEIROZ

*

SESSÃO REALIZADA EM 27/ABRIL/2013

*

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPITULO XI - AMAR O PRÓXIMO COMO A SI MESMO

O MAIOR MANDAMENTO

1. Mas os fariseus, quando ouviram que Jesus tinha feito calar a boca aos saduceus, juntaram-se em conselho. E um deles, que era doutor da lei, tentando-o, perguntou-lhe: Mestre, qual é o maior mandamento da lei? Jesus lhe disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Estes dois mandamentos contêm toda a lei e os profetas. (MATEUS, XXII: 34-40).

2. E assim, tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei o também vós a eles. Porque esta é a lei e os profetas. (MATEUS, 7:12).

Tratai todos os homens como quereríeis que eles vos tratassem. (LUCAS, VI:31).

• Pascal • Sens, 1862

12. Se os homens se amassem reciprocamente, a caridade seria melhor praticada. Mas, para isso, seria necessário que esforçassem no sentido de livrar o vosso coração dessa couraça que o envolve, a fim de torná-lo mais sensível ao sofrimento do próximo. O Cristo nunca se esquivava: daqueles que o procuravam, fossem quem fossem, não eram repelidos. A mulher adúltera, o criminoso eram socorridos por ele, que jamais temeu prejudicar a sua própria reputação. Quando, pois o tomareis por modelo de todas as vossas ações? Se a caridade reinasse na Terra, o mal não dominaria, mas se apagaria envergonhado; ele se esconderia, porque em toda parte se sentiria deslocado. Seria então que o mal desapareceria; compenetrar-vos bem disso.

Começai por dar o exemplo vós mesmos. Sede caridosos para com todos, indistintamente. Esforçai-vos para não atentar (julgar) nos que vos olham com desdém. Deixai a Deus cuidar de toda a justiça, pois cada dia, no seu Reino, Ele separa o joio do trigo.

O egoísmo é a negação da caridade. Ora, sem a caridade não há tranquilidade na vida social, e digo mais, não há segurança. Com o egoísmo e o orgulho, que andam de mãos dadas, essa vida será sempre uma corrida favorável ao mais esperto, uma luta de interesses, em que as mais santas afeições são calcadas aos pés, em que nem mesmo os sagrados laços de família são respeitados.

*

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO VI - VIDA ESPÍRITA

248. O Espírito vê as coisas tão distintamente como nós?

– Mais distintamente, porque a sua vista penetra o que a vossa não pode penetrar; nada a obscurece.

249. O Espírito percebe os sons?

– Sim, e percebe até mesmo os que os vossos sentidos obtusos não podem perceber.

249-a. A faculdade de ouvir, como a de ver, está em todo o seu ser?

– Todas as percepções são atributos do Espírito e fazem parte do seu ser. Quando ele se reveste do corpo material, elas se manifestam pelos meios orgânicos; mas, no estado de liberdade, não estão mais localizadas

250. Sendo as percepções atributos do próprio Espírito, ele pode deixar de usá-las?

– O Espírito só vê e ouve o que ele quiser. Isto de uma maneira geral, e sobretudo para os Espíritos elevados, porque os imperfeitos ouvem e veem frequentemente, queiram ou não, aquilo que pode ser útil ao seu melhoramento.

251. Os Espíritos são sensíveis à música?

– Queres falar da vossa música? O que é ela perante a música celeste, essa harmonia da qual ninguém na Terra pode ter ideia? Uma é para a outra o que o canto do selvagem é para a suave melodia; Não obstante os Espíritos vulgares podem provar um certo prazer ao ouvir a vossa música, porque não estão ainda capazes de compreender outra mais sublime. A música tem, para os Espíritos, encantos infinitos, em razão de suas qualidades sensitivas muito desenvolvidas. Refiro-me à música celeste, que é tudo quanto a imaginação espiritual pode conceber de mais belo e mais suave.

252. Os Espíritos são sensíveis às belezas naturais?

– As belezas naturais dos vários globos são tão diversas que estamos longe de as conhecer. Sim, são sensíveis a elas, segundo as suas aptidões para as apreciar e compreender. Para os Espíritos elevados há belezas de conjunto, diante das quais se apagam, por assim dizer, as belezas dos detalhes.

253. Os Espíritos experimentam as nossas necessidades e os nossos sofrimentos físicos?

– Eles os conhecem, porque os sofreram, mas não os experimentam materialmente como vós, porque são Espíritos.

254. Os Espíritos sentem fadiga e necessidade de repouso?

– Não podem sentir a fadiga como a entendeis, e portanto não necessitam do repouso corporal, pois não possuem órgãos em que as forças tenham de ser restauradas. Mas o Espírito repousa, no sentido de não permanecer numa atividade constante. Ele não age de maneira material, porque a sua ação é toda intelectual e o seu repouso é todo moral. Há momentos em que o seu pensamento diminui de atividade e não se dirige a um objeto determinado; este é o verdadeiro repouso, mas não se pode compará-lo ao do corpo. A espécie de fadiga que os Espíritos podem provar está na razão da sua inferioridade, pois quanto mais se elevam, de menos repouso necessitam.

O LIVRO DOS MÉDIUNS

CAPÍTULO II MANIFESTAÇÕES FÍSICAS E MESAS GIRANTES

60. Chamam-se manifestações físicas as que se traduzem por efeitos sensíveis, como os ruídos, o movimento e a deslocação de corpos sólidos. Umas são espontâneas, independentes da vontade humana, e outras podem ser provocadas. Trataremos inicialmente apenas das últimas.

O efeito mais simples, e um dos primeiros a serem observados, foi o do movimento circular numa mesa. Esse efeito se produz igualmente em qualquer outro objeto. Mas sendo a mesa o mais empregado, por ser o mais cômodo, o nome de *mesas girantes* prevaleceu na designação desta espécie de fenômenos.

Quando dizemos que este efeito foi um dos primeiros a serem observados, referimo-nos aos últimos tempos, pois é certo que todos os gêneros de manifestações são conhecidos desde os tempos mais distantes, e nem podia ser de outra maneira. Desde que são efeitos naturais, teriam de produzir-se em todas as épocas. Tertuliano refere-se de maneira clara às mesas girantes e falantes. (Tertuliano, famoso doutor da Igreja, nascido em Cartago, considerado grande apologista, mas que acabou caindo em heresia, depois de havê-las condenado ardentemente. Viveu entre 160 a 240 da nossa época. (N. do T.)

Este fenômeno entreteve durante algum tempo a curiosidade dos salões, que depois se cansaram e passaram a outras distrações, porque servia apenas nesse sentido. Dois foram os motivos do abandono das mesas girantes: para os frívolos, a moda, que raramente lhes permite o mesmo divertimento em dois invernos, e que prodigiosamente lhe dedicaram três ou quatro! Para as pessoas sérias e observadoras foi um motivo sério: abandonaram as mesas girantes para ocupar-se das consequências muito mais importantes que delas resultavam. Deixaram o aprendizado do alfabeto pela Ciência, eis todo o segredo desse aparente abandono, de que fazem tanto barulho os zombadores.

Seja como for, as mesas girantes não deixam de ser o ponto de partida da Doutrina Espírita e por isso devemos tratá-las com maior desenvolvimento. E tanto mais quanto apresentando esses fenômenos na sua simplicidade, o estudo das causas será mais fácil e a teoria, uma vez estabelecida, nos dará a chave dos efeitos mais complicados.

*

O CÉU E O INFERNO

CAPÍTULO IV - ESPÍRITOS SOFREDORES

O Castigo

Exposição geral do estado dos culpados por ocasião da entrada no mundo dos Espíritos, ditada à Sociedade Espírita de Paris, em outubro de 1860.

"Depois da morte, os Espíritos endurecidos, egoístas e maus são logo tomados de uma dúvida cruel a respeito do seu destino, no presente e no futuro. Olham em torno de si e nada veem que possa aproveitar ao exercício da sua maldade — o que os desespera, visto como o insulamento e a inércia são intoleráveis aos maus Espíritos.

Não levantam o olhar às moradas dos Espíritos elevados, consideram aquilo que os cerca e, então, compreendendo o abatimento dos Espíritos fracos e punidos, se agarrarão a eles como a uma presa, utilizando-se da lembrança de suas faltas passadas, que eles põem continuamente em ação pelos seus gestos ridículos.

Não lhes bastando esse motejo (zombaria), atiram-se para a Terra como abutres famintos, procurando entre os homens uma alma que lhes dê fácil acesso às tentações. Encontrando-a, dela se apoderam exaltando-lhes a cobiça e procurando extinguir-lhe a fé em Deus, até que por fim, senhores de uma consciência e vendo segura a presa, estendem a tudo quanto se lhe aproxime a fatalidade do seu contágio.

O mau Espírito, no exercício da sua cólera, é quase feliz, sofrendo apenas nos momentos em que deixa de atuar, ou nos casos em que o bem triunfa do mal. Passam, no entanto, os séculos e, de repente, o mau Espírito presente que as trevas acabarão por envolvê-lo; o círculo de ação se lhe restringe e a consciência, muda até então, faz-lhe sentir os acerados espinhos do remorso.

Inerte, arrastado no turbilhão, ele vagueia, como dizem as Escrituras, sentindo a pele arrepiar-se-lhe de terror. Não tarda, então, que um grande vácuo se faça nele e em torno dele: chega o momento em que deve expiar; a reencarnação aí está ameaçadora... e ele vê como num espelho as provações terríveis que o aguardam; quereria recuar, mas avança e, precipitado no abismo da vida, rola em sobressalto, até que o véu da ignorância lhe recaia nos olhos.

*

A GÊNESE

CAPÍTULO XIII - CARACTERES DOS MILAGRES

Faz Deus milagres?

15. - Quanto aos milagres propriamente ditos, Deus, visto que nada lhe é impossível, pode fazê-los. Mas, fá-los? Ou, por outras palavras; derroga as leis que dele próprio emanaram? Não cabe ao homem prejulgar os atos da Divindade, nem os subordinar à fraqueza do seu entendimento. Contudo, em face das coisas divinas, temos, para critério do nosso juízo, os atributos mesmos de Deus. Ao poder soberano reúne ele a soberana sabedoria, donde se deve concluir que não faz coisa alguma inútil.

Por que, então, faria milagres? Para atestar o seu poder, dizem. Mas, o poder de Deus não se manifesta de maneira muito mais imponente pelo grandioso conjunto das obras da criação, pela sábia providência que essa criação revela, assim nas partes mais gigantescas, como nas mais mínimas, e pela harmonia das leis que regem o mecanismo do Universo, do que por algumas pequeninas e pueris derrogações que todos os prestímanos (ilusionistas, mágicos) sabem imitar? Que se diria de um sábio mecânico que, para provar a sua habilidade, desmantelasse um relógio construído pelas suas mãos, obra-prima de ciência, a fim de mostrar que pode desmanchar o que fizera? Seu saber, ao contrário, não ressalta muito mais da regularidade e da precisão do movimento da sua obra?

Não é, pois, da alçada do Espiritismo a questão dos milagres; mas, ponderando que Deus não faz coisas inúteis, ele emite a seguinte opinião: Não sendo necessários os milagres para a glorificação de Deus, nada no Universo se produz fora do âmbito das leis gerais. Deus não faz milagres, porque, sendo, como são,

perfeitas as suas leis, não lhe é necessário derogá-las. Se há fatos que não compreendemos, é que ainda nos faltam os conhecimentos necessários.

*

OBRAS PÓSTUMAS

CARÁTER E CONSEQÜÊNCIAS RELIGIOSAS DAS MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS

1. As almas ou Espíritos dos que aqui viveram constituem o mundo invisível que povoa o espaço e no meio do qual vivemos. Daí resulta que, desde que há homens, há Espíritos e que, se estes últimos têm o poder de manifestar-se, devem tê-lo tido em todas as épocas. É o que comprovam a história e as religiões de todos os povos. Entretanto, nestes últimos tempos, as manifestações dos Espíritos assumiram grande desenvolvimento e tomaram um caráter mais acentuado de autenticidade, porque estava nos desígnios da Providência pôr termo à praga da incredulidade e do materialismo, por meio de provas evidentes, permitindo que os que deixaram a Terra viessem atestar sua existência e revelar-nos a situação ditosa ou infeliz em que se encontravam.

2. Vivendo o mundo visível em meio do mundo invisível, com o qual se acha em contacto perpétuo, segue-se que eles reagem incessantemente um sobre o outro, reação que constitui a origem de uma imensidade de fenômenos, que foram considerados sobrenaturais, por se não lhes conhecer a causa.

A ação do mundo invisível sobre o mundo visível e reciprocamente é uma das leis, uma das forças da Natureza, tão necessária à harmonia universal, quanto a lei de atração.

Se ela cessasse, a harmonia estaria perturbada, conforme sucede num maquinismo, donde se suprime uma peça. Derivando de uma lei da natureza semelhante ação, nada têm, evidentemente, de sobrenaturais os fenômenos que ela opera. Pareciam tais, porque desconhecida era a causa que os produzia. O mesmo se deu com alguns efeitos da eletricidade, da luz, etc.

*

BEZERRA, CHICO E VOCÊ

PROSSEGUIMENTO

... oremos pelos que nos perseguem e caluniam e continuemos fiéis ao trabalho que nos foi confiado.

De mensagem recebida em 21.04.1958.

CLARA VERDADE

... recordemos: as árvores secas não são apedrejadas e as fontes poluídas são relegadas ao abandono.

De mensagem recebida em 16.06.1958.

EM MARCHA

... o caminho de ascensão espiritual é a trilha pedregosa do sacrifício, a que, muitas vezes, se misturam ansiedade e solidão.

Prossigamos com a firmeza de todos os dias, fazendo o melhor e esquecendo agressões e pedradas, à maneira do sementeiro que remove, em silêncio, os detritos da gleba, a fim de ambientar a boa semente.

Há quem se desvele por nós na Vida Superior, quem nos sustente e nos guie.

De mensagem recebida em 01.06.1962.

MESMO COM LÁGRIMAS

... quanto mais dolorosa a marcha, maior o auxílio do Senhor para os que edificam o Bem.

Ainda mesmo com lágrimas saibamos sorrir, à luz da esperança, conscientes de que Jesus permanece velando.

De mensagem recebida em 24.07.1964

MARCOS DA ESTRADA

... trabalho, solidão, renúncia ao reconforto pessoal, firmeza na fé e serenidade na construção do bem foram igualmente os marcos do caminho do Mestre Divino.

De mensagem recebida em 07.09.1962.

*

CALMA – EMMANUEL

PODANDO IRRITAÇÕES

Se ainda trazes, porventura, o hábito de encolerizar-te e se já consegues reconhecer-lhe os prejuízos, podes claramente erradicá-la, atendendo à própria renovação.

Inicia as atividades diárias, pensando em Deus e agradecendo as tuas possibilidades de fazer o bem.

Medita, raciocinadamente, ante o clima de conhecimento superior que já possuis, na certeza de que te encontras na ocasião de expressar o melhor de ti mesmo.

Pensa nos companheiros até agora capazes de induzir-te ao azedume, por irmãos nossos com qualidades, por enquanto, imperfeitas tanto quanto as nossas.

Se algum traço de amargura se te fixa no coração relativamente ao comportamento infeliz de alguém, através de ações que consideres lesivas aos teus ensinamentos, desculpa a esse alguém, procurando esquecer-lhe a falta naturalmente impensada.

Pondera que se os outros erram, também nós erramos, bastas vezes, na condição de espíritos, ainda ligados às múltiplas faixas da evolução terrestre.

Não te aceites por infalível, a fim de entenderes com indulgência aqueles que, acaso, te falharem à confiança.

Abstém-te de lastimar fracassos e dificuldades que já passaram e entrega-te à reconstrução da própria paz, em bases de serviço e discernimento.

Não nos esqueçamos de que, nas mais complicadas circunstâncias, a vida nos requisita a prática do bem e que, por isso mesmo, qualquer ocasião, para cada um de nós, é tempo de compreender e abençoar, auxiliar e servir.

OBSESSÃO, O PASSE, A DOCTRINAÇÃO

J. HERCULANO PIRES

VI - Preparação para o passe.

É muito comum chegarem pessoas ao Centro, ou mesmo dirigindo-se à casa de um médium, pedindo passe com urgência. O passe não pode ser dado a qualquer momento e de qualquer maneira. Deve ser sempre precedido de preparação do passista e do ambiente bem como do paciente. O médium precisa de preparação para bem se dispor ao ato mediúnicos do passe. Atender a esses casos imediatamente é dar prova de ignorância das leis do passe. Tudo depende de sintonias que precisam ser estabelecidas. Sintonia do médium com o seu estado íntimo; sintonia do passista com o Espírito que vai atendê-lo; sintonia das pessoas presentes com o ambiente que se deve formar no recinto. Tudo isso se consegue através da prece e do interesse de todos pela ajuda ao necessitado. Dar um passe sem essas medidas preparatórias é uma imprudência e um desrespeito aos Espíritos que podem estar empenhados em outros afazeres naquele momento. A falsa ideia de que basta estendermos as mãos sobre uma pessoa para socorrê-la é uma pretensão que tem suas raízes nas práticas mágicas. O passe não é um ato de magia, mas uma ação consciente de súplica às entidades espirituais superiores que nos amparam. A existência e a ação dessas entidades não são uma suposição, mas uma realidade provada cientificamente e hoje necessariamente integrada nas leis naturais, pois não decorre de visões místicas, mas de fatos, de fenômenos objetivos cujas leis já foram descobertas. Os fenômenos paranormais não são de natureza mágica nem pertencem ao mito, mas ao real verificável por métodos adequados de pesquisa e até mesmo por meios tecnológicos.

*

O TESOURO DOS ESPÍRITAS

MIGUEL VIVES

VII O espírita perante o sofrimento

Sabemos que a Terra é lugar de expiação e dor, como sabemos que a dor purifica e eleva. A dor é um dos meios pelos quais progredimos mais rapidamente. Como, pois, devemos encarar as dores e os sofrimentos físicos da vida? Com calma, resignação, e até com alegria, lembrando sempre que a dor é o caminho mais rápido para a nossa ascensão às mais altas regiões, e o meio mais seguro de afastar-nos das veleidades humanas.

Temos visto espíritos que souberam sofrer com resignação e alegria. Embora nos momentos de paroxismo (agonia, angústia) da dor estivessem quietos e sérios, e às vezes cansados, o que é muito natural; uma vez passados esses momentos estavam relativamente tranquilos e alegres. E quando a doença lhes dava tréguas, mostravam-se expansivos e dispostos a exaltar a Justiça de Deus. Foram poucos os que vimos. Mas os que desencarnaram, e dos quais pudemos saber posteriormente, mostravam-se sempre num estado muito feliz no mundo espiritual, satisfeitos por haverem sabido sofrer com serenidade as dores da existência material.

Vimos outros espíritos que, embora aparentassem resignação, também choravam e lamentavam seus muitos sofrimentos. Entendo que esses espíritos não an-

davam bem, e não estavam livres de cair. Porque a tristeza engendra o mau humor, que pode dar lugar à murmuração contra o destino. E quando chegamos à murmuração, estamos a um passo da revolta. Um espírita nesse estado revela atraso moral e desconhecimento da lei divina. Que diríamos de um comerciante que reclamasse de ter muitos negócios a realizar, ganhando muito dinheiro? Diríamos que era um mau comerciante, incapaz de aproveitar as boas oportunidades. Assim são os espíritas que, diante das dores da vida, se entristecem ou se atribulam, e às vezes se revoltam.

O espírita deve encarar a existência material como um curso de provas de toda espécie: físicas e morais, que servem para levá-lo a um verdadeiro progresso. Nunca deve confundir essa existência com a verdadeira vida, mas encará-la como um período de estudos e provas, em que se prepara com vistas a esta última, que se encontra na erraticidade. Cada dia que passamos na carne corresponde a milhares de anos que iremos viver no Espaço. Que significam, pois, estes pequenos períodos que chamamos de vida material, diante da vida espiritual que nos aguarda? Se a lei nos obriga a sofrer, porque nada na Criação escapa à Justiça, devemos fazê-lo com a maior serenidade. Pois sabemos que isso constitui para nós um grande bem, e que chegamos à hora de provar se o Espiritismo mergulhou em nosso interior ou se permanece apenas superficial. Se é superficial, não podemos chamá-los espíritas. Se estiver arraigado no mais fundo de nossa alma, saberemos encarar as provas e dores da existência como necessárias, e honraremos a doutrina que professamos.

*

PSICOGRAFIAS

049) ESTAMOS NOVAMENTE JUNTOS: NÃO NOS DISPERSEMOS MAIS!

Irmãos, os nossos caminhos novamente se cruzam nesta vida! Não é à toa e por acaso que estamos aqui reunidos. Nesta estrada já percorremos um ao lado do outro. E nos desviamos do caminho. Cada qual seguindo seu destino, no que lhe parecia o caminho mais certo: mas a saudade nos reaproximou. Sim, reaproximou porque percebemos que não podemos viver um sem o outro, pois fazemos parte do mesmo propósito e por isso nos reunimos nesta vida para que um ampare o outro e sirva de apoio e ajuda.

Precisamos uns dos outros. Pois todos fazemos parte de apenas Um Ser, Um Todo que precisa se expandir, se reunir. E, para que nossa ajuda seja mútua precisamos estar unidos em um só pensamento, um só propósito, um só anseio.

Agora estamos novamente juntos, precisando unir nossas forças para um bem maior, para um propósito muito além de nós, muito além do que podemos imaginar. Somos um pequeno grupo; ainda por isso os outros estão perdidos pelo caminho. À hora em que todos se unirem novamente não mais nos separaremos, saberemos ser fortes, não haverá mais necessidade de retorno, pois teremos concluído nosso aprendizado e continuaremos seguindo outros caminhos, juntos sempre, e para além de nossa imaginação iremos nos encontrar num mundo melhor.

Por enquanto estamos nos refazendo da saudade que a distância provocou e nos fez desunir. Mas, agora, nossos propósitos serão bem mais altos, bem mais além do que ficarmos simplesmente sentados e escutando. Teremos planos muito

mais altos e iremos galgar com coragem, com fé, com luta, pois estamos unidos, pois somos parte de um mesmo corpo e essência da mesma essência e não podemos nos dispersar. Não ficaremos mais sentados um ao lado do outro, mas lutando, fazendo, batalhando, pois tem muita gente precisando ouvir-nos, precisando de nossa ajuda. Somos fortes, somos corajosos e venceremos.

Agora e sempre, unidos agora, hoje, sempre, porque é a nossa vontade. Foi nossa vontade. E é a Vontade de Deus. Não nos dispersemos mais no caminho. Continuemos juntos, orando, orando, orando para restabelecer o que fizemos outrora e não terminamos.

Estou com vocês!

(*Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 23/01/2001*).

*

562) – SEJAM PUROS EM SEUS SENTIMENTOS!

Sejam puros em seus sentimentos amorosos que a luz resplandecerá em seus corações e irradiará em todas as direções, tocando e sensibilizando os mais ferrenhos corações. Suas orações encontrarão eco nos ouvidos dos empedernidos, mais dia, menos dia. E vocês que se dedicarem ao próximo receberão a grande recompensa do amor intenso e gratificante que o Pai tem por todos.

Saberão enxugar lágrimas ardentes, choros convulsivos vocês acalmarão com a serenidade e a paciência que usarem para interceder pelos aflitos. E, em vocês, as lágrimas serão de gratidão, de satisfação por terem cumprido da melhor forma um dos preceitos cristãos mais valiosos, que é a caridade. Caridade para com todos, indistintamente: amigos ou inimigos, conhecidos, parentes, ou não. Porque fluirá de seus corações energias que transformarão a humanidade. Portanto, é preciso continuar... persistir, insistir. Não parar jamais, porque haverá tempos em que só o Amor governará os corações!

Médiun: NENA. Evangelho no Lar - 16/04/2013 - 21h40min

*

211) DESPERTE O ESPÍRITO DE BONDADE QUE ESTÁ ADORMECIDO!

Não desanime e desperte o espírito de bondade que está adormecido dentro de você! Invoque essa força interior e peça a Deus para vencer as fraquezas e aflições! A vida é prova para que vençamos as mazelas e displicências. Sejam seguidores das palavras do Criador, proferidas por seu filho e nosso Mestre Jesus!

(*Esp. Irmão Auxiliador. Médiun Maurício. L. Al. Kardec. Buri. 03/04/2007*).

*

212) AUXILIAR A TODOS: OS QUE NOS PROCUREM OU NÃO!

Graças a Deus e a Jesus estamos novamente juntos! Que Eles permitam sempre estarmos nos reunindo para o nosso desenvolvimento teórico e prático no campo do bem, para servirmos aos irmãos necessitados!

Todos sabemos que o trabalho é imenso, há muitos irmãos desesperados, que necessitam das bênçãos e da misericórdia de Deus. Será sempre através de nosso auxílio e do Plano Superior que conseguiremos dar alívio a todos que nos competirem.

Nossa tarefa é árdua, pois além de estudarmos, precisamos aplicar, realizando a caridade, pois sem ela, de nada nos adianta o conhecimento. Precisamos, sim, cada vez mais, atender a todos que nos procurem e, se não nos procurarem, devemos trabalhar de forma sutil, não ostensiva, pois sabemos de inúmeros problemas de nossa sociedade. Aplicando-nos nessas tarefas, estaremos afiando, cada vez mais, nossa ferramenta de trabalho.

Devemos, portanto, arregaçar as mangas de uma vez para sempre, sem titubearmos, pois cada vez mais seremos requisitados. Não se assustem, pois enquanto houver saúde e vida haverá sempre trabalho a realizar. Assim, estaremos caminhando com segurança para o futuro que nos aguarda, sempre em comunhão com o bem.

Que as bênçãos de Jesus estejam com todos aqui presentes e todos os familiares.

(Espírito Joaquim. Médiun João Francisco. L. Allan Kardec. Buri, 10/04/2007).

*

223) ESTUDOS EM COMUM!

Irmãos, que entre vós esteja a paz!

Queremos, nós também, aprender como vocês o fazem, pelo estudo do Evangelho, comentários, reflexões, palestras doutrinárias.

As reuniões estão se tornando uma constante em nossas vidas, entre encarnados e desencarnados, comungando os mesmos propósitos.

Boa noite e que Deus nos fortaleça para não esmorecermos.

Espírito não identificado. Médiun Carolina. Liceu Allan Kardec. Buri. 29/05/2007.

*

481) – CONTINUO AQUI ESCUTANDO ESSAS LIÇÕES!

Continuo aqui escutando essas lições que me permitiram escutar; ainda sinto por não poder falar com meus familiares, sofro por eles não me escutarem, mas já consigo entender que isso é necessário e preciso esperar.

Hoje estou mais tranquila, com muita esperança no futuro, já compreendo que isso tudo é um aprendizado, mais um dia de estudos, mais um dia de esclarecimento, para que eu possa me tranquilizar. Hoje não sou nada do que era no primeiro dia que me trouxeram aqui; hoje já estou mais calma e compreendo que tudo isso é para meu aprendizado e minha evolução. Obrigada, agradeço a vocês e ao Pai por essa grande oportunidade. Muito obrigada!

Espírito não identificado. Médiun: Fabiana. Liceu A.Kardec. Buri, 31/Março/2012.

*

LICEU ALLAN KARDEC
CENTRO ESPÍRITA
SINHANINHA/JOAQUIM QUEIROZ

*

SESSÃO REALIZADA EM 04/MAIO/2013

*

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPITULO XV

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

**FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO - FORA DA VERDADE
 NÃO HÁ SALVAÇÃO**

9. Fora da verdade não há salvação seria equivalente a Fora da Igreja não há salvação, e também exclusivista, porque não existe uma única seita que não pretende ter o privilégio da verdade.

Qual é dos homens que pode jactar-se de possuí-la integralmente, quando a Área do conhecimento aumenta sem cessar, e cada dia que passa as ideias são retificadas? A verdade absoluta só é acessível aos Espíritos da mais elevada categoria, e a humanidade terrena não pode pretendê-la, pois que não lhe é dado saber tudo, e ela só pode aspirar a uma verdade relativa, proporcional ao seu adiantamento. Se Deus houvesse feito, da posse da verdade absoluta, a condição expressa da felicidade futura, isso equivaleria a um decreto de proscricção geral, enquanto que a caridade, mesmo na sua mais ampla acepção, pode ser praticada por todos. O Espiritismo, de acordo com o Evangelho, admitindo que a salvação independe da forma de crença, contanto que a lei de Deus seja observada, não estabelece: Fora do Espiritismo não há salvação, e como não pretende ensinar toda a verdade, também não diz: Fora da verdade não há salvação, máxima que dividiria em vez de unir, e que perpetuaria a animosidade.

*

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO VII

RETORNO À VIDA CORPORAL

335. O Espírito tem o direito de escolher o corpo ou somente o gênero de vida que lhe deve servir de prova?

– Ele pode escolher também o corpo, porque as imperfeições do corpo são provas que o ajudam no seu adiantamento, se ele vencer os obstáculos encontrados; mas a escolha nem sempre depende dele, que pode pedi-la.

335-a. Pode o Espírito, no último momento, recusar o corpo escolhido?

Se o recusasse, sofreria muito mais do que aquele que não tivesse tentado nenhuma prova.

336. Poderia acontecer que um corpo que deve nascer não encontrasse Espírito para encarnar-se nele?

— Deus proveria a isso. A criança, quando deve nascer para viver, tem sempre uma alma predestinada; nada é criado sem um desígnio.

337. A união do Espírito com determinado corpo pode ser imposta por Deus?

— Pode ser imposta, da mesma maneira que as diferentes provas, sobretudo quando o Espírito ainda não está apto a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Como expiação, o Espírito pode ser constrangido a se unir ao corpo de uma criança que, por seu nascimento e pela posição que terá no mundo, poderá tornar-se para ele um meio de castigo.

338. Se acontecesse que muitos Espíritos se apresentassem para ocupar um mesmo corpo que vai nascer, o que decidiria entre eles?

— Muitos podem pedi-la, mas é Deus quem julga, em casos assim, qual é o mais capaz de preencher a missão a que a criança se destina. Mas, como já disse, o Espírito é designado antes do instante em que deve unir-se ao corpo.

*

O LIVRO DOS MÉDIUNS

CAPÍTULO XXV

DAS EVOCAÇÕES

11. Será inconveniente evocar Espíritos inferiores e será de temer que eles dominem o evocador?

— Eles só dominam os que se deixam dominar. Quem for assistido por Espíritos bons nada tem a temer, porque se impõe aos Espíritos inferiores e não estes a ele. Os médiuns quando sós, principalmente quando iniciantes, devem evitar essa espécie de evocações. (Ver nº 278)

12. Há algumas disposições especiais para as evocações?

— A disposição principal é a do recolhimento, quando se deseja a comunicação de Espíritos sérios. Com fé e o desejo do bem há maior capacidade para se evocar Espíritos superiores. Ao elevar a alma por alguns instantes de recolhimento, no momento da evocação, a gente se identifica com os Espíritos bons e os dispõe a se manifestarem.

13. A fé é necessária para as evocações?

— A fé em Deus, sim. Quanto ao mais, a fé se desenvolverá com o desejo do bem e a intenção de instruir-se.

14. Reunidos pela unidade de pensamentos e intenções os homens se tornam mais fortes para evocar os Espíritos?

— Quando todos se reúnem pela caridade e para o bem, conseguem grandes coisas. Nada é mais nocivo para o êxito das evocações do que a divergência de pensamentos.

15. É útil o hábito de formar corrente, dando-se as mãos por alguns minutos no começo das reuniões?

— A corrente é um meio material que não produz a união entre vós se ela não existir nos pensamentos. Mais eficaz que essas coisas é a união num pensamento comum, apelando cada qual para os Espíritos bons. Não sabeis o que se poderia obter numa reunião séria, da qual se houvesse afastado todo sentimento de orgulho e de personalismo, reinando um perfeito sentimento de mútua cordialidade.

*

O CÉU E O INFERNO

CAPÍTULO IV - O INFERNO

Intuição das penas futuras

1 — Em todos os tempos o homem acreditou, por intuição, que a vida futura devia ser feliz ou infeliz segundo o bem ou o mal que se tivesse feito neste mundo. Mas a ideia que ele fez a respeito estava em relação com o desenvolvimento do seu senso moral e com as noções mais ou menos justas que possuía do bem e do mal. As penas e as recompensas são reflexos dos instintos que nele predominavam.

Foi assim que os povos guerreiros colocaram as suas supremas felicidades nas honrarias tributadas à bravura; os povos caçadores na abundância da caça; os povos sensuais nos prazeres da voluptuosidade. Enquanto dominado pela matéria o homem só pode compreender imperfeitamente a espiritualidade. Foi por isso que ele fez das penas e dos gozos futuros um quadro mais material do que espiritual. Imaginou que se deve beber e comer no outro mundo, mas de maneira melhor do que na Terra e servindo-se de coisas melhores.

Mais tarde vamos encontrar nas crenças sobre o futuro uma mistura de espiritualidade e materialidade. É assim que ao lado da bem-aventurança contemplativa ele coloca um inferno de torturas físicas.

2 — Não podendo conceber senão o que via, o homem primitivo decalcou naturalmente o seu futuro da vida presente. Para compreender coisas diferentes das que tinha sob os olhos faltava-lhe o desenvolvimento intelectual que só devia realizar-se com o tempo. Da mesma maneira, o quadro que compôs dos castigos da vida futura é o reflexo das maldades humanas, mas em maior proporção. Reuniu todas as torturas, todos os suplícios, todas as aflições que encontrou na Terra. É assim que nas regiões de clima quente imaginou um inferno de fogo e nas regiões boreais um inferno de gelo. Não estando ainda desenvolvido o sentido que mais tarde lhe permitiria compreender o mundo espiritual, ele só podia conceber penalidades materiais. Eis porque, com algumas pequenas diferenças formais, o inferno é semelhante em todas as religiões.

*

A GÊNESE

CAPÍTULO II - DEUS

Existência de Deus

1. - Sendo Deus a causa primária de todas as coisas, a origem de tudo o que existe, a base sobre que repousa o edifício da criação, é também o ponto que importa consideremos antes de tudo.

2. - Constitui princípio elementar que pelos seus efeitos é que se julga de uma causa, mesmo quando ela se conserve oculta.

Se, fendendo os ares, um pássaro é atingido por mortífero grão de chumbo, deduz-se que hábil atirador o alvejou, ainda que este último não seja visto. Nem sempre, pois, se faz necessário vejamos uma coisa, para sabermos que ela existe. Em tudo, observando os efeitos é que se chega ao conhecimento das causas.

A visão de Deus

31. - Se Deus está em toda parte, por que não o vemos? Vê-lo-emos quando deixarmos a Terra? Tais as perguntas que se formulam todos os dias.

À primeira é fácil responder. Por serem limitadas as percepções dos nossos órgãos visuais, elas os tornam inaptos à visão de certas coisas, mesmo materiais. Alguns fluidos nos fogem totalmente à visão e aos instrumentos de análise; entretanto, não duvidamos da existência deles. Vemos os efeitos da peste, mas não vemos o fluido que a transporta (*Nota da Editora*: Kardec escreveu de acordo com os conhecimentos da época, antes de 1894), vemos os corpos em movimento sob a influência da força de gravitação, mas não vemos essa força.

32. - Os nossos órgãos materiais não podem perceber as coisas de essência espiritual. Unicamente com a visão espiritual é que podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo imaterial. Somente a nossa alma, portanto, pode ter a percepção de Deus. Dar-se-á que ela o veja logo após a morte? A esse respeito, só as comunicações de além-túmulo nos podem instruir. Por elas sabemos que a visão de Deus constitui privilégio das mais purificadas almas e que bem poucas, ao deixarem o envoltório terrestre, se encontram no grau de desmaterialização necessária a tal efeito. Uma comparação vulgar o tornará facilmente compreensível.

33. - Uma pessoa que se ache no fundo de um vale, envolvido por densa bruma, não vê o Sol. Entretanto, pela luz difusa, percebe que está fazendo sol.

Se entra a subir a montanha, à medida que for ascendendo, o nevoeiro se irá tornando mais claro, a luz cada vez mais viva. Contudo, ainda não verá o Sol.

Só depois que se haja elevado acima da camada brumosa e chegado a um ponto onde o ar esteja perfeitamente límpido, ela o contemplará em todo o seu esplendor.

O mesmo se dá com a alma. O envoltório perispirítico, conquanto nos seja invisível e impalpável, é, com relação a ela, verdadeira matéria, ainda grosseira demais para certas percepções. Ele, porém, se espiritualiza, à proporção que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são quais camadas nevoentas que lhe obscurecem a visão. Cada imperfeição de que ela se desfaz é uma mácula a menos; todavia, só depois de se haver depurado completamente é que goza da plenitude das suas faculdades.

34. - Sendo Deus a essência divina por excelência, unicamente os Espíritos que atingiram o mais alto grau de desmaterialização o podem perceber. Pelo fato de não o verem, não se segue que os Espíritos imperfeitos estejam mais distantes dele do que os outros; esses Espíritos, como os demais, como todos os seres da Natureza, se encontram mergulhados no fluido divino, do mesmo modo que nós o estamos na luz. O que há é que as imperfeições daqueles Espíritos são vapores que os impedem de vê-lo. Quando o nevoeiro se dissipar, vê-lo-ão resplandecer. Para isso, não lhes é preciso subir, nem procurá-lo nas profundezas do infinito. Desim-

pedida a visão espiritual das belidas (manchas, sombras) que a obscureciam, eles o verão de todo lugar onde se achem, mesmo da Terra, porquanto Deus esta em toda parte.

*

OBRAS PÓSTUMAS

Questões e problemas

AS EXPIAÇÕES COLETIVAS

QUESTÃO — *O Espiritismo explica perfeitamente a causa dos sofrimentos individuais, como consequências imediatas das faltas cometidas na existência precedente, ou como expiação do passado; mas, uma vez que cada um só é responsável pelas suas próprias faltas, não se explicam satisfatoriamente as desgraças coletivas que atingem as aglomerações de indivíduos, às vezes, uma família inteira, toda uma cidade, toda uma nação, toda uma raça, e que se abatem tanto sobre os bons, como sobre os maus, assim sobre os inocentes, como sobre os culpados.*

Resposta. — Todas as leis que regem o Universo, sejam físicas ou morais, materiais ou intelectuais, foram descobertas, estudadas, compreendidas, partindo-se do estudo da individualidade e do da família para o de todo o conjunto, generalizando-as gradualmente e comprovando-se-lhes a universalidade dos resultados. Outro tanto se verifica hoje com relação às leis que o estudo do Espiritismo dá a conhecer. Podem aplicar-se, sem medo de errar, as leis que regem o indivíduo à família, à nação, às raças, ao conjunto dos habitantes dos mundos, os quais formam individualidades coletivas. Há as faltas do indivíduo, as da família, as da nação; e cada uma, qualquer que seja o seu caráter, se expia em virtude da mesma lei. O algoz, relativamente à sua vítima, quer indo a encontrar-se em sua presença no espaço, quer vivendo em contacto com ela numa ou em muitas existências sucessivas, até à reparação do mal praticado. O mesmo sucede quando se trata de crimes cometidos solidariamente por um certo número de pessoas. As expiações também são solidárias o que não suprime a expiação simultânea das faltas individuais.

*

BEZERRA, CHICO E VOCÊ

RESPONSABILIDADE

... é indispensável manter o Espiritismo qual foi entregue pelos Mensageiros Divinos a Allan Kardec, sem compromissos políticos, sem profissionalismo religioso, sem personalismos deprimentes, sem pruridos de conquistas a poderes terrestres transitórios.

De mensagem recebida em 1963.

CONTABILIDADE ESPIRITUAL

... o tempo, com o trabalho, exige sempre novos caminhos de segurança.

A obra é do Cristo, no entanto, somos aqueles mordomos responsáveis pelos patrimônios materiais e espirituais que o Senhor nos confia.

De mensagem recebida em 03.11.1961.

UNIÃO

... unamo-nos.

Só a união conseguirá fortalecer-nos para o exato cumprimento de nossas obrigações, com o serviço e a humildade por normas de ação.

De mensagem recebida em 16.05.1964.

AMOR E CARIDADE

O *Amor* é luz divina.

A *Caridade* é benemerência humana.

A claridade revela.

A bondade socorre.

*

Consagraste o coração ao ministério bendito com Jesus e esperamos que os espinhos da senda produzam flores para a tua fé renovadora e vibrante e que as pedras da estrada se convertam, ao toque de tua compreensão e de tua boa vontade, em sublime pão do espírito.

Em verdade, a sementeira e a seara são infinitas. Cada setor reclama mil braços e cada leira exige devotamente e vigilância; entretanto, um discípulo somente, que se afeiçoe ao Mestre, pode realizar os milagres do amor e da caridade por onde passe, acordando corações para o serviço redentor.

Não nos cansemos, pois, na dedicação com que nos devotamos ao apostolado de renúnciação.

*

PÃO NOSSO – EMMANUEL

15 - PENSAMENTOS

“Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude e se há algum louvor, nisso pensai.” — Paulo. (FILIPENSES, CAPÍTULO 4, VERSÍCULO 8.)

Todas as obras humanas constituem a resultante do pensamento das criaturas. O mal e o bem, o feio e o belo viveram, antes de tudo, na fonte mental que os produziu, nos movimentos incessantes da vida.

O Evangelho consubstancia o roteiro generoso para que a mente do homem se renove nos caminhos da espiritualidade superior, proclamando a necessidade de semelhante transformação, rumo aos planos mais altos. Não será tão-somente com os primores intelectuais da Filosofia que o discípulo iniciará seus esforços em realização desse teor. Renovar pensamentos não é tão fácil como parece à primeira vista. Demanda muita capacidade de renúncia e profunda dominação de si mesmo, qualidades que o homem não consegue alcançar sem trabalho e sacrifício do coração.

É por isso que muitos servidores modificam expressões verbais, julgando que refundiram pensamentos. Todavia, no instante de recapitular, pela repetição das circunstâncias, as experiências redentoras, encontram, de novo,

análogas perturbações, porque os obstáculos e as sombras permanecem na mente, quais fantasmas ocultos.

Pensar é criar. A realidade dessa criação pode não exteriorizar-se, de súbito, no campo dos efeitos transitórios, mas o objeto formado pelo poder mental vive no mundo íntimo, exigindo cuidados especiais para o esforço de continuidade ou extinção.

O conselho de Paulo aos filipenses apresenta sublime conteúdo. Os discípulos que puderem compreender-lhe a essência profunda, buscando ver o lado verdadeiro, honesto, justo, puro e amável de todas as coisas, cultivando-o, em cada dia, terão encontrado a divina equação.

*

OBSESSÃO, O PASSE, A DOCTRINAÇÃO

J. HERCULANO PIRES

III - A técnica do passe.

Os elaboradores e divulgadores de técnicas do passe não sabem o que fazem. A técnica do passe não pertence a nós, mas exclusivamente aos Espíritos Superiores. Só eles conhecem a situação real do paciente, as possibilidades de ajudá-lo em face de seus compromissos nas provas, a natureza dos fluidos de que o paciente necessita e assim por diante. Os médiuns vivem a vida terrena e estão condicionados na encarnação que merecem e de que necessitam. Nada sabem da natureza dos fluidos, da maneira apropriada e eficaz de aplicá-los, dos efeitos diversos que eles podem causar. Na verdade o médium só tem uma percepção vaga, geralmente epidérmica dos fluidos. É simples atrevimento - e, portanto charlatanismo - querer manipulá-los e distribuí-los a seu modo e a seu critério. As pessoas que acham que os passes ginásticos ou dados em grupos mediúnicos formados ao redor do paciente são passes fortes, assemelham-se às que acreditam mais na força da macumba, com seus apetrechos selvagens, do que no poder espiritual. As experiências espíritas sensatas e lógicas, em todo o mundo, desde os dias de Kardec até hoje mostraram que mais vale uma prece silenciosa, às vezes na ausência e sem o conhecimento do paciente, do que todas as encenações e alardes de força dos ingênuos ou farofeiros que ignoram os princípios doutrinários.

*

O TESOURO DOS ESPÍRITAS

MIGUEL VIVES

IX Enfrentando as tentações

Assim como é muito difícil encontrar na Terra quem esteja sempre em perfeito estado de saúde física, mais ainda é encontrar alguém com perfeita saúde moral. Ninguém é perfeito neste mundo. Assim como a atmosfera e as condições materiais influem diretamente em nosso organismo, predispondo-o a certas enfermidades, os elementos espirituais que nos cercam influem sobre a nossa condição moral. Aproveitam-se das coisas mais insignificantes, para provocar-nos sofrimentos e mal-estar interior, objetivando mortificar-nos ou deter-nos na via do progresso.

Os elementos espirituais que nos cercam infiltram-se constantemente em nosso psiquismo, como os elementos atmosféricos o fazem, em relação ao nosso corpo. E criam ao nosso redor condições propícias ao desenvolvimento de enfermidades, se não estivermos aptos a repeli-las. Assim, pois, devemos estar prevenidos para afugentar ambas as influências. Mas assim como, por maiores que sejam as nossas precauções, não podemos afastar de todo as influências do frio e do calor, em suas bruscas variações, tampouco podemos evitar completamente as tentações. O que podemos fazer é não cair na sua rede. Aqui, pois, deve estar a base do nosso método. A isto devemos dirigir toda a nossa atenção, todo o nosso cuidado, mesmo que nos custe o maior sacrifício.

Que fazemos com os elementos atmosféricos? No inverno, abrigamo-nos, e no verão aliviemos as roupas e procuramos os lugares frescos. Mas se, com isso, não evitamos as moléstias do tempo, temos de nos conformar a não lhes dar importância. Sofremos resignados e procuramos resistir o quanto possível, dizendo “Isto é o frio”, ou “Assim é o calor”, e concluimos: “Logo passará”, sem mais nos incomodarmos. Da mesma maneira devemos fazer com as tentações. Porque constituem um mal que atinge a todos, não há ninguém que não as sofra. Quase diríamos: é uma condição necessária. E quase nos atreveríamos a afirmar, indispensável ao nosso progresso.

Entenda-se, porém, que a tentação não tem sempre e para todos os indivíduos o mesmo caráter e as mesmas formas. Da mesma maneira que os graus da virtude e dos defeitos são múltiplos, também são muitas as variedades da tentação. Nem sempre o espírito que nos tenta se limita a excitar desejos e pensamentos maus em nossa mente:

Às vezes penetra em nossa consciência e nos faz sentir desejos que nos parecem necessidades próprias, que devemos satisfazer. Tanto podem ser os de ordem física, como a sensualidade e as extravagâncias várias, o descanso indevido, os vícios, e assim por diante, como podem ser os de ordem moral, como desejos de vingança, de crítica maldosa, de paixões exageradas ou de repulsa para determinadas pessoas.

Há criaturas de suficiente retidão e de tão boas intenções, que o espírito das trevas encontra muita dificuldade em penetrar no seu íntimo. Muito amiúde, porém, acontece que essas pessoas, à primeira contrariedade, soltam palavras inconvenientes, em tom áspero, ou excitam-se por pouca coisa, e embora nada de mal sentissem no seu íntimo, o espírito das trevas, que as vinha espreitando, aproveita-se da oportunidade para fazê-la cair. Geralmente, a tentação deita suas raízes em nosso entendimento, e por isso a chamamos assim, mas não é somente dessa maneira que age o espírito das trevas, para fazer-nos cair.

Sucedem às vezes que sentimos uma tristeza e um mau-humor sem motivo aparente, ou por motivo tão insignificante, que nos surpreendemos com o seu efeito. Esse estado é antes um início de possessão do que uma tentação. O espírito que a causa pode não somente tirar-nos a tranquilidade, mas também comprometer-nos e alterar-nos a saúde. De outras vezes, a forma da tentação ou da possessão é outra. Leva-nos a gostar demasiado de alguma pessoa, sem sabermos porque, a fim de fazer-nos cometer injustiças. Isto pode acontecer no seio da família ou com pessoas estranhas. Essa forma de ação, como a anterior, pode fazer-nos sofrer muito, e necessitamos de muita força de vontade para vencê-la.

É então que devemos recordar as palavras do Mestre: “Vigiai e orai”. É quando devemos manter o pensamento bem elevado e agir com muita justiça, evitando afastarmo-nos, o mínimo que seja, dos nossos deveres. E, se assim mesmo não pudermos afastar a possessão, nem por isso devemos desanimar, mas pedir e sustentar o pensamento elevado, opondo uma paciência e uma resignação a toda prova às más influências, pois dessa maneira conseguiremos adiantar-nos muito. Estas penas ocultas, que às vezes por nada no mundo comunicaríamos a quem quer que fosse, têm grande mérito perante Deus e fortalecem muito o espírito encarnado.

*

PSICOGRAFIAS

050) OBRIGADA PELA OPORTUNIDADE QUE NOS DÃO!

Boa noite meus irmãos. Sejam sempre bem vindos. E muito obrigada por me receberem no meio de vocês. Obrigada pela oportunidade que me dão e também aos outros que me acompanham.

Não pensem vocês que, porque os trago comigo já estou em condições de me colocar acima deles. Não! Estou, também, aprendendo com essas lições maravilhosas que semanalmente aqui se apresenta. E, também, o grupo que aqui frequenta está assimilando, dia por dia, essa doutrina maravilhosa; a doutrina do Mestre. A Doutrina de Jesus.

Um anjo muito bom aqui está nos dando forças para vencermos nossas limitações. Dá-nos com muita clareza a paz, a esperança que buscamos. Sim, com muita clareza, pois eu aqui, apesar não ser puramente perfeita, posso ver melhor. Anjo de candura que derrama por todos nós suas bênçãos nos envia mensagem de paz, de alegria, de renovação, de esperança. Sejam sempre bem vindos. Vocês que deixam seus lares, seu lazer, sua família e seu descanso para dar oportunidade a nós outros que muito necessitamos de vocês.

Orem sempre. Não dispersem. E obrigada, mais uma vez, pela oportunidade que nos dão de, também, através de vocês, sermos úteis para alguns hoje, e úteis para muitos, amanhã.

Boa noite a vocês gente de boa-fé. Gente de coragem, gente de dedicação. Que a paz de Deus nos acompanhe agora e nunca nos deixe. Não deixem cair o que, com muito esforço, foi criado. Nós precisamos de vocês.

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 30/01/2001).

*

153) PRECISAMOS SER BONS EM TODOS OS ASPECTOS!

Graças a Deus, irmãos, estamos novamente reunidos para tão importante estudo e aprimoramento de nossa moral!

Dependendo do que fizemos no passado, estamos diretamente ligados e responsabilizados pelo mal que tenhamos praticado, em todos os segmentos sociais, e sujeitos a expiação e reparação dos danos causados.

Podemos ser bons pais de família, mas pode nos faltar o bom-senso na administração pública. Podemos ser bons administradores, mas podemos falhar na direção do lar; e, assim, sucessivamente, em outros setores da sociedade.

Haverá de chegar um dia em que nos tornaremos bons em todos os aspectos. Mas, para que isso aconteça mais rapidamente, precisamos nos apegar mais e mais com Jesus e seus ensinamentos. Sua moral deve ser plenamente aplicada; só assim conseguiremos reconstruir o que nós mesmos destruímos. Vamos todos dar continuidade aos estudos e esforçarmo-nos para a prática evangélica a fim de que sejamos, realmente, bons em todos os aspectos.

Que Jesus abençoe a todos e todos os familiares.

(Esp.: Joaquim. Médiun: João Francisco. L. Allan Kardec. – Buri. 25/08/2006).

*

154) NATUREZA ANIMAL E NATUREZA ESPIRITUAL DO HOMEM!

Irmãos, não há porque temer a vida e as atrocidades que ela apresenta em consequência do predomínio da natureza animal do homem, em suas atitudes.

Essa natureza animal vai sendo, gradativamente, superada pela natureza espiritual do homem, até se extinguir plenamente, com a sua evolução moral.

Contudo, essa mudança só se concretiza pelas expiações e reparações dos males a que se deu causa, com o exercício contínuo e progressivo dos ensinamentos evangélicos que, aqui, são ministrados. Ajam e confiem!

Deus abençoe a todos vós!

(Esp.: Irmão Auxiliador. Médiun: Maurício. L. Al. Kardec. – Buri. 18/08/2006).

*

162) DIÁLOGO MENTAL: ESPÍRITO ANÔNIMO. MÉDIUM: NENA!

Temos débitos a reparar com alguém? Sim.

Como podemos saber como repará-los? Atendem para as mensagens que recebem.

De que mais necessitam de nosso auxílio? Necessidade moral, fortalecimento e amparo espiritual, muito mais que material.

A quem especificamente devemos ajudar? Procurem ajudar a todos: velhos, jovens e crianças.

Devemos fazer o bem, que às vezes nos custa, mas a recompensa vem ao final e é sempre agradável.

(Médiun: Nena. Liceu Allan Kardec. – Buri. 22/09/2006).

*

165) ESPÍRITO SOLANGE. MÉDIUM: ANA CAROLINA.

Vimos a esta casa: eu e muitos importantes irmãos. Nós estamos muito felizes com os resultados obtidos, pois os trabalhos nos têm sido muito úteis, aqui deste lado.

A melhora é evidente para todos os irmãos que estão frequentando a casa.

Assim que notei a sua presença nesta casa espírita, fiquei comovida.....És minha filha querida, minha melhor amiga, meu bem maior nesta jornada... Preocupe-se com o aprimoramento espiritual, pois a vida corporal é transitória.....Solange

(Esp.: Solange. Médiun: Ana Carolina. Liceu Allan Kardec. – Buri. 13/10/2006).

*

479) – QUERO VOLTAR E CONSERTAR O QUE DEIXEI POR FAZER!

Me trouxeram aqui novamente e estão dizendo que ainda preciso muito de estudos e tenho que vir aqui escutar o que vocês estão dizendo. Falo e ninguém me escuta. Quero que me escutem. Quero dizer que sinto falta de minha família. Quero dizer que estou sofrendo aqui e quero voltar, mas me dizem que não é possível. Que preciso passar por um longo período aqui, preciso estudar muito.

Quero a chance de falar com alguém da minha família, mas quero que eles me escutem. Aqui demora muito passar os dias e as horas, tudo é infinitamente longo, não se mede os dias como aí.

Já entendi que não pertencço mais ao mundo dos encarnados, já entendi que desencarnei, mas sofro porque não fiz o que devia ter feito. Não deu tempo de fazer o que realmente era necessário. Me preocupei muito com as coisas inúteis; meu orgulho e egoísmo foram mais fortes, não consegui evitá-los. Preciso fazer as coisas que era preciso, pois agora do lado de cá visualizei que eu poderia ter feito tudo diferente, mas não fiz; por isso minha consciência me acusa, por isso meu sofrimento.

Quero voltar e consertar o que deixei por fazer. Sofro por não poder falar com meus familiares. Peço que vocês continuem orando e me emocionem. Preciso escutar mais essas lindas palavras de conforto.

Espírito: não identificado. Médiun: Fabiana. Liceu Allan Kardec. Buri, 24 de Março de 2012.

*

LICEU ALLAN KARDEC
CENTRO ESPÍRITA
SINHANINHA/JOAQUIM QUEIROZ

SESSÃO REALIZADA EM 11/MAIO/2013

Em Louvor das Mães - EMMANUEL

O lar é a célula ativa do organismo social e a mulher, dentro dele, é a força essencial que rege a própria vida.

Se a criança é o futuro, no coração das mães é que repousa a sementeira de todos os bens e de todos os males do porvir.

O homem é o pensamento.

A mulher é o ideal.

O homem é a oficina.

A mulher é o santuário.

O homem realiza.

A mulher inspira.

Compreender a gloriosa missão da alma feminina, no soerguimento na Terra, é apostolado fundamental do Cristianismo renascente em nossa Doutrina Consoladora.

Auxiliar, assim, o espírito materno, no desempenho de sua tarefa sublime, constitui obrigação primária de todos nós que abraçamos nos Centros Espíritas novos lares de idealismo superior, e que buscamos na Boa Nova do Divino Mestre a orientação maternal para a renovação de nossos destinos.

Nesse sentido, se nos cabe reconhecer no homem o condutor da civilização e o mordomo dos patrimônios materiais na gleba planetária, não podemos esquecer que na mulher devemos identificar o anjo da esperança, ternura e amor, a descer para ajudar, erguer e salvar nos despenhadeiros da sombra, oferecendo-nos, no campo abençoado da luta regenerativa, novos tabernáculos de serviço e purificação.

Glorifiquemos, desse modo, o ministério santificante da maternidade na Terra, recordando que o Todo-Misericordioso, quando se designou enviar ao mundo o seu mais sublime legado para o aperfeiçoamento e a elevação dos homens, chamou um coração de mulher, em Maria Santíssima, e, através das suas mãos devotadas à humanidade e ao bem, à renúncia e ao sacrifício, materializou para nós o coração divino de Nosso Senhor Jesus Cristo, a luz de todos os séculos e o alvo de redenção da Humanidade inteira.

Pelo Espírito Emmanuel

XAVIER, Francisco Cândido. *Cartas do Coração*. Espíritos Diversos.
LAKE

FONTE VIVA - EMMANUEL

47 – AUTOLIBERTAÇÃO

“... Nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele.” — Paulo. (1ª EPÍSTOLA A TIMÓTEO, capítulo 6, versículo 7.)

Se desejas emancipar a alma das grilhetas escuras do “eu”, começa o teu curso de autolibertação aprendendo a viver “como possuindo tudo e nada tendo”, “com todos e sem ninguém”.

Se chegaste à Terra na condição de um peregrino necessitado de aconchego e socorro e se sabes que te retirarás dela sozinho, resigna-te a viver contigo mesmo, servindo a todos, em favor do teu crescimento espiritual para a imortalidade.

Lembra-te de que, por força das leis que governam os destinos, cada criatura está ou estará em solidão, a seu modo, adquirindo a ciência da auto-superação.

Consagra-te ao bem, não só pelo bem de ti mesmo, mas, acima de tudo, por amor ao próprio bem.

Realmente grande é aquele que conhece a própria pequenez ante a vida infinita.

Não te imponhas, deliberadamente, afugentando a simpatia; não dispensarás o concurso alheio na execução de tua tarefa.

Jamais suponhas que a tua dor seja maior que a do vizinho ou que as situações do teu agrado sejam as que devam agradecer aos que te seguem. Aquilo que te encoraja pode espantar a muitos e o material de tua alegria pode ser um veneno para teu irmão.

Sobretudo, combate a tendência ao melindre pessoal com a mesma persistência empregada no serviço de higiene do leito em que repousas. Muita ofensa registrada é peso inútil ao coração.

Guardar o sarcasmo ou o insulto dos outros não será o mesmo que cultivar espinhos alheios em nossa casa?

Desanuvia a mente, cada manhã, e segue para diante, na certeza de que acertaremos as nossas contas com Quem nos emprestou a vida e não com os homens que a malbaratam.

Deixa que a realidade te auxilie a visão e encontrarás a divina felicidade do anjo anônimo, que se confunde na glória do bem comum.

Aprende a ser só, para seres mais livre no desempenho do dever que te une a todos, e, de pensamento voltado para o Amigo Celeste, que esposou o caminho estreito da cruz, não nos esqueçamos da advertência de Paulo, quando nos diz que, com alusão a quaisquer patrimônios de ordem material, “nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele”.

*

PAZ E RENOVAÇÃO – ESPÍRITOS DIVERSOS

8 - CHAVES LIBERTADORAS

DESGOSTO

Qualquer contratempo aborrece.

No entanto, sem desgosto, a conquista de experiência é impraticável.

OBSTÁCULO

Todo empeco atrapalha.

Sem obstáculo, porém, nenhum de nós consegue efetuar a superação das próprias deficiências.

DECEPÇÃO.

Qualquer desilusão incomoda.

Todavia, sem decepção, não chegamos a discernir o certo do errado.

ENFERMIDADE

Toda doença embaraça.

Sem a enfermidade, entretanto, é muito difícil consolidar a preservação consciente da própria saúde.

TENTAÇÃO

Qualquer desafio conturba.

Mas, sem tentação, nunca se mede a própria resistência.

PREJUÍZO

Todo o golpe fere.

Sem prejuízo, porém, é quase impossível construir segurança nas relações uns com os outros.

INGRATIDÃO

Qualquer insulto à confiança estraga a vida espiritual.

No entanto, sem o concurso da ingratidão que nos visite, não saberemos formular equações verdadeiras nas contas de nosso tesouro afetivo.

DESENCARNAÇÃO

Toda morte traz dor.

Sem a desencarnação, porém, não atingiríamos a renovação precisa, largando processos menos felizes de vivência ou livrando-nos da caducidade no terreno das formas.

Compreendamos, à face disso, que não podemos louvar as dificuldades que nos rodeiam, mas é imperioso reconhecer que, sem elas, eternizaríamos paixões, enganos, desequilíbrios e desacertos, motivo pelo qual será justo interpretá-las por chaves libertadoras, que funcionam em nosso espírito, a fim de que nosso espírito se mude para o que deve ser, mudando em si e fora de si tudo aquilo que lhe compete mudar.

André Luiz

*

**ENTREVISTAS –
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER**

63 – NECESSIDADE DE ESTUDO

P – Quanto ao estudo, que dizem os nossos Benfeitores Espirituais?

R – Os amigos espirituais nos informam que o estudo deve ser para nós uma obrigação, em qualquer idade ou circunstância da vida.

Muitas vezes, quando na infância ou na juventude, somos constrangidos a estudar e sentimos muita dificuldade em observar as disciplinas estabelecidas, seja por nossos pais ou professores, tutores ou amigos, às vezes, fugimos de aula, desertamos do dever estudantil, mas com o tempo, se observarmos a vida dentro da realidade que lhe é própria, quando entramos na condição de adultos somos induzidos a estudar voluntariamente porque sabemos que o estudo é a luz no coração do espírito.

Na ignorância não conseguiríamos, como não conseguiremos, enxergar o caminho real que Deus traçou a cada um de nós na Terra.

Todos nós, sejamos crianças ou jovens, adultos ou já muitíssimo maduros, devemos estudar sempre.

*

CHICO, BEZERRA E VOCÊ PRESENÇA DA LEI

... os textos evangélicos nos confirmam sempre os imperativos inolvidáveis que fulguram por ápices do caminho de ascensão para a Vida Imperecível:

“amai”

“amar sempre”

“amemos”

“ama o próximo como a ti mesmo”

“que amemos incessantemente”

“o amor nos cobre a multidão das faltas”...

E ensinando-nos o verbo sublime, a plataforma do Cristo é inconfundível.

Entretanto, quase sempre, somos aqueles filhos de Deus na Terra buscando “ser amados” e, comprazendo-nos nisso, as dificuldades se nos ampliam constantemente.

*

... falamos a vós outros, de modo geral, conhecendo embora os anseios pessoais multiformes que nos caracterizam.

Se possível, seríamos, com a maior satisfação, aquele mensageiro das boas novas, de ordem particular para cada um dos corações amigos que se congregam conosco para os mesmos objetivos.

Ainda assim, queridos amigos, urge considerar que a mensagem do Evangelho nos serve a todos.

Cada qual de nós pode retirar dela as derivações construtivas de que necessitamos para a edificação íntima a que nos cabe atender.

*

... amemos e penetremos os pórticos das realizações que demandamos na caminhada espiritual.

De mensagem recebida em 18.11.1972.

*

O QUE É O ESPIRITISMO 15 - Médiuns e feiticeiros

V. — Desde que a mediunidade não é mais que um meio de entrar em relação com as potências ocultas, médiuns e feiticeiros são mais ou menos a mesma coisa.

A. K. — Em todos os tempos houve médiuns naturais e inconscientes que, pelo simples fato de produzirem fenômenos insólitos e incompreendidos, foram qualificados de feiticeiros e acusados de pactuarem com o diabo; foi o mesmo que se deu com a maioria dos sábios que dispunham de conhecimentos acima do vulgar. A ignorância exagerou seu poder e, muitas vezes, eles mesmos abusaram da credulidade pública, explorando-a; daí a justa reprovação que os feriu.

Basta-nos comparar o poder atribuído aos feiticeiros com a faculdade dos verdadeiros médiuns, para conhecermos a diferença, mas a maioria dos críticos não se quer dar a esse trabalho.

Longe de fazer reviver a feitiçaria, o Espiritismo a aniquila, despojando-a do seu pretense poder sobrenatural, de suas fórmulas, amuletos e talismãs, e reduzindo a seu justo valor os fenômenos possíveis, sem sair das leis naturais.

A semelhança que certas pessoas pretendem estabelecer, provém do erro em que estão, julgando que os Espíritos estão às ordens dos médiuns; repugna à sua razão crer que um -indivíduo qualquer possa, à vontade, fazer comparecer o Espírito de tal ou tal personagem, mais ou menos ilustre; nisto eles estão perfeitamente com a verdade, e, se antes de apedrejarem o Espiritismo, se tivessem dado ao trabalho de estudá-lo, veriam que ele diz positivamente que os Espíritos não estão sujeitos aos caprichos de ninguém, que ninguém pode, à vontade, constrangê-los a responder ao seu chamado; do que se conclui que os médiuns não são feiticeiros.

V— Neste caso, todos os efeitos que certos médiuns acreditados obtêm, à vontade e em público, não são, ao vosso ver, senão charlatanice?

A. K. — Não o digo em absoluto. Tais fenômenos não são impossíveis, porque há Espíritos de baixa categoria que se podem prestar à sua produção e que se divertem, talvez por já terem sido prestidigitadores na vida terrena; também há médiuns especialmente próprios para esse gênero de manifestações; porém, o vulgar bom-senso repele a idéia de virem os Espíritos, por menos elevados que sejam, representar palhaçadas e fazer escamoteações para divertimento dos curiosos. A obtenção desses fenômenos à vontade, e sobretudo em público, é sempre suspeita; neste caso a mediunidade e a prestidigitação se tocam tão de perto que é difícil muitas vezes distingui-las; antes de vermos nisso a ação dos Espíritos, devemos observar minuciosamente e ter em conta, quer o caráter e os antecedentes do médium, quer um grande número de circunstâncias que só o estudo da teoria dos fenômenos espíritas nos pode fazer apreciar.

Deve-se notar que esse gênero de mediunidade, quando mediunidade nisso exista, limita-se a produzir sempre o mesmo fenômeno, salvo pequenas variantes, o que não é muito próprio para dissipar dúvidas, O desinteresse absoluto é a melhor garantia de sinceridade.

Qualquer que seja o grau de veracidade desses fenômenos, como efeitos mediúnicos, eles produzirão bom resultado, por darem voga à idéia espírita. A controvérsia que se estabelece a respeito provoca em muitas pessoas um estudo mais aprofundado.

Não é certamente aí que se deve ir beber instruções sérias sobre o Espiritismo, nem sobre a filosofia da doutrina; porém, é um meio de chamar a atenção dos indiferentes e obrigar os recalcitrantes a falarem dele.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO X - LEI DE LIBERDADE

VI – FATALIDADE

853. Certas pessoas escapam a um perigo mortal para cair em outro; parece que não podem escapar à morte. Não há nisso fatalidade?

– Fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte. Chegado esse momento, de uma forma ou de outra, a ele não podeis furtar-vos.

853-a. Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, não morreremos se a nossa hora não chegou?

– Não, não morrerás, e tens disso milhares de exemplos. Mas quando chegar a tua hora de partir, nada te livrará. Deus sabe com antecedência qual o gênero de morte por que partirás daqui, e frequentemente teu Espírito também o sabe, pois isso lhe foi revelado quando fez a escolha desta ou daquela existência.

854. Da infalibilidade da hora da morte segue-se que as precauções que se tornam para evitá-la são inúteis?

– Não, porque as precauções que tornais vos são sugeridas com o fim de evitar a morte que vos ameaça; são um dos meios para que ela não se verifique.

*

MENSAGENS DOS MESTRES

ANTÔNIO F. RODRIGUES

PEQUENA FÁBULA ORIENTAL

Um dia, estando o Sultão em seu palácio em Damasco, um belo rapaz, que era seu guardião, apareceu-lhe agitado, dizendo que tinha de partir imediatamente para Bagdá e implorando ao soberano que lhe emprestasse o mais veloz cavalo de sua cavalaria.

Surpreso, o Sultão perguntou-lhe por que tinha tanta pressa de ir para Bagdá.

- Porque – respondeu o jovem -, ao passar agora mesmo pelos jardins do palácio, vi a Morte ali postada. Quando ela me avistou, estendeu os braços, como que a ameaçar-me. Não há tempo a perder. Tenho de fugir-lhe!

O Sultão deu ao aflito rapaz consentimento para que usasse o melhor cavalo do palácio. Tendo ele partido, o soberano, indignado, desceu aos jardins e ali encontrou a Morte.

- Como se atreve a fazer gestos ameaçadores ao meu guardião? – gritou ele.

A Morte, atônita, respondeu:

- Asseguro à Vossa Majestade que não o ameacei. Ergui apenas os braços, de surpresa, por vê-lo aqui. Tenho um encontro marcado com ele esta noite, em Bagdá...

*

PSICOGRAFIAS

563) - JUSTIÇA E TRIBUNAL DA CONSCIÊNCIA!

Graças a Deus irmãos, estamos novamente juntos; hoje vamos ver a Justiça

de Deus de forma a não ver Deus como tirano, que exerce o poder de castigar aqueles que infringiram a Sua lei.

Devemos ter a humildade de saber que a lei existe naturalmente para todos e ela se aplica de forma natural, não necessitando de julgamento e execução de poderes que a façam cumprir.

Precisamos entender que a cada boa ação somos contemplados naturalmente com o bem, ou, a cada má ação, também somos punidos com o mal; tudo isso naturalmente, sem a necessidade de um juiz autoritário.

O Tribunal De Nossa Consciência deve ser o único a julgar o que temos feito de certo ou errado.

Deus nos criou para sermos felizes no bem e para o bem; a partir do momento em que vamos para o caminho errado, a nossa própria consciência aponta que estamos errados e o que devemos fazer para, cedo ou tarde, não recairmos no erro.

Onde existe o bem, o mal não entra, mas, onde existe o mal, o bem deve apresentar-se.

Que as bênçãos de Deus e Jesus estejam presentes na vida de todos e dos familiares.

Espírito: Joaquim. Médiun: João Bueno. Liceu Allan Kardec. Buri, 04/Maio/2013.

*

051) EGOÍSMO! REFORMA ÍNTIMA! PAZ!

Muita paz, meus irmãos! Estamos todos reunidos em busca de algum alívio, algum consolo. Não é possível que a paz não venha para nós que muito a esperamos. Precisamos de paz. O mundo precisa de paz. E a paz está muito difícil de ser adquirida, muita coisa triste está prevista para este povo descrente. A busca terminará apenas com a conscientização de que cada um de nós precisa de reforma íntima. Senão, nunca haverá a paz que esperamos.

Quando tivermos consciência do nosso grande egoísmo, uns perante os outros, aí sim, seremos felizes; mas precisamos agir bem rápido. Isso eu sei por que fui muito má, egoísta e não queria aceitar a realidade que se espelhava muito claramente diante de mim e sofri barbaramente; não só sofri, como fiz muitos sofrerem, e só depois de muito desalento, desamparo e infelicidade é que compreendi que o caminho é Jesus. Não foi fácil assimilar isso, mas, depois de longo tempo, eis-me aqui diante de vocês fazendo um apelo: creiam, creiam, orem e peçam a Jesus forças para superarem o que há de vir, porque não será fácil.

Entendam e transmitam a todos os seus, porque dias difíceis virão e se não nos unirmos então teremos um futuro de trevas e de solidão. Errar, todos erram, mas existe um começo para todos e, o começo, é agora. O começo é no momento que você se sente lá embaixo. Aproveite o momento, pegue nas mãos de Jesus que Ele te levantará e segue-O porque Ele é a Verdade e a Vida!

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri, 06/02/2001).

*

411) – BEM-AVENTURADOS OS QUE PADECEM!

Fizemos de tudo para protegê-lo, mas devido ao seu mau-gênio entregou-se ao uso de drogas e bebidas, levando ao desgosto familiar.

A pobreza não é desculpa para tanta amargura; o trabalho é a única e real riqueza que os seres humanos possuem. Está preso, retido na escuridão, preso ao passado, amargurado.

Peço a vocês, como amigos desse núcleo, que elucidem nosso protegido a fim de fortalecer-se e auxiliá-lo no seu despertar.

Bem-aventurados os que padecem, porque serão aliviados!

Espírito: Benedito. Médiun: Ana Carolina. 19/06/2010.

*

416) – NÃO PERCAM A FÉ!

Bom dia a todos. Que as bênçãos de Deus se esparramem sobre cada um de vocês e que sejam robustecidos na fé, hoje e sempre!

Por que aqui hoje se falou da fé? Essa fé que nos conduz a dias e lugares melhores; pois quem acreditar, alcançará! Não se deixem abalar, não percam ou enfraqueçam a fé que vocês têm, por menor que seja ela. Só a fé conduzirá o homem ao seu destino final. E se essa fé se abalar, mais retardará sua vida para um mundo melhor e mais feliz.

Não se deixem abater. Pode tudo se abalar, menos a fé de vocês. Ela é o componente necessário e indispensável para o fim a que Deus estabeleceu para vocês. Permaneçam na fé! Não a abalem! Não a percam! Com fé se chegará ao Mundo Feliz a que estão destinados os angustiados e sofredores desta Terra de expiação.

Não se esqueçam. Percam o que tiverem e o que não tiverem, mas jamais percam a fé.

Que Deus os abençoe e que vocês permaneçam nesse caminho que só terá uma finalidade: a felicidade plena.

Espírito: Protetor. Médiun: Nena. 04/09/2010.

*

418) – NÃO SE DEIXEM ABATER!

Bom dia irmãos, graças a Deus estamos juntos novamente.

Não deixem a tristeza tomar conta de vocês. Reflitam sobre a vida e seus objetivos e concentrem-se na felicidade a alcançar. Não se deixem abater e confiem em Deus que lhes proporcionou os recursos necessários.

Espírito: Irmão Auxiliador. Médiun: Maurício. 25/09/2010.

*

519) – ESPÍRITO: PEDRO. NÃO QUERO ESTAR AQUI; NÃO ENTENDEM QUE NÃO QUERO?

Não quero estar aqui, porque me trouxeram, não entendem que não quero? Não gosto de ouvir.... Não quero, não quero. Vou repetir até cansar: não quero estar aqui. Não me tragam aqui. Me deixem, quero ir embora. Não gosto daqui, porque me trazem aqui? Deixem me ir, eu peço, deixem me ir. Sofro muito aqui, deixem me ir. Por que querem que eu sofra, deixem me ir!

Espírito: Pedro. Médiun: Fabiana. Liceu Allan Kardec. Buri, 02/Outubro/2012.

*

LICEU ALLAN KARDEC
CENTRO ESPÍRITA
SINHANINHA/JOAQUIM QUEIROZ

SESSÃO REALIZADA EM 18/MAIO/2013

*

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XII – AMAI OS VOSSOS INIMIGOS

Pagar o Mal com o Bem

1. Tendes ouvido o que foi dito: Amarás ao teu próximo e aborrecerás ao teu inimigo. Mas eu vos digo: Amai os vossos inimigos. Fazei bem ao que vos odeia, e orai pelos que vos perseguem e caluniam, para serdes filhos de vosso Pai, que está nos céus, o qual faz nascer o seu sol sobre bons e maus, e vir chuva sobre justos e injustos. Porque, se não amardes senão aos que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não fazem os publicanos também assim? E se saudares somente aos vossos irmãos, que fazeis nisso de especial? Não fazem também assim os gentios? - Eu vos digo que, se a vossa justiça não for maior e mais perfeita que a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos Céus. (MATEUS, V:20, 43-47).

O ÓDIO

• Fénelon •

Bordeaux, 1861

10. Amai-vos uns aos outros, e sereis felizes. Tratai sobretudo de amar aos que vos provocam indiferença, ódio e desprezo. O Cristo, que deveis tornar o vosso modelo, deu-vos o exemplo dessa abnegação: missionário do amor, amou até dar o sangue e a própria vida. O sacrifício de amar os que vos ultrajam e perseguem é penoso, mas é isso, precisamente, o que vos torna superiores a eles. Se vós os odiásseis como eles vos odeiam, não valerieis mais do que eles. É essa a hóstia imaculada que ofereceis a Deus, no altar de vossos corações, hóstia de agradável fragrância, cujos perfumes sobem até Ele.

Mas embora a lei do amor nos mande amar indistintamente a todos os nossos irmãos, não endurece o coração para os maus procedimentos. É essa, pelo contrário, a prova mais penosa. Eu o sei, pois durante minha última existência terrena experimentei essa tortura. Mas Deus existe, e pune, nesta e na outra vida, os que não cumprem a lei do amor. Não vos esqueçais, meus queridos filhos, de que o amor nos aproxima de Deus, e o ódio nos afasta d'Ele.

*

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO VIII - EMANCIPAÇÃO DA ALMA

I – O SONO E OS SONHOS

400. O Espírito encarnado permanece voluntariamente no envoltório corporal?

– É como perguntar se o prisioneiro está satisfeito sob as chaves. O Espírito encarnado aspira incessantemente à libertação, e quanto mais grosseiro é o envoltório, mais deseja ver-se desembaraçado.

401. Durante o sono, a alma repousa como o corpo?

– Não, o Espírito jamais fica inativo. Durante o sono, os liames que o unem ao corpo se afrouxam e o corpo não necessita do Espírito. Então ele percorre o espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos.

SONAMBULISMO

432. Como explicar a visão à distância, em alguns sonâmbulos?

– A alma não se transporta, durante o sono? O mesmo se verifica no sonambulismo.

433. O desenvolvimento maior ou menor da clarividência sonambúlica depende da organização física ou da natureza do Espírito encarnado?

– De uma e de outra; há disposições físicas que permitem ao Espírito libertar-se mais ou menos facilmente da matéria.

434. As faculdades de que o sonâmbulo desfruta são as mesmas do Espírito após a morte?

– Até certo ponto, pois é necessário ter em conta a influência da matéria, a que ele ainda se acha ligado.

435. O sonâmbulo pode ver os outros Espíritos?

– A maioria os vê muito bem; isso depende do grau e da natureza da lucidez de cada um; mas às vezes ele não compreende, de início, e os toma por seres corporais. Isso acontece, sobretudo, com os que não têm nenhum conhecimento do Espiritismo; eles ainda não compreendem a natureza dos Espíritos, o fato os espanta, e é por isso que julgam estar vendo pessoas vivas.

O mesmo efeito se produz no momento da morte, entre os que ainda se julgam vivos. Nada ao seu redor lhes parece modificado, os Espíritos lhes aparecem como tendo corpos semelhantes aos nossos, e eles tomam a aparência de seus próprios corpos como corpos reais.

*

O LIVRO DOS MÉDIUNS

CAPÍTULO IX LOCAIS ASSOMBRADOS

14. Que pensar da eficácia do exorcismo para expulsar os maus Espíritos dos locais assombrados?

— Vistes muitas vezes esse meio dar resultados? Não vistes, ao contrário, redobrar-se a tropelia após as cerimônias de exorcismo? E eles se divertem ao serem tomados pelo Diabo. Os Espíritos que não têm más intenções podem também manifestar a sua presença por meio de ruídos ou mesmo tornar-se visíveis, mas não fazem jamais tropelias incômodas. São quase sempre Espíritos sofredores, que podeis aliviar fazendo preces por eles. De outras vezes são mesmo Espíritos benevolentes que desejam provar a sua presença junto a vós, ou, por fim, Espíritos levianos que se divertem. Como os que perturbam o repouso com barulhos são quase sempre Espíritos brincalhões, o que melhor se tem a fazer é rir do que fa-

zem. Eles se afastam ao verem que não conseguem amedrontar ou impacientar. (Ver o cap. V: Manifestações Físicas Espontâneas.)

Resulta das explicações acima que há Espíritos que se apegam a certos locais e neles permanecem de preferência, mas não têm necessidade de manifestar a sua presença por efeitos sensíveis. Qualquer local pode ser a morada obrigatória ou de preferência de um Espírito, mesmo que seja mau, sem que jamais haja produzido alguma manifestação.

Os Espíritos que se ligam a locais ou coisas materiais nunca são superiores, mas por não serem superiores não têm de ser maus; de alimentar más intenções. São mesmo, algumas vezes, companheiros mais úteis do que prejudiciais, pois caso se interessem pelas pessoas podem protegê-las.

*

O CÉU E O INFERNO

CAPÍTULO II - ESPÍRITOS FELIZES

6. Há materialistas bastante endurecidos para acreditarem seriamente, nesse momento supremo, que vão ser reduzidos a nada?

— Sem dúvida, há os que creem nisso até à última hora. Mas no momento da separação o Espírito sofre um retorno às profundezas de si mesmo, a dúvida então o envolve e o tortura, levando-o a se perguntar no que irá se transformar. Ele quer compreender alguma coisa e não consegue. A separação nunca se faz sem essa impressão.

Um Espírito nos deu, em outra ocasião, o quadro seguinte do fim do incrédulo:

O incrédulo endurecido experimenta nos seus últimos momentos as angústias desses terríveis pesadelos em que nos vemos à beira de um precipício, prestes a cair no abismo, fazendo inúteis esforços para escapar, sem conseguir recuar. Nesses momentos queremos agarrar a alguma coisa, encontrar um ponto de apoio, mas nos sentimos deslizar. Queremos gritar e não podemos articular palavras. É assim que vemos o moribundo se contorcer, crisar as mãos e emitir sons angustiados, sinais certos do pesadelo em que se encontra. No pesadelo comum o despertar nos livra do desespero e ficamos felizes ao constatar que tudo foi apenas um sonho. Mas o pesadelo da morte se prolonga, às vezes por longo tempo, até mesmo por anos, e o que torna a sensação ainda mais penosa para o Espírito são as trevas em que ele às vezes se vê mergulhado.

*

A GÊNESE

CAPÍTULO II - DEUS

A Visão de Deus

35. - O Espírito só se depura com o tempo, sendo as diversas encarnações o alambique em cujo fundo deixa de cada vez algumas impurezas.

Com o abandonar o seu invólucro corpóreo, os Espíritos não se despojam instantaneamente de suas imperfeições, razão por que, depois da morte, não veem a Deus mais do que o viam quando vivos; mas, à medida que se depuram, têm de-

le uma intuição mais clara. Não o veem, mas compreendem-no melhor; a luz é menos difusa. Quando, pois, alguns Espíritos dizem que Deus lhes proíbe respondam a uma dada pergunta não é que Deus lhes apareça, ou dirija a palavra, para lhes ordenar ou proibir isto ou aquilo, não; eles, porém, o sentem; recebem os eflúvios do seu pensamento, como nos sucede com relação aos Espíritos que nos envolvem em seus fluidos, embora não os vejamos.

36. - Nenhum homem, conseguintemente, pode ver a Deus com os olhos da carne. Se essa graça fosse concedida a alguns, só o seria no estado de êxtase, quando a alma se acha tão despreendida dos laços da matéria que torna possível o fato durante a encarnação. Tal privilégio, aliás, exclusivamente pertenceria a almas de eleição, encarnadas em missão, que não em expiação.

Mas, como os Espíritos da mais elevada categoria refulgem de ofuscante brilho, pode dar-se que Espíritos menos elevados, encarnados ou desencarnados, maravilhados com o esplendor de que aqueles se mostram cercados, suponham estar vendo o próprio Deus. É como quem vê um ministro e o toma pelo seu soberano.

*

OBRAS PÓSTUMAS

As Cinco Alternativas da Humanidade

§ I — DOUTRINA MATERIALISTA

A inteligência do homem é uma propriedade da matéria; nasce e morre com o organismo. O homem **nada é antes, nem depois** da vida corporal.

Consequências. Sendo o homem apenas matéria, os gôzos materiais são as únicas coisas reais e desejáveis; as afeições morais carecem de futuro; os laços morais a morte os quebra sem remissão e para as misérias da vida não há compensação; o suicídio vem a ser o fim racional e lógico da existência, quando não se pode esperar atenuação para os sofrimentos; inútil qualquer constrangimento para vencer os maus pendores; viver cada um para si o melhor possível, enquanto aqui estiver; estupidez vexar-se e sacrificar o repouso, o bem-estar por causa de outros, isto é, por causa de seres que a seu turno serão aniquilados e que ninguém tornará a ver; deveres sociais sem fundamento, o bem e o mal meras convenções; por freio social unicamente a força material da lei civil.

*

PSICOGRAFIAS

053) O CAMINHO É LONGO E O TEMPO É CURTO!

Irmãos, o caminho é longo e o tempo é curto: corramos para aprendermos a ser mais indulgentes, mais caridosos, mais sensíveis aos problemas alheios, pois estes problemas que não solucionarmos hoje, serão nossos problemas amanhã.

Corramos, porque o tempo é curto. Corramos para a Vida que nos espera que é cheia de labor e de árduas horas de lutas e precisamos delas assim como necessitamos do ar.

Aprender, praticar, melhorar, caminhar, sim, caminhar para frente. União, amor, caridade, perdão, indulgência, serviço, é o que precisamos praticar se qui-

sermos ser felizes e só seremos felizes fazendo os outros felizes; e não se pode ser feliz sozinho: e para isso precisamos começar a praticar, praticar, praticar.

Já começamos, não percam tempo parados na cisma, o caminho é esse, não há retorno; peguem nossa cruz e subamos o calvário da existência. Nem que caiamos, mas subamos, pois o final é lá, ao pé de Jesus, ao caminho de Deus, nosso Pai, que temos que chegar. E só chegaremos se nos unirmos na fraternidade cristã, do companheirismo, da amizade, do amor. Lutemos, não desanimemos, pois estamos no caminho.

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 26/06/2001).

*

054) ILUMINAI POR ONDE ANDARES!

Iluminai por onde andares, espalhando a luz para que, ao retornares, não te percas na escuridão e no labirinto das trevas.

Iluminai teu caminho e procure deixar que a luz ilumine para os outros que te seguem, porque, se acaso caíres na escuridão, esse alguém possa, por sua vez, iluminar-te.

É só por hoje. A amiga e companheira de sempre Dolores.

(Espírito: Dolores. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri. 16/07/2001).

*

564) – ENXUGUE AS LÁGRIMAS! PARE DE CHORAR!

Enxugue as lágrimas. Pare de chorar. Olhe para o céu. Veja o horizonte ao longe e busque a sua felicidade. Mire um ponto e perceba, sinta a distância a percorrer para galgar a plataforma firme, onde haverá segurança e firmeza para se fazer aquilo que a vida exige. Pense em viver cada momento intensamente, mas voltado para o seu semelhante, para ajudá-lo a carregar seu fardo que, talvez, seja tão mais pesado que o seu. Seque suas lágrimas. Não se entregue a fraquezas. Apague da memória as más lembranças e limpe seu coração dos sentimentos negativos, que fizeram com que você ficasse nesse estado de desânimo. Sorria! Olhe para o sol que irradia para todas as direções e vire-se para ver tudo à sua volta. Observe TUDO. E veja que sua dor é nada comparada com a imensidão dessa beleza onde você está no meio. Não macule esse quadro. Não seja a mancha deformada, mas um traço colorido a irradiar mais beleza nessa obra de arte que é a Natureza. Se a Natureza é feliz e linda, por que você tem que ser triste? Você faz parte dela, portanto seja belo, alegre, sorridente. Pare. Pare de chorar. Viva a natureza com a Natureza!

O Evangelho no Lar – em 30/abril/2013 - 21h50min

(Capítulo IX – página 129: “A Paciência”)

Médiun: Nena – 30/Abril/2013

*

155.3 – Poligamia e Monogamia – Explicação do Espírito André Luiz no citado livro “Evolução Em Dois Mundos”, págs. 143-145:

O instinto sexual, então, a desvairar-se na poligamia, traça para si mesmo largo roteiro de aprendizagem a que não escapará pela matemática do destino que nós mesmos criamos. Entretanto, quanto mais se integra a alma no plano da responsabilidade moral para com a vida, mais apreende o impositivo da disciplina própria, a fim de estabelecer, com o dom de amar que lhe é intrínseco, novos programas de trabalho que lhe facultem acesso aos planos superiores. O instinto sexual nessa fase da evolução não encontra alegria completa senão em contacto com outro ser que demonstre plena afinidade, porquanto a liberação da energia, que lhe é peculiar, do ponto de vista do governo emotivo, solicita compensação de força igual, na escala das vibrações magnéticas.

Em semelhante eminência, a monogamia é o clima espontâneo do ser humano, de vez que dentro dela realiza, naturalmente, com a alma eleita de suas aspirações a união ideal do raciocínio e do sentimento, com a perfeita associação dos recursos ativos e passivos, na constituição do binário de forças, capaz de criar não apenas formas físicas, para a encarnação de outras almas na Terra, mas também as grandes obras do coração e da inteligência, suscitando a extensão da beleza e do amor, da sabedoria e da glória espiritual, que vertem, constantes da Criação Divina.

*

155.3.1 - Alimento Espiritual: (André Luiz)

Há, por isso, consórcios de infinita gradação no Plano Terrestre e no Plano Espiritual, nos quais os elementos sutis de comunhão prevalecem acima das linhas morfológicas do vaso físico, por se ajustarem ao sistema psíquico, antes que às engrenagens da carne, em circuitos substanciais de energia. Contudo, até que o Espírito consiga purificar as próprias impressões, além da ganga sensorial, em que habitualmente se desregra no narcisismo obcecante, valendo-se de outros seres para satisfazer a volúpia de hipertrofiar-se psiquicamente no prazer de si mesmo, numerosas reencarnações instrutivas e reparadoras se lhe debitam no livro da vida, porque não cogita exclusivamente do próprio prazer sem lesar os outros, e toda vez que lesa alguém abre nova conta resgatável em tempo certo.

Isso ocorre porque o instinto sexual não é apenas agente de reprodução entre as formas superiores, mas, acima de tudo, é o reconstituente das forças espirituais, pelo qual as criaturas encarnadas ou desencarnadas se alimentam mutuamente, na permuta de raios psíquico-magnéticos que lhes são necessários ao progresso. Os espíritos santificados, em cuja natureza superevolvida o instinto sexual se diviniza, estão relativamente unidos aos Espíritos Glorificados, em que descobrem as representações de Deus que procuram, recolhendo de semelhantes entidades as cargas magnéticas sublimadas, por eles próprios liberadas no êxtase espiritual. De outro lado, as almas primitivas comumente lhe gastam a força em excessos que lhes impõem duras lições.

Entre os espíritos santificados e as almas primitivas, milhões de criaturas conscientes, viajando da rude animalidade para a Humanidade enobrecida, em muitas ocasiões se arrojam a experiências menos dignas, privando a companheira ou o companheiro do alimento psíquico a que nos reportámos, interrompendo a comunhão sexual que lhes alentava a euforia, e, se as forças sexuais não se encontram suficientemente controladas por valores morais nas vítimas, surgem, frequentemente, longos processos de desespero ou de delinqüência.

*

150.2 – “Casamento” – Explicação sobre a questão 695 de “O Livro dos Espíritos”, pelo Espírito Emmanuel no livro “Sexo e Vida”, págs. 33/35:

O casamento ou a união permanente de dois seres, como é óbvio, implica o regime de vivência pelo qual duas criaturas se confiam uma à outra, no campo da assistência mútua. Essa união reflete as Leis Divinas que permitem seja dado um esposo para uma esposa, um companheiro para uma companheira, um coração para outro coração ou vice-versa, na criação e desenvolvimento de valores para a vida. Imperioso, porém, que a ligação se baseie na responsabilidade recíproca, de vez que na comunhão sexual um ser humano se entrega a outro ser humano e, por isso mesmo, não deve haver qualquer desconsideração entre si.

Quando as obrigações mútuas não são respeitadas no ajuste, a comunhão sexual injuriada ou pérfidamente interrompida costuma gerar dolorosas repercussões na consciência, estabelecendo problemas cármicos de solução, por vezes, muito difícil, porquanto ninguém fere alguém sem ferir a si mesmo. Indiscutivelmente, nos Planos Superiores, o liame entre dois seres é espontâneo, composto em vínculos de afinidade inelutável. Na Terra do futuro, as ligações afetivas obedecerão a idêntico princípio e, por antecipação, milhares de criaturas já desfrutam no próprio estágio da encarnação dessas uniões ideais, em que se jungem psiquicamente uma à outra, sem necessidade da permuta sexual, mais profundamente considerada, a fim de se apoiarem mutuamente, na formação de obras preciosas, na esfera do espírito.

Acontece, no entanto, que milhões de almas, detidas na evolução primária, jazem no Planeta, arraigadas a débitos escabrosos, perante a lei de causa e efeito e, inclinadas que ainda são ao desequilíbrio e ao abuso, exigem severos estatutos dos homens para a regulação das trocas sexuais que lhes dizem respeito, de modo a que não se façam salteadores impunes na construção do mundo moral. Os débitos contraídos por legiões de companheiros da Humanidade, portadores de entendimento verde para os temas do amor, determinam a existência de milhões de uniões supostamente infelizes, nas quais a reparação de faltas passadas confere a numerosos ajustes sexuais, sejam eles ou não acobertados pelo beneplácito das leis humanas, o aspecto de ligações francamente expiatórias, com base no sofrimento purificador. De qualquer modo, é forçoso reconhecer que não existem no mundo conjugações afetivas, sejam elas quais forem, sem raízes nos princípios cármicos, nos quais as nossas responsabilidades são esposadas em comum.

Indissolubilidade absoluta do casamento: lei natural ou lei humana?

Artigo 151 – A indissolubilidade absoluta do casamento (*até que a morte separe*) é uma lei humana, muito contrária à lei natural. Mas os homens podem modificar as suas leis; somente as naturais são imutáveis.

“Controle da Natalidade” – Explicação de Celso Martins e o Espírito Joanna de Ângelis no livro “O Sexo & O Amor Em Nossas Vidas”, Editora EME, Capivari-SP, 7ª. edição, 1993, págs. 107-109:

Por oportuna, transcrevo “ipsis literis” uma página do Espírito Joanna de Ângelis pela mediunidade de Divaldo P. Franco sobre a limitação de filhos. Ei-la:

“O problema da planificação familiar, antes de maiores cogitações, deve merecer dos cônjuges mais profundas análises e reflexões. Pela forma simplista como alguns a apresentam, a desordenada utilização de métodos anticoncepcionais, interfere, negativamente, na economia moral da própria família. Na situação atual, os pais dotados de recursos econômicos, menos procriam, em considerando as disponibilidades que possuem, enquanto os destituídos de posse aumentam a prole, tornando muito mais complexas e difíceis as engrenagens do mecanismo social.

Os filhos são programados na esfera extra-física da vida, tendo-se em vista as injunções crédito-débito, defluentes das reencarnações passadas. Normalmente, antes do mergulho no corpo carnal, o Espírito reencarnante estabelece intercâmbio com os futuros genitores de cujo concurso necessitam para o cometimento a empreender. Os filhos não chegados pela via normal, não obstante, alcançarão a casa dos sentimentos negados, utilizando-se dos sutis recursos da Vida, que aproximam os afins pelo Amor ou pela rebeldia, quando separados, para as justas reparações.

Chegarão a outros tetos, mas dali sairão atraídos pelas necessidades propelentes ao encontro da família que lhes é própria, nem sempre forrados em objetivos relevantes. Alguém que te chega, perturbando a paz... Outrem que te rouba pertences e sossego... O ser que te sobrecarrega de dissabores... Aquele que de fora desarmoniza a tua família... O vadio que te adentra o lar... O viciado que corrompe quem te é caro... O aliciador que chega de longe e infelicita o filho ou a filha a quem amas... Todos eles estão vinculados a ti. Quicá houvessem renascido sob o teu teto e as circunstâncias impediriam dramas maiores.

Antes de aderires ao entusiasmo reinante para a limitação da prole, reparte com o cônjuge as tuas preocupações, discute o problema à luz da reencarnação. Evite engajar na moda, só porque as opiniões gerais são favoráveis à medida. Sendo possível, acolhe-os da melhor maneira, porquanto, conforme os receberes, ser-te-ão amigos generosos ou rudes adversários dos quais não te libertarás facilmente.

Não faças, simplesmente, considerando os fatores econômicos, os da superpopulação... O Senhor dispõe de recursos inimagináveis... Confia a Ele as tuas dificuldades e entrega-te consciente, devotadamente. Seja qual for a opção que escolhas – ter mais ou menos filhos – os que se encontram na pauta das tuas necessidades, chegar-te-ão, hoje ou mais tarde”.

14/04/2013 - 02h45

Suicídio, modo de evitar

FERNANDO TADEU DE MORAES

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Prevista para este ano, a inclusão de uma categoria de comportamentos suicidas no novo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o chamado DSM 5, referência na área de saúde mental em todo o mundo, pode ajudar os médicos a quantificar melhor esse fenômeno, em especial as tentativas, cujas taxas podem ser 40 vezes mais altas do que as dos suicídios consumados.

Essa é a opinião do psiquiatra José Manoel Bertolote, que acaba de lançar "O Suicídio e sua Prevenção" [Unesp, 142 págs., R\$ 18]. Ele afirma, em entrevista à **Folha**, que a depressão, o alcoolismo e a esquizofrenia são as três principais causas por trás das mortes autoinflingidas.

Estima-se hoje em 1 milhão o número anual de mortes por suicídio em todo o mundo. Isso o coloca como uma das "três principais causa de óbitos em determinadas faixas etárias de vários países e em várias regiões do globo", escreve Bertolote. No livro, o psiquiatra traça um histórico sobre o tema a respeito do qual já se debruçaram teólogos, juristas, filósofos, sociólogos entre outros, e analisa, sob o prisma da saúde pública, suas causas no Brasil e no mundo.

Bertolote, 65, trabalhou por quase 20 anos na OMS (Organização Mundial da Saúde), onde chefiou a equipe de transtornos mentais e neurológicos. Uma de suas atribuições nesse período era auxiliar países a elaborar políticas de prevenção de suicídio. Hoje, ele é professor voluntário na Faculdade de Medicina da Unesp, em Botucatu, na qual se formou em 1971.

Durante a entrevista, Bertolote fez um pedido: gostaria que fosse incluído neste texto o número do telefone do Centro de Valorização da Vida, o CVV: 141.

*

Folha - Como o sr. vê a inclusão da categoria de comportamentos suicidas no novo manual de psiquiatria?

José Manoel Bertolote - Vejo com bons olhos. Hoje há boas estatísticas de mortes por suicídio para cerca de dois terços do mundo, mas não há um registro centralizado de tentativas de suicídio. Se uma pessoa ingere um veneno e vai parar no pronto-socorro, o caso é registrado como intoxicação; se ela corta os pulsos, lesão cortante. A intencionalidade acaba nunca sendo registrada.

A inclusão de uma categoria de comportamento suicida é bem-vinda, pois vai permitir dar uma visão melhor desse quadro. Estudos mostram que a taxa de tentativa de suicídios chega a ser 40 vezes mais alta que a taxa de suicídios consumados.

Como o suicídio se tornou um assunto da medicina?

Até cerca de três séculos atrás, o suicídio era basicamente um problema teológico. O catolicismo considerava o suicídio um pecado grave, o islamismo considera até hoje o pior pecado, pois é a destruição da obra divina. Havia também o interesse de filósofos e,

na Inglaterra e em vários outros países, o suicídio era considerado uma morte indigna. O direito o tratava como um crime contra o Estado.

Foi a partir dos séculos 17 e 18 que médicos passaram a se interessar pela questão do suicídio e a considerar que o suicídio tinha uma relação estreita com a saúde, porque eles julgavam que todo suicídio era um ato de loucura. E isso foi ganhando adesão com o tempo. No século 20, consolidou-se a ideia de que o suicídio é um problema de saúde e, sobretudo, de saúde pública.

Há relação entre suicídio e doença?

O suicídio, em primeiro lugar, não é uma doença. Na perspectiva da saúde pública, é um fenômeno social de distribuição irregular na sociedade. Mas há estudos em todo o mundo que mostram que, por trás de grande parte das mortes por suicídio, existem doenças.

A maioria dessas doenças são mentais, mas há também uma grande associação entre suicídio e doenças incuráveis e dolorosas. A mortalidade de portadores de HIV por suicídio, por exemplo, caiu muito depois do advento do coquetel de drogas, quando ela deixou de ser essa doença mortal. As doenças mais associadas ao suicídio são a depressão, o alcoolismo e, um pouco atrás, a esquizofrenia.

Quais são os limites da prevenção do suicídio?

Não acredito que o suicídio possa ser erradicado, pois é um fenômeno humano que existe desde sempre. Há, por exemplo, uma porcentagem de suicídios por trás da qual, por mais se investigue, não se encontra uma doença ou causa clara.

Durkheim, em sua tipologia de suicídios, fala do suicídio altruísta [situação em que um indivíduo está tão conectado a sua comunidade, que abdica de sua individualidade, acreditando que sua morte pode trazer benefícios para a sociedade]. Como é que se vai prevenir isso? Não há o menor sentido. Não é disso que a prevenção do suicídio se ocupa. A prevenção se ocupa dos casos considerados evitáveis, porque decorrentes de um fator que poderia ser removido [como o alcoolismo].

Um dado importante e comprovado é que a maioria das pessoas que tentam o suicídio não quer morrer. São pessoas que querem mudar uma situação, escapar de um problema e, às vezes, a situação é tão tantalizante que a pessoa não enxerga outra saída. Há estudos com pessoas que fizeram uma tentativa de suicídio por um método muito letal e estão próximas de morrer. Elas são entrevistadas nesse momento. A imensa maioria fica desesperada quando percebe que vai morrer e que é irreversível.

A mídia deveria ter um papel nessa prevenção?

A mídia tem um grande papel na prevenção do suicídio. Há um mito de que não se pode tocar no assunto nos jornais. A imprensa pode ajudar ou atrapalhar de acordo com a forma que trata o assunto. Abordar o tema com sensacionalismo, promovendo o ato, explicando métodos etc. só atrapalha, já que sempre existe, em toda população, um certo número de indivíduos suscetíveis. Agora, abordar de uma maneira potencialmente educativa ajuda, sem dúvida.

O que o sr. acha de grupos como CVV e Samaritans [fundação inglesa aberta em 1953 dedicada à prevenção do suicídio]?

Eu já trabalhei com CVVs e Samaritans de vários países do mundo e tenho muita admiração pelo trabalho deles. Um ponto importante a ressaltar é que eles não fazem só a prevenção do suicídio; seu grande mérito é auxiliar uma pessoa em crise. Eles conseguem solucionar uma crise que talvez hoje não fosse suicida, mas que, pela falta de perspectiva, poderia evoluir para uma crise suicida. Penso que eles deveriam ser estimulados pelas autoridades sanitárias.

Como é o suicídio entre as populações indígenas?

As taxas de suicídios em populações indígenas são as mais altas em qualquer país do mundo, segundo estudos. Isso se explica com fatores sociológicos. Em geral populações indígenas são marginalizadas, pobres. Além disso, cada vez mais se identifica nessas populações indígenas o álcool como um fator desagregador, desestabilizador, causando conflitos e levando ao suicídio.

O álcool que havia em populações tradicionais indígenas brasileiras era o cauim, uma bebida de rituais, com baixo teor alcoólico; aí, de repente, eles pegam a cachaça, que tem um teor alcoólico altíssimo. E isso se agrava, pois as populações indígenas da América são de origem asiática, e é muito comum entre os asiáticos uma alteração genética que dificulta o metabolismo do álcool. Juntando todos os fatores, temos uma situação muito trágica numa população pequena de índios.

Pode-se falar de um luto diferente para os parentes de um suicida?

O luto de uma perda inesperada, sobretudo por uma forma inaceitável, é um luto mais complicado que o luto "normal". O suicídio sempre desperta nos que ficam no mínimo dois sentimentos: culpa e raiva. Isso causa um mal-estar tão grande que chega a ser um fator de risco de suicídio. São relativamente comuns suicídios em famílias em que um membro acaba de se suicidar.

Há um importante movimento internacional de sobreviventes, chamado Survivors, fundado por um casal americano que perdeu sua única filha pelo suicídio. Eles se aproximam de famílias em luto para conversar, compartilhar experiências. O resultado é o desenvolvimento de uma solidariedade intragrupal e o sentimento de solidariedade e responsabilidade pelos outros.

Entre 1980 e 2008 a taxa de suicídios de homens brasileiros quase dobrou. Quais são as possíveis explicações para isso?

Foi um aumento muito localizado, em jovens de 16 a 25 anos. O que vou dizer agora é mais uma impressão do que uma afirmação científica. Duas coisas que afetam particularmente esse grupo aconteceram nesse período: por um lado, houve uma explosão do número de usuários de drogas; por outro, houve a reforma psiquiátrica que fechou radicalmente o número de leitos psiquiátricos. Esses leitos foram fechados no momento em que o aumento dos usuários de drogas pedia um número maior. A sociedade nesse período também se tornou mais violenta. Na mesma época, houve aumento do número de homicídios, especialmente entre os jovens.

O que se sabe sobre as bases genéticas do suicídio?

Essa é uma área pobre de resultados. Eu, particularmente, acho muito improvável que alguém encontre o gene do suicídio. O que se sabe é que existem genes da violência. Nos indivíduos com alto risco de violência, isso pode se expressar como um suicídio dramático ou como um homicídio. Casos de pessoas que pegam uma arma, matam vários e depois se matam certamente envolvem pessoas extremamente violentas.

Uma grande dificuldade é que grande parte dos estudos genéticos é feito com gêmeos. Suicídio é um evento relativamente raro; encontrar gêmeos não é tão comum; e encontrar gêmeos nos quais um se matou e outro não é mais difícil ainda, o que torna as análises estatísticas muito pobres. O suicídio é uma coisa muito mais complexa do que pode ser expressada por um gene.

Como o sr. vê o direito ao suicídio?

Eu sou um pouco antiquado, acredito no juramento de Hipócrates, que diz que a tarefa principal do médico é preservar a vida. Claro que existem limites nos quais a preservação da vida não tem mais sentido. Filosoficamente, eu consigo entender alguém que, em plena posse de suas faculdades mentais, queira se matar; medicamente eu não tenho meios de justificar isso.

Vejo o direito ao suicídio com ressalvas, mas sempre fica a pergunta incômoda: quem sou eu para dizer a alguém aparentemente consciente dos seus atos e que quer se matar que ele não deveria fazer isso?

14/04/13, 09:49

Consumo de álcool é maior entre os mais pobres, mostra estudo

 [Imprimir](#)

 [compartilhar](#)

Texto: [A-](#) [A+](#)

Sete entre cada dez brasileiros que ganham menos de R\$ 1 mil por mês bebem de forma abusiva. O consumo, que já era bastante expressivo, aumentou muito nessa parcela da população nos últimos seis anos, segundo o Levantamento Nacional de Álcool, feito pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

“O fenômeno neutraliza benefícios da melhoria de renda e ajuda a perpetuar o ciclo de baixa qualidade de vida”, avalia o coordenador do trabalho, Ronaldo Laranjeira, da Unifesp.

O levantamento mostra que, quanto menor a renda, maior o consumo excessivo de álcool. Na classe E, 71% bebem de forma exagerada; na C o índice é de 60%, na B de 56% e na A de 45%. A lógica se repete quando se analisa o crescimento do consumo excessivo entre os diferentes grupos sociais. Quanto menor a renda, maior o aumento no período avaliado, de 2006 a 2012.

O estudo foi feito com base em dados de 4.607 pessoas com mais de 14 anos, coletados em 149 municípios.

Para homens, é considerado beber de forma abusiva o consumo de ao menos cinco doses de bebida em um período de duas horas. Entre mulheres, a relação é de quatro doses em duas horas. Uma dose equivale a uma lata de cerveja, uma taça de vinho ou uma dose de pinga.

Segundo Renato Meirelles, sócio-diretor do Instituto Data Popular, especializado em pesquisas de consumo nas classes C e D, a melhora do padrão de vida promove a diversificação de compras de produtos industrializados. E, assim, o álcool vem ganhando espaço.

O Data Popular observou dois movimentos que evidenciam a melhoria da renda, que se destacam no Nordeste: “Quem começa a ganhar mais dinheiro na classe C passa a comprar destilados como uísque e vodka, enquanto as classes D e E mudam da pinga para a cerveja”.

Meirelles relata as razões para o consumo ter se modificado. “Antes, a bebida era vinculada ao ‘esquecer da vida’; o consumo de álcool principalmente nas classes C e D era atrelado a uma espécie de fuga. O que a gente começa a encontrar hoje é o álcool associado aos momentos de lazer, entretenimento e celebração.”

Saúde pública. Para Laranjeira, o fenômeno trará problemas a curto e médio prazo. “Não tenho dúvida de que, dentro de alguns anos, esse aumento poderá ser visto nas

contas públicas.” Ele observa que as classes menos privilegiadas dependem essencialmente de serviços públicos de saúde. “O consumo excessivo de bebidas alcoólicas aumenta o risco de câncer e outras doenças. Isso acabará no SUS.”

L., de 61 anos, é um exemplo de quem teve de recorrer à rede pública. Em tratamento há dois anos e meio, ele conta que passou a beber quando era adolescente, mas foi aos 50 anos que percebeu que a situação estava fora de controle. “Começava às 8 horas e continuava ao longo do dia.”

L. faz artesanato em madeira com a mulher, mas a renda dos dois não chega a dois salários mínimos. “A falta de perspectivas financeiras piora a situação. Problemas com dinheiro me estimulam a beber”, diz.

Para o médico Vilmar Ezequiel dos Santos, gerente do Centro de Atenção Psicossocial (Caps) de Santana, é preciso compreender o consumo do álcool em cada uma das classes sociais. “A forma de consumir, o valor que se dá ao consumo e o desfecho do problema em cada uma das camadas da sociedade são diversos.” Embora tenha havido mudanças, Santos destaca que nas classes D e E o álcool é socialmente mais aceitável.

De acordo com o Ministério da Saúde, o Brasil tem 329 Caps, com capacidade para realizar 7,8 milhões de atendimentos ao ano. De 2011 para 2012, os procedimentos aumentaram 25,8%.

Laranjeira diz que os resultados do estudo evidenciam o quanto as pessoas mais pobres sofrem com a ausência de uma estratégia efetiva do governo para a prevenção do abuso de álcool. “Essa política é acovardada”, constata. “A única mensagem que ouvimos é a de não associar direção e bebida. Todos, incluindo o Ministério da Saúde, ficam cheios de dedos para colocar em prática ações mais agressivas.”

*

NENA

A luta é contínua. Hoje foi começada uma de suas inúmeras batalhas. Deve-se trabalhar para vencê-la. Fazer tudo que for necessário, sem contudo se desgastar indo além do limite a que se pode chegar. Seguir com calma e tranquilidade, firmeza e fé, perseverança e paciência, para, ao final, dizer com o coração cheio de alegria: ***“esta eu venci! Que venham as outras batalhas. Estarei em pé para encará-las. E, com a bênção do Pai, vencê-las uma a uma.”*** Seguir, ir em frente, não parar no meio do caminho, eis uma das condições de galgar os degraus da evolução a que todos estamos sujeitos. Prosseguir, sempre!

Irmão Lupércio (?? Não estou certa)

Evangelho no Lar - em 02/04/2013 - 21h50min.

*

Sejam puros em seus sentimentos amorosos que a luz resplandecerá em seus corações e irradiará em todas as direções, tocando e sensibilizando os mais ferrenhos corações. Suas orações encontrarão eco nos ouvidos dos empedernidos, mais dia, menos dia. E vocês que se dedicarem ao próximo receberão a grande recompensa do amor intenso e gratificante que o Pai tem por todos.

Saberão enxugar lágrimas ardentes, choros convulsivos vocês acalmarão com a serenidade e a paciência que usarem para interceder pelos aflitos. E, em vocês, as lágrimas serão de gratidão, de satisfação por terem cumprido da melhor forma um dos preceitos cristãos mais valiosos, que é a caridade. Caridade para com todos, indistintamente: amigos ou inimigos, conhecidos, parentes, ou não. Porque fluirá de seus corações energias que transformarão a humanidade. Portanto, é preciso continuar... persistir, insistir. Não parar jamais, porque haverá tempos em que só o Amor governará os corações!

.....

Evangelho no Lar - 16/04/2013 - 21h40min

*

DEUS

Passei tanto tempo Te procurando. Não sabia onde estavas.

Olhava para o infinito, não Te via. E pensava comigo mesmo, será que Tu existes?

Não me contentava na busca e prosseguia. Tentava Te encontrar nas religiões e nos Templos. Tu também não estavas.

Te busquei através dos sacerdotes e pastores. Também não Te encontrei.

Senti-me só, vazio, desesperado e descri. E na descrença Te ofendi. E na ofensa tropecei. E no tropeço caí. E na queda senti-me fraco. Fraco, procurei socorro. No socorro encontrei amigos. Nos amigos encontrei carinho. No carinho eu vi nascer o amor. Com amor eu vi um mundo novo. E no mundo novo resolvi viver. O que recebi, resolvi doar. Doando alguma coisa muito recebi. E em recebendo senti-me feliz. E ao ser feliz, encontrei a paz. E tendo a paz foi que enxerguei que dentro de mim é que Tu estavas. E sem procurar-Te, foi que Te encontrei.

Autor Desconhecido

Bélgica: Nobel para Medicina escolhe eutanásia aos 95 anos

BRUXELAS, 6 MAI (ANSA) - O bioquímico belga Christian de Duve, ganhador do Prêmio Nobel de Medicina em 1974, escolheu a eutanásia para morrer no último sábado, aos 95 anos. De Duve é a segunda personalidade belga a escolher a indução a morte, após o escritor Hugo Claus, em 2008. A Bélgica adotou uma lei que permite a eutanásia, sob certas condições, em 2002. "Seria demais dizer que a morte não me assusta, mas eu não tenho medo do que virá depois, porque eu não acredito. Quando eu desaparecer será para sempre, não sobrar nada", declarou de Duve em sua última entrevista com o jornal belga *Le Soir*, no dia 8 de abril. O cientista era obrigado a permanecer na cama por causa de uma doença e decidiu esperar até que o filho voltasse dos Estados Unidos para morrer. Durante o último mês de sua vida, de Duve escreveu para amigos e colegas para lhe dizer adeus. "Ele nos deixou com grande serenidade, se recusando a tomar calmantes antes da injeção letal. Ele foi embora dizendo adeus e sorrindo", disse a filha do cientista, Françoise. De Duve ganhou o Prêmio Nobel em 1974 junto com o seu colega belga Albert Claude e com o norte-americano George Palade, por ter descoberto a função do lisossomo. (ANSA) ZCC
06/05/2013 23:10

Agência da ONU defende consumo de insetos

[TNOline](#) [FolhaPress](#)

SÃO PAULO, SP, 13 de maio (Folhapress) - Relatório da FAO (agência da ONU de combate à fome) divulgado hoje, em Roma, afirma que os insetos são uma fonte de proteínas importante e têm um potencial inexplorado não só como alimento mas também como ração para gado. A criação é de baixo custo, ecológico e "delicioso", afirma.

De acordo com a agência, 2 bilhões de pessoas em culturas tradicionais já consomem mais de 1.900 espécies de insetos, sendo os mais utilizados os besouros, as lagartas, as abelhas, as vespas, as formigas, os grilos e os gafanhotos - que, por exemplo, têm mais conteúdo em ferro que a carne bovina.

Segundo o estudo, realizado em colaboração com a holandesa Universidade de Wageningen, os insetos são uma fonte facilmente acessível de alimentos **nutritivos** e ricos em proteínas que são facilmente encontrados nas florestas. O nicho gera empregos e renda em nível familiar, mas possui potencial em nível industrial.

São **necessários** 2 kg de ração para produzir 1 kg de insetos, enquanto o gado requer 8 kg de alimento para produzir 1 kg de carne, ainda conforme a FAO. A criação de insetos é simples, pois pode ser feita a partir de resíduos orgânicos, tais como restos de alimentos, e também a partir de compostos e estrume.

Os insetos também são ecológicos, argumenta a FAO. Eles usam muito menos água e produzem menos gases do efeito estufa do que o gado.

"Não estamos dizendo que as pessoas devam comer animais", afirma Eva Muller, diretora da Divisão de Economia, Políticas e **Produtos** Florestais da FAO, em comunicado.

"O que dizemos é que os insetos são só um dos recursos brindados pelas florestas, e que se encontra praticamente inexplorado seu potencial como alimento, e, sobretudo, como ração."

As leis da maioria dos países impedem algumas destas [práticas](#), sobretudo a alimentação dos animais com resíduos, estrume líquido e resíduos alimentícios, e, por isso, a FAO quer "pesquisar mais, especialmente no que diz respeito à criação de insetos aproveitando o vazamento de resíduos".

O restaurante dinamarquês Noma, por exemplo, apontado em uma pesquisa como o melhor do mundo por três anos consecutivos, é conhecido por oferecer pratos com ingredientes como formigas e gafanhotos.

*

4 de Maio de 2013•16h58

Justiça obriga todos os cartórios do país a realizar casamento gay

-
-

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) legalizou de fato nesta terça-feira o casamento entre homossexuais, ao qual se opõem diversas igrejas e grupos políticos conservadores que ainda podem contestar essa decisão perante o Supremo Tribunal Federal (STF).

No Brasil só se contemplava até agora a figura da "união estável" de pessoas do mesmo sexo, que em termos de direitos é equivalente a um casamento, mas seus membros são considerados "solteiros" e como tais têm limitações quanto a heranças e outras garantias reservadas aos casais heterossexuais.

A decisão do CNJ, adotada por 14 votos contra um, diz que, a partir da publicação desta resolução, os cartórios ficarão "obrigados" a transformar uma união estável em casamento se assim for solicitado, e que não poderão negar-se a casar homossexuais.

"Na prática, representa legalizar o casamento entre pessoas do mesmo sexo", disseram à Agência Efe fontes do STF.

As fontes explicaram que, "ao contrário do Uruguai e outros países que permitiram o casamento entre homossexuais mediante uma lei, no Brasil ocorre por uma ação do Poder Judiciário, perante o silêncio do legislador" sobre o tema.

Parte desse silêncio pode ser explicada pela pressão de igrejas e grupos conservadores com representantes na Câmara dos Deputados e no Senado, que bloquearam iniciativas nesse sentido e apresentaram projetos de lei, ainda em trâmite, que sugerem "reverter" e "curar" a homossexualidade por meio de polêmicos tratamentos psicológicos.

A união estável foi consagrada em maio de 2011 pelo STF, que a igualou em direitos ao casamento, justamente pela falta de legislação a respeito.

Segundo o CNJ, embora o Congresso não tenha se pronunciado, seria adequado "harmonizar" e "regulamentar" as resoluções que existem sobre o assunto, com base em

princípios constitucionais que rejeitam todo tipo de preconceitos e "igualam" todos os cidadãos perante a lei, independentemente de seu sexo.

O ministro Joaquim Barbosa, em sua condição de presidente do Supremo e do CNJ, considerou que "não faria sentido esperar que o Congresso legisle para dar efetividade a uma decisão judicial".

Segundo Barbosa, em sua decisão de 2011 o STF estabeleceu de uma maneira "muito clara que a expressão da sexualidade e do afeto homossexual não pode servir de fundamento para um tratamento discriminatório, que não encontra apoio na Constituição".

O CNJ, que supervisiona e regula a atuação da justiça do país, explicou em sua decisão que, se algum registro civil se negar a partir de agora a celebrar um casamento "gay", poderá ser denunciado perante esse organismo, que "tomará as medidas punitivas respectivas".

As fontes consultadas pela Efe disseram que esta decisão do CNJ também pode ser contestada perante o Supremo, mas lembraram que, quando a corte igualou a "união estável" ao casamento, fez isso mediante uma decisão unânime de seus 11 membros.

Segundo dados oficiais, desde essa decisão do Supremo de maio de 2011, em 13 dos 27 estados do país foram registradas 1.277 uniões estáveis de homossexuais, mas a falta de legislação a respeito levava muitos juízes a negar esse direito.

Agora, esses casais poderão exigir que a união estável seja transformada em um casamento sem transgredir nada.

Homossexuais famosos e movimentos gay celebraram imediatamente a decisão e concordaram que esta terça-feira "é um dia histórico" para o Brasil.

"Hoje é dia de festa! Se o Legislativo se nega a estender a cidadania plena a LGBTs, o Judiciário o faz por justiça e respeito à Constituição", escreveu no Twitter o deputado Jean Wyllys.

Através do Instagram se manifestou a jornalista Malu Verçosa, com quem a cantora Daniela Mercury admitiu há um mês que tem uma relação amorosa.

"O casamento civil é muito mais uma afirmação de liberdade e do respeito diante de uma sociedade tão machista e preconceituosa", escreveu Malu, que aproveitou para enviar uma mensagem à cantora: "Quer casar mais mil vezes comigo?".

Pouco tempo depois, Daniela usou seu perfil no Twitter para responder: "Hoje foi aprovado o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo e minha mulher me pediu em casamento de novo (...) Sim, meu amor! Quero casar com você todos os dias da minha vida. Te amo!".

*

156.1 – “Instinto de Conservação: as paixões e o vícios” – Explicação de Allan Kardec no livro “A Gênese”, Editora LAKE, SP, 17ª. edição, 1994, tradução de Victor Tollendal Pacheco, págs. 61 e seguintes:

Se estudarmos todas as paixões, e assim também todos os vícios, veremos que ambos têm seu princípio no instinto de conservação. Tal instinto existe com toda sua força nos animais e nos seres primitivos que se aproximam mais à animalidade; aí ele domina sózinho, porque em tais seres, ainda não há o contra-peso do senso moral; o ser ainda não nasceu na vida intelectual. Ao contrário, o instinto se enfraquece à medida que a inteligência se desenvolve, pois que a inteligência domina a matéria.

O destino do Espírito é a vida espiritual; porém, nas primeiras fases de sua existência corporal, apenas tem necessidades materiais a satisfazer, e com vistas a esta finalidade o exercício das paixões é uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos, ‘materialmente falando’. Entretanto, saindo desse período, tem outras necessidades; a princípio necessidades semimorais e semimateriais, e depois, exclusivamente morais. É então que o Espírito domina a matéria; se ele abafa o jugo da matéria, avança em sua estrada providencial, aproxima-se de seu destino final. Se, ao contrário, deixa dominar-se por ela, o Espírito se retarda, assemelhando-se ao bruto. Nesta situação, ‘o que outrora era um bem, porque era uma necessidade da natureza, torna-se um mal, não somente porque não é mais uma necessidade, mas porque tal se torna nocivo à espiritualização do ser’. De modo semelhante, o que é qualidade na criança torna-se defeito no adulto. Assim, o mal é relativo, e a responsabilidade é proporcional ao grau de progresso.

O Instinto e a Inteligência – Que diferença existe entre o instinto e a inteligência? Onde termina um e começa a outra? Será o instinto uma inteligência rudimentar, ou uma faculdade distinta, um atributo exclusivo da matéria?

O instinto é a força oculta que solicita os seres orgânicos à realização de atos espontâneos e involuntários, em vista à sua conservação. Nos atos instintivos, não há reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, gira em direção à luz, dirige suas raízes para a água e para a terra nutritiva; que a flor se abre e se fecha alternativamente, segundo sua necessidade; que as plantas trepadeiras se enrolam em torno de seu apoio, ou se enroscam com suas gavinhas. É pelo instinto que os animais são advertidos do que lhes é útil ou prejudicial; que, nas estações propícias, se movimentam em direção aos climas propícios; que, sem lições preliminares, constroem, com mais ou menos arte, segundo as espécies, acomodações macias e abrigos para sua descendência, ou armadilhas para prender a presa de que se nutrem; que manejam com habilidade as armas ofensivas e defensivas de que são providos; que os sexos se aproximam; que a mãe incuba seus filhotes e que estes procuram o seio materno. Quanto ao homem, o instinto domina com exclusividade no começo da vida; é pelo instinto que o infante faz seus primeiros movimentos, que agarra seu sustento, que chora para exprimir suas necessidades, que imita o som da voz, que ensaia a fala e o andar. Mesmo no adulto, certos atos são instintivos: os movimentos espontâneos para evitar um perigo, para se livrar de um desastre, para manter o equilíbrio; tais são ainda o piscar das pálpebras para diminuir o brilho da luz, a abertura maquinal da boca para respirar, etc.

‘A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, segundo a oportunidade das circunstâncias’. Incontestavelmente, isto é um atributo exclusivo da alma. ‘Todo ato maquinal é instintivo; o que denota reflexão, combinação, uma deliberação, é intelectivo; um é livre e o outro não o é’. O instinto é um guia seguro, que jamais se engana; a inteligência, pelo fato de ser livre, é por vezes sujeita a erro. Se o ato instintivo não tem o caráter do ato inteligente, não obstante revela uma ‘causa inteligente’, essencialmente previsora. Admitindo que o instinto tem sua fonte na matéria será preciso admitir que a matéria é inteligente, e, mesmo, mais seguramente inteligente e providente que a alma, eis que o instinto não se engana jamais, ao passo que a inteligência se engana. Se considerarmos o instinto como uma inteligência rudimentar, como é que assim poderá ser, quando, em certos casos, ele se demonstra superior à inteligência racional? Como é que proporciona a possibilidade de executar coisa que a razão não pode produzir? Se ele é o atributo de um princípio espiritual especial, o que é feito deste princípio depois que o instinto se apaga? Esse princípio seria pois anulado? Se os animais apenas são dotados de instinto, seu futuro não tem saída; seus sofrimentos não teriam nenhuma compensação. Tal não seria conforme à justiça e à bondade de Deus.

Segundo um outro sistema, o instinto e a inteligência teriam um único e mesmo princípio; chegado a um certo grau de desenvolvimento este princípio, que começaria apenas com as qualidades do instinto, sofreria uma transformação que lhe conferiria as qualidades da inteligência livre. Sendo assim, no homem inteligente que perde a razão, e apenas é guiado pelo instinto, a inteligência voltaria ao seu estado primitivo; e, desde que recupere a razão, o instinto voltaria a ser inteligência, e assim alternativamente em cada acesso, o que não é admissível. Além disso, a inteligência e o instinto se apresentam freqüentemente ao mesmo tempo, no mesmo ato. Com o andar, por exemplo, as pernas se movem de modo instintivo; o homem coloca um pé adiante do outro, maquinalmente, sem nada considerar; porém, quando quer diminuir ou acelerar sua marcha, erguer o pé ou desviar-se para evitar um obstáculo, aí há cálculo, combinação; ele age de modo deliberado. ‘O impulsionamento involuntário do movimento é o ato instintivo; a direção calculada do movimento é o ato inteligente’. O animal carniceiro é impelido pelo

instinto a nutrir-se de carne; porém, as precauções que ele toma, as quais variam segundo as circunstâncias, a fim de agarrar sua presa, sua previsão com relação às eventualidades, são atos de inteligência.

(...) Todas essas maneiras (e outras) de considerar o instinto são necessariamente hipotéticas, e nenhuma delas tem um caráter suficiente de autenticidade para ser dada como solução definitiva. A questão será certamente resolvida algum dia, quando se houver reunido os elementos de observação que agora ainda faltam; até então, é preciso que nos limitemos a apresentar as opiniões diversas ao cadinho da razão e da lógica e aguardar que se faça a luz; a solução que mais se aproximar da verdade será necessariamente aquela que melhor corresponda aos atributos de Deus, isto é, à sua soberana bondade e à sua soberana justiça.

O instinto é um guia seguro, sempre bom; num certo tempo, pode tornar-se inútil, porém jamais nocivo; enfraquece pela predominância da inteligência. As paixões, nas primeiras idades da alma, têm isso de comum com o instinto, que os seres são por elas solicitados, por uma força igualmente inconsciente. Elas nascem mais particularmente das necessidades do corpo, e mais que o instinto, se prendem ao organismo. O que as distingue do instinto, sobretudo, é que são individuais e não produzem efeitos gerais e uniformes, como este; ao contrário, vemos que elas variam de intensidade e de natureza, conforme os indivíduos. Elas são úteis, como estimulantes, até que se dê a eclosão do senso moral, o qual, de um ente passivo, faz um ser razoável; nesse momento, elas se tornam não só inúteis, mas também prejudiciais ao progresso do Espírito de quem retardam a desmaterialização; elas se enfraquecem com o desenvolvimento da razão.

O homem que não agisse senão pelo instinto, de modo constante, poderia ser bom, mas deixaria dormir sua inteligência; seria como o menino que não abandonasse as andadeiras e não saberia servir-se de seus membros. Aquele que não domina suas paixões pode ser muito inteligente, mas, ao mesmo tempo, poderá ser muito mau. 'O instinto se aniquila por si mesmo; as paixões não são domadas senão pelo esforço da vontade'.

*

PEDAGOGIA ESPÍRITA

156.2 - “Egoísmo e Orgulho (Instinto de Conservação): Causas, Efeitos e Meios de Destruí-los” – Explicação de Allan Kardec no livro Obras Póstumas, Ed. LAKE, SP., tradução de João Teixeira de Paula, introdução de José Herculanô Pires, 11^a. edição, págs. 173-178:

O Orgulho e o Egoísmo têm origem num sentimento natural: o Instinto de Conservação - É fato reconhecido que a maior parte das misérias da vida tem origem no egoísmo dos homens. Desde que cada um só pensa em si sem pensar nos outros e ainda só quer a satisfação dos próprios desejos, é natural que a procure a todo preço, sacrificando embora os interesses de outrem, quer nas pequenas, quer nas maiores coisas, tanto na ordem moral, como na material. Daí todo o antagonismo social, todas as lutas, conflitos e misérias, visto como cada um quer pôr o pé adiante dos outros.

O egoísmo tem origem no orgulho. A exaltação da personalidade arrasta o homem a considerar-se acima dos demais. Julgando-se com direitos preferenciais, molesta-se por tudo o que, em seu entender, o prejudica. A importância que, por orgulho, se atribui, o torna naturalmente egoísta.

O egoísmo e o orgulho têm origem num sentimento natural: o instinto de conservação. Todos os instintos têm razão de ser e utilidade, pois que Deus não faz coisa inútil. Deus não criou o mal; é o homem que o produz por abuso dos dons divinos, em virtude do livre arbítrio. Este sentimento contido em justos limites é bom em si; a sua exageração é que o torna mau e pernicioso. O mesmo acontece às paixões, que o homem desvia do seu fim providencial. Deus não criou o homem egoísta e orgulhoso, mas simples e ignorante; foi o homem que, ao malversar o instinto, que Deus lhe deu para a própria conservação, se tornou egoísta e orgulhoso.

A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e deveres sociais - Os homens não podem ser felizes enquanto não viverem em paz, isto é, enquanto não forem animados pelos sentimentos de benevolência, indulgência e condescendência recíprocas e enquanto procurarem esmagar uns aos outros. A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e deveres sociais, mas reclamam abnegação. Ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e o orgulho; logo, com estes vícios não pode haver verdadeira fraternidade, e, em consequência, igualdade e liberdade; porque o egoísta e o orgulhoso tudo querem para si. Serão sempre eles os vermes roedores de todas as instituições progressistas, e, enquanto reinarem, os mais generosos sistemas sociais, os mais sabiamente combinados, cairão aos golpes deles.

Faz gosto ver proclamar o reino da fraternidade; mas de que serve, se vai de par com uma causa de destruição? É construir na areia; o mesmo fora decretar a saúde numa região malsã. Em tal região, para que os homens passem bem, não bastará se mandem médicos, pois que estes morrerão como os outros; é preciso mandar os meios de estudar as causas de insalubridade. Se quiserdes que os homens vivam como irmãos, na Terra, não basta dar-lhes lições de moral; é preciso destruir a causa do antagonismo existente e atacar a origem do mal: o orgulho e o egoísmo. É aquela a chaga que deve merecer toda a atenção daqueles que desejam seriamente o bem da humanidade. Enquanto subsistir aquele obstáculo estarão paralisados os seus esforços, não só pela resistência da inércia, como por uma força ativa, que trabalhará incessantemente para destruir o trabalho; porque toda idéia grande, generosa e emancipadora, arruina as pretensões pessoais.

Destruir o egoísmo e o orgulho é impossível, direis, porque esses vícios são inerentes à espécie humana. Se assim fosse, impossível seria o progresso moral, ao passo que, quando considerarmos o homem em diversas épocas, reconhecemos à evidência um progresso incontestável; logo, se temos sempre progredido, em progresso continuaremos. Demais, não haverá, por ventura, algum homem limpo de orgulho e de egoísmo? Não há exemplos de uma pessoa dotada de natureza generosa, em quem o sentimento do amor ao próximo, da humildade, do devotamento e da abnegação, parece inato? O número é inferior ao dos egoístas, bem o sabemos, e se assim não fora, estes não fariam a lei; mas não é tão reduzido, como pensam, e se parece menor é porque a virtude, sempre modesta, se oculta na sombra, ao passo que o orgulho se põe em evidência. Se, pois, o egoísmo e o orgulho fossem condições de vida, como a nutrição, então, sim, não haveria exceção.

Destruir as causas produtoras do mal - O essencial, portanto, é fazer que a exceção passe a ser regra e para isso incumbe destruir as causas produtoras do mal. A principal é, evidentemente, a falsa idéia que faz o homem da sua natureza, do seu passado e do seu futuro. Não sabe donde vem; julga-se mais do que é; não sabendo para onde vai, concentra todos os pensamentos na vida terrestre. Deseja viver o mais agradavelmente possível, procurando a realização de todas as satisfações, de todos os gozos. É por isso que investe contra o vizinho, se este lhe opõe obstáculo; então entende dever dominar, porque a igualdade daria aos outros o direito que ele quer só para si, a fraternidade lhe imporá sacrifícios em detrimento do próprio bem-estar, e a liberdade, deseja-a só para si, não concedendo a outrem senão o que não fira as suas prerrogativas. Se todos têm essas pretensões, hão de surgir perpétuos conflitos, que farão comprar

bem caro o pouco gozo que conseguem fruir.

Identifique-se o homem com a vida futura e a sua perspectiva mudará inteiramente, como acontece a quem sabe que pouco tempo deve estar em ruim pouso e que dele saindo alcançará um excelente para o resto da vida. A importância da presente vida, tão triste, tão curta e efêmera, desaparece diante do esplendor da vida futura infinita, que se abre à frente. A consequência natural e lógica desta certeza é o sacrifício voluntário do presente fugidio a um futuro sem fim, ao passo que antes tudo era sacrificado ao presente. Desde que a vida futura se torna o fim, que importa gozar mais ou menos nesta? Os interesses mundanos são acessórios, em vez de principais. Trabalha-se no presente, a fim de assegurar-se uma boa posição no futuro, sabendo quais as condições para alcançá-la.

Pelo que toca aos interesses terrenos, podem os humanos criar-lhes obstáculos: ele tem que os afastar e se torna egoísta pela força mesma das coisas. Se, porém, erguerem os olhos para onde a felicidade não pode ser perturbada por ninguém, nenhum interesse alheio precisa de ser delgado e, consequentemente, não há razão de ser para o egoísmo, embora subsista o estimulante do orgulho.

O incrédulo só crê em si, sendo natural que tenha orgulho e egoísmo - A causa do orgulho está na crença que o homem tem da sua superioridade individual; e, ainda aqui, se faz sentir a influência da concentração do pensamento nas coisas da vida terrestre. O sentimento de personalidade arrasta o homem que nada vê diante de si, atrás de si ou acima de si; então o seu orgulho não conhece medidas. A incredulidade, além de não ter meio para combater o orgulho, estimula-o e dá-lhe razão, pelo fato de negar a existência de um poder superior à humanidade. O incrédulo só crê em si; e, portanto, é natural que tenha orgulho, não vendo nos contratempos que se oferecem senão obra do acaso; ao passo que o crente vê a mão do Senhor naqueles contratempos e curva-se submisso, enquanto o outro se revolta.

Crer em Deus, na preexistência da alma, na reencarnação e na vida futura são condições indispensáveis para quebrar o orgulho e o egoísmo - Crer em Deus e na vida futura é pois a principal condição para quebrar o orgulho; mas não é a única. Conjuntamente com o futuro é preciso ter em vista o passado, para poder fazer justa idéia do presente. Para que o orgulhoso cesse de crer em sua superioridade é preciso provar-lhe que ele não é mais que os outros e que todos lhe são iguais, que a igualdade é um fato e não uma teoria filosófica. São verdades que derivam da preexistência da alma e da reencarnação.

Sem a preexistência da alma, o homem, que crê em Deus, é levado a acreditar que Deus lhe conferiu excepcionais vantagens; e o que não crê, rende graças ao acaso e ao seu próprio mérito. Iniciando-o na vida anterior da alma, a preexistência lhe ensina a distinguir, da vida corporal, transitória, a vida espiritual, infinita. Ele chega por aí a compreender que as almas saem iguais das mãos do Criador, têm o mesmo ponto de partida e a mesma finalidade, que todos atingirão em mais ou menos tempo, segundo os esforços empregados; que ele próprio não chegou ao ponto em que se acha senão depois de ter longa e penosamente vegetado como os outros, nos planos inferiores; que não há entre os mais e os menos adiantados senão questão de tempo; que as vantagens do nascimento são puramente corporais e não afetam o Espírito; que o proletário pode, noutra existência, nascer em trono e o mais poderoso vir como proletário.

O princípio de Igualdade tem o caráter de um princípio de Justiça e de Lei Natural - Se ele considerar somente a vida corporal, vê as desigualdades sociais e não as pode explicar; mas se lançar a vista para o prolongamento da vida espiritual, para o passado e o futuro, desde o ponto de partida até o terminal, todas aquelas desigualdades se lhe desfazem perante os olhos e reconhecerá que Deus não deu a nenhum de seus filhos vantagens que negasse a outros; que fez a partilha com a mais rigorosa igualdade, não preparando o caminho melhor para uns do que para outros; que o mais atrasado de hoje, dedicando-se à obra do seu aperfeiçoamento, pode ser amanhã mais adiantado; enfim, reconhece que, não se elevando ninguém a não ser pelos esforços pessoais, o princípio da 'igualdade' tem o caráter de um princípio de justiça e de lei natural, diante das quais não prevalece o orgulho dos privilégios.

A Reencarnação e o véu sobre o passado - A reencarnação, provando que os Espíritos podem renascer em diferentes condições sociais, quer como expiação, quer como prova, faz-nos saber que muitas vezes tratamos desdenhosamente uma pessoa que foi, noutra existência, nosso superior ou igual, amigo ou parente. Se o soubéssemos, tratá-lo-íamos com atenção, mas neste caso não haveria nenhum mérito; e se soubéssemos que o amigo de hoje fôra antes um inimigo, um servo, um escravo, não o repeliríamos? Deus não quis que fôsse assim e por isso lançou um véu sobre o passado para que em todos víssemos irmãos e iguais, como é mister para estabelecer-se a 'fraternidade'; sabendo que poderemos ser tratados como houvermos tratado os outros, firmaremos o princípio de 'caridade' como dever e necessidade, fundados nas leis da natureza.

Ao Espiritismo ficou reservada a terceira manifestação da vontade de Deus - Jesus estabeleceu os princípios da caridade, da igualdade e da fraternidade, dos quais fez condições indispensáveis para a salvação; mas ao Espiritismo ficou reservada a terceira manifestação da vontade de Deus, pelo conhecimento da vida espiritual, pelos horizontes novos que descortina e pelas leis que revela, como sanção daqueles princípios, provando que não é somente uma doutrina moral, mas uma lei natural,

que está no interesse dos homens cultivar e praticar. Ora, eles hão-de praticá-la desde que deixem de ver no 'presente' o princípio e o fim e desde que compreendam a 'solidariedade que existe entre o presente, o passado e o futuro'.

No infinito campo que o Espiritismo lhes põe aos olhos, a sua importância pessoal anula-se, porque compreendem que os homens, sós, nada valem e nada podem, que todos precisamos uns dos outros, não sendo nenhum mais que outro; duplo golpe desferido contra o orgulho e o egoísmo.

O Espiritismo e a Fé Raciocinada - Para isso, porém, é preciso terem fé, sem a qual ficarão detidos dentro do círculo do presente, mas não a fé cega, que foge da luz, que acanha as idéias e portanto alimenta o egoísmo; mas sim a fé inteligente, racional, que pede a luz e não as trevas, que rasga, ousadamente, o véu dos mistérios e alarga os horizontes. Essa fé, elemento essencial de todo progresso, é a que o Espiritismo proclama: fé robusta, porque se firma na experiência e nos fatos, dá as provas palpáveis da imortalidade da alma e nos ensina donde ela vem, para onde vai e porque está na Terra e, finalmente, fixa as nossas idéias a respeito do futuro.

Uma vez encaminhados por esta larga via, não daremos mais ao orgulho e ao egoísmo o pasto, que os alimenta, resultando daí o seu aniquilamento progressivo e a modificação de todos os laços sociais pela caridade e pela fraternidade bem compreendidas. Poderá isso dar-se por efeito de brusca mudança? Não, isso é impossível, pois nada vai de um salto em a Natureza; a saúde não volta subitamente; e entre a moléstia e a cura, há sempre a convalescença. O homem não pode instantaneamente mudar de sentimentos e elevar os olhos da terra ao céu; o Infinito deslumbra-o e confunde-o; precisa de tempo para assimilar as novas idéias.

O Espiritismo é, sem contestação, o elemento mais potente de moralização, porque mina pela base os fundamentos do egoísmo e do orgulho, dando sólido fundamento à moral. Há feito milagres de conversão; não são ainda, é certo, senão curas individuais, e, quase sempre, parciais; mas o que ele produz nos indivíduos é prenúncio do que produzirá um dia nas massas populares. Não pode, de uma vez, arrancar toda a erva daninha; mas dá a fé, que é boa semente e que não precisa senão de tempo para germinar e frutificar. Eis porque ainda não são todos perfeitos. Ele encontrou o homem no meio da vida, no ardor das paixões, na força dos preconceitos, e se em tais condições tem operado prodígios, como não operará quando o tomar no berço, virgem de todas as impressões malélicas, quando lhe der, com o leite, a caridade, e o acalantar com a fraternidade, quando, enfim, uma geração inteira vier alimentada por idéias que a razão fortalecerá em vez de debilitar? Sob o império dessas idéias, que serão mandamentos de fé racional para todos, o progresso, limpando a estrada de egoísmo e orgulho, penetrará nas instituições que se reformarão a si mesmas, e a humanidade caminhará rapidamente para os destinos que lhe são prometidos na Terra, enquanto não chega a hora de alcançar o Céu.

*

CORPUS CHRISTI

Como começou a comemoração de Corpus Christi pelos católicos?

Segundo narração católica, uma garota chamada Juliana que nasceu em Liège em 1192, interna de um convento das agostinianas em Mont Cornillon, aos 17 anos começou a ter '**visões**'. O Papa Urbano recebeu o segredo das visões. Uma das visões retratava um disco lunar dentro do qual havia uma parte escura. Isto **foi interpretado** como sendo uma ausência de uma festa eucarística no calendário litúrgico para agradecer o sacramento da Eucaristia. Então, Corpus Christi tornou-se um feriado católico cuja finalidade é para agradecer a presença "real" de Jesus Cristo no sacramento da Eucaristia. A hóstia, acreditam eles, ser o próprio corpo do Cristo (Corpus Christi em latim), e o vinho o sangue.

Mas, o que é Eucaristia?

É um ritual que reproduz a última ceia, onde Jesus disse: "**Este é o meu corpo . . . isto é o meu sangue . . . fazei isto em memória de mim**", com o intenção de promover a comunhão (comum-união) entre os católicos e Jesus. Tal ritual acontece durante as missas quando o padre distribui a hóstia e toma um gole de vinho.

Onde começou a procissão de Corpus Christi com as ruas enfeitadas?

Os protestantes da Reforma de Lutero negavam a presença real de Cristo na Eucaristia. Por isso, o catolicismo fortaleceu o decreto da instituição da Festa de Corpus Christi, obrigando o clero a realizar a Procissão Eucarística nas ruas das cidades, como manifestação pública da fé na presença real de Cristo na Eucaristia. Tornou-se, então, uma disputa entre católicos e protestantes, esquecendo assim o verdadeiro sentido do cristianismo. Por isso, vemos os católicos enfeitarem as ruas nesta data.

E PARA OS ESPÍRITAS...

E para os espíritas, o que significa a frase: "**Este é o meu corpo . . . isto é o meu sangue . . . fazei isto em memória de mim**"?

Jesus, na última refeição que fez com os apóstolos, tomou de um pão, deu graças e repartiu entre eles, dizendo ser (simbolicamente) o "seu corpo" (o corpo da sua doutrina: o pão espiritual) oferecido para eles. Da mesma maneira Jesus fez com o cálice de vinho, dizendo ser (simbolicamente) seu sangue (o sacrifício a que Ele se submeteria para beneficiá-los). E pediu: "**façam isto em memória de mim.**"

Para nós espíritas, Jesus pediu para que os apóstolos (do cristianismo), em qualquer época, de qualquer religião, compartilhassem uns com os outros o pão de sua doutrina que é o pão espiritual: **O AMOR**, ou melhor, o pão de cada dia, seja ele o pão de trigo, o pão do espírito, o pão da dor ou da alegria. Enfim, que doassem e se doassem, com sacrifício, derramando sangue, se preciso fosse, assim como Ele fez por nós. Ele fez este pedido porque sabia que sua doutrina (o cristianismo) não seria de fácil aceitação, por isso concluiu nesta mesma ceia: "**se me perseguiram, também perseguirão a vós outros.**" Tanto que seus apóstolos foram perseguidos e mortos barbaramente. Exemplo: Pedro foi crucificado de cabeça para baixo; os cristãos novos morreram nas arenas comidos por leões. E Jesus conclui pedindo que fizessem isto **em memória Dele**, ou seja, para que Seus ensinamentos não ficassem esquecidos.

O que podemos fazer para que os ensinamentos cristãos não fiquem esquecidos?

Ressuscitando Jesus em nossas atitudes e palavras e não apenas reproduzindo Seus gestos e palavras. Afinal, foi Ele que nos ensinou que: **"A fé sem obras (úteis) é morta."**

*

VINHA DE LUZ – EMMANUEL

45 - NECESSIDADE ESSENCIAL

"Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça." - Jesus. (LUCAS, 22:32.)

Justo destacar que Jesus, ciente de que Simão permanecia num mundo em que imperam as vantagens de caráter material, não intercedesse, junto ao Pai, a fim de que lhe não faltassem recursos físicos, tais como a satisfação do corpo, a remuneração substancial ou a consideração social.

Declara o Mestre haver pedido ao Supremo Senhor para que em Pedro não se enfraqueça o dom da fé.

Salientou, assim, o Cristo, a necessidade essencial da criatura humana, no que se refere à confiança em Deus, num círculo de lutas onde todos os benefícios visíveis estão sujeitos à transformação e à morte.

Testemunhava que, de todas as realizações sublimes do homem atual, a fé viva e ativa é das mais difíceis de serem consolidadas.

Reconhecia que a segurança espiritual dos companheiros terrestres não é obra de alguns dias, porque pequeninos acontecimentos podem interrompê-la, feri-la, adiá-la. A ingratidão de um amigo, um gesto impensado, a incompreensão de alguém, uma insignificante dificuldade, podem prejudicar-lhe o desenvolvimento.

Em plena oficina humana, portanto, é imprescindível reconheças a transitoriedade de todos os bens transferíveis que te cercam. Mobiliza-os sempre, atendendo aos superiores desígnios da fraternidade que nos ensinam a amar-nos uns aos outros com fidelidade e devotamento.

Convence-te, porém, de que a fé viva na vitória final do espírito eterno é o óleo divino que nos sustenta a luz interior para a divina ascensão.

*

31 DE MAIO: DIA MUNDIAL SEM TABACO

Em apoio ao dia mundial sem tabaco comemorado no próximo dia 31, a Secretaria de Saúde propõe aos fumantes um dia sem fumo e anuncia a instalação de um Centro do Controle de Tabagismo.

O fumo é uma das principais causas de morte em todo mundo e, diante disso, a secretaria de Saúde, de Cruzeiro, em apoio ao dia mundial sem tabaco, que acontece no dia 31 de Maio, alerta sobre os males ocasionados aos fumantes. Além disso, o município ressalta que tem trabalhado de forma efetiva para auxiliar esses dependentes.

Segundo dados da OMS, o tabagismo é a 2ª causa de morte no mundo. O total de óbitos devido ao uso do tabaco é de 4,9 milhões de mortes anuais, o que corresponde a mais de 10 mil mortes por dia.

Em vista desses altos índices, a Secretaria tem se estruturado para atender as pessoas que possuem o vício. Para isso, uma equipe foi capacitada pelo Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas (CRATOD) de São Paulo para implementar, até o fim do ano, um Centro do Controle de Tabagismo no município. Profissionais da área de saúde, como técnicos em enfermagem, enfermeiros, psicólogos e farmacêuticos, participaram de dois dias de curso. O intuito do projeto é ajudar fumantes que tem vontade de parar de fumar, mas que por motivos diversos, não conseguem.

O cigarro pode ocasionar doenças como câncer de pulmão, boca, laringe, faringe, esôfago, pâncreas, bexiga, rins, colo de útero; leucemia mieloide; doenças coronarianas; hipertensão arterial e AVC. A fumaça contém mais de 4.700 substâncias tóxicas.

Convite – Em apoio à luta contra o tabagismo, a secretaria de saúde convida os fumantes a ficarem sem fumar. Para que a vontade de fumar passe é recomendado que durante o período de abstinência, os usuários pratiquem exercícios ou ingeriram água ou limonada sem açúcar.

*

OS DOZE PASSOS E OS NARCÓTICOS ANÔNIMOS, FUMANTES ANÔNIMOS, JOGADORES ANÔNIMOS, VICIADOS EM SEXO ANÔNIMOS, VICIADOS EM TRABALHO ANÔNIMOS, ETC...

Um dos primeiros membros da equipe [da igreja *The Willow Creek Community Church of South Barrington* [tida nos Estados Unidos como a “igreja padrão” para o século XXI] com quem falei, ele, orgulhosamente, dirigiu-se a mim e me disse que mais de 500 pessoas reuniam-se na igreja toda semana em vários grupos de autoajuda, tais como Emocionais Anônimos, Jogadores Anônimos, Narcóticos Anônimos, Fumantes Anônimos, Glutões Anônimos, Viciados em Sexo Anônimos, Viciados em Trabalho Anônimos, etc. Nas minhas investigações, descobri que tais programas não eram realmente da própria igreja. Embora muitos membros dela estivessem envolvidos e participando ativamente dos programas, os encontros estavam sendo dirigidos sob a égide e o absoluto controle dos princípios éticos, passos e política de organizações de fora da igreja. Um dos requerimentos indispensáveis de todas essas organizações é que as pessoas não poderiam evangelizar ou ensinar aos frequentadores sobre o Deus pregado naquela igreja.

*

565) – QUERO DESENHAR, PRECISO DESENHAR, MAS NÃO ME DEIXAM!

Quero desenhar, preciso desenhar, mas não me deixam! Sinto falta de meus desenhos. Por que não posso desenhar? Me digam por que, se é só o que sei e gosto de fazer. Por que me tiraram esse prazer? Vocês sabem que o desenho é tudo para mim? Por favor, me permitam desenhar. Não sou nada sem meus papéis, sem minhas canetas (?). Já faz muito tempo que não desenho, será que ainda sei? Será que ainda consigo expressar os meus sentimentos, as minhas ideias, meus desenhos, pois não me deixam desenhar há séculos. Preciso de minha arte, é minha essência. Quero poder voltar a desenhar; meus desenhos são minha vida.

Espírito: não identificado. Médiun: Fabiana. Liceu Allan Kardec. Buri, 25/Maio/2013.

*

566) – A QUEM MAIS É DADO MAIS SERÁ COBRADO!

Deus, obrigado por estarmos juntos novamente, nesta comunhão de pensamentos, entre irmãos interessados em aprender sempre!

Esses momentos tão sublimes em nossas vidas farão, futuramente, a nossa grande alegria.

Alegria, sim! Porque poderemos vislumbrar que durante o tempo que ficamos envolvidos no bem evitamos muitas quedas no mal; e assim evitamos retardar ainda mais nosso desenvolvimento moral que tanto nos causa dor quando não é dirigido da melhor forma.

Graças a Deus somos portadores de muita luz a transmitir aos nossos irmãos necessitados de bênçãos e sedentos de saber.

Com tudo isso nossa responsabilidade ainda cresce sempre, pois a quem mais é dado mais será cobrado; pois a partir do momento que temos a chave do caminho devemos abrir a todos que queiram ou não seguir-nos.

Que as bênçãos de Jesus estejam sempre, sempre, com todos presentes e ausentes desta casa de trabalhos, e que sejam sempre bem vindos aos ensinamentos tão indispensáveis.

Joaquim.

Espírito: Joaquim. Médiun: João Bueno. Liceu Allan Kardec. Buri, 25/Maio/2013.

*

059) ORAÇÃO E AÇÃO!

Meus queridos e bons irmãos, boa noite!

Oremos agora, amanhã e sempre. Oremos sim, fervorosamente e que essa oração saia do fundo do nosso coração, robustecida com amor, com humildade, com desejo de ajudar. Que essa oração não seja simplesmente aquela que fazemos escondidos no altar do nosso quarto, escondidos entre quatro paredes.

Essa oração tem que ser sincera e que busque sair em forma de ação. Pois oração sem ação não tem valor. É como o engenheiro arquiteto que planeja sua construção, fazendo a planta no papel e fazendo o cálculo de que qualidade de material será usada na feitura de sua construção e, que, simplesmente fica apenas no papel. Se não tentar fazer sua casa, nunca poderá saber se ela será sólida ou não. Se cairá ou não. Mas, se ele chegar construí-la e esta cair, não importa. Ele tirará daí uma grande lição, ou lições: saberá onde errou e onde deverá corrigir, ou se não serve para ser engenheiro.

Assim somos nós. Vamos fazer de nossa oração, ação. Nem que caiamos. Só assim saberemos se estamos firmes, fortes e maduros para ela. E recomeçaremos tudo novamente, procurando não errar mais naquele ponto. E, assim, de ponto em ponto, façamos da oração nossa tarefa, nossa ação para o progresso espiritual, moral e material de nossos semelhantes, que esperam de nós, como o povo espera do engenheiro: que o cálculo saia do papel e se transforme em obras. Boa noite. Eliana.

(Espírito: Eliana. Médiun: Domitila. Liceu Allan Kardec. – Buri, 07/12/2001).

*

16h36, 08 de Junho de 2013

O que os roqueiros pensam da legalização da maconha

Reprodução/Completelyblits



O que os roqueiros pensam da legalização da maconha

Neste sábado, 8 de junho, acontece em São Paulo mais um edição da Marcha da Maconha. O evento político que passou por 28 cidades do país desde o início de maio chega à capital paulista com presença anunciada de artistas, intelectuais e demais personalidades, acumulando mais de 10 mil pessoas confirmadas via Facebook.

Mas para além do engajamento digital, o movimento social e suas bandeiras de liberdade individual, fim do narcotráfico, despenalização do consumo e plantio, entre outras, em diversos momentos de sua história teve estreita relação com as artes, a música, até chegar ao rock nacional, onde desde os primórdios do 'gênero' costuma encontrar abrigo ainda que em forma de um simples 'baseadinho'.

Para saber mais sobre essa relação do rock com a maconha, fomos até alguns roqueiros brazucas a fim de descobrir o que pensam sobre a descriminalização e legalização da erva no país. Leia abaixo:

Fê Lemos (Capital Inicial)

"As drogas deveriam ser legalizadas, já que a criminalização só trouxe toda essa violência, esse caos, corrupção, esse desespero que a gente vê na sociedade. Eu não vejo outra saída a não ser a gente acabar com a hipocrisia e olhar de frente para a questão. Existe um mercado consumidor e as pessoas dão um jeito. Do jeito que está, tá provado que não tem jeito de continuar".

Dinho Ouro Preto (Capital Inicial)

"Você tem uma guerra às drogas declarada pelos Estados Unidos há mais de 30 anos, gastou-se dezenas de bilhões com isso - na 'Prison Song', do System of a Down, fala exatamente quais são os números, são inacreditáveis. O fato é que a guerra já está perdida, vivemos uma situação parecida com a proibição do álcool nos EUA nos anos 20, onde a proibição acabou gerando a criminalidade.

Mas é curioso que no Brasil a discussão acaba se pautando se a maconha é mais nociva que o álcool, ou se o cigarro é pior que a cocaína, e na minha visão a discussão é outra. O problema é se o Estado tem ou não o direito de se meter na vida de um adulto. Eu sou adulto, e se não estou fazendo mal a ninguém, assaltando, matando, o Estado não tem nada a ver com o que faço. Aqui as pessoas consideram uma questão de saúde pública, mas é sobre o direito do Estado sobre a vida de um adulto que devemos falar. Então eu sou a favor da legalização de todas as drogas. E que o Estado as venda".

Chuck Hipólitho (Vespas Mandarinas)

"Acho que seria bom [a legalização], mas acho que ainda não estamos prontos, infelizmente. Acho importante trazer isso à discussão. É importante encarar drogas em geral, incluindo álcool e cigarro, como uma questão de saúde pública e não criminal quando se fala em usuários. Vejo o consumo de álcool no Brasil de uma maneira muito mais agressiva e prejudicial à sociedade do que o consumo de maconha, por exemplo. Mas maconha não é cocaína, e crack não é cigarro. Infelizmente vivemos em um país que remedia mais do que previne porque isso dá mais dinheiro ilegal e abre brechas para a corrupção - todos perdemos como isso, usuários ou não. Existe mais preconceito e interesses obscuros do que informação das partes que se recusam a discutir tudo isso.

A legalização da maconha aumentaria muito a qualidade do produto e tiraria toda a energia negativa necessária para que o produto venha parar nas mãos do consumidor, o que também é positivo. Latas e bitucas jogadas livremente nas ruas por quem consome álcool e cigarro revelam o tanto que o cidadão não aprendeu nem a se desfazer do lixo que produz. É preciso melhorar muitas coisas em cidadania, educação, saúde e justiça para que o caminho se abra e todas as pessoas possam ter condições de decidir o que fazer com suas vidas e quais as consequências - é preciso haver a liberdade, e também é preciso haver as consequências. Enquanto isso quem bebe e mata aqui no Brasil segue tranquilo".

Vivendo do Ócio

"Achamos que a cannabis deve ser legalizada. O Brasil é o único país que está dando um passo atrás adotando políticas proibicionistas onde de fato já foi comprovado pelos países europeus e norte-americanos que elas não funcionam. A proibição só fortalece o tráfico, superlotando o sistema carcerário brasileiro e alimentando a criminalidade. O

Brasil deve se espelhar nos países europeus onde o usuário é tratado como problema de saúde pública e não como criminoso".

China (Del Rey, ex-Sheik Tosado, A Ilha do Rato)

"Sou a favor da legalização, mas não adianta nada legalizar a maconha se não temos uma boa educação no país. Não são todos os usuários que fazem bom uso da plantinha. É preciso se esclarecer várias coisas antes de legalizar".

Capilé (Sugar Kane e Water Rats)

"Eu acho que a legalização da maconha resolveria grande parte da violência gerada pelo combate às drogas. Em países onde seu consumo foi liberado houve diminuição no número de usuários, comprovando que a liberdade de escolha não vai gerar uma epidemia de viciados. Sem contar os inúmeros benefícios que podemos ter usando a maconha para outros fins, pois ela tem diversas utilidades. Nunca vi ninguém que fuma maconha cometer nenhum crime devido a seu uso como o álcool, por exemplo. Pra que proibir então? Há muita hipocrisia na nossa sociedade em relação às drogas, isso precisa mudar, não precisamos repetir os mesmos erros do passado.

A guerra contra as drogas só gerou mais violência e não resolveu nada, e o pior, colocou muito usuário na cadeia, simplesmente por fumar um baseado. Quer acabar com o tráfico? Simples, libera o cultivo individual, como rola na Argentina, Califórnia e em outros lugares. Eu mesmo quando morava na Califórnia tinha meu pé em casa, ia na farmácia especializada e comprava maconha legalmente, e não me tornei um marginal por isso".

Selvagens À Procura de Lei

Nós achamos que a legalização da maconha é um assunto a ser discutido com bastante profundidade, pois além dos tópicos de praxe que sempre são falados como o combate ao tráfico e, assim, uma diminuição da criminalidade associada à venda de maconha, outro fator bastante importante é o preconceito social. O primeiro passo para que a legalização da maconha seja discutida é fazer com que o maior número possível de pessoas saibam o que é a maconha. Enquanto a maior parte da população brasileira continuar associando o efeito da maconha à outras drogas como cocaína, êxtase, heroína, crack, etc, prova-se um total desconhecimento sobre o assunto.

Antes de qualquer sim ou não, é necessária uma pesquisa econômica, política e social sobre as mudanças que ocorreriam após a legalização. Legalizada de outra forma, a maconha pode se tornar arma nas mãos de grandes poderes, sustentando a desigualdade e a corrupção no Brasil. Antes da legalização, acreditamos que algo mais urgente é a descriminalização da maconha. Acreditamos que uma reeducação sobre o que é a maconha, tentar desmistificar o tabu, é o passo mais urgente.

Fonte: MTV

29/07/2013 - 08h00

'Se uma pessoa é gay e busca Deus, quem sou eu para julgá-lo?', diz papa

Publicidade

FABIANO MAISONNAVE
ENVIADO ESPECIAL A ROMA

 [Ouvir o texto](#)



Na mais ousada declaração de um pontífice sobre homossexualismo, o papa Francisco disse que os gays "não devem ser marginalizados, mas integrados à sociedade" e que não se sente em condição de julgá-los.

"Se uma pessoa é gay, busca Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-lo?", afirmou Francisco aos cerca de 70 jornalistas que embarcaram a Roma com ele. "O catecismo da Igreja Católica explica isso muito bem. Diz que eles não devem ser discriminados por causa disso, mas integrados à sociedade."

As declarações foram em resposta a recentes revelações de que um assessor próximo seria homossexual e a uma frase atribuída a ele no início de junho, de que havia um "lobby gay" no Vaticano. Segundo ele explicou ontem, o problema não é ser gay, mas o lobby em geral.

[Veja o especial O papa no Brasil](#)

Reinaldo José Lopes: [Papa aposta no fim das divisões internas](#)

Igor Gielow: [Com ideário franciscano, papa driblou políticos 'caroneiros'](#)

['Alegria é maior que o cansaço', tuíta Francisco de dentro de avião](#)

[Dilma participa de missa final do papa em Copacabana, mas não comunga](#)

[Confira as principais frases ditas por Francisco durante sua visita ao Brasil](#)

[Cálculo de 3,2 milhões em Copacabana é superestimado, diz Datafolha](#)

"Vocês vêm muita coisa escrita sobre o "lobby gay". Eu ainda não vi ninguém no Vaticano com um cartão de identidade dizendo que é gay. Dizem que há alguns. Acho que, quando alguém se encontra com uma pessoa assim, devemos distinguir entre o fato de que uma pessoa é gay de formar um lobby gay, porque nem todos os lobbies são bons. Isso é o que é ruim."

"O problema não é ter essa tendência [gay]. Devemos ser como irmãos. O problema é o lobby dessa tendência, da tendência de pessoas gananciosas: lobby político, de maçons, tantos lobbies. Esse é o pior problema."

Questionado sobre o movimento carismático no Brasil, Francisco disse que, no início, chegou a compará-los com uma "escola de samba", mas que se arrependeu: diz que os movimentos "bem assessorados" são parte da "igreja que se renova".

Antes de aceitar perguntas, Francisco disse que "foi uma bela viagem" e elogiou o "povo brasileiro". "Espiritualmente me fez bem, estou cansado, mas me fez bem", afirmou.

"A bondade e o coração do povo brasileiro são muito grandes. É um povo tão amável, que é uma festa, que no sofrimento sempre vai achar um caminho para fazer o bem em alguma parte.

Um povo alegre, um povo que sofreu tanto. É corajosa a vida dos brasileiros. Tem um grande coração, este povo."

O papa elogiou os organizadores "tanto da nossa parte quanto dos brasileiros", com menções à parte artística e religiosa. "Era tudo cronometrado, mas muito bonito."

Sobre a segurança, uma grande preocupação principalmente no início, o papa lembrou que "não teve um incidente com esses jovens, foi super espontâneo".

Missa de encerramento da Jornada

[Ver em tamanho maior »](#)





•



•



•



•



•



•



•



•

•

•

•

•

•

•



•



•

•

•



•



•



[Anterior](#)[Próxima](#)

Roberto Stuckert Filho/PR

[Anterior](#) [Próxima](#)



Papa Francisco conversa com a presidente Dilma Rousseff, Cristina Kirchner, a presidente da Argentina e Evo Morales, presidente da Bolívia durante a missa de encerramento da Jornada Mundial da Juventude

"Com menos segurança, eu pude estar com as pessoas, saudá-los, sem carro blindado. A segurança é a confiança de um povo. Há sempre o perigo de um louco, mas com esse temos o Senhor. Eu prefiro esta loucura, e ter o risco da loucura, que é uma aproximação."

Francisco ressaltou ainda a estimativa oficial de 3,2 milhões de fiéis e a presença de peregrinos de 178 países.

Mesmo depois do domingo intenso, que incluiu um novo percurso de papamóvel e três pronunciamentos, Francisco, 76, respondeu às perguntas de pé por quase 90 minutos, não parando nem durante uma zona de turbulência e com aviso de atar os cintos ligado.

Enquanto falava, surpreendia ao colocar a mão no bolso de sua vestimenta papal com a naturalidade de uma roupa qualquer. Para ouvir melhor um jornalista, se inclinou para frente e apoiou as mãos sobre uma poltrona. Chegou até a se abaixar para pegar um fone de ouvido que caiu na sua frente, mas alguém foi mais rápido.

A seguir, a entrevista a bordo do "voo papale", em que ele defende maior participação da mulher, explica o processo de reforma do Vaticano e fala sobre a sua relação com Bento 16, entre outros temas:

Pergunta - Nestes quatro meses, o senhor criou várias comissões. Que tipo de reforma tem em mente? O sr. quer suprimir o banco do Vaticano?

Papa Francisco - Os passos que eu fui dando nestes quatro meses e meio vão em duas vertentes. O conteúdo do que quero fazer vem da congregação dos cardeais. Eu me lembro que os cardeais pediam muitas coisas para o novo papa, antes do conclave. Eu me lembro de que tinha muita coisa. Por exemplo, a comissão de oito cardeais, a importância de ter uma consulta externa, e não uma consulta apenas interna.

Isso vai na linha do amadurecimento da sinodalidade e do primado. Os vários episcopados do mundo vão se expressando em muitas propostas que foram feitas, como a reforma da secretaria dos sínodos, que a comissão sinodal tenha característica de consultas, como o consistório cardinalício com temáticas específicas, como a canonização.

A vertente dos conteúdos vem daí. A segunda é a oportunidade. A formação da primeira comissão não me custou pouco mais de um mês. Pensava em tratar a parte econômica no ano que vem, porque não é a mais importante. Mas a agenda mudou devido a circunstâncias que vocês conhecem.

O primeiro é o problema do IOR [banco do Vaticano], como encaminhá-lo, como reformá-lo, como sanear o que há de ser sanado. E essa foi então a primeira comissão. Depois, tivemos a comissão dos 15 cardeais que se ocupam dos assuntos econômicos da Santa Sé. E por isso decidimos fazer uma comissão para toda a economia da Santa Sé, uma única comissão de referência. Notou-se que o problema econômico estava fora da agenda. Mas essas coisas atendem.

Quando estamos no governo, vamos por um lado, mas, se chutam e fazem um golaço por outro lado, temos de atacar. A vida é assim. Eu não sei como o IOR vai ficar. Alguns acham melhor que seja um banco, outros que seja um fundo, uma instituição de ajuda. Eu não sei. Eu confio no trabalho das pessoas que estão trabalhando sobre isso. O presidente do IOR permanece, o tesoureiro também, enquanto o diretor e o vice-diretor pediram demissão. Não sei como vai terminar essa história. E isso é bom. Não somos máquinas. Temos de achar o melhor. A característica de, seja o que for, tem de ter transparência e honestidade.

Uma fotografia do sr. deu a volta ao mundo, quando o sr. desceu as escadas do helicóptero, carregando sua mala preta. Artigos de todo o mundo comentaram o papa que saiu com sua própria mala. Foram levantadas hipóteses também sobre o conteúdo da mala. Por que o sr. saiu carregando a mala preta, e não seus colaboradores? E o sr. poderia dizer o que tinha dentro?

Não tinha a chave da bomba atômica. Eu sempre fiz isso, Quando viajo, levo minhas coisas. E dentro o que tem? Um barbeador, um breviário (livro de liturgia), uma agenda, tinha um livro para ler, sobre Santa Terezinha. Sou devoto de Santa Terezinha. Eu sempre levei a minha mala. É normal. Temos de ser normais. É um pouco estranho isso que você me diz que a foto deu a volta ao mundo. Mas temos de nos habituar a sermos normais, à normalidade da vida.

Por que o senhor pede tanto para que rezem pelo senhor? Não é habitual ouvir de um papa que peça que rezem por ele.

Sempre pedi isso. Quando era padre, pedia, mas nem tanto nem tão frequentemente. Comecei a pedir mais frequentemente quando passei a bispo. Porque eu sinto que, se o Senhor não ajuda nesse trabalho de ajudar aos outros, não se pode. Preciso da ajuda do Senhor. Eu de verdade me sinto com tantos limites, tantos problemas, e também pecador. Peço a Nossa Senhora que reze por mim. É um hábito, mas que vem da necessidade. Sinto que devo pedir. Não sei

Na busca por fazer essas mudanças, o sr. disse que existem muitos santos que trabalham no Vaticano e outros um pouco menos santos. O sr. enfrenta resistências a essa sua vontade de mudar as coisas no Vaticano? O sr. vive num ambiente muito austero, de Santa Marta. Os seus colaboradores também vivem essa austeridade? Isso é algo apenas do sr. ou da comunidade?

As mudanças vêm de duas vertentes: do que pediram os cardeais e também o que vem da minha personalidade. Você falou que eu fico na Santa Marta. Eu não poderia viver sozinho no palácio, que não é luxuoso. O apartamento pontifício é grande, mas não é luxuoso. Mas eu não posso viver sozinho. Preciso de gente, falar com gente. Trabalhar com as pessoas. Porque, quando os meninos da escola jesuíta me perguntaram se eu estava aqui pela austeridade e pobreza, eu respondi: "Não, por motivos psiquiátricos." Psicologicamente, não posso. Cada um deve levar adiante sua vida, seguir seu modo de vida. Os cardeais que trabalham na Cúria não vivem como ricos. Têm apartamentos pequenos. São austeros. Os que eu conheço têm apartamentos pequenos. Cada um tem de viver como o Senhor disse que tem de viver. A austeridade é necessária para todos. Trabalhamos a serviço da igreja. É verdade que há santos, sacerdotes, padres, gente que prega, que trabalha tanto, que vai aos pobres, se preocupa de fazer comer os pobres. Têm santos na Cúria. Também têm alguns que não têm muitos santos. E são estes que fazem mais barulho. Uma árvore que cai faz mais barulho do que uma floresta que nasce. Isso me dói. Porque são alguns que causam escândalos. São escândalos que fazem mal. Uma coisa que nunca disse: a Cúria deveria ter o nível que tinha dos velhos padres, pessoas que trabalham. Os velhos membros da Cúria. Precisamos deles. Precisamos o perfil do velho da Cúria.

Sobre resistência, se tem, ainda não vi. É verdade que aconteceram muitas coisas. Mas eu preciso dizer: eu encontrei ajuda, encontrei pessoas leais. Por exemplo, eu gosto quando alguém me diz: "Eu não estou de acordo". Esse é um verdadeiro colaborador. Mas, quando vejo aqueles que dizem "ah, que belo, que belo" e depois dizem o contrário por trás, isso não ajuda.

O mundo mudou, os jovens mudaram. Temos no Brasil muitos jovens, mas o senhor não falou de aborto, sobre a posição do Vaticano em relação ao casamento entre pessoas do mesmo sexo. No Brasil foram aprovadas leis que ampliam os direitos para estes casamentos em relação ao aborto. Por que o senhor não falou sobre isso?

A igreja já se expressou perfeitamente sobre isso. Eu não queria voltar sobre isso. Não era necessário voltar sobre isso, como também não era necessário falar sobre outros assuntos. Eu também não falei sobre o roubo, sobre a mentira. Para isso, a igreja tem uma doutrina clara. Queria falar de coisas positivas, que abrem caminho aos jovens. Além disso, os jovens sabem perfeitamente qual a posição da igreja.

E a do papa?

É a da Igreja, eu sou filho da Igreja.

Qual o sentido mais profundo de se apresentar como o bispo de Roma?

Não se deve andar mais adiante do que o que se fala. O papa é bispo de Roma e por isso é papa, o sucessor de Pedro. Não é o caso pensar que isso quer dizer que é o primeiro. Não é esse o sentido. O primeiro sentido do papa é ser o bispo de Roma.

O sr. teve sua primeira experiência multidinária no Rio. Como se sente como papa, é um trabalho duro?

Ser bispo é belo. O problema é quando alguém busca ter esse trabalho, assim não é tão belo. Mas, quando o Senhor chama para ser bispo, isso é belo. Tem sempre o perigo e o pecado de pensar com superioridade, como se fosse um príncipe. Mas o trabalho é belo. Ajudar o irmão a ir adiante. Têm o filtro da estrada.

O bispo tem de indicar o caminho. Eu gosto de ser bispo. Em Buenos Aires, eu era tão feliz. Como padre, era feliz. Como bispo, era feliz e isso me faz bem.

E ser papa?

Se você faz o que o Senhor quer, é feliz. Esse é meu sentimento.

Igreja no Brasil está perdendo fieis. A Renovação Carismática é uma possibilidade para evitar que eles sigam para as igrejas pentecostais?

É verdade, as estatísticas mostram. Falamos sobre isso ontem com os bispos brasileiros. E isso é um problema que incomoda os bispos brasileiros.

Eu vou dizer uma coisa: nos anos 1970, início dos 1980, eu não podia nem vê-los. Uma vez, falando sobre eles, disse a seguinte frase: eles confundem uma celebração musical com uma escola de samba.

Eu me arrependi. Vi que os movimentos bem assessorados trilharam um bom caminho. Agora, vejo que esse movimento faz muito bem à igreja em geral. Em Buenos Aires, eu fazia uma missa com eles uma vez por ano, na catedral. Vi o bem que eles faziam.

Neste momento da igreja, creio que os movimentos são necessários. Esses movimentos são um graça para a igreja. A Renovação Carismática não serve apenas para evitar que alguns sigam os pentecostais. Eles são importantes para a própria igreja, a igreja que se renova.

A igreja sem a mulher perde a fecundidade? Quais as medidas concretas? O senhor disse que está cansado. Há algum tratamento especial neste voo?

Vamos começar pelo fim. Não há nenhum tratamento especial neste voo. Na frente, tem uma bela poltrona. Escrevi para dizer que não queria tratamento especial.

Segundo, as mulheres. Uma igreja sem as mulheres é como o colégio apostólico sem Maria. O papal da mulher na igreja não é só maternidade, a mãe da família. É muito mais forte. A mulher ajuda a igreja a crescer. E pensar que a Nossa Senhora é mais importante do que os apóstolos! A igreja é feminina, esposa, mãe.

O papel da mulher na igreja não deve ser só o de mãe e com um trabalho limitado. Não, tem outra coisa. O papa Paulo 6º escreveu uma coisa belíssima sobre as mulheres. Creio que se deva ir adiante esse papel. Não se pode entender uma igreja sem uma mulher ativa.

Um exemplo histórico: para mim, as mulheres paraguaias são as mais gloriosas da América Latina. Sobraram, depois da guerra (1864-1870), oito mulheres para cada homem. E essas mulheres fizeram uma escolha um pouco difícil. A escolha de ter filhos para salvar a pátria, a cultura, a fé, a língua.

Na igreja, se deve pensar nas mulheres sob essa perspectiva. Escolhas de risco, mas como mulher. Acredito que, até agora, não fizemos uma profunda teologia sobre a mulher. Somente um pouco aqui, um pouco lá. Tem a que faz a leitura, a presidente da Cáritas, mas há mais o que fazer. É necessário fazer uma profunda teologia da mulher. Isso é o que eu penso.

Queremos saber qual a sua relação de trabalho com Bento 16, não a amistosa, a de colaboração. Não houve antes uma circunstância assim. Os contatos são frequentes?

A última vez que houve dois ou três papa, eles não se falavam. Estavam brigando entre si, para ver quem era o verdadeiro. Eu fiquei muito feliz quando se tornou papa. Também, quando renunciou, foi, pra mim, um exemplo muito grande. É um homem de Deus, de reza. Hoje, ele mora no Vaticano.

Alguns me perguntam: como dois papas podem viver no Vaticano? Eu achei uma frase para explicar isso. É como ter um avô em casa. Um avô sábio. Na família, um avô é amado, admirado. Ele é um homem com prudência. Eu o convidei para vir comigo em algumas ocasiões. Ele prefere ficar reservado. Se eu tenho alguma dificuldade, não entendo alguma coisa, posso ir até ele.

Sobre o problema grave do Vatileaks [vazamento de documentos secretos], ele me disse tudo com simplicidade. Tem uma coisa que não sei se vocês sabem: Em 8 de fevereiro, no discurso, ele falou: "Entre vocês está o próximo papa. Eu prometo obediência". Isso é grande.

O sr. falou com os bispos brasileiros sobre a participação das mulheres na igreja. Gostaria de entender melhor como deve ser essa participação. O que sr. pensa sobre a ordenação das mulheres?

Sobre a participação das mulheres na igreja, não se pode limitar a alguns cargos: a catequista, a presidente da Cáritas. Deve ser mais, muito mais. Sobre a ordenação, a igreja já falou e disse que não. João Paulo 2º disse com uma formulação definitiva. Essa porta está fechada. Nossa senhora, Maria, é mais importante que os apóstolos. A mulher na igreja é mais importante que os bispos e os padres. Acredito que falte uma especificação teológica.

Nesta viagem, o sr. falou de misericórdia Sobre o acesso aos sacramentos dos divorciados, existe a possibilidade de mudar alguma coisa na disciplina da igreja?

Essa é uma pergunta que sempre se faz. A misericórdia é maior do que o exemplo que você deu. Essa mudança de época e também tantos problemas na igreja, como alguns testemunhos de alguns padres, problemas de corrupção, do clericalismo A igreja é mãe.

Ela cura os feridos. Ela não se cansa de perdoar.

Os divorciados podem fazer a comunhão. Não podem quando estão na segunda união. Esse problema deve ser estudado pela pastoral matrimonial. Há 15 dias, estive comigo o secretário do sínodo dos bispos, para discutir o tema do próximo sínodo. E posso dizer que estamos a caminho de uma pastoral matrimonial mais profunda. O cardeal Guarantino disse ao meu antecessor que a metade dos matrimônios é nula. Porque as pessoas se casam sem maturidade ou porque socialmente devem se casar. Isso também entra na Pastoral do Matrimônio.

A questão da anulação do casamento deve ser revisada. É complexa a questão pastoral do matrimônio.

Em quatro meses de Pontificado, pode nos fazer um pequeno balanço e dizer o que foi o pior e o melhor de ser Papa? O que mais lhe surpreendeu neste período?

Não sei como responder isso, de verdade. Coisas ruins, ruins, não aconteceram. Coisas belas, sim. Por exemplo, o encontro com os bispos italianos, que foi tão bonito. Como bispo da capital da Itália, me senti em casa com eles. Uma coisa dolorosa foi a visita a Lampeduse [ilha que recebe imigrantes africanos], me fez chorar. Me fez bem. Quando chegam estes barcos, que os deixam a algumas milhas de distância da costa e eles têm de chegar (à costa) sozinhos, isso me dói porque penso que essas pessoas são vítimas do sistema sócio-econômico mundial.

Mas a coisa pior é o nervo ciático, é verdade, tive isso no primeiro mês. É verdade! Para uma entrevista, tive de me acomodar numa poltrona e isso me fez mal, era dolorosíssimo, não desejo isso a ninguém. O encontro com os seminaristas religiosos foi belíssimo. Também o encontro com os alunos do colégio jesuíta foi belíssimo. As pessoas conheci tantas pessoas boas no Vaticano. Isso é verdade, eu faço justiça. Tantas pessoas boas, mas boas, boas, boas.

Tem a esperança de que esta viagem ao Brasil contribua para trazer de volta os fiéis? Os argentinos se perguntam: não sente falta de estar em Buenos Aires, pegar um ônibus?

Uma viagem do papa sempre faz bem. E creio que a viagem ao Brasil fará bem, não apenas a presença do Papa. Eles (os brasileiros) se mobilizaram e vão ajudar muito a igreja. Tantos fiéis que foram se sentem felizes. Acho que será positivo não só pela viagem, mas pela jornada, um evento maravilhoso. Buenos Aires, sim, sinto falta. Mas é uma saudade serena.

O que o senhor pretende fazer em relação ao monsenhor Ricca e como pretende enfrentar toda esta questão do lobby gay?

Sobre monsenhor Ricca, fiz o que o direito canônico manda fazer, a investigação prévia. E nessa investigação não tem nada do que o acusam. Não achamos nada. É a minha resposta.

Quero acrescentar uma coisa a mais sobre isso. Tenho visto que muitas vezes na igreja se buscam os pecados da juventude, por exemplo. E se publica.

Abuso de menores é diferente. Mas, se uma pessoa, seja laica ou padre ou freira, pecou e esconde, o Senhor perdoa. Quando o Senhor perdoa, o Senhor esquece.

E isso é importante para a nossa vida. Quando vamos confessar e nós dizemos que pecamos, o senhor esquece e nós não temos o direito de não esquecer. Isso é um perigo.

O que é importante é uma teologia do pecado. Tantas vezes penso em São Pedro, que cometeu tantos pecados e venerava Cristo. E esse pecador foi transformado em Papa.

Vocês vêm muita coisa escrita sobre o lobby gay. Eu ainda não vi ninguém no Vaticano

com um cartão de identidade dizendo que é gay. Dizem que há alguns. Acho que, quando alguém se vê com uma pessoa assim, devemos distinguir entre o fato de que uma pessoa é gay e formar um lobby gay, porque nem todos os lobbys são bons. Isso é o que é ruim.

Se uma pessoa é gay e procura Deus e tem boa vontade, quem sou eu, por caridade, para julgá-lo? O catecismo da Igreja Católica explica isso muito bem. Diz que eles não devem ser discriminados por causa disso, mas integrados na sociedade. O problema não é ter essa tendência. Não! Devemos ser como irmãos. O problema é o lobby dessa tendência, da tendência de pessoas gananciosas: lobby político, de maçons, tantos lobbies. Esse é o pior problema.

*

Edição do dia 29/07/2013

29/07/2013 08h33 - Atualizado em 29/07/2013 08h34

Francisco encontra voluntários da JMJ e pede: 'sejam revolucionários'

Após um discurso para 60 bispos da América Latina, o Papa Francisco encontrou 15 mil voluntários da Jornada no RioCentro.



Um dos últimos compromissos do [Papa Francisco](#) no [Rio de Janeiro](#) foi um encontro com jovens voluntários da jornada. Antes disso, ele conversou com bispos da América Latina.

Francisco foi ouvido por uma plateia de 60 bispos. Foi um discurso sobre os desafios da Igreja. O papa falou sobre a organização nas paróquias e dioceses. E afirmou: “Não se ofendam, creio que estamos muito atrasados nisso”.

Francisco criticou os que usam o evangelho em defesa de ideologias, e disse que os missionários devem ir ‘não ao centro, mas às periferias’. E descreveu aos bispos como eles devem ser: “Homens que amem a pobreza, que não tenham a psicologia de príncipes e que não sejam ambiciosos”.

Ao final dos quase 45 minutos de discurso, Francisco ganhou aplausos. Depois de deixar a casa que o hospedou durante uma semana, o Papa fez um gesto de carinho: um coração com as mãos.

Seguiu para um encontro de agradecimento com voluntários da JMJ. “Muita emoção de estar aqui junto com o Papa. É um momento muito especial”, disse uma voluntária.

Ao todo, 15 mil pessoas aguardavam o encontro, no RioCentro. Milhares formavam filas desde cedo. O Papa, cordial, também foi pontual. Às 17h30, tal como previsto, ele entrou de papamóvel no pavilhão do Riocentro.

Em seguida, o Papa se disse grato aos voluntários. “Vocês provaram que a maior alegria é dar do que receber”, disse. Ele mandou também um recado aos jovens: “Eu peço que vocês sejam revolucionários. Eu tenho confiança em vocês, jovens, e rezo por vocês. Tenham a coragem de ir contra a corrente e tenham a coragem de ser felizes”.

Antes de embarcar, o Papa fez mais um discurso, na Base Aérea do Galeão, com a presença de autoridades. “Nesse momento já começo a sentir saudades. Saudades do Brasil, esse povo tão grande, de grande coração, esse povo tão amoroso. Este Papa precisa da oração de todos vocês. Um abraço para todos e que Deus os abençoe”.

Francisco subiu as escadas do avião às 19h15, de volta ao [Vaticano](#).

*

A Física Quântica em Busca da Partícula Divina

Luís de Almeida

(Este artigo de Luís de Almeida foi originalmente publicado na [Revista Internacional de Espiritismo](#) de Janeiro de 2002)

"Confesso que, após cuidadosa e atenta leitura deste trabalho, conclui que foi um dos melhores artigos que já tive o prazer de ler. Ele se me afigura o mais erudito e informativo trabalho acerca da relação entre a Física e o Espiritismo, até agora escrito em idioma português. Se traduzido para o inglês será, sem dúvida, apreciadíssimo, inclusive pelos físicos mais modernos que, atualmente, divulgam obras acerca do relacionamento entre a Consciência e o Universo, vislumbrado sob a óptica das Físicas Quântica e Relativística. Menciono, como exemplos, os livros de Michio Kaku (Hiperespaço, ed. Rocco, Rio de Janeiro, RJ) e de Amit Goswami (O Universo Autoconsciente, edit. Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro)."

Dr. Hernani Guimarães Andrade

A Física continua a dar ao Espiritismo, ainda que os físicos de tal não se apercebam, ou melhor, não queiram por enquanto se aperceber, uma contribuição gigantesca na confirmação dos postulados espíritas, que de maneira nenhuma nós, os espíritas, poderemos subestimar. Existe uma ciência espírita, com uma metodologia de ciência, assentada nas questões espirituais, mais do que possamos imaginar, e a prova disso é O Livro dos Espíritos - uma obra actual - um manancial para a Física Moderna. Trazendo-nos um novo conceito básico sobre a visão macro e microcósmica de Deus (ao defini-Lo como "a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas") do Espírito e da Matéria propriamente dita.

A Física Moderna leva-nos ao encontro do Espírito e de Deus

A física quântica pode constituir uma ponte entre a ciência e o mundo espiritual, pois segundo ela, pode-se "reduzir" a matéria, de forma subjectiva e no domínio do abstracto, até à consciência - causa da "intelectualidade" da matéria. A consciência transforma as possibilidades da matéria em realidade, transformando as possibilidades quânticas em factos reais. Essa consciência deve apresentar uma unidade e transcender o tempo, espaço e matéria. Não é algo material, na realidade, é a base de todos os seres.

Recordemos o professor de Lyon *In O Livro dos Espíritos* (9):

23. *Que é o Espírito?*

- "O princípio inteligente do Universo".

a) - *Qual a natureza íntima do Espírito?*

- "Não é fácil analisar o Espírito com a vossa linguagem. Para vós, ele nada é, por não ser palpável. Para nós, entretanto, é alguma coisa."

Tanto é assim, que os físicos teóricos postulam a existência de uma "partícula", que seria a partícula "fundamental", que ainda não foi encontrada, mas a qual o Prémio Nobel da física, Leon Lederman, denomina a "*partícula divina*". Partícula essa decisiva

pois é ela que determina a massa das restantes, bem como a coesão dada pela gravidade dos 90% do universo ainda desconhecido.

Leiamos Kardec *In O Livro dos Espíritos* (9):

25. *O Espírito independe da matéria, ou é apenas uma propriedade desta, como as cores o são da luz e o som o é do ar?*

- "São distintos uma do outro; mas, a união do Espírito e da matéria é necessária para intelectualizar a matéria."

26. *Poder-se-á conceber o Espírito sem a matéria e a matéria sem o Espírito?*

- "Pode-se, é fora de dúvida, pelo pensamento."

Cabe lembrar que os físicos, a partir das pesquisas do norte-americano Murray Gell-Mann nos aceleradores de partícula, já admitem a existência de um domínio externo ao mundo cósmico dito material onde provavelmente existam agentes activos também chamados *frameworkeers*, capazes de actuar sobre a energia do Universo, modulando-a e dando-lhe formas de partícula atómica, ou seja por outras palavras - o espírito, chamado também "Agente Estruturador" por vários físicos teóricos.

Retomemos novamente o mestre lionês *In O Livro dos Espíritos* (9):

76. *Que definição se pode dar dos Espíritos?*

- "Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material."

536. *São devidos a causas fortuitas, ou, ao contrário, têm todos um fim providencial, os grandes fenómenos da Natureza, os que se consideram como perturbação dos elementos?*

- "Tudo tem uma razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus."

b) - *Concebemos perfeitamente que a vontade de Deus seja a causa primária, nisto como em tudo; porém, sabendo que os Espíritos exercem acção sobre a matéria e que são os agentes da vontade de Deus, perguntamos se alguns dentre eles não exercerão certa influência sobre os elementos para os agitar, acalmar ou dirigir?*

- "Mas evidentemente. Nem poderia ser de outro modo. Deus não exerce acção directa sobre a matéria. Ele encontra agentes dedicados em todos os graus da escala dos mundos."

A Teoria das Supercordas e a Dimensão Psi

Outra teoria quântica, que vem de encontro a existência de uma "partícula divina consciencial" no final da escala das partículas subatómicas, é a teoria das supercordas. Essa teoria foi melhorada e é defendida por um dos físicos teóricos mais respeitados da actualidade Edward Witten, professor do *Institute for Advanced Study* em Princeton, EUA. De maneira bastante simples e resumida, a teoria das supercordas postula que os quarks, mais ínfima partícula subatómica conhecida até o momento, estariam ligados entre si por "supercordas" que, de acordo com sua vibração, dariam a "tonalidade" específica ao núcleo atómico a que pertencem, dando assim as qualidades físico-químicas da partícula em questão.

Querer imaginá-las é como tentar conceber um ponto matemático: é impossível, por enquanto. Além disso, são inimaginavelmente pequenas. Para termos uma ideia: o planeta Terra é dez a vinte ordens de grandeza mais pequeno do que o universo, e o núcleo atómico é dez a vinte ordens de grandeza mais pequeno do que a Terra. Pois bem, uma supercorda é dez a vinte ordens mais pequena do que o núcleo atómico.

O professor Rivail, esclarece *In O Livro dos Espíritos* (9):

30. *A matéria é formada de um só ou de muitos elementos?*

- "De um só elemento primitivo. Os corpos que considerais simples não são verdadeiros elementos, são transformações da matéria primitiva."

Ou seja, é a vibração dessas infinitesimais "cordinhas" que seria responsável pelas características do átomo a que pertencem. Conforme vibrem essas "cordinhas" dariam origem a um átomo de hidrogénio, hélio e assim por diante, que por sua vez, agregados em moléculas, dão origem a compostos específicos e cada vez mais complexos, levando-nos a pelo menos 11 dimensões.

Corroborar Allan Kardec *In O Livro dos Espíritos* (9):

79. *Pois que há dois elementos gerais no Universo: o elemento inteligente e o elemento material, poder-se-á dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes o são do elemento material?*

- "Evidentemente. Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material.."

64. *Vimos que o Espírito e a matéria são dois elementos constitutivos do Universo. O princípio vital será um terceiro?*

- "É, sem dúvida, um dos elementos necessários à constituição do Universo, mas que também tem sua origem na matéria universal modificada. É, para vós, um elemento, como o oxigénio e o hidrogénio, que, entretanto, não são elementos primitivos, pois que tudo isso deriva de um só princípio."

Essa teoria traz a ilação de que tal tonalidade vibratória fundamenta é dada por algo ou alguém, de onde abstraímos a ?consciência? como factor propulsor dessas cordas quânticas. Assim sendo, isso ainda mais nos faz pensar numa unidade consciencial vibrando a partir de cada objecto, de cada ser.

Complementa Kardec *In O Livro dos Espíritos* (9):

615. *É eterna a lei de Deus?*

- "Eterna e imutável como o próprio Deus."

621. *Onde está escrita a lei de Deus?*

- "Na consciência."

Seguindo esta teoria e embarcando na ideia lançada por André Luiz *In Evolução em Dois Mundos* (11), onde somos co-criadores dessa consciência universal, e cada vez mais responsáveis por gerir o estado vibracional das nossas próprias "cordinhas" - a chamada dimensão Psi por vários investigadores espíritas -, à medida que delas nos

conscientizemos, chegaremos a harmonia perfeita quando realmente entrarmos em sintonia com a consciência geradora que está em nós, e também no todo, vulgarmente conhecida por Deus, ou como alguns físicos teóricos sustentam "O Supremo Agente Estruturador".

Leiamos o Codificador *In O Livro dos Espíritos* (9):

5. *Que dedução se pode tirar do sentimento instintivo, que todos os homens trazem em si, da existência de Deus?*

- "A de que Deus existe; pois, donde lhes viria esse sentimento, se não tivesse uma base? É ainda uma consequência do princípio - não há efeito sem causa."

7. *Poder-se-ia achar nas propriedades íntimas da matéria a causa primária da formação das coisas?*

- "Mas, então, qual seria a causa dessas propriedades? É indispensável sempre uma causa primária."

Interpretemos Allan Kardec *In A Gênese* (10) Cap. II - *A Providência*:

20. - *A providência é a solicitude de Deus para com as suas criaturas. Ele está em toda parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo às coisas mais mínimas. É nisto que consiste a acção providencial.*

«*Como pode Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, imiscuir-se em por menores ínfimos, preocupar-se com os menores actos e os menores pensamentos de cada indivíduo?*» *Esta a interrogação que a si mesmo dirige o incrédulo, concluindo por dizer que, admitida a existência de Deus, só se pode admitir, quanto à sua acção, que ela se exerça sobre as leis gerais do Universo; que este funcione de toda a eternidade em virtude dessas leis, às quais toda criatura se acha submetida na esfera de suas actividades, sem que haja mister a intervenção incessante da Providência.*

Esta consciência única do raciocínio quântico, transforma-se em dois elementos: um objectivo e outro subjectivo. O subjectivo chamamos de ser quântico, universal, indivisível. A individualização desse ser é consequência de um condicionamento. Esse ser quântico é a maneira como pensamos em Deus, que é o ser criador dentro de nós.

Voltemos ao génio de Lyon *In A Gênese* (10) Cap. II - *A Providência*:

34. - *Sendo Deus a essência divina por excelência, unicamente os Espíritos que atingiram o mais alto grau de desmaterialização o podem perceber. Pelo facto de não o verem, não se segue que os Espíritos imperfeitos estejam mais distantes dele do que os outros; esses Espíritos, como os demais, como todos os seres da Natureza, se encontram mergulhados no fluido divino, do mesmo modo que nós o estamos na luz.*

Geralmente, nós interpretamos Deus como algo unicamente externo. Pensamos em Deus como um ser separado de nós. Isso é a causa dos conflitos. Se Deus também está dentro de nós, podemos mudar por nossa própria vontade. Mas se acreditamos que Deus está exclusivamente do lado de fora, então supomos que só Ele pode nos mudar e não nos transformamos pela nossa própria vontade. Não podemos excluir a nossa vontade, dizendo que tudo ocorre pela vontade de Deus. Temos de reconhecer o deus que há em nós, como afirmou o Doce Amigo há 2000 anos. Então seremos livres.

Allan Kardec atesta *In A Génesis* (10) Cap. II - *A Providência*:

24. - (...) *Achamo-nos então, constantemente, em presença da Divindade; nenhuma das nossas acções lhe podemos subtrair ao olhar; o nosso pensamento está em contacto ininterrupto com o seu pensamento, havendo, pois, razão para dizer-se que Deus vê os mais profundos refulgos do nosso coração. Estamos nele, como ele está em nós, segundo a palavra do Cristo.*

Para estender a sua solicitude a todas as criaturas, não precisa Deus lançar o olhar do Alto da imensidade. As nossas preces, para que ele as ouça, não precisam transpor o espaço, nem ser ditas com voz retumbante, pois que, estando de contínuo ao nosso lado, os nossos pensamentos repercutem nele.

O Livro dos Espíritos: uma obra actual e de referência

A Física continua a dar ao Espiritismo, ainda que os físicos de tal não se apercebam, ou melhor, não queiram por enquanto se aperceber, uma contribuição gigantesca na confirmação dos postulados espíritas, que de maneira nenhuma nós, os espíritas, poderemos subestimar. Existe uma ciência espírita, com uma metodologia de ciência, assentada nas questões espirituais, mais do que possamos imaginar, e a prova disso é *O Livro dos Espíritos* (9) - uma obra actual - um manancial para a Física Moderna. Trazendo-nos um novo conceito básico sobre a visão macro e microcós mica de Deus (ao defini-Lo como "a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas") do *Espírito* e da *Matéria* propriamente dita.

Concluimos com Allan Kardec *In O Livro dos Espíritos* (9) resumindo toda esta teoria da Física Moderna de forma magistral, simplesmente espantoso, acreditem...:

27. *Há então dois elementos gerais do Universo: a matéria e o Espírito?*

- "Sim e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o Espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o Espírito possa exercer acção sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o Espírito não o fosse. Está colocado entre o Espírito e a matéria; é fluido, como a matéria, e susceptível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a acção do Espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas conheceis uma parte mínima. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o Espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá."

Luís de Almeida é Dirigente do Centro Espírita Caridade por Amor, da cidade do Porto, com pagina na Internet <http://www.terravista.pt/PortoSanto/1391>
Email: electronico ceca@sapo.pt

Bibliografia:

- (1) **Dyson**, Freeman em INFINITO EM TODAS AS DIRECÇÕES - Edições Gradiva - 1990 - Portugal.
- (2) **Greene**, Brian em O UNIVERSO ELEGANTE - Edições Gradiva - 2000 - Portugal.
- (3) **Hawking**, Stephen em BREVE HISTÓRIA DO TEMPO (Edição actualizada e aumentada, comemorativa do 1º Aniversário) - Edições Gradiva - 2000 - Portugal.
- (4) **Hawking**, Stephen em O FIM DA FÍSICA - Edições Gradiva - 1994 - Portugal.
- (5) **Homepage**, CERN - ORGANISATION EUROPEENNE POUR LA RECHERCHE NUCLEAIRE - <http://www.cern.ch/>
- (6) **Homepage**, ESA - EUROPEAN SPACE AGENCY - <http://www.esa.int/>
- (7) **Homepage**, FERMILAB - FERMI NATIONAL ACCELERATOR LABORATORY - <http://www.fnal.gov/>
- (8) **Homepage**, NASA - NATIONAL AERONAUTICS & SPACE ADMINISTRATION - <http://www.nasa.gov/>
- (9) **Kardec**, Allan em O LIVRO DOS ESPÍRITOS - Edições FEB 76ª edição
- (10) **Kardec**, Allan em A GÉNESE - Edições FEB 36ª edição.
- (11) **Luiz**, André em EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS - Edições FEB 12ª edição
- (12) **Reeves**, Hubert em O PRIMEIRO SEGUNDO - Edições Gradiva - 1996 - Portugal.
- (13) **Sagan**, Carl em UM MUNDO INFESTADO DE DEMÓNIOS - Edições Gradiva - 1997 - Portugal.

(Publicado no Boletim GEAE Número 430 de 19 de fevereiro de 2002)

*

*

